

LOUISA MAY ALCOTT





Louisa May Alcott

Mulherzinhas

Tradução de

Sônia Coutinho

Do original:

Little Women

© da tradução, Ediouro S.A., 1995

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/73.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,
sem autorização prévia, por escrito, da editora.

Capa

Arranha-Céu

Projeto Gráfico

Ediouro S.A.

Editoração Eletrônica

Veiga Studio de Arte Ltda.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Alcott, Louisa May, 1832-1888

A332m

Mulherzinhas / Louisa May Alcott; tradução de Sônia

Coutinho. — Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

Tradução de: Little women

ISBN 85-00-72851-5

1. Romance norte-americano. I. Coutinho, Sônia, 1939- . II. Título.

CDD — 813

95-0405 CDU — 820 (73)-3

95 96 97 98 99 8 7 6 5 4 3 2 1

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

EDIOURO S.A.

EDITORA TECNOPRINT S.A.

DEP.TO DE VENDAS E EXPEDIÇÃO

RUA NOVA JERUSALÉM, 345 — RJ

CORRESPONDÊNCIA: CAIXA POSTAL 1880

Rio DE JANEIRO — RJ

TEL.: (021) 2260-6122 — FAX: (021) 280-2438

CONTRA CAPA

CLÁSSICOS DE BOLSO

Grandes Clássicos Universais de todos os tempos. O melhor do teatro, romance, filosofia, história e poesia. Textos integrais, tradutores renomados e estudos introdutórios por especialistas. Obras de relevância tanto para

estudantes e professores quanto para o grande público.

Louisa May Alcott

Mulherzinhas

Desde que foi publicado pela primeira vez, em 1889, Mulherzinhas, um romance autobiográfico da própria infância yankee de Louisa May Alcott, tornou-se um clássico por sua descrição afetuosa e tocante da vida em família na Nova Inglaterra. O livro conta a história das irmãs March — Meg, a bonitinha; Jô, a endiabrada como um menino; Beth, a tímida; e Amy, a artista — e de sua juventude e feminilidade na casa da Nova Inglaterra e em toda a vizinhança.

O livro demonstra a extraordinária capacidade da autora em retratar os brinquedos e as experiências do crescimento, um talento que fez de sua obra, a favorita entre os jovens e velhos leitores por gerações a fio.

Prefácio

“Ide, pois, meu Livrinho, e mostrai a todos

Que vos recebam e boas-vindas vos dêem,

O que bem fechado dentro do peito trazeis;

E desejai que bendito seja o que lhes mostrais

Para sempre, que lhes faça preferir

Melhores peregrinos serem, bem melhores do que vós ou eu.

Falai-lhes da Caridade; ela é alguém
Que cedo começou sua peregrinação.
Sim, que as jovens donzelas aprendam com ela a valorizar
O mundo a vir, e assim a terem juízo;
Que as meninas de passos ainda incertos sigam Deus
Por caminhos que pés santos trilharam.”

Adaptado de JOHN BUNYAN

Sumário

Parte I

1 Brincando de Peregrinos

2 Um Feliz Natal

3 O Menino Laurence

4 Fardos

5 Boa Vizinhança

6 Beth Descobre o Palácio Encantado

7 O Vale da Humilhação de Amy

8 Jo Encontra-se com Apollyon

9 Meg Vai à Feira das Vaidades

10 O P.C. e a C.P.

11 Experiências

- 12 Acampamento Laurence
- 13 Castelos no Ar
- 14 Segredos
- 15 Um Telegrama
- 16 Cartas
- 17 A Pequena Dedicada
- 18 Dias Sombrios
- 19 O Testamento de Amy
- 20 Confidencial
- 21 Laurie Faz uma Travessura e Jo Ajeita Tudo
- 22 Suaves Campinas
- 23 Tia March Resolve a Questão
- Parte II
- 24 Mexericos
- 25 O Primeiro Casamento
- 26 Experiências Artísticas
- 27 Lições Literárias
- 28 Experiências Domésticas
- 29 Visitas
- 30 Conseqüências

31 Nossa Correspondente Estrangeira

32 Ternas Preocupações

33 O Diário de Jo

34 Um Amigo

35 Angústia

36 O Segredo de Beth

37 Novas Impressões

38 Na Prateleira

39 Preguiçoso Laurence

40 O Vale das Sombras

41 Aprendendo a Esquecer

42 Inteiramente Sozinha

43 Surpresas

44 Meu Senhor e Minha Senhora

45 Daisy e Demi

46 Debaixo do Guarda-Chuva

47 Tempo de Colheita

Parte I

Capítulo 1

Brincando de Peregrinos

— Sem presentes, o Natal não terá a menor graça — resmungou Jo, deitada no tapete.

— Que horror ser pobre! — suspirou Meg, olhando para seu velho vestido.

— Não acho justo algumas meninas terem uma porção de coisas bonitas e outras não terem nada — acrescentou a pequena Amy, fungando de aborrecimento.

— Temos papai e mamãe e temos umas às outras — falou Beth lá do seu canto, com um tom de satisfação.

Os quatro rostos jovens, iluminados pelo clarão da lareira, animaram-se com essas palavras alegres, mas tornaram a se entristecer, quando Jo disse, sombriamente:

— Não temos papai e não o teremos por muito tempo.

Não disse “talvez nunca mais”, porém cada uma delas, em silêncio, acrescentou estas palavras, pensando no pai distante, na frente de combate.

Ninguém falou durante um minuto; depois, Meg disse, com a voz alterada:

— Você sabe, o motivo que levou mamãe a propor que não houvesse presentes este Natal foi a dureza deste inverno para todos; e ela acha que não devemos gastar dinheiro com prazeres quando os nossos homens estão sofrendo tanto no exército. Não podemos ajudar muito, mas podemos fazer nossos pequenos sacrifícios, e devem ser feitos com alegria. Só estou com

medo de não ser capaz.

E Meg sacudiu a cabeça, como se pensasse, tristemente, em todas as coisas bonitas que desejava.

— Mas não acredito que vá fazer nenhum bem a gente gastar pouco. Cada uma de nós tem um dólar, e uma doação desse dinheiro não será lá muito útil para o exército. Concordo em não esperar nada de mamãe nem de você, mas quero realmente comprar “Undine e Sintram” para mim mesma. Há tanto tempo venho desejando isso — disse Jo, que era uma leitora insaciável.

— Planejei gastar meu dólar com novas músicas — disse Beth com um pequeno suspiro que ninguém escutou, a não ser o espanador da lareira e o suporte da chaleira.

— Vou comprar uma boa caixa de lápis de desenho Faber. Preciso mesmo deles — disse Amy, cheia de determinação.

— Mamãe não disse nada sobre nosso dinheiro, e ela não ia querer que a gente desistisse de tudo. Vamos comprar, cada uma, aquilo que queremos e nos divertir um pouco. Não tenho dúvida de que trabalhamos duro o bastante para merecer isso — exclamou Jo, examinando os saltos dos seus sapatos, como se fosse um cavalheiro.

— Sei que mereço... ensinar àquelas crianças cansativas quase o dia inteiro, quando estou louca para me divertir em casa — começou Meg, outra

vez com um tom de queixa.

— Sua vida não é tão dura quanto a minha, nem metade — disse Jo. — O que você acharia de ficar trancada, durante horas, com uma velha neurótica e exigente, que nos obriga a ficar andando de um lado para outro, nunca está satisfeita com nada e nos aborrece de tal forma que a gente acaba com vontade de se jogar pela janela ou de gritar?

— É chato à beça, mas, na minha opinião, lavar pratos e manter tudo arrumado é o pior trabalho do mundo. Me deixa mal-humorada e minhas mãos ficam tão duras que não consigo tocar bem, por mais que me esforce.

E Beth olhou para as mãos, com um suspiro que, desta vez, todas puderam ouvir.

— Não acredito que nenhuma de vocês sofra tanto quanto eu — exclamou Amy — porque vocês não têm de ir para a escola com meninas impertinentes, que nos arreliam, quando não sabemos nossas lições, riem dos nossos vestidos, rotulam nosso pai, quando ele não é rico, e ficam fazendo piadas quando nosso nariz não é bonito.

— Rotulam? Que quer dizer com isso? Até parece que papai é algum frasco de pickles — comentou Jo, rindo.

— Sei o que quero dizer e você não precisa ser setírica por causa disso. É elegante usar boas palavras e melhorar nosso vocabulário — replicou Amy,

cheia de dignidade.

— Não fiquem aí implicando umas com as outras, crianças. Você não gostaria que tivéssemos o dinheiro que papai perdeu, quando éramos pequenas, Jo? Deus do céu, como estaríamos felizes e satisfeitas se não tivéssemos tantos problemas! — disse Meg, que se lembrava de melhores tempos.

— Você disse, outro dia, que nos achava muito mais felizes do que os filhos dos Kings, porque eles ficam brigando e choramingando o tempo inteiro, apesar de todo o dinheiro que têm.

— Disse mesmo, Beth. E acho realmente que somos; porque, embora a gente precise trabalhar, nós nos divertimos por conta própria e formamos um grupinho da pesada, como diria Jo.

— Jo usa mesmo essas gírias! — comentou Amy, lançando um olhar reprovador para a longa figura espichada no tapete.

Jo levantou-se imediatamente, ficou sentada, pôs as mãos nos bolsos e começou a assobiar.

— Não faça isso, Jo, parece coisa de garoto!

— É por isso que faço.

— Detesto meninas mal-educadas, que não se comportam como damas!

— E eu detesto pirralhas afetadas, metidas a besta!

— “Os pássaros em seus ninhos concordam” — cantou Beth, a pacificadora, com uma expressão tão engraçada no rosto, que as duas vozes aborrecidas abrandaram-se, dando lugar a risadas, e as “implicâncias” cessaram, por aquela vez.

— Na verdade, meninas, as duas têm culpa — disse Meg, principiando um sermão com seu ar de irmã mais velha. — Você já tem idade suficiente para deixar esse jeito de garoto e se comportar melhor, Josephine. Não tinha tanta importância quando você era pequena; mas, agora, você está tão grande, já penteia o cabelo para o alto, devia lembrar que é uma senhorita.

— Não sou! E, se usar penteado alto me transforma em senhorita, vou usar duas marias-chiquinhas até completar vinte anos — gritou Jo, tirando a rede do cabelo e sacudindo uma juba castanha. — Detesto pensar que vou ter de crescer, ser a Srta. March, usar vestidos compridos e ficar toda empertigada, parecendo um bibelô de porcelana! Já é ruim demais ser uma menina, quando gosto das brincadeiras, das tarefas e do jeito dos meninos! Não consigo me conformar de não ser menino; e, agora, está pior do que nunca, porque queria tanto ir combater ao lado de papai e só posso ficar em casa, fazendo tricô, como uma velha preguiçosa!

E Jo sacudiu a meia azul que estava fazendo, do tipo usado no exército, até as agulhas chacoalharem como castanholas e seu bolo de lã sair rolando

pela sala.

— Pobre Jo! É uma pena, mas ninguém pode fazer nada. Então, procure ficar satisfeita tornando seu nome parecido com o de um garoto e bancando o irmão para nós, as meninas — disse Beth, acariciando a cabeça crespa que estava deitada em seu joelho, com a mão que toda a lavagem de pratos e os espanamentos não conseguiam tornar menos macia.

— Quanto a você, Amy — continuou Meg —, você é exigente e afetada demais. Agora seus ares são engraçados, mas, se não tomar cuidado, acaba virando, quando crescer, uma bobalhona metida a besta. Gosto de suas boas maneiras e de seu jeito refinado de falar, quando você não exagera na elegância. Mas as palavras afetadas que você emprega são tão desagradáveis quanto as gírias de Jo.

— Se Jo parece um garoto e Amy é afetada, o que sou eu, por favor? — perguntou Beth, pronta para partilhar do carão.

— Você é um amor, e nada mais — respondeu Meg, calorosamente; e ninguém a contradisse, porque “Ratinho” era o bichinho de estimação da família.

Como os jovens leitores gostam de saber “como é a aparência das pessoas”, aproveitaremos este momento para lhes oferecer um pequeno esboço das quatro irmãs que estavam sentadas, tricotando sem parar naquele

entardecer, enquanto a neve de dezembro caía silenciosamente do lado de fora e o fogo crepitava alegremente dentro de casa. A sala era antiga e confortável, embora o tapete estivesse gasto e os móveis fossem muito simples; porque um ou dois bons quadros estavam pendurados nas paredes, livros ocupavam os recantos, crisântemos e heléboros-negros floresciam nas janelas e uma agradável atmosfera de paz doméstica impregnava tudo.

Margaret, a mais velha das quatro, tinha dezesseis anos e era muito bonita, rechonchuda e clara, com olhos grandes, cabelo cheio, castanho, uma boca suave e mãos muito alvas, das quais ela se envaidecia um pouco. Aos quinze anos, Jo era muito alta, magra, cabelos castanhos, e quem a olhava lembrava-se de um potro, porque ela parecia não saber jamais o que fazer com suas pernas compridas, que a atrapalhavam. Tinha a boca decidida, o nariz cômico e penetrantes olhos cinzentos que pareciam ver tudo e eram, alternadamente, zangados, engraçados ou pensativos. Seu cabelo espesso e comprido era a única coisa que tinha de bonito, mas, em geral, ficava preso numa rede para não atrapalhá-la. Ombros arredondados tinha Jo, mãos e pés grandes, usava roupas algo folgadas e seu aspecto era um tanto desagradável, o de uma menina que rapidamente se transformava em mulher e não estava gostando disso. Elizabeth — ou Beth, como todos a chamavam — era uma menina de treze anos, rosada, cabelos macios, olhos brilhantes, com um jeitinho

acanhado, uma voz tímida e expressão tranqüila, que raramente se aborrecia. Seu pai a chamava de “Pequena Tranqüilidade”, e esse nome lhe caía muito bem, porque ela parecia viver num mundo próprio, feliz, só se aventurando a sair dele para encontrar as poucas pessoas em quem confiava e que amava. Amy, embora a mais jovem, era uma pessoa muito importante — pelo menos, em sua própria opinião. Uma boneca de neve, de altura mediana, com olhos azuis e cabelos louros e cacheados caindo-lhe sobre os ombros, pálida e esguia, e sempre se comportando como uma jovem que dá muita atenção às suas maneiras. Como eram as personalidades das quatro irmãs, isto deixaremos para os leitores irem descobrindo.

O relógio bateu as seis horas e, tendo espanado a lareira, Beth colocou nela um par de chinelos para aquecer. De alguma forma, a visão dos velhos sapatos teve um bom efeito nas meninas, porque mamãe estava vindo e todas se animaram para lhe dar as boas-vindas. Meg parou de passar sermões e acendeu a lâmpada, Amy saiu da espreguiçadeira, sem que lhe pedissem, e Jo esqueceu-se de como estava cansada, ao se levantar para segurar os chinelos mais perto da chama.

— Já estão bem velhos. Mãezinha precisa de um novo par.

— Pensei em comprar com meu dólar — disse Beth.

— Não, quem vai comprar sou eu! — exclamou Amy.

— Sou a mais velha — começou Meg a dizer, mas Jo interrompeu, falando com um tom decidido:

— Sou o homem da família, agora que papai está fora, e eu vou comprar os chinelos, porque ele me disse para tomar conta de mamãe com carinho especial, enquanto estivesse distante.

— Vou dizer a vocês o que devemos fazer — disse Beth. — Cada uma de nós compra para ela um presente de Natal e não compramos nada para nós mesmas.

— É uma idéia que só você poderia ter, querida! E o que vamos comprar?

— perguntou Jo.

Todas pensaram ponderadamente, durante um minuto, depois Meg anunciou, como se a idéia fosse sugerida pela visão de suas próprias lindas mãos:

— Vou dar a ela um belo par de luvas.

— Uns sapatos bem resistentes, do tipo que é bom ter — exclamou Jo.

— Alguns lenços, todos debruados — disse Beth.

— Vou comprar um pequeno vidro de água-de-colônia. Ela gosta e não custará muito; assim ainda terei um pouco de dinheiro para comprar meus lápis

— acrescentou Amy.

— Como daremos os presentes? — perguntou Meg.

— Vamos colocar tudo em cima da mesa e a levaremos até lá, para ficarmos espiando ela abrir os pacotes. Não se lembram de como costumávamos fazer em nossos aniversários? — respondeu Jo.

— Eu ficava tão assustada quando era minha vez de me sentar na cadeira grande, usando a coroa e vendo vocês todas me cercarem para me dar os presentes, com um beijo. Gostava do que ganhava e dos beijos, mas era terrível ver vocês ali sentadas, olhando para mim, enquanto eu abria os pacotes — disse Beth, que estava torrando ao mesmo tempo seu rosto e o pão para o chá.

— Deixem mãezinha pensar que estamos comprando coisas para nós mesmas e, depois, lhe faremos uma surpresa. Devemos ir às compras amanhã à tarde, Meg. Há tanta coisa a fazer para a brincadeira da noite de Natal — disse Jo, caminhando de um lado para outro, com as mãos às costas e o nariz empinado.

— Não pretendo mais representar, depois desta vez. Estou ficando velha demais para esse tipo de brincadeira — comentou Meg, que continuava tão criança como sempre, quando se tratava de se vestir com apuro.

— Você não vai parar, eu sei, enquanto puder andar por aí com um vestido branco e cabelos soltos, usando bijuteria de papel dourado. Você é a melhor atriz que nós temos e será o fim de tudo, quando decidir abandonar o palco —

disse Jo. — Precisamos ensaiar esta noite. Venha cá, Amy, e faça outra vez a cena do desmaio, porque nela você está dura feito madeira.

— Não consigo fazer de outro jeito; nunca vi ninguém desmaiar e não quero ficar cheia de manchas roxas, caindo toda esparramada, como você faz. Se puder ir caindo com facilidade, eu caio; se não puder, cairei numa cadeira e serei graciosa. Não me importo se Hugo vier em cima de mim com uma pistola — replicou Amy, que não era dotada de talento dramático, mas fora escolhida porque era suficientemente pequena para ser carregada aos gritos pelo vilão da peça.

— Faça da seguinte maneira: entrelace as mãos assim e saia cambaleando pela sala, soltando gritos frenéticos: “Roderigo! Salve-me! Salve-me!” — E Jo deu um grito melodramático, realmente emocionante.

Amy a seguiu, mas ela esticava as mãos rigidamente adiante do corpo, deslocando-se aos arrancos, como se fosse movida por alguma máquina, e seu “Ui!” dava mais a impressão de que estava sendo espetada por alfinetes do que sentindo medo e angústia. Jo deu um gemido desesperador, e Meg riu abertamente, enquanto Beth deixava o pão queimar, espiando, cheia de interesse, a brincadeira.

— Não adianta! Farei o melhor possível quando chegar a hora e, se a platéia rir, não me culpe. Vamos, Meg.

Então as coisas correram sem dificuldades, porque Dom Pedro desafiou o mundo com um discurso de duas páginas, sem qualquer interrupção; Hagar, a feiticeira, proferiu um sortilégio terrível, por cima do seu caldeirão cheio de sapos cozinhando, e o efeito foi tétrico; Roderigo quebrou suas correntes, num gesto viril, e Hugo morreu em meio a estertores causados pelo remorso e pelo arsênico, gritando um selvagem “Ha! Ha!”

— É o melhor espetáculo que já tivemos — disse Meg, enquanto o vilão morto se sentava e esfregava os cotovelos.

— Não sei como você pode escrever e levar à cena coisas tão esplêndidas, Jo. Você é uma verdadeira Shakespeare! — exclamou Beth, que acreditava firmemente que suas irmãs eram dotadas de um talento genial para todas as coisas.

— Nem tanto assim — replicou Jo, modestamente. — Acho realmente que “A maldição da feiticeira, uma tragédia operística”, é bem-feita, mas gostaria de tentar encenar “Macbeth” se, pelo menos, tivéssemos um alçapão para Banquo. Sempre quis fazer a parte do assassinato. “É uma adaga que vejo diante de mim?” — sussurrou Jo, revirando os olhos e agarrando o ar, como vira uma famosa atriz trágica fazer.

— Não, é o garfo de torrar, com o chinelo de mamãe nele, em vez do pão.

Beth está apaixonada por teatro! — exclamou Meg, e o ensaio terminou com

uma explosão geral de gargalhadas.

— Fico feliz de encontrar vocês tão alegres, minhas filhas — disse uma voz animada, à porta, e atrizes e platéia viraram-se para dar as boas-vindas a uma senhora alta, de ar maternal, com um jeito realmente encantador de quem está sempre disposta a ajudar. Não estava vestida de forma elegante, mas era uma mulher com um ar de nobreza, e as meninas pensaram que o casaco cinzento e o gorro fora de moda eram usados pela mais esplêndida mãe do mundo.

— E então, queridinhas, como se saíram hoje? Havia tanta coisa para fazer, aprontando as caixas para amanhã, que não pude vir almoçar em casa. Alguém apareceu por aqui, Beth? Como vai seu resfriado, Meg? Jo, você parece exausta. Venha cá me dar um beijo, querida.

Enquanto fazia essas perguntas maternais, a Sra. March tirava as roupas úmidas; depois, calçou seus chinelos quentes e sentando-se na poltrona, puxou Amy para o colo, na expectativa de gozar a hora mais feliz do seu dia atarefado. As garotas agitavam-se de um lado para outro, tentando tornar tudo aconchegante, cada qual à sua própria maneira. Meg arrumou a mesa de chá, Jo trouxe lenha e colocou as cadeiras em seus lugares, deixando cair, virando e fazendo chocar-se ruidosamente tudo aquilo em que tocava; Beth ia e vinha depressa da sala de estar para a cozinha, silenciosa e atarefada, enquanto Amy dava instruções a todo mundo, sentada, com as mãos cruzadas.

Enquanto se reuniam em torno da mesa, a Sra. March disse, com uma expressão particularmente feliz estampada no rosto:

— Tenho uma coisa ótima para mostrar a vocês, depois do jantar.

Um sorriso rápido e luminoso circulou em torno, como um raio de sol. Beth bateu palmas, apesar do biscoito que estava segurando, e Jo atirou para o alto seu guardanapo, gritando:

— Uma carta! Uma carta! Três vivas para papai!

— Sim, uma bela e longa carta. Ele está bem e acha que atravessará a estação fria melhor do que temíamos. Envia milhares de votos de felicidades, com muito amor, para o Natal, e uma mensagem especial para vocês, meninas — disse a Sra. March, dando palmadinhas no bolso como se ali guardasse um tesouro.

— Depressa, arrume tudo! Não fique aí parada levantando o dedo mindinho e sorrindo toda afetada na frente do seu prato, Amy — gritou Jo, engasgando com o chá e deixando cair o pão, com o lado da manteiga para baixo, em cima do tapete, na pressa de ouvir o que continha a tão esperada carta.

Beth não comeu mais, saiu arrastando-se e foi sentar-se em seu cantinho escuro, para ficar ali pensando na maravilha que ia ouvir, enquanto esperava as outras ficarem prontas.

— Acho que foi esplêndido, da parte de papai, ir como capelão, quando já

era velho demais para ser recrutado e não tinha forças suficientes para ser soldado — disse Meg, calorosamente.

— Ah, como eu queria poder ir também, tocando um tambor, um vivan... como é mesmo que se chama? Ou como enfermeira, para poder ficar junto dele, ajudar — exclamou Jo, com um gemido.

— Deve ser muito aborrecido dormir numa tenda, comer uma porção de coisas com gosto ruim e beber água num caneco de estanho — suspirou Amy.

— Quando ele voltará para casa, mãezinha? — perguntou Beth, com um ligeiro tremor na voz.

— Ainda vai demorar muitos meses, querida, a não ser que fique doente. Mas ele vai ficar lá, e fazer fielmente seu trabalho, o máximo de tempo que puder, e não lhe pediremos para voltar nem um só minuto antes, enquanto estiver resistindo. Agora venham ouvir o que diz a carta.

Todas se aproximaram do fogo, a mãe na cadeira grande, com Beth a seus pés, Meg e Amy empoleiradas em cada um dos braços da cadeira e Jo apoiada no encosto, onde ninguém veria qualquer sinal de emoção sua se a carta, por acaso, fosse tocante. Poucas cartas eram escritas, naqueles tempos difíceis, que não fossem emocionantes, especialmente as que os pais mandavam para casa. Naquela, pouca coisa era dita das dificuldades suportadas, dos perigos enfrentados ou das sufocadas saudades de casa. Era uma carta alegre e

esperançosa, cheia de vividas descrições da vida no acampamento, marchas e notícias militares, e só no final o coração do escritor transbordava de amor paterno e de manifestações de saudade das meninas que haviam ficado em casa.

“Transmita a elas todo o meu profundo amor e diga-lhes que mando um beijo. Diga também que penso nelas durante o dia inteiro, rezo por elas à noite e, em todas as ocasiões, meu grande consolo é o afeto que sentem por mim. Um ano parece um período muito longo para esperar até vê-las novamente, mas lembre a elas que, enquanto esperamos, podemos todos trabalhar, para que estes dias tão duros não sejam necessariamente vãos. Sei que hão de se lembrar de tudo o que lhes disse, serão filhas dedicadas a você, cumprindo fielmente com seus deveres, e combaterão com bravura seus inimigos interiores, conquistando a si mesmas de forma tão maravilhosa que, quando eu voltar para elas, talvez goste e me orgulhe mais do que nunca de minhas mulherzinhas.”

Todas fungaram, quando chegou esta parte; Jo não teve vergonha da grande lágrima que lhe caiu pela ponta do nariz, e Amy não se importou de desmanchar seus cachos, ao esconder o rosto no ombro da mãe e soluçar: — Sou uma menina egoísta! Mas vou tentar melhorar, com todas as minhas forças, para ele não ficar desapontado comigo daqui a algum tempo.

— Todas vamos tentar! — exclamou Meg. — Me preocupo demais com minha aparência e detesto trabalhar, mas não serei mais assim, se puder evitar.

— Vou tentar ser, e serei, uma “mulherzinha”, como ele gosta tanto de me chamar, e não serei grosseira nem rebelde. Cumprirei meus deveres aqui, em vez de ficar querendo ser outra pessoa — disse Jo, achando que controlar seu gênio, em casa, era uma tarefa mais difícil do que enfrentar um ou dois rebeldes lá no Sul.

Beth não disse nada, mas enxugou as lágrimas com a meia azul e começou a tricotar com todas as forças, sem perder tempo no cumprimento do dever que lhe estava mais próximo, enquanto resolvia, em sua almazinha, ser tudo aquilo que o pai esperava encontrar nela quando aquele ano se passasse, trazendo o momento feliz da sua volta para casa.

A Sra. March quebrou o silêncio que se seguiu às palavras de Jo, dizendo, com sua voz jovial:

— Lembram-se de como vocês gostavam de representar Pilgrim's Progress¹ quando eram pequenininhas? A coisa de que mais gostavam era quando eu prendia minhas sacolas em suas costas, fingindo que eram cargas, e lhes dava chapéus e rolos de papel, e deixava que viajassem pela casa, desde o porão, que era a Cidade da Destruição, e subindo, subindo até o alto

da casa, onde vocês tinham todas as coisas lindas que podiam juntar para construir uma Cidade Celestial.

— Como era divertido, especialmente passar pelos leões, lutar contra Apollyon e passar pelo vale onde estavam os duendes! — disse Jo.

— Eu gostava daquele lugar onde as trouxas caíam e despencavam pelas escadas abaixo — disse Meg.

— Minha parte favorita era quando saíamos na área plana do telhado, onde estavam nossas flores, arvoredos, coisas bonitas, e todas ficávamos ali em pé, cantando de alegria, lá em cima, ao sol — disse Beth, sorrindo, como se aquele momento agradável lhe voltasse.

— Não me lembro muito a respeito, só que eu sentia medo do porão e da escada escura, e sempre gostava do bolo que comíamos lá em cima e do leite que tomávamos. Se eu não estivesse velha demais para essas coisas, até que gostaria de repetir aquela brincadeira — disse Amy, que começava a falar em renunciar à vida infantil com a idade madura de doze anos.

— Nunca somos velhos demais para isso, minha querida, porque é uma brincadeira que estamos fazendo o tempo inteiro, de uma forma ou de outra. Nossos fardos estão aqui, nossa estrada está diante de nós e o desejo de bondade e felicidade é o guia que nos conduz através de muitos problemas e erros, até a paz que é a verdadeira Cidade Celestial. Agora, minhas pequenas

peregrinas, vamos supor que vocês comecem de novo, não numa peça, mas a sério, e vejam até onde podem chegar, antes de papai voltar para casa...

— É mesmo, mamãe? E onde estão nossos fardos? — perguntou Amy, uma menina que levava tudo ao pé da letra.

— Cada uma de vocês acabou de dizer qual era o seu fardo, menos Beth.

Acho até que ela não tem nenhum — disse a mãe.

— Sim, tenho. O meu são os pratos e os espanadores, a inveja das meninas com bons pianos e o medo que sinto das pessoas.

O fardo de Beth era tão engraçado que todas tiveram vontade de rir, mas não o fizeram, porque isto a magoaria profundamente.

— Vamos fazer isso — disse Beth, pensativamente. — É apenas outra forma de falar da tentativa de sermos boas, e a história pode nos ajudar; porque, embora a gente queira ser boa, é difícil e nos esquecemos, e não fazemos o melhor que podemos.

— Estávamos no Atoleiro da Desesperança, esta noite, e mamãe veio e nos tirou de lá, como a Ajuda faz no livro. Devemos, como cristãs, ter nosso rol de diretrizes. Que faremos nesse sentido? — perguntou Jo, encantada com essa fantasia, que emprestava um pouco de romantismo até à monótona tarefa do cumprimento dos seus deveres.

— Espiem embaixo dos seus travesseiros, na manhã do Natal, e

encontrarão seu guia — respondeu a Sra. March.

Conversaram sobre o novo plano, enquanto a velha Hannah limpava a mesa, depois apareceram as quatro pequenas cestas de trabalho e as agulhas voaram enquanto as meninas faziam lençóis para tia March. Não era interessante costurar, mas naquela noite ninguém se queixou. Elas adotaram o plano de Jo, de dividir as longas costuras em quatro partes, e chamar cada uma delas de Europa, Ásia, África e América, e assim avançavam admiravelmente, em especial quando conversavam sobre os diferentes países, enquanto os atravessavam com seus pontos.

Às nove, pararam de trabalhar e começaram a cantar, como de costume, antes de irem para a cama. Ninguém, a não ser Beth, conseguia tirar muita música do velho piano, mas ela sabia tocar suavemente nas teclas amareladas e fazer um acompanhamento agradável para as canções simples que cantavam. Meg tinha uma voz que parecia uma flauta, e ela e sua mãe lideravam o pequeno grupo. Amy cricrilava como um grilo e Jo vagueava através das árias ao seu bel-prazer, sempre interferindo no momento errado, com um grasnido ou um tremor de voz que arruinavam a melodia mais meditativa. Sempre tinham feito isso, desde os tempos em que começaram a balbuciar suas primeiras melodias infantis, e cantar tornara-se um hábito da casa, porque a mãe das meninas era uma cantora nata. O primeiro som que se

ouvia de manhã era o de sua voz, enquanto ela se movimentava pela casa, cantando feito uma cotovia, e o ultimo ruído, à noite, era o mesmo som alegre, porque as meninas jamais ficaram velhas demais para passarem sem aquela canção de ninar tão familiar.

Capítulo 2

Um Feliz Natal

Jo foi a primeira a acordar, na cinzenta manhã de Natal. Não havia meias penduradas na lareira e, por um instante, ela se sentiu tão desapontada quanto muito tempo atrás, quando sua pequena meia caiu, porque estava entulhada de coisas, e ela não a viu. Depois, lembrou-se da promessa de sua mãe e, enfiando a mão debaixo do travesseiro, puxou um livrinho de capa escarlate. Ela o conhecia muito bem, porque continha uma linda história antiga sobre a melhor vida já vivida, e Jo achava que ele era um verdadeiro guia para qualquer peregrino que fizesse sua longa viagem. Acordou Meg com um “Feliz Natal” e disse-lhe para tirar o que estava debaixo do travesseiro dela. Surgiu um livro de capa verde, com a mesma foto dentro e com algumas palavras escritas por sua mãe, e isto tornava o único presente que haviam ganho muito precioso para elas. Pouco depois, Beth e Amy acordaram e fizeram sua busca, encontrando também seus livrinhos — um cinza-claro, o outro azul — e todas ficaram sentadas olhando-os e conversando a respeito deles, enquanto a

madrugada coloria o céu com tons rosados.

Apesar de suas pequenas faceirices, Margaret tinha uma natureza doce e leal que influenciava inconscientemente suas irmãs, em especial a Jo, que sentia por ela uma imensa ternura e lhe obedecia, pois seus conselhos eram dados com muita meiguice.

— Meninas — disse Meg, com um tom sério, lançando um olhar à cabeça inclinada a seu lado e estendendo-o até as duas cabecinhas enfiadas em toucas de dormir, no quarto em frente — , mamãe quer que a gente leia esses livros com muita atenção e carinho, e devemos começar agora mesmo.

Antigamente, éramos muito pontuais com relação a isso, mas, desde que papai foi embora, e com todos esses problemas da guerra que nos perturbaram, deixamos de lado muitas coisas. Vocês podem fazer como quiserem, mas eu mantereí meu livro em cima da mesinha-de-cabeceira e lerei algumas páginas todas as manhãs, logo que acordar, porque sei que isto me fará bem e me ajudará a atravessar o dia.

Então, ela abriu seu livro novo e começou a ler. Jo pôs o braço em torno de seus ombros e, apoiando-se nela, face contra face, também ficou lendo, com a expressão tranqüila que aparecia, em algumas raras ocasiões, em seu rosto inquieto.

— Como Meg é boa! Amy, vamos fazer a mesma coisa que elas. Vou

ajudar você com as palavras difíceis e elas nos explicarão tudo que não entendermos — sussurrou Beth, muito impressionada com os maravilhosos livros e com o exemplo de suas irmãs.

— Estou satisfeita porque o meu é azul — disse Amy.

E, então, os quartos ficaram muito silenciosos, enquanto as páginas eram suavemente viradas e o sol de inverno insinuava-se pelas janelas, tocando aquelas cabeças reluzentes e aqueles rostos graves, como se fizesse uma saudação de Natal.

— Onde está mamãe? — perguntou Meg, enquanto ela e Jo corriam para o andar de baixo, a fim de agradecer os presentes, meia hora depois.

— Só Deus sabe. Alguma pobre criatura apareceu pedindo esmolas e a mãe de ocês saiu na mesma hora para ver o que era preciso. Nunca se viu uma mulher que desse tanta comida e bebida, roupas e carvão — respondeu Hannah, que morava com a família desde que Meg nascera e era considerada por todos mais uma amiga do que uma criada.

— Ela voltará logo, eu acho, então assem seus bolos e aprontem tudo — disse Meg, dando uma olhada nos presentes que haviam sido colocados dentro de uma cesta e guardados embaixo do sofá, prontos para serem mostrados na hora adequada. — Ora, onde está o pequeno vidro de água-de-colônia de Amy? — acrescentou ela, notando que o frasquinho não estava ali.

— Ela pegou o frasco, um instante atrás, e saiu correndo com ele, para amarrar uma fita em redor, ou coisa parecida — respondeu Jo, dançando pelo quarto para tirar a rigidez do chinelo novo.

— Como são bonitos os lenços que vou dar, não? Hannah lavou e passou todos para mim e eu própria fiz as marcas — disse Beth, com um ar de orgulho pelas letras algo irregulares que lhe haviam dado tanto trabalho para bordar.

— Mas que criança! Ela colocou neles “Mamãe”, em vez de “Sra. March”. Que engraçado! — exclamou Jo, pegando um dos lenços.

— Não está certo? Achei que era melhor fazer assim porque as iniciais de Meg são S.M. e eu não queria que ninguém usasse esses, só a mãezinha — disse Beth, com uma expressão preocupada.

— Está correto, querida, e é uma idéia muito bonita; muito sensata, também, porque assim ninguém se enganará. Ela vai gostar muito, eu sei — disse Meg, franzindo a testa para Jo e sorrindo para Beth.

— Aí vem mamãe. Escondam a cesta, depressa! — exclamou Jo, enquanto uma porta batia e passos soavam no vestíbulo.

Amy entrou às pressas e pareceu um tanto desconcertada quando viu as irmãs esperando por ela.

— Onde esteve, e o que está escondendo nas costas? — perguntou Meg, surpresa de ver, pelo capuz e o casaco que ela usava, que Amy saíra tão cedo.

— Não ria de mim, Jo! Não pretendia que ninguém soubesse, até chegar a hora. Tive vontade de trocar o frasco pequeno por outro, grande, e gastei todo o meu dinheiro para comprá-lo. Estou fazendo força para não ser mais egoísta. Enquanto falava, Amy mostrava o lindo frasco que substituía o mais barato, e parecia tão séria e humilde, em seu pequeno esforço para desprender-se de si mesma, que Meg a abraçou, imediatamente, e Jo proclamou que ela era “uma pessoa maravilhosa”, enquanto Beth corria para a janela e pegava a mais bela rosa para enfeitar o majestoso frasco.

— Sabem, eu me senti envergonhada do meu presente, depois de ler e conversar sobre a bondade, esta manhã; então corri, dobrei a esquina e troquei o frasco, logo que me levantei da cama; e estou tão satisfeita, porque agora o meu presente é o mais bonito.

Outro bater da porta da frente fez com que colocassem a cesta embaixo do sofá e corressem para a mesa, ansiosas pelo café da manhã.

— Feliz Natal, mãezinha! Muitas felicidades! Obrigada por nossos livros; já lemos um pouco e pretendemos continuar lendo todos os dias — exclamaram em coro.

— Feliz Natal, filhinhas! Estou contente por terem começado imediatamente, e espero que continuem. Mas quero dizer algumas palavras antes de nos sentarmos. Não muito longe daqui, uma pobre mulher está

deitada com um bebê recém-nascido a seu lado. Seis crianças estão amontoadas numa cama, para não morrerem de frio, porque eles não têm lenha em casa. Não há nada para comer lá, e o menino mais velho veio me contar como estavam sofrendo, com fome e frio. Minhas meninas, será que vocês darão a essa família seu café da manhã como presente de Natal?

Elas estavam todas mais famintas do que de costume, depois de esperarem quase uma hora, e, durante um minuto, ninguém falou — mas foi apenas por um minuto, porque Jo logo gritou, impetuosamente:

— Estou tão contente por você ter chegado antes de começarmos!

— Posso ajudar a carregar as coisas para as pobrezinhas das crianças? — perguntou Beth, ansiosamente.

— Eu vou levar o creme e os biscoitos — acrescentou Amy, desistindo heroicamente das coisas de que mais gostava.

Meg já cobria os bolinhos e empilhava os pães num grande prato.

— Tinha certeza de que vocês concordariam — disse a Sra. March sorrindo, com um ar satisfeito. — Vocês todas irão comigo e me ajudarão e, quando voltarmos, comeremos pão e beberemos leite, como nossa primeira refeição; compensaremos isso na hora do jantar.

Logo estavam prontas, e o cortejo partiu. Felizmente era cedo, e seguiram por ruas transversais, de modo que pouca gente as viu e ninguém riu diante do

estranho grupo.

Era um quarto pobre, nu, miserável, com vidraças quebradas, sem fogo, roupas de cama rasgadas, uma mãe doente, o bebê que chorava, e um grupo de crianças pálidas e famintas aconchegadas debaixo de um cobertor velho, tentando manter-se aquecidas.

Como aqueles grandes olhos espíriaram tudo atentamente, e aqueles lábios arroxeados sorriram, quando as meninas entraram!

— Ach, mein Gott! São anjos bons que nos visitam! — disse a pobre mulher, chorando de alegria.

— Anjos engraçados, com capuzes e luvas — disse Jo, fazendo todos rirem.

Em poucos instantes, parecia realmente que espíritos bons haviam agido ali. Hannah, que carregara lenha, acendeu o fogo e tapou os buracos das vidraças com velhos chapéus e com seu próprio casaco. A Sra. March deu à mãe chá e mingau e consolou-a com promessas de ajuda, enquanto vestia o bebê com tanta ternura como se fosse seu próprio filho. As meninas, enquanto isso, punham a mesa, colocavam as crianças perto da lareira e as alimentavam, como a um bando de passarinhos famintos — rindo, conversando e tentando entender aquele inglês engraçado, cheio de erros.

— Das ist gut! Die Engel-kinder! — gritavam os pobrezinhos, enquanto

comiam e aqueciam suas mãos roxas no confortável calor.

As meninas jamais haviam sido chamadas de anjos e gostaram muito disso, principalmente Jo, considerada um “Sancho” desde que nascera. Foi um café da manhã muito agradável, embora elas não comessem nada; e, quando foram embora, deixando atrás de si o conforto, acho que não havia na cidade inteira quatro pessoas mais felizes do que as meninas famintas que haviam dado de presente seu café da manhã, contentando-se com pão e leite na manhã de Natal.

— Isto é amar nosso próximo mais do que a nós mesmos e tirar prazer daí

— disse Meg, pegando os presentes que haviam comprado, enquanto a mãe delas estava no andar de cima juntando roupas para os pobres Hummels.

O espetáculo não era propriamente esplêndido, mas havia muito amor dentro daqueles poucos pacotinhos, e o vaso comprido, com rosas vermelhas, crisântemos brancos e ramos de videira pendentes, no centro, dava um toque de elegância à mesa.

— Ela já vem! Comece a tocar, Beth! Abra a porta, Amy! Três vivas para nossa mãezinha! — gritou Jo, saltitando de um lado para outro, enquanto Meg conduzia a mãe para o lugar de honra.

Beth tocou sua marcha mais alegre, Amy escancarou a porta e Meg fez o papel de escolta com grande dignidade. A Sra. March ficou ao mesmo tempo

surpresa e emocionada, e sorriu, com os olhos absortos, enquanto examinava seus presentes e lia os pequenos bilhetes que os acompanhavam. Os chinelos foram imediatamente calçados, um novo lenço enfiado no bolso, bem perfumado com a colônia de Amy, a rosa foi presa em seu busto e as belas luvas consideradas “do tamanho exato”.

Houve muitas risadas, beijos e explicações, da maneira simples e amorosa que torna esses festejos domésticos tão agradáveis na ocasião e tão doces de lembrar muito tempo depois; em seguida, todas começaram a trabalhar.

Os donativos e cerimoniais da manhã tomaram tanto tempo que o resto do dia foi dedicado aos preparativos para as festividades da noite. Sendo jovens demais para freqüentarem o teatro, e não suficientemente ricas para poderem pagar grandes somas por apresentações particulares, as meninas puseram sua inteligência para funcionar e — sendo a necessidade a mãe da invenção — faziam elas próprias tudo que era preciso. Algumas de suas produções tinham sido muito criativas — violões de papelão, luminárias antigas feitas com manteigueiras usadas, revestidas com papel prateado, lindos vestidos de algodão velho, mas que cintilavam com as lantejoulas de estanho conseguidas numa fábrica de pickles, e armaduras cobertas com os mesmos úteis pedacinhos em forma de diamante que ficavam nas lâminas, quando eram cortadas as tampas das latas de estanho das conservas. Os móveis,

habitualmente, eram virados de cabeça para baixo e a sala grande tornava-se o cenário de muitas folias inocentes.

Não eram admitidos homens; então, Jo fazia os papéis masculinos, para grande contentamento seu, e ficava satisfeitiíssima de usar um par de botas de couro avermelhado, dadas por uma amiga que conhecia uma senhora que, por sua vez, conhecia um ator. Essas botas, um velho florete de ponta rombuda e um gibão cortado, usado em certa ocasião por um artista, para copiar em algum quadro, eram os principais tesouros de Jo e apareciam em todas as brincadeiras. O reduzido tamanho do grupo teatral tornava necessário que os dois atores principais fizessem vários papéis cada um e, sem dúvida, mereciam algum crédito pelo trabalho duro de aprender de cor três ou quatro falas diferentes, enfiar e tirar rapidamente vários trajes e, além do mais, cuidar do palco. Era um excelente exercício para suas memórias, um divertimento inofensivo, e ocupava muitas horas que, se não fosse isso, seriam ociosas, solitárias ou passadas em companhia menos proveitosa.

Na noite de Natal, uma dúzia de meninas estavam amontoadas em cima da cama, que era o balcão nobre, e sentadas diante da cortina de chita azul e amarela, todas num estado de grande expectativa, extremamente lisonjeira. Houve muita agitação e sussurros por trás da cortina, um vestígio de fumaça de lâmpada e uma risadinha ocasional de Amy, que estava ficando histérica

com a excitação do momento. Pouco depois, soou uma sineta, a cortina se abriu e começou a “Tragédia Operística”.

“Um bosque sombrio”, de acordo com um cartaz, era representado por algumas plantas em vasos, baeta verde no chão e uma gruta a distância. Esta era feita com um varal para secar roupas servindo de teto, escrivaninhas no lugar das paredes e, dentro, havia um pequeno fogareiro aceso a todo vapor, com uma panela preta em cima e uma velha feiticeira encurvada sobre ela. O palco estava escuro e o brilho do fogareiro fazia um belo efeito, principalmente porque fumaça de verdade saiu da panela quando a feiticeira tirou a tampa.

Deixou-se passar um momento, até a vibração passar, e então Hugo, o vilão, entrou pavoneando-se, com uma espada retinindo de lado, um grande chapéu desabado, barba negra, um casaco que lhe dava um ar misterioso e as botas.

Depois de caminhar de um lado para outro, muito agitado, ele bateu na testa e irrompeu com uma selvagem melodia, cantando seu ódio por Roderigo, seu amor por Zara e sua amável decisão de matar um e conquistar a outra. Os tons ásperos da voz de Hugo, com um grito ocasional quando seus sentimentos o dominavam, causaram muita impressão, e a platéia aplaudiu no instante em que ele parou para recuperar o fôlego. Curvando-se, com o ar de alguém acostumado ao aplauso público, ele foi furtivamente até a caverna e ordenou que Hagar saísse, com uma exclamação imperiosa:

— Vem, mulher! Preciso de ti!

E lá veio Meg, com uma crina de cavalo cinzenta caindo-lhe em cima do rosto, uma túnica vermelha e preta, um cajado e signos cabalísticos em seu casaco. Hugo pediu-lhe uma poção para fazer com que Zara o adorasse e outra para destruir Roderigo. Hagar, numa bela melodia dramática, prometeu as duas coisas e passou a invocar o espírito que traria o filtro amoroso:

Vem para cá, sai de tua casa,

Espírito do ar, ordeno que venhas!

Nascido das rosas, alimentado de orvalho,

Não sabes, então, preparar sortilégios e poções?

Traze-me aqui, com a rapidez de um elfo,

O perfumado filtro de que necessito;

Torna-o doce, mas de rápido efeito.

Espírito, responde à minha canção!

Suaves acordes musicais soaram, e, então, no fundo da caverna, apareceu uma figurinha com um traje branco nevoento, com asas reluzentes, cabelos dourados e uma coroa de flores na cabeça. Acenando com uma das mãos, cantou:

Aqui estou eu,

Vindo da minha aérea morada,

Na distante lua prateada.

Tomai o mágico filtro,

E usai-o bem,

Senão seu poder logo se acabará!

E, deixando cair uma garrafinha dourada aos pés da feiticeira, o espírito desapareceu. Outro canto de Hagar fez surgir nova aparição — nada bonita porque, em meio a uma explosão, quem veio desta vez foi um esquisito diabinho que, depois de resmungar uma resposta, jogou para Hugo uma garrafa escura e desapareceu, com uma risada zombeteira. Depois de gorjear seus agradecimentos e colocar nas botas suas poções, Hugo partiu e Hagar informou à platéia que, como ele, em tempos passados, matara alguns dos seus amigos, ela o amaldiçoara e pretendia atrapalhar seus planos, vingando-se dele. Então a cortina caiu e a platéia descansou e comeu açúcar-cande, enquanto eram discutidos os méritos da peça.

Houve muitas marteladas, antes que a cortina tornasse a se abrir, mas, quando se tornou evidente que uma obra-prima de carpintaria cênica fora realizada, ninguém reclamou pela demora. Era verdadeiramente soberbo! Uma torre se elevava até o teto; no meio dela havia uma janela, com uma lâmpada ardendo lá dentro, e, por trás da cortina branca, apareceu Zara, com um lindo vestido azul e prateado, esperando Roderigo. Ele entrou trajando roupas

suntuosas, um gorro com uma pluma, manto vermelho, Cachinhos castanhos caindo-lhe na testa, um violão e as botas, claro. Ajoelhando-se ao pé da torre, cantou uma serenata, num tom comovente. Zara respondeu e, depois de um diálogo musical, consentiu em fugir. Então, veio o grande efeito da peça.

Roderigo mostrou uma escada de corda, com cinco degraus, atirou para cima uma das extremidades e convidou Zara a descer. Timidamente, ela deslizou de sua treliça, pôs a mão no ombro de Roderigo e estava prestes a pular graciosamente para baixo quando — pobre Zara — esqueceu-se da cauda do vestido e esta ficou presa à janela. A torre balançou, inclinou-se para a frente, caiu com um estrondo e soterrou nas ruínas os infelizes namorados!

Um grito geral elevou-se, enquanto as botas de couro avermelhado agitavam-se furiosamente, em meio aos destroços, e uma cabeça dourada emergiu, exclamando: “Eu lhe avisei! Eu lhe avisei!” Com maravilhosa presença de espírito, Dom Pedro, o pai cruel, entrou correndo e arrastou consigo a filha, enquanto sussurrava: “Não riam! Continuem como se fosse assim mesmo!” — e, ordenando a Roderigo que se levantasse, baniou-o do reino, com ira e desprezo. Embora visivelmente abalado pela queda da torre sobre si, Roderigo desafiou o velho cavaleiro e recusou-se a se mexer. Este exemplo de destemor inflamou Zara: ela também desafiou o pai, e este ordenou que ambos fossem levados para os mais profundos calabouços do castelo. Um resoluto

criadinho entrou, trazendo correntes, e conduziu-os para fora com um ar muito assustado e, evidentemente, esquecendo-se da fala que deveria proferir.

O terceiro ato foi no vestíbulo do castelo e ali Hagar apareceu, vinda para libertar os namorados e liquidar Hugo. Ouvindo-o aproximar-se, ela se esconde, vê quando ele coloca as poções em duas taças, de vinho e ordena ao criadinho:

— Leve isso aos prisioneiros, em suas celas, e diga-lhes que irei até lá dentro em pouco.

O criado conduz Hugo a um canto, para lhe dizer alguma coisa, e Hagar troca as taças por duas outras, inofensivas. Ferdinando, o “lacaio”, leva as taças e Hagar coloca em seu lugar a outra, que contém veneno e deveria ser entregue a Roderigo. Hugo, sentindo sede, depois de um longo gorjeio, bebe da taça, enlouquece e, depois de muito agarrar-se e bater os pés, cai duro e morre, enquanto Hagar lhe informa o que fez, numa canção cheia de força e beleza descomunal.

Esta foi uma cena realmente emocionante, embora algumas pessoas talvez achassem que a súbita queda de uma porção de cabelo comprido prejudicou um pouco o efeito da morte do vilão. Ele foi chamado para a frente da cortina e, com grande propriedade, apareceu trazendo Hagar, cujo canto foi considerado mais maravilhoso do que todo o resto da apresentação reunido.

O quarto ato mostrou o desesperado Roderigo a ponto de se matar a golpes de adaga, porque lhe haviam dito que Zara o abandonara. Exatamente quando a arma está apontada para seu coração, uma bela canção é cantada debaixo de sua janela, informando-lhe que Zara é fiel, mas está em perigo, e ele pode salvá-la, se quiser. Uma chave é atirada para dentro, e serve para destrancar a porta; num arrebatado êxtase, ele quebra as correntes que o prendiam e sai correndo, encontra e resgata sua amada.

O quinto ato iniciou-se com uma cena tempestuosa entre Zara e Dom Pedro. Ele quer mandá-la para um convento, mas Zara recusa-se a ouvir falar disso e, depois de um comovente apelo, está prestes a desmaiar, quando Roderigo entra precipitadamente e pede sua mão. Dom Pedro nega, porque ele não é rico. Eles gritam e gesticulam tremendamente, mas não entram em acordo e Roderigo prepara-se para carregar consigo a extenuada Zara, quando o tímido criado entra com uma carta e uma bolsa enviadas por Hagar, que desapareceu misteriosamente. A carta informa a todos que ela lega uma riqueza incalculável ao jovem par, e condena Dom Pedro a um destino terrível se ele não os fizer felizes. A bolsa é aberta e uma grande quantidade de moedas de estanho chove sobre o palco, inundando-o de brilho. Isto acalma inteiramente o “pai severo”. Ele consente no casamento, sem um só murmúrio, todos se unem num coro cheio de alegria e cai o pano sobre os namorados

ajoelhados para receber a bênção de Dom Pedro, numa atitude da maior graça romântica.

Tumultuados

aplausos

seguiram-se,

mas foram

inesperadamente

interrompidos, porque a cama de lona, em cima da qual foi montado o “balcão nobre”, fechou-se de repente e derrubou a entusiástica platéia. Roderigo e Dom Pedro foram correndo em seu socorro, e todas foram tiradas dali ilesas, embora muitas estivessem sem fala, de tanto rir. A excitação ainda não cessara de todo, quando Hannah apareceu, com “os cumprimentos da Sra. March, convidando as moças a descerem para o jantar”.

Esta foi uma surpresa até para os atores e, quando viram a mesa, entreolharam-se com extasiado pasmo. Era um hábito de sua mãezinha conseguir sempre para elas alguma coisa gostosa, mas algo tão bom assim não era visto desde os dias distantes de abundância. Havia sorvete — na verdade, duas travessas cheias, cor-de-rosa e branco —, bolo, frutas, fantásticos bombons franceses e, no meio da mesa, quatro grandes buquês de flores de estufa!

Elas ficaram sem fôlego; e olharam fixamente, primeiro para a mesa e, depois, para a mãe delas, que parecia estar apreciando imensamente tudo aquilo.

— Será que foram as fadas que trouxeram? — perguntou Amy.

— Foi Papai Noel — disse Beth.

— Foi mamãe quem fez. — E Meg sorriu, com a maior doçura, apesar de sua barba cinzenta e sobrancelhas brancas.

— Tia March teve um acesso de bondade e mandou a ceia — exclamou Jo, com uma repentina inspiração.

— Todas erraram. Foi o velho Sr. Laurence quem mandou — explicou a Sra. March.

— O avô do menino Laurence! Mas por que será que teve essa idéia? Nós não o conhecemos! — exclamou Meg.

— Hannah contou a uma das criadas dele que vocês deram seu café da manhã. Ele é um velho cavalheiro meio estranho, mas a história lhe agradou. Conheceu meu pai, há anos, e me mandou um bilhete cortês, esta tarde, dizendo que esperava que eu lhe permitisse manifestar seus sentimentos amistosos com relação às minhas filhas, enviando-lhes alguns presentinhos, em homenagem ao dia. Não pude recusar e, então, vocês têm este pequeno banquete, à noite, para compensar a primeira refeição de pão e leite.

— Foi aquele rapaz quem pôs isso na cabeça do avô, sei que foi ele! É um sujeito ótimo, e queria ser sua amiga. Parece que gostaria de nos conhecer, mas é tímido, e Meg é tão cerimoniosa que não me deixa falar com ele quando passamos por lá — disse Jo, enquanto os pratos circulavam e o sorvete começava a derreter-se e a sumir, em meio a “ahs” e “ohs” de satisfação.

— Você está falando das pessoas que moram na casa grande, vizinha da nossa, não é? — perguntou uma das meninas. — Minha mãe conhece o velho Sr. Laurence, mas diz que ele é muito orgulhoso e não gosta de se misturar com seus vizinhos. Ele mantém o neto trancado, quando não está cavalgando ou caminhando com seu professor particular, e faz com que o rapaz estude sem parar. Nós o convidamos para nossa festa, mas ele não foi. Mamãe diz que ele é muito bonzinho, mas não fala nunca com a gente, com as meninas.

— Nossa gata fugiu uma vez, e ele trouxe o bichinho de volta, então conversamos por cima da cerca e estávamos muito animados, falando de cricket e coisas assim, quando ele viu Meg chegando e foi embora. Tenho vontade de ser sua amiga, algum dia, porque ele precisa se divertir, eu sei — falou Jo, determinadamente.

— Gosto de suas maneiras e ele parece um pequeno cavalheiro; então, não tenho nada contra vocês se relacionarem, se surgir uma oportunidade adequada. Ele trouxe pessoalmente as flores e eu teria convidado o rapaz para

entrar, se tivesse certeza do que estava acontecendo lá em cima. Ele parecia tão tristonho, ao sair, ouvindo o barulho da brincadeira e, evidentemente, sem ter companhia nenhuma.

— Felizmente você não o convidou, mamãe! — riu Jo, olhando para suas botas. — Mas teremos outra peça, em outra ocasião, a que ele possa assistir. Talvez ele ajude, representando também. Não seria divertido?

— Nunca tive um buquê de flores tão lindo! Como é bonito! — E Meg examinava as flores, com grande interesse.

— São mesmo lindas! Mas as rosas de Beth me agradam mais — disse a Sra. March, cheirando o ramo de flores meio murchas que colocara em seu cinto.

Beth aninhou-se nela e sussurrou, meigamente:

— Gostaria de poder mandar meu ramalhete para papai. Estou com medo de que o Natal dele não seja tão feliz quanto o nosso.

Capítulo 3

O Menino Laurence

— Jo! Jo! Onde é que você está? — gritou Meg, ao pé da escada do sótão.

— Aqui! — respondeu uma voz rouca, lá de cima e, subindo às carreiras, Meg descobriu a irmã comendo maçãs e chorando, por causa da leitura de O herdeiro de Redclyffe. Estava embrulhada num cachecol e atirada em cima de

um velho sofá com três pernas, junto da janela ensolarada. Aquele era o refúgio favorito de Jo; e era ali que ela adorava recolher-se, com meia dúzia de maçãs e um bom livro, para aproveitar o sossego e a companhia de um rato de estimação que morava por perto e nem tomava conhecimento de sua presença. Quando Meg apareceu, Rói-Rói enfiou-se rapidamente em seu buraco. Jo enxugou as lágrimas das faces e ficou à espera das novidades.

— Que beleza! Veja só! Um convite formal da Sra. Gardiner para amanhã à noite! — gritou Meg, sacudindo o precioso papel e, depois, começando a lê-lo, com prazer infantil.

— “A Sra. Gardiner tem a satisfação de convidar a Srta. March e a Srta. Josephine para uma festinha de réveillon”. Mãezinha quer que a gente vá, então, que roupas usaremos?

— Que adianta perguntar, quando você sabe que vamos usar nossos velhos vestidinhos porque não temos nenhum outro? — respondeu Jo, com a boca cheia.

— Se, pelo menos, eu tivesse um vestido de seda! — suspirou Meg. — Mamãe diz que talvez eu ganhe um, quando fizer dezoito anos, mas ainda faltam dois anos, uma eternidade.

— Tenho certeza de que nossos vestidos vão parecer de seda, e estão bastante bons para nós. O seu está novinho, mas me esqueci da queimadura e

do rasgão no meu. Que posso fazer? A queimadura está bem visível, não dá para disfarçar.

— Você deve ficar sentada, quieta, o máximo que puder, e não deixe ninguém ver suas costas; a parte da frente está perfeita. Vou ganhar uma fita nova para o cabelo, e mãezinha me emprestará o seu pequeno alfinete de pérola. Minhas sandálias novas são lindas e minhas luvas dão para o gasto, embora não sejam tão bonitas quanto eu gostaria.

— As minhas estão manchadas de limonada e não posso conseguir nenhum par novo, de modo que vou ter de ir sem luvas — disse Jo, que não ligava muito para roupas.

— Você tem de ir de luvas. Senão, eu não vou — gritou Meg, em tom decidido. — As luvas são mais importantes do que qualquer outra coisa; você não pode dançar sem elas e, se você não dançar, ficarei tão aborrecida.

— Então, vou ficar quieta. Não me agrada tanto assim ter companhia para dançar. Não tem a menor graça ficar dando voltas. Gosto de circular um pouco e me meter no meio da dança.

— Você não pode pedir luvas novas a mamãe, são tão caras e você é tão desleixada. Ela disse, quando você estragou as outras, que não lhe daria mais nenhum par este inverno. Não pode fazer com que fiquem apresentáveis? — perguntou Meg, cheia de ansiedade.

— Posso segurar as luvas com uma das mãos, bem amassadas, para ninguém ver como estão manchadas; é o máximo que posso fazer. Não! Vou lhe dizer o jeito que podemos dar — cada uma de nós usa uma luva boa e segura a outra, estragada. Percebe?

— Suas mãos são maiores do que as minhas e você vai alargar terrivelmente minha luva — começou Meg, que era cheia de melindres com suas luvas.

— Então vou sem luvas. Pouco me importa o que as pessoas digam! — gritou Jo, pegando seu livro.

— Pode ficar com ela, está bem! Só não vá manchar a luva e se comporte bem. Não fique com as mãos atrás das costas, nem fique encarando ninguém, e também não vá falar coisas como “Puxa vida!”, certo?

— Não se preocupe comigo. Serei o mais cerimoniosa possível e evitarei qualquer trapalhada, se puder. Agora, vá responder ao seu convite e me deixe acabar de ler este livro maravilhoso.

Então Meg afastou-se, para “aceitar agradecida”. Deu uma boa olhada em seu vestido e ficou cantando alegremente, ao passar a ferro seu único babado de renda verdadeira, enquanto Jo terminava seu livro, suas quatro maçãs e brincava com Rói-Rói, às correrias.

Na noite do réveillon, a sala de visitas estava deserta, porque as duas

meninas mais novas jogavam damas e as duas mais velhas estavam absortas na importante atividade de “aprontar-se para a festa”. Por mais simples que fossem os trajes, havia uma correria de um lado para outro, risadas e conversas e, a certa altura, um forte cheiro de cabelo queimado espalhou-se pela casa. Meg queria alguns cachos caindo-lhe em cima da testa, e Jo empenhou-se em apertar as madeixas em papelotes com uma tenaz quente.

— Será que devia cheirar assim? — perguntou Beth, do seu poleiro na cama.

— É a umidade secando — respondeu Jo.

— Que cheiro esquisito! Parece de penas queimadas — comentou Amy, alisando seus próprios lindos Cachinhos, com um ar de superioridade.

— Pronto, agora vou tirar os papelotes e você verá uma nuvem de pequenos anezinhos de cabelo — disse Jo, guardando a tenaz.

Ela tirou os papelotes, mas não apareceu nenhuma nuvem de anezinhos, porque o cabelo saiu com os papelotes e a terrível cabeleireira colocou uma fileira de pequenos pacotes chamuscados em cima da cômoda, diante de sua vítima.

— Oh! Que foi que você fez? Estou horrorosa! Não posso ir! Meu cabelo, ah, meu cabelo! — lamentou-se Meg, olhando com desespero para o cabelo frisado de forma desigual que lhe caía sobre a testa.

— Não tenho mesmo sorte! Você não devia ter me pedido para fazer isso. Sempre estrago tudo. Ah, desculpe, mas a tenaz estava quente demais e não deu certo — gemeu a pobre Jo, olhando para as trouxinhas negras, com lágrimas de dó.

— Não está horroroso: basta você afofar um pouco o cabelo e amarrar a fita de um jeito que as pontas fiquem um pouco para cima da testa, assim vai parecer um penteado da última moda. Já vi muitas meninas pentearem o cabelo desse jeito — disse Amy, em tom consolador.

— Bem feito, é para eu não querer bancar a elegante. Ah, por que não deixei meu cabelo do jeito que estava! — gritou Meg, impacientemente.

— Também queria que tivesse deixado, estava tão macio e bonito. Mas logo vai crescer de novo — disse Beth, aproximando-se para beijar e confortar a ovelha tosquiada.

Depois de vários contratempos de menor importância, Meg afinal ficou pronta, e, através dos esforços conjugados da família, o cabelo de Jo foi penteado para o alto e ela enfiou-se em seu vestido. Estavam com ótima aparência, em seus trajes simples — Meg com seu vestido de lã prateada, com uma fita de veludo azul, babados de renda e o alfinete de pérola; Jo de marrom, com um colarinho duro de linho, como o de um cavalheiro, e tendo como único enfeite um ou dois crisântemos. Cada uma delas calçou uma

bonita luva fina e ficou segurando a outra, suja, e todos consideraram o efeito “bem descontraído e elegante”. As sandálias de salto alto de Meg estavam muito apertadas e machucavam-lhe os pés, embora ela não o admitisse, e os dezenove grampos de Jo pareciam estar todos enfiados diretamente em sua cabeça, o que não era absolutamente confortável; mas, meu Deus, a elegância valia todos os sacrifícios.

— Divirtam-se, minhas queridinhas! — disse a Sra. March, enquanto as irmãs iam saindo, bem arrumadinhas. — Não comam demais a ceia e venham embora às onze, quando eu mandar Hannah buscar vocês.

Quando o portão bateu, depois que elas saíram, uma voz gritou de uma das janelas:

— Meninas, meninas! Vocês estão levando, as duas, alguns lencinhos bonitos?

— Sim, sim, lindos, e Meg pôs água-de-colônia no dela — gritou Jo, acrescentando depois, com uma risada, enquanto continuavam a caminhar: — Acho que mãezinha perguntaria isso mesmo que estivéssemos todas fugindo de um terremoto.

— É um dos seus gostos aristocráticos, e muito adequado, porque uma dama é sempre reconhecida pelas botas, luvas e lenço limpos — respondeu Meg, que tinha muitos pequenos “gostos aristocráticos” próprios.

“Agora, não se esqueça de manter escondida a parte estragada do vestido, Jo. Minha faixa está direita? E meu cabelo está muito feio?” — perguntou Meg, afastando-se do espelho do quarto de vestir da Sra. Gardiner, depois de um longo tempo ajeitando-se.

— Sei que vou esquecer. Se você perceber que estou fazendo alguma coisa errada, basta dar uma piscadela de olhos para me lembrar, está bem?

— disse Jo, em resposta, repuxando seu colarinho e passando rapidamente a escova pelos cabelos.

— Não. Piscar os olhos não é educado. Vou levantar as sobrancelhas, se houver alguma coisa errada, e farei um sinal afirmativo com a cabeça, se você estiver correta. Agora, mantenha os ombros erguidos, dê passinhos pequenos e não aperte demais a mão das pessoas, se for apresentada a alguém: não é assim que se faz.

— Como é que a gente aprende a se comportar direito? Não consigo, de jeito nenhum. Essa música é bem animada, não?

E lá se foram elas, sentindo-se um pouquinho tímidas, porque raramente iam a festas e, por mais que aquela pequena reunião fosse informal, para as duas era um verdadeiro acontecimento. A Sra. Gardiner, uma velha majestosa, cumprimentou-as gentilmente e entregou-as aos cuidados da mais velha de suas seis filhas. Meg conhecia Sallie e logo ficou à vontade, mas Jo, que não

gostava muito de meninas nem de suas fofocas, ficou meio afastada, com as costas cuidadosamente contra a parede, sentindo-se tão deslocada quanto um potro entre canteiros floridos. Uma meia dúzia de joviais rapazes estava conversando a respeito de patins, em outra parte da sala, e ela sentiu muita vontade de ir unir-se a eles, porque patinar era uma das alegrias de sua vida. Telegrafou seu desejo a Meg, mas as sobrancelhas ergueram-se de forma tão alarmante que ela não ousou mexer-se. Ninguém se aproximou para falar com ela, e, aos poucos, o grupo que estava próximo foi se reduzindo, até que ficou sozinha. Não podia circular de um lado para outro e se divertir, porque a parte queimada do seu vestido apareceria então ficou olhando para as pessoas, com um ar meio infeliz, até que a dança começou. Meg foi convidada imediatamente, e as sandálias apertadas davam passos tão ágeis que ninguém adivinharia a dor que sofria, sorridente, quem as calçava. Jo viu um rapaz grandalhão e ruivo aproximar-se do canto onde ela estava e, temendo que pretendesse chamá-la para dançar, enfiou-se num recanto protegido por cortinas, com a intenção de ficar espiando tudo dali e divertir-se em paz. Infelizmente, outra pessoa tímida escolhera o mesmo refúgio porque, quando a cortina caiu atrás dela, Jo encontrou-se face a face com o “menino Laurence”. — Meu Deus, não sabia que havia alguém aqui! — gaguejou Jo, preparando-se para recuar e sair tão rapidamente quanto pulara para dentro.

Mas o rapaz riu e disse, em tom simpático, embora parecesse um tanto assustado:

— Não ligue por eu estar aqui; fique, se quiser.

— Não vou atrapalhar você?

— De forma nenhuma. Só entrei aqui porque não conheço muitas pessoas e me senti meio sem jeito, a princípio; você sabe como é.

— Também senti a mesma coisa. Não vá embora, por favor... a não ser que queira.

O rapaz sentou-se outra vez e ficou olhando para os sapatos, até Jo dizer, tentando ser gentil e descontraída:

— Acho que já tive o prazer de ver você. Você mora perto de nós, não é?

— Sou vizinho.

E ele ergueu os olhos e riu abertamente, porque as maneiras afetadas de Jo eram meio engraçadas, quando ele lembrava o jeito como haviam conversado sobre cricket, na ocasião em que ele levava a gata para casa.

Isso deixou Jo à vontade e ela riu também, enquanto dizia, com seu jeito caloroso de falar:

— Nós nos divertimos muito, com seu ótimo presente de Natal.

— Foi meu avô quem mandou.

— Mas foi você quem convenceu seu avô a mandar, não foi?

— Como vai sua gata, Srta. March? — perguntou o rapaz, tentando parecer ajuizado, enquanto seus olhos negros brilhavam de divertimento.

— Muito bem, graças aos seus cuidados, Sr. Laurence; mas não sou a Srta. March, sou apenas Jo — respondeu a menina.

— Não sou o Sr. Laurence, sou apenas Laurie.

— Laurie Laurence, que nome engraçado!

— Meu primeiro nome é Theodore, mas não gosto dele, porque a turma me chamava de Dora. Então, fiz com que me chamassem de Laurie.

— Também detesto meu nome — é tão sentimental! Queria que todos dissessem Jo, em vez de Josephine. Como conseguiu que os rapazes parassem de chamar você de Dora?

— Dei uma surra neles.

— Não posso surrar tia March; então acho que terei de agüentar.

Jo manifestou sua resignação com um suspiro.

— Não gosta de dançar, Srta. Jo? — perguntou Laurie, com um ar de quem achava o nome adequado para ela.

— Gosto muito, quando há bastante espaço e todos estão animados. Num lugar como este, tenho certeza de que vou provocar algum problema, pisar nos pés das pessoas ou fazer qualquer coisa terrível então, evito essas situações e deixo Meg dançar por aí. E você, não dança?

— Algumas vezes. Sabe, estive no exterior durante muitos anos e ainda não fiz amigos em quantidade suficiente para saber como as coisas se passam por aqui.

— No exterior! — exclamou Jo. — Ah, conte como foi! Gosto tanto de ouvir as pessoas descreverem suas viagens.

Laurie tinha um jeito de quem não sabe por onde começar, mas as perguntas de Jo, cheias de interesse, logo fizeram com que ele se pusesse a falar e contou-lhe que fora à escola em Vevay, onde os meninos nunca usavam chapéus e tinham uma frota de barcos no lago; para se divertirem, durante as férias, viajavam a pé pela Suíça, acompanhados dos seus professores.

— Como gostaria de ter estado lá! — exclamou Jo. — Você foi a Paris?

— Passamos o último inverno lá.

— Sabe falar francês?

— Não tínhamos permissão para falar outra língua, em Vevay.

— Então, diga alguma coisa em francês! Sei ler, mas não sei pronunciar nada.

— Quel nom a cette jeune demoiselle en les pantoufles jolis? — disse Laurie, jovialmente.

— Como você fala bem! Vamos ver — você disse: “Quem é aquela moça com as sandálias bonitas”, não foi?

— Oui, mademoiselle.

— É minha irmã, Margaret, e você sabia disso! Acha que ela é bonita?

— Sim, ela me faz pensar nas moças alemãs; parece tão cheia de frescor, tão tranqüila, e dança como uma dama.

Jo ficou corada de satisfação, com esse elogio infantil à irmã, e memorizou-o para repeti-lo diante de Meg. Os dois ficaram ali espiando tudo, fazendo críticas e trocando idéias, até se sentirem velhos conhecidos. A timidez de Laurie logo desapareceu, pois o comportamento cavalheiresco de Jo o divertia e o deixava à vontade, e Jo recuperara sua jovialidade natural, porque seu vestido fora esquecido e ninguém erguia as sobrancelhas para ela. Gostou mais do que nunca do “menino Laurence” e lançou-lhe várias olhadas a fio, para poder descrevê-lo às meninas, pois não tinham irmãos e apenas poucos primos homens, o que transformava os rapazes em criaturas quase desconhecidas para elas.

“Cabelos negros e cacheados, pele morena, grandes olhos negros, um belo nariz, dentes perfeitos, mãos e pés pequenos, mais alto do que eu, muito gentil para um rapaz e engraçadíssimo. Quantos anos terá ele?”

Jo ficou com a pergunta na ponta da língua, mas conteve-se a tempo e, com um tato fora do habitual, tentou descobrir de forma indireta.

— Você deve ir em breve para a universidade, não? Imagino você se

virando com seus livros — não, quero dizer, estudando muito.

E Jo corou, com aquele prosaico “se virando”, que lhe escapara.

Laurie sorriu, mas não pareceu chocado e respondeu, com um encolher de ombros:

— Só daqui a um ou dois anos; de qualquer jeito, não irei antes de completar dezessete anos.

— Você só tem quinze? — perguntou Jo, olhando para o rapaz alto, que ela imaginara já com dezessete.

— Faço dezesseis no próximo mês.

— Como eu adoraria ir para a universidade! Mas você não parece gostar da idéia.

— Detesto! Viver com a cara enfiada nos livros, ou então em meio a brincadeiras. Não gosto da maneira como o pessoal faz nenhuma das duas coisas neste país.

— E do que você gosta?

— Gostaria de morar na Itália e de me divertir do meu próprio jeito.

Jo queria muito perguntar qual era seu próprio jeito, mas as negras sobancelhas do rapaz ganharam um aspecto um tanto ameaçador, quando ele franziu a testa; então ela mudou de assunto, dizendo, enquanto marcava o compasso da música com o pé:

— Mas que polca linda! Por que não vai dançar?

— Se você for também... — respondeu ele, com uma pequena curvatura galante.

— Não posso; eu disse a Meg que não iria porque... — aí Jo parou de falar e ficou indecisa, sem saber se contaria ou se daria uma risada.

— Por quê? — perguntou Laurie, cheio de curiosidade.

— Não contará a ninguém?

— Jamais!

— Bom, tenho o mau hábito de ficar de pé em frente ao fogo e então queimo meus vestidos, e este ficou chamuscado. Embora tenha sido muito bem remendado, o defeito aparece e Meg me disse que ficasse quieta, para ninguém ver. Você pode rir, se quiser. É engraçado, eu sei.

Mas Laurie não riu; só baixou os olhos, e a expressão do seu rosto deixou Jo confusa, quando ele disse, muito gentilmente:

— Não ligue para isso; vou lhe dizer como poderemos dar um jeito: há um longo corredor, lá fora, onde dançaremos maravilhosamente, sem ninguém nos ver. Por favor, vamos.

Jo agradeceu e foi alegremente, desejando ter duas luvas limpas, quando viu o lindo par, cor de pérola, que seu companheiro usava. O corredor estava vazio e eles aproveitaram a polca, porque Laurie dançava bem e lhe ensinou

os passos alemães, que encantaram Jo, porque incluíam muitos saltos e vaivéns. Quando a música parou, sentaram-se na escada, para recuperar o fôlego, e Laurie contava como tinha sido um festival estudantil em Heidelberg, quando Meg apareceu, à procura da irmã. Ela fez um aceno e Jo, a contragosto, seguiu-a até uma sala ao lado, onde a encontrou sentada num sofá, segurando o pé, com o rosto pálido.

— Torci o tornozelo. Esse salto alto idiota virou e me causou uma luxação. Dói tanto que mal consigo ficar de pé e não sei como vou chegar em casa — disse ela, balançando-se de um lado para outro, de tanta dor.

— Eu sabia que você ia machucar os pés com esses sapatos idiotas. Sinto muito. Mas não vejo o que você pode fazer, a não ser tomar um coche, ou então passar a noite inteira aqui — respondeu Jo, esfregando suavemente o pobre tornozelo, enquanto falava.

— Não posso tomar um coche ao preço que está. E acho que não conseguiria nenhum, porque a maioria das pessoas vem em seus próprios coches, o estábulo fica muito distante e não há ninguém para mandar até lá.

— Eu vou.

— Não, pelo amor de Deus! São mais de nove horas e está escuro feito breu. Não posso ficar aqui, porque a casa está cheia. Sallie está com algumas amigas hospedadas aqui. Vou descansar até Hannah vir e, então, farei o

melhor que puder.

— Vou pedir a Laurie; ele irá — disse Jo, parecendo aliviada quando esta idéia lhe ocorreu.

— Pelo amor de Deus, não! Não peça nada e não diga nada a ninguém. Pegue minhas galochas e ponha essas sandálias junto com minhas coisas. Não posso mais dançar, mas, logo que a ceia terminar, fique prestando atenção à chegada de Hannah e me diga, no momento exato em que ela aparecer.

— Vão cear agora. Vou ficar com você; prefiro assim.

— Não, querida, vá correndo e me traga um pouco de café. Estou tão cansada que não consigo me mexer!

Então Meg recostou-se no sofá, com as galochas bem escondidas, e Jo foi às tontas até a sala de jantar, que ela encontrou depois de entrar num armário de porcelana e de abrir a porta de um quarto onde o Sr. Gardiner se servia de uma pequena ceia particular. Disparando para cima da mesa, ela garantiu o café, que imediatamente derramou, tornando a parte da frente do seu vestido tão feia quanto a de trás.

— Ah, meu Deus, mas que trapalhona que eu sou! — exclamou Jo, arruinando a luva de Meg ao esfregá-la no vestido.

— Será que posso ajudá-la? — perguntou uma voz amável.

E ali estava Laurie, com uma xícara de café numa das mãos e um prato cheio de sorvete na outra.

— Eu estava tentando conseguir alguma coisa para Meg, que está muito cansada, e alguém me empurrou. O resultado é que fiquei desse jeito — respondeu Jo, olhando horrorizada para a saia manchada e a luva cor-de-café.

— Que pena! Eu estava à procura de alguém para dar isso. Será que posso levar para sua irmã?

— Ah, obrigada! Vou mostrar a você onde ela está. Não me ofereço para levar eu mesma porque talvez me metesse em outra enrascada.

Jo foi mostrando o caminho e, como se estivesse habituado a servir as damas, Laurie puxou para perto uma mesinha, trouxe uma segunda dose de café e sorvete para Jo e foi tão prestativo que até mesmo a exigente Meg considerou-o “um bom rapaz”. Divertiram-se com bombons e jogos de salão e estavam no meio de uma brincadeira tranqüila, aos cochichos, com mais dois ou três jovens que se haviam extraviado e foram parar ali, quando Hannah apareceu.

Meg esqueceu-se do pé e levantou-se tão depressa que foi obrigada a agarrar-se a Jo, com uma exclamação de dor.

— Psiu! Não diga nada — sussurrou ela, acrescentando em voz alta: —

Não é nada. Torci um pouco o pé, só isso — e foi mancando até o andar de

cima para pegar suas coisas.

Hannah repreendia, Meg gritava e Jo estava quase louca, até que decidiu tomar a frente da situação. Escapuliu dali, correu para baixo e, encontrando um criado, perguntou-lhe se poderia conseguir-lhe um coche. Aconteceu que era um garçom contratado, que não sabia nada sobre o bairro, e Jo estava olhando em torno, à procura de ajuda, quando Laurie, que ouvira suas palavras, aproximou-se e ofereceu o coche do seu avô, que acabara de chegar para pegá-lo, segundo disse.

— É tão cedo! Será que você já vai? — começou a dizer Jo, parecendo aliviada, mas hesitando em aceitar a oferta.

— Sempre vou cedo — vou mesmo, é verdade! Por favor, deixe-me levar você para casa. Fica no meu caminho e está chovendo, dizem.

Isto resolveu a questão; depois de lhe contar o contratempo de Meg, Jo aceitou, muito grata, e correu para cima, a fim de trazer o resto do grupo.

Hannah detestava chuva tanto quanto um gato, de modo que não fez nenhuma objeção e seguiram todos no luxuoso coche fechado, sentindo-se muito festivos e elegantes. Laurie viajou na boléia, para Meg poder ficar com o pé para cima, e as meninas conversaram à vontade sobre a festa.

— Para mim foi fantástico. E para você? — perguntou Jo, despenteando o cabelo para se sentir mais confortável.

— Sim, também achei fantástico, até machucar o pé. A amiga de Sallie, Annie Moffat, gostou de mim e me convidou para ir passar uma semana com ela quando Sallie for. Ela vai na primavera, quando chega a ópera, e será uma maravilha, se mamãe me deixar ir — respondeu Meg, alegrando-se com o pensamento.

— Vi você dançando com o homem ruivo de quem fugi. Ele era simpático?

— Ah, muito! O cabelo dele é castanho avermelhado, não ruivo, e ele foi muito cortês. Dancei com ele uma deliciosa música popular tcheca.

— Ele parecia um gafanhoto tendo um ataque quando deu o novo passo.

Laurie e eu não pudemos deixar de rir. Você ouviu?

— Não, mas foi muita grosseria. Onde estavam vocês todo aquele tempo, escondidos por lá?

Jo contou-lhe suas aventuras, e, quando acabaram de falar, tinham chegado em casa. Com muitos agradecimentos, deram boa-noite e entraram furtivamente, com a esperança de não perturbar ninguém, mas, no instante em que a porta da casa rangeu, duas touquinhas surgiram de repente e duas vozes sonolentas, mas ansiosas, gritaram:

— Contem a festa! Contem a festa!

Embora Meg considerasse isso uma “grande falta de educação”, Jo trouxera alguns bombons para as irmãzinhas; e logo elas pegaram no sono,

depois de ouvirem contar os acontecimentos mais emocionantes da noite.

— Sabe, parece mesmo que sou uma jovem dama elegante, voltando para casa num coche e sentada, de camisola, enquanto uma criada me atende — disse Meg, enquanto Jo punha-lhe compressas de arnica no pé e escovava-lhe o cabelo.

— Não acredito que jovens damas elegantes se divirtam nem mais um pouquinho do que nós, apesar do nosso cabelo queimado, vestidos velhos, uma luva descasada e sandálias apertadas que nos fazem torcer os tornozelos, quando somos tolas o bastante para calçá-las.

E acho que Jo tinha toda a razão.

Capítulo 4

Fardos

— Ah, meu Deus, como parece duro tornar a pegar nossos fardos, seguir em frente — suspirou Meg, na manhã seguinte à festa, porque agora os feriados haviam terminado e a semana de festejos não a deixara com boa disposição para continuar a executar facilmente a tarefa que jamais lhe agradara.

— Gostaria que fosse Natal ou Ano-Novo o tempo inteiro. Não seria divertido? — disse Jo, bocejando tristemente.

— A gente não se divertiria nem metade do que nos divertimos agora. Mas

parece realmente tão bom viver em meio a pequenas ceias, buquês, ir a festas, voltar para casa de coche, ler e descansar, não trabalhar. Outras pessoas vivem assim, sabe, e sempre invejo as meninas que fazem essas coisas, gosto tanto de luxo — disse Meg, tentando decidir qual era o menos surrado entre dois de seus vestidos.

— Ora, se não podemos viver assim, então, em vez de nos queixarmos, o melhor é colocarmos nas costas nossos fardos e tocar para a frente com a mesma alegria de nossa mãezinha. Não há dúvida de que tia March é um peso para mim, mas acho que, quando aprender a cuidar dela sem me queixar, ela me sai das costas, ou então fica tão leve que não me pesa mais.

Esta idéia mexeu com a imaginação de Jo, deixando-a bem-humorada, mas Meg não se animou, porque sua carga, que consistia em quatro crianças mimadas, parecia mais pesada do que nunca. Ela estava sem ânimo sequer para se enfeitar, como de hábito, pondo uma fita azul no pescoço e penteando o cabelo como melhor lhe assentava.

— De que adianta ficar bonita, se ninguém me vê, a não ser aquelas nanicas malcriadas, e se ninguém se importa se estou ou não com boa aparência? — murmurou, fechando a gaveta com um movimento brusco. — Vou ter de mourejar o tempo inteiro, durante toda minha vida, com apenas alguns divertimentozinhos de vez em quando, e depois ficar velha, feia e

amarga, porque sou pobre e não posso me divertir como outras meninas se divertem. Que lástima!

Então Meg desceu, com um ar de mágoa, e não se mostrou de forma alguma amável durante o café da manhã. Todas pareciam um tanto mal-humoradas e inclinadas às queixas. Beth estava com dor de cabeça e, estirada no sofá, tentava consolar-se com a gata e seus três gatinhos; Amy estava agitada, porque não aprendera direito as lições e não conseguia encontrar suas galochas; Jo não podia deixar de assobiar e de fazer uma imensa algazarra quando se aprontava; a Sra. March estava muito ocupada, tentando terminar uma carta, que devia ser remetida imediatamente; e Hannah, cheia de irritação, porque acordar tarde não lhe fazia bem.

— Nunca existiu uma família tão nervosa! — exclamou Jo, perdendo a cabeça, depois de virar um tinteiro, arrebentar os dois cadarços das suas botas e sentar-se em cima do chapéu.

— Você é a pessoa mais nervosa da família! — replicou Amy, apagando uma conta de somar cheia de erros com as lágrimas que haviam caído em cima de sua lousa.

— Beth, se você não deixar esses gatos horrorosos lá no porão, vou afogar todos eles — exclamou Meg, com raiva, enquanto tentava livrar-se do gatinho que trepara em suas costas e estava grudado, feito carrapicho, num lugar onde

ela não conseguia pegá-lo.

Jo riu, Meg repreendeu, Beth implorou e Amy lastimou-se, porque não conseguia lembrar-se qual era o resultado de nove vezes doze.

— Meninas, meninas, fiquem quietas por um minuto, por favor! Preciso entregar isso bem cedo no correio e vocês me distraem com seus problemas — bradou a Sra. March, riscando a terceira frase que saíra errada em sua carta.

Houve uma momentânea calmaria, interrompida por Hannah, que entrou arrastando-se, colocou duas tortas quentes em cima da mesa e tornou a sair, ainda se arrastando. Aquelas tortas eram uma instituição e as meninas as chamavam de “regalos”, porque não tinham nenhum regalo e achavam as tortas quentes muito confortadoras para as mãos, nas manhãs frias. Hannah jamais se esquecia de fazê-las, por mais ocupada ou mal-humorada que estivesse, porque a jornada era longa e sombria; as pobrezinhas não comiam mais nada e raramente chegavam em casa antes das duas horas.

— Acaricie seus gatos e cure-se de sua dor de cabeça, Bethy. Até logo, mãezinha. Esta manhã, estamos mesmo impossíveis, mas quando voltarmos para casa, já teremos virado uns verdadeiros anjinhos. Pois é isso, Meg! E Jo afastou-se, caminhando pesadamente, com a sensação de que, naquela manhã, as coisas estavam todas fora dos lugares.

Elas sempre olhavam para trás, antes de dobrarem a esquina., porque sua mãe estava sempre à janela, fazendo sinais com a cabeça e sorrindo, acenando-lhes com a mão. De alguma forma, era como se não conseguissem atravessar o dia sem aquela visão, porque a última olhada no rosto maternal era para elas como um raio de sol, não importava o estado de espírito em que se encontrassem.

— Se mãezinha sacudisse um punho fechado em nossa direção, em vez de mandar beijos com as mãos, seria bem feito, porque nunca se viu umas infelizes mais mal-agra-de-cidas do que nós — exclamou Jo, tirando uma satisfação cheia de remorsos da calçada coberta de neve e do vento gelado.

— Não use essas expressões tão feias — disse Meg, lá de dentro das profundezas do véu com que se cobrira, como uma freira desgostosa do mundo.

— Gosto de palavras fortes, que signifiquem alguma coisa — replicou Jo, agarrando seu chapéu, que lhe saltara da cabeça e estava prestes a sair voando.

— Chame a você mesma dos nomes que quiser, mas eu não sou nenhuma infeliz mal-agra-de-cida e não quero ser classificada assim.

— Você é uma chata insuportável e está furiosa hoje porque não pode viver mergulhada no luxo o tempo inteiro. Pobrezinha, espere só até eu ficar rica e

então poderá deliciar-se com coches, sorvetes, sandálias de salto alto, buquês de flores e rapazes ruivos para dançar com você.

— Como você é ridícula, Jo!

Mas Meg riu com aquele disparate, e se sentiu melhor, à sua própria revelia.

— Sorte sua eu ser ridícula porque, se eu assumisse esse jeito desesperado e tentasse ser tão sombria quanto você, estaríamos mesmo numa ótima situação. Graças a Deus sempre consigo encontrar alguma coisa engraçada para me manter animada. Pare de se queixar e volte para casa alegre, como uma moça boazinha.

Jo deu um tapinha encorajador no ombro da irmã e as duas se separaram naquela manhã, cada uma seguindo um caminho diferente, ambas abraçando sua pequena torta quente, e cada qual tentando manter um bom estado de espírito, apesar do tempo invernal, do trabalho duro e dos desejos insatisfeitos da juventude, que ama os prazeres.

Quando o Sr. March perdeu sua propriedade, tentando ajudar um amigo de pouca sorte, as duas meninas mais velhas suplicaram a permissão para fazer alguma coisa, a fim de ganharem, pelo menos, o próprio sustento. Acreditando que nunca seria cedo demais para elas começarem a cultivar energia, diligência e independência, seus pais consentiram, e as duas atiraram-se ao

trabalho com a calorosa boa vontade que, apesar de todos os obstáculos, garante o êxito no final. Margaret encontrou um emprego de governanta, cuidando de crianças, e se sentiu rica com seu pequeno salário. Como ela disse, “gostava de luxo” e seu principal problema era a pobreza. Achava mais difícil suportá-la do que as outras, porque podia lembrar-se de um período em que sua casa era linda, a vida cheia de facilidades e alegrias, e não conheciam necessidade de espécie alguma. Tentava não sentir inveja nem descontentamento, mas era muito natural que uma moça como ela desejasse coisas bonitas, amigas alegres, cumprimentos e uma vida feliz. Em casa dos Kings, via diariamente tudo que queria, porque as irmãs mais velhas das crianças começavam sua vida social e Meg tinha freqüentes visões de vestidos de baile elegantes, buquês de flores, ouvia animadas fofocas sobre teatros, concertos, passeios de trenó e divertimentos de todos os tipos, enquanto o dinheiro que seria precioso para ela era gasto com tolices. A pobre Meg raramente se queixava, mas uma sensação de injustiça fazia com que, algumas vezes, se sentisse amarga com todos, pois ainda não descobrira como era rica das bênçãos que, apenas elas, podem tornar uma vida feliz. Jo acabou ajudando tia March, que era aleijada e precisava de uma pessoa ativa para tomar conta dela. A velha, que não tinha filhos, oferecera-se para adotar uma das meninas, quando surgiram os problemas, e ficou muito

ofendida por sua oferta não ter sido aceita. Outros amigos disseram aos Marchs que eles haviam perdido a oportunidade de serem lembrados no testamento da velha rica, mas os abnegados Marchs limitaram-se a dizer: — Não nos separamos de nossas filhas nem pela maior fortuna do mundo. Ricos ou pobres, ficaremos juntos e seremos felizes com a companhia uns dos outros.

A velha não quis falar com eles durante algum tempo, mas, encontrando Jo por acaso, em casa de uma amiga, alguma coisa em seu rosto engraçado e em seu jeito sem-cerimônia fez com que a velha gostasse dela e lhe propusesse contratá-la como acompanhante. Isto não interessava absolutamente a Jo, mas ela aceitou o emprego porque nada melhor apareceu e, para surpresa de todos, deu-se maravilhosamente bem com sua irascível parenta. Vez por outra havia alguma tempestade, e, certa ocasião, Jo marchou para casa propalando que não agüentava mais; mas tia March sempre procurava amenizar tudo rapidamente, e mandava buscá-la de volta com tal urgência que ela não podia recusar, além do mais porque, no fundo do coração, gostava daquela velha irritadiça.

Suspeito que a verdadeira atração era uma grande biblioteca, cheia de bons livros, que estava entregue à poeira e às aranhas desde que tio March morrera. Jo lembrava-se do bondoso velho cavalheiro, que a deixava construir

estradas de ferro e pontes com seus grandes dicionários, contava-lhe histórias em torno das curiosas ilustrações de seus livros em latim e comprava-lhe pacotinhos de pão de mel sempre que a encontrava na rua. A sala obscurecida, poeirenta, com os bustos espiando para baixo, de cima das altas estantes, as cadeiras confortáveis, os globos de luz e, melhor do que qualquer outra coisa, a imensidão de livros, no meio dos quais podia vaguear por onde lhe agradasse, tornavam a biblioteca um paraíso para ela. A qualquer instante em que tia March estivesse cochilando, ou ocupada com visitas, Jo apressava-se a ir para aquele lugar tranqüilo e, enroscando-se na poltrona, devorava poesia, romance, história, volumes de viagens e ilustrações, como uma verdadeira traça de livros. Mas, como toda felicidade, aquela também não durava muito; logo que ela chegava ao clímax da narrativa, ao verso mais doce do poema ou à mais perigosa aventura do viajante, inevitavelmente uma voz esganiçada gritava: “Josy-phine! Josy-phine!” e ela tinha de deixar seu paraíso para enrolar fios de lã, dar banho no poodle ou ler os Ensaios de Belsham durante uma hora inteira.

A ambição de Jo era fazer alguma coisa realmente esplêndida; o quê ela não tinha ainda a menor idéia, mas esperava descobrir com o tempo; e, enquanto isso, sua maior aflição era não poder ler, correr e passear tanto quanto desejava. Um temperamento explosivo, uma língua afiada e um espírito

inquieto estavam sempre colocando-a em apuros, e sua vida era uma série de altos e baixos, tanto cômicos quanto patéticos. Mas o treinamento que recebia em casa de tia March era exatamente o que precisava, e o pensamento de que estava fazendo alguma coisa para se sustentar deixava-a feliz, apesar do perpétuo “Josy-phine!”.

Beth era tímida demais para freqüentar a escola; isto fora tentado, mas ela sofria tanto que desistiram e ela passou a fazer as lições em casa, com o pai. Mesmo quando ele foi embora e sua mãe foi chamada para dedicar suas habilidades e sua energia às Sociedades de Ajuda aos Soldados, Beth continuou a estudar sozinha, diligentemente, e fazia o melhor que podia. Era uma criaturinha voltada para a vida doméstica e ajudava Hannah a manter a casa limpa e confortável para as trabalhadoras, sem jamais pensar em nenhuma recompensa, exceto a de ser amada. Longos e quietos dias passava ela, não solitária nem ociosa, pois seu pequeno mundo era povoado por amigos imaginários, e ela era, por natureza, muito ativa. Havia seis bonecas para serem cuidadas e vestidas todas as manhãs, porque Beth ainda era uma criança e amava seus brinquedos da mesma forma de sempre. Nenhuma estava inteira e nenhuma era bonita, entre as bonecas; eram todas rejeitadas, até Beth cuidar delas; porque, quando suas irmãs deixaram de lado esses ídolos, eles passaram para ela, já que Amy não queria nada velho nem feio.

Beth as tratava com carinho ainda maior, por este mesmo motivo, e montou um hospital para bonecas doentes. Nenhum alfinete nunca era enterrado em suas barrigas de algodão, nenhuma palavra dura ou pancada era dirigida contra elas, nenhum abandono jamais entristecera o coração da mais repulsiva; todas eram alimentadas e vestidas, cuidadas e acarinhadas, com um afeto que jamais falhava. Um abandonado fragmento de boneca que pertencera a Jo, depois de uma vida tempestuosa fora largado, já em destroços, na bolsa de trapos, sombrio asilo de indigentes, da qual o resgatou Beth, levando-o para seu refúgio. Não tendo a parte de cima da cabeça, ela amarrou ali uma touquinha bem-feita, e, como os dois braços faltavam, escondeu essas deficiências envolvendo a boneca num cobertor e reservando seu melhor leito para esta inválida incurável. Se alguém soubesse do cuidado dedicado àquela boneca, acho que seus corações seriam tocados, mesmo que rissem. Ela lhe levava pedaços de buquês, lia para ela, carregava-a para fora, a fim de respirar ar fresco, escondida sob seu casaco; cantava-lhe canções de ninar e jamais ia para a cama sem beijar seu rosto sujo e murmurar ternamente: “Espero que você tenha uma boa noite, minha pobre querida.”

Beth tinha seus problemas, como as outras, e, não sendo um anjo, mas uma criatura muito humana, freqüentemente “soltava sua pequena choradeira”, como dizia Jo, porque não podia tomar lições de música nem ter um bom

piano. Amava tanto a música, tentava tanto aprender e praticava com tanta paciência no velho instrumento tilintante, que parecia que alguém (para não sugerir tia March) deveria ajudá-la. Mas ninguém ajudou e ninguém viu Beth enxugar as lágrimas que caíam, quando ela estava completamente sozinha, em cima das teclas amareladas, jamais afinadas. Da cantava como uma cotovia, enquanto trabalhava, nunca estava cansada demais para tocar para mãezinha e para as meninas e, dia após dia, dizia esperançosamente a si mesma: “Sei que vou conseguir fazer minha música, algum dia, se for suficientemente boa.”

Há muitas Beths no mundo, tímidas e quietas, sentadas pelos cantos até alguém as chamar, vivendo tão alegremente para os outros que ninguém percebe seus sacrifícios, até o pequeno grilo do coração parar de cricrilar e se desvanecer a doce e luminosa presença, deixando apenas silêncio e sombra. Se alguém perguntasse a Amy qual era a maior provação de sua vida, ela responderia imediatamente: “Meu nariz.” Quando ela era bebê, Jo a deixara cair, acidentalmente, dentro do balde de carvão, e Amy insistia que a queda arruinara para sempre seu nariz. Não era grande nem vermelho, apenas meio chato e todos os beliscões do mundo não conseguiam dar-lhe uma ponta aristocrática. Ninguém ligava para isso, a não ser ela mesma, e o nariz estava fazendo o possível para crescer, mas Amy sentia profundamente a

necessidade de um nariz grego e desenhava folhas inteiras de narizes bonitos, para se consolar.

A “Pequena Rafael”, como a chamavam suas irmãs, tinha um decidido talento para o desenho e sua maior felicidade era copiar flores, desenhar fadas ou ilustrar histórias com curiosas figuras artísticas. Seus professores queixavam-se de que, em vez de fazer suas contas, ela cobria sua lousa com animais, as páginas em branco dos seus atlas eram usadas para copiar mapas, e caricaturas as mais grotescas saíam voando dos seus livros, nos momentos mais impróprios. Ela atravessava suas aulas da melhor maneira possível e conseguia escapar às repreensões sendo um modelo de comportamento. Era uma grande favorita entre suas colegas, por causa do seu bom gênio e por ser mestre numa arte feliz, a de agradar sem esforço. Seu jeitinho e suas graças eram muito admirados; também suas realizações porque, além do seu desenho, ela sabia tocar doze músicas, fazer crochê e ler francês, pronunciando corretamente mais de dois terços das palavras. Tinha uma maneira queixosa de dizer: “Quando papai era rico, fazíamos isso e aquilo” que era muito tocante, e as palavras compridas que ela dizia eram consideradas “de uma elegância perfeita” pelas meninas.

Amy estava a ponto de se transformar numa garota mimada, porque todos a acarinhavam, e suas pequenas vaidades e egoísmos aumentavam

consideravelmente. Uma coisa, porém, acabava, até certo ponto, com as vaidades: precisava aproveitar as roupas de sua prima. A mãe de Florence não tinha o mínimo gosto e Amy sofria profundamente por ter de usar um gorro vermelho, em vez de azul, vestidos que não lhe assentavam e aventais espalhafatosos, que não cabiam direito. Tudo era de boa qualidade, bem-feito e pouco usado, mas os olhos artísticos de Amy ficavam muito aflitos, especialmente naquele inverno, quando o vestido com que ia para a escola era num tom roxo-escuro, com bolinhas amarelas e sem nenhum enfeite.

— Meu único conforto — disse ela a Meg, com lágrimas nos olhos — é que mamãe não encurta meus vestidos, quando sou desobediente, como faz a mãe de Maria Parks. Querida, é realmente terrível porque, algumas vezes, ela se comporta tão mal que a saia dela fica da altura dos seus joelhos e ela não pode ir para a escola. Quando penso nessa degrrrradação, acabo concluindo que posso suportar até meu nariz chato e o vestido roxo com bolotas amarelas. Meg era a confidente e monitora de Amy e, por alguma estranha atração de opostos, Jo era a da meiga Beth. Só a Jo a tímida criança contava seus pensamentos; e sobre sua grande e estouvada irmã, Beth exercia, inconscientemente, mais influência do que qualquer outra pessoa na família. As duas meninas mais velhas representavam muito, uma para a outra, mas cada qual tomava uma das mais novas sob sua responsabilidade e cuidava dela à

sua própria maneira — “brincando de mamãe”, como diziam — colocando suas irmãs no lugar das bonecas que haviam abandonado, com o instinto materno de mulherzinhas.

— Alguém tem alguma coisa para dizer? O dia foi tão horroroso que estou realmente louca por algum divertimento — disse Meg, enquanto costuravam juntas naquela noite.

— Tive algumas dificuldades com titia hoje e, como acabei levando a melhor, vou lhe contar o fato — disse Jo, que adorava contar histórias. — Eu estava lendo aquele eterno Belsham, e de forma bem monótona, como sempre faço, porque titia logo adormece e então pego algum livro bom e leio avidamente, até ela acordar. Mas acabei ficando com sono eu própria e, antes que ela começasse a cochilar, bocejei de tal forma que ela perguntou o que pretendia eu, abrindo a boca de um jeito que até dava para colocar o livro inteiro dentro.

— “Seria bom se eu pudesse, para afinal não ter de continuar com a leitura”, disse eu, tentando não falar de forma atrevida. Então, ela me passou um longo sermão sobre meus pecados e me disse para refletir sobre eles, enquanto ela ‘se recolhia’ por um instantinho. Ela nunca sai do seu recolhimento muito rapidamente e então, no instante em que sua touca começou a se balançar como uma dália pesada demais para o talo, tirei do

bolso o Vigário de Wakefield e fiquei lendo sem parar, com um olho no livro e outro na titia. Eu estava justamente chegando na parte em que todos caem dentro d'água, quando me distraí e ri alto. Titia acordou e, mais bem-humorada depois do seu cochilo, me disse para ler um pouco e mostrar a obra frívola que eu preferia ao valioso e instrutivo Belsham. Fiz o melhor que pude e ela gostou do livro, embora tenha dito apenas:

— “Não entendo do que se trata. Volte e comece do início, filha.”

— Então voltei e tornei os Primroses o mais interessantes que pude. Uma vez, fui perversa o bastante para interromper a leitura no meio de um trecho emocionante e dizer, meigamente: “Estou com medo de cansar a senhora, titia; quer que eu pare agora?”

— Ela pegou seu tricô que lhe caíra das mãos e me lançou um olhar penetrante, através de seus óculos, dizendo com seu jeito brusco: “Termine o capítulo e não seja impertinente, senhorita.”

— Ela reconheceu que tinha gostado? — perguntou Meg.

— Ah, meu Deus, não! Mas deixou o velho Belsham de lado e, quando voltei lá correndo, esta tarde, à procura das minhas luvas, estava tão atenta à leitura do “Vigário” que não me ouviu rir, enquanto dançava de contentamento, no vestíbulo, por causa da chegada do bom tempo. Que vida agradável ela poderia ter, se quisesse! Não sinto muita inveja dela, apesar do seu dinheiro,

porque todos os ricos, afinal, têm mais ou menos os mesmos problemas dos pobres, eu acho — acrescentou Jo.

— Isto me faz lembrar — disse Meg — que tenho alguma coisa para contar. Não é uma coisa engraçada, como a história de Jo, mas pensei muito sobre ela enquanto voltava para cá. Lá na casa dos Kings, hoje, descobri que todos estavam muito agitados, e uma das crianças disse que seu irmão mais velho tinha feito uma coisa terrível e o papai o mandara embora. Ouvi a Sra. King chorando e o Sr. King falando com voz muito alta, e Grace e Ellen viraram o rosto para o outro lado, quando passaram por mim, para eu não ver como seus olhos estavam vermelhos. Não fiz nenhuma pergunta, claro, mas tive muita pena deles e fiquei até satisfeita por não ter irmãos malucos, capazes de fazer coisas terríveis e causar desonra para a família.

— Acho que ser desonrada na escola é muito mais terrível do que qualquer coisa que rapazes ruins possam fazer — disse Amy, sacudindo a cabeça, como se sua experiência de vida fosse profunda. — Susie Perkins foi à escola hoje com um lindo anel de pedra vermelha. Desejei ansiosamente ter aquele anel e minha maior vontade era ser ela. Ora, ela desenhou um retrato do Sr. Davis, com um nariz monstruoso e uma corcunda, e com as palavras:

“Mocinhas, estou de olho em vocês”, saindo de sua boca, numa espécie de balão. Estávamos rindo com o desenho quando, de repente, os olhos dele

estavam mesmo em cima de nós e ele mandou que Susie levasse até ele sua lousa. Ela ficou prrralisada de medo, mas foi assim mesmo, e, ah, o que acham que ele fez? Pegou Susie pela orelha — pela orelha! imaginem só que horror! —, levou a menina até o estrado e ela foi obrigada a ficar ali em pé durante meia hora, segurando aquela lousa para todo mundo ver.

— As meninas riram com o desenho? — perguntou Jo, que adorara aquela trapalhada.

— Rir? Ninguém deu a menor risada! Ficaram sentadas, quietas como uns ratinhos, e Susie chorou lágrimas sem fim. Naquele momento, não senti inveja dela, porque achei que nem milhões de anéis com pedras vermelhas me deixariam feliz depois daquilo. Jamais, jamais me recuperaria de uma humilhação medonha como essa.

E Amy continuou com seu trabalho, com a orgulhosa consciência de sua virtude e da pronúncia sem erro, e de um só fôlego, de duas palavras difíceis.

— Vi uma coisa que me agradou, esta manhã, e pretendia contar tudo na hora do jantar, mas me esqueci — disse Beth, pondo em ordem a desarrumada cesta de Jo enquanto falava. — Quando fui pegar algumas ostras para Hannah, o Sr. Laurence estava na peixaria; mas ele não me viu, porque fiquei atrás de um barril e ele estava conversando com o Sr. Cutter, o peixeiro. Uma mulher pobre entrou, com um balde e um esfregão, e perguntou ao Sr. Cutter

se ele a deixaria fazer uma limpeza, em troca de um pouco de peixe, porque não tinha comida para dar a seus filhos na hora do almoço e estava sem trabalho aquele dia. O Sr. Cutter, todo apressado, disse “Não”, com um tom meio irritado; então, ela já ia saindo, com uma expressão de fome e sofrimento, quando o Sr. Laurence fogueu um grande peixe com a ponta encurvada de sua bengala e estendeu-o para ela. A mulher ficou tão alegre e surpresa que abraçou o peixe e agradeceu várias vezes ao Sr. Laurence. Ele lhe disse para ir “cozinhar o peixe” e ela saiu correndo, tão feliz estava! Não foi um belo gesto da parte dele? Ah, ela estava tão engraçada, abraçando o grande peixe escorregadio e dizendo que esperava que Deus cobrisse de bênçãos o Sr. Laurence.

Quando acabaram de rir com a história de Beth, pediram à mãe que contasse uma, e, após um momento de reflexão, ela disse, pausadamente: — Enquanto estava sentada na sala de costura, hoje, cortando casacos de flanela azul, senti uma grande ansiedade por causa do seu pai, e pensei como ficaríamos solitárias e desamparadas se alguma coisa acontecesse com ele. Não foi muito sensato de minha parte, mas continuei preocupada até que um velho entrou, trazendo um bilhete com a encomenda de algumas roupas. Sentou-se junto de mim e comecei a conversar com ele, porque parecia pobre, cansado e ansioso.

— “O senhor tem filhos no exército?”, perguntei, porque o bilhete que ele trazia não era para mim.

— “Sim, senhora. Tinha quatro, mas dois morreram, um foi feito prisioneiro e vou me encontrar com o outro, que está muito doente, num hospital em Washington”, respondeu ele, tranquilamente.

— “Fez muito pelo seu país, senhor”, disse eu, agora sentindo respeito em vez de piedade.

— “Só fiz cumprir meu dever, senhora. Iria eu mesmo, se ainda estivesse em condições; como não estou, dou meus filhos, sem queixas.”

— Falava com tanta alegria, parecia tão sincero e tão feliz de dar tudo que tinha, que senti vergonha de mim mesma. Se eu desse apenas um homem acharia demais, enquanto ele dava quatro sem lamentar sua sorte. Eu tinha todas as minhas filhas para me confortarem em casa, e seu último filho estava esperando, a muitos quilômetros de distância, para se despedir dele, talvez! Assim me senti tão rica, tão feliz, pensando em minhas bênçãos, que fiz para ele um embrulho com algumas coisinhas, dei-lhe um pouco de dinheiro e lhe agradei, calorosamente, pelo que me havia ensinado.

— Conte outra história, mamãe, com uma lição como essa. Gosto de pensar nelas depois, quando são verdadeiras e não moralizadoras demais — disse Jo, depois de um minuto de silêncio.

A Sra. March sorriu e começou imediatamente, porque vinha contando histórias à sua pequena audiência há muitos anos e sabia como agradar às meninas.

— Era uma vez quatro meninas que tinham o suficiente para comer e beber, roupas para vestir, bons amigos e pais que as amavam muito, mas, mesmo assim, não estavam satisfeitas. (Aqui, as ouvintes lançaram olhares de esguelha umas para as outras e começaram a costurar, diligentemente.) Essas meninas estavam ansiosas para serem boas e tomavam muitas resoluções excelentes, mas não as cumpriam muito bem e estavam constantemente dizendo: “Ah, se tivéssemos isso”, ou então “Ah, se pelo menos pudéssemos fazer aquilo”, esquecendo-se completamente do quanto já tinham, ou de quantas coisas agradáveis podiam fazer. Então, perguntaram a uma velha que feitiço poderiam usar para serem felizes, e ela lhes respondeu: “Quando se sentirem insatisfeitas, pensem em tudo que têm e fiquem gratas.” (Aqui, Jo ergueu rapidamente os olhos, como se estivesse prestes a falar, mas mudou de idéia, vendo que a história ainda não terminara.)

“Sendo meninas sensatas elas decidiram seguir o conselho da velha, para ver o resultado, e logo ficaram surpresas de perceber como estavam bem. Uma delas descobriu que o dinheiro não podia impedir que a vergonha e a dor entrassem nas casas dos ricos; outra, que embora fosse pobre, era muito mais

feliz com sua juventude, saúde e bom humor do que uma certa rabugenta e debilitada senhora idosa, que não podia apreciar os confortos de que dispunha; uma terceira que, por mais desagradável que fosse ajudar a comprar comida para o jantar, ainda era mais duro ter de mendigar; e a quarta, que até mesmo anéis com pedras vermelhas não são tão valiosos quanto o bom comportamento. Então, concordaram em parar de se queixar, aproveitar as vantagens que * já tinham e tentar merecê-las, para não perderem tudo, em vez de conquistarem outras coisas; e acho que nunca ficaram desapontadas nem lamentaram ter seguido o conselho da velha.

— Ora, mãezinha, é muita esperteza sua virar nossas próprias histórias contra nós e nos dar um sermão, em vez de um romance! — exclamou Meg.

— Gosto desse tipo de sermão. É do mesmo tipo que papai gostava de nos dar — disse Beth, pensativamente, endireitando as agulhas em cima da almofada de Jo.

— Não me queixo nem metade do que as outras e, agora, serei mais cuidadosa do que nunca, porque a triste situação de Susie me serviu de aviso — disse Amy, com um tom compenetrado.

— Precisávamos dessa lição e não vamos esquecer do que ouvimos. Se esquecermos, basta você nos dizer, como faz a velha Chloe em “Tio Tom”: “Pensi nas graça qui receberam, crianças! Pensi nas suas graça!” —

acrescentou Jo, para quem era humanamente impossível não fazer alguma brincadeira em torno do pequeno sermão, embora o levasse tão a sério quanto qualquer uma das outras.

Capítulo 5

Boa Vizinhança

— Pelo amor de Deus, o que vai fazer agora, Jo? — perguntou Meg, numa tarde em que a neve caía, quando sua irmã veio caminhando pesadamente pelo vestíbulo, com botas de borracha, velha sacola e capuz, uma vassoura numa das mãos e uma pá na outra.

— Vou sair para fazer exercício — respondeu Jo, com um brilho travesso nos olhos.

— Acho que duas caminhadas longas, esta manhã, já seriam o bastante! Está frio e escuro lá fora, e aconselho você a ficar aquecida e com as roupas secas, junto do fogo, como estou fazendo — disse Meg, tremendo.

— Sou contra conselhos! Não consigo ficar parada o dia inteiro e, não sendo uma gata, não gosto de cochilar junto do fogo. Gosto é de aventuras e vou procurar algumas.

Meg voltou para aquecer os pés e ler Ivanhoé, e Jo começou a cavar caminhos, com grande energia. A neve não era muita, e, com sua vassoura, ela logo abriu uma trilha em torno de todo o jardim, para Beth caminhar por ela,

quando o sol saísse e as bonecas inválidas fossem respirar um pouco de ar puro. Ora, o jardim separava a casa dos Marches da casa do Sr. Laurence. Ambas ficavam num subúrbio da cidade que ainda parecia o campo, com pomares e gramados, grandes jardins e ruas tranqüilas. Uma sebe baixa separava as duas propriedades. De um lado, havia uma velha casa marrom, não muito conservada, sem as videiras que, no verão, lhe cobriam as paredes sem as flores que então a cercavam. Do outro lado havia uma majestosa mansão de pedra, visivelmente dotada de todos os tipos de conforto e requinte, desde a grande cocheira e terrenos bem-cuidados, até a estufa e as belas coisas que podiam ser entrevistas através de suas luxuosas cortinas. No entanto, a casa tinha um aspecto solitário, sem vida, porque não havia crianças brincando no gramado, nenhum rosto maternal nunca sorria às janelas e pouca gente entrava e saía, a não ser o velho cavalheiro e seu neto.

Para a vivida imaginação de Jo, a bela casa parecia um lugar enfeitado, cheio de esplendores e delícias de que ninguém desfrutava. Há muito tempo ela queria contemplar esses esplendores recônditos e conhecer o “menino Laurence”, que, segundo todas as indicações, gostaria de ser conhecido se, pelo menos, soubesse como começar. Desde a festa ela estava mais ansiosa do que nunca para isso, e planejara muitas maneiras de fazer amizade com ele; mas o rapaz não andava muito à vista ultimamente, e Jo começava a

pensar que fora embora, até que, certo dia, avistou um rosto moreno numa janela do andar de cima, olhando pensativamente para o jardim da casa delas, onde Beth e Amy jogavam bolas de neve uma na outra.

— Aquele garoto está louco por companhia e divertimento — disse de si para consigo. — O avô não sabe o que é bom para ele e deixa o menino trancado, completamente sozinho. Ele precisa de um grupo de rapazes alegres para brincar, ou de alguém jovem e animado. Tenho muita vontade de ir até lá e dizer isso ao velho cavalheiro!

A idéia divertiu Jo, que gostava de fazer coisas ousadas e estava sempre escandalizando Meg com suas atitudes diferentes. O plano de “ir até lá” não fora esquecido; e, naquela tarde nevoenta, Jo decidiu verificar o que poderia ser feito. Viu o Sr. Laurence partir de coche e, então, resolveu sair para cavar seu caminho até a sebe, onde fez uma pausa e espiou em torno. Tudo estava quieto — as cortinas fechadas nas janelas do andar de baixo, os criados em alguma outra parte, nada humano à vista, a não ser uma cabeça com cabelos negros e cacheados, apoiada numa mão magra, na janela do andar de cima.

“Lá está ele” pensou Jo. “Pobre garoto! Sozinho e doente, neste dia horroroso. Que lástima! Vou jogar uma bola de neve lá para cima, fazer com que ele olhe para fora, e aí lhe direi alguma coisa simpática.”

E lá subiu um punhado de neve macia, e a cabeça virou-se imediatamente,

mostrando um rosto que logo perdeu sua expressão de desânimo, quando aqueles grandes olhos começaram a brilhar e a boca a sorrir. Jo fez um aceno com a cabeça e riu, agitando a vassoura, enquanto gritava:

— Como vai? Está doente?

Laurie abriu a janela e disse, com uma voz rouca como a de um corvo:

— Estou melhor, obrigado. Tive um resfriado terrível, e fiquei aqui preso durante uma semana.

— Que pena. Com o que você se diverte?

— Com nada. Isto aqui em cima está tão triste quanto um cemitério.

— Você não lê?

— Não muito. Não deixam.

— Será que alguém não poderia ler para você?

— Vovô lê, às vezes, mas meus livros não interessam a ele, e detesto ficar o tempo inteiro pedindo a Brooke que leia.

— Então peça a alguém que venha visitar você.

— Não há ninguém que eu gostaria de ver. Os meninos fazem tanta confusão que minha cabeça dói.

— Não há nenhuma menina boazinha para ler e divertir você? As meninas são quietas e gostam de brincar de enfermeiras.

— Não conheço nenhuma.

— Você nos conhece — principiou Jo e, depois, riu e parou.

— É mesmo! Quer vir, por favor? — exclamou Laurie.

— Não sou quieta e boazinha, mas posso vir, se mamãe deixar. Vou pedir a ela. Feche essa janela, como um bom menino, e espere até eu voltar.

Depois disso, Jo pôs sua vassoura no ombro e marchou para dentro de casa, imaginando o que todos lhe diriam. Laurie estava agitadoíssimo com a idéia de ter companhia, e saiu correndo para se preparar; porque, como dissera a Sra. March, ele era “um pequeno cavalheiro”, e honrou a visitante que ia chegar escovando os cacheados cabelos, colocando um colarinho limpo e tentando arrumar o quarto que, apesar da meia dúzia de criados, não estava exatamente limpo. Pouco depois, ouviu-se um toque sonoro de campainha e, em seguida, uma voz decidida perguntando pelo “Sr. Laurie”, e um criado com ar de surpresa subiu correndo para anunciar uma senhorita.

— Está bem, traga a moça para cima, é a Srta. Jo — disse Laurie, indo até a porta de sua pequena sala de visitas para receber Jo, que apareceu corada, com um ar de simpatia, inteiramente à vontade, trazendo um prato coberto numa das mãos e os três gatinhos de Beth na outra.

— Aqui estou eu, de mala e cuia — disse ela, animadamente. — Mamãe mandou abraços e ficou satisfeita por eu poder fazer alguma coisa por você.

Meg quis que eu trouxesse um pouco de seu manjar-branco, que ela faz muito

bem; e Beth achou que seus gatos ajudariam a distrair você. Eu sabia que você ia rir deles, mas não pude recusar, ela estava tão ansiosa para fazer alguma coisa.

E aconteceu que o empréstimo divertido de Beth foi perfeito porque, rindo dos gatinhos, Laurie esqueceu-se de sua timidez e se mostrou imediatamente sociável.

— É bonito demais para se comer — disse ele sorrindo, com prazer, quando Jo descobriu a travessa e mostrou o manjar-branco, rodeado por uma grinalda de folhas verdes e das flores escarlates do gerânio de estimação de Amy.

— Não é nada, apenas elas sentiram simpatia e queriam demonstrar isso. Diga à moça que guarde para seu chá: é tão simples, você pode comer o manjar e, sendo macio, desliza por sua garganta inflamada sem machucar. Mas como este quarto é confortável!

— Podia ser, se fosse mantido em ordem; mas as criadas são preguiçosas, e não sei o que fazer para elas trabalharem. Isto me deixa aborrecido.

— Vou ajeitar o quarto em poucos minutos, porque só é preciso espanar a lareira, assim — e arrumar as coisas que estão em cima do consolo, assim — e os livros devem ser colocados aqui e as garrafas ali, depois vou afastar seu sofá da claridade e afofar um pouquinho os travesseiros. Agora, você está com

tudo em ordem.

E estava mesmo; porque, enquanto ria e conversava, Jo foi colocando tudo em seus lugares e deu um aspecto bem diferente ao quarto. Laurie observava-a com um silêncio respeitoso e, quando ela o convidou, com um aceno, a ir para seu sofá, ele sentou-se com um suspiro de satisfação e disse, cheio de gratidão:

— Como você é generosa! Sim, fez o que era preciso. Agora, por favor, sente-se na poltrona e me deixe fazer alguma coisa para divertir minha acompanhante.

— Não, eu vim para divertir você. Quer que leia alto? — e Jo olhou afetuosamente para alguns livros convidativos que estavam por perto.

— Obrigado! Mas já li todos eles e, se não se importa, prefiro conversar — respondeu Laurie.

— Não me importo nem um pouquinho. Sou capaz de conversar o dia inteiro, basta você me “ligar”. Beth diz que nunca sei quando devo parar.

— Beth é aquela corada, que fica muito em casa e, às vezes, sai com uma cestinha? — perguntou Laurie, com interesse.

— Sim, aquela é Beth. É minha preferida, uma menina muito boazinha.

— A bonita é Meg e a de cabelos cacheados é Amy, não?

— Como foi que você descobriu tudo isso?

Laurie corou, mas respondeu prontamente:

— Bom, sabe, muitas vezes ouço vocês chamando umas às outras e, quando estou sozinho aqui em cima, não posso deixar de olhar lá para sua casa, vocês sempre parecem se divertir tanto. Peço-lhe desculpas por ser tão intrometido, mas algumas vezes vocês se esquecem de fechar a cortina da janela onde ficam as flores; e, quando as lâmpadas estão acesas, é como olhar para um quadro, vejo o fogo e vocês todas em redor da mesa, com sua mãe; o rosto dela fica bem em frente e tem um ar tão doce, atrás das flores, que não consigo deixar de olhar. Não tenho mãe, você sabe.

E Laurie aticou o fogo, para esconder uma pequena contorção dos lábios, que não conseguiu controlar.

A expressão faminta e solitária dos seus olhos tocou diretamente o coração caloroso de Jo. Ela fora educada de forma tão simples que não havia nenhuma tolice em sua cabeça e, aos quinze anos, era tão inocente e franca quanto qualquer criança. Laurie estava doente e solitário e, sentindo-se rica de amor e felicidade em sua casa, ela tentou partilhar, alegremente, tudo isso com ele. Seu rosto estava muito amistoso e sua voz, quase sempre ríspida, tornou-se singularmente suave, quando disse:

— Nunca mais fecharemos de novo aquela cortina e lhe dou licença para olhar quanto quiser. Só desejo que, em vez de ficar nos espiando, você vá nos

visitar. Mamãe é tão maravilhosa, ela lhe faria muitíssimo bem e Beth cantaria para você, se eu lhe pedisse, e Amy dançaria; Meg e eu faríamos você rir, com nossas engraçadas habilidades teatrais, e assim nos divertiríamos muito. Será que seu avô não deixaria?

— Acho que sim, se sua mãe pedir a ele. É muito bondoso, embora não pareça; e ele me deixa fazer tudo que quero, ou quase tudo, só tem medo que eu incomode as pessoas estranhas — começou Laurie a dizer, animando-se cada vez mais.

— Não somos estranhos, somos vizinhos, e você não deve pensar que incomodaria. Queremos conhecer você, e há muito tempo venho tentando. Não estamos aqui há tanto tempo assim, sabe, mas já conhecemos todos os nossos vizinhos, menos você.

— Sabe, vovô vive no meio dos seus livros e não liga muito para o que acontece em torno. O Sr. Brooke, meu professor particular, não mora aqui; então não tenho ninguém para me acompanhar; simplesmente fico em casa e vou levando como posso.

— Isso não é bom. Você devia fazer um esforço e visitar todo mundo que o convidasse; assim terá muitos amigos e lugares agradáveis para onde ir. Não se importe com sua timidez; ela não continuará por muito tempo, se você agir como eu disse.

Laurie corou novamente, mas não ficou ofendido por ser acusado de timidez, porque havia tanta boa vontade em Jo que era impossível não entender que seus discursos sem-cerimônia eram ditados pela generosidade.

— Você gosta de sua escola? — perguntou o rapaz, mudando de assunto, depois de uma pequena pausa, durante a qual ele ficou olhando fixamente para o fogo, enquanto Jo olhava em torno, bastante satisfeita.

— Não vou para a escola; sou um homem de negócios — uma menina de negócios, quero dizer. Vou ajudar minha tia-avó, e ela também é uma querida velha alma rabugenta.

Laurie abriu a boca para fazer outra pergunta, mas, lembrando-se a tempo de que não era cortês fazer muitas perguntas sobre a vida das pessoas, fechou-a de novo e ficou com um ar constrangido. Jo gostou da boa educação dele, mas, como não se importava de rir um pouco à custa da tia March, deu-lhe uma vivida descrição da irritadiça velha, de seu gordo poodle, do papagaio que falava espanhol e da biblioteca, onde ela, Jo, se deleitava. Laurie gostou imensamente dessa história; e, quando ela contou sobre o velho cavalheiro, muito formal, que fora certa vez cortejar tia March e, no meio de um belo discurso, Poll arrancara-lhe a peruca, para grande consternação dele, o rapaz recostou-se no sofá e riu até lágrimas escorrerem por suas faces, e uma criada enfiou a cabeça pela porta para ver o que estava acontecendo.

— Ah, como isso me faz um bem enorme! Conte mais, por favor — disse ele, tirando o rosto de dentro da almofada do sofá, vermelho e resplandecente de divertimento.

Muito entusiasmada com seu sucesso, Jo realmente “contou mais”, falando das peças que elas encenavam, dos seus planos, suas esperanças e seus medos com relação a seu pai, além de narrar os acontecimentos mais interessantes do pequeno mundo onde viviam as irmãs. Depois, começaram a conversar sobre livros e, para encanto de Jo, ela descobriu que Laurie gostava deles tanto quanto ela, e lia ainda mais do que ela própria.

— Se gosta tanto de livros, venha ver os nossos. Vovô saiu, você não precisa ter medo — disse Laurie, levantando-se.

— Não tenho medo de nada — respondeu Jo, com uma sacudidela de cabeça.

— Não acredito que tenha! — disse o garoto, olhando-a com grande admiração, embora intimamente pensasse que ela teria bons motivos para sentir um pouquinho de medo do velho, caso se encontrasse com ele durante um dos seus acessos de mau humor.

Sendo de verão a atmosfera da casa inteira, Laurie conduziu-a de um cômodo para outro, deixando Jo parar para examinar tudo aquilo que lhe despertava o interesse; e assim, afinal, chegaram à biblioteca, onde ela juntou

as mãos e saltitou de um lado para outro, como sempre fazia quando estava especialmente encantada com alguma coisa. As paredes eram cobertas de livros e havia quadros e estátuas, pequenos armários cheios de moedas e curiosidades, confortáveis poltronas e mesas de formas estranhas, bronzes e, o melhor de tudo, uma grande lareira aberta, com belos azulejos em torno.

— Que riqueza! — disse Jo, afundando nas profundezas de uma poltrona de veludo e olhando em torno com um ar de intensa satisfação. — Theodore Laurence, você devia ser o rapaz mais feliz do mundo — acrescentou, impressionada.

— Uma pessoa não pode viver só de livros — disse Laurie, sacudindo a cabeça, enquanto se empoleirava em cima de uma mesa em frente.

Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, uma campainha tocou e Jo deu um salto, exclamando, alarmada:

— Meu Deus do céu! É seu avô!

— Ora, e se for? Você não tem medo de nada, não é? — comentou o rapaz, com um ar brincalhão.

— Acho que estou com um pouquinho de medo dele, mas não sei por que deveria estar. Mãezinha disse que eu poderia vir e não acho que você tenha tido nenhum problema por causa disso — falou Jo, recompondo-se, embora mantivesse os olhos fixos na porta.

— Estou bem melhor por causa disso e muito agradecido. Só tenho medo de que você esteja muito cansada, por falar comigo; foi tão agradável que eu não agüentaria parar — disse Laurie, num tom de gratidão.

— O médico veio visitá-lo, senhor — e a criada fez um aceno, enquanto falava.

— Você me daria licença por um minuto? Acho que preciso falar com ele — disse Laurie.

— Não se preocupe comigo. Estou satisfeítíssima aqui.

Laurie foi embora e sua convidada divertiu-se à sua própria maneira. Ela estava em pé diante de um belo retrato do velho cavalheiro quando a porta tornou a se abrir e, sem se virar, ela disse, em tom decidido:

— Tenho certeza, agora, de que não devo ter medo dele, porque tem olhos bondosos, embora sua boca seja severa e ele pareça muito autoritário. Não é tão bonito quanto meu avô, mas gosto dele.

— Obrigada, senhora — disse uma voz áspera atrás dela, e ali, para seu grande pasmo, estava o velho Sr. Laurence.

A pobre Jo corou até um ponto em que não podia ficar mais vermelha e seu coração começou a bater de forma descompassadamente rápida, enquanto ela pensava no que dissera. Durante um minuto, um desejo incontido de fugir correndo tomou conta dela, mas isto seria covardia e as meninas ririam dela;

então resolveu ficar e sair daquela enrascada como pudesse. Um segundo olhar mostrou-lhe que os olhos cheios de vida, sob as grossas sobrancelhas grisalhas, eram ainda mais bondosos que os do quadro; e havia neles uma maliciosa cintilação, que diminuiu bastante seu medo. A voz rouca estava mais rouca do que nunca, quando o velho cavalheiro disse bruscamente, depois da terrível pausa:

— Então, você não tem medo de mim, hein?

— Não muito, senhor.

— E não acha que eu seja tão bonito quanto seu avô?

— Não, não é tanto, senhor.

— E sou muito autoritário, não é?

— Eu só disse que tinha essa impressão.

— Mas você gostou de mim, apesar disso?

— Gostei sim, senhor.

Esta resposta agradou ao velho cavalheiro; ele deu uma rápida risada, apertou-lhe a mão e, colocando o dedo sob seu queixo, ergueu-lhe o rosto, examinou-o com gravidade e depois soltou-o, dizendo, com um aceno afirmativo da cabeça:

— Você tem o espírito do seu avô, mesmo não se parecendo com ele. Ele era um homem bonito, querida; mas, melhor do que isso, era um homem bravo

e honesto, e eu sentia orgulho de ser seu amigo.

— Obrigada, senhor.

E Jo se sentiu à vontade, depois disso, porque o comentário se adaptava perfeitamente a ela.

— O que andou fazendo com esse meu garoto, hein? — foi a próxima pergunta, feita com rispidez.

— Só tentando ser uma boa vizinha, senhor.

E Jo lhe disse como sua visita acontecera.

— Acha então que ele precisa de alguém que o alegre?

— Sim, senhor, ele parece um tanto solitário, e pessoas jovens lhe fariam bem, talvez. Somos apenas meninas, mas ficaríamos satisfeitas de ajudar, se pudermos, porque não nos esquecemos do maravilhoso presente de Natal que nos mandou — disse Jo, ansiosamente.

— Ora, ora! Foi idéia do rapaz. Como vai a pobre mulher?

— Está passando bem, senhor.

E Jo prosseguiu, falando muito depressa, enquanto contava tudo sobre os Hummels, nos quais sua mãe interessara amigos mais ricos do que sua família.

— O mesmo jeito que o pai dela tinha de praticar o bem. Um dia desses, quando fizer bom tempo, irei visitar sua mãe. Diga isso a ela. E aí está a sineta, avisando que chegou a hora do chá; tomamos cedo por causa do rapaz. Desça

e continue sendo uma boa vizinha.

— Se quiser que eu fique, senhor.

— Se não quisesse, não a convidaria.

E o Sr. Laurence ofereceu-lhe o braço, com uma cortesia antiquada.

“O que diria Meg de tudo isso?”, pensou Jo, enquanto era conduzida, com os olhos brilhando de divertimento, ao imaginar a si mesma contando aquela história em casa.

— Ei, que diabo deu nesse sujeito? — disse o velho cavalheiro, quando Laurie desceu correndo a escada e parou com um estremecimento de surpresa, diante da espantosa visão de Jo de braços dados com seu temível avô.

— Não sabia que o senhor tinha chegado — começou ele, quando Jo lhe lançou uma olhadela triunfante.

— É evidente, pela maneira como você desceu a escada, com essa agitação. Venha para o chá, senhor, e comporte-se como um cavalheiro.

E, tendo puxado o cabelo do garoto, como uma espécie de carícia, o Sr.

Laurence continuou a caminhar, enquanto Laurie fazia uma série de cômicas evoluções por trás dos dois, que quase provocaram uma explosão de risos em Jo.

O velho cavalheiro não disse muita coisa, enquanto bebia suas quatro

xícaras de chá, mas observou os jovens, que conversavam sem parar, como velhos amigos, e a transformação do seu neto não lhe passou despercebida. Agora havia cor, luz e vida no rosto do garoto, vivacidade em suas maneiras e autêntico divertimento em sua risada.

“Ela tem razão, o rapaz está solitário. Verei o que essas meninas podem fazer por ele”, pensou o Sr. Laurence, enquanto olhava e escutava.

Ele gostou de Jo porque suas maneiras estranhas e ríspidas combinavam com as dele, e ela parecia entender o garoto tão bem como se fosse do mesmo sexo.

Se os Laurences fossem o que Jo chamava de “metidos a besta”, ela não teria continuado a falar, porque pessoas desse tipo sempre a deixavam cheia de timidez, constrangida; mas, descobrindo que eram abertos e descontraídos, também se comportou assim e causou uma boa impressão. Quando se levantaram, ela falou em ir embora, mas Laurie disse que tinha uma coisa mais para lhe mostrar e levou-a até a estufa, que fora iluminada só para ela ver. O lugar pareceu a Jo um cenário de contos de fadas, enquanto ela caminhava de um lado para outro, apreciando as paredes floridas dos dois lados, a luz suave, o ar doce e úmido e as maravilhosas videiras e árvores, cujas folhas pendiam-lhe sobre a cabeça, enquanto seu novo amigo cortava as mais belas flores, até suas mãos ficarem cheias; e então amarrou-as, dizendo, com a expressão feliz

que Jo gostava de ver:

— Por favor, ofereça isto a sua mãe e diga a ela que gostei muito do remédio que me mandou.

Encontraram o Sr. Laurence em pé diante da lareira, na grande sala de visitas, mas a atenção de Jo foi inteiramente atraída para um magnífico piano que estava aberto.

— Você toca? — perguntou ela, virando-se para Laurie com uma expressão respeitosa.

— Algumas vezes — respondeu ele, modestamente.

— Por favor, toque agora. Quero ouvir, para poder contar a Beth.

— Não quer tocar primeiro?

— Não sei tocar. Sou estúpida demais para aprender, mas adoro música.

Então Laurie tocou e Jo escutou, com o nariz luxuosamente enterrado num heliotrópio e em rosas-chá. Seu respeito e consideração pelo “menino Laurence” aumentaram muito, porque ele tocava notavelmente bem e não assumia nenhum ar afetado. Teve vontade de que Beth pudesse ouvi-lo, mas não disse isso, apenas o elogiou até ele ficar completamente desconcertado e seu avô ir em seu socorro.

— Chega, chega, mocinha. Elogios em excesso não são bons para ele.

Sua música não é má, mas espero que se saia bem também em coisas mais

importantes. Já vai? Bom, estou muito grato a você e espero que volte. Meus cumprimentos para sua mãe. Boa noite, Doutora Jo.

Apertou-lhe a mão carinhosamente, mas parecia que alguma coisa não lhe agradara. Quando chegaram ao vestíbulo, Jo perguntou a Laurie se ela dissera alguma coisa errada. Ele sacudiu a cabeça.

— Não, foi por minha causa; ele não gosta de me ouvir tocar.

— Por que não?

— Algum dia eu lhe contarei. John vai até sua casa com você, porque não posso.

— Não há necessidade disso, não sou uma jovem senhora e é apenas a um pulo daqui. Cuide-se bem, está certo?

— Vou me cuidar. Mas você voltará, espero.

— Se você prometer nos visitar, quando estiver bom.

— Vou, sim.

— Boa noite, Laurie!

— Boa noite, Jo, boa noite!

Quando todas as aventuras da tarde haviam sido contadas, a família sentiu-se inclinada a fazer uma visita, juntas, porque cada uma encontrava alguma coisa atraente na grande casa, ou do outro lado da cerca. A Sra. March queria conversar sobre seu pai com o velho, que não o esquecera, Meg

ansiava para caminhar pela estufa, Beth suspirava pelo grande piano e Amy estava ansiosa para ver os belos quadros e estátuas.

— Mamãe, por que o Sr. Laurence não gostou de ver Laurie tocar? — perguntou Jo, que estava com um estado de espírito inquisitivo.

— Não tenho certeza, mas acho que foi porque seu filho, o pai de Laurie, casou-se com uma senhora italiana, uma compositora, e isto desagradou o velho, que é muito orgulhoso. A senhora era boa, linda e talentosa, mas ele não gostou dela e nunca mais viu o filho, depois que se casou. Ambos morreram quando Laurie era pequenininho, e então seu avô o trouxe para casa. Imagino que o rapaz, que nasceu na Itália, não seja muito forte e o velho tem medo de perdê-lo, por isso se mostra tão cuidadoso. Laurie se entrega naturalmente ao seu amor à música, porque puxou à mãe, e arrisco dizer que seu avô receia que ele queira ser músico. De qualquer jeito, o talento dele lembra-lhe a mulher de quem não gostava, e então ele “fez uma carranca”, como disse Jo.

— Ah, meu Deus, mas que história romântica! — exclamou Meg.

— Que tolice! — disse Jo. — Que ele seja músico, se quiser, em vez de tornar sua vida um inferno, mandando-o para a universidade, quando ele detesta a idéia.

— É por isso que ele tem aqueles olhos negros tão lindos e maneiras tão

gentis, eu acho. Os italianos são sempre simpáticos — disse Meg, que era um pouquinho sentimental.

— Que sabe você sobre os olhos dele e suas maneiras? Você praticamente nunca falou com ele — exclamou Jo, que não era sentimental.

— Eu o vi na festa, e o que você está dizendo mostra que ele sabe como se comportar. Foram palavras bonitas, as que ele disse sobre o remédio que mamãe lhe enviou.

— Estava falando do manjar-branco, eu acho.

— Como você é tola, garota! Estava falando de você, é claro.

— Ah, é?

E Jo arregalou os olhos, porque isto não lhe havia ocorrido.

— Nunca vi uma menina assim! Você não reconhece um cumprimento, quando o recebe — disse Meg, com um ar de moça que conhece tudo a respeito do assunto.

— Acho que tudo isso é uma grande bobagem e lhe agradecerei se não for tola e estragar meu divertimento. Laurie é um garoto bonzinho e eu gosto dele, e não vou dar ouvidos a nenhuma tolice sentimental sobre cumprimentos e besteiras desse gênero. Todas seremos boas para ele, porque não tem mãe, e talvez venha nos visitar, ele pode, não é, mãezinha?

— Sim, Jo, seu amiguinho será muito bem-recebido, e espero que Meg se

lembre de que as crianças devem continuar sendo crianças enquanto puderem.

— Não chamo a mim mesma de criança e nem cheguei à adolescência ainda — comentou Amy. — Que acha, Beth?

— Estava pensando em nosso Pilgrim's Progress — respondeu Beth, que não ouvira uma só palavra. — Como saímos do Charco e atravessamos a Cancela resolvendo ser boas, e subimos o morro íngreme, tentando; e que talvez aquela casa ali, cheia de coisas esplêndidas, vá ser nosso Palácio Encantado.

— Primeiro, temos de passar pelos leões — disse Jo, como se até gostasse dessa perspectiva.

Capítulo 6

Beth Descobre o Palácio Encantado

A casa grande revelou-se verdadeiramente um Palácio Encantado, embora demorasse algum tempo para todos entrarem nele, e Beth achou muito difícil passar pelos leões. O velho Sr. Laurence era o maior de todos, mas, depois que disse alguma coisa engraçada ou gentil a cada uma das meninas e conversou sobre os velhos tempos com a mãe delas, ninguém sentiu muito medo dele, a não ser a tímida Beth. O outro leão era o fato de que elas eram pobres e Laurie rico, porque isto as deixava constrangidas de aceitarem favores que não podiam retribuir. Mas, depois de algum tempo, descobriram

que ele as considerava as benfeitoras e não se julgava capaz de fazer nada suficiente para mostrar como estava agradecido pela acolhida maternal da Sra. March, pela alegre companhia das meninas e pelo conforto que encontrava naquele humilde lar que era o delas. Então, logo esqueceram seu orgulho e trocaram gentilezas, sem parar e pensar qual era a maior.

Todos os tipos de coisas agradáveis aconteceram naquele período, porque a nova amizade floresceu como o capim na primavera. Todas gostavam de Laurie, e ele, particularmente, informou a seu tutor que “as Marches eram meninas ótimas”. Com o encantador entusiasmo da juventude, elas levaram o menino solitário para seu convívio e o consideravam muito, enquanto ele

encontrou algo imensamente sedutor na companhia inocente daquelas garotas de corações simples. Não tendo mãe nem irmãs, sentiu rapidamente a influência que exerciam sobre ele, e o estilo de vida delas, diligente, ativo, fez com que se envergonhasse da indolência em que vivia. Estava cansado de livros e, agora, achava as pessoas tão interessantes que o Sr. Brooke era obrigado a fazer relatórios muito insatisfatórios, porque Laurie estava sempre matando aulas e correndo para a casa dos Marches.

— Não se preocupe, deixe que ele tome umas férias e faça com que compense isso depois — disse o velho cavalheiro. — A boa senhora vizinha diz que ele está estudando demais e precisa do convívio de outros jovens, de divertimentos e exercício. Acho que ela tem razão, e que tenho mimado o garoto como se eu fosse a avó dele. Deixe que aja como quiser, desde que esteja feliz. Ele não pode fazer nada errado, naquele pequeno convento ali, e a Sra. March está ajudando-o mais do que nós poderíamos ajudá-lo.

E, na verdade, como se divertiam! Tantas peças e quadros vivos, tantos passeios de trenó e brincadeiras nos esquis, tantas noites agradáveis na antiga sala de visitas e, de vez em quando, aquelas festinhas alegres na casa grande. Meg podia caminhar pela estufa sempre que quisesse e deliciar-se com buquês. Jo leu vorazmente, na nova biblioteca, e abalou o velho cavalheiro com suas críticas. Amy copiou quadros e apreciou a beleza, à vontade, e

Laurie fazia o papel de “senhor da mansão” da maneira mais encantadora. Mas Beth, embora ansiasse pelo grande piano, não conseguia juntar coragem suficiente para ir à “Mansão da Felicidade”, como Meg a chamava. Foi uma vez, com Jo, mas o velho cavalheiro, não sabendo dos seus problemas, olhou-a fixamente, de forma tão dura, sob suas grossas sobrancelhas, e disse um “Ei!” tão alto que a assustou a ponto de fazer os pés de Beth “matraquearem o chão”, como contou a sua mãe; e ela saiu correndo, com a declaração de que nunca mais voltaria ali, nem mesmo por causa do querido piano. Não houve persuasão nem incitação capaz de vencer seu medo até que, tendo o fato, de alguma forma misteriosa, chegado aos ouvidos do Sr. Laurence, ele decidiu consertar as coisas. Durante uma das rápidas visitas que fez, levou habilidosamente a conversa para o assunto música e falou longamente sobre grandes cantores que vira, belos órgãos que ouvira e contou casos tão interessantes que Beth achou impossível ficar em seu canto distante e foi aproximando-se aos poucos, furtivamente, como se estivesse sob os efeitos de uma fascinação. Nas costas da cadeira dele, parou e ficou escutando, com os olhos arregalados e as faces vermelhas de excitação, diante do comportamento incomum do Sr. Laurence. Sem lhe prestar a menor atenção, como se ela não estivesse ali, ele passou a conversar sobre as aulas e os professores de Laurie; e, pouco depois, como se a idéia acabasse de lhe

ocorrer, disse à Sra. March:

— O rapaz, agora, está deixando de lado a música, e estou satisfeito, porque ele gostava demasiado de tocar. Mas o piano sofre por falta de uso. Será que uma de suas meninas não gostaria de dar um pulo lá e praticar, de vez em quando, só para ele ficar afinado, senhora?

Beth deu um passo para a frente e apertou com força suas mãos, para não bater palmas, porque aquela era uma tentação irresistível e o pensamento de praticar naquele esplêndido instrumento quase lhe tirou o fôlego. Antes que a Sra. March pudesse responder, o Sr. Laurence prosseguiu, com um ligeiro e estranho aceno de cabeça e um sorriso:

— Elas não precisam ver nem falar com ninguém, basta entrarem correndo a qualquer hora, porque estou trancado em meu gabinete, do outro lado da casa; Laurie fica muito tempo fora e os criados jamais chegam perto da sala de visitas depois das nove horas.

A esta altura ele se levantou, como se fosse embora, e Beth decidiu falar, porque este último acerto era perfeito para ela.

— Por favor, diga às meninas o que eu falei e, se não quiserem ir, ah, não tem importância.

Foi quando uma mãozinha deslizou para dentro da sua e Beth olhou-o, com o rosto cheio de gratidão, enquanto dizia, com seu jeito sério mas tímido:

— Ah, senhor, elas querem, e muito, muito mesmo!

— Você é a menina que gosta de música? — perguntou ele, desta vez sem nenhum “Ei!” assustador, enquanto a olhava muito gentilmente.

— Sou Beth. Amo a música e, se tem certeza de que ninguém me ouvirá tocar, de que não perturbarei ninguém... — acrescentou ela, temendo ser rude e tremendo com sua ousadia, enquanto falava.

— Absolutamente ninguém, querida. A casa fica vazia metade do dia; então, pode ir e tocar quanto quiser, que lhe ficarei grato.

— Quanta bondade, senhor!

Beth corou como uma rosa sob o olhar amistoso que ele lhe lançou, mas agora não ficou assustada e deu, naquela mão grande, um aperto agradecido, porque não tinha palavras para dizer a ele como estava grata pelo presente precioso que lhe dera. O velho cavalheiro acariciou-lhe suavemente o cabelo, afastando-o da testa, e curvou-se para beijá-la, dizendo, num tom de voz que poucas pessoas haviam ouvido dele algum dia:

— Tive, antigamente, uma menininha assim, com olhos parecidos com os seus. Que Deus a abençoe, querida! Bom dia, madame.

E foi-se embora, apressadamente.

Beth teve um êxtase, junto com sua mãe, e depois correu para o andar de cima, a fim de comunicar a gloriosa notícia à sua família de inválidas, porque

as meninas não estavam em casa. Com quanta felicidade ela cantou, naquela tarde, e como todas riram dela, porque acordou Amy no meio da noite, tocando o piano no rosto dela, enquanto dormia.

No dia seguinte, tendo visto tanto o velho quanto o jovem cavalheiro saírem da casa, Beth, depois de dois ou três recuos, entrou direitinho pela porta do lado e foi caminhando, tão silenciosamente quanto um ratinho, até a sala de visitas, onde estava seu ídolo. Por casualidade, claro, algumas músicas bonitas e fáceis estavam em cima do piano e, com os dedos trêmulos e freqüentes paradas para escutar se vinha alguém e olhar em torno, Beth, afinal, tocou no grande instrumento e imediatamente esqueceu seu medo, a si própria e a tudo mais que não fosse a inexprimível delícia que a música lhe proporcionava, como se fosse a voz de um amigo adorado.

Ficou ali até Hannah ir buscá-la para jantar; mas não tinha apetite nenhum, e só conseguia ficar sentada, olhando para todos, num estado de completa beatitude.

Depois disso, o pequeno capuz marrom cruzava sorrateiramente a sebe quase todos os dias, e a grande sala de visitas era assombrada por um fantasma musical que entrava e saía sem ser visto. Ela nunca soube que o Sr. Laurence, muitas vezes, abria a porta de seu gabinete para ouvir as árias antigas de que gostava; nunca viu Laurie montando guarda no corredor para

avisar aos criados que se afastassem; jamais suspeitou que os livros de exercícios e as novas canções que encontrava na prateleira eram colocados ali especialmente para ela; e, quando ele lhe falava sobre sua música, em casa, ela só pensava como era generoso, dizendo coisas que a ajudavam tanto. Então, divertia-se entusiasticamente e descobriu, o que nem sempre acontece, que seu desejo atendido correspondia a tudo que esperara. Talvez por ser tão grata por esta bênção, outra, maior, lhe seria concedida; de qualquer forma, merecia ambas.

— Mamãe, vou fazer para o Sr. Laurence uns chinelos. Ele é tão bom comigo que preciso agradecer e não sei de nenhuma outra maneira. Posso fazer isso? — perguntou Beth, algumas semanas depois daquela visita dele, tão memorável.

— Sim, querida. Ele vai gostar muito e será uma maneira simpática de lhe agradecer. As meninas vão ajudar você e eu pagarei os custos — respondeu a Sra. March, que tinha um prazer especial em atender aos pedidos de Beth, porque ela tão raramente pedia alguma coisa para si mesma.

Depois de muitas discussões sérias com Meg e Jo, o modelo foi escolhido, os materiais comprados e os chinelos começaram a ser feitos. Um ramalhete de amores-perfeitos discretos, mas alegres, sobre um fundo roxo-escuro foi considerado muito apropriado e bonito, e Beth trabalhou sem parar, muito cedo

e muito tarde, com paradas ocasionais nas partes difíceis. Era uma hábil pequena bordadeira, e os chinelos ficaram prontos antes que alguém se cansasse deles. Então, ela escreveu um bilhete muito breve e simples e, com a ajuda de Laurie, levou os chinelos, às escondidas, e colocou-os em cima da mesa do gabinete, antes que o velho cavalheiro se levantasse.

Quando cessou essa agitação, Beth ficou esperando para ver o que aconteceria. Todo aquele dia se passou, e parte do dia seguinte, sem chegar nenhum sinal de recebimento, e ela começava a temer que seu rabugento amigo estivesse ofendido. Na tarde do segundo dia, saiu para fazer um mandado e proporcionar à pobre Joanna, a boneca inválida, seu exercício diário. Quando vinha pela rua, na volta, viu três, sim, quatro cabeças aparecendo e sumindo nas janelas da sala de visitas e, quando as meninas a avistaram, várias mãos foram acenadas e várias vozes alegres gritaram:

— Chegou uma carta do velho cavalheiro! Venha depressa ler!

— Ah, Beth, ele mandou para você — começou Amy, gesticulando desesperadamente; mas não continuou, porque Jo fez com que ela se calasse, fechando a janela com estrépito.

Beth foi correndo, toda agitada e cheia de expectativa. À porta, as irmãs a agarraram e carregaram-na até a sala de visitas, num cortejo triunfal, todas apontando e dizendo ao mesmo tempo:

— Veja isso! Veja isso!

Beth realmente olhou e ficou pálida de prazer e surpresa, porque ali estava um pequeno piano, com uma carta em cima da tampa lustrosa, endereçada, como um letreiro, à “Srta. Elizabeth March”.

— Para mim — arquejou Beth, apoiando-se em Jo, como se fosse cair, porque aquilo era uma coisa deveras alucinante.

— Sim, é para você, querida! Não é maravilhoso da parte dele? Não acha que é o velho mais encantador do mundo? Aqui está a chave, na carta. Não abrimos, mas estamos loucas para saber o que ele diz — exclamou Jo, abraçando a irmã e entregando-lhe o bilhete.

— Leia você! Eu não posso, me sinto tão estranha! Ah, é maravilhoso demais!

E Beth escondeu o rosto no avental de Jo, completamente perturbada com o presente que ganhara.

Jo abriu o papel e começou a rir, porque as primeiras palavras que leu foram:

“SRTA. MARCH:

“Cara Madame...”

— Como é bonito! Queria que alguém me escrevesse assim! — disse Amy, que achou muito elegante esta maneira antiquada de começar uma carta.

“Já tive muitos pares de chinelos em minha vida, mas jamais alguns que coubessem em mim tão confortavelmente quanto o que me deu” — prosseguiu Jo. — “O amor-perfeito é minha flor favorita, e estes sempre me lembrarão da gentil presenteadora. Gosto de pagar minhas dívidas, então sei que permitirá ao ‘velho cavalheiro’ enviar-lhe algo que pertenceu, outrora, à netinha que ele perdeu. Com os cordiais agradecimentos e os melhores votos, do seu sempre amigo e humilde servidor,

JAMES LAURENCE.”

— Ouça, Beth, é uma honra da qual você pode se orgulhar, sem dúvida!

Laurie me contou como o Sr. Laurence gostava da criança que morreu e como guardou todas as coisinhas dela cuidadosamente. Pense só, ele deu a você o piano da netinha. É o resultado de ter grandes olhos azuis e adorar música — disse Jo, tentando acalmar Beth, que tremia e parecia mais excitada do que nunca.

— Veja os artísticos suportes para velas, e a bela seda verde, franzida para cima, com uma rosa dourada no meio, e a bonita prateleira e o banquinho, tudo completo — acrescentou Meg, abrindo o instrumento e exibindo suas belezas.

— “Seu humilde criado, James Laurence.” Imagine só ele escrevendo isso para você. Vou contar às meninas. Vão achar fantástico — disse Amy, muito impressionada com o bilhete.

— Toque, querida. Vamos ouvir o som do pianinho-bebê — disse Hannah, que sempre participava das alegrias e dores da família.

Então Beth tocou, e todas disseram que era o mais maravilhoso piano que já tinham ouvido. Era evidente que fora afinado recentemente e colocado em perfeita ordem, mas acho que, por mais perfeito que fosse, seu verdadeiro encanto estava no mais feliz de todos os rostos que se inclinaram sobre ele, enquanto Beth, amorosamente, tocava nas lindas teclas brancas e negras e comprimia os pedais reluzentes.

— Você terá de ir agradecer a ele — disse Jo, como brincadeira, porque a idéia de que a criança realmente fosse jamais entrara em sua cabeça.

— Sim, vou mesmo. Acho melhor ir agora, antes de ficar assustada pensando a respeito.

E, para profundo pasmo da família reunida, Beth caminhou cheia de decisão pelo jardim, atravessou a sebe e entrou pela porta dos Laurence.

— Ora essa, juro por Deus que é a coisa mais estranha que já vi em minha vida! O pianinho virou a cabeça dela! Nunca que ela iria em seu estado normal!

— exclamou Hannah, observando-a afastar-se, enquanto as meninas estavam sem fala com o milagre.

Teriam ficado ainda mais pasmas se vissem o que Beth fez em seguida.

Acreditem ou não, ela foi até lá e bateu na porta do gabinete, antes de dar a si

mesma tempo para pensar e, quando uma voz rouca gritou: “Entre!”, ela entrou mesmo, dirigiu-se resolutamente para o Sr. Laurence, que parecia completamente surpreso, e estendeu-lhe a mão, dizendo, com apenas um pequeno tremor na voz: “Vim agradecer ao senhor, por...” Mas não terminou, porque ele estava com um ar de tanta simpatia que ela, esquecendo-se do seu discurso, lembrou-se apenas de que ele perdera a menina que amava e, colocando os dois braços em torno do seu pescoço, beijou-o.

Se o telhado da casa tivesse repentinamente voado, o velho cavalheiro não teria ficado mais espantado; mas ele gostou — ah, sim, gostou imensamente! — e ficou tão tocado e satisfeito com aquele beijinho cheio de confiança, que toda sua aspereza desapareceu; e ele, simplesmente, colocou-a sentada em seu joelho e pôs sua face enrugada contra a rosada face de Beth, sentindo-se como se tivesse recuperado sua netinha. Beth parou de ter medo dele a partir daquele momento, e ficou ali sentada conversando com o velho tão amistosamente como se o conhecesse durante toda sua vida, porque o amor afasta o medo e a gratidão pode vencer o orgulho. Quando ela foi embora, ele caminhou a seu lado até o portão da casa dela, apertou-lhe a mão, cordialmente, e tocou em seu chapéu, ao marchar de volta, com um aspecto muito majestoso e ereto, como um belo e marcial velho cavalheiro, que ele era. Quando as meninas viram esse desempenho, Jo começou a dançar uma

jiga, como meio de manifestar sua satisfação, Amy quase caiu da janela, de tanta surpresa, e Meg exclamou, com as mãos para o alto:

— Ora essa, acho que é mesmo o fim do mundo!

Capítulo 7

O Vale da Humilhação de Amy

— Aquele menino é um perfeito Ciclope, não? — disse Amy, um dia, quando Laurie passava montado, acenando rapidamente com seu chicote.

— Como ousa dizer isso, quando ele tem os dois olhos? E, aliás, olhos muito bonitos — exclamou Jo, que se ressentia de quaisquer comentários desatenciosos sobre seu amigo.

— Eu não disse nada sobre os olhos dele e não sei por que você se aborrece, quando estou só admirando o jeito como ele monta a cavalo.

— Ah, meu Deus! Essa patetinha quer dizer centauro e chamou o rapaz de Ciclope — bradou Jo, com uma explosão de risadas.

— Você não precisa ser grosseira, foi só um “lapsi lingui”, como diz o Sr. Davis — replicou Amy, acabando Jo com seu latim. — Eu só queria ter um pouquinho do dinheiro que Laurie gasta com aquele cavalo — acrescentou, como se falasse para si mesma, mas esperando que suas irmãs ouvissem.

— Por quê? — perguntou Meg, gentilmente, porque Jo estava perdida noutro acesso de riso, com o segundo disparate de Amy.

— Preciso tanto de dinheiro. Estou com dívidas terríveis e ainda durante um mês não será minha vez de ficar com os trocados que sobram.

— Dívidas, Amy? Que quer dizer? — E Meg fez um ar sério.

— Ora, estou devendo pelo menos uma dúzia de limões-doces em conserva, e só posso pagar, sabe, quando tiver dinheiro, porque mãezinha me proibiu de comprar qualquer coisa fiado na loja.

— Explique tudo isso direitinho para mim. Os limões-doces estão na moda agora? Antigamente, eram pedacinhos de borracha para fazer bolas. — E Meg tentou manter o rosto sério, porque Amy parecia tão grave, tão cheia de importância.

— Ora, você entende, as meninas estão sempre comprando limões-doces, e, a não ser que a gente queira ser considerada mesquinha, tem de comprar também. Agora, todo mundo só quer saber de limões, estão chupando limões nas carteiras, na hora das aulas e trocando, no recreio, limões por lápis, anéis de contas, bonecas de papel, ou alguma outra coisa. Se uma menina gosta de outra, dá a ela um limão-doce; se está zangada com outra, come um limão na cara dela e não oferece nem uma dentadinha. Elas vão oferecendo, e já ganhei muitos, mas não retribuí — e devia, porque são dívidas de honra, você sabe.

— De quanto você precisa para pagar tudo e restabelecer seu crédito? — perguntou Meg, abrindo a bolsa.

— Uma moeda de 25 centavos seria mais do que suficiente e ainda sobriariam alguns centavos para um presente para você. Não gosta de limões-doces?

— Não muito. Pode ficar com minha parte. Aqui está o dinheiro. Faça render o máximo que você puder, porque não há muito, você sabe.

— Ah, obrigada! Deve ser tão bom ter dinheiro para gastar! Para mim será um banquete, porque ainda não provei nenhum limão esta semana. Fiquei constrangida e não aceitei nenhum, porque não podia retribuir, mas, na verdade, estou louca por um.

No dia seguinte, Amy chegou um tanto atrasada na escola; mas não pôde resistir à tentação de exibir, com orgulho perdoável, um pacote úmido de papel marrom, antes de colocá-lo no mais recôndito recesso de sua carteira. Durante os minutos seguintes, circulou em seu “setor” o boato de que Amy March tinha vinte e quatro deliciosos limões (comera um, no caminho) e ia oferecê-los, e ela foi cercada de esmagadoras atenções por parte das amigas. Katy Brown convidou-a para a próxima festa, imediatamente; Mary Kingsley insistiu em emprestar-lhe seu relógio até a hora do recreio; e Jenny Snow, uma menina sarcástica, que mesquinhamente repreendera Amy por não ter limões-doces, de imediato pôs fim às hostilidades e ofereceu-se para dar os resultados de certas somas horrorosas. Mas Amy não se esquecera dos cortantes

comentários da Srta. Snow sobre “algumas pessoas cujos narizes chatos não impedem que sintam o cheiro dos limões-doces das outras pessoas, e gente metida a besta mas que esquece o orgulho e pede os limões”; e, na mesma hora, acabou com as esperanças daquela garota, Snow, com o fulminante telegrama: “Não precisa ficar boazinha de repente, porque não vai ganhar nenhum.”

Uma pessoa importante visitou por acaso a escola aquela manhã, e Amy recebeu elogios por seus mapas tão bem desenhados; esta honraria para sua adversária amargurou a alma da Srta. Snow e fez com que a Srta. March assumisse os ares de um pequeno pavão estudioso. Mas, que pena! O orgulho precede a queda, e a vingativa Snow virou o feitiço contra o feiticeiro, com estrondoso sucesso. Mal o visitante acabara de fazer os costumeiros insossos cumprimentos e despedira-se com uma reverência, Jenny, a pretexto de fazer uma pergunta importante, informou ao Sr. Davis, o professor, que Amy March tinha limões-doces em conserva em sua escrivaninha.

O caso era que o Sr. Davis havia declarado que os limões eram um artigo de contrabando e, solenemente, jurara castigar em público a primeira pessoa que fosse surpreendida violando a lei. Esse homem de extrema resistência obtivera sucesso na proibição à goma de mascar, depois de uma longa e tempestuosa guerra, fizera uma fogueira com os romances e jornais

confiscados, acabara com um correio particular, proibira as caretas, apelidos e caricaturas e fizera tudo que pode fazer um homem para manter sob controle meia centena de meninas rebeldes. Os meninos já são bastante irritantes para a paciência humana, só Deus sabe como, mas as meninas são infinitamente mais, especialmente para cavalheiros nervosos, com temperamentos tirânicos e sem grande talento para ensinar. O Sr. Davis sabia uma boa quantidade de grego, latim, álgebra e ciências de todo tipo, e então diziam que era bom professor, pois boas maneiras, moral, sentimentos e exemplos não eram tidos como coisas de grande importância. Era um momento particularmente infeliz para denunciar Amy, e Jenny sabia disso. O Sr. Davis, evidentemente, tomara um café forte demais aquela manhã, havia um vento leste que sempre afetava sua nevralgia e suas alunas não lhe estavam dando a atenção que ele achava que merecia; por tudo isso, para usar a expressiva, embora não muito elegante, linguagem de uma colegial, ele estava “de saco cheio”. A palavra “limões” funcionou como fogo ateadado a pólvora; seu rosto amarelo corou e ele deu pancadas na escrivaninha com uma energia que fez Jenny voar para seu assento com uma rapidez incomum.

— Senhoritas, prestem atenção, por favor!

Diante da ordem severa, o burburinho cessou e cinquenta pares de olhos azuis, negros, cinzentos e castanhos obedientemente fixaram-se em seu rosto

terrível.

— Srta. March, venha até minha escrivaninha.

Amy levantou-se para atender, com um domínio de si que era apenas externo, enquanto um medo secreto a oprimia, porque os limões-doces pesavam em sua consciência.

— Traga os limões que tem em sua carteira — foi a ordem inesperada que a fez parar, antes de sair de seu assento.

— Não leve todos — sussurrou sua vizinha, uma menina de grande presença de espírito.

Amy, apressadamente, separou meia dúzia e colocou o resto diante do Sr. Davis, achando que um homem que possuísse um coração humano cederia quando aquele delicioso perfume lhe chegasse ao nariz. Infelizmente, o Sr. Davis detestava de forma particular o cheiro da conserva que estava tão na moda, e o nojo fez aumentar sua raiva.

— Estão todos aqui?

— Não todos — gaguejou Amy.

— Traga o resto, imediatamente.

Com um olhar de desespero para seu grupo, ela obedeceu.

— Tem certeza de que não há mais?

— Nunca minto, senhor.

— Sei. Então, pegue essas coisas horrorosas, de duas em duas, e vá jogando pela janela.

Houve um suspiro simultâneo, que criou uma rajadazinha de vento, quando desapareceu a última esperança e o petisco foi arrebatado dos seus lábios ansiosos. Rubra de vergonha e raiva, Amy foi de um lado para outro seis pavorosas vezes e, à medida que cada par condenado — com um aspecto tão, ah, tão redondinho, cheio de suco — caía de suas mãos relutantes, um grito vindo da rua completava a angústia das meninas, porque assim tomavam conhecimento de que seu banquete estava sendo aproveitado, com a maior alegria, pelas crianças irlandesas, que eram suas inimigas juradas. Isto — isto era demais; todas lançaram olhares indignados ou suplicantes para o implacável Davis, e uma apaixonada adoradora dos limões-doces explodiu em prantos.

Quando Amy voltou de sua última viagem, o Sr. Davis soltou um portentoso “Hmm!” e falou, com seu jeito mais impressionante:

— Mocinhas, vocês se lembram do que eu disse há uma semana? Lamento muito que isto tenha acontecido, mas jamais permito que minhas normas sejam desobedecidas, e jamais deixo de cumprir minha palavra. Srta. March, estenda a mão.

Amy teve um sobressalto, mas colocou as duas mãos estendidas à sua

frente, virando-se para ele com um olhar suplicante que falava por ela de forma mais eloqüente do que as palavras que não podia pronunciar. Ela era, até certo ponto, uma favorita do “velho Davis” como, claro, ele era chamado, e acredito, particularmente, que ele teria deixado de cumprir sua palavra se a indignação de uma incontrolável senhorita não se manifestasse através de um assobio.

Este assobio, por mais fraco que fosse, irritou o irascível cavalheiro e selou a sorte da culpada.

— Sua mão, Srta. March! — foi a única resposta que recebeu seu mudo apelo; e, orgulhosa demais para chorar ou implorar, Amy cerrou os dentes, jogou a cabeça para trás, num desafio, e suportou sem piscar várias pancadas que arderam na pequena palma de sua mão. Não foram muitas nem dadas com toda força, mas isto não fez diferença para ela. Pela primeira vez em sua vida havia apanhado, e a desgraça, a seus olhos, era tão profunda quanto se ele a derrubasse no chão com uma pancada. — Agora, você vai ficar em pé na plataforma até a hora do recreio — disse Davis, resolvido a levar aquilo até o fim, já que começara.

Isto foi pavoroso. Já teria sido suficientemente terrível voltar para seu lugar e ver os rostos desalentados de suas amigas e os satisfeitos de suas poucas inimigas; mas encarar a escola inteira, tendo acabado de passar por aquela vergonha, parecia impossível e, por um segundo, ela teve a impressão de que

cairia ali mesmo, onde se encontrava, e partiria seu coração de tanto chorar. Um amargo senso de ter errado e a lembrança de Jenny Snow ajudaram-na a suportar aquilo e, ocupando o vergonhoso lugar, ela fixou os olhos no tubo exaustor do fogão, acima do que agora parecia um mar de rostos, e ficou ali em pé, tão imóvel e pálida que as meninas acharam difícil estudar com aquela patética figura diante delas.

Durante os quinze minutos que se seguiram, a orgulhosa e sensível menina sofreu uma vergonha e uma dor que jamais esqueceu. Para outros, poderia parecer um caso risível ou trivial, mas, para ela, era uma experiência dura porque, durante os doze anos de sua vida, fora governada apenas pelo amor e um golpe desse tipo jamais a atingira. O ardor na mão e a dor no coração foram esquecidos diante da pungência do pensamento: “Vou ter de contar isso em casa, e elas ficarão tão desapontadas comigo!”

Os quinze minutos pareceram uma hora, mas se encerraram, afinal, e a palavra “Recreio!” jamais lhe parecera tão bem-vinda.

— Pode ir, Srta. March — disse o Sr. Davis, com um ar constrangido, que era como se sentia.

Ele demorou para esquecer o olhar reprovador que Amy lhe lançou, quando saiu, sem uma palavra para ninguém, direto para a ante-sala, onde agarrou suas coisas e deixou aquele lugar “para sempre”, como resolutamente declarou

a si mesma. Estava num triste estado ao chegar em casa e, quando chegaram as meninas mais velhas, algum tempo depois, foi logo realizada uma reunião para manifestar a indignação de todas. A Sra. March não disse muita coisa, mas parecia perturbada e consolou sua filhinha agoniada da maneira mais carinhosa. Meg banhou a mão insultada com glicerina e lágrimas; Beth achou que nem seus adorados gatinhos serviriam de consolo para dores daquele porte; Jo raivosamente propôs que o Sr. Davis fosse preso sem demora; e Hannah sacudiu o punho fechado para o “malvado” e amassou batatas para o jantar como se fosse ele quem estivesse sob seu pilão.

Ninguém prestou atenção na fuga de Amy, a não ser suas colegas; mas as senhoritas de olhos penetrantes perceberam que o Sr. Davis estava muito benevolente à tarde e, também, particularmente nervoso. Pouco antes de terminarem as aulas, Jo apareceu e, com uma expressão soturna, caminhou até a escrivaninha e entregou uma carta de sua mãe, depois pegou as coisas de Amy e partiu, limpando antes, cuidadosamente, a lama de suas botas no capacho da porta, como se estivesse tirando de seus pés a poeira daquele lugar.

— Sim, você pode tirar umas férias da escola, mas quero que estude um pouquinho todos os dias, com Beth — disse a Sra. March aquela noite. — Não aprovo castigos físicos, principalmente para meninas. Não gosto da maneira

como o Sr. Davis ensina e não creio que as meninas com as quais você se relaciona sejam boa companhia para você; então vou pedir conselhos a seu pai, antes de mandá-la para algum outro lugar.

— Que bom! Queria que todas as meninas fossem embora e acabassem com aquela velha escola dele. É uma loucura pensar em todos aqueles limões-doces tão lindos — suspirou Amy, com um ar de mártir.

— Não lamento que você tenha perdido os limões, porque desobedeceu às normas e merecia algum castigo por sua desobediência — foi a resposta severa, que desapontou um pouco a senhorita, pois ela só esperava palavras de simpatia.

— Quer dizer que está satisfeita por eu ter passado aquela vergonha diante da escola inteira? — gritou Amy.

— Eu não escolheria aquele método para reparar um erro — respondeu sua mãe —, mas também não tenho certeza de que não lhe fará mais bem do que um método mais brando. Você está ficando um tanto convencida, querida, e já é tempo de começar a corrigir isso. Você tem uma porção de pequenos talentos e virtudes, mas não há necessidade de exhibir isso, porque a presunção estraga até o maior gênio. Não existe muito perigo de que o verdadeiro talento ou a excelência sejam ignorados por muito tempo; mesmo que sejam, a consciência de possuir estas qualidades e de usá-las bem deve satisfazer a

pessoa, e o grande encanto de todo poder é a modéstia.

— É isso mesmo! — exclamou Laurie, que jogava xadrez a um canto, com Jo. — Em certa ocasião, conheci uma menina que tinha um talento realmente notável para a música, e ela não sabia, nunca adivinhou como eram doces as coisinhas que compunha, quando estava sozinha, e não acreditaria se alguém lhe dissesse.

— Gostaria de ter conhecido essa menina boazinha; talvez ela me ajudasse, sou tão tola — disse Beth, que estava em pé ao lado dele, ouvindo com a maior atenção.

— Você a conhece e ela a ajuda melhor do que qualquer outra pessoa poderia ajudar — respondeu Laurie, olhando-a com uma intenção tão maliciosa, em seus alegres olhos negros, que Beth, de repente, ficou muito vermelha e escondeu o rosto na almofada do sofá, completamente perturbada por uma descoberta tão inesperada.

Jo deixou Laurie ganhar o jogo, para pagar por aquele elogio a sua Beth, que ninguém conseguiu convencer a tocar para eles depois de receber tal cumprimento. Então, Laurie fez o melhor que pôde e cantou deliciosamente, achando-se num estado de espírito particularmente animado porque, às Marches, ele raramente mostrava o lado caprichoso de seu caráter. Depois que ele foi embora, Amy, que estivera pensativa durante toda a noite, disse de

repente, como se uma nova idéia a dominasse:

— Laurie é um rapaz talentoso?

— Sim, ele teve uma excelente educação e tem muito talento; será um grande homem, se não for estragado pelos mimos — respondeu sua mãe.

— E ele não é convencido, verdade? — perguntou Amy.

— Nem um pouquinho. Por isso é tão encantador e nós todas gostamos tanto dele.

— Sei. É bom ter talento e ser elegante, mas não ficar se exibindo nem cheia de convencimento — disse Amy, pensativamente.

— Essas coisas são sempre observadas e sentidas nas maneiras e na conversa de alguém, se modestamente usadas, mas não é necessário exibi-las

— disse a Sra. March.

— Da mesma forma que não é bom usar todos os seus gorros, trajes e fitas de uma só vez, para as pessoas saberem que você tem tudo isso — acrescentou Jo; e o sermão terminou com risadas.

Capítulo 8

Jo Encontra-se com Apollyon

— Meninas, para onde vão? — perguntou Amy, entrando no quarto delas, uma tarde de sábado, e descobrindo que se aprontavam para sair, com um ar de segredo que despertou sua curiosidade.

— Esqueça isso. Meninas pequenas não devem fazer perguntas — disse Jo, rispidamente.

Ora, se há uma coisa que nos magoa, quando somos jovens, é alguém dizer isso; e ouvir uma ordem do tipo “dê o fora; querida” incomoda ainda mais. Amy empertigou-se toda, diante deste insulto, e decidiu descobrir qual era o segredo, nem que fosse preciso arrelhar as irmãs durante uma hora. Virando-se para Meg, que nunca lhe recusava nada por muito tempo, disse, com um tom persuasivo:

— Ah, diga o que é! Acho que vocês podiam deixar eu ir também, porque Beth está ocupada com seu piano e eu não tenho nada para fazer. Estou tão solitária.

— Não posso, querida, porque você não foi convidada — começou Meg, mas Jo interrompeu, cheia de impaciência.

— Ora, Meg, fique calada, senão estraga tudo. Você não pode ir, Amy, então não se comporte como um bebê nem fique aí se lamentando por causa disso.

— Vocês vão a algum lugar com Laurie, eu sei; estavam cochichando e rindo juntas no sofá, a noite passada, e pararam quando entrei. Não é verdade que vão sair com ele?

— Sim, vamos. E, agora, fique quieta e pare de nos aborrecer.

Amy se conteve e não disse nada, mas usou os olhos e viu Meg colocar um leque no bolso.

— Já sei! Já sei! Vocês vão ao teatro ver os Sete castelos! — exclamou acrescentando resolutamente: — E eu vou, porque mamãe disse que eu podia ver a peça; recebi os trocados que sobraram das despesas e foi uma maldade vocês não me contarem a tempo.

— Escute só um minuto e seja boazinha — disse Meg, com um tom tranquilizador. — Mamãe não quer que você vá esta semana, porque seus olhos ainda não estão suficientemente bem para suportar a luz dessa bela peça. Da próxima vez, você pode ir com Beth e Hannah e se divertir à vontade. — Assim não vou gostar nem a metade do que gostaria se fosse com você e Laurie. Por favor, me deixe ir. Há tanto tempo que estou doente, com este resfriado, trancada aqui, louca para me divertir um pouco. Ah, deixe, Meg! Serei a melhor menina do mundo — suplicou Amy, fazendo seu ar mais patético.

— E se a gente a levasse? Acho que mamãe não se importará, se for bem agasalhada — começou Meg.

— Se ela for, eu não vou; e, se eu não for, Laurie não vai gostar; será uma grosseria, quando ele convidou só nós duas, carregar Amy também. Acho que ela detestaria meter-se onde não foi chamada — disse Jo, com voz de zanga,

porque não gostava da obrigação de tomar conta de uma criança inquieta quando queria divertir-se.

O tom de sua voz e suas maneiras irritaram Amy, que começou a calçar suas botas, dizendo, com seu jeito mais irritante:

— Eu vou; Meg diz que posso; e, se pagar minha entrada, Laurie não tem nada com isso.

— Você não pode sentar-se junto da gente, porque nossos assentos são reservados, e não deve sentar-se sozinha; então, Laurie lhe dará o lugar dele e isto estragará nosso divertimento; ou, então, ele comprará outro lugar para você e não está correto, porque não foi convidada. Acho bom você não dar mais um passo, fique aí quieta — repreendeu Jo, mais aborrecida do que nunca, tendo acabado de furar o dedo, com sua pressa.

Sentada no chão, com uma bota calçada, Amy começou a chorar e Meg a argumentar com ela, quando Laurie chamou de baixo, e então as duas meninas desceram às pressas, deixando a irmã em prantos, porque, de vez em quando, esquecia-se de seus modos de adulta e agia como uma criança mimada. Justamente quando o grupo ia sair, Amy gritou por cima do corrimão, com um tom ameaçador:

— Você vai se arrepender disso, Jo March, pode ter certeza.

— Bobagem! — respondeu Jo, batendo a porta.

Tiveram ótimos momentos, porque Os sete castelos do Lago Diamante era um espetáculo que atendia a todas as expectativas, em termos de brilho e beleza. Mas, apesar dos cômicos diabinhos vermelhos, dos elfos cintilantes e dos lindos príncipes e princesas, o prazer de Jo tinha um toque de amargura: os cachos louros da rainha das fadas faziam com que se lembrasse de Amy e, nos intervalos, ficou imaginando o que faria sua irmã para ela “se arrepender”. Jo e Amy haviam tido muitas brigas inflamadas, no curso de suas vidas, porque as duas eram de temperamento esquentado e tendiam a se mostrar violentas à menor provocação. Amy arreliaava Jo, e Jo irritava Amy, e ocorriam eventuais explosões, das quais ambas muito se envergonhavam depois. Embora fosse mais velha, Jo tinha menos autocontrole e atravessara momentos difíceis, tentando conter o espírito irascível que, continuamente, trazia-lhe problemas; mas sua raiva jamais durava muito e, após confessar com humildade sua falta, arrendia-se sinceramente. Suas irmãs diziam que gostavam de deixar Jo furiosa porque ela se tornava um verdadeiro anjinho, em seguida. A pobre Jo tentava desesperadamente ser boa, mas seu mau gênio quase sempre a derrotava, e foram precisos anos de pacientes esforços para dominá-lo. Quando chegaram em casa, encontraram Amy lendo na sala de visitas. Assumiu um ar de mágoa, quando elas entraram, não levantou uma só vez os olhos do livro nem fez uma só pergunta. Talvez a curiosidade tivesse vencido o

ressentimento, se Beth não estivesse ali para perguntar e receber uma entusiástica descrição da peça. Ao subir para tirar seu melhor chapéu, o primeiro olhar de Jo foi para a escrivaninha, porque, na última briga das duas, Amy dera vazão aos seus sentimentos virando de cabeça para baixo, no chão, a gaveta de cima de Jo. Mas tudo estava em seu devido lugar e, depois de um olhar apressado em seus vários armários, bolsas e caixas, Jo achou que Amy perdoara e se esquecera dos seus erros.

Mas Jo se enganava, porque, no dia seguinte, fez uma descoberta que causou uma tempestade. Meg, Beth e Amy estavam sentadas juntas, no fim da tarde, quando Jo entrou correndo na sala, com um aspecto perturbado e perguntando, sem fôlego:

— Alguém pegou meu livro?

Meg e Beth disseram imediatamente “Não” e fizeram um ar de espanto.

Amy atijou o fogo e nada disse. Jo viu que a irmã corava e voou, no mesmo instante, para cima dela.

— Amy, você pegou o livro!

— Não, não peguei.

— Você sabe onde ele está, então!

— Não, não sei.

— É mentira! — gritou Jo, agarrando-a pelos ombros, com um ar de tanta

raiva que assustaria até uma menina muito mais corajosa do que Amy.

— Não é mentira. Não estou com o livro, não sei onde está agora, e pouco estou ligando.

— Você sabe alguma coisa a respeito do livro, e é bom que me diga imediatamente, senão acabo com você. — E Jo deu-lhe uma sacudidela.

— Pode gritar quanto quiser; nunca mais você verá de novo seu livro idiota

— gritou Amy, enchendo-se de raiva, por sua vez.

— Por que não?

— Queimei o livro.

— O quê! Meu livrinho de que eu gostava tanto, em que tanto trabalhei e que queria terminar, antes de papai voltar? Você queimou mesmo o livro? — perguntou Jo, empalidecendo muito, com os olhos acesos e as mãos nervosamente agarrando Amy.

— Queimei, sim! Eu lhe disse que faria você pagar por se mostrar tão rabugenta, ontem, e fiz mesmo, então...

Amy não continuou, porque o temperamento inflamável de Jo dominou-a e ela sacudiu Amy até os dentes da irmã chacoalharem, enquanto gritava, cheia de dor e raiva:

— Menina malvada, ruim! Nunca mais vou escrever aquele livro e nunca perdorei você até o fim da minha vida.

Meg foi correndo socorrer Amy e Beth fez a mesma coisa para acalmar Jo, que estava completamente fora de si; e, com um tabefe de despedida no ouvido da irmã, saiu correndo da sala e subiu para se instalar no velho sofá, no sótão, terminando sua briga sozinha.

A tempestade se acalmou no andar de baixo, porque a Sra. March chegou em casa e, tendo ouvido a história, logo incutiu em Amy um senso do erro que cometera com a irmã. O livro de Jo era seu grande orgulho e era encarado pela família como uma grande promessa literária em germinação. Consistia em apenas meia dúzia de pequenos contos de fadas, mas Jo trabalhara neles pacientemente, colocando todo seu empenho na tarefa, esperando fazer alguma coisa com nível para publicação. Acabara de copiá-los com grande cuidado e destruíra o antigo manuscrito, de modo que a fogueira de Amy consumira o amoroso trabalho de vários anos. Parecia uma perda pequena para os outros, mas, para Jo, era uma terrível calamidade, e ela sentia que jamais se recuperaria da perda. Beth teve tanta pena quanto teria se um gatinho fugisse, e Meg recusou-se a defender sua irmã preferida; a Sra. March tinha um ar sério e aborrecido, e Amy sentiu que ninguém a amaria até ela pedir perdão pelo ato que agora lamentava mais do que qualquer outro membro da família.

Quando soou a sineta para o chá, Jo apareceu, com um ar tão sombrio e

inabordável que foi preciso toda a coragem de Amy para ela dizer, meigamente:

— Por favor, perdoe-me, Jo, sinto muito, muitíssimo mesmo.

— Não vou perdoar nunca — foi a severa resposta de Jo e, daquele momento em diante, ela ignorou Amy inteiramente.

Ninguém falou do grande problema — nem mesmo a Sra. March — porque todos haviam aprendido, por experiência própria, que, quando Jo se achava naquele estado de espírito, as palavras eram desperdiçadas, e o melhor era esperar até algum pequeno incidente, ou sua própria natureza generosa, abrandar o ressentimento de Jo e acabar com o rompimento de relações. Mas não foi uma noite feliz porque, embora costurassem como de costume, enquanto sua mãe lia alto trechos de Bremer, Scott ou Edgeworth, alguma coisa estava faltando e a doce paz doméstica achava-se perturbada. Sentiram isso mais do que nunca quando chegou a hora de cantar, porque só Beth conseguiu tocar, enquanto Jo permanecia muda como uma pedra e Amy sucumbia, então Meg e a mãe cantaram sozinhas. Mas, apesar de seus esforços para se mostrarem alegres como cotovias, as vozes aflautadas não pareciam harmonizar-se tão bem quanto de hábito, e tudo ficou desafinado. Quando Jo recebeu seu beijo de boa-noite, a Sra. March sussurrou, suavemente:

— Querida, não vá dormir com tanta raiva; perdoem-se uma à outra, ajudem-se, e amanhã você começa tudo de novo.

Jo teve vontade de deitar a cabeça naquele seio maternal e chorar até acabar com sua dor e sua raiva; mas as lágrimas eram uma fraqueza pouco viril e ela se sentia tão profundamente magoada que realmente não podia perdoar ainda. Então piscou com força, sacudiu a cabeça e disse, asperamente, porque Amy estava ouvindo:

— Foi uma coisa horrorosa e ela não merece ser perdoada.

Em seguida, foi para a cama, e aquela noite não houve nenhuma íntima e alegre confiança.

Amy ficou muito ofendida com o fato de suas iniciativas de paz terem sido rejeitadas e começou a desejar não ter se humilhado, a se sentir mais magoada do que nunca, e a se gabar de suas virtudes superiores de uma forma particularmente irritante. Jo ainda estava com uma cara de trovoada, e nada correu bem o dia inteiro. Fazia um frio intenso de manhã; ela deixou cair sua preciosa torta na sarjeta, tia March teve um ataque de nervos, Meg estava pensativa, Beth, com um ar aborrecido e tristonho ao chegar em casa, e Amy não parava de fazer comentários sobre pessoas que viviam falando em ser boas mas nem tentavam, apesar do bom exemplo dado por outras pessoas.

— Todo mundo está tão detestável! Vou pedir a Laurie que me leve para

esquiar. Ele é sempre tão simpático e alegre que me deixará outra vez de bom humor, eu sei — disse Jo, falando consigo mesma, e lá se foi.

Amy ouviu o barulho dos patins e olhou para fora, com uma exclamação de impaciência.

— Vejam só! Ela prometeu que me levaria para esquiar da próxima vez, porque este é o último gelo que vamos ter. Mas não adianta mesmo pedir nada a uma enjoada como ela.

— Não diga isso. Você se comportou muito mal e é difícil perdoar a perda do precioso livrinho dela; mas acho que talvez ela perdoe, agora, se você tentar no momento certo — disse Meg. — Vá atrás deles; não diga nada, até Jo recuperar o bom humor, por causa da companhia de Laurie, e então aproveite um instante tranqüilo e basta dar um beijinho nela, ou fazer alguma outra coisa simpática. Tenho certeza de que ela acaba fazendo as pazes.

— Vou tentar — disse Amy, porque o conselho lhe convinha e, depois de se aprontar às pressas, correu atrás de seus amigos, que acabavam de desaparecer atrás do morro.

A distância até o rio não era muita, mas os dois já estavam preparados para esquiar antes que Amy os alcançasse. Jo a viu aproximar-se e deu-lhe as costas. Laurie não a viu, porque esquiava cuidadosamente ao longo da margem, experimentando o gelo, já que um período de calor precedera a onda

de frio.

— Vou até a primeira curva, ver se está tudo bem, antes de começarmos a pegar velocidade — Amy ouviu-o dizer, enquanto disparava nos esquis, parecendo um jovem russo, com seu casaco e gorro com enfeites de pele. Jo ouviu Amy arquejar, depois de sua corrida, enquanto batia os pés, com força, e assoprava os dedos, tentando calçar seus esquis, mas Jo não se virou para ela, seguiu vagarosamente pelo rio, aos ziguezagues, sentindo uma espécie de amarga satisfação com os problemas da irmã. Alimentara sua raiva, deixando que crescesse ao ponto de dominá-la, como sempre acontece com os maus pensamentos, a menos que sejam imediatamente afastados. Quando Laurie fez a curva, virou-se e gritou:

— Fique perto da margem; não está firme no meio.

Jo ouviu, mas Amy lutava para se equilibrar e não entendeu uma só palavra. Jo deu uma olhada para trás e o pequeno demônio que se instalara dentro dela disse em seu ouvido:

— Não importa se ela ouviu ou não, deixe que cuide de si mesma.

Laurie desaparecera na curva, Jo começava justamente a fazer a volta e Amy, muito atrás, partia em direção ao meio do rio. Durante um minuto, Jo ficou quieta, com um sentimento estranho no coração; depois, resolveu ir adiante, mas algo a deteve e fez com que se virasse, no instante exato em que

pôde ver Amy atirar as mãos para o alto e afundar, com o repentino ruído do gelo podre, o espadanar da água e um grito que fez o coração de Jo imobilizar-se de medo. Tentou chamar Laurie, mas estava sem voz; tentou sair correndo, mas seus pés pareciam sem força; e, por um segundo, só conseguiu ficar petrificada, olhando fixamente, com o rosto cheio de terror, o pequeno capuz azul em cima da água negra. Alguma coisa passou rapidamente por ela e a voz de Laurie gritou:

— Traga uma vara da cerca. Depressa, depressa!

Como fez isso, ela nunca soube; mas, durante os poucos minutos seguintes, ela trabalhou como se estivesse possessa, obedecendo cegamente a Laurie, que se manteve inteiramente calmo e, estirado em cima do gelo, sustentou Amy com o braço e com seu bastão de esquiador, até que Jo veio arrastando uma vara da cerca e, juntos, eles tiraram a criança da água, mais assustada do que machucada.

— Agora, precisamos levar Amy para casa o mais rápido possível; ponha nossas coisas em cima dela, enquanto eu tiro esses malditos esquis — gritou Laurie, envolvendo a menina com seu casaco e lutando para desamarrar as correias dos esquis, que jamais lhe haviam parecido tão emaranhadas.

Tremendo de frio, pingando água e chorando, Amy foi levada para casa pelos dois e, depois de alguns momentos de agitação, adormeceu, enrolada

em cobertores, diante de uma lareira chamejante. Durante toda a confusão, Jo mal falara, limitando-se a correr de um lado para outro, pálida e com um ar transtornado, as roupas quase saindo do corpo, o vestido rasgado e as mãos cortadas e machucadas pelo gelo, pelas varas, por fivelas que não queriam abrir-se. Quando Amy estava confortavelmente adormecida, a casa tranqüila e a Sra. March sentada junto à cama, ela chamou Jo para junto de si e começou a colocar ataduras em suas mãos machucadas.

— Tem certeza de que ela está bem? — sussurrou Jo, olhando cheia de remorsos para a loura cabeça que poderia ter sido arrancada de sua vista para sempre, sob o traiçoeiro gelo.

— Completamente bem, querida. Não está machucada nem vai se resfriar, eu acho; vocês agiram muito bem, cobrindo-a e trazendo-a para casa depressa — respondeu a mãe, alegremente.

— Foi Laurie quem fez tudo. Eu só fiz abandoná-la. Mamãe, se ela tivesse morrido, seria minha culpa.

E Jo deixou-se cair junto da cama, num acesso de lágrimas de arrependimento, contando tudo que acontecera, condenando amargamente a dureza do seu próprio coração e soluçando de gratidão por ter sido poupada do pesado castigo que lhe poderia ter sido infligido.

— É meu gênio terrível! Tento curá-lo; quando penso que consegui, vem

uma recaída pior ainda. Ah, mamãe, que devo fazer? — exclamou a pobre Jo, desesperada.

— Fique atenta, reze, querida, nunca se canse de tentar, e nunca ache que é impossível vencer seu problema — disse a Sra. March, puxando a desgrenhada cabeça para seu ombro e beijando-lhe a face molhada com tanta ternura que Jo chorou mais desesperadamente do que nunca.

— Você não sabe, não pode imaginar como é terrível! Parece que eu seria capaz de fazer qualquer coisa, quando estou zangada; fico tão louca que seria capaz de ferir alguém e gostar. Tenho medo de cometer uma ação horrorosa, algum dia, e estragar minha vida, fazer com que todos me detestem. Ah, mamãe, me ajude, me ajude, por favor!

— Vou ajudar, minha filha, vou ajudar. Não chore tanto, mas lembre-se deste dia, e decida, com todas as forças de sua alma, que jamais viverá outro igual. Jo querida, todos temos nossas tentações, algumas bem maiores do que as suas, e freqüentemente passamos a vida inteira procurando vencê-las. Você acredita que seu gênio é o pior do mundo, mas o meu era exatamente igual.

— O seu, mamãe? Ora, você nunca está zangada!

E, por um instante, com a surpresa, Jo esqueceu-se dos remorsos.

— Passei quarenta anos tentando melhorar e só consegui controlar meu mau gênio. Fico zangada quase todos os dias de minha vida, Jo, mas aprendi a

não demonstrar minha zanga; e ainda espero aprender a não senti-la, mesmo que sejam precisos mais quarenta anos.

A paciência e a humildade do rosto que ela tanto amava foi uma lição melhor para Jo do que o sermão mais sábio ou a mais dura reprimenda. Ela se sentiu imediatamente confortada pela simpatia e pela confiança que lhe eram oferecidas; saber que sua mãe tinha um problema como o seu e tentara resolvê-lo tornou o seu mais fácil de suportar e fortaleceu sua resolução de chegar a um bom termo, embora quarenta anos, aos olhos de uma menina de quinze, parecessem um tempo um tanto longo para estar atenta e rezar.

— Mamãe, será que é por causa da zanga que você, algumas vezes, fecha os lábios com força e sai da sala, quando tia March passa algum cartão, ou as pessoas a aborrecem? — perguntou Jo, sentindo-se mais próxima e mais querida de sua mãe do que nunca.

— Sim, aprendi a conter as palavras apressadas que me sobem aos lábios e, quando sinto que vão irromper contra minha vontade, simplesmente me afasto, por um minuto, e dou em mim mesma uma pequena sacudidela, por ser tão fraca e má — respondeu a Sra. March, com um suspiro e um sorriso, enquanto acariciava e prendia o cabelo despenteado de Jo.

— Como aprendeu a ficar quieta? É isso que me perturba — porque as palavras ásperas saem antes que eu perceba o que estou fazendo, e quanto

mais falo mais zangada vou ficando, até que se torna um prazer magoar as pessoas e dizer coisas terríveis. Me diga como consegue isso, querida mãezinha.

— Minha mãe me ajudava.

— Como você faz conosco — interrompeu Jo, com um beijo agradecido.

— Mas eu a perdi quando era um pouquinho mais velha do que você e, durante anos, tive de lutar sozinha, porque eu era orgulhosa demais para confessar minha fraqueza a qualquer outra pessoa. Passei momentos difíceis, Jo, e derramei muitas lágrimas amargas por causa dos meus defeitos; apesar dos meus esforços, tinha a impressão de que nunca conseguiria superar tudo aquilo. Então, conheci seu pai e minha felicidade foi tanta que achei fácil ser boa. Mas, pouco tempo depois, quando tive quatro filhas pequenas em torno de mim e nos tornamos pobres, o antigo problema recomeçou, porque não sou paciente por natureza, e foi muito duro para mim ver minhas filhas necessitando de tantas coisas.

— Pobre mamãe! E então, o que foi que ajudou você?

— Seu pai, Jo. Ele nunca perde a paciência — nunca duvida nem se queixa —, mas sempre se mostra esperançoso, trabalha e aguarda alegremente, e assim a pessoa se sente envergonhada de agir diante dele de outra forma. Ele me ajudou e consolou, mostrando-me, também, que deve tentar praticar todas

as virtudes que quisesse que minhas filhas possuíssem, porque eu sou seu exemplo. Foi mais fácil tentar por causa de vocês do que por minha própria causa; um olhar de susto ou surpresa de alguma de vocês, quando eu falava asperamente, me servia como reprimenda, muito mais do que quaisquer palavras; e o amor, respeito e confiança de minhas filhas era a recompensa mais doce que eu poderia receber por meus esforços para ser a mulher que gostaria que elas imitassem.

— Ah, mamãe, se eu tivesse metade de sua bondade, estaria satisfeita — exclamou Jo, profundamente tocada.

— Espero que você vá melhorar muito, querida, mas precisa manter-se atenta ao seu “inimigo interior”, como diz o papai, senão ele pode entristecer ou, até mesmo, arruinar sua vida. Você teve um aviso; lembre-se dele e tente, de todo coração, conter esse seu temperamento inflamado antes que ele lhe traga maiores dores e arrependimentos do que você teve hoje.

— Tentarei, mamãe. De verdade. Mas você precisa me ajudar, me lembrar de tudo isso e evitar que eu caia noutra. Algumas vezes eu via papai colocar o dedo em cima dos lábios e olhar para você, tendo no rosto uma expressão muito bondosa, mas séria, e você sempre cerrava os lábios ou se afastava: ele estava advertindo você nessas ocasiões? — perguntou Jo, docemente.

— Estava, sim. Pedi a ele que me ajudasse e ele jamais se esqueceu

disso; com aquele pequeno gesto e seu olhar gentil, evitou que eu dissesse muitas palavras ásperas.

Jo viu que os olhos de sua mãe se enchiam de lágrimas e seus lábios tremiam, enquanto ela falava, e, temendo ter ido muito longe, sussurrou, cheia de ansiedade:

— Será que foi um erro observar você e falar disso? Não pretendia ser grosseira, mas é tão confortável dizer a você tudo que penso e me sentir tão segura e feliz aqui.

— Querida Jo, você pode dizer tudo que quiser a sua mãe, porque minha maior felicidade e orgulho é sentir que minhas meninas confiam em mim e sabem quanto eu as amo.

— Pensei que tinha aborrecido você.

— Não, querida; mas falar de papai lembrou-me da falta que sinto dele, do quanto lhe devo e com quanto zelo devo estar atenta e trabalhar para manter suas filhinhas em segurança e sempre boas meninas, para quando ele voltar.

— Mas você disse a ele que fosse, mamãe, e não chorou quando ele partiu, e agora nunca se queixa nem parece precisar de qualquer ajuda — disse Jo, pensativamente.

— Fiz o melhor que pude para o país que amo e contive minhas lágrimas até ele partir. Por que me queixaria, quando ambos cumprimos apenas nosso

dever e, sem dúvida, no fim seremos mais felizes por isso? Se não pareço precisar de ajuda é porque tenho um amigo, melhor ainda do que o papai, para me confortar e apoiar. Minha filha, os problemas e tentações de sua vida estão começando e podem ser muitos, mas você pode vencê-los a todos e sobreviver a eles, se aprender a sentir a força e a ternura de nosso Pai Celestial, da mesma forma como você sente a de seu pai terreno. Quanto mais o amar e confiar Nele, mais próxima se sentirá Dele e menos dependerá do poder e da sabedoria humanos.

Seu amor e cuidado jamais se cansam ou mudam, jamais podem ser tirados de você; tornam-se fonte de paz, felicidade e força para a vida inteira. Acredite nisso, de todo o coração, e busque a Deus, com todas as suas pequenas preocupações, esperanças, pecados e dores, de forma tão livre e confiante como você vem em busca de sua mãe.

A única resposta de Jo foi abraçar com força sua mãe e, no silêncio que se seguiu, a prece mais sincera que ela já fizera saiu de seu coração, sem palavras; porque, naquela hora triste, mas também feliz, ela aprendeu não apenas a amargura do remorso e do desespero, mas também a doçura da renúncia e do autocontrole; e, conduzida pela mão de sua mãe, chegou mais perto do Amigo que acolhe todas as crianças com um amor mais forte do que o de qualquer pai, mais terno do que o de qualquer mãe.

Amy agitou-se e suspirou, dormindo e, como se estivesse ansiosa para começar imediatamente a consertar seu erro, Jo olhou-a, estampando no rosto uma expressão que jamais tivera.

— Dormi com minha raiva; não quis perdoá-la e, hoje, se não fosse Laurie, poderia ter sido tarde demais! Como pude ser tão má? — disse Jo, num tom de voz audível, enquanto se inclinava sobre sua irmã acariciando-lhe de leve os cabelos molhados, espalhados em cima do travesseiro.

Ouvindo isso, Amy abriu os olhos e estendeu os braços, com um sorriso que foi diretamente ao coração de Jo. Nenhuma das duas disse uma só palavra, mas se abraçaram com força, apesar dos cobertores, e tudo foi perdoado e esquecido com um beijo caloroso.

Capítulo 9

Meg Vai à Feira das Vaidades

— Acho que foi a melhor coisa do mundo essas crianças terem sarampo exatamente agora — disse Meg, num dia de abril, fazendo a mala, em seu quarto, rodeada pelas irmãs.

— E que bom Annie Moffat não se esquecer de sua promessa. Duas semanas de férias, que maravilha — disse Jo, parecendo um moinho de vento, enquanto dobrava saias, com seus braços compridos.

— E o tempo está ótimo, fico muito satisfeita com isso — acrescentou Beth,

arrumando, cuidadosamente, fitas para o pescoço e para os cabelos dentro de sua caixa mais bonita, emprestada para a grande ocasião.

— Como eu gostaria de me divertir tanto e de usar todas essas coisas bonitas — disse Amy, com a boca cheia de alfinetes, reabastecendo, artisticamente, a almofada de sua irmã.

— Gostaria que todas vocês fossem, mas, como não podem, vou viver minhas aventuras e conto tudo, nos menores detalhes, quando voltar. É o mínimo que posso fazer, quando vocês foram tão boazinhas, emprestando coisas e me ajudando nos preparativos — disse Meg, dando uma olhada pelo quarto e examinando o enxoval muito simples, que elas achavam quase perfeito.

— Que foi que mamãe tirou da caixa dos tesouros e lhe deu? — perguntou Amy, que não estivera presente à abertura de uma certa arca de cedro, na qual a Sra. March guardava algumas relíquias do antigo esplendor, como presentes para suas filhas, quando chegasse o momento adequado.

— Um par de meias de seda, aquele lindo leque entalhado e uma faixa azul muito bonita. Eu queria o vestido de seda cor-de-violeta, mas não deu tempo para uma reforma e, assim, tenho de me contentar com meu velho vestido de tarlatana.

— Ficaré bonito por cima de minha saia nova de musselina, e a faixa vai

dar um realce. Gostaria de não ter quebrado minha pulseira de coral, você poderia levá-la — disse Jo, que adorava dar e emprestar, mas cujas posses eram, em geral, estragadas demais para serem úteis.

— Há um lindo broche de pérolas antigo na caixa dos tesouros, mas mamãe acha que flores de verdade são o enfeite mais bonito para uma mocinha, e Laurie prometeu mandar tudo que eu quisesse — falou Meg. — Agora, vejamos, há meu novo costume esporte cinzento — encurve a pena do meu chapéu, Beth — e o vestido de popelina para o domingo e para a festinha — parece um tanto pesado demais para a primavera, não? O de seda cor-de-violeta ficaria tão bonito, ah, se ficaria!

— Não se preocupe, você tem o vestido de tarlatana para a grande festa, e você fica sempre parecendo um anjo, de branco — disse Amy, olhando pensativamente para o pequeno estoque de roupas e enfeites, com o qual sua alma tanto se deleitava.

— Não é decotado e a saia não tem muito pano, mas terá de servir. Meu vestido caseiro azul está com um aspecto tão bom, depois de reformado, e com novos enfeites, que tenho a impressão de que é novo. Meu casaco solto de seda não está nem um pouquinho na moda e meu gorro não se parece de forma nenhuma com o de Sallie; não quis dizer nada, mas fiquei muito desapontada com minha sombrinha. Eu disse a mamãe que queria preta, com

o cabo branco, mas ela se esqueceu e comprou uma verde, com um cabo amarelado. É forte e bem-feita, eu não devia me queixar, mas sei que vou ficar envergonhada dela, ao lado de Annie, que tem uma de seda, com o acabamento da parte de cima dourado — suspirou Meg, examinando com grande desagrado a pequena sombrinha.

— Troque — aconselhou Jo.

— Seria uma grande tolice e talvez magoasse mãezinha, que se esforçou tanto para me dar o possível. É uma idiotice minha e vou tirar isso da cabeça. Meu consolo são minhas meias de seda e dois pares de luvas novas. Você é um amor de me emprestar a sua, Jo. Me sinto tão rica, e até mesmo elegante, com dois pares novos, além das velhas, limpas, para o dia-a-dia.

E Meg reanimou-se dando uma olhada em sua caixa de luvas.

— Annie Moffat tem laços azuis e cor-de-rosa em suas toucas de dormir; será que você colocaria alguns nas minhas? — perguntou, enquanto Beth trazia uma pilha de alvas musselinas, recém-saídas das mãos de Hannah.

— Se fosse eu, não faria isso; toucas elegantes não vão combinar com as camisolas simples, sem nenhum enfeite. Pessoas pobres não devem exagerar nos enfeites — disse Jo, com um tom decidido.

— Fico imaginando se, algum dia, serei feliz o bastante para ter renda de verdade em minhas roupas e laços em minhas toucas — disse Meg, com

impaciência.

— Você disse, outro dia, que ficaria inteiramente feliz se fosse à casa de Annie Moffat, que bastava isso — comentou Beth, com seu jeito tranqüilo.

— Disse mesmo! E estou feliz, não vou me queixar, mas parece que, quanto mais a gente consegue, mais a gente quer, não é? Bom, está tudo arrumado dentro da mala, só falta meu vestido de baile, que vou deixar para mamãe colocar — disse Meg, alegrando-se, enquanto examinava o baú quase cheio e o vestido branco de tarlatana, muitas vezes passado a ferro e consertado, e que ela chamava de “vestido de baile”, com um ar de importância.

O dia seguinte foi de bom tempo, e Meg partiu em grande estilo para duas semanas de novidades e divertimentos. A Sra. March consentira na visita com certa relutância, temendo que Meg voltasse mais descontente do que na partida. Mas ela implorara tanto, Sallie prometera tomar conta dela direitinho e um pouco de prazer parecia tão bom, depois de um inverno de trabalho cansativo, que a mãe acabou cedendo e a filha foi provar, pela primeira vez, um gostinho de vida elegante.

Os Moffats eram, de fato, muito elegantes, e a modesta Meg ficou um tanto intimidada, de início, pelo esplendor da casa e pelos ares requintados dos seus ocupantes. Mas eram pessoas bondosas, apesar da vida frívola que levavam, e

logo colocaram sua hóspede à vontade. Talvez Meg sentisse, sem entender o motivo, que não eram pessoas particularmente cultas ou inteligentes, e que todo o seu brilho mundano não conseguia disfarçar o material comum de que eram feitos. Claro que era agradável comer maravilhosamente, andar numa bela carruagem, usar o melhor vestido todos os dias e não fazer nada além de se divertir. Aquilo era exatamente o que ela queria, e começou, imediatamente, a imitar as maneiras e a conversa das pessoas que a cercavam, a assumir certos ares e trejeitos, a usar expressões francesas, frisar o cabelo, encurtar os vestidos e falar de moda da melhor maneira que podia. Quanto mais via as lindas coisas de Annie Moffat, mais a invejava e suspirava de vontade de ser rica. Sua casa, agora, parecia-lhe nua e lúgubre, quando pensava nela, achava seu trabalho mais duro do que nunca e sentia que era uma moça muito carente e infeliz, apesar das luvas novas e das meias de seda.

Mas não tinha muito tempo para lamentações, porque as três mocinhas estavam ocupadíssimas em “aproveitar ao máximo”. Iam às lojas, passeavam a pé ou de carruagem e faziam visitas o dia inteiro, além de comparecerem ao teatro, à ópera ou organizarem divertidas reuniões em casa, à noite. Annie tinha muitos amigos e sabia recebê-los. Suas irmãs mais velhas eram jovens damas muito educadas e uma delas estava noiva, o que era muito interessante e romântico, achava Meg. O Sr. Moffat, era um gordo e jovial velho cavalheiro,

que conhecia seu pai, e a Sra. Moffat, uma gorda e jovial velha senhora, se encantara tanto com Meg quanto sua filha. Todos a mimavam e “Daisy”, como a chamavam, já estava com a cabeça meio virada.

Quando chegou a noite da “festinha”, achou que seu vestido de popelina não serviria, de jeito nenhum, porque as outras mocinhas vestiam-se com roupas leves e se preparavam com a maior elegância. Então, pegou o vestido de tarlatana, que parecia mais velho, amarrotado e surrado do que nunca, junto do engomado vestido novo de Sallie. Meg viu suas amigas olharem para seu vestido e se entreolharem, e suas faces começaram a arder porque, apesar de toda sua meiguice, ela era muito orgulhosa. Ninguém disse uma só palavra a respeito, mas Sallie ofereceu-se para lhe pentear o cabelo, Annie para amarrar sua faixa e Belle, a irmã que estava noiva, elogiou seus braços alvos; mas, na bondade delas, Meg viu apenas piedade por sua pobreza e, de repente, sentiu um grande peso no coração, enquanto as outras riam, conversavam e corriam de um lado para outro, como diáfanas borboletas. O sentimento penoso e amargo foi ficando cada vez mais intenso, mas então a criada apareceu com uma caixa de flores. Antes que ela pudesse falar, Annie tirou a tampa e todas irromperam em exclamações diante das lindas rosas, com urzes e samambaias que as acompanhavam.

— São para Belle, claro, George sempre lhe manda algumas, mas essas

são deslumbrantes — exclamou Annie, cheirando as flores.

— São para a Srta. March, foi o que disse o portador. E aqui está um bilhete — interveio a criada, entregando-o a Meg.

— Que beleza! E quem mandou? Não sabia que você tinha um namorado

— exclamaram as mocinhas, agitando-se em torno de Meg, num estado de grande curiosidade e surpresa.

— O bilhete é de mamãe e as flores foi Laurie quem mandou — disse Meg, com simplicidade, mas muito satisfeita por ele não a ter esquecido.

— Ah, veja só! — disse Annie, com uma expressão engraçada, enquanto Meg enfiava o bilhete no bolso, como uma espécie de talismã contra a inveja, a vaidade e o falso orgulho, porque aquelas poucas palavras amorosas lhe haviam feito bem e as flores alegraram-na, com sua beleza.

Sentindo-se de novo quase feliz, separou algumas avencas e rosas para si mesma e, rapidamente, juntou o resto das flores em buquês delicados para o busto, cabelos ou saias de suas amigas, oferecendo-os com tanta gentileza que Clara, a irmã mais velha, disse-lhe que ela era “a coisinha mais doce que já vira” e todas pareceram completamente encantadas com sua pequena atenção. De alguma forma, o ato generoso acabou com seu abatimento; e, quando todo o resto das meninas foi mostrar-se à Sra. Moffat, ela viu no espelho um rosto feliz, de olhos brilhantes, ao prender as avencas em seus

cabelos ondulados e as rosas no vestido que, agora, não lhe pareceu mais tão surrado assim.

Divertiu-se muito, naquela noite, porque dançou quanto quis; todos foram muito gentis e ela recebeu três cumprimentos. Annie a fez cantar e alguém disse que sua voz era notavelmente bonita. O Major Lincoln perguntou quem era “a menina tão simpática, com aqueles olhos lindos”, e o Sr. Moffat insistiu em dançar com ela, porque “não se cansava nunca e parecia a encarnação da primavera”, como disse, graciosamente. Então, sentiu-se bem satisfeita, até que ouviu, pelo alto, trechos de uma conversa que a perturbou muitíssimo.

Estava sentada dentro da estufa, esperando que seu par lhe trouxesse um sorvete, quando escutou uma voz perguntando, do outro lado da parede florida:

— Quantos anos ele tem?

— Acho que dezesseis ou dezessete — respondeu outra voz.

— Seria uma maravilha para uma dessas meninas, não? Sallie diz que, agora, são muito íntimos e o velho é louco por elas.

— A Sra. M. fez seus planos, arrisco dizer, e fará bem o seu jogo, embora ainda seja cedo. A menina, evidentemente, não tem ainda essas idéias — disse a Sra. Moffat.

— Ela contou aquela mentirinha sobre sua mãe, como se entendesse tudo, e corou quando as flores chegaram, tão bonitas. Coitadinha! Ficaria tão linda,

se tivesse certa distinção. Acha que ficará ofendida se lhe oferecermos um vestido emprestado para a quinta-feira? — perguntou outra voz.

— Ela é orgulhosa, mas não creio que se importe, porque aquele desalinhado vestido de tarlatana é o único que ela tem. Talvez o rasgue, esta noite, e será uma boa desculpa para lhe oferecer outro, decente.

— Veremos. Vou convidar o jovem Laurence, como uma gentileza para com ela, e depois nos divertiremos comentando tudo.

Neste ponto, apareceu o par de Meg e a encontrou corada e bastante agitada. Ela era mesmo orgulhosa, e seu orgulho foi útil, naquele momento, porque a ajudou a esconder sua mortificação, raiva e desgosto pelo que acabara de ouvir; por mais inocente e confiante que fosse, não poderia deixar de entender o mexerico de suas amigas. Tentou esquecê-lo, mas não conseguiu, e repetia, incessantemente, para si mesma: “A Sra. M. fez seus planos”, “aquela mentirinha sobre a mãe dela” e “desalinhado vestido de tarlatana”, até se sentir prestes a chorar e a voltar correndo para casa, a fim de contar seus problemas e pedir conselhos. Como isso era impossível, ela fez o que pôde para parecer alegre e, estando um tanto agitada, conseguiu tão bem que ninguém adivinhou o esforço que fazia. Ficou muito alegre quando tudo terminou e pôde ficar quieta em sua cama, onde pensou, meditou e se enraiveceu até sua cabeça doer e algumas lágrimas sinceras refrescarem-lhe

as faces em chamas. Aquelas palavras tolas, embora bem-intencionadas, haviam aberto um novo mundo para Meg e perturbado completamente a paz do antigo, no qual até então ela vivera, feliz como uma criança. Sua amizade inocente com Laurie foi estragada pelos comentários idiotas que ouvira; sua fé em sua mãe ficou um pouco abalada com os planos mundanos a ela atribuídos pela Sra. Moffat, que julgava os outros por si mesma; e a sensata resolução de se contentar com o guarda-roupa simples, adequado à filha de um homem pobre, foi enfraquecida pela desnecessária piedade das moças, que consideravam um vestido surrado uma das maiores calamidades deste mundo. A pobre Meg teve uma noite cheia de inquietação e acordou com os olhos inchados, infeliz, um tanto ressentida com suas amigas e meio envergonhada de si mesma, por não falar francamente sobre tudo aquilo e consertar as coisas. Todos dormiram demais, aquela manhã, e só a partir do meio-dia as meninas encontraram energia suficiente para retomarem seu trabalho de tecelagem. Alguma coisa, no jeito de suas amigas, chamou imediatamente a atenção de Meg: tratavam-na com mais respeito, pensou ela, interessavam-se carinhosamente pelo que dizia e a olhavam com olhos que traíam, claramente, a curiosidade de todas. Tudo isso a surpreendeu e lisonjeou, embora não entendesse o que se passava, até a Srta. Belle levantar os olhos de sua escrita e dizer, com um ar sentimental:

— Daisy, querida, mandei um convite para seu amigo, Sr. Laurence, para a quinta-feira. Gostaríamos de conhecê-lo e esta é uma gentileza que você merece.

Meg corou, mas uma maliciosa fantasia, de arreliar as meninas, fez com que respondesse, recatadamente:

— Vocês são muito gentis, mas não creio que ele venha.

— Por que não, chérie? — perguntou a Srta. Belle.

— Ele é velho demais.

— Minha filha, que quer dizer? Qual é a idade dele, faça o favor de me dizer! — exclamou Clara.

— Quase setenta, eu acho — respondeu Meg, contando os pontos para disfarçar o divertimento que transparecia em seus olhos.

— Criatura sonsa! Claro que estamos falando do rapaz — exclamou a Srta. Belle, rindo.

— Não existe rapaz nenhum, Laurie é apenas um menino.

E Meg também riu, vendo o olhar estranho que as irmãs trocaram, quando ela assim descreveu seu suposto namorado.

— Mais ou menos de sua idade — disse Nan.

— Mais próximo de minha irmã Jo, eu faço dezessete em agosto — replicou Meg, sacudindo a cabeça.

— Muito gentil da parte dele mandar flores para você, não? — disse Annie, com um ar vagamente matreiro.

— Sim, ele faz isso muitas vezes, manda flores para todas nós, a casa deles está cheia e nós gostamos tanto. Minha mãe e o velho Sr. Laurence são amigos, sabe, então é muito natural nós, as crianças, brincarmos juntos.

E Meg esperou que não dissessem mais nada.

— É evidente que Daisy ainda não tem vida social — disse a Srta. Clara a Belle, com um aceno de cabeça.

— Um estado de completa inocência pastoral por toda parte — tornou a falar Belle, com um encolher de ombros.

— Vou sair e fazer umas compras para minhas filhas; será que precisam de alguma coisa que eu possa trazer, senhoritas? — perguntou a Sra. Moffat, entrando pesadamente, como um elefante vestido de seda e renda.

— Não, obrigada, senhora — respondeu Sallie. — Tenho meu vestido novo de seda cor-de-rosa para usar na quinta-feira e não preciso de nada.

— Nem eu — começou Meg, mas parou, porque lhe ocorreu que precisava, realmente, de várias coisas e não podia tê-las.

— O que você vai vestir? — perguntou Sallie.

— Meu velho vestido branco outra vez, se conseguir consertá-lo para poder ser usado; rasgou-se muito a noite passada — disse Meg, tentando falar com

naturalidade, mas sentindo-se constrangida.

— Por que não manda buscar outro, em casa? — perguntou Sallie, que não era uma moça observadora.

— Não tenho mais nenhum. — Meg precisou fazer um esforço para dizer isso, mas Sallie não viu e exclamou, com um tom de surpresa amável:

— Só aquele? Mas que estranho...

Mas não terminou seu discurso, porque Belle sacudiu a cabeça e a interrompeu, dizendo gentilmente:

— De forma nenhuma; de que adianta ter uma porção de vestidos quando ela ainda não vai para parte alguma? Não precisa, de forma nenhuma, mandar buscar nada em casa, Daisy, mesmo que tivesse uma dúzia, porque tenho um vestido de seda azul, num tom muito bonito, que está guardado, sem uso, porque cresci demais e ele não cabe mais em mim; você vai usá-lo, para me dar essa satisfação, não é, querida?

— Você é muito gentil, mas não me importo de usar meu velho vestido, se você também não se importa está bastante bom para uma menina como eu — disse Meg.

— Deixe que eu tenha o prazer de vestir você com toda a elegância. Gosto de fazer isso e você ficaria uma belezinha, com alguns pequenos retoques.

Não vou deixar que ninguém a veja, até ficar pronta, e então apareceremos de

repente, como Cinderela e sua madrinha indo para o baile — disse Belle, com seu tom de voz persuasivo.

Meg não pôde recusar a oferta feita tão generosamente e o desejo de ver se ficaria mesmo “uma belezinha”, depois de alguns retoques, fez com que se esquecesse de todos os desconfortáveis sentimentos anteriores com relação aos Moffats.

Na quinta-feira à noite, Belle trancou-se com sua criada e as duas, trabalhando juntas, transformaram Meg numa dama elegante. Ondularam e cachearam seus cabelos, lustraram seu pescoço e braços com um pó perfumado, puseram em seus lábios um toque de pomada coralina, para torná-los mais vermelhos, e Hortense teria acrescentado “um soupçon de rouge”, se Meg não se rebelasse. Amarraram-na num vestido azul-celeste tão apertado que ela mal podia respirar e tão decotado que a recatada Meg corou ao se ver no espelho. Foi acrescentado um conjunto de filigrana de prata, incluindo pulseiras, colar, broche e até mesmo brincos, porque Hortense os prendeu com um pedacinho invisível de seda cor-de-rosa. Um ramalhete de botões de rosa-chá, no busto, e um rufo reconciliaram Meg com a idéia de exhibir seus bonitos ombros brancos, e um par de botas de seda azul satisfez o derradeiro desejo do seu coração. Um lenço de renda, um leque de plumas e um buquê, num pegador de prata, e ela estava inteiramente pronta. A Srta. Belle examinou-a

com a satisfação de uma menininha com uma boneca de vestido novo.

— Mademoiselle está charmante, très jolie, não? — exclamou Hortense, juntando as mãos num êxtase afetado.

— Venha exhibir-se — disse a Srta. Belle, conduzindo-a para a sala onde os outros estavam à espera.

Quando Meg entrou atrás dela, farfalhante, com sua saia comprida arrastando-se, os brincos a tilintarem, os cachos balançando-se e seu coração batendo forte, sentiu-se como se o “divertimento” tivesse começado, afinal, porque o espelho, claramente, dissera-lhe que ela estava mesmo “uma belezinha”. Suas amigas repetiram, entusiasticamente, a frase amável e, durante vários minutos, ela ficou ali, como a gralha da fábula, gozando suas plumas emprestadas, enquanto o resto falava como um bando de pegas.

— Enquanto me visto, você explica a ela, Nan, como segurar a saia e andar com esses saltos franceses, se não ela tropeça e cai. Pegue sua borboleta de prata e prenda aquele cacho comprido do lado esquerdo da cabeça dela, Clara, e que nenhuma de vocês perturbe o trabalho encantador das minhas mãos — disse Belle, enquanto saía às pressas, com um ar muito satisfeito pelo seu sucesso.

— Estou com medo de descer, sinto-me tão estranha e dura, e meio despida... — disse Meg a Sallie, quando a campainha tocou e a Sra. Moffat

mandou dizer às moças que aparecessem imediatamente.

— Você não está nada parecida consigo mesma, mas está muito bonita.

Nem chego perto de você, porque Belle tem muito gosto e fez você ficar igualzinha a uma francesa, garanto. Deixe suas flores penderem, não se preocupe tanto com elas e tenha cuidado para não tropeçar — respondeu Sallie, tentando não se importar com o fato de que Meg estava mais bonita do que ela própria.

Lembrando-se da advertência, Meg chegou a salvo no andar de baixo e seguiu majestosamente para a sala de visitas, onde os Moffats e alguns convidados estavam reunidos. Logo descobriu que existe um encanto nas roupas finas que atrai certo tipo de pessoa e assegura seu respeito. Várias moças que, anteriormente, não lhe haviam dado a menor atenção, mostraram-se de repente muito afetuosas; e vários jovens cavalheiros que se limitaram a olhá-la, agora não apenas a olhavam, mas pediam para lhe serem apresentados e diziam a Meg todo tipo de coisas tolas, mas agradáveis; e várias senhoras de idade, que ficavam sentadas em sofás comentando tudo que se passava na festa, perguntaram quem ela era, com um ar de interesse. Ouviu a Sra. Moffat responder a uma dessas senhoras nos seguintes termos: — É Daisy March — filha de um coronel do exército —, uma das nossas melhores famílias, mas houve reveses, sabe; amigos íntimos dos Laurences; é

uma criatura muito doce, eu lhe garanto; meu Ned está louco por ela.

— Ah, mas que interessante! — disse a velha senhora, colocando seu monóculo para tornar a observar Meg, que tentou fazer um ar de quem não tinha ouvido e não demonstrar que tinha levado um certo choque com as lorotas da Sra. Moffat.

A “sensação esquisita” não desapareceu, mas ela imaginou a si mesma desempenhando o novo papel de dama elegante, e conseguiu muito bem, embora o vestido apertado lhe causasse uma dor do lado e ela não parasse de pisar na cauda, além de estar com um medo constante de que os brincos caíssem e se perdessem, ou quebrassem. Brincava com seu leque e ria com as insossas piadas de um jovem cavalheiro que tentava ser espirituoso quando, repentinamente, parou de rir e ficou com um ar perplexo porque, bem diante dela, viu Laurie. Ele a olhava com indisfarçável surpresa e também desaprovação, pensou ela, porque algo nos olhos honestos do rapaz, embora ele fizesse uma curvatura e sorrisse, fez com que corasse e desejasse estar com seu velho vestido. Para completar sua perturbação, viu Belle cutucar Annie e as duas olharem para ela e para Laurie que, satisfeito por vê-la, parecia mais infantil e tímido do que nunca.

“Criaturas tolas, colocar esses pensamentos em minha cabeça. Não vou dar importância a isso, nem deixar que me modifiquem, de forma nenhuma”,

pensou Meg, e atravessou farfalhando a sala para apertar a mão do amigo.

— Estou satisfeita de que tenha vindo, estava com medo de que não viesse

— disse ela, com seu ar mais adulto.

— Jo quis que eu viesse e lhe contasse como você estava, então vim —

respondeu Laurie, sem olhar na direção dela, embora tivesse um meio-sorriso, por causa do seu tom maternal.

— Que vai dizer a ela? — perguntou Meg, cheia de curiosidade para saber a opinião que ele tinha a seu respeito, embora sentindo-se constrangida diante de Laurie pela primeira vez.

— Vou dizer que não a conheci, porque você parece tão adulta e diferente de si mesma que estou com medo de você — disse ele, mexendo no botão de sua luva.

— Mas que bobagem! As meninas me aprontaram, para se divertirem, e eu até gostei. Jo não ficaria espantada se me visse? — perguntou Meg, tentando fazer com que ele dissesse se a achava melhor assim, ou não.

— Sim, acho que ela ficaria — respondeu Laurie, com seriedade.

— Você não gosta de mim como estou? — perguntou Meg.

— Não, não gosto — foi a rude resposta.

— Por que não? — O tom da voz dela era de ansiedade.

Ele olhou para o seu cabelo frisado, ombros nus e vestido fantasticamente

enfeitado com uma expressão que a desconcertou ainda mais do que sua resposta, sem uma só partícula de sua habitual cortesia.

— Não gosto de espalhafato.

Isso era demais para um rapaz mais novo do que ela, e Meg se afastou, dizendo com petulância:

— Você é o rapaz mais grosseiro que já vi.

Sentindo-se muito perturbada, ela foi para junto de uma janela tranqüila, a fim de refrescar as faces, porque o vestido apertado lhe dava uma cor desconfortavelmente viva. Enquanto estava ali em pé, o Major Lincoln passou por perto e, um minuto depois, ela o ouviu dizendo à mãe dele:

— Estão fazendo aquela menina de tola; queria que você a visse, mas elas a estragaram inteiramente; esta noite, está parecendo apenas uma boneca.

— Deus do céu! — suspirou Meg. — Como gostaria de ter sido sensata e usado minhas próprias coisas, assim não teria desagradado outras pessoas nem me sentido tão desconfortável e envergonhada de mim mesma.

Encostou a testa na fria vidraça e ficou meio escondida pelas cortinas, sem se importar que sua valsa favorita tivesse começado, até que alguém a tocou; e, virando-se, ela viu Laurie, com um ar arrependido, enquanto dizia, com sua mais caprichada curvatura e a mão estendida:

— Por favor, desculpe minha grosseria e venha dançar comigo.

— Estou com medo que vá ser desagradável demais para você — disse Meg, tentando parecer ofendida, mas sem conseguir.

— Nem um pouco. Estou louco para isso. Venha, vou ser gentil. Não gosto do seu vestido, mas acho realmente que você está... simplesmente maravilhosa.

E ele acenou com as mãos, como se as palavras não conseguissem expressar sua admiração.

Meg sorriu e cedeu, sussurrando depois, enquanto esperavam, ali em pé, até pegarem o ritmo:

— Cuidado para minha saia não fazer você tropeçar; é um horror e fui uma idiota em usar isso.

— Prenda em redor do pescoço e assim ficará confortável — disse Laurie, olhando para as botinhas azuis que ele, evidentemente, aprovava.

E lá foram eles, velozes e graciosos, porque sabiam dançar juntos, tendo praticado em casa, e o alegre par de jovens era agradável de ver, rodopiando animadamente, vezes sem conta, mais afetuosos do que nunca, depois do pequeno ar-rufo.

— Laurie, quero que me faça um favor, sim? — disse Meg, enquanto ele a abanava, pois ela perdeu rapidamente o fôlego, sem saber o motivo.

— Como não! — disse Laurie, jovialmente.

— Por favor, não conte a ninguém, lá em casa, sobre o vestido que estou usando esta noite. Não entenderiam a brincadeira e mamãe ficaria preocupada.

— Então, por que fez isso? — perguntaram os olhos de Laurie, tão claramente que Meg acrescentou, depressa:

— Vou contar tudo pessoalmente e direi a mamãe como fui tola. Mas prefiro fazer isso eu mesma; então, não diga, está bem?

— Dou minha palavra que não, mas o que direi quando me perguntarem?

— Diga apenas que eu estava muito bem e me divertindo.

— Direi a primeira parte com toda a sinceridade, mas e a segunda? Você não parece estar se divertindo. Está?

E Laurie a olhou com uma expressão que fez Meg responder, num sussurro:

— Não, neste momento, não. Não pense que sou terrível. Só queria um pouco de divertimento, mas deste tipo não vale a pena, eu acho, e estou ficando cansada disso.

— Aí vem Ned Moffat; o que quer ele? — perguntou Laurie, franzindo suas sobrancelhas negras como se não considerasse o jovem anfitrião uma presença bem-vinda.

— Ele colocou seu nome para três danças comigo e acho que vem por causa disso. Que amolação! — disse Meg, assumindo um ar lânguido que

divertiu imensamente Laurie.

Não tornou a falar com ela até a hora do jantar, quando a viu bebendo champanha com Ned e seu amigo Fisher, que se comportavam como “uma dupla de idiotas”, como disse Laurie para si mesmo, porque sentia uma espécie de direito fraterno de tomar conta das Marches e defendê-las sempre que um defensor se fizesse necessário.

— Você vai ter uma dor de cabeça terrível amanhã, se beber muito. Se fosse você, eu não beberia, Meg, sua mãe não gosta, você sabe — sussurrou ele, inclinando-se por sobre sua cadeira, enquanto Ned se virava para tornar a encher a taça de Meg e Fisher se curvava para pegar seu leque.

— Não sou Meg, esta noite, sou uma “boneca” que faz todo tipo de maluquices. Amanhã, não estarei mais tão “espalhafatosa” e serei outra vez desesperadamente boa — respondeu ela, com uma risadinha afetada.

— Então, eu queria que já fosse amanhã — murmurou Laurie, afastando-se, aborrecido com a mudança que percebeu nela.

Meg dançou e flertou, conversou à vontade e deu risadinhas, como as outras meninas; depois do jantar, participou do cotilhão de forma um tanto desajeitada, quase perturbando seu par com sua saia comprida e movimentando-se com uma exuberância que scandalizou Laurie, que a observava pensando num sermão para lhe passar depois. Mas não teve

nenhuma oportunidade de falar com ela, porque Meg manteve-se afastada dele, até que Laurie veio despedir-se.

— Lembre-se daquilo — disse ela, tentando sorrir, porque a terrível dor de cabeça já começara.

— Silence à la mort! — respondeu Laurie, com um floreio melodramático, enquanto ia embora.

Este pequeno aparte despertou a curiosidade de Annie, mas Meg estava cansada demais para fofocas e foi para a cama, sentindo-se como se tivesse participado de uma mascarada e o divertimento não fosse tão grande quanto esperara. Ficou enjoada o dia seguinte inteiro e, no sábado, voltou para casa completamente exausta, depois de suas duas semanas de folia, e com a impressão de que já bastava de tanto luxo.

— Estou achando bom ficar sossegada, em vez de ter de me comportar com uma elegância forçada o tempo inteiro. Nossa casa é um bom lugar, mesmo não sendo nenhuma maravilha — disse Meg, olhando em torno, com uma expressão tranqüila, sentada ao lado de sua mãe e de Jo, no sábado à noite.

— Fico contente de ouvir você dizer isso, querida, porque estava com medo de que você achasse sua casa monótona e pobre, depois de viver no meio de tanto luxo — disse sua mãe, que lhe lançara muitos olhares ansiosos aquele

dia; porque os olhos maternos descobrem rapidamente qualquer mudança no rosto dos filhos.

Meg contara suas aventuras alegremente e dissera, repetidas vezes, que tivera ótimos momentos, mas alguma coisa parecia pesar-lhe e, quando as meninas mais novas foram para a cama, ela ficou sentada, pensativamente, a olhar o fogo, quase sem falar e com um ar preocupado. Quando o relógio bateu as nove horas e Jo propôs que fossem dormir, Meg saiu de repente de sua cadeira e, sentando-se no banquinho de Beth, apoiou os cotovelos no joelho da mãe e disse, corajosamente:

— Mãezinha, tenho uma coisa para confessar.

— Eu estava com essa impressão. Que é, querida?

— Quer que eu saia? — perguntou Jo, discretamente.

— Claro que não. Não conto sempre tudo a você? Estava envergonhada de falar na frente das meninas, mas quero que você saiba de todas as coisas terríveis que fiz na casa dos Moffats.

— Estamos preparadas — disse a Sra. March, sorrindo, mas com um ar algo ansioso.

— Contei a vocês que eles me vestiram, mas não expliquei que me empoaram, me apertaram, frisaram meu cabelo, fazendo com que eu parecesse uma gravura de moda. Laurie achou que eu não estava com um

aspecto correto. Sei que achou, embora não tivesse dito, e um homem me chamou de “boneca”. Sei que foi uma bobagem que fiz, mas elas me lisonjearam, dizendo que sou bonita, e uma porção de tolices desse tipo, e então aceitei fazer aquele papel de idiota.

— Foi só isso? — perguntou Jo, enquanto a Sra. March olhava silenciosamente para o rosto abatido de sua bela filha e não sentia a menor vontade de repreendê-la por suas pequenas loucuras.

— Não, bebi champanha, dancei de forma espalhafatosa e tentei flertar, foi tudo terrível — disse Meg, com um tom de autocensura.

— Há mais alguma coisa, eu acho — e a Sra. March acariciou a face macia que, de repente, ficou rosada, enquanto Meg respondia vagarosamente:

— Sim. É uma grande tolice, mas quero dizer o que é, porque detesto que as pessoas digam e pensem coisas desse tipo sobre nós e Laurie.

Depois, ela contou os mexericos que ouvira pelo alto na casa dos Moffats, e Jo viu sua mãe cerrar os lábios, com força, enquanto Meg falava, como se estivesse aborrecida porque idéias como aquelas haviam sido colocadas na cabeça inocente de sua filha.

— Ora, mas isso é a maior maldade que já ouvi — exclamou Jo, cheia de indignação. — Por que você não apareceu imediatamente e não disse isso a eles, ali mesmo?

— Não podia, foi muito constrangedor para mim. Não pude deixar de ouvir, no início, e, depois, fiquei tão aborrecida e envergonhada que não me lembrei que o correto seria sair dali.

— Espere só eu encontrar Annie Moffat, e mostrarei a você como acabar com essa história ridícula. Essa idéia de que há “planos” e de tratar Laurie bem porque ele é rico e talvez se case com uma de nós dentro de alguns anos! Não acham que ele vai ficar horrorizado, quando lhe contar o que aquelas idiotas dizem a nosso respeito, só porque somos meninas pobres?

E Jo riu, como se, pensando bem, toda aquela história fosse uma grande piada.

— Se você contar a Laurie, nunca lhe perdorei! Ela não deve contar, não é, mamãe? — disse Meg, com um ar infeliz.

— Não, nunca devem repetir mexericos tolos, e esqueçam-se deles logo que puderem — disse a Sra. March, com seriedade. — Não foi nada aconselhável deixar você ir para o meio de pessoas que conheço tão pouco — bondosas, mas mundanas, mal-educadas e cheias dessas idéias vulgares sobre os jovens. Não tenho palavras para dizer quanto lamento o mal que essa visita pode ter causado a você, Meg.

— Não lamente; não vou deixar que me faça mal. Esquecerei tudo de ruim e só me lembrarei do que foi bom, porque me diverti muito e lhe agradeço

imensamente por ter me deixado ir. Não sentirei falta nem ficarei insatisfeita, mamãe. Sei que sou uma menina tola e não sairei de perto de você até estar preparada para tomar conta de mim mesma. Mas é bom ser elogiada e admirada e não posso deixar de admitir que gosto — disse Meg, parecendo um tanto envergonhada da confissão.

— Isto é perfeitamente natural e completamente inofensivo, se esse gosto não se transformar numa paixão e levar a pessoa a fazer tolices, coisas que não ficam bem para uma moça. Aprenda a saber qual é o elogio que vale a pena receber e a valorizá-lo e a despertar a admiração de pessoas excelentes, sendo recatada, além de bonita, Meg.

Margaret ficou sentada, pensando, durante um momento, enquanto Jo permanecia em pé, com as mãos nas costas e um jeito ao mesmo tempo interessado e perplexo, porque era uma novidade ver Meg corando e falando sobre admiração, namorados e coisas desse tipo; e Jo teve a impressão de que, durante aquelas duas semanas, sua irmã se tornara espantosamente adulta e se afastava dela, penetrando num mundo onde não podia segui-la.

— Mamãe, você tem “planos”, como a Sra. Moffat disse? — perguntou Meg, toda acanhada.

— Sim, querida, tenho uma porção de planos; todas as mães têm, mas os meus são algo diferentes do que imagina a Sra. Moffat. Vou contar a você

alguns, porque chegou a hora em que uma palavra minha pode colocar no lugar essa cabecinha e esse seu coração romântico, com relação a um assunto muito sério. Você ainda é jovem, Meg, mas não tanto que não possa entender o que digo, e os lábios das mães são os mais adequados para falar dessas coisas com mocinhas como você. Jo, sua vez chegará, na devida ocasião, e talvez, então, possa ouvir meus “planos” e me ajudar a realizá-los, se forem bons.

Jo foi sentar-se num braço da poltrona, com um ar de quem ia participar de um acontecimento muito solene. Segurando uma das mãos de cada uma e observando pensativamente os dois rostos jovens, a Sra. March disse, com seu jeito sério, mas jovial:

— Quero que minhas filhas sejam bonitas, prendadas e boas; que sejam admiradas, amadas e respeitadas; que tenham uma juventude feliz, que se casem bem, sensatamente, e que levem vidas úteis e agradáveis, com um mínimo, se Deus quiser, de preocupações e aborrecimentos para afligi-las. Ser amada e escolhida por um bom homem é a coisa melhor e mais doce que pode acontecer com uma mulher, e espero sinceramente que minhas filhas possam conhecer esta bela experiência. É natural pensar nisso, Meg, é correto esperar por isso, e aconselhável preparar-se nesse sentido de modo que, quando chegar essa ocasião feliz, você possa sentir-se pronta para cumprir seus

deveres e digna dessa alegria. Minhas queridas meninas, sou mesmo ambiciosa com relação a vocês, mas não de ver vocês se exibirem em sociedade e se casarem com homens ricos só porque são ricos, ou terem casas esplêndidas que não são lares, porque falta amor. O dinheiro é uma coisa indispensável e preciosa e, quando bem usado, uma coisa nobre. Mas não quero que pensem que é o primeiro ou o único prêmio pelo qual se deve lutar. Prefiro ver vocês casadas com homens pobres, se forem felizes, amadas, se estiverem contentes, a serem rainhas sentadas em tronos, mas sem respeito próprio e sem paz.

— As moças pobres não têm a menor chance, segundo Belle, a não ser que se exibam — suspirou Meg.

— Então seremos velhas solteironas — disse Jo, firmemente.

— Certo, Jo; é melhor serem solteironas felizes do que esposas infelizes, ou meninas com um comportamento reprovável, correndo de um lado para outro atrás de maridos — disse a Sra. March, com um tom decidido. — Não fique preocupada, Meg, a pobreza raramente desencoraja um apaixonado sincero. Algumas das melhores e mais respeitáveis mulheres que conheço foram meninas pobres, mas tão dignas de serem amadas que não se transformaram em velhas solteironas. Por enquanto, deixem essas coisas de lado; tornem este lar feliz, para poderem ajustar-se nos seus próprios lares, se

lhes forem oferecidos, e contentes aqui, se não forem. E lembrem-se de uma coisa, minhas meninas: mamãe está sempre pronta para ser a confidente de vocês, e o papai a ser seu amigo; e nós dois confiamos em nossas filhas e esperamos que sejam, casadas ou solteiras, o orgulho e o conforto de nossas vidas.

— Seremos, mãezinha, seremos! — exclamaram as duas do fundo de seus corações, enquanto ela lhes dava boa-noite.

Capítulo 10

O P.C. e a C.P.

Quando chegou a primavera, uma nova série de divertimentos entrou em moda, e os dias mais longos proporcionavam demoradas tardes para o trabalho e as brincadeiras de todos os tipos. O jardim tinha de ser cuidado, e cada irmã era dona de uma quarta parte do pequeno lote para fazer dela o que quisesse. Hannah costumava dizer: “Eu ia conhecê de quem é cada pedaço, mesmo qui num subessi”; e conheceria mesmo, porque os gostos das meninas eram tão diferentes quanto suas personalidades. O de Meg tinha rosas e heliotrópios, murtas e uma pequena laranjeira. O canteiro de Jo jamais permanecia igual em duas temporadas, porque ela estava sempre fazendo novas experiências; aquele ano, seria uma plantação de girassóis, e as sementes dessa planta alegre e exuberante deveriam alimentar a Tia Pintada e

sua ninhada de pintinhos. Beth tinha em seu jardim flores antiquadas e cheirosas — ervilhas-de-cheiro e resedás, esporinhas, cravos, amores-perfeitos e abrótanos, com alsinas para os pássaros e gatária para os gatinhos. Amy tinha, no dela, um caramanchão — pequeno e meio irregular, mas muito bonito de se ver — com madressilvas e ipoméias penduradas em coloridos vasos e campânulas em graciosas grinaldas, por cima, altos lírios-brancos, delicadas avencas e tantas outras plantas lindas e pitorescas quanto fosse possível cultivar ali.

Jardinagem, caminhadas, remadas no rio e colher flores ocupavam os dias bonitos e, quando chovia, tinham divertimentos em casa — alguns velhos, outros novos — todos mais ou menos originais. Um deles era o “P.C.” porque, como estavam na moda as sociedades secretas, achava-se aconselhável ter uma; e, como todas as meninas admiravam Dickens, criaram para a si mesmas o “Pickwick Club”. Com algumas interrupções, mantiveram a organização em funcionamento durante um ano, com reuniões todos os sábados à noite, no grande sótão. Nessas ocasiões, o cerimonial era o seguinte: três cadeiras eram arrumadas em fila, diante de uma mesa, em cima da qual havia uma lâmpada, além de quatro insígnias brancas, com um grande “P.C.” em cada uma delas, com cores diferentes. Havia também um jornal, o Semanário Pickwick, para o qual todas contribuíam com alguma coisa, enquanto Jo, que se divertia com

canetas e tinta, era a editora. Às sete horas, os quatro membros subiam para a sala do clube, amarravam suas insígnias em torno da cabeça e ocupavam suas cadeiras, com grande solenidade. Meg, na condição de mais velha, era Samuel Pickwick; Jo, por causa do seu pendor literário, era Augustus Snodgrass; Beth, sendo redonda e rosada, Tracy Tupman; e Amy, sempre tentando fazer o que não podia, era Nathaniel Winkle. Pickwick, o presidente, lia o jornal, repleto de contos e poesias originais, notícias locais, anúncios engraçados e dicas, nas quais elas, bem-humoradamente, lembravam umas às outras de suas falhas e defeitos. Em certa ocasião, o Sr. Pickwick colocou um par de óculos sem lentes, deu pancadinhas na mesa, pigarreou e, após olhar severamente para o Sr. Snodgrass, que estava todo inclinado em sua cadeira, até ele se endireitar, começou a ler:

“Semanário Pickwick”

20 de maio de 18...

Cantinho dos poetas

ODE DE ANIVERSÁRIO

Outra vez nos reunimos para celebrar,

Com insígnias e solene ritual,

Nosso quinquagésimo segundo aniversário,

No Salão Pickwick, esta noite.

Estamos todos com perfeita saúde,
Ninguém se foi do nosso pequeno grupo;
Mais uma vez, vemos os rostos conhecidos uns dos outros,
E apertamos as mãos amistosas dos companheiros.
Nosso Pickwick, sempre em seu posto,
Com reverência saudamos,
Enquanto, de óculos no nariz, ele lê
Nossa repleta folha semanal.
Embora ele esteja resfriado
É uma alegria para nós ouvi-lo falar,
Pois palavras de sabedoria dele nos chegam,
Mesmo através de grasnidos e guinchos.
O velho Snodgrass, com toda sua altura, espia lá do alto, com graça elephantina.
E seu rosto moreno e jovial sorri radiante para todo o grupo.
Um poético brilho ilumina seus olhos,
Ele luta contra seu destino.
Vejam a ambição em seu rosto,
E em seu nariz um borrão!
O próximo é nosso pacífico Tupman,
Tão rosado, gorducho e doce,

Sufocando de rir com os trocadilhos,
Chega a cair da cadeira.
O arrumado Winkle também está aqui,
Com cada fio de cabelo no lugar,
Um modelo de correção,
Embora deteste lavar o rosto.
O ano acabou, e ainda nos reunimos
Para brincar, rir e ler
E trilhar o caminho da literatura
Que à glória deve conduzir.
Que nosso jornal tenha longa e próspera existência,
E nosso clube jamais se desfaça.
E os anos vindouros derramem suas bênçãos
Sobre o útil e alegre “P.C.”

A. SNODGRASS.

O CASAMENTO MASCARADO

UM CONTO DE VENEZA

Gôndola após gôndola aproximava-se velozmente dos degraus de mármore, e sua bela carga ia aumentar a esplêndida multidão que enchia os majestosos salões do Conde de Adelon. Cavalheiros e damas, anões e pajens,

monges e floristas, todos alegremente misturados na dança. Vozes doces e uma suave melodia enchiam o ar, e, em meio à música e à alegria, a mascarada prosseguia.

— Sua Alteza viu Lady Viola esta noite? — perguntou um galante trovador à bela rainha que flutuava de braços dados com ele pelo salão.

— Sim, não é linda, embora seja tão triste? Seu vestido também foi bem escolhido porque, dentro de uma semana, ela se casa com o Conde Antônio, que detesta com todas as forças do seu ser.

— Por minha fé, eu o invejo. Lá vem ele, vestido como um noivo, a não ser pela máscara negra. Quando a tirar, veremos como olhará para a bela donzela cujo coração não consegue conquistar, mesmo tendo o severo pai dela concedido a ele a sua mão — respondeu-lhe o trovador.

— Comenta-se que ela ama o jovem artista inglês que não sai da porta de sua casa e é rejeitado pelo velho conde — disse a dama, quando começaram a dançar.

A festa estava no auge da animação quando surgiu um padre e, levando o jovem par até uma alcova revestida de veludo roxo, fez sinal para que se ajoelhassem. O silêncio se abateu imediatamente sobre a alegre multidão; e nem um só ruído, a não ser o borrfio das fontes, ou o farfalhar dos laranjais que dormiam ao luar, rompeu a quietude, quando o Conde Adelon assim falou:

— Cavalheiros e damas, perdoai-me o ardil através do qual vos reuni aqui para testemunhar o casamento de minha filha. Padre, esperamos por seus serviços.

Todos os olhos se voltaram para os noivos, e um leve murmúrio de espanto passou pela multidão, pois nem o noivo nem a noiva tiraram suas máscaras. Curiosidade e surpresa apossaram-se de todos os corações, mas o respeito conteve todas as línguas, até que terminasse o sagrado ritual. Então, os ansiosos espectadores reuniram-se em torno do Conde, pedindo uma explicação.

— Ficaria muito satisfeito se pudesse dá-la, mas só sei que foi um capricho da minha tímida Viola, e concordei. Agora, meus filhos, vamos acabar com essa brincadeira. Tirai as máscaras e recebei minha bênção.

Mas nenhum dos dois curvou o joelho, pois o jovem noivo respondeu num tom que pasmou todos os ouvintes, enquanto a máscara caía, revelando o rosto nobre de Ferdinand Devereux, o namorado artista, e, apoiada no peito onde agora reluzia a estrela de Conde inglês, estava a linda Viola, radiante de alegria e beleza.

— Senhor, cheio de desprezo vós rejeitastes meu pedido da mão de vossa filha, quando eu podia gabar-me de um nome tão importante e de uma fortuna tão grande como os do Conde Antônio. Meu poder é maior, porque mesmo sua

alma ambiciosa não pode recusar o Conde de Devereux e De Vere, quando ele dá seu nome e sua fortuna incalculável em troca da mão amada desta bela dama, agora minha esposa.

O conde parecia transformado em pedra, enquanto Ferdinando, voltando-se para a multidão pasmada, acrescentava, com um alegre sorriso de triunfo:

— Para vós, meus bravos amigos, só posso desejar que vossos amores sejam tão felizes quanto o meu, e que possam todos ganhar uma esposa tão linda quanto a que consegui, com este casamento mascarado.

S. PICKWICK

Por que o P.C. parece a torre de Babel? Porque está cheio de membros indisciplinados.

A HISTÓRIA DE UMA ABÓBORA

Era uma vez um fazendeiro que plantou uma sementinha em seu jardim e, depois de algum tempo, ela germinou e se tornou uma planta trepadeira e deu muitas abóboras. Um dia, em outubro, quando estavam maduras, ele pegou uma delas e levou-a para a feira. Um merceeiro comprou-a e colocou-a em sua mercearia. Naquela mesma manhã, uma menina, usando um vestido azul e um chapéu marrom, de rosto redondo e nariz chato, comprou-a para sua mãe. Ela arrastou a abóbora até sua casa, cortou-a e cozinhou-a numa grande panela; amassou uma parte dela, temperando com sal e manteiga, para o jantar; e, no

restante, acrescentou um caneco de leite, dois ovos, quatro colheres de açúcar, noz-moscada e algumas bolachas; colocou tudo isso numa fôrma funda e cozinhou até ficar marrom e bonito; no dia seguinte, o prato foi comido por uma família chamada March.

T. TUPMAN.

Meu prezado Sr. Pickwick:

Escrevo para tratar de uma falta e o faltoso é um sujeito chamado Winkle que causa problemas no clube dando risadas e algumas vezes não quer escrever seu artigo neste bom papel mas espero que lhe perdoe as falhas e deixe que envie uma fábula francesa ele não pode escrever por causa de sua cabeça tem muitas lições para fazer e não tantos miolos assim futuramente vou ver se consigo arrumar um certo tempinho e preparo algum trabalho que será todo commy la fo e isto quer dizer correto tenho pressa porque já está quase na hora da escola Respeitosamente,

N. WINKLE.

(O texto acima é um viril e belo reconhecimento de maus comportamentos passados. Se nosso jovem amigo estudasse pontuação, estaria ótimo.)

UM TRISTE ACIDENTE

Na sexta-feira passada, fomos surpreendidos por um barulho forte em nosso porão, seguido por gritos de dor. Correndo juntos para o subsolo,

descobrimos nosso amado Presidente caído no chão, após tropeçar e levar um tombo, enquanto pegava lenha para finalidades domésticas. Diante dos nossos olhos estava uma cena de completa ruína; porque, ao cair, o Sr. Picwick mergulhou de cabeça, até os ombros, numa tina d'água, virou um barrilete de sabão líquido em cima de suas formas viris e rasgou bastante as roupas. Ao ser tirado daquela perigosa situação, verificou-se que não sofrera nenhum ferimento, mas várias machucaduras; e, estamos satisfeitos de acrescentar, agora passa bem.

OS EDITORES

PESAR PÚBLICO

É nosso doloroso dever registrar o repentino e misterioso desaparecimento de nossa querida amiga Bola de Neve das Patas Ligeiras. Esta linda e amada gata era o bicho de estimação de um grande círculo de amigos calorosos e admiradores; porque sua beleza atraía todos os olhares, suas graças e virtudes a tornavam querida para todos os corações e sua perda é profundamente lamentada pela comunidade inteira.

Quando foi vista pela última vez, estava sentada no portão, espiando a carroça do açougueiro; teme-se que algum vilão, tentado pelos seus encantos, maldosamente a tenha roubado. Semanas se passaram, mas não se viram mais vestígios dela; e abandonamos toda a esperança, amarramos uma fita

preta em sua cesta, guardamos seu prato e choramos por ela, considerando que a perdemos para sempre.

Um amigo simpatizante nos enviou a seguinte preciosidade:

UM LAMENTO

PARA B.N. PATAS LIGEIRAS

Choramos a perda do nosso bichinho,
E suspiramos de dor por seu destino triste,
Porque nunca mais junto ao fogo se sentará ela,
Nem brincarà junto ao velho portão verde.
O pequeno túmulo onde dorme seu bebê
Fica próximo ao castanheiro;
Mas sobre o túmulo dela não choraremos,
Pois não sabemos onde será.
Sua cama vazia, sua bola abandonada,
Jamais tornarão a vê-la;
Nenhuma pancadinha gentil, ou amoroso ronrom
São ouvidos na porta da sala de visitas.
Outra gata persegue seus camundongos,
Uma gata com uma cara suja;
Mas ela não caça como fazia nossa querida,

Nem brinca com sua graça saltitante.
Suas patas furtivas caminham pelo mesmo corredor,
Onde Bola de Neve costumava brincar,
Mas ela apenas cospe nos cachorros que nosso bichinho
Tão corajosamente expulsava.
Ela é útil e mansa, faz o melhor que pode,
Mas não é agradável vê-la;
E não podemos dar a ela seu lugar, querida,
Nem adorá-la como a adoramos.

A.S.

ANÚNCIOS

Srta. Oranthy Bluggage, a talentosa Conferencista de Mente Resoluta, fará sua famosa Palestra sobre “A Mulher e sua Posição”, no Salão Pickwick, no próximo Sábado à Noite, depois das cerimônias habituais.

Uma Reunião Semanal será realizada no Local da Cozinha, para ensinar as senhoritas a cozinhar. Hannah Brown presidirá; e todos estão convidados a participar.

A Sociedade da Pá de Lixo fará uma reunião na próxima quarta-feira e desfilará no andar superior da Sede do Clube. Todos os membros comparecerão uniformizados e com suas vassouras ao ombro, precisamente

às nove horas.

A Sra. Beth Bouncer abrirá seu novo sortimento de Confecções para Bonecas na próxima semana. Chegaram as últimas Modas de Paris e são respeitosamente solicitadas encomendas.

Uma Nova Peça entra em cartaz no Teatro Barnville, dentro de algumas semanas, e ultrapassará qualquer coisa já vista nos palcos americanos. “O escravo grego, ou Constantine, o vingador” é o título do emocionante drama!!!

Sugestões

Se S.P. não usasse sabão demais nas mãos, não estaria sempre atrasado para o café da manhã. Pede-se a A.S. que não assobie na rua. T.T., por favor, não se esqueça do guardanapo de Amy. N.W. não deve aborrecer-se porque seu vestido não tem nove pregas.

Relatório semanal

Meg — Bom.

Jo — Ruim.

Beth — Muito bom.

Amy — Médio.

Quando o Presidente terminou de ler o jornal (e peço licença para garantir aos meus leitores de que se trata de um exemplar autêntico, escrito outrora por meninas de verdade), seguiram-se aplausos e, em seguida, o Sr. Snodgrass

levantou-se para fazer uma proposta.

— Nobre cavalheiro e Presidente — começou ele, assumindo uma atitude e tons parlamentares —, quero propor a admissão de um novo membro — altamente merecedor da honra, que ficará profundamente grato por ela e enriquecerá imensamente o espírito do clube e o valor literário do jornal, além de se mostrar incansavelmente jovial e simpático. Proponho a entrada do Sr. Theodore Laurence como membro honorário do P.C. Então, vamos aceitar nosso amigo, não?

A mudança repentina de tom, por parte de Jo, fez as meninas rirem, mas todas pareciam um pouco ansiosas, e ninguém disse uma palavra quando Snodgrass ocupou seu assento.

— Colocaremos em votação — disse o Presidente. — Todos a favor desta moção por favor se manifestem dizendo “Sim”.

Resposta alta de Snodgrass, seguida, para surpresa de todos, por outra, tímida, de Beth.

— Os que estiverem contra, que digam “Não”.

Meg e Amy eram contra, e o Sr. Winkle levantou-se para dizer, com grande elegância:

— Não queremos meninos; só sabem dizer piadas e se gabar. Este é um clube de senhoras e queremos que seja particular e respeitável.

— Tenho medo de que ele ria do nosso jornal e, depois, faça troça de nós

— observou Pickwick, puxando o cachinho que lhe caía sobre a testa, como sempre fazia quando estava em dúvida.

Levantou-se, então, Snodgrass, muito sério.

— Senhor, dou-lhe minha palavra de cavalheiro que Laurie não fará nada do gênero. Ele gosta de escrever e melhorará nossas contribuições, além de nos impedir de cairmos no sentimentalismo, percebe? Podemos fazer tão pouco por ele, e ele pode fazer tanto por nós, acho que o mínimo que podemos fazer é lhe oferecer um lugar aqui e lhe darmos boa acolhida, se ele vier.

Esta capciosa alusão aos benefícios conferidos fez com que Tupman se levantasse, parecendo ter tomado uma decisão definitiva.

— Sim, devemos fazer isso, mesmo estando com medo. Acho que ele pode vir, e seu avô também, se quiser.

Esta vigorosa irrupção de Beth eletrizou o clube, e Jo saiu de sua cadeira para apertar-lhe a mão, aprovadora-mente.

— Então, vamos votar de novo. Todos lembrem-se de que é o nosso Laurie e digam “Sim!” — gritou Snodgrass, na maior excitação.

— Sim! Sim! Sim! — responderam três vozes, imediatamente.

— Que Deus abençoe vocês! Agora, como não se deve perder um certo tempinho, como observa caracteristicamente Winkle, permitam-me apresentar

o novo membro.

E, para pasmo do resto do clube, Jo escancarou a porta do armário e exibiu Laurie, sentado em cima de uma sacola, corado e pestanejando, por causa do riso sufocado.

— Seu bandido! Seu traidor! Jo, como você pôde? — exclamaram as três meninas, enquanto Snodgrass conduzia triunfalmente seu amigo e, apresentando ao mesmo tempo uma cadeira e uma insígnia, instalava-o sem demora.

— A frieza desses dois tratantes é espantosa — começou o Sr. Pickwick, tentando franzir a testa de forma assustadora, mas só conseguindo mostrar um sorriso amável. Mas o novo membro correspondeu à ocasião, levantando-se, com uma grata saudação à Presidência, e depois dizendo, da maneira mais sedutora:

— Senhor Presidente, senhoras — desculpem, cavalheiros —, permitam-me apresentar-me como Sam Weller, o mais humilde servidor do clube.

— Ótimo! Ótimo! — exclamou Jo, dando pancadas com o cabo do velho tacho no qual estava recostada.

— Meu fiel amigo e nobre patrono — continuou Laurie, com um aceno de mão — quem me apresentou de forma tão lisonjeira não deve ser censurado pelo vil ardil desta noite. Quem planejou tudo foi eu, e ela só concordou depois

que insisti um bocado.

— Ora essa, não atribua tudo a si mesmo; sabe que fui eu quem propôs o armário — interrompeu Snodgrass, que se divertia à grande com a brincadeira.

— Não levem em conta o que ela diz. Sou o malvado que fez tudo, senhor

— disse o novo membro, com um aceno welleresco de cabeça para o Sr.

Pickwick. — Mas, palavra de honra, jamais tornarei a fazer tal coisa e,

doravante, vou dedicar-me aos interesses deste clube imortal.

— Escutem! Escutem! — gritou Jo, batendo com a tampa do tacho, como se fosse um címbalo.

— Continue, continue! — acrescentaram Winkle e Tupman, enquanto o Presidente fazia uma curvatura, afavelmente.

— Só queria dizer que, como insignificante penhor da minha gratidão, pela honra que me é concedida, e como meio de promover relações amistosas entre nações vizinhas, instalei uma caixa postal na cerca viva, no canto de trás do jardim, uma boa e espaçosa construção, com cadeados nas portas e ótima para receber a correspondência. É a velha casa das andorinhas, mas mandei prender a porta e abrir o telhado, de modo que poderá guardar todos os tipos de coisas e poupar nosso valioso tempo. Cartas, manuscritos, livros e pacotes podem ser colocados ali dentro e, como cada nação terá uma chave, imagino que será muito agradável. Permitam-me apresentar a chave da CP. e, com

muitos agradecimentos pela generosidade de todos, ocupar meu assento. Grandes aplausos, enquanto o Sr. Weller depositava uma pequena chave na mesa e se sentava, com o tacho a estrondejar, loucamente agitado, tendo demorado um pouco até que a ordem se restabelecesse. Seguiu-se uma longa discussão e todos se manifestaram de forma surpreendente, porque cada um deu o melhor de si; então, foi uma reunião com uma animação fora do comum, sendo suspensa só em tardia hora, quando se encerrou com três vivas esganiçados para o novo membro. Ninguém jamais lamentou a admissão de Sam Weller, porque nenhum clube poderia ter um membro mais dedicado, bem-comportado e jovial. Ele, sem dúvida, levou “espírito” para as reuniões e deu “um tom” ao jornal, porque seus discursos abalavam os ouvintes e suas contribuições mostraram-se sempre excelentes, sendo patrióticas, clássicas, cômicas ou dramáticas, porém jamais sentimentais. Jo as encarava como dignas de Bacon, Milton ou Shakespeare e aperfeiçoou seus próprios trabalhos com bom resultado, segundo acreditou.

A Caixa Postal era uma pequena instituição muito importante e floresceu maravilhosamente, pois passavam por ela quase tantas coisas estranhas quanto pelos correios de verdade. Tragédias e gravatas, poesia e pickles, sementes de jardim e longas cartas, música e pão de mel, borrachas, convites, reprimendas e cachorrinhos. O velho cavalheiro gostava da brincadeira e se

divertia mandando pacotes estranhos, mensagens misteriosas e telegramas engraçados; e seu jardineiro, que era afetado pelos encantos de Hannah, chegou a mandar uma carta de amor aos cuidados de Jo. Como riram, quando o segredo foi revelado, sem sequer sonhar quantas cartas de amor aquele pequeno correio guardaria, nos anos vindouros!

Capítulo 11

Experiências

— Primeiro de junho! Os Kings vão viajar para uma praia, amanhã, e estou livre. Férias de três meses; mas que maravilha! — exclamou Meg, ao voltar para casa, num dia quente, e encontrar Jo deitada no sofá, exausta como nunca, enquanto Beth tirava suas botas empoeiradas e Amy fazia limonada para refrescar todo o grupo.

— Tia March foi embora hoje, ah, que beleza! — disse Jo. — Eu estava com um medo louco de que ela me pedisse para ir junto; se pedisse, eu me sentiria na obrigação de ir, mas Plumfield é tão alegre quanto um cemitério, sabe, e eu preferia ser dispensada. O embarque de titia foi uma confusão, e todas as vezes que ela falava comigo, eu levava um susto. Estava com tanta pressa de ver aquilo tudo terminado que fui prestativa e meiga como nunca, e minha preocupação era que ela achasse impossível se afastar de mim. Tremi, até ver titia instalada na carruagem, e levei um susto final quando, já de

partida, ela enfiou a cabeça pela janela e disse: “Josy-phine, será que você...”

Não ouvi mais nada porque, covardemente, dei meia-volta e fugi correndo.

Dobrei a esquina a toda e sumi; só assim me senti segura.

— Coitadinha de Jo! Entrou aqui como se um bando de ursos estivesse correndo atrás dela! — disse Beth, abraçando os pés de sua irmã, com ar maternal.

— Tia March é uma verdadeira tirante, não? — comentou Amy, provando com ar crítico sua limonada.

— Ela quer dizer tirana, o assunto não tem nada a ver com tirar alguma coisa; mas, não tem importância, está quente demais para a gente se preocupar com as palavras que as pessoas usam — murmurou Jo.

— Que é que vão fazer durante as férias inteiras? — perguntou Amy, mudando diplomaticamente de assunto.

— Vou ficar deitada até tarde na cama, sem fazer nada — respondeu Meg das profundezas da cadeira de balanço. — Fui arrancada cedinho dos meus lençóis, durante o inverno inteiro, e tive de passar meus dias trabalhando para outras pessoas. Então, agora, vou descansar e me divertir à vontade.

— Não — disse Jo —, toda essa preguiça não combina comigo. Já juntei uma pilha de livros e vou melhorar minhas horas de lazer lendo, lá em meu poleiro, na velha macieira.

— Não se preocupe com as lições, por enquanto, Beth. Em vez disso, toque o tempo inteiro e descanse, como as meninas pretendem fazer — propôs Amy.

— Ora, vou fazer isso mesmo, se mamãe não se importar. Quero aprender algumas canções novas e minhas filhas têm de ser preparadas para o verão; estão terrivelmente desarrumadas, precisando muito de roupas.

— Podemos fazer isso, mamãe? — perguntou Meg, virando-se para a Sra. March, que estava sentada, costurando, no lugar que elas chamavam de “cantinho da mamãe”.

— Podem fazer essa experiência por uma semana e ver se gostam. Acho que, talvez no sábado à noite, descobrirão que brincar apenas e não trabalhar é tão ruim quanto só trabalhar e não brincar.

— Ah, meu Deus, não! Será delicioso, tenho certeza — disse Meg, complacentemente.

— Agora proponho um brinde, como diz meu “amigo e parceiro Sairy Gamp”. Viva a brincadeira, trabalho nunca! — gritou Jo, levantando-se, com o copo na mão, enquanto a limonada era distribuída em torno.

Todas a beberam alegremente e começaram a experiência descansando pelo resto do dia. Na manhã seguinte, Meg só apareceu depois das dez horas; assim sozinha, seu café da manhã não lhe pareceu gostoso, e a sala, por sua

vez, estava com um aspecto solitário e desarrumado, porque Jô não colocara flores nos jarros, Beth não tirara a poeira e os livros de Amy achavam-se espalhados por toda parte. Não havia nada arrumado nem acolhedor, a não ser o “cantinho da mamãe”, que estava do jeito de sempre; e ali Meg se sentou, para “descansar e ler”, o que significava bocejar e imaginar quantos vestidos de verão bonitos ela compraria com seu salário. Jo passou a manhã no rio, com Laurie, e a tarde lendo e chorando, com *The Wide, Wide World*, lá no alto da macieira. Beth começou remexendo por toda parte o grande armário onde morava sua “família”, mas, cansando-se antes de terminar, deixou seu domicílio de pernas para o ar e foi cuidar de sua música, satisfeita por não ter nenhum prato para lavar. Amy arrumou seu caramanchão, colocou seu melhor vestido branco, penteou os cachos e se sentou para desenhar, embaixo das madressilvas, esperando que alguém a visse e perguntasse quem era a jovem artista. Como não apareceu ninguém, a não ser um inquisitivo pernilongo, que examinou seu trabalho com interesse, ela foi dar uma caminhada, mas um aguaceiro a surpreendeu e voltou encharcada para casa.

Na hora do chá, elas compararam suas experiências e todas concordaram que o dia fora delicioso, embora extraordinariamente longo. Meg, que fora fazer compras à tarde e trouxera “uma musselina de um tom azul muito bonito”, descobriu, depois de cortar o tecido, que não podia ser lavado, e este

contratempo a deixou um tanto triste. Jo estava com a pele do nariz queimada e descascada, de tanto andar de barco, e teve uma terrível dor de cabeça, porque leu demais. Beth, por sua vez, aborrecia-se com a confusão em seu armário e com a dificuldade de aprender três ou quatro canções ao mesmo tempo, enquanto Amy lamentava profundamente os danos causados a seu vestido, porque a festa de Katy Brown era no dia seguinte e agora, como Flora McFlimsey, ela “não tinha nada para usar”. Mas tudo isso eram apenas ninharias, e elas garantiram à sua mãe que a experiência funcionava maravilhosamente. A Sra. March sorriu, não disse nada e, com a ajuda de Hannah, fez o trabalho que elas haviam negligenciado, assim mantendo a casa agradável e o mecanismo doméstico em funcionamento. Era espantoso como o processo de “descansar e se divertir” provocava um estado de coisas peculiar e desconfortável. Os dias continuaram cada vez mais longos, o tempo estava extraordinariamente instável e também os ânimos. Uma certa perturbação tomava conta de todas, e o Diabo encontrou uma porção de tolices para ocupar as mãos ociosas. No auge do luxo, Meg pegou algumas de suas costuras e, então, como o tempo se prolongava de forma tão desagradável, pôs-se a fazer cortes, tentando remodelações à la Moffat, e o que fez foi estragar suas roupas. Jo leu até os olhos não agüentarem mais e, então, ficou enjoada de livros e tão nervosa que até o bem-humorado Laurie brigou com ela; com isso,

ficou num estado de espírito tão sombrio que desejou, desesperadamente, ter viajado com Tia March. Já Beth saiu-se muito bem, porque se esquecia, freqüentemente, de que era tempo só de brincadeiras e nenhum trabalho e, de vez em quando, fazia as mesmas coisas de sempre; mas a perturbação existia e era grande — tanto que, certa ocasião, ela chegou a sacudir a pobre e querida Joanna, dizendo-lhe que era “horrorosa”. Amy foi quem passou pior, porque seus recursos eram pequenos e, quando suas irmãs deixaram-na sozinha para se divertir e cuidar de si própria, logo descobriu que seu pequeno ego, tão talentoso e importante, era um grande fardo. Não gostava de bonecas, achava os contos de fadas infantis demais e não se pode desenhar o tempo inteiro; os chás, para ela, não eram grande coisa, tampouco os piqueniques, a não ser que fossem muito bem organizados.

— Quando se tem uma bela casa, cheia de meninas boazinhas, ou quando se pode viajar, o verão é maravilhoso, mas ficar em casa com três irmãs egoístas e um garoto já crescido é o bastante para acabar com a paciência de qualquer um — queixou-se a senhorita Disparate, depois de vários dias dedicados ao prazer, à agitação e ao tédio.

Nenhuma delas confessaria que estava cansada da experiência mas, na sexta-feira à noite, cada qual admitiu para si mesma sua satisfação com o fato de a semana estar terminando. Com a esperança de fazer a lição calar mais

fundo, a Sra. March, que tinha muito humor, resolveu encerrar a provação de maneira apropriada; então deu a Hannah um dia de folga e deixou as meninas sentirem o pleno efeito do sistema de “apenas brincadeira”.

Quando se levantaram, no sábado de manhã, a cozinha estava com o fogão apagado, na sala de jantar não havia nada para o café da manhã e a mãe não era vista em parte alguma.

— Valha-nos Deus! Que aconteceu? — gritou Jo, olhando em torno, espantada.

Meg correu até o andar de cima e logo voltou, com um ar aliviado, mas um tanto confusa e algo envergonhada.

— Mamãe não está doente, apenas muito cansada e diz que vai ficar tranqüilamente em seu quarto, o dia inteiro, e deixar que a gente faça o melhor que puder. É muito estranho isso da parte dela; nem parece coisa de mamãe; mas ela diz que teve uma semana muito cansativa e que não devemos nos queixar e, sim, tomar conta de nós mesmas.

— É muito fácil e gosto da idéia; estou louca por alguma coisa para fazer, ou seja, algum novo divertimento, sabem — acrescentou Jo, depressa.

De fato, foi um imenso alívio para todas terem um pouquinho de trabalho e meteram mãos à obra, com grande disposição. Logo, porém, perceberam a verdade contida numa frase de Hannah: “Cuidá de casa num é brincadeira.”

Havia muita comida na despensa e, enquanto Beth e Amy punham a mesa, Meg e Jo preparavam o café da manhã, imaginando, enquanto faziam isso, por que os criados sempre falavam em trabalho duro.

— Vou levar um pouco para mamãe, lá em cima, embora diga que não devemos nos preocupar com ela, pois cuidará de si mesma — disse Meg.

Então, uma bandeja foi arrumada, antes que qualquer delas começasse a comer, e levada para cima, com os cumprimentos da cozinheira. O chá estava amargo, a omelete queimada e os biscoitos salpicados com fermento em pó, mas a Sra. March recebeu sua refeição com agradecimentos e riu um bocado, por conta disso, depois que Jo saiu.

— Coitadinhas, vão trabalhar muito, mas não sofrerão e isto fará muito bem a elas — disse, pegando os alimentos mais saborosos que providenciara para si mesma e jogando fora, às escondidas, para não magoar as meninas, o café da manhã insosso —, uma pequena trapaça materna pela qual ficariam agradecidas.

Muitas eram as queixas, no andar de baixo, e grande o aborrecimento da chefe de cozinha, por causa de suas falhas.

— Não se preocupe, vou preparar o jantar e serei criada, você dona da casa; não estrague suas mãos, procure companhia e dê as ordens — disse Jo, que sabia ainda menos do que Meg sobre assuntos culinários.

Esse oferecimento generoso foi alegremente aceito e Margaret retirou-se para a sala de visitas, que arrumou às pressas, jogando rapidamente o lixo embaixo do sofá e fechando as persianas, para evitar o trabalho de espanar. Jo, com perfeita confiança em seus poderes e um desejo amistoso de acabar com a discussão, imediatamente colocou uma nota no correio, convidando Laurie para almoçar.

— É melhor ver primeiro o que você tem, antes de pensar em convidar alguém — disse Meg, quando informada do ato hospitaleiro, porém precipitado.

— Ah, temos carne em salmoura e muitas batatas, e vou comprar alguns aspargos e uma lagosta, “como aperitivo”, como diz Hannah. Com a alface, faremos uma salada. Não sei como, mas o livro ensina. Manjar-branco e morangos para a sobremesa, e café também, para dar um toque de elegância.

— Não tente preparar pratos demais, Jo, porque você só sabe mesmo fazer pão de mel e balas de melaço, que sirvam para comer. Lavo minhas mãos diante desse jantar e, como você tomou a iniciativa de convidar Laurie, é bom se encarregar dele.

— Não quero que você faça nada, a não ser se mostrar gentil com ele e ajudar a fazer o pudim. Você me dará seus conselhos se eu ficar confusa, não é? — perguntou Jo, um tanto magoada.

— Sim, mas quase não sei fazer nada, só pão e mais umas coisinhas. É

melhor pedir autorização a mamãe antes de comprar alguma coisa —
respondeu Meg, prudentemente.

— Claro que vou pedir. Não sou nenhuma idiota.

E Jo saiu, toda arrufada por causa das dúvidas manifestadas quanto às
suas capacidades.

— Compre o que quiser e não me perturbe. Vou sair para jantar e não
posso me preocupar com as coisas em casa — disse a Sra. March, quando Jo
lhe falou. — Jamais gostei de tomar conta de casa e hoje vou tirar umas férias,
para ler, escrever, fazer visitas e me divertir.

O

espetáculo

incomum

de

sua

atarefada

mãe

balançando-se

confortavelmente em sua cadeira e lendo de manhã cedo fez Jo ter a

impressão de que algum fenômeno natural ocorrera, porque mesmo um

eclipse, um terremoto ou uma erupção vulcânica dificilmente pareceriam mais

estranhos.

— Tudo, hoje, de alguma forma está fora do lugar — disse ela a si mesma, descendo a escada. — E aí está Beth chorando, é um sinal claro de que há alguma coisa errada com esta família. Se Amy a estiver aborrecendo, vou dar uma sacudida nela.

Sentindo-se ela própria fora do lugar, Jo foi às pressas para a sala de visitas e encontrou Beth soluçando por causa de Pip, o canário, que estava caído, morto em sua gaiola, com as pequenas garras pateticamente estendidas, como se implorasse a comida por falta da qual tinha morrido.

— Foi tudo por minha culpa; esqueci dele. Não há uma semente de alpiste nem uma gota d'água na gaiola. Ah, Pip! Ah, Pip! Como pude ser tão cruel com você? — chorava Beth, pegando o pobre animalzinho nas mãos e tentando fazer com que revivesse.

Jo espiou para dentro do olho entreaberto do canário, auscultou seu coraçãozinho e, descobrindo que o bichinho estava duro e frio, sacudiu a cabeça e ofereceu sua caixa de dominó como ataúde.

— Ponha no forno, talvez ele se aqueça e reviva — disse Amy, esperançosamente.

— Ele morreu de fome e não vai ser assado, agora que está morto. Vou fazer uma mortalha para ele e será enterrado no jardim. E não terei nunca mais

outro passarinho, nunca, meu Pip! Porque sou ruim demais, não mereço ter — murmurou Beth, sentada no chão, com seu bichinho de estimação entre as mãos.

— O enterro será esta tarde, e todas iremos. Agora, não chore, Beth; é uma pena, mas, esta semana, nada está dando certo, e Pip foi quem levou a pior, com a experiência. Faça a mortalha e coloque o bichinho em minha caixa e, depois do almoço, teremos um bonito enterrozinho — disse Jo, começando a sentir que assumira uma tarefa pesada demais.

Deixando que as outras consolassem Beth, partiu para a cozinha, que se achava no mais desencorajador estado de confusão. Vestindo um grande avental, começou a trabalhar e empilhou os pratos que deveriam ser lavados, mas então descobriu que o fogo estava apagado.

— Eis aqui uma bela perspectiva! — resmungou Jo, escancarando estrepitosamente a porta do fogão e atijando as cinzas com vigor.

Após reacender o fogo, achou que devia ir à feira, enquanto a água esquentava. A caminhada reanimou-a e, orgulhando-se de ter comprado barato, marchou de volta para casa, levando uma lagosta pequena demais, alguns aspargos muito velhos e duas caixas de morangos ácidos. Quando chegou com o material do almoço, o fogão estava bem quente. Hannah deixara uma panela com massa de pão para crescer. Meg preparara o pão mais cedo,

colocara-o na lareira, para crescer um pouco mais, e se esquecera dele. Meg conversava com Sallie Gardiner, na sala de visitas, quando a porta se escancarou e apareceu uma figura farinhenta, alquebrada, rubra e despenteada e perguntou, amargamente:

— Ouçam, o pão já não cresceu bastante quando escorre pela caçarola?

Sallie começou a rir, mas Meg fez um sinal afirmativo com a cabeça e ergueu as sobrancelhas tão alto quanto podia, o que fez a aparição sumir e colocar o pão azedo dentro do fogão, sem maiores delongas. A Sra. March saiu, depois de dar umas espiadas em torno, para ver como iam as coisas, dizendo também uma palavra de consolo a Beth, que estava sentada fazendo uma mortalha, enquanto o querido desaparecido jazia em câmara ardente na caixa de dominó. Uma estranha sensação de desamparo tomou conta das meninas, ao ver o gorro cinzento de sua mãe sumir na esquina, e o desespero as dominou quando, alguns minutos depois, a Srta. Crocker apareceu e disse que viera almoçar. Esta senhora era uma Solteirona magra e amarelada, com um nariz pontiagudo e olhos inquisitivos, a quem nada escapava e que fofocava a respeito de tudo. Não gostavam dela, mas haviam sido ensinadas a serem gentis com a Srta. Crocker, simplesmente porque era velha, pobre e tinha poucos amigos. Então, Meg deu-lhe a cadeira mais confortável e tentou manter uma conversa amável, enquanto ela fazia perguntas, criticava tudo e

contava histórias a respeito das pessoas que conhecia.

Não há palavras capazes de descrever as ansiedades, tentativas e esforços de Jo, aquela manhã; e o almoço que ela serviu tornou-se uma piada, contada durante anos. Com medo de pedir mais conselhos, ela fez sozinha o melhor que pôde e descobriu que é preciso mais do que apenas energia e boa vontade para alguém ser cozinheira. Ela cozinhou os aspargos durante uma hora e ficou penalizada ao descobrir que as cabeças se haviam desprendido, por excesso de cozimento, e os talos estavam mais duros do que nunca. O pão ficou preto de tão queimado, porque ela estava ocupada com o molho da salada e deixou de dar atenção a todo o resto, até convencer-se de que não podia tornar aquilo comestível. A lagosta era, para ela, um mistério escarlate, mas martelou-a e a cutucou até que a tirou da casca, e seu reduzido tamanho foi escondido num montão de folhas de alface. As batatas tiveram de ser feitas às pressas, para não deixar os aspargos esperando, e acabaram ficando meio cruas. O manjar-branco estava todo encaroçado, os morangos não tão doces como pareciam, porque haviam sido amadurecidos artificialmente.

“Ora, eles podem comer carne e pão com manteiga, se estiverem com fome, mas é humilhante ter ocupado a manhã inteira e não conseguir nenhum resultado”, pensou Jo, enquanto tocava a campainha meia hora mais tarde do que o habitual e, encalorada, cansada e sem ânimo, punha-se a observar o

banquete servido a Laurie, acostumado com requintes de todos os tipos, e à Srta. Crocker, cujos olhos curiosos tomariam nota de cada falha e cuja língua de trapo iria contá-las para quem quisesse ouvir.

A pobre Jo gostaria muito de se enfiar embaixo da mesa, porque cada coisa era provada e deixada de lado, enquanto Amy dava risadinhas, Meg parecia aborrecida, a Srta. Crocker fazia um muxoxo e Laurie conversava e ria com toda a sua energia, para dar uma atmosfera alegre à cena festiva. O ponto forte de Jo eram as frutas, porque havia posto bastante açúcar e colocara uma jarra de substancioso creme para acompanhá-las. Suas faces coradas arderam um pouco menos, e ela prendeu a respiração, quando os bonitos pratinhos de vidro foram passados em torno e todos olharam cortesmente para as pequenas ilhas rosadas que flutuavam num mar de creme. A Srta. Crocker provou primeiro, fez uma expressão esquisita e bebeu depressa um pouco d'água. Jo, que recusara, achando que os morangos não dariam para todos, pois haviam minguado muito depois de selecionados, deu uma olhada em Laurie, mas ele comia tudo, corajosamente, embora sua boca estivesse um pouquinho franzida e não tirasse os olhos do prato. Amy, que gostava das boas comidas, pegou uma colherada cheia, sufocou, escondeu o rosto no guardanapo e saiu precipitadamente da mesa.

— Ah, que foi? — perguntou Jo, tremendo.

— Sal, em vez de açúcar, e o creme está azedo — respondeu Meg, com um gesto trágico.

Jo soltou um gemido e tornou a afundar em sua cadeira, lembrando-se de que, no final, polvilhara apressadamente os morangos, usando o conteúdo de uma das duas caixas que estavam em cima da mesa da cozinha e se esquecera de pôr o leite na geladeira. Ficou vermelha e se achava à beira das lágrimas, quando seus olhos encontraram-se com os de Laurie, que estavam alegres, apesar dos seus esforços heróicos; então, de repente, o lado cômico da história lhe ocorreu, e ela riu até as lágrimas lhe escorrerem pelas faces. O mesmo fizeram todas as outras pessoas, até mesmo “Cocoroca”, como as meninas chamavam a velha senhora; e o infeliz jantar encerrou-se alegremente, com pão e manteiga, azeitonas e divertimento.

— Não tenho força de vontade suficiente para tirar a mesa agora; então, vamos nos acalmar e comparecer a um funeral — disse Jo, ao se levantarem; e a Srta. Crocker preparou-se para ir embora, ansiosa para contar a nova história à mesa do almoço de alguma outra amiga.

Todos se puseram muito sérios, por causa de Beth; Laurie cavou um túmulo embaixo das avencas do bosquete, o pequeno Pip foi colocado dentro, com muitas lágrimas de sua sensível dona, e coberto com musgo, enquanto uma grinalda de violetas e alsina era pendurada na pedra onde estava inscrito

seu epitáfio, composto por Jo, enquanto lutava com o jantar:

Aqui jaz Pip March,

Morto em 7 de junho;

Amado e profundamente pranteado,

Guardaremos sua memória.

Quando acabaram as cerimônias, Beth retirou-se para seu quarto, vencida pela emoção e pela lagosta; mas não havia lugar nenhum para repouso, porque as camas não tinham sido feitas, e ela encontrou um grande alívio para sua dor ajeitando os travesseiros e pondo as coisas em ordem. Meg ajudou Jo a limpar os restos do banquete, o que demorou metade da tarde e as deixou tão cansadas que concordaram em se contentar com chá e torradas, em vez da ceia. Laurie levou Amy para dar uma volta, o que constituiu um ato de caridade, porque o creme azedo parecia ter tido um efeito ruim sobre seu temperamento. A Sra. March chegou em casa e encontrou as três meninas mais velhas trabalhando duro no meio da tarde, e uma olhada no armário deu-lhe uma idéia do sucesso de uma parte da experiência.

Antes que as donas-de-casa pudessem descansar, várias pessoas apareceram e tiveram de recebê-las no meio de toda a confusão; depois, foi preciso preparar o chá, havia tarefas a serem cumpridas e algumas costurinhas tiveram de ser negligenciadas até o último minuto. Com a chegada do úmido e

silencioso entardecer, uma por uma elas foram reunindo-se na varanda, onde floresciam as rosas de junho, num belo espetáculo, e todas gemeram ou suspiraram, ao se sentarem, como se estivessem muito cansadas ou contrariadas.

— Que dia terrível, este! — começou Jo, em geral a primeira a falar.

— Pareceu mais curto do que de costume, mas foi tão desagradável — disse Meg.

— Nem parecia a casa da gente — acrescentou Amy.

— Não podia mesmo parecer, sem mãezinha nem o pequeno Pip —

suspirou Beth, dando uma olhada, com os olhos cheios de lágrimas, na gaiola vazia em cima de sua cabeça.

— Aqui está mamãe, querida, e você terá outro passarinho amanhã, se quiser.

Enquanto falava, a Sra. March foi ocupar seu lugar entre elas, com um ar de quem também não tivera um feriado mais agradável do que o delas.

— Acham que basta dessa experiência, meninas, ou querem continuar por mais uma semana? — perguntou, enquanto Beth se aninhava em seu colo e as outras viravam-se para ela, com rostos resplandecentes, como as flores se viram para o sol.

— Eu, não! — exclamou Jo, cheia de decisão.

— Nem eu — ecoaram as demais.

— Acham, então, que é melhor cumprirem alguns deveres e deixarem algumas coisas para os outros fazerem?

— Ficar sem fazer nada não compensa — comentou Jo, sacudindo a cabeça. — Estou farta disso e pretendo trabalhar imediatamente em alguma coisa.

— Que tal aprender o básico da cozinha? É uma realização útil, sem a qual nenhuma mulher pode passar — disse a Sra. March, rindo baixinho com a lembrança do jantar oferecido por Jo, porque se encontrara com a Srta.

Crocker e ouvira seu relato dos acontecimentos.

— Mamãe, você saiu e deixou tudo como estava só para ver como a gente enfrentaria a situação? — perguntou Meg, que tivera essa suspeita o dia inteiro.

— Sim, queria que vocês vissem como o conforto de todos depende de cada qual fazer o que lhe cabe. Enquanto Hannah e eu fazíamos o trabalho doméstico, em seu lugar, tudo correu bem para vocês, embora eu não ache que estivessem lá muito felizes nem bem-humoradas; então, pensei que, como uma pequena lição, eu mostraria a vocês o que acontece quando todos pensam apenas em si mesmos. Não acham que é mais agradável ajudarem-se mutuamente, terem tarefas diárias que tornam o lazer mais prazeroso, quando

chega a hora, mantendo sempre a disciplina, para que nossa casa seja confortável e bonita para todos nós?

— Achamos, mamãe, achamos! — gritaram as meninas.

— Então, aconselho vocês a assumirem outra vez suas pequenas obrigações porque, embora às vezes pareçam pesadas, são boas para nós e se tornam mais leves quando aprendemos a dar conta delas. O trabalho é sadio e há sempre bastante para todos; evita o tédio e as tolices, faz bem tanto à saúde quanto ao estado de espírito e nos dá uma sensação de poder e independência maior do que o dinheiro ou as roupas elegantes.

— Trabalharemos feito formiguinhas e adoraremos isso, você vai ver! — disse Jo. — Vou aprender um pouco de culinária, como minha tarefa das férias, e o próximo almoço que oferecer será um sucesso.

— Vou fazer o conjunto de camisas para papai, em vez de deixar que você faça, mãezinha. Sou perfeitamente capaz, embora não goste de costurar; será melhor do que ficar remexendo em minhas próprias coisas, que já estão muito bem e não precisam de nenhuma reforma — disse Meg.

— Farei minhas lições todo dia e não passarei tanto tempo com minha música e as bonecas. Sou uma grande tola e devia estar estudando, não brincando — foi a resolução de Beth, enquanto Amy seguiu o exemplo das outras, declarando heroicamente:

— Vou aprender a fazer casas de botões e prestar atenção às palavras que uso.

— Muito bem! Então, estou muito satisfeita com a experiência, e acho que não será preciso repeti-la: só não partam para o outro extremo, passando a trabalhar como escravas. Tenham horários regulares para trabalho e brincadeira, tornem cada dia ao mesmo tempo útil e agradável; provem que sabem valorizar seu tempo, empregando-o bem. Assim, a juventude será deliciosa, a velhice trará poucos pesares e a vida será um maravilhoso sucesso, apesar da pobreza.

— Nós nos lembraremos disso, mamãe! — E lembraram mesmo.

Capítulo 12

Acampamento Laurence

Beth era a agente do correio porque, estando quase sempre em casa, podia ir até lá regularmente e gostava muito da tarefa diária de destrancar a portinhola e distribuir a correspondência. Num dia de julho, ela entrou com as mãos cheias e circulou pela casa entregando cartas e pacotes como se fosse um carteiro de verdade.

— Aqui está seu buquê, mamãe! Laurie nunca se esquece disso — disse, colocando o ramalhete fresco no jarro que ficava no “cantinho da mamãe” e recebia constantes suprimentos do afetuoso rapaz.

— Srta. Meg March, uma carta e uma luva — continuou Beth, entregando as duas coisas à irmã, que estava sentada junto da mãe, costurando punhos de camisas.

— Ora, deixei um par lá e aqui só há uma — disse Meg, olhando para a luva cinzenta de algodão. — Você não deixou a outra cair no jardim?

— Não, tenho certeza de que não, só havia uma no correio.

— Detesto ter luvas descasadas! Mas, deixe pra lá. A outra pode ser encontrada. A carta para mim é apenas a tradução de uma canção alemã que eu queria. Acho que foi o Sr. Brooke quem fez, porque não é a letra de Laurie. A Sra. March deu uma olhada em Meg, que estava muito bonita, com seu vestido caseiro de tecido riscado, os Cachinhos espalhados em cima da testa e um jeito já de mulher, costurando em sua pequena mesa de trabalho repleta de rolos brancos bem arrumados, tão inconsciente do pensamento que passava pela cabeça de sua mãe, enquanto costurava e cantava com os dedos voando e a mente ocupada com fantasias infantis, inocentes e frescas como os amores-perfeitos em seu cinto, que Sra. March sorriu, satisfeita.

— Duas cartas para a Doutora Jo, um livro e um velho chapéu engraçado que cobria toda a caixa do correio, colocado pelo lado de fora — disse Beth, rindo, ao entrar no gabinete onde Jo estava sentada, escrevendo.

— Que sujeito brincalhão, esse Laurie! Eu disse a ele que queria que os

chapéus grandes estivessem na moda, porque meu rosto fica muito queimado todos os dias em que faz calor. Ele disse: “Por que se incomodar com a moda? Use um chapéu grande, que lhe dê conforto!” Eu disse que usaria, se tivesse um, e ele me manda esse, para me testar. Vou usar de brincadeira e mostrar a ele que não ligo para a moda. — E, pendurando o antiquado chapéu de aba larga num busto de Platão, Jo leu as cartas que lhe eram dirigidas.

Uma, de sua mãe, fez suas faces ficarem coradas e seus olhos encherem-se de lágrimas, pois dizia:

MINHA QUERIDA:

Escrevo essas rápidas palavras para lhe dizer com quanta satisfação observo seus esforços para controlar seu mau gênio. Você nada diz sobre suas tentativas, fracassos ou sucessos, e acho que talvez ninguém os veja, a não ser o Amigo cuja ajuda você pede diariamente, se posso confiar na capa muito gasta de seu guia. Também passei por tudo isso e acredito, do fundo do coração, na sinceridade de sua resolução, desde que ela comece a dar frutos. Continue, querida, com paciência e bravura, acreditando sempre que ninguém tem por você uma simpatia mais terna do que sua amorosa

MÃE.

— Isto me faz tanto bem! Vale milhões em dinheiro e montões de elogios.

Ah, mãezinha, eu tento, sim! Continuarei tentando, sem me cansar nunca,

porque tenho você para me ajudar.

Deitada, com a cabeça entre os braços, Jo molhou seu pequeno romance com algumas lágrimas felizes, porque pensara mesmo que ninguém via e apreciava seus esforços para ser boa, e a certeza de que foi de fato duplamente preciosa, duplamente encorajadora, porque inesperada e vinda da pessoa cuja aprovação ela mais valorizava. Sentindo-se mais forte do que nunca, para enfrentar e vencer seu Apollyon, ela prendeu o bilhete com um alfinete no avesso do vestido, como escudo e como lembrete, para não ser apanhada de surpresa, e continuou abrindo as outras cartas, preparada tanto para as boas como para as más notícias. Com uma letra grande e firme, Laurie escrevia:

QUERIDA JO,

Olá!

Algumas meninas e meninos ingleses vêm me visitar amanhã, e quero me divertir um bocado. Se o tempo estiver bom, vou armar minha tenda em Longmeadow e levar de barco, remando, a turma toda, para almoçar e jogar croquê — acender fogueira, cozinhar uma gororoba feito ciganos, todo tipo de brincadeiras. São boa gente e gostam de coisas desse tipo. Brooke vai, para dar força aos rapazes, e Kate Vaughn também, para dar lições de boas maneiras às moças. Quero que vocês todas venham; Beth não pode ficar de

fora, de jeito nenhum, porque ninguém vai aborrecê-la. Não se preocupem com as rações — vou providenciar isso e tudo mais —, basta virem; veja como sou bonzinho!

Com uma pressa terrível,

Do seu amigo de sempre, LAURIE.

— Que beleza! — exclamou Jo, voando para contar as novidades a Meg.

— Claro que podemos ir, não, mamãe? Será uma ajuda tão grande para Laurie, porque sei remar e Meg poderá cuidar do almoço, e as crianças serão úteis de alguma maneira.

— Espero que os Vaughns não sejam pessoas adultas, cheias de requintes. Você sabe alguma coisa sobre eles, Jo? — perguntou Meg.

— Só que são quatro. Kate é mais velha do que você, Fred e Frank (gêmeos) têm mais ou menos minha idade e há uma menina (Grace) com nove ou dez anos. Laurie os conheceu no exterior e gostou dos rapazes; imaginei, pelo jeito como revirou a boca ao falar dela, que não simpatizou muito com Kate.

— Que bom que meu vestido de algodão com estamparia francesa está limpo! Ele é bem adequado e tão bonitinho! — observou Meg, satisfeita. — Você tem alguma coisa decente para usar, Jo?

— Meu traje de remo vermelho e cinza, bastante bom para mim. Vou remar

e caminhar de um lado para outro; então não quero nem pensar em nada engomado. Você vai, Betty?

— Se vocês não deixarem nenhum dos rapazes falar comigo.

— Nem um só rapaz!

— Gosto de agradar Laurie e não tenho medo do Sr. Brooke, ele é tão gentil; mas não quero brincar, cantar nem dizer nada. Vou trabalhar muito e não atrapalharei ninguém, e você tomará conta de mim, Jo. Assim, eu vou.

— Mas que menina boazinha! Você tenta lutar contra sua timidez e adoro você por causa disso. Lutar contra nossos defeitos não é fácil, eu sei, e uma palavra de estímulo ajuda. Obrigada, mamãe. — E Jo deu na face magra um beijo de gratidão, mais precioso para a Sra. March do que se lhe tivesse devolvido a rosada redondez da sua juventude.

— Recebi uma caixa de bombons e a foto que eu queria para copiar — disse Amy, mostrando sua correspondência.

— E eu recebi um bilhete do Sr. Laurence, convidando-me para aparecer e tocar para ele esta noite, antes que acendam as lâmpadas, e eu vou — acrescentou Beth, cuja amizade com o velho cavalheiro progredia maravilhosamente.

— Agora vamos sair correndo e fazer nossas tarefas em dobro, hoje, para podermos folgar amanhã, sem preocupações — disse Jo, preparando-se para

substituir sua caneta por uma vassoura.

Quando o sol espiou para dentro do quarto das meninas, na manhã seguinte, cedinho, prometendo um dia bonito, deparou-se com um quadro engraçado. Cada uma delas fizera os preparativos que julgara necessários e adequados para a festa. Meg tinha uma fileira extra de pequenos pape-lotes em cima da testa; Jo untara copiosamente o rosto com creme; Beth levara Joanna para a cama com ela, a fim de compensar a separação iminente; e Amy chegara ao cúmulo de colocar um pegador de roupas no nariz, para erguer esse traço seu que a aborrecia. Era do tipo que os artistas usam para prender o papel em suas pranchetas, portanto muito apropriado e eficaz para o objetivo no qual ela agora estava empenhada. Este engraçado espetáculo pareceu divertir o sol, porque ele apareceu com tal brilho que Jo acordou e despertou também suas irmãs, com sua risada gostosa diante do enfeite usado por Amy.

Sol e risadas eram bons prenúncios para um dia de divertimento, e logo começou um grande alvoroço nas duas casas. Beth, que se aprontou primeiro, não parava de informar o que se passava na casa vizinha e animou os preparativos de suas irmãs passando freqüentes telegramas da janela.

— Lá vai o homem com a tenda! A Sra. Barker guardou o almoço dentro de uma canastra e de uma cesta grande. Agora, o Sr. Laurence está olhando para

o céu e para o cata-vento; gostaria que ele fosse também. Ali está Laurie, parecendo um marinheiro — que menino simpático! Uma maravilha! E lá vem uma carruagem cheia de pessoas — uma moça alta, uma menina e dois meninos terríveis. Um deles é aleijado; coitado, usa uma muleta. Laurie não nos contou isso. Depressa, meninas! Está ficando tarde. Ora, devo informar que ali está Ned Moffat. Ouça, Meg, não é o homem que fez uma reverência para você no dia em que estávamos fazendo compras?

— É sim. Que estranho ele ter vindo. Pensei que estava nas montanhas. Ali está Sallie; que bom ela ter voltado a tempo. Estou com boa aparência, Jo? — gritou Meg, toda agitada.

— Está linda. Ajeite o vestido e endireite o chapéu; inclinado para o lado desse jeito está meio afetado e vai sair voando ao primeiro ventinho. Agora, vamos lá.

— Ah, Jo, você não vai usar esse chapéu horrível, não é? Que absurdo! Você não vai virar homem, não adianta — protestou Meg, enquanto Jo amarrava com uma fita vermelha o chapéu de palha antiquado, de abas largas, que Laurie mandara de brincadeira.

— Ah, vou sim, porque ele é ótimo; faz tanta sombra, é leve e grande. Vai ser engraçado e não me importo de parecer homem, quero é me sentir confortável.

Tendo dito isso, Jo foi saindo e o resto a acompanhou — um animado grupinho de irmãs, todas com seu melhor aspecto, usando suas roupas de verão e com rostos felizes debaixo das abas elegantes dos chapéus.

Laurie correu para recebê-las e apresentou-as aos seus amigos da maneira mais cordial possível. O gramado era a sala de recepção, e, durante vários minutos, uma cena animada ali se desenrolou. Meg ficou satisfeita de ver que a Srta. Kate, embora tivesse vinte anos, estava vestida com uma simplicidade que as moças americanas fariam bem em imitar, e ela ficou muito lisonjeada com as garantias do Sr. Ned de que viera especialmente para vê-la. Jo entendeu por que Laurie torcera a boca ao falar de Kate; a moça tinha um jeito cheio de “não me toques” que contrastava com o comportamento livre e descontraído das outras meninas. Beth deu uma boa olhada nos novos meninos e decidiu que o aleijado não era “terrível” e, sim, gentil e fraco, e que ela seria simpática com ele por causa disso. Amy achou Grace uma criaturazinha de boas maneiras e alegre, e, depois de se olharem em silêncio durante alguns minutos, de repente tornaram-se ótimas amigas.

Tendas, almoço e utensílios de croquê tendo sido enviados antecipadamente, o grupo foi logo embarcado e os dois barcos empurrados juntos, deixando o Sr. Laurence a acenar com seu chapéu na margem. Laurie e Jo remavam num barco, o Sr. Brooke e Ned no outro, enquanto Fred Vaughn, o

gêmeo turbulento, fez o que pôde para perturbar os dois, dando remadas a torto e a direito num pequeno bote, como uma barata d'água enlouquecida. O chapéu engraçado de Jo merecia agradecimentos, porque foi de utilidade geral: quebrou o gelo, no início, provocando risadas, e causava uma brisa bem refrescante, abanando com suas abas para a frente e para trás, enquanto ela remava, e serviria como uma excelente sombrinha para todo o grupo, se caísse um aguaceiro, como ela disse. Kate pareceu um tanto espantada com o comportamento de Jo, especialmente quando ela exclamou: “Ah, mas que saco!”, ao perder seu remo; e Laurie disse: “Meu camarada, machuquei você?”, quando tropeçou nos pés dela, ao ocupar seu lugar. Mas, depois de colocar os óculos para examinar várias vezes a estranha menina, a Srta. Kate decidiu que ela era “esquisita, mas até inteligente” e lhe deu um sorriso a distância.

Meg, no outro barco, ficou muito bem situada, face a face com os remadores, que gostaram ambos da perspectiva e manejaram os remos com “habilidade e destreza” incomuns. O Sr. Brooke era um rapaz sério e calado, com belos olhos castanhos e uma voz agradável. Meg gostava de suas maneiras tranqüilas e o considerava uma verdadeira enciclopédia ambulante de conhecimentos úteis. Ele não se dirigia a ela com frequência, mas a olhava muito, e ela estava certa de que o rapaz não a encarava com aversão. Ned, estando na universidade, claro que assumia todos os ares que os calouros

acreditam ser seu dever irrecusável assumir; não era muito inteligente, mas tinha muito bom gênio e era a pessoa perfeita para participar de um piquenique. Sallie Gardiner estava concentrada em manter limpo seu vestido de fustão branco e tagarelava com o ubíquo Fred, que mantinha Beth em constante terror com suas diabruras.

Longmeadow não ficava muito longe, mas a tenda já estava armada e as cestas desembarcadas quando chegaram. Um campo verde agradável, com três copados carvalhos no meio e um gramado macio para o croquê.

— Bem-vindos ao acampamento Laurence! — disse o jovem anfitrião, quando todos desembarcaram com exclamações de prazer.

— Brooke é o comandante-em-chefe e eu sou o comissário geral; os outros amigos são oficiais do Estado Maior e vocês, senhoras, são as convidadas. A tenda é para seu especial benefício e aquele carvalho é sua sala de visitas, este é a sala de jantar e o terceiro, a cozinha do acampamento. Agora, vamos jogar uma partida, antes que es quente, e depois cuidaremos do almoço.

Frank, Beth, Amy e Grace sentaram-se para espiar o jogo dos outros oito.

O Sr. Brooke escolheu Meg, Kate e Fred; Laurie ficou com Sallie, Jo e Ned. Os ingleses jogavam bem, mas os americanos jogavam melhor e disputaram cada centímetro do campo com tanto empenho como se estivessem inspirados pelo espírito de ‘76. Jo e Fred tiveram várias escaramuças e, uma vez, quase foram

às últimas conseqüências. Jo já estava no último arco e perdera a batida, fracasso que a irritara por demais. Fred estava logo atrás dela e sua vez de jogar veio antes de Jo; então ele deu uma batida, sua bola, chocou-se com o arco e parou a alguns centímetros de distância, do lado errado. Ninguém estava muito perto e, correndo até lá para examinar a situação da bola, ele deu-lhe uma dissimulada cutucada com o dedo do pé, colocando-a exatamente a alguns centímetros do lado certo.

— Acabei! Agora, Srta. Jo, vou liquidar você e entrar primeiro — gritou o jovem cavalheiro, enquanto agitava seu malho, preparando-se para dar outra batida.

— Você empurrou a bola, eu vi; agora é minha vez — disse Jo, asperamente.

— Dou minha palavra que não mexi com a bola; talvez ela tenha rolado um pouco, mas isto é permitido; então, faça o favor de se afastar e me deixar jogar.

— Nós não fazemos trapaças aqui na América; mas, se quiser, pode fazer

— disse Jo, cheia de raiva.

— Os ianques são muito mais trapaceiros, todo mundo sabe disso. Lá vai!

— respondeu Fred, batendo na bola de Jo e atirando-a para muito longe.

Jo abriu a boca para dizer algum impropério, mas controlou-se a tempo, enrubesceu até a testa e ficou, durante um minuto, afundando com toda a força

um aro de croquê, enquanto Fred acertava sua jogada e, todo satisfeito, declarava-se vencedor, cheio de satisfação. Ela foi pegar sua bola e demorou muito para encontrá-la entre os arbustos, mas voltou, com um ar calmo e tranqüilo, e esperou sua vez pacientemente. Foram precisas várias batidas até reconquistar o lugar que perdera, e, quando lá chegou, o outro lado já quase que ganhara, porque a bola de Kate era a penúltima e estava próxima da baliza.

— Ora essa, já ganhamos! Adeus, Kate. A Srta. Jo me deve uma, então vocês estão liquidados — exclamou Fred, todo excitado, enquanto todos se aproximavam para ver o final.

— Um dos truques dos ianques é serem generosos com seus inimigos — disse Jo, com um olhar que fez o rapaz enrubescer —, especialmente quando os derrotam — acrescentou enquanto, deixando intacta a bola de Kate, ganhava a partida com uma batida inteligente.

Laurie atirou para o alto o chapéu, depois lembrou-se de que não ficaria bem exultar com a derrota de seus convidados e, parando no meio de um “viva”, foi sussurrar para a amiga:

— Muito bem, Jo! Ele fez trapaça mesmo, eu vi; não podemos dizer isso a ele, mas não fará outra vez, dou-lhe minha palavra.

Meg a puxou de parte, sob o pretexto de prender uma trança solta, e disse,

com aprovação:

— Foi uma provocação terrível, mas você conteve seu gênio e fico muito satisfeita com isso, Jo.

— Não me elogie, Meg, porque agora mesmo eu poderia dar uns tabefes nas orelhas daquele sujeito. Sem dúvida teria explodido, se não ficasse no meio das urtigas até controlar minha raiva o bastante para ficar de boca calada. Agora estou fervendo; é melhor ele ficar longe de mim — respondeu Jo, mordendo os lábios, enquanto olhava para Fred de cara fechada, sob seu grande chapéu.

— Hora do almoço — disse o Sr. Brooke, olhando para seu relógio. — Comissário geral, quer fazer o favor de acender o fogo e pegar água, enquanto a Srta. March, a Srta. Sallie e eu vamos pôr a mesa? Quem sabe fazer um bom café?

— Jo sabe — disse Meg, satisfeita de recomendar a irmã.

Então Jo, sentindo que suas recentes lições de culinária iriam honrá-la, foi cuidar da cafeteira, enquanto as crianças juntavam gravetos secos e os rapazes faziam uma fogueira e pegavam água de uma fonte próxima. A Srta. Kate desenhava e Frank falava com Beth, que estava fazendo pequenas esteiras com caules de juncos trançados, para servirem de pratos.

O comandante-em-chefe e suas auxiliares logo estenderam a toalha de

mesa e colocaram em cima uma convidativa série de comestíveis e bebidas, lindamente decorados com folhas verdes. Jo anunciou que o café estava pronto e todos se instalaram para comer com vontade, porque os jovens raramente são dispépticos e o exercício abre um saudável apetite. Foi um almoço muito alegre porque tudo parecia novo e engraçado e freqüentes irrupções de gargalhadas assustaram um venerável cavalo que pastava ali perto. Havia um agradável declive na mesa, o que causava muita confusão com os copos e os pratos, com bolotas caindo dentro do leite, enquanto formiguinhas pretas participavam da refeição, sem serem convidadas, e penugentas lagartas desciam da árvore para ver o que estava acontecendo. Três crianças com cabeças brancas espiaram por cima da cerca e um cachorro nada simpático latia para eles a plenos pulmões do outro lado do rio.

— Aqui tem sal, se você preferir — disse Laurie, entregando a Jo um pires com morangos.

— Obrigada, prefiro aranhas — respondeu ela, pescando duas pequenas, pouco cautelosas, que haviam morrido afogadas no creme. — Como é que você tem coragem de me lembrar daquele horrível almoço, quando o seu está tão bom, em todos os sentidos? — acrescentou Jo, enquanto os dois riam e comiam de um só prato, já que não havia louça suficiente para todo mundo. — Me diverti como nunca, aquele dia, e até agora me divirto pensando a

respeito. Não dei nenhuma contribuição para este encontro de hoje; são vocês, Meg e Brooke, que estão tocando tudo, e me sinto gratíssimo a vocês. O que faremos quando não agüentarmos mais comer? — perguntou Laurie, sentindo que a grande atração do dia, o almoço, estava prestes a terminar.

— Façam jogos até refrescar. Eu trouxe Autores, e acho que a Srta. Kate sabe alguma coisa nova e boa. Pergunte a ela; é convidada e você deve dar-lhe mais atenção.

— Você também não é convidada? Achei que ela daria certo com Brooke, mas ele não pára de conversar com Meg, e Kate fica só olhando para eles, com aqueles seus óculos ridículos. Já vou, você não precisa ficar pregando boas maneiras, porque não pode fazer isso, Jo.

A Srta. Kate sabia mesmo vários novos jogos e, como as meninas não queriam e os rapazes não podiam comer mais, todos passaram para a sala de visitas, a fim de brincar de Histórias Sem Fim.

— Uma pessoa começa uma história, qualquer bobagem que quiser, e conta enquanto tiver vontade, só tomando cuidado de parar antes de algum ponto emocionante, e então a próxima pessoa continua e faz a mesma coisa. É muito engraçado, quando é bem-feito, e compõe uma perfeita mistura de material trágico e cômico, para se dar boas risadas. Por favor, comece, Sr. Brooke — disse Kate, com um ar de comando que surpreendeu Meg, pois ela

tratava o professor com tanto respeito quanto a qualquer outro cavalheiro. Deitado na grama, aos pés das duas moças, o Sr. Brooke, obedientemente, começou a história, com seus belos olhos castanhos fixos no rio ensolarado.

— Era uma vez um cavaleiro que saiu pelo mundo, a fim de fazer fortuna, porque nada tinha a não ser sua espada e seu escudo. Viajou durante muito tempo, quase vinte e oito anos, e passou muitas dificuldades, até chegar ao palácio de um bom e velho rei, que havia oferecido uma recompensa a quem fosse capaz de domesticar um belo mas indomável potro, do qual ele gostava muito. O cavaleiro concordou em tentar e foi cumprindo sua tarefa de forma lenta mas segura, porque o potro era afetuoso e logo aprendeu, embora fosse caprichoso e selvagem, a amar seu novo mestre. Todos os dias, quando dava suas lições a esse bicho de estimação do rei, o cavaleiro percorria a cidade cavalgando-o; e, enquanto isso, procurava por toda parte um certo belo rosto que vira muitas vezes em seus sonhos, mas que nunca encontrara. Um dia, enquanto cavalgava por uma rua tranqüila, viu esse belo rosto à janela de um castelo em ruínas. Ficou maravilhado e perguntou quem vivia naquele velho castelo; a resposta foi que várias princesas estavam presas ali, por causa de um feitiço, e teciam o dia inteiro para juntar dinheiro e assim comprar sua liberdade. O cavaleiro desejou intensamente poder libertá-las, mas era pobre, e a única coisa que podia fazer era passar por ali todos os dias, esperando ver

aquele rosto tão doce e ansioso aparecer ao sol. Finalmente, decidiu entrar no castelo e perguntar como poderia ajudá-las. Foi até lá e bateu; a grande porta escancarou-se e ele viu...

— Uma dama arrebatadoramente linda, que exclamou, num grito de êxtase: “Afina! Afina!” — prosseguiu Kate, que lera romances franceses e admirava seu estilo — “E ela!”, gritou o Conde Gustave e caiu a seus pés, num êxtase de alegria. “Ah, levante-se!”, disse ela, estendendo a mão linda e branca como mármore. “Nunca! Até que me diga como posso salvá-la”, jurou o cavaleiro, ainda de joelhos. “Ai de mim, meu destino cruel me condena a permanecer aqui até meu tirano ser destruído.” “Onde está o vilão?” “No salão cor-de-malva. Vai, bravo cavaleiro, e salva-me do desespero.” “Obedeço, e voltarei vitorioso ou morrerei!” Com essas emocionantes palavras, ele saiu correndo e, escancarando a porta do salão cor-de-malva, preparava-se para entrar quando recebeu...

— Um atordoante golpe do grande dicionário de grego, que um velho com uma roupa preta atirou nele — disse Ned. — Instantaneamente, Sir Fulano de Tal recobrou-se, jogou o tirano pela janela e voltou para encontrar a dama, vitorioso, mas com um galo na testa; encontrou a porta trancada, rasgou as cortinas, fez uma escada de corda, começou a descer e, então, a corda se partiu e ele caiu de cabeça no fosso, vinte metros abaixo. Como nadava feito

um pato, rodeou o castelo, até chegar a uma pequena porta, guardada por dois sujeitos fortes. Bateu suas cabeças uma na outra até se partirem como se fossem nozes, e, depois, com um mínimo de sua força prodigiosa, arrebentou a porta e subiu por alguns degraus de pedra cobertos por vários centímetros de poeira, sapos do tamanho de sua mão fechada e aranhas que a deixariam histérica de medo, Srta. March. Ao chegar ao topo dessa escada, ele caiu duro no chão, diante de uma visão que lhe tirou o fôlego e gelou seu sangue...

— Uma figura alta, toda de branco, com um véu cobrindo-lhe o rosto e uma lâmpada na mão ossuda — prosseguiu Meg. — Ela lhe fez sinal, deslizando sem ruído, à sua frente, por um corredor escuro e frio como um túmulo. Havia, de cada lado, vultos com armaduras, cercados de sombras; o silêncio era mortal, a chama da lâmpada tinha um clarão azulado e a fantasmagórica figura virava eventualmente o rosto na direção dele, mostrando, através do véu branco, o brilho de seus olhos terríveis. Chegaram a uma porta com cortinas, atrás da qual soava uma linda música; bruscamente, ele se adiantou para entrar, mas o espectro puxou-o para trás e acenou diante dele, ameaçadoramente, uma...

— Caixa de rapé — disse Jo, com um tom de voz sepulcral que abalou a platéia. — Obrigado — disse o cavaleiro, cortesmente, pegando uma pitada e espirrando sete vezes, com tanta força que sua cabeça caiu. “Há! Há!”, riu o

fantasma e, depois de espiar pelo buraco da fechadura as princesas que fiavam sem parar, para salvar suas vidas, o espírito mau pegou sua vítima e a colocou numa grande caixa de estanho, onde havia mais onze cavaleiros sem cabeças, todos juntos, como sardinhas em lata, e então eles se levantaram e começaram a...

— Dançar uma quadrilha — interrompeu Fred, quando Jo fez uma pausa para tomar fôlego — e, enquanto dançavam, o velho castelo em ruínas transformou-se num navio de guerra, a todo pano. “Levantem a bujarrona, encurtem a meio pano vela de mezena, virem o leme todo a sotavento e homens em armas!”, rugiu o capitão, quando um navio pirata português apareceu no horizonte, com uma bandeira negra como tinta agitando-se no mastro da proa. “A luta, à vitória, meus companheiros!”, disse o capitão, e começou um tremendo combate. Claro que os ingleses ganharam; sempre ganham.

— Não é verdade! — gritou Jo de um canto.

— Depois de aprisionarem o capitão pirata, navegaram diretamente para cima da escuna, cujo convés estava cheio de mortos e de cujos embornais a sotavento escorriam sangue, porque a ordem tinha sido “Usem os alfanges e coragem!” “Contramestre, vire a vela da giba e dê um susto nesse vilão, se ele não confessar o mais rápido possível seus pecados” — falou o capitão inglês.

O português não disse uma só palavra e caminhou pela prancha, enquanto os alegres marujos davam vivas, como loucos. Mas o cão esperto mergulhou, foi dar embaixo do navio de guerra, abriu um rombo em seu casco e ele afundou, com todas as velas pandas, “Para o fundo do mar, mar, mar”, onde...

— Ah, meu Deus, que posso dizer? — gritou Sallie, quando Fred terminou sua história, em que juntara, de cambulhada, frases e fatos náuticos tirados de um dos seus livros favoritos. — Bom, eles foram até o fundo e uma sereia boazinha os acolheu, mas ficou muito triste ao encontrar a caixa com os cavaleiros sem cabeça e, bondosamente, conservou-os em salmoura, esperando descobrir qual era seu mistério porque, sendo mulher, era curiosa. Pouco depois, surgiu um mergulhador, e a sereia disse: “Eu lhe darei esta caixa de pérolas se você puder levá-la para cima”, porque queria fazer os pobres coitados reviverem, mas não podia, sozinha, levar uma carga tão pesada. Então, o mergulhador içou a caixa até lá em cima, mas ficou muito desapontado quando a abriu, porque não achou pérola alguma dentro dela. Deixou-a num grande campo solitário, onde foi encontrada por uma...

— Pequena guardadora de gansos, que tomava conta de uma centena de gansos gordos, no campo — disse Amy, quando a capacidade inventiva de Sallie se esgotou. — A menina teve pena deles e perguntou a uma velha o que deveria fazer para ajudá-los. “Seus gansos lhe dirão; eles sabem de tudo”,

disse a velha. Então, ela perguntou o que deveria usar como novas cabeças, já que as velhas estavam perdidas, e todos os gansos abriram sua centena de bicos e gritaram...

— Repolhos! — continuou Laurie, prontamente. — “É isso mesmo”, falou a menina, e correu para pegar doze bonitos repolhos em sua horta. Ela os colocou no lugar, e os cavaleiros voltaram imediatamente à vida, agradeceram à menina e continuaram muito felizes seu caminho, sem mesmo perceberem a diferença, porque havia tantas outras cabeças como as deles no mundo, que ninguém lhes deu maior atenção. O cavaleiro da nossa história foi outra vez procurar o rosto bonito e soube que as princesas tinham comprado sua liberdade, fiando, e todas foram casar-se, menos uma. Ele ficou muito agitado ao saber disso e, montando no potro, que ficara a seu lado em meio a todos os obstáculos, correu para o castelo a fim de verificar qual delas tinha ficado. Espiando por cima da sebe, viu a rainha dos seus sonhos colhendo flores em seu jardim. “Será que me dará uma rosa?”, perguntou ele. “Tem de vir colher a rosa pessoalmente. Não posso ir até onde está, não é correto”, disse ela, doce como mel. Ele tentou subir na sebe, mas ela parecia ficar cada vez mais alta; então, tentou atravessá-la, mas ela se tornava cada vez mais cerrada, e o cavaleiro ficou desesperado. Então, pacientemente, foi quebrando um raminho após outro, até fazer um buraquinho, através do qual ficou espiando e, ao

mesmo tempo, dizendo em tom de súplica: “Deixe-me entrar! Deixe-me entrar!”

Mas a bonita princesa não parecia entender, porque continuou tranqüilamente a colher suas rosas, deixando-o lutar para entrar. Se ele conseguiu ou não, Frank dirá a vocês.

— Não posso; não na brincadeira, nunca brinco — disse Frank, horrorizado com a dificuldade sentimental da qual deveria resgatar o absurdo casal. Beth desaparecera atrás de Jo e Grace estava dormindo.

— Então, o pobre cavaleiro será abandonado ali, grudado na sebe? — perguntou o Sr. Brooke, ainda observando o rio e brincando com a rosa-brava que tinha em sua boteeira.

— Acho que a princesa lhe deu um ramo de flores e abriu o portão, depois de algum tempo — disse Laurie, sorrindo para si mesmo, enquanto jogava grãos de milho em seu tutor.

— Mas que história maluca nós inventamos! Com prática, poderíamos fazer alguma coisa bem inteligente. Vocês conhecem a Verdade? — perguntou Sallie, quando todos pararam de rir da história inventada pelo grupo.

— Espero que sim — respondeu Meg, séria.

— Quero dizer, o jogo.

— Como é? — perguntou Fred.

— Bom, a gente junta as mãos, escolhe um número e todos vão tirando; a

pessoa que ficar com aquele número tem de responder sinceramente a todas as perguntas feitas pelo resto do grupo. É muito divertido.

— Vamos experimentar — disse Jo, que gostava de novas experiências.

A Srta. Kate e o Sr. Brooke, Meg e Ned disseram que não queriam participar, mas Fred, Sallie, Jo e Laurie juntaram as mãos e foram tirando; o número escolhido ficou com Laurie.

— Quem são seus heróis? — perguntou Jo.

— Meu avô e Napoleão.

— Qual é a moça, aqui, que você acha mais bonita? — perguntou Sallie.

— Margaret.

— De qual você gosta mais?

— De Jo, claro.

— Que perguntas tolas vocês fazem! — e Jo encolheu os ombros, desdenhosamente, por causa do tom de voz prosaico de Laurie.

— Tentem de novo; o jogo da Verdade é interessante — disse Fred.

— É muito bom para você — retorquiu Jo, em voz baixa.

A vez seguinte foi a dela.

— Qual é seu maior defeito? — perguntou Fred, querendo verificar se ela possuía a virtude que lhe faltava.

— Mau gênio.

— O que você mais deseja? — perguntou Laurie.

— Um par de cadarços para botas — respondeu Jo, adivinhando e frustrando seu propósito.

— Não é uma resposta verdadeira; deve dizer o que realmente mais deseja.

— Gênio; não tem vontade de poder me dar isso, Laurie?

E ela sorriu, matreiramente, diante do rosto desapontado do rapaz.

— Que virtudes você mais admira num homem? — perguntou Sallie.

— Coragem e honestidade.

— Agora é minha vez — disse Fred, quando o número afinal lhe coube.

— Vamos apertar esse sujeito — sussurrou Laurie para Jo, que fez um sinal afirmativo com a cabeça e perguntou imediatamente:

— Você fez trapaça no croquê, não foi?

— Sim, um pouquinho.

— Muito bem! Você não tirou sua história de “O Leão do Mar”? — perguntou Laurie.

— Mais ou menos.

— Acha que a nação inglesa é perfeita sob todos os aspectos, não? — perguntou Sallie.

— Ficaria envergonhado de mim mesmo, se não achasse.

— Ele é um verdadeiro John Bull. Agora, Srta. Sallie, você terá uma oportunidade, sem esperar pelo seu número. Vou perturbar seus sentimentos, perguntando em primeiro lugar se não acha que é dada ao flerte? — disse Laurie, enquanto Jo fazia um aceno com a cabeça para Fred, como sinal de que a paz estava declarada.

— Mas que garoto impertinente! Claro que não — exclamou Sallie, com um ar que provava o contrário.

— O que mais detesta? — perguntou Fred.

— Aranhas e pudim de arroz.

— Do que mais gosta? — perguntou Jo.

— De dançar e de luvas francesas.

— Ora, acho que o jogo da Verdade é muito bobo; vamos fazer um jogo simpático, de Autores, para refrescar nossas cabeças — propôs Jo.

Ned, Frank e as meninas entraram neste e, enquanto o jogo prosseguia, os três mais velhos sentaram-se à parte, conversando. A Srta. Kate pegou outra vez seu desenho e Margaret ficou observando o que ela fazia, enquanto o Sr. Brooke estirava-se no gramado, com um livro que não lia.

— Como você faz isso bem! Gostaria de saber desenhar — disse Meg, misturando na voz admiração e pesar.

— Por que não aprende? Minha impressão é de que teria gosto e talento

para isso — respondeu a Srta. Kate gentilmente.

— Não tenho tempo.

— Imagino que sua mãe prefere outras prendas. A minha também preferia, mas provei a ela que tinha talento tomando algumas aulas particulares, e então ela acabou com muita vontade que eu continuasse. Você não pode fazer a mesma coisa com sua governanta?

— Não tenho governanta.

— Esqueci que as jovens na América vão para a escola com mais freqüência do que acontece entre nós. E são escolas muito boas, também, diz papai. Então, freqüenta uma escola particular?

— Não freqüento escola nenhuma. Eu própria sou uma governanta.

— Ah, é mesmo! — disse a Srta. Kate; mas poderia muito bem ter dito “Deus do céu, que horror!”, porque era o que seu tom de voz deixava implícito e alguma coisa, em seu rosto, fez Meg corar e desejar não ter sido tão franca.

O Sr. Brooke ergueu os olhos e disse, na mesma hora:

— As moças, na América, amam a independência da mesma maneira que seus ancestrais e são admiradas e respeitadas quando ganham o próprio sustento.

— Ah, sim, claro, é muito elogiável e correto da parte delas fazerem isso. Temos muitas moças altamente respeitáveis e dignas que fazem a mesma

coisa e são empregadas pela nobreza porque, como filhas de cavalheiros são, ao mesmo tempo, bem-educadas e prendadas, sabe — disse a Srta. Kate, num tom de voz condescendente que feriu o orgulho de Meg e fez seu trabalho parecer não apenas mais desagradável, mas também degradante.

— A canção alemã ficou boa, Srta. March? — perguntou o Sr. Brooke, rompendo um silêncio constrangedor.

— Ah, sim! Era muito doce e fico muito grata a quem a traduziu para mim. E o rosto abatido de Meg animou-se, enquanto ela falava.

— Você não lê alemão? — perguntou a Srta. Kate, com um olhar de surpresa.

— Não muito bem. Meu pai, que me ensinou, está longe, e não avanço muito sozinha porque não tenho ninguém para corrigir minha pronúncia.

— Tente um pouquinho agora; aqui está Maria Stuart, de Schiller, e um professor particular que adora ensinar.

E o Sr. Brooke colocou o livro no colo dela, com um sorriso convidativo.

— É tão difícil que tenho medo de tentar — disse Meg, grata, mas acanhada, na presença da prendada moça a seu lado.

— Vou ler um pouquinho para encorajá-la.

E a Srta. Kate leu um dos mais belos trechos, com perfeita correção, mas de forma inexpressiva.

O Sr. Brooke não fez nenhum comentário, quando ela devolveu o livro a Meg, que disse, inocentemente:

— Pensei que era poesia.

— Uma parte é. Tente este trecho.

Havia um sorriso estranho na boca do Sr. Brooke, quando ela abriu no trecho do lamento da pobre Maria.

Meg, seguindo obedientemente a longa folha de capim que seu novo professor usava para apontar o que queria, leu lenta e timidamente, sem consciência de estar fazendo poesia com as palavras difíceis, por causa da doce entonação de sua voz musical. O indicador verde ia descendo pela página e, pouco depois, esquecendo-se de sua ouvinte, com a beleza da cena triste, Meg leu como se estivesse sozinha, dando um leve tom de tragédia às palavras da infeliz rainha. Se tivesse visto, naquele momento, os olhos castanhos do professor, pararia imediatamente; mas nem uma só vez levantou os olhos do livro e, assim, não perdeu a lição.

— Foi ótimo, sinceramente! — disse o Sr. Brooke, quando ela fez uma pausa, ignorando completamente os muitos erros de Meg e com um ar de quem realmente “adora ensinar”.

A Srta. Kate colocou os óculos e, após examinar o pequeno esboço que tinha diante de si, fechou seu caderno de desenho e disse, com um ar

benevolente:

— Você tem uma boa pronúncia e, com o tempo, será uma leitora experiente. Aconselho-a a aprender, porque saber alemão é importante para professores. Vou cuidar de Grace, ela está fazendo travessuras.

E a Srta. Kate se afastou, acrescentando para si mesma, com um encolher de ombros: “Não vim aqui para servir de dama de companhia para uma governanta, embora ela seja jovem e bonita. Que pessoas estranhas, esses ianques; tenho medo que Laurie se desvie do bom caminho entre eles”.

— Esqueci que os ingleses franzem o nariz para as governantas e não as tratam da maneira como nós tratamos — disse Meg, olhando, com uma expressão de aborrecimento, para a figura que se afastava.

— Infelizmente, os professores particulares também não são muito bem-vistos, pelo que sei. Não há lugar como a América para nós, trabalhadores, Srta. Margaret.

E o Sr. Brooke parecia tão satisfeito e alegre que Meg ficou envergonhada de lamentar sua dura sorte.

— Então, estou satisfeita por viver aqui. Não gosto do meu trabalho mas, afinal, tiro dele muita satisfação; por isso, não me queixarei; queria gostar tanto quanto o senhor de ensinar.

— Acho que gostaria, sim, se seu aluno fosse Laurie. Vou lamentar muito

perdê-lo, no ano que vem — disse o Sr. Brooke, ocupado em fazer buracos no gramado.

— Vai para a universidade, suponho? — Os lábios de Meg fizeram esta pergunta, mas seus olhos acrescentaram: — E você, o que vai fazer?

— Sim, já está mais do que na hora de ele ir, porque tem preparo para isso; e, logo que ele for, eu me transformarei num soldado. Estou precisando.

— Fico satisfeita de saber! — exclamou Meg. — Acho que todos os jovens deveriam querer ir, embora seja duro para as mães e irmãs ficarem em casa — acrescentou, num tom penalizado.

— Não tenho nem uma nem outras, e muito poucos amigos para se preocuparem se estou vivo ou morto — disse o Sr. Brooke, com certa amargura, colocando, distraidamente, a rosa murcha no buraco que fizera e cobrindo-a, como se aquilo fosse um pequeno túmulo.

— Laurie e seu avô ficariam muito preocupados, e nós todas muito tristes, se lhe acontecesse alguma coisa — disse Meg, calorosamente.

— Obrigado, é muito agradável ouvir isso — principiou o Sr. Brooke, parecendo outra vez alegre; mas, antes que pudesse terminar seu discurso, Ned montou no velho cavalo e se aproximou, pesadamente, para mostrar suas habilidades eqüestres diante das moças, e não houve mais sossego aquele dia.

— Você não gosta de cavalgar? — perguntou Grace a Amy, enquanto descansavam depois de uma corrida pelo campo, com os outros, liderada por Ned.

— Sou louca para cavalgar; minha irmã Meg cavalgava, quando papai era rico, mas não temos mais cavalos, agora, a não ser Ellen Árvore — acrescentou Amy, rindo.

— Conte alguma coisa sobre Ellen Árvore. É uma jumenta? — perguntou Grace, cheia de curiosidade.

— Bom, sabe, Jo é louca por cavalos e eu também, mas só temos uma velha sela de mulher e nenhum cavalo. Em nosso jardim há uma macieira que tem um ramo baixo, ótimo; então Jo colocou nele a sela, prendeu umas rédeas na parte virada para cima, e então cavalgamos Ellen Árvore sempre que temos vontade.

— Mas que engraçado! — riu Grace. — Tenho um pônei em casa e cavalgo quase todos os dias no parque com Fred e Kate; é muito agradável, porque meus amigos vão também, e o Row é cheio de damas e cavalheiros.

— Meu Deus, mas que encanto! Espero ir ao estrangeiro algum dia, mas preferia Roma ao Row — disse Amy, que não tinha a mais remota idéia do que era o Row e não perguntaria por nada deste mundo.

Frank, sentado logo atrás das meninas, ouviu o que diziam e afastou de si

sua muleta, com um gesto impaciente, espiando os rapazes ativos fazerem todo tipo de ginásticas cômicas. Beth, que juntava as cartas espalhadas do jogo do Autor, ergueu os olhos e disse, com seu jeito tímido mas amistoso: — Parece que está cansado; que pena! Será que posso ajudar você de alguma forma?

— Converse comigo, por favor; é aborrecido ficar sentado sozinho — respondeu Frank que, evidentemente, estava acostumado a viver cercado de atenções em casa.

Se lhe tivesse pedido que fizesse um discurso em latim, a tarefa não pareceria mais impossível para a acanhada Beth; mas, naquele momento, não havia nenhum lugar para onde ela pudesse correr, nem Jo para se esconder atrás, e o pobre rapaz a olhava tão ansiosamente que ela, tomando coragem, resolveu tentar.

— Sobre o que gostaria de falar? — perguntou, remexendo nas cartas e deixando cair a metade ao tentar amarrá-las.

— Bom, gosto de ouvir falar de croquê, de barcos e de caça — disse Frank, que ainda não aprendera a adequar seus divertimentos à sua força.

“Ora essa! Que vou fazer? Não sei nada a respeito dessas coisas”, pensou Beth e, em sua agitação, esquecendo-se do infortúnio do rapaz e esperando fazê-lo falar, disse:

— Nunca vi nenhuma caçada, mas acho que você deve saber tudo a respeito.

— Antigamente, sim; mas nunca mais vou poder caçar, porque me machuquei pulando por cima de um maldito portão com cinco vigas; então, agora não posso mais chegar perto de cavalos e cães de caça — disse Frank, com um suspiro que fez Beth detestar a si mesma por causa de sua inocente tolice.

— Os cervos que vocês têm são muito mais bonitos do que nossos feios búfalos — falou ela, recorrendo às pradarias em busca de ajuda, e satisfeita por ter lido um dos livros para meninos de que Jo gostava tanto.

Os búfalos mostraram-se reconfortantes e satisfatórios e, em sua ansiedade para divertir outra pessoa, Beth esqueceu-se por completo de si mesma e não percebeu a surpresa e satisfação de suas irmãs, diante do espetáculo incomum de Beth falando sem parar com um dos terríveis rapazes contra os quais suplicara proteção.

— Mas que encanto! Tem pena dele, por isso está sendo simpática com o garoto — disse Jo, sorrindo-lhe do campo de croquê.

— Eu sempre disse que ela é uma pequena santa — acrescentou Meg, como se não pudesse haver mais nenhuma dúvida a respeito.

— Há muito tempo não ouço Frank rir tanto — disse Grace a Amy, as duas

sentadas lado a lado, discutindo bonecas e fazendo serviços de chá com as bolotas.

— Minha irmã Beth é uma menina muito facinorosa quando quer — disse Amy, satisfeita com o sucesso de Beth.

Queria dizer “fascinante”, mas Grace não sabia o significado de nenhuma das duas palavras, então “facinorosa” soou bem e causou boa impressão.

Um verdadeiro circo improvisado, com raposa e gansos, e um jogo amistoso de croquê encerraram a tarde. Ao anoitecer, a tenda foi desarmada, as cestas guardadas, os aros do croquê retirados, os barcos carregados e o grupo inteiro voltou pelo rio, cantando a plenos pulmões. Ned, num acesso de sentimentalismo, gorjeou uma serenata, com o nostálgico refrão:

Sozinho, sozinho, ah! que dó, sozinho, e os versos:

Somos jovens, nós dois, temos ambos um coração,

Ah, por que ficarmos assim, friamente separados?

e olhou para Meg com uma expressão tão piegas que ela riu, abertamente, e estragou sua canção.

— Como pode ser tão cruel comigo? — sussurrou ele, sob a cobertura de um animado coro. — Você ficou o dia inteiro junto daquela inglesa toda formal e agora zomba de mim.

— Não pretendia, mas você estava tão engraçado que eu realmente não

agüentei — respondeu Meg, ignorando a primeira parte da reprimenda dele, porque era inteiramente verdadeiro que ela o evitara, lembrando-se da festa dos Moffat e da conversa que teve depois.

Ned ficou ofendido e voltou-se para Sallie em busca de consolo, dizendo-lhe, meio irritado:

— Essa garota não sabe mesmo flertar, não?

— É verdade, mas ela é um amor — respondeu Sallie, defendendo a amiga, também reconhecendo suas falhas.

— Em matéria de amor, ela está por fora — disse Ned, tentando fazer graça, e conseguindo, como em geral acontece com os cavalheiros muito jovens.

No gramado onde se reunira, o pequeno grupo separou-se com cordiais boas-noites e adeuses, porque os Vaughns iam para o Canadá. Quando as quatro irmãs atravessavam o jardim a caminho de casa, a Srta. Kate olhou-as e disse, sem nenhum tom de condescendência na voz:

— Apesar de suas maneiras pouco convencionais, vemos que as moças americanas são ótimas quando as conhecemos de perto.

— Concordo inteiramente — disse o Sr. Brooke.

Capítulo 13

Castelos no Ar

Laurie achava-se deitado em sua rede, balançando-se ociosamente de um lado para outro, numa tarde quente de setembro, a perguntar a si mesmo o que estariam fazendo suas vizinhas, mas com preguiça demais para ir verificar. Estava num dos seus humores difíceis, porque o dia fora ao mesmo tempo inútil e insatisfatório e desejava poder vivê-lo novamente, de outra forma. O tempo quente deixava-o in-dolente e ele negligenciara os estudos, abusara ao máximo da paciência do Sr. Brooke, desagradara ao avô, tocando piano metade da tarde, deixara as criadas fora de si, sugerindo que um dos seus cães estava raivoso e, depois de palavras irritadas dirigidas ao cavaleiro, por conta de algum imaginário maltrato ao seu cavalo, atirara-se em sua rede para pensar, cheio de aborrecimento, na estupidez do mundo em geral, até que a paz do lindo dia o tranqüilizou à sua própria revelia, olhando longamente para a verde penumbra das castanhas-da-índia, lá no alto, entregou-se a todo tipo de sonhos, e imaginava-se justamente no embalo do oceano, numa viagem de volta ao mundo, quando o som de vozes trouxe-o de volta à praia num relâmpago. Espiando através das malhas da rede, viu as Marches saindo, como se partissem em alguma expedição.

— Em que estarão metidas essas meninas agora? — pensou Laurie, abrindo os olhos sonolentos para dar uma boa olhada, porque havia algo estranho na aparência de suas vizinhas. Cada uma delas usava um chapéu

grande, de abas balouçantes, com uma sacola de linho marrom atirada por cima do ombro, e seguravam um longo bastão. Meg levava uma almofada, Jo um livro, Beth uma cesta e Amy uma pasta. Atravessaram silenciosamente o jardim, saíram pelo pequeno portão dos fundos e começaram a subir a colina entre a casa e o rio.

— Ora, mas que indiferença! — disse Laurie de si para consigo. — Estão fazendo um piquenique e não me convidaram! Não podem estar indo de barco, porque não têm a chave. Talvez tenham esquecido; vou levá-la para elas e descobrir o que está acontecendo.

Embora tivesse uma meia dúzia de chapéus, demorou algum tempo para encontrar um; depois, houve uma verdadeira caçada atrás da chave, afinal encontrada em seu bolso, de modo que as meninas já haviam desaparecido completamente quando ele pulou a sebe e correu à procura delas. Tomando o caminho mais curto até a casa dos barcos, esperou que aparecessem; mas nenhuma foi até ali, e ele subiu o morro para observar. Um pinheiral cobria uma parte da colina e, do coração desse ponto verde, veio um som mais audível do que o suave suspiro dos pinheiros ou o sonolento cricrilar dos grilos.

“Mas que quadro!”, pensou Laurie, espiando através dos arbustos, já inteiramente desperto e bem-humorado.

Era mesmo um lindo quadrinho, porque as irmãs estavam sentadas juntas,

na penumbra daquele recesso, com sol e sombra bruxuleando sobre elas, o perfumado vento a despentear-lhes os cabelos e a refrescar-lhes as faces coradas, e toda a pequena população do bosque prosseguia com suas atividades, como se elas não fossem estranhas, mas velhas amigas. Meg estava sentada em sua almofada, costurando delicadamente com suas mãos brancas, cheia de frescor, doce como uma rosa, com seu vestido cor-de-rosa no meio do verde. Beth separava as pinhas que se acumulavam debaixo de um grande pinheiro próximo, porque fazia coisas bonitas com elas. Amy desenhava um grupo de avencas e Jo tricotava e lia em voz alta, ao mesmo tempo. Uma sombra passou pelo rosto do rapaz, ao observá-las, sentindo que devia ir embora, porque não fora convidado; mas permaneceu ali, porque sua casa lhe parecia muito solitária e aquele tranqüilo grupo no bosque era extremamente atraente para seu espírito inquieto. Manteve-se tão quieto que um esquilo, ocupado em sua colheita, desceu correndo por um pinheiro, bem atrás do jovem e, ao vê-lo assim de repente, deu um pulo para trás, com um protesto tão estridente que Beth ergueu os olhos, espiou o rosto suplicante por trás das bétulas e fez um aceno, acompanhado por um sorriso reconfortante. — Posso ir até aí, por favor? Ou será que incomodarei vocês? — perguntou ele, avançando vagarosamente.

Meg levantou as sobrancelhas, mas Jo fez-lhe uma carranca desafiadora e

disse, imediatamente:

— Claro que pode. Devíamos ter convidado você, mas pensamos que não gostaria de participar de um encontro de meninas, como este.

— Sempre gostei dos encontros de vocês; mas, se Meg não me quer aqui, irei embora.

— Não faço objeções se você se ocupar com alguma coisa; é contra as regras ficar aqui sem fazer nada — respondeu Meg, com seriedade, mas de maneira gentil.

— Muito obrigado. Farei qualquer coisa, se deixarem que eu fique aqui um pouquinho, porque lá em casa está tão monótono quanto o deserto do Saara. Devo costurar, ler, pegar as pinhas, desenhar, ou tudo ao mesmo tempo? Digam o que querem; estou pronto.

E Laurie sentou-se, com uma expressão submissa que era encantadora de ver.

— Termine esta história enquanto conserto o salto do meu sapato — disse Jo, entregando-lhe o livro.

— Sim, senhorita — foi a meiga resposta, enquanto ele se preparava para ler, esforçando-se ao máximo para provar sua gratidão pelo favor de ser admitido na “Sociedade das Abelhas Atarefadas”.

A história não era longa, e, quando terminou de ser lida, ele aventurou-se a

fazer algumas perguntas, como uma recompensa a que fazia jus.

— Por favor, senhora, posso perguntar se esta instituição, altamente instrutiva e encantadora, é nova?

— Querem contar a ele? — perguntou Meg às irmãs.

— Ele vai rir — disse Amy, com um tom de advertência.

— E daí? — replicou Jo.

— Acho que ele vai gostar — acrescentou Beth.

— Claro que vou! Dou minha palavra que não rirei. Conte logo, Jo, e não tenha medo.

— Que idéia, ter medo de você! Bom, sabe, costumávamos representar o Pilgrim's Progress e, durante o inverno e o verão inteiros, temos continuado a fazer isso com a maior seriedade.

— Sim, eu sei — disse Laurie, com acenos ponderados de cabeça.

— Quem lhe disse? — perguntou Jo.

— Espíritos.

— Não, fui eu. Queria diverti-lo, uma noite, quando todas vocês tinham saído e ele estava realmente muito aborrecido. Ele gostou, então não repreendam Jo — disse Beth, meigamente.

— Não se pode guardar um segredo. Mas, não faz mal, agora evita problemas.

— Continue, por favor — disse Laurie, quando Jo se concentrou em seu trabalho, parecendo levemente contrariada.

— Ah, mas ela não lhe contou sobre esse nosso novo plano? Bom, tentamos não desperdiçar nossas férias; então cada uma de nós assumiu uma tarefa e trabalhou nela com empenho. As férias estão quase terminando, as tarefas foram todas cumpridas e estamos muito felizes porque não perdemos tempo.

— Sim, acho muito bom.

E Laurie pensou, cheio de arrependimento, em seus próprios dias ociosos.

— Mamãe gosta de nos ver ao ar livre tanto quanto possível, então trazemos nosso trabalho para cá e passamos horas agradáveis. Só por divertimento, colocamos nossas coisas nessas sacolas, usamos velhos chapéus, cajados para nos ajudar a subir o morro, brincando de peregrinos, como dizíamos há anos. Chamamos a isto aqui de Montanha Deleitosa, porque podemos olhar a distância e ver o campo, onde, algum dia, esperamos viver.

Jo apontou e Laurie soergueu-se para dar uma olhada, porque, através de uma abertura no bosque, descortinava-se, do outro lado do rio largo e azul, a grande campina que se estendia muito além dos subúrbios da grande cidade, até as verdes montanhas que pareciam tocar o céu. O sol ia descendo e o céu fulgurava, no esplendor de um crepúsculo de outono. Havia nuvens douradas e

purpúreas no topo das colinas, e, elevando-se às alturas, banhados de luz rosada, re-luziam cumes de um branco prateado, parecendo as aéreas flechas das torres de uma Cidade Celestial.

— Como é lindo! — disse Laurie, baixinho, porque sentia e apreciava muito rapidamente a beleza, sob qualquer forma.

— Muitas vezes fica assim e gostamos de observar, porque nunca é a mesma coisa, mas sempre é lindo — falou Amy, desejando poder pintar aquilo.

— Jo fala a respeito do campo, onde esperamos viver algum dia — o verdadeiro campo, ela quer dizer, com porcos, pintos e feno secando. Seria ótimo, mas eu gostaria que o belo campo ali em cima fosse real e que a gente pudesse, algum dia, ir até lá — disse Beth, reflexivamente.

— Há um campo ainda mais lindo do que aquele, para onde iremos, dentro de algum tempo, se formos suficientemente boas — disse Meg, com sua voz doce.

— Parece muito tempo para esperar, tão difícil de alcançar. Queria voar para lá imediatamente, como voam aquelas andorinhas, e entrar por aquele maravilhoso portão.

— Você chegará lá, Beth, mais cedo ou mais tarde, não se preocupe — disse Jo. — Quem vai ter de lutar, trabalhar, escalar e esperar, talvez afinal nunca entrar, sou eu.

— Você terá a mim como companhia, se isso lhe serve de consolo. Vou ter de viajar muito antes de avistar sua Cidade Celestial. Se chegar tarde, você me recomendará, não é, Beth?

Alguma coisa, no rosto do rapaz, perturbou sua pequena amiga, mas ela disse, alegremente, com seus olhos tranqüilos pousados nas brancas nuvens em movimento:

— Se as pessoas quiserem mesmo ir, e se realmente tentarem durante toda a vida, acho que entrarão, porque não acredito que haja algum cadeado naquela porta nem qualquer guarda no portão. Sempre imagino que seja como no quadro, com as figuras luminosas estendendo as mãos para acolher o pobre cristão quando ele chega do rio.

— Não seria engraçado se todos os castelos no ar que construimos pudessem tornar-se verdadeiros e se a gente pudesse morar neles? — disse Jo, depois de uma pequena pausa.

— Já fiz tantos que seria difícil escolher em qual deles moraria — falou Laurie, estirado no chão e atirando pinhas no esquilo que o traíra.

— Você deve ficar com o seu favorito. Qual é? — perguntou Meg.

— Se eu disser o meu, você diz o seu?

— Sim, se as meninas também disserem.

— Diremos. Pode falar, Laurie.

— Depois que tiver visto o mundo, tanto quanto desejo, gostaria de me estabelecer na Alemanha e ter toda a música que quiser. Serei eu próprio um músico famoso e todas as pessoas do mundo correrão para me ouvir; e nunca me preocuparei com dinheiro nem com negócios, mas me divertirei e viverei para aquilo que me agrada. Este é o meu castelo favorito. Qual é o seu, Meg? Margaret parecia achar um tanto difícil revelar o dela, e ficou acenando com uma samambaia diante do rosto, como se quisesse dispersar mosquitos imaginários, enquanto dizia, devagar:

— Gostaria de ter uma bela casa, cheia de todos os tipos de coisas luxuosas — boa comida, roupas bonitas, belos móveis, pessoas agradáveis e montões de dinheiro. Serei a dona e a dirigirei como quiser, com uma porção de criados, para não ter de trabalhar nem um pouquinho. Como gostaria disso! Porque não ficaria ociosa, mas praticaria o bem e faria com que todos me amassem muito.

— Seu castelo no ar não teria um senhor? — perguntou Laurie matreiramente.

— Eu disse “pessoas agradáveis”, sabe.

E Meg, cuidadosamente, foi amarrando o sapato enquanto falava, para ninguém ver seu rosto.

— Por que não diz que teria um maravilhoso, sábio e bom marido e alguns

filhinhos angelicais? Você sabe que seu castelo não seria perfeito sem isso — disse a rude Jo, que não tinha ainda nenhuma terna fantasia e, até certo ponto, zombava do romantismo, a não ser nos livros.

— Você não teria no seu nada a não ser cavalos, tinteiros e romances — respondeu Meg provocativamente.

— E por que não? Teria uma estrebria cheia de corcéis árabes, quartos entulhados de livros e escreveria com um tinteiro mágico, de modo que minhas obras se tornariam tão famosas quanto a música de Laurie. Quero fazer alguma coisa esplêndida antes de entrar no meu castelo — alguma coisa heróica ou maravilhosa que não seja esquecida depois que eu morrer. Não sei o quê, mas estou atenta para descobrir, e pretendo deixar todos vocês espantados algum dia. Acho que vou escrever livros e ficar rica e famosa: isto combina comigo, e então é o meu sonho favorito.

— O meu é ficar em casa, em segurança, com papai e mamãe, e ajudar a tomar conta da família — disse Beth, com um tom de contentamento.

— Não quer mais nada? — perguntou Laurie.

— Desde que ganhei meu pequeno piano, estou perfeitamente satisfeita. Só desejo ver todas nós sempre felizes e juntas, nada mais.

— Tenho sempre muitos desejos, mas o que volta constantemente é o de ser artista, ir para Roma, fazer belos quadros, ser a melhor artista do mundo

inteiro — este foi o modesto desejo de Amy.

— Somos um grupo de pessoas ambiciosas, não? Todos, menos Beth, queremos ser ricos, famosos e maravilhosos, sob qualquer aspecto. Fico imaginando se algum de nós chegará algum dia a realizar seus desejos — disse Laurie, mastigando capim como uma vaca ruminante.

— Tenho a chave para o meu castelo no ar, mas, se posso destrancar a porta, isto ainda resta ver — observou Jo, misteriosamente.

— Tenho a chave para o meu, mas não tenho permissão para tentar abri-lo. Mandar a universidade às favas! — resmungou Laurie com um sorriso impaciente.

— Aqui está a minha! — e Amy acenou com seu lápis.

— Não tenho nenhuma — disse Meg tristemente.

— Sim, você tem — disse Laurie na mesma hora.

— Onde?

— Em seu rosto.

— Bobagem, não adianta de nada.

— Espere e verá se ele não lhe trará uma coisa que vale a pena ter — respondeu o rapaz, rindo, porque pensava num segredinho encantador que imaginava ter descoberto.

Meg corou por trás da samambaia, mas não fez nenhuma pergunta e olhou

para o outro lado do rio com a mesma expressão de expectativa que tinha o Sr. Brooke quando contou a história do cavaleiro.

— Se estivermos todos vivos, daqui a dez anos, vamos nos encontrar e ver se nossos desejos foram satisfeitos ou se, pelo menos, chegamos mais perto deles do que estamos agora — disse Jo, sempre pronta a apresentar algum plano.

— Meu Deus! Quantos anos terei... vinte e sete! — exclamou Meg, que já se sentia adulta tendo apenas chegado aos dezessete.

— Você e eu teremos vinte e seis, Teddy e Beth vinte e quatro e Amy vinte e dois. Que grupo respeitável! — disse Jo.

— Espero que a gente já tenha feito, a essa altura, alguma coisa que seja motivo de orgulho, mas sou tão preguiçoso que tenho medo de ficar vadiando, Jo.

— Você só precisa de uma motivação, como diz mamãe; e, quando a tiver, ela tem certeza de que trabalhará maravilhosamente.

— Ela disse isso? Meu Deus, é verdade, se eu tiver essa oportunidade! — exclamou Laurie, sentando-se, com súbita energia. — Deveria ficar satisfeito apenas em satisfazer vovô, e tento, mas é remar contra a corrente, sabe, e assim é difícil. Ele quer que eu seja um comerciante na Índia, sabe, e eu preferia morrer. Detesto chá, seda e especiarias e todo tipo de lixo que seus

velhos navios trazem, e pouco me importa se afundarem imediatamente quando eu for dono deles. Ir para a universidade deveria satisfazer vovô; dando-lhe eu quatro anos, ele poderia deixar que eu ficasse longe dos negócios; mas ele já tomou sua decisão, devo fazer exatamente o que ele fez, a não ser que me afaste e viva do jeito que me agrada, como aconteceu com meu pai. Se tivesse sobrado alguém para ficar com o velho cavalheiro, eu faria isso amanhã mesmo.

Laurie falou cheio de excitação e parecia preparado para cumprir sua ameaça à mais leve provocação, porque tornava-se rapidamente um adulto e, apesar de seu jeito in-dolente, tinha ódio à sujeição que, como o desejo inquieto de explorar o mundo por conta própria, caracteriza os rapazes.

— Aconselho você a sair navegando num dos seus navios e não voltar para casa antes de experimentar viver do jeito como deseja — disse Jo, cuja imaginação se inflamou com o pensamento de uma façanha tão ousada e cuja simpatia era despertada pelo que ela chamava de “as injustiças sofridas por Teddy”.

— Isso não é certo, Jo; você não deve falar dessa maneira e Laurie também não deve aceitar seus maus conselhos. Você deve fazer exatamente o que seu avô deseja, meu caro menino — disse Meg, com seu tom de voz mais maternal. — Faça o melhor que puder na universidade e, quando ele verificar

que está tentando agradá-lo, tenho certeza de que não será severo nem injusto. Como você diz, não há nenhuma outra pessoa que possa ficar com ele e amá-lo, e você nunca se perdoaria se o deixasse sem sua permissão. Não fique triste nem ansioso, mas cumpra seu dever e obterá sua recompensa, tão boa quanto a que o Sr. Brooke obteve sendo respeitado e amado.

— O que sabe você sobre ele? — perguntou Laurie, grato pelo bom conselho, mas refratário ao sermão e satisfeito por desviar a conversa de sua própria pessoa depois de seu incomum desabafo.

— Só o que seu avô nos disse sobre ele: — como cuidou bem da mãe dele, até ela morrer, e sua recusa em ir para o exterior, como professor particular, para uma boa pessoa, porque não queria deixá-la; e como, agora, ele sustenta uma velha que tomou conta de sua mãe e nunca conta isso a ninguém, mas é imensamente generoso, paciente e bom.

— E é mesmo, aquele querido camarada! — disse Laurie, calorosamente, enquanto Meg fazia uma pausa, toda corada e muito séria com sua história. — É coisa mesmo do meu avô descobrir tudo sobre Brooke, sem deixar que ele saiba, e contar aos outros como ele é bondoso, para poderem gostar dele.

Brooke não conseguia entender por que sua mãe era tão generosa com ele, convidando-o sempre, junto comigo, e tratando-o com seu belo jeito amável. Achou que ela era simplesmente perfeita e falou sobre isso durante dias a fio,

discorrendo sobre vocês todas num estilo inflamado. Se algum dia eu satisfizer meu desejo, você verá o que farei por Brooke.

— Comece a fazer alguma coisa agora, não o atormentando tanto — disse Meg rudemente.

— Como sabe que faço isso, senhorita?

— Descubro sempre pelo rosto dele, quando vai embora. Se você foi bom, ele parece satisfeito e caminha a passos rápidos; se você o atormentou, ele fica com um ar sério, como se quisesse voltar e fazer melhor seu trabalho.

— Ora, gosto disso! Então, você tem um relatório de minhas notas boas ou ruins através do rosto de Brooke, não é? Vejo que ele se curva e sorri, quando passa pela janela de vocês, mas não sabia que tinham um telégrafo.

— Não temos. Não fique zangado e, por favor, não conte a ele nada do que eu disse! Foi apenas para mostrar que me preocupo com a maneira como você se sai, e tudo aqui é dito em confiança, sabe — exclamou Meg, muito alarmada com o pensamento do que poderia resultar de suas descuidadas palavras.

— Não saio por aí espalhando histórias — replicou Laurie, com seu ar “todo-poderoso”, como Jo classificava uma certa expressão que seu rosto assumia em certas ocasiões. — Mas, se Brooke vai ser um termômetro, tenho de prestar atenção e providenciar bom tempo para ele transmitir.

— Por favor, não fique ofendido. Não pretendia fazer pregações, espalhar

histórias nem ser tola. Apenas achei que Jo estava encorajando um sentimento seu do qual você, mais tarde, se arrependeria. Você é tão generoso conosco que sentimos por você o mesmo que sentiríamos por um irmão e dizemos exatamente o que pensamos. Perdoe-me, minhas intenções foram boas.

E Meg estendeu a mão, num gesto ao mesmo tempo afetuoso e tímido.

Envergonhado de seu momentâneo ressentimento, Laurie apertou a mãozinha generosa e disse, com sinceridade:

— Sou eu quem deve pedir perdão. Estou aborrecido, passei o dia inteiro meio fora de mim. Gosto que você me fale dos meus erros e se comporte como uma irmã para mim; não ligue quando eu me mostrar mal-humorado, de vez em quando. Sou grato da mesma maneira.

Decidido a provar que não estava ofendido, ele se mostrou o mais simpático que pôde — enrolou a linha no carretel para Meg, recitou poesia para satisfazer Jo, sacudiu para Beth os ramos do pinheiro a fim de fazer caírem as pinhas e ajudou Amy a arrumar suas avencas, provando que era uma pessoa adequada para pertencer à “Sociedade das Abelhas Atarefadas”. No meio de uma animada conversa sobre os hábitos domésticos das tartarugas (depois que uma dessas amáveis criaturas saiu caminhando do rio), o fraco soar de uma campainha avisou-as de que Hannah pusera o chá para ferver e deveriam apressar-se para chegar na hora da ceia.

— Posso aparecer novamente? — perguntou Laurie.

— Sim, se você for bom e amar seus livros, como dizem aos meninos que estão aprendendo o bê-a-bá — falou Meg sorrindo.

— Tentarei.

— Então pode vir e lhe ensinarei a tricotar, como fazem os homens escoceses. Há uma procura por meias no momento — acrescentou Jo ao se separarem no portão, acenando as que estava fazendo como um grande estandarte azul de lã.

Aquela noite, enquanto Beth tocava piano para o Sr. Laurence, na penumbra, Laurie, em pé, à sombra da cortina, ficou ouvindo o pequeno David, cuja música simples sempre acalmava seu espírito caprichoso, e também observando o velho, ali sentado, com a cabeça grisalha apoiada na mão, sem dúvida entregue a ternos pensamentos em torno da criança morta que tanto amara. Lembrando-se da conversa daquela tarde, o rapaz disse a si mesmo, decidido a fazer alegremente o sacrifício: “Vou deixar de lado meu castelo e ficar com esse velho cavalheiro querido, enquanto ele precisar, porque ele só tem a mim.”

Capítulo 14

Segredos

Jo estava muito ocupada, no sótão, porque os dias de outubro começavam

a esfriar e as tardes eram curtas.

Durante duas ou três horas, o sol batia na janela alta, mostrando Jo sentada no velho sofá, a escrever incessantemente, com seus papéis espalhados em cima de uma mala diante dela, enquanto Rói-Rói, o rato de estimação, passeava sob os raios solares, acompanhado de seu filho mais — velho, um bonito companheirinho, evidentemente muito orgulhoso de seus bigodes. Completamente absorta em seu trabalho, Jo ficou ali rabiscando até encher a última página, e então assinou seu nome com um floreio e jogou a caneta para um lado, exclamando:

— Aí está, fiz o melhor que pude! Se não for bom, terei de esperar até poder fazer melhor.

Deitada no sofá, leu cuidadosamente o manuscrito até o final, colocando travessões aqui e acolá e inserindo muitos pontos de exclamação, que pareciam pequenos balões; depois amarrou-o com uma elegante fita vermelha e permaneceu por um minuto olhando-o, com uma expressão ponderada e ansiosa que bem demonstrava como fora sério aquele trabalho. A escrivaninha de Jo, ali em cima, era uma velha lata de cozinha pendurada na parede.

Guardava dentro dela seus papéis e alguns livros, que ficavam fechados ali como proteção contra Rói-Rói; tendo igualmente um pendor literário, ele gostava de transformar em biblioteca pública os livros que encontrava em seu

caminho comendo-lhes as folhas. Daquele recipiente de estanho, Jo tirou outro manuscrito e, colocando ambos em seu bolso, desceu silenciosamente para o andar de baixo, deixando que seus amigos mordiscassem suas canetas e provassem sua tinta.

Colocou o chapéu e vestiu o casaco com o mínimo de ruído possível e, indo até a janela dos fundos, passou por ela e saiu em cima do telhado de uma varanda do andar térreo, pulando em seguida na encosta gramada, embaixo, de onde seguiu até a estrada por um desvio. Lá chegando, assumiu uma atitude composta, acenou para um ônibus que passava e foi até a cidade, com um ar muito alegre e misterioso.

Se alguém a observasse, acharia seus movimentos muito estranhos porque, ao descer do ônibus, ela seguiu a passos largos até chegar a um certo endereço, numa certa rua movimentada; tendo encontrado o lugar com alguma dificuldade, foi até a porta de entrada, olhou para a escada suja e, depois de ficar por um instante completamente imóvel, virou-se repentinamente para a rua e se afastou tão rapidamente quanto chegara. Esta manobra ela repetiu várias vezes, para grande divertimento de um jovem cavalheiro de olhos negros que estava tranqüilamente à janela de um prédio defronte. Ao voltar pela terceira vez, Jo deu uma sacudida em si mesma, puxou o chapéu para cima dos olhos e subiu a escada, com um ar de quem ia arrancar todos os

dentes.

Havia um letreiro de dentista, entre outros que enfeitavam a entrada e, depois de examinar por um instante os maxilares artificiais que se abriam e fechavam vagarosamente, a fim de chamar a atenção para um belo conjunto de dentes, o jovem cavalheiro vestiu seu casaco, pegou o chapéu e foi postar-se na porta em frente, dizendo, com um sorriso e um estremecimento: “É coisa mesmo dela vir assim sozinha, mas, se passar mal, vai precisar de alguém para ajudá-la a voltar para casa.”

Dez minutos depois, Jo desceu correndo a escada, com o rosto muito vermelho e a aparência geral de uma pessoa que acabara de passar por um terrível suplício do gênero. Quando viu o jovem cavalheiro, fez uma expressão que podia ser de qualquer coisa, menos de agrado, e passou por ele com um aceno de cabeça; mas ele a seguiu, perguntando com um ar de simpatia:

— Foi muito ruim?

— Não muito.

— Acabou depressa.

— Sim, graças a Deus!

— Por que foi sozinha?

— Não queria que ninguém soubesse.

— A senhorita é a pessoa mais estranha que já vi. Quantos saíram?

Jo olhou para seu amigo como se não entendesse o que ele queria dizer, depois começou a rir, como se achasse uma graça enorme em alguma coisa.

— Há dois que quero que saiam, mas tenho de esperar uma semana.

— Do que está rindo? Você está aprontando alguma coisa, Jo — disse Laurie, com um ar confuso.

— Você também. O que estava fazendo, senhor, lá naquele salão de bilhar?

— Peço-lhe perdão, madame, mas não era um salão de bilhar e sim um ginásio, e eu tomava uma aula de esgrima.

— Fico contente de saber.

— Por quê?

— Você pode me ensinar, e então, quando fizermos o Hamlet, você será Laertes e faremos uma bela cena de esgrima.

Laurie explodiu numa risada calorosa de garoto, que fez vários passantes sorrirem à própria revelia.

— Vou ensinar a você, mesmo se não houver nenhuma representação do Hamlet; é muito divertido e vai melhorar um bocado sua postura. Mas não creio que esse fosse seu único motivo para dizer “Fico contente de saber”, com aquele jeito decidido; não tenho razão?

— Sim, fiquei contente por você não estar no salão, porque espero que

nunca vá para esses lugares. Você vai?

— Raramente.

— Gostaria que não fosse nunca.

— Não há nenhum problema, Jo. Tenho bilhar em casa, mas só é divertido com bons jogadores; então, como gosto do jogo, algumas vezes venho e jogo com Ned Moffat, ou alguns dos outros sujeitos.

— Ah, meu Deus, sinto tanto, porque você vai gostar cada vez mais, e assim desperdiçará tempo e dinheiro e ficará como aqueles rapazes terríveis. Eu realmente esperava que você continuasse respeitável e fosse uma satisfação para seus amigos — disse Jo, sacudindo a cabeça.

— Será que um sujeito não pode de vez em quando se divertir um pouco, de maneira inocente, sem perder sua respeitabilidade? — perguntou Laurie, com um ar de irritação.

— Depende de como e quando ele se diverte. Não gosto de Ned e sua turma, e queria que você ficasse fora dela. Mamãe não nos deixa convidar Ned para nossa casa, embora ele queira ir; e, se você ficar como ele, ela não vai querer que a gente brinque junto, como fazemos agora.

— É mesmo? — perguntou Laurie, cheio de ansiedade.

— Não, ela não suporta rapazes elegantes e preferiria fechar nós todas em caixas de chapéus do que nos deixar andar com eles.

— Bom, ela não precisa ainda pegar suas caixas. Não sou um sujeito elegante e não pretendo ser, mas gosto mesmo de umas distrações inofensivas de vez em quando; você não gosta?

— Sim, ninguém se importa com isso, mas não vá ficar selvagem, está bem? Senão, será o fim de todos os nossos bons tempos.

— Serei um verdadeiro santinho.

— Não suporto santos; seja apenas um rapaz simples, honesto e respeitável, que nunca o abandonaremos. Não sei o que faria se você agisse como o filho do Sr. King; ele tinha dinheiro à vontade, mas não sabia como gastá-lo e se embriagou, jogou, fugiu e forjou o nome do pai dele, eu acho. Foi uma coisa realmente medonha.

— Você acha provável que eu faça a mesma coisa? Muito obrigado.

— Não, eu não — ah, Deus do céu, não! — mas ouço as pessoas dizerem que o dinheiro é uma tentação, e algumas vezes desejaria que você fosse pobre; assim não me preocuparia.

— Você se preocupa comigo, Jo?

— Um pouco, quando você parece aborrecido ou descontente, como fica algumas vezes; porque você tem uma vontade muito forte, e, se enveredar por um caminho errado, tenho medo que seja difícil fazer você parar.

Laurie caminhou em silêncio durante alguns minutos e Jo o observou,

desejando ter ficado calada, porque os olhos dele pareciam zangados, embora seus lábios ainda sorrissem, como se fosse das advertências dela.

— Vai ficar passando sermões durante todo o caminho para casa? — perguntou ele pouco depois.

— Claro que não. Por quê?

— Porque, se for, vou pegar um ônibus; se não, gostaria de ir caminhando com você e lhe contar uma coisa muito interessante.

— Não farei mais sermões e gostaria imensamente de ouvir a novidade.

— Muito bem, então vamos lá. É um segredo e, se eu lhe contar, você também tem de me contar o seu.

— Não tenho nenhum — começou Jo, mas parou de repente, lembrando que tinha.

— Você sabe que tem; não pode esconder nada então confesse qual é, do contrário não conto — exclamou Laurie.

— Seu segredo vale a pena?

— Mas claro! É tudo sobre pessoas que você conhece, e tão divertido!

Você precisa ouvir; há muito tempo estou louco para contar. Vamos, comece.

— Você não vai dizer nada em casa, não é?

— Nem uma só palavra.

— E não vai ficar zombando de mim, quando estivermos sozinhos, não?

— Jamais faço isso.

— Faz, sim. Você faz o que quer com as pessoas. Não sei como consegue, mas você é um sedutor nato.

— Obrigado. Então vá contando.

— Bom, deixei dois contos com um jornalista, e ele vai me dar sua resposta na próxima semana — sussurrou Jo ao ouvido do seu confidente.

— Hurra para a Srta. March, celebrada escritora americana! — exclamou Laurie, atirando para cima seu chapéu e pegando-o outra vez, para grande encanto de dois patos, quatro gatos, cinco galinhas e meia dúzia de crianças irlandesas, porque agora estavam fora da cidade.

— Psiu! Acho que não vai dar em nada, mas não conseguiria sossegar até ter tentado, e não falei coisa nenhuma a respeito porque não queria que mais ninguém ficasse desapontado.

— Não vai dar errado. Ora, Jo, seus contos são obras de Shakespeare, em comparação com metade do lixo que é publicado todos os dias. Não será divertido ver os contos publicados, e não ficaremos orgulhosos da nossa escritora?

Os olhos de Jo brilharam, porque é sempre agradável quando alguém acredita em nós e o elogio de um amigo é sempre mais doce do que uma dúzia de louvores publicados nos jornais.

— E o seu segredo? Jogue limpo, Teddy, se não nunca mais acreditarei em você — disse ela, tentando eliminar as ardentes esperanças que nasciam com uma palavra de encorajamento.

— Posso me meter numa enrascada por contar, mas não prometi que não contaria; então aí vai, porque não sossego enquanto não lhe conto qualquer novidadezinha gostosa que descubro. Sei onde está a luva de Meg.

— É só isso? — disse Jo, com um ar desapontado, enquanto Laurie fazia um aceno afirmativo com a cabeça e piscava os olhos, com um rosto cheio de misteriosa sabedoria.

— Por enquanto é o bastante, como você concordará quando eu lhe disser onde ela está.

— Então diga.

Laurie curvou-se e sussurrou três palavras no ouvido de Jo que provocaram uma cômica mudança. Por um minuto, ela o ficou olhando fixamente, com uma expressão ao mesmo tempo de surpresa e desagrado; depois continuou a caminhar, dizendo com rispidez:

— Como é que você sabe?

— Eu vi.

— Onde?

— No bolso.

— Esse tempo todo?

— Sim, não é romântico?

— Não, é horroroso.

— Você não gosta?

— Claro que não. É ridículo, não seria permitido. Ora essa! O que diria Meg?

— Você não deve dizer a ninguém. Não se esqueça.

— Não prometi.

— Foi o que ficou combinado, e confiei em você.

— Bom, no momento, de qualquer jeito, não vou dizer, mas estou aborrecida e preferia que você não me contasse.

— Pensei que fosse ficar satisfeita.

— Com a idéia de alguém vir e levar Meg embora? Não, obrigada.

— Vai gostar mais quando alguém vier e levar você embora.

— Gostaria de ver alguém tentar uma coisa dessas! — exclamou Jo ferozmente.

— Eu também gostaria!

E Laurie deu risadinhas com a idéia.

— Acho que não me dou bem com segredos; desde que você me contou isso estou com a cabeça ruim — disse Jo, com certa ingratidão.

— Desça correndo essa ladeira comigo e se sentirá bem — sugeriu Laurie.

Não havia ninguém à vista, a estrada lisa estendia-se diante dela num declive convidativo e, achando a tentação irresistível, Jo disparou, logo perdendo o chapéu e o pente e espalhando por toda parte, enquanto corria, os grampos do cabelo. Laurie chegou à meta primeiro e se sentiu muito satisfeito com o sucesso do seu tratamento, porque sua Atalanta chegou arquejando, com o cabelo todo despenteado, olhos brilhantes, faces coradas e nenhum sinal de aborrecimento no rosto.

— Gostaria de ser um cavalo para poder correr quilômetros neste ar maravilhoso sem perder o fôlego. Foi ótimo, mas fiquei toda desarrumada. Faça esse favor, vá pegar minhas coisas, você é mesmo um anjinho — disse Jo, deixando-se cair embaixo de um bordo que cobria a encosta com suas folhas vermelhas.

Laurie saiu caminhando devagar, para recuperar os pertences perdidos, e Jo juntou desajeitadamente as tranças, esperando que ninguém passasse por ali até ela estar outra vez arrumada. Mas alguém passou, e foi justamente Meg, com um aspecto especialmente distinto, porque tinha acabado de fazer uma visita.

— Mas pelo amor de Deus, o que está fazendo aí? — perguntou ela, olhando para sua despenteada irmã com a surpresa de uma moça bem-

educada.

— Pegando folhas — respondeu meigamente Jo, mostrando o punhado de folhas rosadas que acabara de juntar.

— E grampos de cabelo — acrescentou Laurie, atirando meia dúzia no colo de Jo. — Crescem nesta estrada, Meg; e pentes e chapéus de palha marrons também.

— Você andou correndo, Jo. Como pôde fazer uma coisa dessas? Quando é que vai parar com esses maus modos, com essas correrias? — disse Meg, em tom reprovador, enquanto ajeitava os punhos engomados do seu vestido e alisava o cabelo, com o qual o vento tomara liberdades.

— Nunca, até ficar toda dura e velha e ter de usar uma muleta. Não tente fazer com que eu fique adulta antes do tempo, Meg: já é ruim demais ver você mudar de repente; deixe que eu continue menina por tanto tempo quanto puder.

Enquanto falava, Jo curvou-se sobre as folhas para esconder o tremor dos seus lábios, porque sentia, ultimamente, que Margaret muito depressa se tornava uma mulher, e o segredo de Laurie fez com que ela tivesse pavor da separação que, sem dúvida, ocorreria a qualquer momento e, agora, parecia muito próxima. Ele viu a perturbação no rosto da amiga e desviou a atenção de Meg, perguntando:

— A quem foi visitar assim tão elegante?

— Fui à casa dos Gardiners e Sallie me contou tudo sobre o casamento de Belle Moffat. Foi esplêndido, e eles foram passar o inverno em Paris. Pense que beleza deve ser isso!

— Você tem inveja dela, Meg? — perguntou Laurie.

— Acho que sim, infelizmente.

— Fico satisfeita com isso! — resmungou Jo, amarrando seu chapéu com um gesto brusco.

— Por quê? — perguntou Meg, com um ar de surpresa.

— Porque, se você dá tanta importância à riqueza, nunca irá casar-se com um homem pobre — disse Jo, franzindo a testa para Laurie, que mudamente advertia para prestar atenção ao que estava dizendo.

— Nunca “irei casar-me” com alguém — observou Meg, caminhando com grande dignidade, enquanto os outros a acompanhavam, rindo, cochichando, atirando pedras e “comportando-se como crianças”, como disse Meg para si mesma, embora talvez sentisse a tentação de fazer a mesma coisa se não estivesse usando seu melhor vestido.

Durante uma ou duas semanas, Jo agiu de forma tão estranha que suas irmãs ficaram perplexas. Corria até a porta quando o carteiro tocava a campainha, mostrava-se rude com o Sr. Brooke sempre que se encontravam,

ficava sentada olhando para Meg com uma expressão acabrunhada, dando, de vez em quando, um pulo e indo sacudi-la, em seguida beijando-a de uma maneira muito misteriosa; Laurie e ela estavam sempre fazendo sinais um para o outro e falando sobre “Águias de Asas Estendidas” até as meninas declararem que os dois haviam enlouquecido. No segundo sábado depois que Jo saiu pela janela, Meg estava sentada, costurando junto de sua janela, e ficou escandalizada ao ver Laurie caçando Jo por todo o jardim e, afinal, capturando-a no caramanchão de Amy. O que se passou lá Meg não pôde ver, mas ouviram-se gritos de alegria, seguidos pelo murmúrio de vozes e o ruído de jornais sendo folheados.

— O que vou fazer com essa menina? Ela jamais se comportará como uma verdadeira senhorita — suspirou Meg, observando a corrida com uma expressão desaprovadora no rosto.

— Espero que nunca; ela é tão engraçada e maravilhosa do jeito como é — disse Beth, que não deixara nunca transparecer que estava um pouco magoada porque Jo tinha segredos com outra pessoa que não ela.

— É muito duro, mas a gente não vai conseguir nunca que ela seja commy la fo — acrescentou Amy, que estava sentada fazendo alguns novos babados para si mesma, com os cachos presos de uma maneira muito graciosa; duas coisas agradáveis que a faziam sentir-se incomumente elegante e distinta.

Dentro de alguns instantes, Jo entrou aos pulos, estirou-se no sofá e fingiu que estava lendo.

— Há alguma coisa interessante aí? — perguntou Meg, com um tom condescendente.

— Nada, a não ser um conto; não é grande coisa, eu acho — respondeu Jo, mantendo cuidadosamente escondido o nome do jornal.

— É melhor você ler alguma coisa; isto nos divertirá e impedirá que você ande por aí com travessuras — disse Amy, com seu tom de voz mais adulto.

— Como é o nome? — perguntou Beth, imaginando por que Jo mantinha o rosto atrás do jornal.

— Os pintores rivais.

— Parece interessante; leia — disse Meg.

Depois de um pigarro alto e de uma respiração profunda, Jo começou a ler muito depressa. As meninas ouviram com interesse, porque o conto era romântico e algo patético, já que, no fim, a maioria dos personagens morria.

— Gostei daquela parte sobre o quadro maravilhoso — foi o comentário aprovador de Amy, quando Jo parou.

— Prefiro a parte amorosa. Viola e Angelo são dois dos nossos nomes favoritos, não é engraçado? — disse Meg, enxugando os olhos porque a “parte amorosa” era trágica.

— Quem escreveu isso? — perguntou Beth, que dera uma rápida olhada no rosto de Jo.

A leitora levantou-se de repente, jogou o jornal para um lado e, mostrando o rosto corado, respondeu em voz alta, com uma mistura engraçada de solenidade e excitação:

— A irmã de vocês.

— Você? — exclamou Meg, deixando cair seu trabalho.

— É muito bom — disse Amy, criticamente.

— Eu sabia! Eu sabia! Ah, minha Jo, estou tão orgulhosa! — e Beth correu para abraçar a irmã e exultar com seu maravilhoso sucesso.

Deus do céu, como ficaram todas encantadas! Meg não conseguia nem acreditar, até ver as palavras “Srta. Josephine March” realmente impressas no jornal; com quanta simpatia Amy comentou os trechos em que o conto tratava de arte e ofereceu sugestões para uma continuação que, infelizmente, não poderia ser escrita porque o herói e a heroína estavam mortos; como Beth se entusiasmou, pulou e cantou de tanta alegria; como Hannah ficou alegre, entrou e exclamou: “Pelo amor de Cristo!”, com grande pasmo, diante da “proeza dessa danadinha da Jo”; como a Sra. March ficou orgulhosa quando soube; como Jo riu, com lágrimas nos olhos, declarando que, assim, acabaria um verdadeiro pavão, de tanta vaidade; e como a “Águia de Asas Estendidas”,

por assim dizer, agitou as asas, triunfalmente, sobre a casa dos Marches, enquanto o jornal passava de mão em mão!

“Conte tudo pra gente.” “Quando saiu?” “Quanto você ganhou por isso?” “O que papai vai dizer?” “Laurie não vai rir?”, exclamou a família, todos num só fôlego, reunidos em torno de Jo, porque aquelas pessoas ingênuas e afetivas transformavam em festa todas as pequenas alegrias domésticas.

— Parem de tagarelar, meninas, e contarei tudo a vocês — disse Jo, imaginando se a Srta. Burney sentira, por sua Evelina, um entusiasmo maior do que o seu por Pintores rivais. Depois de explicar como encaminhara seus contos, Jo acrescentou:

— E, quando fui saber a resposta, o homem disse que tinha gostado dos dois, mas não pagava a principiantes, só deixava que publicassem em seu jornal para os contos serem lidos. É uma boa prática, ele disse, e, quando os principiantes melhoram, qualquer pessoa pagará. Então deixei que ficasse com os dois contos, e hoje isto foi enviado para mim e Laurie me pegou com o jornal e insistiu em ver, então mostrei; e ele disse que era muito bom, que devo escrever mais e que vai providenciar para eu ser paga, da próxima vez; então estou feliz porque, dentro de algum tempo, talvez seja capaz de me sustentar e de ajudar as meninas.

Neste ponto, Jo perdeu o fôlego e, enfiando a cabeça no jornal, orvalhou

sua pequena história com algumas lágrimas espontâneas; porque ser independente e receber elogios daqueles a quem amava eram os desejos mais profundos do seu coração, e aquele parecia o primeiro passo em direção a esse final feliz.

Capítulo 15

Um Telegrama

— Novembro é o mês mais desagradável do ano — disse Margaret, à janela, numa tarde sombria, olhando lá fora o jardim danificado pela geada.

— Foi por isso que nasci nele — comentou Jo, meditativamente, sem perceber que estava com um borrão no nariz.

— Se alguma coisa muito agradável acontecesse agora, a gente acharia que é um mês maravilhoso — disse Beth, que assumia um ponto de vista esperançoso com relação a tudo, até mesmo ao mês de novembro.

— É possível, mas nada agradável acontece nunca, nesta família — disse Meg, que estava de mau humor. — Não paramos de nos queixar, dia após dia, sem que haja a menor mudança, e nos divertimos muito pouco. Uma rotina muito aborrecida.

— Pelo amor de Deus, como estamos tristes! — exclamou Jo. — E seria mesmo de esperar, minha pobre irmãzinha, porque você vê outras moças se divertindo à beça, enquanto você só faz trabalhar, duramente, anos a fio. Ah,

como desejaria poder ajeitar as coisas para você, como faço com as minhas heroínas! Você já é muito bonita e muito boa, então eu faria com que algum parente rico lhe deixasse uma fortuna, inesperadamente; assim você se tornaria muito importante, como herdeira, zombaria de todos que tivessem menosprezado você, viajaria para o exterior e voltaria para cá como Lady Alguma Coisa, com uma aura de esplendor e elegância.

— Atualmente, ninguém herda mais fortunas desse gênero; os homens precisam trabalhar e as mulheres casar por causa do dinheiro. É um mundo terrivelmente injusto — disse Meg amargamente.

— Jo e eu vamos ganhar fortunas para vocês todas; basta esperarem dez anos e verão — disse Amy, que estava sentada a um canto, fazendo bolos de lama, como Hannah chamava seus pequenos modelos de pássaros, frutas e rostos.

— Não posso esperar e, infelizmente, não tenho lá muita fé em tinta e barro, embora fique agradecida pelas boas intenções de vocês.

Meg suspirou e virou-se outra vez para o jardim coberto de geada; Jo gemeu e apoiou os dois cotovelos na mesa, com uma atitude de desânimo, mas Amy continuou a modelar energicamente e Beth, que estava sentada junto à outra janela, disse sorrindo:

— Duas coisas agradáveis vão acontecer agora mesmo: mãezinha vem

vindo pela rua e Laurie pelo jardim, como se tivesse alguma coisa boa para contar.

Entraram os dois, e a Sra. March fez sua habitual pergunta: “Alguma carta do papai, meninas?”, enquanto Laurie dizia, com seu tom persuasivo:

— Algumas de vocês não querem dar uma volta de coche? Estudei tanta matemática que minha cabeça ficou completamente confusa e vou refrescar os miolos dando uma voltinha. O dia está escuro, mas o ar não está ruim e vou levar Brooke para casa, de modo que será um passeio alegre, apesar do tempo triste. Vamos, Jo, e você, Beth, vem também, não?

— Claro que vamos.

— Muito obrigada, mas estou ocupada.

E Meg afastou-se rapidamente com sua cesta, porque concordara com a observação de sua mãe de que era melhor, pelo menos para ela, não sair com muita frequência a passeio com os jovens cavalheiros.

— Nós três estaremos prontas num minuto — exclamou Amy, saindo às carreiras para lavar as mãos.

— Posso servi-la de alguma maneira, Madame Mãe? — perguntou Laurie, inclinando-se sobre a cadeira da Sra. March, com o olhar e o tom de voz afetuosos com que sempre a tratava.

— Não, obrigada, só lhe peço que telefone para o correio, se quiser fazer

essa gentileza, querido. É nosso dia de receber carta e o carteiro não veio.

Papai escreve com absoluta regularidade, mas talvez tenha havido algum atraso na entrega.

Um toque estridente de campainha interrompeu suas palavras, e, um instante depois, Hannah entrou trazendo a correspondência.

— É uma daquelas coisas horrorosas do telégrafo, mamãe — disse ela, fazendo a entrega como se tivesse medo que aquilo fosse explodir e causar algum dano.

Ouvindo a palavra “telégrafo”, a Sra. March agarrou o telegrama, leu as duas linhas que continha e tornou a cair em sua cadeira, muito pálida, como se o pequeno papel tivesse disparado uma bala em seu coração. Laurie desceu correndo a escada, em busca de água, enquanto Meg e Hannah a sustentavam e Jo lia alto, com uma voz assustada:

SRA. MARCH:

Seu marido está muito doente. Venha imediatamente.

S. HALE,

Hospital Blank, Washington.

A sala ficou em silêncio total; enquanto elas ouviam, sem fôlego, o dia escureceu estranhamente lá fora e o mundo inteiro pareceu mudar, de repente, enquanto as meninas se reuniam em torno da mãe, com a sensação de que

toda a felicidade e o apoio de suas vidas estavam prestes a lhes serem retirados. A Sra. March recuperou imediatamente os sentidos, tornou a ler o telegrama e estendeu os braços para as filhas, dizendo, com um tom de voz que elas jamais esqueceram:

— Irei imediatamente, mas talvez seja tarde demais. Ah, minhas queridas, ajudem-me a suportar isso!

Durante vários minutos, o único ruído que se ouviu na sala foi o de soluços, misturado com palavras trêmulas de conforto, ternas garantias de ajuda e sussurros de esperança, sufocados imediatamente pelas lágrimas. A pobre Hannah foi a primeira a se recobrar e, com uma sabedoria instintiva, deu um bom exemplo às demais porque, para ela, o trabalho era a panacéia para a maioria das aflições.

— Que o Senhor salve esse homi bom! Não vou perdê tempo chorando, vou é cuidá logo de suas coisa, mamãe — disse ela calorosamente, enxugando o rosto no avental e apertando fortemente a mão da patroa com sua mão calosa; em seguida foi trabalhar, com a energia de três mulheres juntas.

— Ela tem razão, não há tempo para lágrimas agora. Acalmem-se, meninas, e me deixem pensar.

Elas tentaram acalmar-se, coitadinhas, enquanto sua mãe ficava ali sentada, pálida, mas com um ar de firmeza, afastando a dor para refletir e fazer

planos com relação a elas.

— Onde está Laurie? — perguntou ela, pouco depois, quando havia posto em ordem seus pensamentos e decidido quais as primeiras tarefas a serem cumpridas.

— Estou aqui, senhora. Ah, deixe que eu faça alguma coisa! — exclamou o rapaz, correndo do quarto vizinho, onde se recolhera, sentindo que aquele primeiro momento da dor delas era sagrado demais para ser visto até por seus olhos amigos.

— Mande um telegrama dizendo que irei imediatamente. O próximo trem sai amanhã de manhã cedo. Tomarei esse.

— E que mais? Os cavalos estão preparados; posso ir para qualquer parte, fazer qualquer coisa — disse ele, parecendo pronto para voar para os confins da terra.

— Leve um bilhete à casa da tia March. Jo, me dê aquela caneta e papel. Rasgando um pedaço limpo de uma das páginas que acabara de copiar, Jo puxou a mesa para a frente de sua mãe, sabendo bem que o dinheiro para a longa e triste viagem deveria ser tomado emprestado e com a sensação de que faria qualquer coisa para aumentar um pouquinho a soma para seu pai.

— Agora vá, querido, mas não se mate correndo loucamente; não há necessidade disso.

A advertência da Sra. March foi evidentemente ignorada porque, cinco minutos depois, Laurie seguia a toda, junto à janela do coche, com seu próprio cavalo veloz, correndo como se fosse para salvar sua própria vida.

— Jo, corra e diga à Sra. King que não posso ir. No caminho, pegue essas coisas. Vou anotar todas; são necessárias porque devo ir preparada para ser enfermeira. Os estoques dos hospitais nem sempre são bons. Beth, vá pedir ao Sr. Laurence umas duas garrafas de vinho antigo: sinto orgulho de pedir para o papai, ele deve ter do melhor. Amy, diga a Hannah que traga cá para baixo a mala preta; e Meg, me ajude a encontrar minhas coisas, porque estou meio fora de mim.

Escrever, pensar e dar orientações, tudo ao mesmo tempo, não poderiam deixar de confundir a pobre senhora, e Meg suplicou-lhe que ficasse sentada tranqüilamente, em seu quarto, por alguns instantes, deixando que elas fizessem o que fosse necessário.

Separaram-se como folhas espalhadas pelo vento, e aquele lar tranqüilo e feliz foi destroçado tão repentinamente como se o telegrama fosse um feitiço.

O Sr. Laurence veio correndo, em companhia de Beth, trazendo todos os confortos para o doente que o generoso velho pôde imaginar e amistosas promessas de proteção para as meninas, durante a ausência da mãe, que a confortaram muito. Não houve nada que ele não oferecesse, desde seu robe

até ele próprio, como acompanhante. Mas esta última oferta era impossível de aceitar. A Sra. March nem quis ouvir falar da possibilidade de que o velho fizesse a longa viagem, mas uma expressão de alívio foi visível em seu rosto, quando ele falou do assunto, porque não era aconselhável ela viajar sozinha, dominada por tamanha ansiedade. Ele viu a expressão, franziu as grossas sobrancelhas, esfregou as mãos e saiu repentinamente, dizendo que logo voltaria. Ninguém teve tempo de pensar nele novamente até que, enquanto Meg corria pelo saguão, com um par de galochas em uma das mãos e uma xícara de chá na outra, deparou-se subitamente com o Sr. Brooke.

— Fiquei muito triste de saber da notícia, Srta. March — disse ele, com seu tom de voz gentil e tranqüilo, que soou muito agradável para o espírito perturbado de Meg. — Vim oferecer-me como acompanhante para sua mãe. O Sr. Laurence tem tarefas para mim em Washington e ficarei satisfeitíssimo de ser útil lá à Sra. March.

As galochas caíram e quase que acontecia a mesma coisa com o chá, quando Meg estendeu a mão, com um rosto tão cheio de gratidão que o Sr. Brooke se sentiria compensado por um sacrifício muito maior do que aquele, insignificante, de seu tempo e conforto, que ele estava disposto a fazer.

— Como é generoso! Mamãe aceitará, tenho certeza, e será um alívio tão grande saber que tem alguém para tomar conta dela. Muito, muitíssimo

obrigada!

Meg falou com toda a seriedade e se esqueceu inteiramente de si mesma, até que alguma coisa, nos olhos castanhos que a contemplavam, fez com que se lembrasse do chá que esfriava e conduzisse o Sr. Brooke para a sala de visitas, dizendo que chamaria sua mãe.

Tudo estava combinado quando Laurie voltou com um envelope de tia March contendo a soma desejada e algumas linhas repetindo o que ela já dissera, com tanta freqüência — que sempre afirmara que era absurdo March entrar no exército, sempre previra que nada de bom viria daí e esperava que, da próxima vez, aceitassem seus conselhos. A Sra. March jogou o bilhete no fogo, pôs o dinheiro em sua bolsa e continuou com os preparativos, com os lábios cerrados de um jeito que Jo teria entendido, se estivesse ali.

A tarde curta acabou rapidamente; todos os outros mandados foram cumpridos, e Meg e sua mãe ocuparam-se com alguns necessários trabalhos de agulha, enquanto Beth e Amy iam comprar chá e Hannah terminava de passar a roupa a ferro “no tapa”, como ela dizia; mas, mesmo assim, Jo ainda não havia chegado. Começaram a ficar preocupados e Laurie saiu para procurá-la, porque ninguém sabia que excentricidade teria ela na cabeça. Mas não a encontrou, e ela entrou com uma expressão muito estranha no rosto, uma mistura de divertimento e medo, satisfação e pesar, que deixou a família

tão perplexa quanto o rolo de notas que ela colocou diante de sua mãe, dizendo, com a voz ligeiramente sufocada:

— Esta é minha contribuição para levar mais conforto a papai e trazê-lo de volta para casa!

— Minha querida, onde você conseguiu isso? Vinte e cinco dólares! Jo, espero que você não tenha feito nada precipitado!

— Não, foi ganho honestamente. Não mendiguei nem pedi emprestado nem roubei. Ganhei o dinheiro e não creio que vá me culpar por alguma coisa, porque só fiz vender o que era meu.

Enquanto falava, Jo tirou seu gorro e houve uma gritaria geral, porque seu cabelo cheio havia sido cortado bem curtinho.

“Seu cabelo! Seu lindo cabelo!” “Ah, Jo, como é que você pôde fazer uma coisa dessas!” “Minha querida filha, não havia necessidade disso.” “Ela não parece mais minha Jo, mas eu a adoro por ter feito isso!”

Enquanto todas soltavam exclamações e Beth abraçava ternamente a cabeça tosquiada, Jo assumiu um ar indiferente que não enganou ninguém, nem um pouquinho, e disse, amarfanhando o tufo castanho e tentando fingir que gostava dele:

— Não muda o destino da nação; então não chore, Beth. Será bom para a minha vaidade; eu estava ficando orgulhosa demais da minha peruca. Fará

bem ao meu cérebro ter tirado aquela juba; minha cabeça está deliciosamente leve e fresca, e o cabeleireiro disse que logo terei cabelos curtinhos e cacheados, como os de um menino, e assim ficarão bonitos e fáceis de cuidar. Estou satisfeita; então, por favor, pegue o dinheiro e vamos jantar.

— Conte-me tudo a respeito, Jo. Eu não estou lá muito satisfeita, mas não posso culpar você, porque sei com quanta boa vontade sacrificou sua vaidade, como diz, por causa do amor por seu pai. Mas, querida, não era necessário e estou com medo de que você vá se arrepender um dia desses — disse a Sra. March.

— Não, não me arrependerei! — replicou Jo corajosamente, sentindo-se muito aliviada com o fato de seu gesto não ser inteiramente condenado.

— O que levou você a fazer isso? — perguntou Amy, que preferiria que lhe cortassem a cabeça a seus bonitos cabelos.

— Ora, eu estava louca para fazer alguma coisa por papai — respondeu Jo, enquanto se reuniam em torno da mesa, porque pessoas jovens e saudáveis podem comer mesmo em meio aos maiores problemas. — Detesto pedir dinheiro emprestado, tanto quanto mamãe, e sabia que tia March ficaria resmungando; ela sempre faz isso, mesmo quando o pedido é de apenas alguns tostões. Meg deu todo o seu salário quinzenal para o aluguel e eu só fiz comprar algumas roupas com o meu; então me senti culpada e queria

conseguir algum dinheiro, nem que tivesse de vender meu próprio nariz.

— Você não devia se sentir culpada, minha filha: você não tinha nenhuma roupa de inverno e comprou as mais simples, com seus próprios ganhos tão duros de obter — disse a Sra. March, com um olhar que inundou de afeto o coração de Jo.

— No começo, não tive a menor idéia de vender meu cabelo, mas fiquei pensando no que poderia fazer e com a sensação de que gostaria de invadir algumas das lojas mais ricas e pegar o que quisesse. Numa vitrina de cabeleireiro, vi rabos-de-cavalo com os preços marcados, e um deles, de cabelos negros, não tão cheios quanto os meus, custava quarenta dólares. Percebi, de repente, que tinha alguma coisa com a qual poderia ganhar dinheiro e, sem parar para pensar, entrei na barbearia, perguntei se compravam cabelos e quanto dariam pelos meus.

— Nem sei como você teve coragem de fazer isso — disse Beth, com um tom de voz cheio de reverência.

— Ah, era um homenzinho que dava a impressão de que vivia apenas para passar óleo em seu cabelo. No início, ficou olhando para mim de forma meio estranha, como se não estivesse acostumado a ver meninas entrando em sua loja e pedindo a ele que comprasse seus cabelos. Disse que não queria o meu porque a cor não estava na moda e que, de qualquer jeito, nunca pagava muito

por cabelos; era o trabalho feito neles que encarecia etc. Estava ficando tarde e tive medo de que, se aquilo não fosse feito imediatamente, então se tornasse impossível, e vocês sabem que, quando começo a fazer alguma coisa, detesto ter de parar; portanto, implorei-lhe que cortasse o cabelo e lhe disse por que eu estava com tanta pressa. Acho que foi uma tolice, mas fez com que ele mudasse de idéia, pois fiquei meio perturbada e contei a história à minha maneira um tanto desarrumada; a mulher dele ouviu e falou: “Fique com o cabelo, Thomas, e agradeça à moça; eu faria a mesma coisa por nosso Jimmy, a qualquer momento, se tivesse um único fio de cabelo que valesse a pena vender.”

— Quem é Jimmy? — perguntou Amy, que gostava que as coisas fossem explicadas enquanto se desenrolavam.

— Seu filho, como ela explicou, que está no exército. Como essas coisas são simpáticas para uma pessoa estranha, não? Ela falou o tempo todo, enquanto o homem cortava o cabelo, e assim consegui me distrair.

— Você não se sentiu péssima quando o primeiro pedaço de cabelo foi cortado? — perguntou Meg, com um estremecimento.

— Dei uma última olhada no meu cabelo, enquanto o homem pegava suas coisas, e foi apenas isso. Nunca choro por causa de bobagens como essa. Mas vou confessar que me senti estranha quando vi meu querido cabelo ali em cima

da mesa e passei a mão nas pontas curtas e duras que ficaram em minha cabeça. Era como se me tivessem cortado um braço, ou uma perna. A mulher me viu olhar para o cabelo e pegou uns fios longos para eu guardar. Vou dar para você, mãezinha, só para que se lembre das glórias passadas, porque o cabelo curto é tão confortável que acho que nunca mais usarei aquela juba. A Sra. March dobrou o cacho castanho e guardou-o juntamente com outro, curto e grisalho, em sua escrivaninha. Limitou-se a dizer “Obrigada, querida”, mas alguma coisa em seu rosto fez com que as meninas mudassem de assunto e conversassem com a maior animação que puderam sobre a bondade do Sr. Brooke, a perspectiva de que o dia seguinte fosse de bom tempo e sobre os momentos felizes que teriam, quando papai voltasse para casa, a fim de se tratar.

Ninguém quis ir para a cama, quando a Sra. March, às dez horas, acabou de cumprir sua última tarefa e disse: “Vamos, meninas.”

Beth foi até o piano e tocou o hino favorito de seu pai; todas começaram corajosamente a cantar, mas foram parando uma a uma, enquanto Beth continuava sozinha, cantando com todo o coração, porque a música, para ela, era sempre um doce consolo.

— Vão para a cama e não fiquem conversando, porque precisamos acordar cedo e temos de dormir o máximo possível. Boa noite, minhas queridas —

disse a Sra. March, quando o hino terminou, porque ninguém queria cantar mais.

Beijaram-na sem dizer palavra e foram para a cama tão silenciosamente como se o querido doente estivesse deitado no quarto vizinho. Beth e Amy logo adormeceram, apesar do grande problema, mas Meg ficou ali deitada, sem dormir, com os mais sérios pensamentos que já tivera em sua curta vida. Jo estava imóvel e sua irmã pensou que dormia, até que um soluço sufocado fez com que exclamasse, tocando numa face molhada:

— Jo, querida, o que é? Está chorando por causa de papai?

— Não, agora não.

— Então, que é?

— Meu... meu cabelo! — explodiu a pobre Jo, tentando inutilmente sufocar a emoção no travesseiro.

Meg não achou engraçado, de forma nenhuma, e beijou e acariciou a aflita heroína com a maior ternura.

— Não estou lamentando — protestou Jo, com um engasgo. — Faria a mesma coisa amanhã, se pudesse. É apenas meu lado vaidoso e egoísta que fica chorando dessa maneira tola. Não diga a ninguém; já passou. Pensei que você estivesse dormindo. Só estava lamentando um pouquinho, em particular, a única coisa bonita que eu tinha. Por que ainda está acordada?

— Não consigo dormir, estou tão ansiosa — disse Meg.

— Pense em alguma coisa agradável e logo dormirá.

— Já tentei, mas me senti mais desperta do que nunca.

— Em que você pensou?

— Em rostos bonitos; olhos, principalmente — respondeu Meg, sorrindo para si mesma na escuridão.

— De que cor você mais gosta?

— Castanhos... quero dizer, às vezes; os azuis também são lindos.

Jo riu e Meg, severamente, ordenou que ela não falasse e, em seguida, com todo o carinho, prometeu cachear o cabelo da irmã e dormiu; sonhou que morava em seu castelo no ar.

Os relógios batiam a meia-noite e os quartos estavam muito silenciosos, quando uma figura deslizou sem ruído de uma cama para outra, alisando uma coberta ali, ajeitando um travesseiro acolá e fazendo uma pausa para olhar, longa e ternamente, para cada rosto adormecido, beijando todas elas com lábios que, sem falar, abençoavam e rezavam preces ardentes, como só as mães sabem rezar. Quando ela ergueu a cortina para olhar a noite sombria, lá fora, a lua saiu de repente de trás das nuvens, mostrando-lhe sua face luminosa e benevolente, que pareceu sussurrar, em meio ao silêncio: “Console-se, minha boa alma! Há sempre luz por trás das nuvens.”

Capítulo 16

Cartas

Na fria e cinzenta madrugada, as irmãs acenderam sua lâmpada e leram seu capítulo com uma seriedade sem precedentes; porque agora surgira a sombra de um verdadeiro infortúnio e os livrinhos estavam cheios de palavras de ajuda e conforto; e, enquanto se vestiam, combinaram despedir-se de forma alegre e esperançosa e fazer com que sua mãe partisse, em sua angustiante viagem, sem o peso de lágrimas ou queixas da parte delas. Tudo parecia muito estranho, quando desceram — tão escuro e silencioso lá fora, tão cheio de luz e agitação dentro de casa. Era tão esquisito tomar tão cedo o café da manhã, e até mesmo o rosto familiar de Hannah tinha um ar antinatural, enquanto ela corria de um lado para outro, em sua cozinha, usando a touca de dormir. A mala grande estava pronta no saguão, o casaco e o gorro da mãe em cima do sofá, e ela própria sentada, tentando comer, mas tão pálida e abatida, por causa da noite sem dormir e da ansiedade, que as meninas acharam muito difícil manter sua resolução. Os olhos de Meg não paravam de se encher de lágrimas, à sua revelia; Jo foi obrigada, mais de uma vez, a esconder o rosto atrás do rolo de cozinha, e as meninas menores tinham uma expressão grave e perturbada, como se a dor fosse uma experiência nova para elas.

Ninguém falou muito, mas, quando se aproximou a hora da chegada do

coche, a Sra. March disse às meninas, todas ocupadas em torno dela, uma dobrando seu xale, outra alisando os cordões do seu gorro, uma terceira calçando suas galochas e a quarta fechando sua bolsa de viagem:

— Meninas, deixo vocês aos cuidados de Hannah e sob a proteção do Sr. Laurence. Hannah é a fidelidade em pessoa e nosso bom vizinho protegerá vocês como se fossem suas próprias filhas. Não sinto medo por vocês, mas estou ansiosa para que enfrentem esse infortúnio da forma correta. Não se aflijam nem se impacientem depois que eu for embora, nem pensem que podem encontrar algum consolo vivendo na ociosidade e tentando esquecer. Continuem com seus trabalhos, como de costume, porque o trabalho é um abençoado alívio. Tenham esperanças e se mantenham ocupadas, e, seja lá o que acontecer, lembrem-se de que jamais ficarão sem pai.

— Sim, mamãe.

— Meg, querida, seja prudente, tome conta de suas irmãs, consulte Hannah e, se surgir algum problema, procure o Sr. Laurence. Jo, seja paciente, não fique desanimada nem faça coisas precipitadas; me escreva sempre e seja minha garota corajosa e pronta para nos ajudar e alegrar a todas. Beth, console-se com sua música e cumpra fielmente as pequenas tarefas domésticas; e você, Amy, mostre-se o mais prestativa que puder, seja obediente e fique em casa, em segurança.

— A gente vai fazer tudo direitinho, mamãe! Pode deixar.

O estrépito de um coche que se aproximava fez com que todas se sobressaltassem e ficassem à escuta. Aquele era o momento difícil, mas as meninas o suportaram bem: nenhuma chorou, nem saiu correndo ou se lamentou, embora seus corações estivessem cheios de dor, enquanto enviavam mensagens de amor para o pai, lembrando-se, ao falarem, que talvez fosse tarde demais para ele ouvi-las. Beijaram a mãe em silêncio, agarraram-se carinhosamente a ela e tentaram fazer-lhe acenos alegres com as mãos quando se afastou no coche.

Laurie e seu avô vieram despedir-se dela, e o Sr. Brooke parecia tão forte, sensato e bondoso que as meninas o batizaram, na mesma hora, de “Sr. Bom-Coração”.

— Adeus, queridas! Que Deus nos abençoe e proteja a todas! — sussurrou a Sra. March, enquanto beijava um rostinho querido após outro antes de sair correndo para o coche.

Enquanto seguia, o sol saiu, e, olhando para trás, ela considerou um bom augúrio a maneira como iluminava o grupo reunido no portão. As meninas também perceberam isso e sorriram e acenaram com as mãos; a última coisa que a Sra. March viu, ao dobrar a esquina, foi os quatro rostos iluminados e, por trás deles, como uma escolta, o velho Sr. Laurence, a fiel Hannah e o

dedicado Laurie.

— Como todos são bondosos para nós! — disse ela, virando-se e encontrando mais uma prova disso na respeitosa simpatia que o rosto do rapaz expressava.

— Não sei como podem deixar de ser — disse o Sr. Brooke, rindo de forma tão contagiante que a Sra. March não pôde deixar de sorrir; e, assim, a longa viagem começou com os bons augúrios do sol, dos sorrisos e das palavras alegres.

— Tenho a impressão de que houve um terremoto — disse Jo, quando seus vizinhos foram para casa tomar o café da manhã, deixando-as para que descansassem e se reanimassem.

— Parece que metade da casa foi embora — acrescentou Meg desconsolada.

Beth abriu a boca para dizer alguma coisa, mas só conseguiu apontar para a pilha de meias velhas muito bem remendadas que estava em cima da mesa da mãe, mostrando que até mesmo em seus últimos e apressados momentos a Sra. March lembrara-se delas e trabalhara em seu benefício. Era apenas um detalhe, mas tocou-as profundamente, e, apesar de suas corajosas resoluções, todas se desesperaram e choraram amargamente.

Hannah, sabiamente, deixou que aliviassem seus sentimentos e, quando a

choradeira deu sinais de que ia cessar, ela foi em socorro das meninas, armada com uma cafeteira.

— Agora, minhas queridas senhoritas, lembrem-se do que disse sua mãe e não fiquem tristes. Vamos todas tomar uma xícara de café e, depois, começar a trabalhar, para honrar a família.

O café era um regalo, e Hannah mostrou grande tato fazendo-o aquela manhã. Ninguém conseguiu resistir aos seus persuasivos acenos com a cabeça nem ao cheiroso convite que saía pelo bico da cafeteira. Aproximaram-se da mesa, trocaram os lenços por guardanapos e, dentro de dez minutos, estavam outra vez bem.

— Ter sempre esperança e se manter ocupada, este é nosso lema; então vamos ver quem melhor o cumpre. Vou para a casa de tia March, como sempre. Ah, espero que ela não venha com nenhuma preleção! — disse Jo, dando golinhos no café e sentindo que seu ânimo voltava.

— Vou para a casa dos meus Kings, embora preferisse ficar por aqui — disse Meg, aborrecida por estar com os olhos tão vermelhos.

— Não é preciso. Beth e eu podemos manter a casa em perfeita ordem — interveio Amy, com um ar de importância.

— Hannah nos dirá o que devemos fazer e a gente põe tudo no lugar, para quando vocês chegarem em casa — acrescentou Beth, pegando, sem demora,

seu esfregão e a tina de lavar pratos.

— Acho que a ansiedade é muito interessante — comentou Amy, comendo açúcar pensativamente.

As meninas não puderam deixar de rir e se sentiram melhor com isso, embora Meg sacudisse a cabeça diante da moça que conseguia encontrar consolo num açucareiro.

Quando viu as tortas, Jo tornou a ficar séria e, ao saírem para seu trabalho diário, olharam tristemente para trás, em direção à janela onde se habituaram a ver o rosto de sua mãe. Ele não se achava em seu lugar, mas Beth lembrara-se do pequeno ritual doméstico e lá estava ela, fazendo acenos com a cabeça, para se despedir delas, como um mandarim de rosto cor-de-rosa.

— Isso é mesmo coisa da minha Beth! — disse Jo, agitando seu chapéu, com o rosto cheio de gratidão. — Até logo, Meggy, espero que, hoje, os Kings não aborreçam muito você. Não se atormente por causa de papai, querida — acrescentou ao se separarem.

— E espero que tia March não resmungue muito. Seu cabelo está bem em você, parece o de um menino, ficou muito bonitinho — respondeu Meg, tentando não sorrir diante da cabeça cacheada que parecia comicamente pequena, por cima dos ombros altos da irmã.

— É meu único consolo.

E, tocando em seu chapéu, à la Laurie, lá se foi Jo, sentindo-se como uma ovelha tosquiada num dia de inverno.

As notícias de seu pai confortaram muito as meninas porque, embora gravemente doente, a presença da melhor e mais terna das enfermeiras já lhe fizera bem. O Sr. Brooke mandava um boletim todos os dias, e, como chefe da família, Meg insistia em ler os despachos, que se tornaram cada vez mais alegres à medida que a semana passava. No início, todas estavam ansiosas para escrever, e gordos envelopes eram cuidadosamente enfiados na caixa postal por alguma das irmãs, que se sentiam um tanto importantes com sua correspondência

de

Washington.

Como

um

desses

pacotes

de

correspondência continha bilhetes característicos do grupo, vamos roubar uma mala postal imaginária e ler todos eles:

QUERIDÍSSIMA MAMÃE:

Nem tenho palavras para lhe dizer como ficamos felizes com sua última carta, porque as notícias eram tão boas que não pudemos deixar de rir e de chorar com a leitura. Como o Sr. Brooke é gentil e que sorte ele ter de ficar perto de você por tanto tempo, por causa dos negócios do Sr. Laurence, já que é tão útil a você e a papai. As meninas estão ótimas, todas elas. Jo me ajuda com a costura e insiste em fazer todo tipo de tarefas pesadas. Eu ficaria com medo de que ela exagerasse, se não soubesse que seu “acesso moral” não durará muito tempo. Beth é tão pontual quanto um relógio, no cumprimento de suas tarefas, e jamais se esquece do que você lhe disse. Sofre por causa de papai e fica sempre muito séria, a não ser quando está tocando em seu pequeno piano. Amy preocupa-se generosamente comigo e tomo muito cuidado com ela. Faz seu próprio cabelo e estou lhe ensinando a fazer casas de botões e a consertar suas meias. Ela se esforça muito, e sei que a senhora ficará satisfeita com seus progressos quando voltar. O Sr. Laurence nos vigia como uma velha galinha maternal, como diz Jo, e Laurie é muito gentil e prestativo. Ele e Jo nos mantêm alegres porque, algumas vezes, ficamos muito tristes e nos sentimos órfãs, com você tão longe. Hannah é uma verdadeira santa; não dá nenhum carão e sempre me chama de Srta. “Margaret”, o que é muito correto, sabe, e me trata com respeito. Estamos todas bem e ocupadas; mas ansiamos, dia e noite, para ver você de volta. Transmita todo meu amor a

papai, da filha que a venera

MEG.

Esse bilhete, muito bem escrito, em papel perfumado, contrastava muito com o seguinte, rabiscado numa grande folha de papel fino, enfeitado com borões, todo tipo de floreios e letras desenhadas:

MINHA PRECIOSA MÃEZINHA:

Três vivas para o querido papai! Brooke foi muito boa praça telegrafando imediatamente para nos informar, assim que ele melhorou. Corri lá para o sótão, quando a carta chegou, e tentei agradecer a Deus por ser tão bom para nós; mas só consegui chorar e dizer: “Estou feliz! Estou feliz!” Será que isso não funciona mais ou menos como uma oração? Porque meu coração estava cheio de preces. Às vezes, temos momentos tão engraçados; e, agora, posso aproveitá-los, porque todo mundo está sendo tão bom; é como viver num ninho de rolas. Você ria se visse Meg à cabeceira da mesa, tentando fazer o papel de mãe. Cada dia ela fica mais bonita e, às vezes, me apaixono por ela. As meninas são uns verdadeiros anjos e eu — ora, eu sou Jo e nunca serei diferente. Ah, tenho de lhe contar que quase tive uma briga com Laurie. Disse o que tinha na cabeça sobre uma coisinha qualquer e ele ficou ofendido. Eu tinha razão, mas não falei como devia, e ele foi embora para casa, dizendo que não voltaria até eu pedir perdão. Declarei que não pediria e fiquei muito zangada.

Durou o dia inteiro e me senti muito mal; quis tanto que você estivesse aqui. Laurie e eu somos os dois tão orgulhosos; é difícil pedir perdão, mas achei que ele acabaria pedindo, porque eu tinha razão. Ele não veio pedir; e, à noite, lembrei-me do que você disse quando Amy caiu no rio. Li meu livrinho, me senti melhor, decidi não dormir com raiva e corri para pedir desculpas a Laurie. Encontrei-o no portão, vindo pelo mesmo motivo. Ambos rimos, imploramos o perdão um do outro e tornamos a nos sentir bem, muito à vontade um com o outro. Fiz um “poeminha” ontem, quando estava ajudando Hannah a lavar roupa; e, como papai gosta das bobagens que escrevo, estou mandando, para diverti-lo. Dê nele o abraço mais apertado que já recebeu e beije a si mesma uma dúzia de vezes, em lugar da sua

JO FURACÃO.

CANÇÃO DAS BOLHAS DE SABÃO

Rainha da minha tina, alegremente eu canto,
Enquanto sobe bem alto a branca espuma;
E vigorosamente lavo, enxugo e torço,
E prendo as roupas para secar;
Depois, lá fora, ao ar livre, elas se agitam,
Sob o céu ensolarado.

Gostaria que pudéssemos lavar de nossos corações e almas

As manchas da semana inteira,
E deixar a água e o ar, com sua mágica, tornar
A nós mesmos tão puros quanto elas;
E então, na terra, haveria, na verdade,
Um glorioso dia de lavagem!
Na estrada de uma vida útil,
As ervas daninhas jamais florescerão;
A mente ocupada não tem tempo para pensar
Na dor, nas preocupações ou no desânimo;
E as ansiedades podem ser varridas
Quando, corajosamente, manejamos uma vassoura.
Fico feliz, quando me dão uma tarefa
Para cumprir, todos os dias;
Porque ela me traz saúde, força e esperança,
E eu, alegremente, aprendo a dizer:
“Cabeça, pode pensar, Coração, pode sentir,
Mas Mão, você deve trabalhar sempre!”

QUERIDA MAMÃE:

Só há espaço para eu mandar um grande beijo e alguns amores-perfeitos
secos do rebento que tenho guardado em segurança dentro de casa para papai

ver. Leio todas as manhãs, tento ser boa o dia inteiro e canto, para eu mesma dormir, a canção de papai. Não posso cantar “Land of the Leal” agora, porque me faz chorar. Todos são muito gentis e estamos o mais felizes que é possível sermos sem você. Amy quer o resto da página, então vou parar de escrever. Não me esqueci de cobrir os pegadores das panelas, dou sempre corda nos relógios e arejo os quartos todos os dias.

Dê um beijo em papai, naquela face que ele diz que é minha. E volte logo, por favor, para sua

BETHINHA.

MA CHERE MAMMA,

Estamos todas bem e faço sempre minhas lições e nunca corroboro as meninas — Meg diz que é contradiguo então coloco as duas palavras e você pode escolher a mais adequada. Meg é um grande conforto para mim e me deixa comer geléia todas as noites na hora do chá é tão bom para mim diz Jo porque assim meu temperamento fica doce. Laurie não é tão respeitoso como deveria agora que sou quase uma mocinha, ele me chama de Chica e me aborrece falando francês comigo depressa demais quando eu digo Merci ou Bon jour como faz Hattie King. As mangas do meu vestido azul estavam puídas e Meg colocou novas, mas a parte folgada ficou ao contrário e acabaram mais azuis do que o vestido. Fiquei triste, mas não desanimei, suporto bem meus

problemas mas realmente gostaria que Hannah pusesse mais goma em meus aventais e fizesse panquecas todos os dias. Será que ela não pode? Essa interrigação não ficou bem feita? Meg diz que minha pontuição e ortografia são horrorosas e fico ofendida mas meu Deus tenho tanta coisa para fazer que não posso parar. Adieu, mando um milhão de beijos para papai.

Com todo afeto de sua filha,

AMY CURTIS MARCH.

QUERIDA SINHORA MARCH,

Só tô mandando umas linhazinha pra dizer qui vamo muito bem. As minina são esperta e resolvem as coisas bem dipressa. Srta. Meg vai dá uma boa dona di casa; ela gosta disso e aprende logo a fazê as coisa. A mais rápida di todas é Jo, mas ela num para pra pensá primero e a gente nunca sabi o qui ela vai aprontá. Lavou uma tina cheia de ropa na segunda-feira, mas pôs goma antes di torcê e botou anil num vistido cor-di-rosa de algodão e quase morri de rir. Num ixiste menina tão boazinha feito Beth e me ajuda um bucado, porqui é tão prestativa e a gente pode confiá nela.

Tenta aprendê tudo e vai até pro mercado feito uma pessoa grandi; além disso, toma nota de tudo qui é gasto, com minha ajuda, uma beleza. A gente tem feito muita economia, até agora; só deixo as minina tomar café uma vez por semana, segundo suas ordi, e faço elas cumerem coisa simples qui fazem

bem pra saúde. Amy num fica ansiosa porque usa seus vistido mais bunito e come muita coisa doce. O Sr. Laurie está tão cheio de travessuras como di costume, vira muitas vez a casa di cabeça pra baixo; mas ele anima as minina e então deixo qui pintem o diabo. O velho cavalheiro manda uma purção de coisa e até se perdem, mas as intenção são boas, num cabi a mim dizê nada. Tô fazendo pão, então num posso iscrevê mais, desta vez. Mando minhas saudação pra o Sr. March e espero que já teje bom da pneumunea.

Com os cumprimento di

HANNAH MULLET.

ENFERMEIRA CHEFE DA ENFERMARIA Nº 2

Tudo tranqüilo em Rappahannock, soldados em ótimas condições, armazém de abastecimentos bem dirigido, a Guarda Interna sob o Coronel Teddy sempre a postos, Comandante-em-Chefe General Laurence passa as tropas em revista diariamente e o Major Lion cumpre dever de guarda avançada, à noite. Uma salva de vinte e quatro tiros foi disparada ao se receber a boa notícia de Washington, e realizou-se no quartel-general um desfile em uniforme de gala. O Comandante-em-Chefe manda seus melhores votos, como também, cordialmente, seu

CORONEL TEDDY.

QUERIDA MADAME,

As meninas passam bem; Beth e meu rapaz fazem um relatório diário; Hannah é uma criada-modelo e protege Meg como um dragão. Estou satisfeito de ver que o bom tempo permanece; espero que Brooke esteja sendo útil, e fique à vontade para recorrer a mim, se precisar de recursos, caso as despesas ultrapassem seus cálculos. Não deixe seu marido sentir falta de nada. Graças a Deus que ele está se restabelecendo.

Seu amigo sincero e criado

JAMES LAURENCE.

Capítulo 17

A Pequena Dedicada

Durante uma semana, o volume da virtude praticada na velha casa daria para abastecer o bairro inteiro. Era mesmo surpreendente, porque todas pareciam estar numa disposição de espírito realmente celestial, e abnegação estava na moda. Mas, aliviadas da ansiedade que inicialmente haviam sentido por causa do pai, as meninas foram insensivelmente relaxando seus elogiáveis esforços e começaram a voltar ao seu jeito antigo. Não esqueceram do seu lema, de terem esperanças e se manterem ocupadas, mas começaram a encará-lo de forma mais descontraída e, após seus imensos esforços, sentiram que mereciam umas férias de tanto Empenho e tiraram várias.

Jo pegou uma gripe forte, por deixar de cobrir o suficiente sua cabeça

tosquiada, e teve ordens de ficar em casa até melhorar, porque tia March não gostava de ouvir as pessoas lerem tossindo. Jo achou ótimo e, depois de esquadrinhar energicamente do sótão ao porão, afundou-se no sofá para tratar da gripe com aspirina e livros. Amy descobriu que o trabalho doméstico e a arte não combinam, e voltou para seus bolos de lama. Já Meg ia diariamente cuidar de seus alunos e costurava, ou achava que sim, em casa, mas a maior parte do tempo era ocupada escrevendo longas cartas para sua mãe, ou lendo repetidas vezes os despachos vindos de Washington. Beth continuou trabalhando, com apenas leves recaídas na ociosidade ou nas queixas.

Todos os pequenos deveres eram fielmente cumpridos a cada dia, e muitas das tarefas de suas irmãs também, porque elas as deixavam de lado e a casa parecia um relógio cujo pêndulo fora embora. Quando seu coração ficava pesado com saudades da mãe ou temores por causa de seu pai, ela ia para um certo armário, escondia o rosto nas dobras de um certo querido robe velho, chorava um pouquinho e rezava em silêncio sua pequena oração, sozinha.

Ninguém sabia o que a alegrava, após seus acessos de melancolia, mas todas sentiam como Beth era doce e prestativa, e se habituaram a procurá-la, em busca de conforto ou de conselhos, em suas pequenas questões.

Nenhuma percebera que aquela experiência era um teste de caráter e, quando passou a excitação inicial, concluíram que haviam alcançado um bom

resultado e mereciam elogios. Era verdade, mas acabaram cometendo o erro de parar de agir corretamente e aprenderam uma lição por causa disso, através de muita ansiedade e arrependimento.

— Meg, gostaria que fosse visitar os Hummels; você sabe que mamãe nos disse para não esquecê-los — falou Beth, dez dias depois da partida da Sra. March.

— Estou cansada demais para ir esta tarde — respondeu Meg, balançando-se confortavelmente em sua cadeira, enquanto costurava.

— Será que você não pode fazer isso, Jo? — perguntou Beth.

— O tempo está ruim demais para mim, resfriada do jeito que estou.

— Pensei que o resfriado já estivesse quase curado.

— Está curado o suficiente para eu sair com Laurie, mas não para ir visitar os Hummels — disse Jo, rindo, mas com um ar ligeiramente envergonhado por causa de sua inconsistência. Por que você mesma não vai? — perguntou Meg.

— Tenho ido todos os dias, mas o bebê está doente e não sei o que fazer por ele. A Sra. Hummel vai trabalhar e Lottchen toma conta dele; mas está cada vez mais doente e acho que você ou Hannah deviam ir até lá.

Beth falava com seriedade e Meg prometeu que, no dia seguinte, iria.

— Peça a Hannah que prepare uma comidinha e leve até lá, Beth, o ar fresco lhe fará bem — disse Jo, acrescentando, em tom de desculpa. — Eu até

podia ir, mas quero terminar minha escrita.

— Estou com a cabeça doendo e me sinto cansada, então acho melhor uma de vocês ir — disse Beth.

— Daqui a pouco Amy chega, e ela irá até lá para nós — sugeriu Meg.

— Bom, vou descansar um pouco e esperar por ela.

Então Beth deitou-se no sofá, as outras voltaram ao seu trabalho e os Hummels foram esquecidos. Uma hora se passou: Amy não veio, Meg foi para seu quarto experimentar um vestido novo, Jo ficou absorta em sua história e Hannah dormia profundamente diante do fogo da cozinha, quando Beth, em silêncio, colocou seu capuz, encheu sua cesta com algumas coisas para as pobres crianças e saiu, no ar frio, com a cabeça pesada e uma expressão triste nos olhos pacientes. Era tarde quando ela voltou, e ninguém a viu arrastar-se para o andar de cima e se trancar no quarto da mãe. Meia hora depois, Jo foi procurar alguma coisa no “armário de Mamãe” e lá encontrou Beth, sentada em cima da arca de remédios, com um ar muito sério, olhos vermelhos e um frasco de cânfora na mão.

— Puxa vida! Que aconteceu? — exclamou Jo, enquanto Beth estendia a mão, como se quisesse alertá-la para que se afastasse e perguntava rapidamente:

— Você já teve escalartina, não?

— Anos atrás, quando Meg teve. Por quê?

— Então, vou lhe contar. Ah, Jo, o bebê morreu!

— Que bebê?

— O da Sra. Hummel; morreu em meu colo, antes que ela chegasse em casa — exclamou Beth com um soluço.

— Minha pobre querida! Que experiência terrível para você! Eu devia ter ido — disse Jo, abraçando a irmã, enquanto se sentava na poltrona de sua mãe com uma expressão de remorso no rosto.

— Não foi terrível, Jo, apenas muito triste! Vi logo que ele tinha piorado da doença, mas Lottchen disse que sua mãe tinha ido procurar um médico; então peguei o bebê e deixei Lotty descansar. Ele parecia adormecido, mas, de repente, soltou um pequeno grito, tremeu e, depois, ficou muito quieto. Tentei esquentar seus pés e Lotty lhe deu um pouco de leite, mas ele não se mexia e percebi que estava morto.

— Não chore, querida! O que você fez?

— Apenas fiquei ali sentada, segurando-o com jeito até a Sra. Hummel chegar com o médico. Ele disse que o bebê estava morto e examinou Heinrich e Minna, que estavam com a garganta doendo. “Escarlatina, senhora. Devia ter me chamado antes”, disse ele aborrecido. A Sra. Hummel falou que era pobre e tinha tentado curar o bebê sozinha, mas agora era tarde demais e ela só

podia pedir a ele que ajudasse os outros e confiasse que seria pago por pessoas caridosas. Então, ele sorriu e se mostrou mais gentil, mas foi muito triste, e chorei com eles até que o médico se virou de repente e me disse que viesse logo para casa e tomasse imediatamente beladona, se não teria a febre. — Não, você não terá! — exclamou Jo, abraçando-a com força, com um ar assustado. — Ah, Beth, se você ficar doente nunca me perdoarei! Que vamos fazer?

— Não fique assustada, acho que não terei a febre muito forte. Dei uma olhada no livro de mamãe e vi que começa com dor de cabeça, garganta doendo e sensações estranhas, como as que estou tendo; então tomei mesmo um pouco de beladona e me sinto melhor — disse Beth, colocando as mãos frias na testa quente e tentando parecer bem.

— Se, pelo menos, mamãe estivesse aqui! exclamou Jo, agarrando o livro e sentindo que Washington era muito longe. Leu uma página, olhou para Beth, apalpou-lhe a cabeça, espiou para dentro de sua garganta e, depois, disse gravemente:

— Você ficou junto do bebê todos os dias, durante mais de uma semana, e entre as outras crianças que vão ter a febre. Vou chamar Hannah; ela sabe tudo sobre doenças.

— Não deixe Amy vir para cá, ela nunca teve e detestaria que pegasse

comigo. Será que você e Meg podem ter de novo? — perguntou Beth, cheia de ansiedade.

— Acho que não; não me importo se tiver; eu mereço, sou uma terrível egoísta por deixar você ir, enquanto ficava aqui escrevendo porcarias! — resmungou Jo, e foi consultar Hannah.

A boa alma acordou num minuto e assumiu imediatamente a liderança, garantindo a Jo que não havia necessidade de se preocupar, todos tinham esscarlatina e, se fosse bem-tratada, ninguém morria — e Jo acreditou em tudo, sentindo-se muito aliviada, enquanto subiam para chamar Meg.

— Agora vou lhe dizer o que a gente vai fazer — falou Hannah, quando acabou de examinar e interrogar Beth. — Vamos chamar o Dr. Bangs, só para dar uma olhada em você, querida, para a gente poder fazer tudo direitinho, desde o começo; depois vamos mandar Amy passar uma temporada em casa de tia March, para que não corra nenhum risco, e uma de vocês, meninas, pode ficar em casa e divertir Beth por um ou dois dias.

— Vou ficar, claro, sou a mais velha — começou Meg, com um ar ansioso e culpado.

— Quem vai ficar sou eu, porque é por minha culpa que ela está doente; eu disse a mamãe que faria os mandados e não fiz — disse Jo com determinação.

— Qual das duas você prefere, Beth? Não tem necessidade de mais de

uma — disse Hannah.

— Jo, por favor — e Beth encostou a cabeça na irmã, com um ar satisfeito que imediatamente resolveu essa questão.

— Vou contar a Amy — disse Meg, sentindo-se um tanto magoada, mas até aliviada, de certa forma, porque não gostava de ser enfermeira, e Jo, sim. Amy rebelou-se inteiramente e, em tom apaixonado, declarou que preferia ter a febre a ir para a casa de tia March. Meg argumentou, suplicou e ordenou: tudo em vão. Amy protestou, dizendo que não iria, e Meg deixou-a, desesperada, para perguntar a Hannah o que deveria ser feito. Antes que ela voltasse, Laurie entrou na sala de visitas e encontrou Amy soluçando, com a cabeça em cima das almofadas do sofá. Ela contou-lhe sua história, esperando ser consolada, mas Laurie apenas colocou as mãos nos bolsos e se pôs a caminhar de um lado para outro da sala, assobiando baixinho e franzindo as sobrancelhas, mergulhado em profundos pensamentos. Pouco depois, sentou-se ao lado dela e disse, com seu tom de voz mais persuasivo:

— Vamos, seja uma mulherzinha sensata, faça como elas dizem. Não, não chore, escute o plano ótimo que tenho. Você vai para a casa de tia March e todos os dias irei buscá-la para passear de coche ou a pé, e nos divertiremos como nunca. Não será melhor do que ficar aqui morrendo de tédio?

— Não quero ser mandada embora, como se estivesse atrapalhando —

disse Amy, com um tom de voz magoado.

— Meu Deus do céu, criança, é para você não ficar doente. Você não quer adoecer, não é?

— Não, claro que não, mas acho que vou, sim, porque fiquei com Beth o tempo inteiro.

— Por isso mesmo deve ir embora imediatamente, para poder talvez escapar. Uma mudança de ares e cuidados vão manter você bem, eu acho; ou, pelo menos, fazer com que você tenha febre mais fraca. Aconselho você a ir logo que puder, porque escarlatina não é brincadeira, senhorita.

— Mas é tão chato lá em casa de tia March, ela é tão rabugenta — disse Amy, com um ar um tanto assustado.

— Não será chato, vou aparecer todos os dias para lhe dizer como vai Beth e levar você para se divertir. A velha senhora gosta de mim e serei o mais amável possível com ela, de modo que não nos passe nenhum carão, faça a gente o que fizer.

— Você me leva para passear no coche de trote, com Puck?

— Dou-lhe minha palavra de cavalheiro.

— E irá me buscar todo santo dia?

— Claro que sim.

— E me traz de volta no mesmo instante em que Beth estiver boa?

— Não se passará um só segundo a mais.

— E me leva para o teatro, jura?

— Uma dúzia de teatros, se for o caso.

— Bom... então acho... acho que vou — disse Amy, vagarosamente.

— Boa menina! Chame Meg e diga a ela que resolveu ceder — disse Laurie com uma palmadinha aprovadora, que aborreceu Amy ainda mais do que o “resolveu ceder”.

Meg e Jo desceram correndo para contemplar o milagre que fora feito, e Amy, sentindo-se muito preciosa e disposta ao sacrifício, prometeu ir se o médico dissesse que Beth ficaria doente.

— Como vai a queridinha? — perguntou Laurie, porque Beth era seu bichinho de estimação especial e ele se sentia mais ansioso com relação a ela do que gostaria de demonstrar.

— Está deitada na cama de mamãe e se sente melhor. A morte do bebê a perturbou, mas acho que está apenas resfriada. Hannah diz que acredita nisso, mas ela parece preocupada e assim me deixa inquieta — respondeu Meg.

— Como este mundo é terrível! — disse Jo, arrepiando os cabelos de uma forma frenética. — Mal nos livramos de um problema e lá vem outro. Parece que não há nada em que nos apoiarmos, com mamãe longe; então me sinto perdida.

— Bom, não transforme a si mesma num porco-espinho; assim você não fica nada bem. Ajeite a peruca, Jo, e me diga se devo telegrafar para sua mãe, ou fazer alguma outra coisa — perguntou Laurie, que jamais aceitara a perda da única coisa bonita de sua amiga.

— É isso que me preocupa — disse Meg. — Acho que devíamos dizer a ela se Beth estiver realmente doente, mas Hannah diz que não devemos, porque mamãe não pode deixar papai, e isto só deixará os dois ansiosos. Beth não ficará doente por muito tempo e Hannah sabe exatamente o que fazer; mamãe disse que devíamos ouvir os conselhos dela, então acho que devemos mesmo, mas não considero isso muito correto.

— Hmm, ora, não sei o que dizer. Que tal você perguntar a meu avô, depois que o médico tiver feito sua visita?

— Faremos isso mesmo. Jo, vá imediatamente chamar o Dr. Bangs — ordenou Meg. — Não podemos decidir nada até ele vir aqui.

— Fique onde está, Jo. Sou o moço de recados deste estabelecimento — disse Laurie pegando seu boné.

— Será que você não está ocupado com alguma coisa? — começou Meg.

— Não, já fiz minhas lições de hoje.

— Você estuda em tempo de férias? — perguntou Jo.

— Sigo o bom exemplo que me dão minhas vizinhas — foi a resposta de

Laurie, enquanto saía rapidamente da sala.

— Tenho grandes esperanças no meu rapaz — comentou Jo, com um sorriso aprovador, observando-o pular por cima da sebe.

— Ele se sai muito bem, para um menino — foi a resposta algo ingrata de Meg, porque o assunto não lhe interessava.

O Dr. Bangs veio, disse que Beth tinha sintomas da febre, mas achava que ela a teria leve, embora ele ouvisse com muita seriedade a história dos Hummel. Amy recebeu ordens de se afastar imediatamente e lhe foi dado um remédio para protegê-la do risco; ela partiu em grande estilo, tendo Jo e Laurie como escolta.

Tia March recebeu-as com sua hospitalidade habitual.

— O que querem agora? — perguntou, lançando-lhes um olhar penetrante, por cima dos óculos, enquanto o papagaio, sentado no encosto de sua cadeira, gritava:

— Vá embora. É proibida a entrada de meninos aqui.

Laurie retirou-se para a janela e Jo contou sua história.

— Só podia mesmo dar nisso, quando alguém anda por aí misturando-se com essa gente pobre. Amy pode ficar e se mostrar útil, se não está doente, mas não tenho dúvidas de que vai ficar — já parece doente, agora. Não chore, menina, detesto ouvir gente fungando.

Amy estava quase chorando, mas Laurie, matreiramente, puxou a cauda do papagaio, o que fez Polly soltar um grasnido de espanto e gritar: “Deus me acuda!” de um jeito tão engraçado que ela, em vez disso, riu.

— Quais são as notícias que recebeu de sua mãe? — perguntou rispidamente a velha senhora.

— Papai está bem melhor — respondeu Jo, tentando manter-se séria.

— Ah, é mesmo? Mas isto não vai demorar muito, eu acho. March nunca teve lá muita resistência — foi a animadora resposta.

— Há, há! Não fale nunca em morrer, tome uma pitada de rapé, adeus, adeus! — guinchou Polly, dançando em seu poleiro e agarrando-se no gorro da velha senhora enquanto Laurie lhe dava puxões pelo traseiro.

— Cale essa boca, seu velho pássaro grosseiro! E, Jo, é melhor você ir embora agora mesmo; não fica bem que passeie por aí tão tarde, com um rapaz desmiolado como...

— Cale essa boca, seu velho pássaro grosseiro! — gritou Polly, caindo da cadeira, dando um pulo e correndo para beliscar o rapaz “desmiolado”, que se sacudia de tanto rir com esse último discurso.

“Não sei se consigo suportar isso, mas tentarei”, pensou Amy quando foi deixada sozinha com tia March.

— Vá andando, sua horrorosa! — gritou Polly, e, diante dessa fala rude, Amy não conseguiu conter uma fungadela.

Capítulo 18

Dias Sombrios

Beth teve realmente a febre e ficou muito mais doente do que qualquer pessoa chegou a suspeitar, à exceção do médico e de Hannah. As meninas não entendiam nada de doença, e o Sr. Laurence não teve permissão para vê-la, de modo que Hannah fez tudo do seu jeito e o atarefado Dr. Bangs deu o melhor de si, mas deixou muita coisa a cargo da excelente enfermeira. Meg

ficou em casa, para não contaminar os Kings, e se ocupou com os deveres domésticos, sentindo-se muito ansiosa e um pouquinho culpada quando escrevia cartas nas quais não era feita nenhuma referência à doença de Beth. Não conseguia convencer-se de que era certo enganar sua mãe, mas fora orientada no sentido de obedecer a Hannah, e esta nem queria ouvir falar de “contá isso à Sra. March, deixá-la preocupada com uma coisinha à-toa”. Jo dedicou-se a Beth dia e noite — não era uma tarefa difícil, porque Beth era muito paciente e suportava sua dor sem queixas, enquanto podia controlar-se. Mas chegou um período em que, durante os acessos de febre, ela começou a falar com uma voz rouca e fraca, a tocar na coberta como se fosse em seu amado pianinho e a tentar cantar com a garganta tão inchada que não era capaz de emitir nenhum som musical; um período em que ela não reconhecia os rostos familiares em torno, chamando a todas por nomes errados, e pedia para ver sua mãe em tom de súplica. Então Jo ficou assustada, Meg implorou permissão para escrever a verdade e até Hannah disse que “ia pensá no assunto, embora ainda num tivesse perigo”. Uma carta de Washington aumentou a angústia de todas, porque o Sr. March tivera uma recaída e não podia pensar em ir para casa durante um longo período. Como os dias pareciam sombrios, agora, e como a casa estava triste e solitária e pesados os corações das irmãs, enquanto trabalhavam e

esperavam, com a sombra da morte pairando sobre aquele lar outrora tão feliz! Foi então que Margaret, sentada, sozinha, com as lágrimas a caírem freqüentemente em cima do seu trabalho, sentiu como fora rica em coisas mais preciosas do que quaisquer luxos que o dinheiro pudesse comprar — rica de amor, proteção, paz e saúde, as verdadeiras dádivas da vida. Foi então que Jo, sem sair do quarto escuro, com aquela irmãzinha sofrendo tanto diante dos seus olhos, e aquela voz patética a soar em seus ouvidos, aprendeu a ver a beleza e a doçura da natureza de Beth, a sentir como era profundo e terno o lugar que ela ocupava no coração de todos, e a reconhecer o valor do desprendido anseio da irmã, de viver para os outros e de fazer a casa feliz, através do exercício daquelas virtudes simples, que todos podem ter e devem amar e valorizar mais do que o talento, a riqueza ou a beleza. E Amy, em seu exílio, ansiava para estar em casa, a fim de poder trabalhar para Beth, sentindo, agora, que nenhuma tarefa seria dura ou maçante, e lembrando-se, com a dor do arrependimento, de quantos trabalhos negligenciados aquelas mãos prestativas haviam feito para ela. Laurie assombrava a casa, como um fantasma inquieto, e o Sr. Laurence trancou o grande piano, porque não suportava ser lembrado da jovem vizinha que costumava tornar o crepúsculo tão agradável para ele. Todos sentiam falta de Beth. O leiteiro, o padeiro, o merceeiro e o açougueiro perguntavam como ia ela, a pobre Sra. Hummel veio

implorar perdão por seu descuido e pedir uma mortalha para Minna, os vizinhos enviaram todo tipo de dádivas e bons votos e até mesmo aqueles que a conheciam melhor ficaram surpresos de descobrir quantos amigos tinha feito a pequena e tímida Beth.

Enquanto isso, ela estava deitada em sua cama, com a velha Joanna a seu lado, pois até mesmo em suas divagações ela não se esquecia de sua pobre protegida. Queria muito ficar com seus gatos, mas não deixava que os trouxessem, para não adoecerem e, em suas horas tranqüilas, mostrava-se muito ansiosa por causa de Jo. Mandou recados afetuosos para Amy, pediu que dissessem a sua mãe que ela escreveria logo, e muitas vezes suplicava por lápis e papel, para tentar escrever algumas palavras, não deixando seu pai pensar que ela o esquecera. Mas, muito breve, até mesmo esses intervalos de consciência cessaram e ela permanecia deitada, hora após hora, agitando-se de um lado para outro, a dizer palavras sem sentido, ou mergulhava num sono profundo, que não lhe restaurava as forças. O Dr. Bangs aparecia duas vezes por dia, Hannah passava as noites acordada, Meg mantinha um telegrama em cima de sua escrivaninha, inteiramente pronto para ser enviado a qualquer instante, e Jo jamais saía do lado de Beth.

O dia primeiro de dezembro foi realmente invernal para elas, porque soprava um vento gélido, a neve caía rapidamente e o ano parecia preparar-se

para sua morte. Quando o Dr. Bangs chegou, aquela manhã, olhou demoradamente para Beth, segurou sua mão quente entre as suas, por um minuto, e em seguida a depôs, suavemente, enquanto dizia a Hannah, em voz baixa:

— Se a Sra. March puder deixar seu marido, é melhor mandar chamá-la.

Hannah fez um sinal afirmativo com a cabeça, sem dizer nada, porque seus lábios torceram-se nervosamente; Meg caiu numa cadeira, pois suas pernas fraquejaram, ao ouvir aquelas palavras, e Jo, depois de ficar em pé por um minuto, com o rosto pálido, correu para a sala de visitas, agarrou o telegrama e, enfiando às pressas seus abrigos, correu para o meio da tempestade. Logo voltou e, enquanto tirava silenciosamente o casaco, Laurie entrou com uma carta dizendo que o Sr. March entrara outra vez em recuperação. Jo a leu, cheia de gratidão, mas o peso profundo não saiu do seu coração, e seu rosto estava tão cheio de infelicidade que Laurie perguntou, depressa:

— Que foi? Beth piorou?

— Mandeí chamar mamãe — disse Jo, puxando suas botas de borracha, com uma expressão trágica.

— Que bom você ter feito isso, Jo! Foi por responsabilidade própria? — perguntou Laurie, sentando-a na cadeira do saguão e tirando as botas recalcitrantes, ao ver como as mãos dela tremiam.

— Não, foi o médico que nos disse para fazer isso.

— Ah, Jo, não é tão grave assim! — exclamou Laurie, com um rosto pasmado.

— Sim, é; ela não nos reconhece, nem mesmo fala sobre os bandos de pombas verdes, como chama as folhas de parreira nas paredes; não parece minha Beth e não há ninguém para nos ajudar a suportar isso; mamãe e papai estão longe, e Deus parece tão distante que não consigo encontrá-lo.

Enquanto as lágrimas corriam rapidamente pelas faces da pobre Jo, ela estendeu a mão, de uma forma meio desamparada, como se tateasse na escuridão, e Laurie segurou-a entre as suas, sussurrando com dificuldade, por causa do nó na garganta:

— Estou aqui. Agarre-se em mim, Jo, querida!

Ela não podia falar, mas “agarrou-se” mesmo, e o aperto quente daquela mão humana amiga confortou-lhe o coração dolorido e pareceu conduzi-la para mais perto do braço divino, o único que poderia ampará-la em sua aflição.

Laurie ansiava por dizer alguma coisa terna e reconfortante, mas não lhe ocorreram as palavras adequadas; então ficou ali em silêncio, acariciando-lhe suavemente a cabeça curvada, como a mãe dela costumava fazer. Foi a melhor coisa que ele poderia ter feito, muito mais tranquilizadora do que as palavras mais eloqüentes, porque Jo sentiu a simpatia muda e, em silêncio,

aprendeu o doce alívio que o afeto proporciona à dor. Logo enxugou as lágrimas que a haviam acalmado e ergueu os olhos, com uma expressão de gratidão no rosto.

— Obrigada, Teddy, já estou melhor agora. Não me sinto tão desamparada e tentarei suportar os fatos, se acontecerem mesmo.

— Continue esperando o melhor; isto a ajudará, Jo. Sua mãe não demorará a chegar, e então tudo correrá bem.

— Estou tão satisfeita porque papai está melhor; agora ela não se sentirá tão triste por deixá-lo. Ah, meu Deus! Parece que os problemas vieram todos de uma vez só e a parte mais pesada está em cima dos meus ombros — suspirou Jo, estendendo seu lenço molhado em cima dos joelhos, para que secasse.

— Meg não se esforça o bastante? — perguntou Laurie, com um ar indignado.

— Ah, sim, ela tenta, mas não pode amar Bethy como eu amo e não sentirá falta dela da mesma forma que eu. Beth é minha consciência e não posso ficar sem ela. Não posso! Não posso!

O rosto de Jo se abateu sobre o lenço molhado, e ela chorou desesperadamente, porque, até aquele momento, se mantivera cheia de coragem e não derramara uma lágrima. Laurie pôs a mão entre os olhos, mas

não conseguiu falar, até controlar a sensação de sufocação na garganta e firmar os lábios. Talvez não fosse uma reação muito viril, mas ele não conseguiu evitar, e Jo ficou satisfeita com isso. Pouco depois, quando cessaram os soluços de Jo, ele disse, com um tom esperançoso:

— Não acredito que ela vá morrer; ela é tão boa e todos a amamos tanto, não creio que Deus vá levá-la já.

— As pessoas boas e queridas sempre morrem mesmo — gemeu Jo, mas parou de chorar, porque as palavras de seu amigo a alegraram, apesar de suas próprias dúvidas e temores.

— Pobre menina, você está esgotada. Não é coisa sua sentir-se abandonada. Pare um pouco. Vou animar você num segundo.

Laurie subiu a escada aos pulos, e Jo descansou a cabeça cansada em cima do pequeno capuz marrom de Beth, que ninguém pensara em tirar de cima da mesa onde ela o deixara. E ele devia ter alguma propriedade mágica, porque o espírito submisso de sua gentil dona pareceu entrar em Jo e, quando Laurie desceu correndo com um copo de vinho, ela o tomou, com um sorriso, e disse bravamente:

— Bebo à saúde da minha Beth! Você é um bom médico, Teddy, e um amigo tão consolador. Como vou poder pagar-lhe isso algum dia? — acrescentou ela, enquanto o vinho lhe reanimava o corpo da mesma forma

como haviam feito, com sua mente perturbada, as palavras gentis.

— Dentro de pouco tempo vou mandar minha conta e, esta noite, vou dar-lhe algo que aquecerá melhor o fundo do seu coração do que jarras de vinho — disse Laurie, rindo para ela com uma expressão de quem escondia alguma coisa que lhe dava satisfação.

— Que é? — exclamou Jo, esquecendo-se por um instante de suas dores, com a curiosidade.

— Telegrafei para sua mãe ontem, e Brooke respondeu que ela virá imediatamente; estará aqui esta noite e tudo ficará bem. Não está contente por eu ter feito isso?

Laurie falou muito depressa e, na mesma hora, ficou todo vermelho e excitado, porque mantivera em segredo seu plano, com medo de desapontar as meninas ou causar algum dano a Beth. Jo ficou completamente branca, voou de sua cadeira e, no momento em que ele parou de falar, eletrizou-o, lançando os braços em torno do seu pescoço e exclamando, num grito de alegria:

— Ah, Laurie! Ah, mamãe! Estou tão contente!

Não tornou a chorar; ria histericamente, tremia e se agarrava ao amigo como se estivesse fora de si com a notícia repentina.

Laurie, embora decididamente surpreso, comportou-se com grande

presença de espírito; deu-lhe palmadinhas tranqüilizadoras nas costas e, achando que ela se recuperava, partiu para um ou dois beijos tímidos, que fizeram Jo voltar imediatamente a si. Segurando-se no corrimão, afastou-o gentilmente e disse, sem fôlego:

— Ah, não faça isso! Eu não tinha a intenção, foi uma coisa terrível da minha parte, mas você foi tão maravilhoso fazendo isso, apesar dos conselhos de Hannah, que não pude deixar de correr e abraçá-lo. Conte como foi tudo isso e não me dê mais vinho, é o que me faz agir desse jeito.

— Eu não me importo — disse Laurie, rindo, enquanto ajeitava a gravata.

— Ora, você sabe, fiquei preocupado, e vovô também. Achamos que Hannah estava indo longe demais nessa questão de autoridade, e que sua mãe devia saber. Jamais nos perdoaria se Beth... bom, se alguma coisa acontecesse, sabe. Então fiz vovô dizer que já era mais do que tempo de fazermos alguma coisa e fui correndo ao correio, ontem, porque o médico tinha um ar sério e Hannah me fez perder a cabeça, quando propus passar um telegrama. Não suporto ser comandado; então tomei uma decisão e fiz isso. Sua mãe virá, eu sei, no último trem, que chega às duas da manhã. Irei buscá-la, e você só precisa conter seu deslumbramento e manter Beth tranqüila até aquela abençoada senhora chegar aqui.

— Laurie, você é um anjo! Como poderei agradecer-lhe algum dia?

— Correndo para cima de mim e me abraçando novamente; eu até gostei
— disse Laurie, com um ar travesso que ele não exibia há duas semanas.
— Não, obrigada. Vou fazer isso por procuração, quando seu avô aparecer.
Não fique aí me arreliando, vá para casa descansar, porque ficará acordado a metade da noite. Que Deus o abençoe, Teddy, que Deus o abençoe!

Jo recuara para um canto e, quando terminou sua fala, entrou precipitadamente na cozinha, onde se sentou em cima de um aparador e disse aos gatos reunidos que estava “feliz, ah, tão feliz!”, enquanto Laurie partia, sentindo que agira corretamente.

— É o sujeito mais metido que já vi, mas eu o perdôo e espero que a Sra. March chegue logo — disse Hannah, com um ar de alívio, quando Jo lhe deu a boa notícia.

Meg teve um êxtase silencioso e, depois, ficou divagando em torno da carta, enquanto Jo arrumava o quarto da doente e Hannah “fazia algumas tortas, para o caso de aparecê convidados de surpresa”. Uma rajada de ar fresco pareceu soprar através da casa, e algo mais poderoso que o sol iluminou os quartos silenciosos. Tudo parecia sentir a esperançosa mudança; o passarinho de Beth começou novamente a gorjear e uma rosa entreaberta foi descoberta no vaso onde Amy a cultivava, à janela; os fogos pareceram arder com vivacidade incomum; e, todas as vezes que as meninas se encontravam,

seus rostos pálidos abriam-se em sorrisos e elas se abraçavam, sussurrando encorajadoramente: “Mamãe está chegando, querida! Mamãe está chegando!” Todos se alegraram, menos Beth; ela continuou deitada, naquele profundo estupor, inconsciente da esperança e da alegria, da dúvida e do perigo. Era uma visão digna de dó — o rosto antes rosado tão mudado e ausente, as mãos que eram diligentes, agora fracas e inúteis, emudecidos os lábios outrora sorridentes, e o cabelo bonito e bem-tratado, agora espalhado, em desalinho, todo emaranhado em cima do travesseiro. Durante o dia inteiro, ela ficou deitada desse jeito, só despertando eventualmente para murmurar: “Água”, com os lábios tão ressecados que mal podiam pronunciar a palavra; o dia inteiro, Jo e Meg debruçaram-se sobre Beth, observando, aguardando, cheias de esperança e confiando em Deus e em sua mãe; e o dia inteiro a neve caiu, soprou o gélido vento e as horas se arrastaram lentamente. Mas a noite chegou, afinal, e todas as vezes que o relógio batia, as irmãs, ainda sentadas de cada lado da cama, olhavam uma para a outra, com olhos cada vez mais cheios de animação porque, a cada hora, a ajuda mais se aproximava. O médico aparecera, afinal, e dissera que qualquer mudança, para melhor ou pior, ocorreria, provavelmente, por volta da meia-noite, e nesse horário ele retornaria.

Hannah, completamente esgotada, deitou-se no sofá, aos pés da cama, e

depressa adormeceu; o Sr. Laurence caminhava de um lado para outro, na sala de visitas, sentindo que preferiria enfrentar uma bateria a encarar o rosto ansioso da Sra. March, quando ela entrasse; Laurie estava deitado no tapete, fingindo descansar, mas contemplando o fogo com aquela pensativa mirada que tornava seus olhos negros maravilhosamente suaves e límpidos.

As meninas jamais se esqueceram daquela noite, porque não sentiram nenhum sono, enquanto se mantinham vigilantes, com aquela terrível sensação de impotência que nos domina em ocasiões como essa.

— Se Deus poupar Beth, nunca mais me queixarei de nada — sussurrou Meg, muito séria.

— Se Deus poupar Beth, tentarei amá-Lo e servi-Lo durante toda a minha vida — respondeu Jo, com igual fervor.

— Queria não ter coração; dói tanto... — suspirou Meg depois de uma pausa.

— Se a vida muitas vezes é tão dura quanto neste momento, não sei como conseguiremos continuar vivendo — acrescentou sua irmã melancolicamente.

Neste momento, o relógio bateu zero hora e ambas esqueceram-se de si mesmas, observando Beth, porque tiveram a impressão de que ocorria uma mudança em seu rosto pálido. A casa estava num silêncio mortal, e nada, a não ser o gemido do vento, quebrava a profunda quietude. A cansada Hannah

continuava a dormir, e ninguém, a não ser as irmãs, viram a sombra lívida que pareceu cair sobre a pequena cama. Uma hora se passou e nada aconteceu, a não ser a silenciosa partida de Laurie para a estação. Outra hora — e ainda ninguém apareceu, deixando as pobres meninas assombradas, temendo ansiosamente um atraso por causa da tempestade, acidentes no caminho ou, pior ainda, uma grande dor em Washington.

Já eram mais de duas horas quando Jo, que estava em pé junto à janela, pensando como o mundo parecia lúgubre com sua sinuosa cobertura de neve, ouviu um movimento junto à cama e, virando-se rapidamente, viu Meg ajoelhada diante da poltrona de sua mãe, com o rosto escondido. Um medo terrível passou friamente por Jo, enquanto ela pensava: “Beth está morta e Meg tem medo de me dizer.”

Voltou no mesmo instante para seu posto e, diante de seus olhos excitados, uma grande mudança parecia ter ocorrido. O rubor da febre e a expressão de dor haviam desaparecido e o amado rostinho tinha um aspecto tão pálido e sereno, em seu profundo repouso, que Jo não sentiu nenhum desejo de chorar nem de lamentar. Inclinando-se até muito perto da mais querida de suas irmãs, beijou a testa úmida, com o coração nos lábios, e sussurrou suavemente:

— Adeus, minha Beth, adeus!

Como se tivesse acordado por causa da agitação, Hannah levantou-se com um sobressalto, correu até a cama, olhou para Beth, apalpou-lhe as mãos, ouviu seus lábios e, depois, atirando o avental para cima da cabeça, sentou-se e ficou balançando-se para a frente e para trás, a exclamar, sem fôlego:

— A febre passô, ela tá dormindo naturalmente, a pele dela tá úmida e ela respira com facilidade. O Sinhô seja louvado! Ah, meu Deus do céu!

Antes que as meninas pudessem acreditar na feliz verdade, o médico veio confirmá-la. Era um homem rude, mas elas acharam seu rosto inteiramente celestial, quando ele sorriu e disse, lançando-lhes um olhar paternal:

— Sim, minhas queridas, acho que a menininha escapará desta vez.

Mantenham a casa tranqüila, deixem que ela durma e, quando acordar, dêem a ela...

O que deveriam dar, nenhuma das duas ouviu, porque ambas se arrastaram para o corredor escuro e, sentando-se na escada, abraçaram-se bem apertado, cheias de felicidade, com os corações dominados pela emoção, a ponto de não poderem falar. Quando voltaram para serem beijadas e acarinhadas pela fiel Hannah, encontraram Beth deitada da maneira como costumava fazer, com a face apoiada na mão, já sem aquela terrível lividez e respirando tranqüilamente, como se tivesse acabado de adormecer.

— Se mamãe chegasse agora! — disse Jo, enquanto a noite de inverno

começava a empalidecer.

— Veja — disse Meg, aproximando-se com uma rosa branca entreaberta — , achei que não estaria pronta para ser posta na mão de Beth amanhã, se ela... nos deixasse. Mas floresceu durante a noite e, agora, vou pô-la em meu jarro, aqui, para que seja a primeira coisa vista por nossa querida irmã, quando acordar, a pequena rosa e o rosto de mamãe.

Jamais o sol nascera de uma maneira tão linda nem o mundo parecera tão maravilhoso aos olhos de Meg e Jo, ao espiarem para fora, de manhã cedinho, após sua longa e triste vigília.

— Parece um mundo de contos de fadas — disse Meg, sorrindo para si mesma, enquanto observava, por trás da cortina, a visão deslumbrante.

— Ouça! — gritou Jo, erguendo-se de um pulo.

Sim, havia um som de sinos à porta, lá embaixo; ouviu-se um grito de Hannah e, depois, a voz de Laurie, dizendo num sussurro cheio de alegria:

— Meninas, ela chegou! Ela chegou!

Capítulo 19

O Testamento de Amy

Enquanto essas coisas aconteciam em sua casa, Amy passava uma temporada difícil com tia March. Sofria profundamente em seu exílio e, pela primeira vez na vida, percebeu como era amada e acarinhada entre os seus.

Tia March jamais mimara alguém; não aprovava mimos; mas pretendia ser gentil, porque a bem-comportada menininha agradava-lhe muito e tia March tinha um afeto especial, em seu velho coração, pelas filhas do seu sobrinho, embora não achasse apropriado confessar isso. Fazia realmente o possível para tornar Amy feliz, mas, meu Deus, que erros cometia! Algumas pessoas de idade mantêm-se jovens em seus corações, apesar das rugas e cabelos brancos; são capazes de simpatizar com as pequenas preocupações e alegrias das crianças, fazem com que se sintam à vontade e, às vezes, disfarçam sábias lições por trás de brincadeiras divertidas, dando e recebendo amizade da maneira mais doce. Mas tia March não tinha esse talento e aborrecia muito Amy com suas regras e ordens, suas maneiras afetadas e com longas e monótonas conversas. Achando a menina mais dócil e amável do que a irmã, a velha senhora pensou que era seu dever tentar opor-se, na medida do possível, aos maus efeitos da liberdade e da indulgência que ela tinha em casa. Então, tratou de corrigir Amy, e lhe dava lições da mesma forma como ela própria recebera sessenta anos atrás — um processo que encheu de horror a alma de Amy e fez com que se sentisse como uma mosca na teia de uma aranha muito severa.

Era obrigada a lavar as xícaras todas as manhãs, a lustrar as antiquadas colheres, o gordo bule de chá de prata, e os copos até brilharem. Depois, tinha

de tirar a poeira da sala, e que tarefa aborrecida era esta! Nem um só grão de pó escapava aos olhos de tia March, e todos os móveis tinham pernas em forma de garras e muitos entalhes, que jamais eram espanados a gosto. Depois, Polly precisava ser alimentado, o cãozinho de estimação penteado, e tudo isso exigia uma dúzia de idas e vindas do andar de cima para o de baixo, a fim de pegar coisas ou dar ordens, porque a velha senhora era muito manca, e raramente saía de sua grande cadeira. Depois dessas cansativas tarefas, devia fazer suas lições, e tudo isso constituía um teste diário de todas as virtudes que Amy possuía. Em seguida, ela recebia permissão para passar uma hora fazendo exercícios ou brincando, e aproveitava ao máximo. Laurie aparecia todos os dias e engabelava tia March, até Amy ter licença para sair com ele, e então passeavam a pé, ou de coche, passando ótimos momentos. Depois do almoço, era a hora de ler em voz alta e de ficar sentada bem quieta, até a velha senhora dormir — o que, em geral, ela fazia durante uma hora, começando sempre a cochilar desde a primeira página. Depois apareciam costuras para fazer, eram colchas de retalhos ou toalhas, e Amy, com uma meiguice apenas exterior, enquanto dentro dela fervia a rebelião, trabalhava até o anoitecer, e então tinha tempo livre para se divertir como quisesse, até a hora do chá. As noites eram o pior de tudo, porque tia March começava a contar as longas histórias de sua juventude, tão insuportavelmente monótonas

que Amy estava sempre disposta a ir para a cama, com a intenção de chorar por sua sorte cruel; mas, em geral, dormia antes de conseguir verter mais de uma ou duas lágrimas.

Se não fossem Laurie e a velha Esther, a criada, ela achava que não seria capaz de atravessar aquele período terrível. Só o papagaio já bastava para deixá-la enfurecida, porque ele logo sentiu que ela não o apreciava, e vingava-se sendo o mais travesso possível. Puxava o cabelo de Amy sempre que ela se aproximava dele; virava seu pão com leite para aborrecê-la, quando ela acabava de limpar a gaiola; fazia Mop latir dando-lhe bicadas; enquanto Madame cochilava, xingava-a diante das visitas e se comportava, sob todos os aspectos, como uma velha ave insuportável. E ela também não tolerava o cachorro — um animal gordo e mestiço, que rosnava e gania para Amy, quando ela estava fazendo a toalete dele, e que ficava deitado de costas, com todas as pernas para o ar e uma expressão o mais idiota possível, sempre que queria alguma coisa para comer, o que acontecia cerca de uma dúzia de vezes por dia. O cozinheiro tinha mau gênio, o velho cocheiro era surdo e a única que dava alguma atenção à menina era Esther.

Esther era uma francesa, que vivia há muitos anos com “Madame”, como ela chamava a patroa, e mais ou menos tiranizava a velha senhora, que não conseguia passar sem ela. Seu verdadeiro nome era Estelle, mas tia March

ordenou que o modificasse e ela obedeceu, com a condição de que jamais fosse solicitada a mudar de religião. Gostou de Mademoiselle e a divertiu muito, com histórias curiosas sobre sua vida na França, contadas quando Amy se sentava a seu lado, enquanto ela cuidava das roupas de Madame. Também lhe permitia vaguear pela grande casa e examinar as coisas curiosas e bonitas guardadas nos grandes armários e nas arcas antigas, porque tia March acumulava objetos como uma verdadeira colecionadora. O que mais encantava Amy era uma escrivaninha indiana, cheia de estranhas gavetas, ou escaninhos, e lugares secretos, nos quais havia ornamentos de todos os tipos, alguns preciosos, outros simplesmente engraçados, todos mais ou menos antigos. Examinar e arrumar essas coisas dava a Amy uma grande satisfação, especialmente as caixas de jóias, nas quais, em cima de almofadas de veludo, repousavam as preciosidades que haviam adornado uma beldade quarenta anos atrás. Havia o conjunto de granadas, que tia March usou quando debutou em sociedade, as pérolas que o pai lhe dera no dia do casamento, os diamantes ofertados pelo namorado, os anéis e alfinetes de luto, de âmbar negro, os atraentes medalhões, com retratos de amigos mortos e salgueiros feitos com cabelos do lado de dentro, as pulseiras de bebê que sua única filha usara, o grande relógio de tio March, com o fecho vermelho com o qual tantas mãos infantis haviam brincado, e, numa caixa, isolado, o anel de casamento de

tia March, agora pequeno demais para seu dedo gordo, mas guardado cuidadosamente como a jóia mais preciosa de todas.

— Com qual delas Mademoiselle ficaria se pudesse escolher? — perguntou Esther, que ficava sempre sentada por perto, para vigiar e, depois, trancar as jóias.

— Gosto mais dos diamantes, mas não há nenhum colar com eles, e gosto de colares, são tão bonitos. Eu escolheria isso, se pudesse — respondeu Amy, olhando, com grande admiração, para um fio de contas de ouro e ébano, do qual pendia uma pesada cruz do mesmo material.

— Também ambiciono isso, mas não para usar como colar; ah, não! Para mim é um rosário, e assim eu o usaria, como boa católica — disse Esther, olhando para o belo objeto com uma expressão desejosa.

— É para ser usado como você usa o fio de contas de madeira perfumadas que está pendurado em cima do seu espelho? — perguntou Amy.

— Isso mesmo, é para rezar. Agradaria aos santos, se alguém usasse um rosário tão bonito como este, em vez de ser utilizado apenas como enfeite, por vaidade.

— Você parece encontrar muito conforto em suas orações, Esther; sempre desce com um ar tão tranqüilo e satisfeito. Gostaria de poder me sentir assim.

— Se Mademoiselle fosse católica, encontraria nisso um verdadeiro

conforto; mas, como não é, seria bom isolar-se todos os dias para meditar e rezar, como fazia a boa patroa a quem servi antes de Madame. Ela tinha uma pequena capela e ali encontrava alívio para muitas preocupações.

— Seria correto eu fazer isso? — perguntou Amy, que, em sua solidão, sentia necessidade de ajuda de algum tipo e descobriu que tendia a esquecer do seu livrinho, agora que Beth não estava ali para lembrá-la da leitura.

— Seria excelente e encantador, e eu, com a maior satisfação, arrumarei o pequeno quarto de vestir para Mademoiselle rezar nele, se assim desejar. Não diga nada a Madame, mas, quando ela dormir, vá sentar-se lá, sozinha, por algum tempo; cultive os bons pensamentos e reze para o bom Deus salvar sua irmã.

Esther era verdadeiramente devota e foi muito sincera em seu conselho, porque tinha um coração afetuoso e sentia muita pena das irmãs por causa da ansiedade em que estavam mergulhadas. Amy gostou da idéia e lhe deu licença para arrumar o pequeno closet vizinho do seu quarto, com a esperança de que isso lhe fizesse bem.

— Gostaria de saber para onde irão todas essas coisas bonitas quando tia March morrer — disse ela enquanto, vagarosamente, recolocava no lugar o cintilante rosário e fechava os estojos de jóias, um por um.

— Irão para você e para suas irmãs. Sei disso, Madame confia em mim. Fui testemunha do seu testamento e assim será — sussurrou Esther, sorrindo.

— Que bom! Mas gostaria que ela nos deixasse ficar com essas coisas agora. Pro-te-la-ção não é agradável — comentou Amy, dando uma última olhada nos diamantes.

— Ainda é muito cedo para as mocinhas usarem essas coisas. A primeira que ficar noiva ganhará as pérolas — Madame disse isso; e imagino que o pequeno anel de turquesa será dado a você, quando for embora, porque Madame aprova seu bom comportamento e suas maneiras encantadoras.

— Acha mesmo? Ah, serei um cordeirinho, se puder ganhar aquele anel lindo! É muitíssimo mais bonito do que o de Kitty Bryant. Afinal, gosto realmente de tia March.

E Amy experimentou o anel azul, com rosto encantado e firme resolução de ganhá-lo.

Daquele dia em diante, ela foi um modelo de obediência, e a velha senhora, muito satisfeita, admirou o sucesso do seu treinamento. Esther arrumou o closet, colocando ali uma pequena mesa e, diante dela, um banquinho; em cima da mesa foi posto um quadro tirado de um dos quartos fechados. Ela achou que não tinha muito valor, mas, sendo apropriado, pegou-o emprestado, sabendo que Madame nunca descobriria e não se preocupando com a

possibilidade de que descobrisse. Era, no entanto, uma cópia muito valiosa de um dos quadros mais famosos do mundo, e os olhos de Amy, que amavam a beleza, jamais se cansaram de contemplar a doce face da mãe divina, enquanto ternos pensamentos ocupavam ativamente seu coração. Em cima da mesa, ela colocou também seu pequeno Testamento e o livro de hinos e mantinha um jarro sempre cheio das mais belas flores que Laurie lhe levava. Ia até lá todos os dias, para “ficar ali sentada, sozinha, cultivando os bons pensamentos e rezando para o bom Deus salvar sua irmã”. Esther dera-lhe um rosário de contas negras com uma cruz de prata, mas Amy pendurou-o e não o usou, porque tinha dúvidas quanto à sua adequação para as orações protestantes.

A menina foi muito sincera em tudo isso porque, deixada sozinha, fora do seguro ninho doméstico, sentiu necessidade de algum tipo de mão para se agarrar, e de forma tão intensa que, instintivamente, voltou-se para o forte e terno Amigo cujo amor paternal dirige-se mais proximamente para suas crianças. Ela sentiu falta da ajuda de sua mãe para entendê-la e orientá-la, mas, tendo sido ensinada onde procurar ajuda, fez o melhor possível para encontrar o caminho e percorrê-lo com confiança. Amy era uma jovem peregrina e, naquele momento, sua carga parecia muito pesada. Tentou esquecer-se de si mesma, manter-se alegre e satisfazer-se com ações

corretas, embora ninguém a visse nem a elogiasse por causa disso. Em seu primeiro esforço para ser muito, muito boa, decidiu fazer seu testamento, como tia March, de modo que, se realmente adoecesse e morresse, suas posses pudessem ser divididas com justiça, generosamente. Teve um aperto no coração só de pensar em abrir mão dos pequenos tesouros que, a seus olhos, eram tão preciosos quanto as jóias da velha senhora.

Durante uma de suas horas de recreio, escreveu o importante documento da forma melhor que pôde, com alguma ajuda da parte de Esther, quanto a certas expressões legais e, depois que a simpática francesa assinou seu nome, Amy sentiu-se aliviada e guardou-o para mostrá-lo a Laurie, que ela queria que fosse a segunda testemunha. Como era um dia de chuva, foi para o andar de cima, brincar num dos quartos grandes; levou Polly para lhe fazer companhia. Naquele quarto havia um armário cheio de trajes antiquados, com os quais Esther lhe permitia brincar, e era seu divertimento favorito engalanar-se com os brocados desbotados e desfilar para cima e para baixo diante do comprido espelho, fazendo curvaturas majestosas e arrastando sua cauda, com um farfalhar que lhe deliciava os ouvidos. Tão ocupada estava aquele dia, que não ouviu Laurie tocar nem viu seu rosto espiando-a, enquanto ela, gravemente, desfilava, agitando seu leque e erguendo a cabeça, na qual usava um grande turbante cor-de-rosa, que contrastava estranhamente com seu vestido de

brocado azul e a anágua amarela acolchoada. Amy era obrigada a caminhar com cuidado, porque usava sapatos de salto alto, e, como Laurie contou depois a Jo, era cômico vê-la requebrando-se, com seu traje muito colorido e com Polly caminhando a seu lado, todo empertigado, imitando-a da melhor forma que podia e, de vez em quando, parando para soltar risadas ou exclamar:

— Não somos elegantes? Siga em frente, sua horrorosa! Cale essa boca!

Me beije, querida! Ha! Ha!

Após controlar com dificuldade uma explosão de riso, temendo ofender sua majestade, Laurie bateu e foi cortes-mente recebido.

— Sente-se e descanse, enquanto tiro essas coisas, depois quero consultar você sobre uma questão muito séria — disse Amy, após exibir seu esplendor e levar Polly para um canto. — Esse papagaio é o maior aborrecimento da minha vida — continuou ela, tirando a montanha cor-de-rosa da cabeça, enquanto Laurie sentava-se escarranchado numa cadeira. — Ontem, quando titia estava dormindo e eu tentava ficar tão quieta quanto um camundongo, Polly começou a guinchar e a bater as asas em sua gaiola; então, fui soltá-lo e encontrei lá uma grande aranha. Cutuquei a aranha até ela sair, e então ela correu para debaixo da estante; Polly saiu atrás dela, curvou-se e espiou para baixo da estante, enquanto dizia, com seu jeito engraçado, piscando um olho: “Saia e dê um passeio, querida.” Eu não pude deixar de rir, o que fez Polly me xingar. Tia

March acordou e passou um carão em nós dois.

— A aranha aceitou o convite do nosso velho camarada? — perguntou Laurie, bocejando.

— Sim, lá veio ela, e Polly saiu correndo, morto de medo, e subiu, aos tropeços, na cadeira da titia, gritando: “Pega ela! Pega ela! Pega ela!”, enquanto eu caçava a aranha.

— Isso é mentira! Ah, meu Deus! — gritou o papagaio, bicando os dedos do pé de Laurie.

— Se eu fosse seu dono, torcia-lhe o pescoço, sua praga velha — gritou Laurie, sacudindo o punho para o pássaro, que entortou a cabeça e grasniu gravemente:

— Aleluia! Que Deus te abençoe, querido!

— Já estou pronta — disse Amy, fechando o guarda-roupa e tirando um papel do bolso. — Quero que você leia isso, por favor, e me diga se está de acordo com a lei, e correto. Achei que precisava fazer isso, porque a vida é incerta e não quero que haja maus sentimentos em torno do meu túmulo.

Laurie mordeu os lábios e, virando-se meio de costas para a melancólica interlocutora, leu, com louvável seriedade, considerando-se a ortografia, o seguinte documento:

MINHAS ÚLTIMAS VONTADES E TESTAMENTO

Eu, Amy Curtis March, na plena posse dos meus sentidos, quero legare todos os meus pertences terrenos da forma como se segue:

Para meu pai, meus melhores quadros, esboços, mapas de obras de arte, incluindo molduras. Também, meus \$100, para ele fazer o que quiser com o dinheiro.

Para minha mãe, todas as minhas roupas, menos o avental azul com bolsos — e também meu retrato e minha medalha, com muito amor.

Para minha querida irmã Margaret, dou meu anel de torquesa (se ganhar ele), também minha caixa verde com as pombas, meu pedaço de renda genoína para seu pescoço e o desenho que fiz dela, como uma lembrança de sua “menininha”.

Para Jo deixo meu broche, aquele consertado com cera de lacrar, além do meu tinteiro porta-canetas de bronze — ela perdeu a tampa — e, ainda, meu coelho de gesso mais bonito, porque sinto muito ter queimado a história que ela escreveu.

Para Beth (se viver depois de mim) dou minhas bonecas e a pequena escrivaninha, meu leque, minhas golas de linho e minhas sandálias novas, se puder usá-las, estando magra, quando ficar boa. E, por meio deste, também declaro meu arrependimento por ter, algumas vezes, feito troça com a velha Joanna.

Para meu amigo e vizinho Theodore Laurence, deixo minha pasta para papéis e meu modelo de cavalo de barro, embora ele tenha dito que ficou sem pescoço. Também, como retribuição por sua grande gentileza nesta hora de aflição, qualquer um dos meus trabalhos artísticos de que ele goste, o melhor é Noter Dame.

Para nosso venerável benfeitor, Sr. Laurence, deixo minha caixa roxa com um espelho na tampa, que servirá para guardar suas canetas e também para ele lembrar a menina que se foi e que lhe agradece pelos favores feitos à sua família, principalmente à Beth.

Quero que minha companheira favorita de brincadeiras, Kitty Bryant, fique com o avental de seda azul e com meu anel de contas de ouro, com um beijo.

Para Hannah, deixo a caixa de chapéu que ela queria e todas as colchas de retalhos que fiz, com a esperança de que ela, “ao ver essas coisas, lembre-se de mim”.

E, agora, tendo destinado os meus pertences mais valiosos, espero que todos fiquem satisfeitos e não culpem a morta de nada. Perdôo a todos e confio que vamos nos reencontrar, quando soar a trombeta. Âmen.

Neste documento com minhas últimas vontades e testamento, coloco minha assinatura e meu carimbo, neste dia 20 de novembro, Anni Domino 1861.

AMY CURTIS MARCH

TESTEMUNHAS:

ESTELLE VALNOR,

THEODORE LAURENCE.

O último nome foi escrito a lápis, e Amy explicou que ele tinha de reescrevê-lo a tinta e carimbá-lo para ela da maneira correta.

— O que deu em sua cabeça? Alguém lhe falou que Beth estava deixando todas as suas coisas? — perguntou Laurie, muito sério, enquanto Amy colocava diante dele um pedaço de fita vermelha, cera de carimbar e um tinteiro.

Ela explicou e, depois, perguntou, cheia de ansiedade:

— Como vai Beth?

— Sinto muito ter falado, mas vou lhe contar. Um dia, ela se sentiu tão doente que disse a Jo que queria dar seu piano a Meg, seus gatos a você e a pobre boneca velha a Jo, que a amaria em lugar dela. Sentia muito ter tão pouco para dar e deixou cachos de seu cabelo para o resto de nós e o melhor do seu afeto para vovô. Ela nunca pensou em testamento.

Laurie assinou e carimbou, enquanto falava, e não ergueu os olhos, até que uma grande lágrima caiu em cima do papel. O rosto de Amy estava cheio de angústia, mas ela limitou-se a dizer:

— Algumas vezes as pessoas não colocam uma espécie de pós-escrito em seus testamentos?

— Sim, chamam-se “codicilos”.

— Então, ponha um no meu — quero que todos os meus cachos sejam cortados e dados a meus amigos. Esqueci disso, mas quero que seja assim, embora vá arruinar minha aparência.

Laurie acrescentou isso sorrindo do último e maior sacrifício de Amy.

Depois, divertiu-a durante uma hora e mostrou-se muito interessado em todas as suas aflições. Mas, quando se preparava para ir embora, Amy segurou-o e sussurrou, com os lábios trêmulos:

— Beth corre mesmo algum perigo grave?

— Tenho medo que sim, mas todos devemos esperar o melhor; então não chore, querida.

E Laurie colocou o braço em torno dos seus ombros, com um gesto fraternal, muito confortador.

Depois que ele foi embora, Amy recolheu-se em sua pequena capela e, sentada ao crepúsculo, rezou por Beth, com as lágrimas escorrendo e muita dor no coração, sentindo que nem um milhão de anéis de turquesa a consolaria da perda de sua gentil irmãzinha.

Capítulo 20

Confidencial

Não creio que eu tenha palavras para descrever o encontro da mãe com as filhas; essas horas são lindas, quando a pessoa as vive, mas muito difíceis de descrever; então deixarei que os leitores usem sua imaginação e me limitarei a dizer que a casa estava cheia de uma verdadeira felicidade e que o afetuoso desejo de Meg se realizou; porque, quando Beth acordou daquele sono longo e restaurador, as primeiras coisas em que pôs os olhos foram, realmente, a pequena rosa e o rosto de sua mãe. Fraca demais para se surpreender com alguma coisa, ela apenas sorriu e se aninhou nos braços afetuosos que a envolviam, sentindo que, afinal, seu intenso anseio fora satisfeito. Depois, tornou a dormir, e as meninas ficaram junto da mãe, porque ela não queria soltar a mão magra que continuava agarrando a sua, mesmo durante o sono. Hannah servira “no capricho” um fantástico café da manhã para a viajante, achando impossível dar vazão à sua excitação de qualquer outra maneira; e Meg e Jo alimentaram a mãe como diligentes jovens cegonhas, enquanto ouviam seu relato, aos sussurros, sobre o estado do pai delas, a promessa do Sr. Brooke de ficar lá, tomando conta dele, os atrasos que a tempestade provocara na viagem de volta e o indizível conforto que lhe proporcionara o rosto animado de Laurie, quando ela chegou, inteiramente arrasada com o cansaço, a ansiedade e o frio.

Que dia estranho, mas agradável, foi aquele! Tão colorido e alegre do lado de fora, porque o mundo inteiro parecia ter saído de casa para receber a primeira nevada; tão tranquilo e repousante do lado de dentro, porque todas dormiram, exaustas com a vigília, e um silêncio dominical reinou na casa inteira, enquanto Hannah, cabeceando, montava guarda à porta. Com uma sensação feliz de que cargas haviam sido arriadas, Meg e Jo fecharam seus olhos cansados e ficaram deitadas, repousando, como embarcações castigadas pela tempestade que, afinal, ancoram num porto seguro. A Sra. March não queria sair do lado de Beth, mas cochilou em sua poltrona, acordando com frequência para olhar a criança, tocá-la, cismar, como um avarento diante de um tesouro recuperado.

Laurie, enquanto isso, saía às pressas para confortar Amy, e contou tão bem sua história que tia March esqueceu-se de seu jeito habitual e não falou nem uma só vez: “Eu não lhe disse?” Amy mostrou-se tão forte, nessa ocasião, que acho que os bons pensamentos que cultivava na pequena capela realmente começavam a dar frutos. Enxugou rapidamente as lágrimas, conteve sua impaciência para ver a mãe e não pensou nem uma única vez no anel de turquesa, quando a velha senhora, calorosamente, concordou com a opinião de Laurie, que ela se comportara como “uma maravilhosa mulherzinha”. Até Polly pareceu impressionado, porque a chamou de “boa menina”, abençoou-a e

suplicou-lhe: “Vamos dar um passeio, querida”, com seu tom mais amável. Ela teria ficado muito satisfeita de sair para gozar o luminoso clima invernal, mas, descobrindo que Laurie caía de sono, apesar de seus viris esforços para esconder o fato, convenceu-o a descansar no sofá, enquanto ela escrevia um bilhete para a mãe. Demorou muito para fazer isso e, ao voltar, ele estava estirado, com os dois braços sob a cabeça, profundamente adormecido, e tia March fechara as cortinas e estava sentada, imóvel, num incomum acesso de generosidade.

Depois de algum tempo, elas começaram a pensar que só acordaria à noite, e acho que talvez fosse assim, se ele não despertasse pouco depois pelo grito de alegria de Amy ao ver a mãe. Havia, provavelmente, muitas meninas felizes na cidade e imediações naquele dia, mas, em minha opinião, Amy era a mais feliz de todas, ao se sentar no colo de sua mãe e contar seus infortúnios, recebendo consolo e compensação, sob a forma de sorrisos aprovadores e ternas carícias. Estavam sozinhas, juntas, na capela, à qual sua mãe não se mostrou contrária, quando ouviu explicações sobre sua finalidade.

— De forma nenhuma; gosto muito dela, querida — disse, olhando o rosário empoeirado, o gasto livrinho e o lindo quadro, com sua grinalda de sempre-verdes. — É um projeto ótimo ter algum lugar para onde a gente possa ir e se recolher, quando as coisas nos perturbam ou nos fazem sofrer. Há

muitas ocasiões difíceis nesta nossa vida, mas sempre podemos suportá-las quando pedimos ajuda da maneira correta. Acho que a minha menininha está aprendendo isso.

— Sim, mamãe. Quando for para casa, pretendo ter um canto no gabinete grande, para colocar meus livros e a cópia desse quadro, que tentei fazer. O rosto da mulher não está tão bom — é lindo demais para eu desenhar —, mas o bebê eu consegui fazer melhor, e eu o adoro. Gosto de pensar que, um dia, Ele foi uma criança porque, assim, não me sinto tão distante e isto me ajuda. Enquanto Amy apontava para o sorridente Deus-Menino no joelho de Sua mãe, a Sra. March viu alguma coisa na mão erguida que a fez sorrir. Não disse nada, mas Amy entendeu o olhar e, depois de um instante de pausa, acrescentou gravemente:

— Queria falar com você sobre isso, mas me esqueci. Tia me deu o anel hoje; me chamou para perto dela, me beijou e colocou o anel em meu dedo. Disse que estava muito satisfeita com meu bom comportamento e gostaria que eu ficasse para sempre com ele. Me deu esse outro anelzinho engraçado, para usar junto com o de turquesa, que é grande demais. Gostaria de usar os dois, mamãe, será que posso?

— São muito bonitos, mas acho que você ainda é nova demais para esses enfeites, Amy — disse a Sra. March, olhando para a mãozinha gorducha, com

o conjunto de pedras azul-celestes no indicador e o curioso anel de segurança, formado por duas minúsculas mãos de ouro agarradas uma na outra.

— Vou tentar não ser vaidosa — disse Amy. — Acho que não gosto do anel apenas por ser tão bonito. Quero ficar com ele no dedo da mesma forma como a menina daquela história usava sua pulseira, para se lembrar de alguma coisa.

— Quer dizer, lembrar de tia March? — perguntou sua mãe, rindo.

— Não, é para me lembrar de que não devo ser egoísta.

Amy parecia tão honesta e sincera em seus propósitos que sua mãe parou de rir e ouviu, respeitosamente, seu pequeno plano.

— Pensei muito, ultimamente, sobre “minha carga negativa”, e o que mais pesa nela é o meu egoísmo; então vou tentar, com todas as minhas forças, me livrar dela, se puder. Beth não é egoísta, e é por isso que todo mundo gosta dela e sofre tanto com a possibilidade de ficar sem ela. As pessoas não se preocupariam nem a metade comigo, se eu estivesse doente, e não mereço mesmo essa preocupação; mas gostaria de ser amada, de saber que muitos amigos sentiriam minha falta. Então, vou tentar, com todas as minhas forças, ser como Beth. Tendo a me esquecer de minhas resoluções, mas, se tiver alguma coisa sempre comigo, para me lembrar desta, acho que me sairei bem. Posso fazer essa tentativa?

— Sim, mas tenho mais fé no canto do gabinete grande. Use seu anel, querida, e faça o melhor que puder. Acho que você terá sucesso, porque o desejo sincero de ser boa já representa meia batalha ganha. Agora, vou voltar para junto de Beth. Continue com bom ânimo, filhinha, e logo teremos você em casa novamente.

Aquela noite, enquanto Meg escrevia para seu pai, contando a chegada da viajante, sã e salva, Jo esgueirou-se para o andar de cima, entrou no quarto de Beth e, ao encontrar sua mãe no lugar que geralmente ocupava, ficou um minuto ali parada, enfiando os dedos nos cabelos, com um gesto preocupado e um ar indeciso.

— Que é, queridinha? — perguntou a Sra. March, estendendo a mão, com uma expressão no rosto que convidava às confidências.

— Quero lhe contar uma coisa, mamãe.

— Sobre Meg?

— Como você adivinhou logo! Sim, é sobre ela e, embora seja uma coisinha sem importância, estou preocupada.

— Beth está dormindo; fale baixo e me conte tudo a respeito. Espero que aquele Moffat não tenha aparecido por aqui. Foi isso? — perguntou a Sra. March, com um tom de voz algo ríspido.

— Não, eu bateria a porta na cara dele se ele aparecesse — disse Jo,

instalando-se no chão, diante dos pés de sua mãe. — No verão passado, Meg deixou um par de luvas na casa dos Laurences e só uma foi devolvida.

Esquecemos do assunto, mas Teddy me contou, um dia, que o Sr. Brooke estava com a luva. Ele a guardava no bolso do colete e, uma vez, ela caiu e Teddy fez uma brincadeira com ele a respeito. O Sr. Brooke confessou que gostava de Meg, mas não ousava dizer, ela sendo tão jovem e ele tão pobre. Ouça, não é uma coisa terrível?

— Acha que Meg se interessa por ele? — perguntou a Sra. March com um olhar cheio de ansiedade.

— Ah, meu Deus! Não sei nada sobre o amor e todas essas bobagens! — exclamou Jo com uma mistura engraçada de interesse e desprezo. — Nos romances, as moças demonstram sua paixão quando têm sobressaltos, ficam coradas, desmaiam, emagrecem e se comportam como idiotas. Meg não faz nenhuma dessas coisas: come, bebe e dorme como uma criatura sensata, olha diretamente em meus olhos quando falo daquele homem, e só fica um pouquinho vermelha quando Teddy faz piadas sobre namorados. Proíbo que fale essas coisas, mas ele não me atende como deveria.

— Então, acha que Meg não está interessada em John?

— Quem? — exclamou Jo, olhando-a atentamente.

— O Sr. Brooke. Agora eu o chamo de “John”; adquiri esse hábito no

hospital, e ele gosta.

— Ah, meu Deus! Sei que você vai tomar o partido dele; foi bom para papai e você não o rejeita, deixará Meg casar-se com ele, se ela quiser. Mas que coisa desprezível! Agradar papai e ajudar você, só para engabelar todo mundo, conquistar a estima geral.

E Jo tornou a puxar o cabelo, raivosamente.

— Minha querida, não fique zangada; vou contar a você como as coisas aconteceram. John foi comigo a pedido do Sr. Laurence e mostrou-se tão dedicado a seu pobre pai que não pudemos deixar de gostar dele. John foi perfeitamente franco e honesto com relação a Meg, porque nos disse que a ama mas, antes de pedi-la em casamento, quer ter condições de dar a ela um lar confortável. Só queria nossa licença para amá-la e trabalhar para ela, e o direito de fazer com que ela o ame, se puder. É realmente um rapaz ótimo, e não pudemos nos recusar a ouvi-lo, mas não consentirei que Meg assuma qualquer compromisso sendo assim tão jovem.

— Claro que não! Seria uma idiotice. Eu sabia que havia alguma coisa errada acontecendo; senti isso e, agora, vejo que é pior do que imaginei. Só queria poder me casar com Meg, eu mesma, e fazer com que ela continuasse a salvo na família.

Essa estranha hipótese fez a Sra. March sorrir, mas ela disse, com

seriedade:

— Jo, confio em você e não quero que diga nada a Meg por enquanto.

Quando John voltar e eu observar os dois juntos, poderei julgar melhor os sentimentos dela com relação a ele.

— Ela verá os sentimentos dele naqueles seus belos olhos dos quais ela fala, e então estará perdida. Tem um coração tão terno que se derreterá como manteiga ao sol, se alguém olhar para ela de um jeito sentimental. Ela lê os curtos relatórios que ele envia com mais atenção do que suas cartas e me beliscou quando falei disso; gosta de olhos castanhos e não acha John um nome feio. Vai se apaixonar e será o fim da nossa paz, dos nossos divertimentos, desses tempos tão agradáveis juntas. Já prevejo tudo! Vão sair namorando pela casa, e vamos ter de sair do caminho, para não atrapalhar; Meg ficará distraída, não continuará a ser boa para mim; Brooke economizará uma fortuna, de alguma forma, e a levará embora, deixando um vazio na família; vou ficar desesperada e tudo será terrivelmente triste. Ah, meu Deus! Por que não nascemos todas meninas; assim não haveria nenhum problema. Jo encostou o queixo nos joelhos, numa atitude desconsolada, e sacudiu o punho para o censurável John. A Sra. March suspirou, e Jo olhou-a com uma expressão de alívio.

— Você não está gostando, não é, mamãe? Fico satisfeita. Vamos mandar

que ele vá cuidar de sua vida e não diremos a Meg uma só palavra a respeito.

Assim, continuaremos felizes juntas, como sempre fomos.

— Fiz mal em suspirar, Jo. É natural e correto que todas vocês vão para suas próprias casas, quando chegar a hora, mas quero realmente guardar minhas meninas por tanto tempo quanto puder; lamento que isto tenha acontecido tão cedo, porque Meg tem apenas dezessete anos, e alguns anos se passarão antes de John poder dar a ela uma casa. Seu pai e eu somos de opinião que ela não deve assumir nenhum compromisso nem se casar antes dos vinte. Se ela e John se amam, podem esperar e testar seu amor fazendo isso. Ela é conscienciosa, e não tenho medo nenhum de que ela trate o rapaz de forma pouco generosa. Minha linda e terna menina! Espero que vá ser muito feliz.

— Você não preferia que ela se casasse com um homem rico? —
perguntou Jo, quando a voz de sua mãe tremeu um pouco nas últimas palavras.

— Dinheiro é uma coisa boa e útil, Jo, e espero que minhas meninas não vão sentir nunca, pelo menos de forma muito dolorosa, necessidade dele, como também espero que não sejam tentadas por um excesso. Gostaria de saber que John está firmemente estabelecido em algum bom negócio, que lhe dê uma renda suficiente para não contrair dívidas e poder dar conforto a Meg.

Não tenho ambição de uma fortuna esplêndida, uma posição elegante nem um grande nome para minhas meninas. Se classe social elevada e dinheiro estiverem unidos a amor e virtude, eu os aceitarei muito satisfeita e ficarei feliz com a sorte de vocês; mas sei, por experiência própria, quanta felicidade se pode desfrutar numa casinha simples, onde o pão diário é ganho com o trabalho e algumas privações aumentam o gosto dos comedidos prazeres. Fico satisfeita de ver Meg começar humildemente porque, se não estou enganada, ela será rica com a posse do coração de um bom homem, coisa muito melhor do que qualquer fortuna.

— Entendo, mamãe, e concordo plenamente, mas estou desapontada com Meg, porque tinha planejado fazer, dentro de algum tempo, ela se casar com Teddy e passar o resto da vida no meio do luxo. Não seria bom? — perguntou Jo, olhando para sua mãe com um rosto mais animado.

— Ele é mais novo do que ela, você sabe — começou a Sra. March, mas Jo interrompeu:

— Só um pouquinho, e ele é maduro para sua idade, e alto; sabe se comportar de forma bem adulta quando quer. E ele é rico, gentil e bom, e ama a nós todas. Eu acho uma pena meu plano ter sido arruinado.

— Na minha opinião, Laurie não tem maturidade suficiente para Meg e, por enquanto, é inconstante demais para alguém contar com ele. Não faça planos,

Jo, deixe o tempo e os próprios corações unirem seus amigos. Não podemos nos meter nessas questões sem correr sérios riscos, e é melhor não colocarmos “lixo romântico”, como diz você, em nossas cabeças, para não perdermos nossas amizades.

— Está bem, não vou fazer isso, mas detesto ver as coisas saírem todas às avessas e se emaranharem, quando uma puxadinha ali e uma tesourada acolá consertariam tudo. Gostaria que houvesse alguma mágica capaz de fazer a gente parar de crescer; mas os botões se transformam em rosas e os gatinhos viram gatos grandes — é uma pena!

— Que história é essa de parar de crescer e gatinhos? — perguntou Meg, entrando de repente no quarto, com a carta terminada na mão.

— Foi só uma das minhas tiradas idiotas. Vou para a cama; venha, Peggy

— disse Jo toda confusa.

— Perfeita, muito bem escrita. Por favor, acrescente que mando um grande abraço para John — disse a Sra. March, dando uma olhada na carta e devolvendo-a.

— Você chama o Sr. Brooke de “John”? — perguntou Meg, sorrindo, com seus olhos inocentes encarando diretamente sua mãe.

— Sim, ele foi como um filho para nós e gostamos muito dele — respondeu a Sra. March, devolvendo o olhar com outro, penetrante.

— Fico satisfeita com isso; ele é tão solitário. Boa noite, querida mamãe.

Não tenho nem palavras para dizer como é maravilhoso ter você aqui — foi a resposta de Meg.

O beijo que sua mãe lhe deu foi muito terno e, quando ela saiu, a Sra.

March disse, com uma mistura de satisfação e pesar:

— Ela ainda não ama John, mas logo aprenderá a amar.

Capítulo 21

Laurie Faz uma Travessura

e Jo Ajeita Tudo

O rosto de Jo estava concentrado, no dia seguinte, porque o segredo lhe pesava um pouco e ela achava difícil não ficar com um ar misterioso e importante. Meg observou isso, mas não se deu ao trabalho de fazer perguntas, porque aprendera que a melhor maneira de lidar com Jo era pela lei dos contrários; então tinha certeza de que tudo lhe seria contado se nada indagasse. Ficou um tanto surpresa, portanto, quando o silêncio permaneceu inviolável e Jo adotou um jeito condescendente que, decididamente, irritou Meg; ela, por sua vez, assumiu um ar de majestosa reserva e se dedicou à mãe. Isto deixou Jo com tempo para seus próprios truques, porque a Sra. March tomara seu lugar como enfermeira e mandou-a descansar, fazer exercícios e se divertir, após seu longo confinamento. Como Amy não estava,

Laurie era seu único refúgio; e, por mais que gostasse de sua companhia, estava com um grande medo dele, naquela ocasião, porque ele era um brincalhão incorrigível, e ela temia que lhe extraísse o segredo.

Tinha toda a razão, porque o rapaz, que adorava uma travessura, mal suspeitava de algum mistério e logo se empenhava em descobri-lo; e fez Jo passar maus pedaços por causa disso. Adulou, ofereceu suborno, ridicularizou, ameaçou e repreendeu; fingiu indiferença para poder surpreendê-la e conseguir que dissesse a verdade; declarou que já sabia e, depois, que pouco estava ligando. Finalmente, com o poder da perseverança, acabou sabendo que o segredo era referente a Meg e ao Sr. Brooke. Indignado por não ter sido honrado pela confiança do seu professor, pôs a cabeça para funcionar, a fim de imaginar alguma vingança adequada para a desconsideração.

Meg, enquanto isso, aparentemente esquecera-se da questão e estava absorta nos preparativos para a volta do pai; mas, de repente, passou por uma mudança e, durante um dia ou dois, nem parecia a mesma. Quando alguém lhe falava, sobressaltava-se, corava quando a olhavam, mantinha-se muito calada e ficava sentada, olhando para sua costura, com uma expressão tímida e perturbada no rosto. Às perguntas de sua mãe, respondia que estava muito bem, e às de Jo, sua resposta era o silêncio, ou súplicas para ser deixada em paz.

— Ela sentiu no ar — o amor, quero dizer — e vai muito depressa. Está com a maioria dos sintomas — toda alvoroçada e zangada; não come, fica acordada de noite e se mete nos cantos, apalermada. Ouvi, uma hora dessas, ela cantar aquela canção que ele lhe deu, e, em outro momento, ela disse “John” do jeito que você faz, e depois ficou vermelha como uma papoula. O que devemos fazer? — perguntou Jo, com um ar de quem estava preparada para tomar qualquer medida por mais radical que fosse.

— Nada, a não ser esperar. Deixe Meg em paz, seja generosa e paciente. A chegada do pai dela ajeitará tudo — respondeu sua mãe.

— Aqui está um bilhete para você, Meg, todo lacrado. Que estranho! Teddy nunca lacra os que faz para mim — disse Jo, no dia seguinte, quando distribuiu o conteúdo da pequena caixa postal.

A Sra. March e Jo estavam profundamente mergulhadas em seus próprios assuntos, quando um som emitido por Meg fez com que olhassem em sua direção e a vissem olhando fixamente para o bilhete, com um rosto assustado.

— Minha filha, o que é? — exclamou sua mãe, correndo para ela, enquanto Jo tentava pegar o papel que provocara aquela reação.

— É tudo um engano, ele não mandou nada. Ah, Jo, como é que você pôde fazer isso? — e Meg escondeu o rosto nas mãos, chorando como se estivesse com o coração inteiramente partido.

— Meg! Eu não fiz nada! Sobre o que ela está falando? — exclamou Jo, perplexa.

Os olhos doces de Meg brilharam de raiva, quando ela tirou do bolso um bilhete amassado e atirou-o para Jo, dizendo, em tom de reprimenda:

— Você escreveu isso, e aquele menino ruim ajudou. Como é que você pôde ser tão grosseira, mesquinha e cruel com nós dois?

Jo mal escutou o que Meg disse, porque ela e sua mãe estavam lendo o bilhete, escrito com uma caligrafia peculiar.

MINHA QUERIDÍSSIMA MARGARET:

Não posso mais conter minha paixão e preciso saber do meu destino, antes de voltar. Não ousa ainda contar a seus pais, mas acho que consentiriam, se soubessem que nos adoramos. O Sr. Laurence me ajudará a conseguir uma boa posição, e então, minha doce menina, você me fará feliz. Imploro que ainda não diga nada a sua família, mas envie uma palavra de esperança através de Laurie para

Seu dedicado JOHN.

— Ah, aquele pequeno patife! É dessa forma que ele me paga por cumprir o que prometi a mamãe. Vou passar um grande carão nele e fazer com que venha até aqui pedir perdão — gritou Jo, ansiando para que se fizesse imediatamente justiça.

Mas sua mãe segurou-a e disse, com uma expressão que raramente aparecia em seu rosto:

— Pare, Jo. Primeiro, você precisa se explicar. Você já fez tantas brincadeiras que pode ter tido também sua participação nesta.

— Juro, mamãe, não tenho! Nunca vi esse bilhete e não sei nada sobre ele, juro pela minha vida! — disse Jo, com tanta seriedade que elas acreditaram em suas palavras. — Se eu tivesse participado disso, faria melhor, escreveria um bilhete sensato. Eu imaginaria que você fosse capaz de perceber que o Sr. Brooke não escreveria uma coisa dessas — acrescentou ela, jogando o papel no chão com desprezo.

— Parece a caligrafia dele — balbuciou Meg, comparando-o com o bilhete que tinha na mão.

— Ah, Meg, você não respondeu, não é? — exclamou depressa a Sra. March.

— Sim, respondi! — E Meg escondeu outra vez o rosto, dominada pela vergonha.

— Mas que brincadeira de mau gosto! Me deixem trazer aqui aquele garoto terrível, para dar uma explicação e levar um carão. Não sossego até agarrar Laurie.

E Jo correu, mais uma vez, em direção à porta.

— Psiu! Deixe que eu cuide disso, porque é pior do que pensei. Margaret, me conte toda a história — ordenou a Sra. March, sentando-se ao lado de Meg, mas segurando Jo para ela não sair correndo.

— Recebi a primeira carta das mãos de Laurie, que não parecia saber nada a respeito — começou Meg, sem levantar os olhos. — Fiquei preocupada, no começo, e pretendia lhe contar, depois me lembrei de como você gostava do Sr. Brooke; então pensei que não se importaria se eu guardasse meu pequeno segredo por alguns dias. Sou tão tola que gostei de pensar que ninguém sabia e, enquanto decidia o que dizer, me senti como as moças dos livros quando vivem histórias desse tipo. Peço que me perdoe, mamãe. Agora estou pagando por minha tolice; nunca mais poderei encarar o Sr. Brooke.

— O que você disse a ele? — perguntou a Sra. March.

— Só disse que sou jovem demais para tomar qualquer atitude, que não queria guardar segredos de você e que ele deveria falar com papai. Disse que estava muito agradecida por sua bondade e que seria sua amiga, mas nada mais, durante um longo tempo.

A Sra. March sorriu, como se estivesse bem satisfeita, e Jo bateu palmas, exclamando, com uma risada:

— Você é quase igual a Caroline Percy, que era um modelo de prudência!

Conte mais, Meg. O que ele respondeu a isso?

— Ele escreve de uma maneira inteiramente diferente, dizendo que nunca me mandou nenhuma carta de amor, absolutamente, e sente muito que minha travessa irmã, Jo, tomasse tais liberdades com nossos nomes. É muito gentil e respeitoso, mas pense que horror para mim!

Meg apoiou-se em sua mãe, a verdadeira imagem do desespero, e Jo caminhava de um lado para outro da sala, a passos largos, xingando Laurie. De repente, ela parou, pegou os dois bilhetes e, depois de examiná-los atentamente, disse, cheia de decisão:

— Não acredito que Brooke tenha visto nunca qualquer dessas duas cartas. Teddy escreveu as duas e está guardando a sua para cantar vitória diante de mim, porque não contei a ele meu segredo.

— Não tenha segredos, Jo. Conte tudo a mamãe e se livre de complicações, como eu devia ter feito — disse Meg em tom de advertência.

— Que Deus a abençoe, criança! Foi mamãe quem me contou.

— Basta, Jo. Pode deixar que eu consolo Meg, enquanto você vai buscar Laurie. Vou examinar essa questão a fundo e acabar imediatamente com essas brincadeiras.

Jo saiu correndo, e a Sra. March, gentilmente, contou a Meg os verdadeiros sentimentos do Sr. Brooke.

— Agora, querida, quais são os seus? Você o ama o bastante para esperar

até ele poder lhe dar uma casa, ou prefere se manter inteiramente livre no presente?

— Fiquei tão assustada e preocupada que não quero mais saber de namorados por um longo tempo, talvez nunca mais — respondeu Meg impacientemente. — Se John não sabe nada de toda essa tolice, não diga a ele e faça com que Jo e Laurie fiquem calados. Não quero que me enganem e aborreçam, que me façam de tola. É uma vergonha!

Vendo que o temperamento habitualmente gentil de Meg fora espicaçado e seu orgulho estava ferido com essa brincadeira de mau gosto, a Sra. March acalmou-a com promessas de total silêncio e grande discrição futuramente. No instante em que os passos de Laurie foram ouvidos no saguão, Meg fugiu para o gabinete e a Sra. March recebeu sozinha o acusado. Jo não lhe dissera por que queriam falar com ele, temendo que não viesse, mas ele descobriu tudo, no instante em que viu o rosto da Sra. March, e ficou ali em pé torcendo o chapéu, com um ar de culpa que o condenou imediatamente. Jo foi dispensada, mas preferiu ficar caminhando de um lado para outro, como uma sentinela, porque estava com um pouco de medo que o prisioneiro pudesse fugir. O som de vozes na sala de visitas elevou-se e se abaixou durante meia hora, mas o que aconteceu durante essa entrevista as meninas nunca souberam.

Quando foram convidadas a entrar, Laurie estava em pé, ao lado da mãe delas, com um rosto tão arrependido que Jo perdoou-o imediatamente, mas não achou aconselhável deixar transparecer isso. Meg recebeu o humilde pedido de desculpas dele e ficou muito satisfeita com as garantias que ele deu, de que Brooke não tinha conhecimento, absolutamente, da brincadeira.

— Jamais direi nada a ele, durante toda a minha vida. Ninguém conseguirá arrancar de mim uma só palavra a respeito; então me perdoe, Meg, e farei qualquer coisa para demonstrar até que ponto lamento tudo isso — acrescentou ele, com um ar de quem estava muito envergonhado de si mesmo.

— Vou tentar, mas foi uma coisa muito pouco cavalheiresca. Não pensei que você pudesse ser tão malicioso e mau, Laurie — respondeu Meg, tentando esconder seu virginal constrangimento sob um ar de grave repreensão.

— Foi mesmo uma coisa horrorosa, e não mereço que falem comigo durante um mês, mas você vai falar, não?

E Laurie juntou as mãos, com um gesto tão suplicante enquanto dizia isso, com seu tom irresistivelmente persuasivo, que foi impossível olhá-lo de cara feia, apesar de seu vergonhoso comportamento. Meg perdoou-o, e o rosto sério da Sra. March descontraiu-se, apesar de seus esforços para se manter reservada, quando ela o ouviu declarar que expiaria seus pecados através de todo tipo de penitências e se humilharia como um verme diante da donzela

magoada.

Jo manteve-se arredia, tentando endurecer o coração contra ele, mas o máximo que conseguiu foi assumir no rosto uma expressão de profunda desaprovação. Laurie olhou em sua direção uma ou duas vezes, mas, como ela não desse nenhum sinal de ceder, ele ficou magoado e virou-lhe as costas, até as outras terminarem de lhe dizer o que queriam, e então fez uma larga curvatura e se afastou, sem uma palavra.

Logo que o jovem saiu, Jo desejou ter sido mais magnânima e, quando Meg e sua mãe foram para o andar de cima, ela se sentiu solitária e ansiou por Teddy. Depois de resistir por algum tempo cedeu ao seu impulso e, armada com um livro para devolver, foi até a casa grande.

— O Sr. Laurence está em casa? — perguntou Jo a uma criada que descia a escada.

— Sim, senhorita, mas teve uma cena com o Sr. Laurie, que está num dos seus acessos de mau gênio, por causa de alguma coisa que aborrece o velho cavalheiro; então não tenho coragem de chegar perto dele.

— Onde está Laurie?

— Trancado em seu quarto e não responde; já bati na porta. Não sei o que vai ser feito com o almoço; já está pronto e não aparece ninguém para comer.

— Vou ver do que se trata. Não tenho medo de nenhum dos dois.

E lá subiu Jo, batendo com força na porta do pequeno gabinete de Laurie.

— Pare com isso, senão abro a porta e acabo com você! — gritou o jovem cavalheiro, com um tom ameaçador.

Jo, imediatamente, tornou a bater; a porta se escancarou e ela pulou para dentro, antes que Laurie pudesse recuperar-se de sua surpresa. Vendo que estava realmente furioso, Jo, que sabia lidar com ele, assumiu uma expressão contrita e, ajoelhando-se artisticamente, disse, com uma voz cheia de meiguice:

— Por favor, me perdoe por ser tão metida. Vim para fazer as pazes e não posso ir embora até conseguir.

— Está bem. Levante-se e não seja idiota, Jo — foi a arrogante resposta ao seu pedido.

— Obrigada, vou me levantar. Posso perguntar qual é o problema? Você não parece estar nos seus melhores momentos.

— Me deram uma sacudida e não tolero isso! — resmungou Laurie, cheio de indignação.

— Quem fez isso? — perguntou Jo.

— Meu avô. Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria... — e o magoado rapaz terminou sua frase com um gesto enérgico com o braço direito.

— Não foi nada. Muitas vezes sacudo você, e você nem se importa —

disse Jo, com voz apaziguadora.

— Ora essa! Você é uma menina, e é engraçada, mas não vou deixar nenhum homem me sacudir.

— Acho que ninguém ousaria sequer pensar numa coisa dessas, com essa sua cara de meter medo. Por que foi tratado desse jeito?

— Só porque não quis contar o motivo de sua mãe ter me chamado. Como prometi não contar, claro que não ia trair minha palavra de honra.

— Será que você não poderia satisfazer seu avô de alguma outra forma?

— Não, ele só queria a verdade, toda a verdade e nada a não ser a verdade. Teria contado minha parte nessa enrascada, se pudesse fazer isso sem falar em Meg. Como não podia, fiquei calado e agüentei o carão, até que o velho cavalheiro me agarrou pelo colarinho. Aí fiquei zangado e fugi, com medo de perder a cabeça.

— Não foi uma coisa simpática, mas ele está arrependido, eu sei; então desça e faça as pazes. Eu ajudo.

— Não faço as pazes coisa nenhuma! Não vou ficar recebendo carões e agressões de todo mundo só por causa de uma pequena brincadeira. Eu me arrependi, no caso de Meg, e pedi perdão, como um homem; mas não faria a mesma coisa num outro caso em que não tivesse a menor culpa.

— Ele não sabia.

— Devia confiar em mim e não agir como se eu fosse um bebê. Não adianta, Jo; ele tem de aprender que sou capaz de tomar conta de mim mesmo e não preciso me agarrar em ninguém.

— Você é mesmo impossível! — suspirou Jo. — Como pretende resolver esse caso?

— Ora, ele tem de me pedir perdão e acreditar em mim, de agora em diante, quando eu lhe disser que não posso contar o motivo da confusão.

— Valha-me Deus! Isso ele não vai fazer.

— Só desço quando ele fizer.

— Ora, Teddy, ponha a cabeça no lugar. Deixe isso pra lá, eu vou explicar a ele o que puder. Mas você não pode ficar aqui trancado; então, de que adianta ser tão melodramático?

— Não pretendo ficar aqui muito tempo. Vou fugir e viajar para algum lugar, e, quando vovô sentir minha falta, logo irá atrás de mim.

— Acho que sim, mas você não devia criar problemas para ele.

— Não fique aí me passando sermões. Vou para Washington, me encontrar com Brooke; lá é alegre e vou me divertir, depois de tantos problemas.

— Ah, com você seria bom! Gostaria de poder fugir também — disse Jo, esquecendo-se de seu papel de mentora, em meio a vividas visões da vida marcial da capital.

— Vamos, então. Por que não? Você fará uma surpresa a seu pai e eu vou perturbar um pouquinho o velho Brooke. Seria uma brincadeira gloriosa; vamos, Jo. A gente deixa uma carta, dizendo que estamos bem, e escapulimos agora mesmo. Tenho dinheiro suficiente; fará bem a você e não haverá nenhum problema, porque irá se encontrar com seu pai.

Por um momento, Jo pareceu disposta a concordar; por mais louco que fosse o plano, servia-lhe às maravilhas. Estava cansada de preocupações e de confinamento, ansiava por uma mudança e as imagens do seu pai misturavam-se tentadoramente com os encantos diferentes dos acampamentos e hospitais, com a idéia de liberdade, de movimento. Seus olhos brilharam, voltando-se, cheios de ânsia, para a janela, mas foram dar na velha casa em frente, e ela sacudiu a cabeça, com dolorosa determinação.

— Se eu fosse um rapaz, fugiríamos juntos e teríamos momentos fantásticos; mas sou uma infeliz menina, preciso me comportar de forma adequada e ficar em casa. Não me tente, Teddy, é um plano maluco.

— Por isso é que é divertido — começou Laurie, que estava num acesso de teimosia e louco para romper, de alguma forma, com todas as amarras.

— Cale essa boca! — exclamou Jo, tapando os ouvidos. — A vida doméstica é minha sina, e é melhor eu meter isso na cabeça de uma vez por todas. Vim aqui para moralizar, não para ouvir coisas que, só de pensar, me

deixam morta de medo.

— Sei que Meg, na mesma hora, rejeitaria uma proposta desse tipo, mas pensei que você fosse mais inteligente — começou Laurie, de forma insinuante.

— Cale essa boca, menino malvado! Sente-se e pense em seus próprios pecados; não me faça aumentar os meus. Se eu conseguir que seu avô se desculpe por ter sacudido você, será que desistirá de fugir? — perguntou Jo, com um tom sério.

— Sim, mas você não vai conseguir — respondeu Laurie, que queria fazer as pazes, mas sentia que, primeiro, tinha de receber satisfações por causa de sua dignidade ultrajada.

— Se consigo lidar com o mais jovem, posso também lidar com o mais velho — resmungou Jo, enquanto se afastava, deixando Laurie encurvado sobre um mapa ferroviário, com a cabeça apoiada nas duas mãos.

— Entre!

E a voz áspera do Sr. Laurence soou mais áspera do que nunca, quando Jo bateu em sua porta.

— Sou apenas eu, senhor; vim devolver um livro — disse ela, afavelmente, quando entrou.

— Quer mais? — perguntou o velho cavalheiro, com um ar triste e

aborrecido, mas tentando não demonstrá-lo.

— Sim, por favor. Gosto tanto do velho Sam; acho que vou tentar o segundo volume — respondeu Jo, esperando acalmá-lo, ao aceitar uma nova dose do Johnson de Boswell, já que ele recomendara essa obra tão interessante.

As emaranhadas sobrelhas descontraíram-se um pouco, enquanto ele empurrava a escada em direção à prateleira onde estava colocada a literatura johnsoniana. Jo subiu e, sentando-se no degrau de cima, fingiu estar procurando seu livro; mas, na verdade, imaginava a melhor maneira de introduzir o perigoso assunto de sua visita. O Sr. Laurence pareceu suspeitar que a mente dela estava ocupada em tramar alguma coisa porque, depois de várias voltas rápidas pela sala, virou-se para ela e disse, de forma tão brusca que Rasselas caiu aberto no chão.

— O que andou aprontando aquele rapaz? Não tente protegê-lo. Sei que fez alguma diabrura, pelo jeito como agiu ao chegar em casa. Não consegui arrancar dele uma só palavra e, quando ameacei forçá-lo a dizer a verdade, fugiu lá para cima e se trancou no quarto.

— É verdade que ele não agiu bem, mas nós o perdoamos e todos prometemos não dizer uma só palavra a ninguém a respeito do assunto — começou Jo, relutante.

— Isso não basta; ele não deve proteger-se com uma promessa feita por vocês, meninas generosas. Se fez alguma coisa errada, deve confessar, pedir perdão e ser castigado. Pare com isso, Jo; não podem esconder as coisas de mim.

O Sr. Laurence estava com um ar tão assustador e falava de maneira tão ríspida que Jo gostaria de sair correndo, se pudesse, mas estava empoleirada no alto da escada e ele ao pé, como um leão no caminho; então ela teve de ficar e enfrentar a situação.

— Na verdade, senhor, não posso dizer. Mamãe proibiu. Laurie confessou, pediu perdão e já foi suficientemente castigado. Não estamos caladas para protegê-lo, mas a uma outra pessoa, e os problemas só ficarão mais difíceis se o senhor interferir. Por favor, não faça isso; em parte, foi minha culpa, mas está tudo bem agora; então, vamos esquecer o assunto e conversar sobre o Rambler, ou alguma coisa agradável.

— O Rambler que vá para o diabo! Desça e me dê sua palavra de que esse meu garoto estouvado não cometeu nenhum ato ingrato ou impertinente. Se foi o caso, depois de toda a generosidade de vocês para com ele, vou dar uma surra neles, com minhas próprias mãos.

A ameaça soou terrível, mas não alarmou Jo, porque ela sabia que o irritável velho cavalheiro jamais levantaria um só dedo contra seu neto por mais

que pudesse dizer o contrário. Obedientemente, ela desceu e tornou a brincadeira o mais leve que pôde, sem trair Meg nem se afastar da verdade.

— Hmm, ahn, ora, se o rapaz ficou calado porque prometeu e não por teimosia, vou perdoá-lo. É um sujeito obstinado, difícil de lidar — disse o Sr. Laurence, passando a mão pelos cabelos, até parecer que ele estivera no meio de uma terrível ventania e desfazendo a ruga na testa, no seu alívio.

— Também sou, mas uma palavra gentil consegue bons resultados comigo, quando falham todos os esforços do mundo para me disciplinar — disse Jo, tentando proteger o amigo, que parecia destinado a sair de uma enrascada e se meter imediatamente em outra.

— Acha que não sou generoso com ele, hein? — foi a resposta ríspida.

— Ah, meu Deus, não; o senhor algumas vezes é generoso demais e, depois, só um pouquinho precipitado, quando ele abusa de sua paciência. Não acha que tenho razão?

Jo estava decidida a resolver as coisas e tentou parecer bastante calma, embora tremesse um pouquinho após seu discurso audacioso. Para seu grande alívio e surpresa, o velho cavalheiro limitou-se a atirar os óculos em cima da mesa, com estrépito, e a exclamar, abertamente:

— Você tem razão, menina, sou assim mesmo! Adoro o rapaz, mas ele abusa da minha paciência para além dos limites suportáveis, e não sei como

tudo acabará se continuarmos desse jeito.

— Vou lhe dizer: ele vai fugir.

Jo lamentou ter dito isso logo que acabou de falar; sua intenção era adverti-lo de que Laurie não suportaria muitas restrições e esperava que ele fosse mais tolerante com o rapaz.

O rosto corado do Sr. Laurence mudou repentinamente, e ele se sentou, lançando um olhar perturbado para a foto de um belo homem pendurada acima de sua mesa. Era o pai de Laurie, que fugira, realmente, em sua juventude, e se casara outra vez, contra a imperiosa vontade do velho. Jo imaginou que ele estava lembrando o fato e que lamentava o passado; desejou ter ficado calada.

— Ele não fará isso, a não ser que esteja muito aborrecido. Só ameaça fazer isso algumas vezes, quando se cansa de estudar. Muitas vezes, penso que eu gostaria de fugir também, principalmente depois que cortei o cabelo. Então, se der pela nossa falta, algum dia, ponha um anúncio procurando dois rapazes, e faça uma busca em todos os navios com destino à Índia.

Ela riu, enquanto falava, e o Sr. Laurence pareceu aliviado, tomando toda a história, evidentemente, como uma brincadeira.

— Sua garota levada, como ousa falar desse jeito? Onde está seu respeito por mim, sua boa educação? Que Deus nos acuda, com esses meninos e meninas! Que tormentos que são, mas não conseguimos viver sem eles —

disse o velho cavalheiro, beliscando as faces bem-humoradamente. — Vá lá em cima e traga aquele rapaz para almoçar; diga a ele que está tudo bem e também para não fazer esses ares trágicos com seu avô, porque não vou tolerar isso.

— Ele não virá, senhor; está aborrecido porque o senhor não acreditou nele quando disse que não podia contar. Acho que o fato de ter sido sacudido também o deixou muito magoado.

Jo tentou fazer um ar patético, mas deve ter falhado, porque o Sr. Laurence começou a rir; ela percebeu que a batalha estava ganha.

— Lamento muito isso, e deveria agradecer a ele por não me sacudir, eu acho. Que diabo espera aquele sujeito?

O velho cavalheiro parecia um pouquinho envergonhado de sua própria impaciência.

— Se eu fosse o senhor, escreveria para ele um pedido de desculpas. Ele diz que não vai descer enquanto não receber um; e está falando em ir para Washington e outros absurdos. Um pedido formal de desculpas vai mostrar a ele como é tolo e fará com que desça bem amável. Tente; ele gosta de brincadeiras e desta maneira é melhor do que falando. Levarei o bilhete para cima e vou ver se assim consigo que ele desça.

O Sr. Laurence lançou-lhe um olhar penetrante e pôs os óculos, dizendo

vagarosamente:

— Você é uma garota espertinha, mas não me importo de ser manejado por você e por Beth. Vamos, me dê um pedaço de papel; vamos tentar acabar com essa tolice.

O bilhete foi escrito nos termos que um cavalheiro usaria para com outro depois de insultá-lo profundamente. Jo soltou um beijo no alto da cabeça calva do Sr. Laurence e correu para enfiar o pedido de desculpas embaixo da porta de Laurie, aconselhando-o, através do buraco da fechadura, a ser obediente, digno e mais algumas poucas outras agradáveis impossibilidades. Encontrando a porta outra vez fechada, ela confiou nos efeitos do bilhete e já ia embora, silenciosamente, quando o jovem cavalheiro deslizou pelo corrimão e ficou esperando por ela, ao pé da escada, enquanto dizia com sua expressão facial mais virtuosa:

— Mas que bom sujeito você é, Jo! Levou algum estouro? — perguntou rindo.

— Não, de modo geral ele foi bem simpático.

— Ah! Todo mundo descarregou foi em cima de mim. Até você me rejeitou, lá em sua casa, e senti que um pouquinho mais e me mandavam para o inferno

— começou ele, em tom de quem se desculpa.

— Não fale desse jeito; sacuda a poeira e dê a volta por cima, Teddy, meu

filho.

— Não paro de sacudir a poeira e dar a volta por cima, mas comigo não dá certo; parece que vou passar o resto da vida fazendo isso — disse ele, com um tom desconsolado.

— Vá almoçar e depois você se sentirá bem melhor. Os homens sempre se queixam quando estão com fome — e, depois de dizer isso, Jo escapuliu pela porta da frente.

— Isto é uma falsidade contra meu sixo — disse Laurie, imitando Amy, enquanto ia, obedientemente, almoçar com seu avô, que se mostrou, durante o resto do dia, uma doçura de pessoa, com um jeito incrivelmente respeitoso. Todos acharam que a questão terminara e a pequena nuvem fora afastada, mas o mal estava feito porque, embora os outros se esquecessem do episódio, Meg continuou a lembrá-lo. Jamais mencionava uma certa pessoa, mas pensava muito nele, sonhava mais do que nunca a respeito, e, uma vez, Jo, remexendo à procura de selos na escrivaninha da irmã, encontrou um pedacinho de papel rabiscado com as seguintes palavras: “Sra. John Brooke”, diante do que gemeu tragicamente e jogou o papel no fogo, sentindo que a brincadeira de Laurie estava apressando um final para ela indesejável.

Capítulo 22

Suaves Campinas

As tranqüilas semanas que se seguiram foram como o sol depois de uma tempestade. Os doentes melhoraram rapidamente, e a Sra. March começou a falar em voltar no início do novo ano. Beth logo pôde ficar deitada o dia inteiro no sofá do gabinete, primeiro divertindo-se com seus adorados gatos e, depois, ocupando-se com as costuras para as bonecas, que haviam ficado tristemente atrasadas. Suas pernas outrora ágeis estavam tão rígidas e fracas que Jo, diariamente, levava-a para tomar ares, carregando-a em seus braços fortes, de um lado para outro da casa. Meg, alegremente, escurecia e queimava suas mãos brancas, cozinhando pratos requintados para “a querida”, enquanto Amy, uma leal escrava do anel, comemorava sua volta dando seus tesouros, tantos quanto podia convencer suas irmãs a aceitarem.

À medida que o Natal se aproximava, os habituais segredos começaram a assombrar a casa, e Jo agitava com freqüência a família, propondo cerimônias inteiramente impossíveis ou suntuosamente absurdas, em honra daquele Natal de excepcional alegria. Laurie também estava impraticável e, se seus desejos fossem atendidos, acenderia fogueiras e fogos de artifício e mandaria construir um arco do triunfo. Depois de muitas discussões e repreensões, a ambiciosa dupla foi considerada eficazmente dominada e eles ficaram andando de um lado para outro com uns rostos desesperançados, mas que logo se modificavam quando eles se encontravam e explodiam em risadas.

Vários dias de tempo incomumente ameno levaram, como se poderia prever, a um esplêndido dia de Natal. Hannah “sentiu nos ossos” que o dia ia ser muito bonito e demonstrou ser uma verdadeira profetisa; tudo e todos pareciam destinados a alcançar grande sucesso. Antes de mais nada, o Sr. March escreveu que logo estaria de volta; depois, Beth sentiu-se bem melhor aquela manhã e, depois de ser vestida com o presente de sua mãe — um macio roupão de merinó carmesim —, foi conduzida em triunfo até a janela, a fim de contemplar a oferenda de Jo e Laurie. Os Indomáveis haviam feito o possível para merecerem o nome porque, como duendes, trabalharam à noite, preparando uma cômica surpresa. Lá fora, no jardim, estava uma majestosa donzela de neve, coroada com azevinho, segurando numa das mãos uma cesta de frutas e flores e, na outra, um grande rolo de novas músicas, e tendo em cima dos ombros gelados uma colcha que era um perfeito arco-íris; de seus lábios, numa flâmula de papel cor-de-rosa, saía uma canção de Natal:

DA JUNGFRAU PARA BETH

Que Deus a abençoe, querida Rainha Bess!

Que nada a aborreça

E que a saúde, a paz e a felicidade

Sejam suas, neste Dia de Natal.

Aqui estão frutas para alimentar nossa operosa abelhinha

E flores para ela cheirar;
Aqui está música para seu pianinho
E uma colcha para cobrir seus dedos dos pés.
Veja, é um retrato de Joanna,
Feito por Rafael nº 2,
Que empenhou todos os seus esforços
Para torná-lo belo e verdadeiro.
Aceite por favor uma fita vermelha,
Para a cauda de Madame Ronrom;
E sorvete feito pela linda Peg —
O Mont Blanc dentro de um balde.
O afeto mais profundo quem me fez colocou
Em meu peito de neve:
Peço que o aceite, junto com esta donzela alpina,
Da parte de Laurie e de Jo.
Como Beth riu, quando a viu, como Laurie correu de um lado para outro,
levando os presentes, e que discursos ridículos fez Jo enquanto os entregava!
— Estou tão feliz que, se papai estivesse aqui, nem sei como agüentaria —
disse Beth, suspirando de contentamento, enquanto Jo a carregava até o
gabinete para descansar, depois de tanta excitação, e para se servir de

algumas das deliciosas uvas que a “Jungfrau” lhe enviara.

— Eu também — falou Jo, dando palmadas em seu bolso, onde estava guardado o tão longamente desejado Undine e Sintram.

— E eu nem sei dizer quanto — ecoou Amy, olhando atentamente para a cópia da Madona e Cristo Menino que sua mãe lhe dera, numa bela moldura.

— Claro que também estou! — exclamou Meg, alisando as dobras prateadas de seu primeiro vestido de seda, que o Sr. Laurence insistira em lhe dar.

— E eu, como poderia não estar cheia de felicidade? — disse a Sra. March, cheia de gratidão, enquanto seus olhos iam da carta do marido para o rosto sorridente de Beth, e sua mão acariciava o broche feito de cabelos grisalhos, louros, castanho-claros e escuros que as meninas haviam acabado de lhe prender no peito.

De vez em quando, neste mundo prosaico, as coisas acontecem realmente da deliciosa maneira dos livros de histórias, e que bom que seja assim! Meia hora depois de todas dizerem que estavam felizes a ponto de nem agüentarem mais, veio esse mais. Laurie abriu a porta da sala de visitas e enfiou a cabeça através dela, muito silenciosamente. Mas o efeito seria o mesmo se ele tivesse dado um salto mortal e soltado um grito de guerra dos índios, porque seu rosto estava tão cheio de disfarçada excitação e sua voz tão traiçoeiramente alegre,

que todas deram um pulo, embora ele só tivesse dito, com uma voz estranha, como se estivesse sem fôlego:

— Aqui está outro presente de Natal para a família March.

Mal as palavras lhe saíram da boca, ele foi afastado para alguma parte e, em seu lugar, apareceu um homem alto, agasalhado até os olhos, apoiado no braço de outro homem alto, que tentou dizer alguma coisa e não conseguiu.

Claro que houve uma correria geral e, durante vários minutos, todos pareceram ficar fora de si, porque as coisas mais estranhas foram feitas e ninguém disse uma só palavra. O Sr. March tornou-se invisível, no abraço de quatro pares de braços afetuosos; Jo passou vergonha, porque quase desmaiou e teve de receber cuidados de Laurie, no quartinho onde era guardada a louça; o Sr. Brooke beijou Meg, inteiramente por engano, como ele explicou, de forma algo incoerente; e Amy, a majestosa, tropeçou num banquinho e, sem parar para se levantar, abraçou chorando as botas de seu pai, da maneira mais comovente.

A Sra. March foi a primeira a se recuperar e estendeu a mão, com uma advertência:

— Psiu! Lembrem-se de Beth!

Mas era tarde demais; a porta do gabinete se escancarou, o pequeno robe vermelho apareceu no umbral — a alegria deu forças às fracas pernas — e Beth correu diretamente para os braços do pai. Não é preciso descrever o que

aconteceu depois; os corações cheios de alegria transbordaram, lavando a amargura do passado e voltando-se apenas para a doçura do presente.

Não foi propriamente romântico, porque uma risada forte colocou novamente no lugar a cabeça de todos; Hannah foi descoberta atrás da porta, soluçando diante do gordo peru, que ela se esquecera de matar quando saiu correndo da cozinha. Quando pararam de rir, a Sra. March começou a agradecer ao Sr. Brooke pelos cuidados com seu marido, diante do que o Sr. Brooke lembrou-se, de repente, que o Sr. March precisava de repouso e, agarrando Laurie, retirou-se precipitadamente. Então, os dois doentes receberam ordens para descansar, e assim o fizeram, mas ambos sentados na mesma cadeira grande, falando sem parar.

O Sr. March contou quanto desejara fazer-lhes uma surpresa e como, ao chegar o bom tempo, tivera permissão do seu médico para aproveitá-lo; disse também como Brooke fora dedicado, e como ele era um rapaz direito e digno de respeito. O motivo que levou o Sr. March a fazer uma pausa de um minuto, neste ponto, depois de lançar um olhar para Meg, que estava atiçando violentamente o fogo, podem bem imaginar; e também por que a Sra. March fez um leve sinal afirmativo com a cabeça e perguntou, de forma um tanto abrupta, se ele não queria comer alguma coisa. Jo viu o olhar e entendeu tudo, afastando-se então, tristemente, para pegar vinho e carne, resmungando para

si mesma ao bater a porta:

— Detesto rapazes dignos de respeito e com olhos castanhos!

Jamais houve um jantar de Natal como o que tiveram aquele dia. O peru gordo estava lindo de ver, quando Hannah o enviou, recheado, dourado e enfeitado; também o pudim de ameixa, que quase derretia na boca; e, igualmente, as gelatinas, com as quais Amy se deliciou como uma mosca num pote de mel. Tudo ficou bom, o que foi uma verdadeira bênção, como disse Hannah:

— Purque minha cabeça tava tão atrapaiada, mamãe, que foi mesmo um milagre eu não ter assado o pudim e recheado o peru cum passas.

O Sr. Laurence e seu neto jantaram com eles, também o Sr. Brooke — para quem Jo fez uma carranca, o que divertiu infinitamente Laurie. Duas poltronas foram colocadas lado a lado, à cabeceira da mesa, e nelas sentaram-se Beth e seu pai, que fizeram sua festa, modestamente, com frango e algumas frutas. Todos brindaram, contaram histórias, cantaram canções, entregaram-se às “reminiscências”, como dizem as pessoas mais velhas, e se divertiram muitíssimo. Fora planejado um passeio de trenó, mas as meninas não quiseram deixar o pai; então, os convidados foram embora cedo, e, enquanto a noite avançava, a feliz família sentou-se reunida em torno do fogo.

— Há apenas um ano, a gente se queixava do Natal horrível que achava

que ia ter. Vocês se lembram? — perguntou Jo, interrompendo uma curta pausa que se seguiu a uma longa conversa sobre muitas coisas.

— De modo geral, foi um ano bastante agradável! — disse Meg, sorrindo para o fogo e parabenizando a si mesma por ter tratado o Sr. Brooke com dignidade.

— Acho que foi um ano muito difícil, comentou Amy, observando a luz brilhar em seu anel, com uma expressão pensativa no rosto.

— Estou satisfeita porque o ano terminou; assim temos você de volta — sussurrou Beth, que estava sentada no joelho de seu pai.

— Uma estrada um tanto penosa para vocês trilharem, minhas pequenas peregrinas, especialmente na parte final. Mas vocês prosseguiram corajosamente e, acho, logo serão aliviadas de suas cargas — disse o Sr. March, olhando com satisfação paternal para os quatro rostos jovens reunidos em torno de si.

— Como é que você sabe? Mamãe lhe falou alguma coisa? — perguntou Jo.

— Não muito. Mas pequenos detalhes podem indicar muita coisa e fiz uma porção de descobertas, hoje.

— Ah, conte pra gente o que foi! — exclamou Meg, que estava sentada do lado dele.

— Aqui temos um desses detalhes. — E, pegando a mão que repousava no braço de sua poltrona, ele apontou para o indicador caloso, uma queimadura no dorso e dois ou três pontos duros na palma. — Lembro-me de um tempo em que esta mão era branca e macia, e seu primeiro cuidado era mantê-la assim. Naquele tempo era muito bonita, mas, para mim, é muito mais bonita agora, porque nesses defeitos leio uma pequena história. Foi feita uma oferta da vaidade, sob a forma de uma queimadura; esta palma endurecida ganhou alguma coisa melhor do que as bolhas; e tenho certeza de que a costura feita por esses dedos alfinetados durará muito tempo, já que cada ponto foi dado com tanta boa vontade. Meg, querida, valorizo mais a habilidade feminina que mantém um lar feliz do que as mãos brancas e as demonstrações de elegância. Sinto orgulho de apertar essa mãozinha boa e trabalhadora e espero que não me peçam muito cedo para dá-la em casamento.

Se Meg tivesse desejado uma recompensa pelas horas de paciente trabalho, seria aquela calorosa pressão da mão do seu pai e o sorriso aprovador que ele lhe dirigiu.

— E Jo? Por favor, diga alguma coisa boa, porque ela se esforçou tanto e foi tão boa, tão maravilhosamente boa para mim — disse Beth no ouvido do pai.

Ele riu e deu uma olhada para a moça alta sentada em frente, com uma

expressão singularmente suave em seu rosto moreno.

— Apesar do cabelo curto e cacheado, não vejo o “filho Jo” que deixei aqui há um ano — disse o Sr. March. — Vejo uma moça que abotoa direitinho a gola do vestido, amarra as botas da maneira correta e não assobia, não fala gíria nem se espicha no tapete, como costumava fazer. Neste momento, seu rosto está um tanto magro e pálido de tanto observar, de tanta ansiedade, mas gosto de olhar para ele, porque se tornou mais doce, e sua voz está mais baixa; ela não dá pulos, movimenta-se tranqüilamente; e toma conta de uma certa criaturinha com um jeito maternal que me encanta. Sinto uma certa falta de minha menina selvagem, mas, em seu lugar, ganho uma mulher forte, prestativa, de bom coração; só posso ficar bem satisfeito. Não sei se a tosquia acalmou nossa ovelha negra, mas sei que, em Washington inteira, eu não poderia encontrar nada bastante bonito para ser comprado com os vinte e cinco dólares que minha boa menina me mandou.

Os olhos penetrantes de Jo ficaram um tanto turvos, por um instante, e seu rosto magro ficou rosado, à luz do fogo, quando ela recebeu o elogio do pai e sentiu que realmente merecia ouvi-lo, pelo menos em parte.

— Agora Beth — disse Amy, louca para que chegasse sua vez, mas disposta a esperar.

— Está tão magrinha que até tenho medo de dizer muita coisa, temendo

que suma completamente, embora já não seja mais tão tímida quanto antigamente — começou o pai alegremente; mas, lembrando-se de como quase a perdera, abraçou-a com força, dizendo ternamente, com a face dela contra a sua: — Você está boa, minha Beth, e vou mantê-la assim, se Deus quiser.

Depois de um minuto de silêncio ele olhou para Amy, que estava sentada no banquinho a seus pés, e disse, acariciando os cabelos brilhantes da menina:

— Observei que Amy comeu coxa assada no almoço, fez mandados para a mãe dela a tarde inteira, deu a Meg seu lugar, esta noite, e serviu a todos com paciência e bom humor. Também observo que não se impacienta muito nem fica olhando para o espelho, e sequer mencionou o anel muito bonito que está usando; então, concluo que aprendeu a pensar mais nas outras pessoas e menos em si mesma, e decidi tentar modelar sua personalidade com tanto cuidado quanto modela suas pequenas figuras de barro. Estou contente com isso, porque, embora eu devesse estar muito orgulhoso de uma graciosa estátua feita por ela, estarei infinitamente mais orgulhoso de uma filha adorável com talento para tornar a vida bonita para si mesma e para os outros.

— Em que está pensando, Beth? — perguntou Jo, depois que Amy agradeceu ao pai e contou como ganhara o anel.

— Li no Pilgrim's Progress, hoje, que Christian e Esperançoso, depois de muitos problemas, chegaram a uma bela campina verde, onde havia lírios o ano inteiro, e lá repousaram alegremente, como fazemos agora, antes de continuarem sua viagem até o fim — respondeu Beth, acrescentando, enquanto deslizava dos braços de seu pai e caminhava vagarosamente até o piano. — Agora é hora de cantar e quero ficar no meu antigo lugar. Vou tentar cantar a canção do menino pastor, que os Peregrinos ouviram. Fiz a música para papai, porque ele gosta dos versos.

Então, sentada em seu querido pianinho, Beth suavemente tocou nas teclas e, com a doce voz que eles jamais pensaram escutar novamente, cantou, com seu próprio acompanhamento, o gracioso hino, uma canção singularmente adequada para ela:

Quem está embaixo não teme a queda,

Quem se curva evita o orgulho;

Quem cultiva a humildade terá sempre

Deus como seu guia.

Estou satisfeita com o que tenho,

Muito ou pouco que seja;

Ah, Senhor! Se ainda busco contentamento,

É por estar guardado Convosco.

Ter muito é uma carga, para quem
Vai em peregrinação;
Pouca coisa, aqui, e a felicidade futura,
É melhor assim. Uma verdade perene!

Capítulo 23

Tia March Resolve a Questão

Como abelhas enxameando em torno de sua rainha, mãe e filhas pairavam em torno do Sr. March, no dia seguinte, negligenciando tudo para olhar, servir e ouvir o novo doente, que estava a ponto de ser sufocado por tanta gentileza. Com ele ali sentado numa grande poltrona, junto ao sofá de Beth, as outras três por perto e Hannah a enfiar a cabeça pela porta de vez em quando, para “dar uma espiada nesse querido homem”, nada mais parecia necessário para completar a felicidade de todas. Mas faltava ainda alguma coisa, e as mais velhas sentiram isso, embora nenhuma admitisse. O Sr. e a Sra. March entreolharam-se, com uma expressão ansiosa, após observarem Meg. Jo tinha repentinos acessos de zanga, e era vista sacudindo o punho para o guarda-chuva do Sr. Brooke, que fora deixado no saguão; Meg mostrava-se distraída, tímida e silenciosa, e sobressaltava-se quando a campanha tocava e corava quando o nome de John era mencionado. Amy disse:

— Todo mundo parecia estar à espera e ninguém conseguia sossegar, o

que era estranho, já que papai estava em casa a salvo.

E Beth, inocentemente, ficou imaginando por que seus vizinhos não apareciam como de costume.

Laurie passou por lá, aquela tarde e, vendo Meg à janela, de repente pareceu ter uma espécie de ataque melodramático, porque caiu de joelhos em cima da neve, bateu no peito, fingiu arrancar o cabelo e juntou as mãos, num gesto de súplica, como se implorasse alguma dádiva; e, quando Meg lhe disse que se comportasse e fosse embora, ele torceu o lenço, como se estivesse encharcado por lágrimas imaginárias e dobrou a esquina cambaleando, aparentemente mergulhado em profundo desespero.

— Que pretende aquele pateta? — disse Meg, rindo e tentando parecer desentendida.

— Está mostrando a você como é que seu John vai se comportar dentro de pouco tempo. Comovente, não? — respondeu Jo desdenhosamente.

— Não diga meu John, não é correto nem verdadeiro — mas a voz de Meg demorou-se nessas palavras, como se lhe soassem agradáveis. — Por favor, não me aborreça, Jo. Já lhe falei que não ligo muito para ele e não há nada para ser dito; devemos todos ser amigos e continuar da mesma forma que antes.

— Não podemos, porque alguma coisa foi dita e a travessura de Laurie

afastou você de mim. Percebo isso, mamãe também; você não tem mais nada a ver com a pessoa que era antes, e parece tão desligada de mim. Não pretendo aborrecer você e vou suportar bravamente esta situação, mas queria realmente ver tudo logo resolvido. Detesto esperar; então se apresse e encerre logo este assunto, se tem a intenção de fazer isso algum dia — disse Jo, cheia de irritação.

— Não posso dizer nem fazer nada até ele falar, e ele não vai falar, porque papai disse que sou jovem demais — começou Meg a dizer, curvando-se sobre seu trabalho, com um sorrisinho estranho, sugerindo que ela não concordava inteiramente com seu pai a respeito daquela questão.

— Se ele falasse, você não saberia o que dizer, só choraria, ou ficaria toda corada. Ou, então, deixaria ele fazer o que quisesse, em vez de dizer um bom e decidido “não”.

— Não sou tão tola nem tão fraca quanto você pensa. Sei exatamente o que eu diria, porque planejei tudo; então não seria apanhada de surpresa. Não se sabe o que pode acontecer, então quis estar preparada.

Jo não pôde deixar de sorrir, com o ar importante que Meg inconscientemente assumira e que era tão gracioso quanto a bela cor que lhe subia às faces.

— Você se importaria de me contar o que pretende dizer? — perguntou Jo,

com um tom mais respeitoso.

— De jeito nenhum. Você já está com dezesseis anos, tem idade suficiente para ser minha confidente, e quem sabe minha experiência lhe será útil, dentro de pouco tempo, em questões do mesmo tipo.

— Não pretendo me envolver com nenhuma questão desse tipo; é engraçado ver as outras pessoas namorarem, mas eu me sentiria uma idiota se fizesse o mesmo — disse Jo, parecendo alarmada só de pensar no assunto.

— Acho que não se sentiria, se gostasse muito de alguém que também gostasse de você.

Meg parecia falar consigo mesma e deu uma olhada lá para fora, para o beco onde, muitas vezes, vira namorados passeando juntos ao crepúsculo de verão.

— Pensei que você ia contar o que diria àquele homem — falou Jo, interrompendo bruscamente o pequeno devaneio da irmã.

— Ah, eu simplesmente diria, de forma bem calma e decidida: “Obrigada, Sr. Brooke, o senhor é muito generoso, mas concordo com papai que sou jovem demais para assumir, por enquanto, qualquer compromisso; então, por favor, não diga mais nada, vamos ser amigos como antes.”

— Humm, bem formal e frio! Não acredito que você dissesse isso nunca, e sei que ele não ficaria satisfeito de ouvir essas palavras. Se ele se comportar

como os namorados rejeitados dos livros, você acabará cedendo, para não magoá-lo.

— De jeito nenhum. Vou dizer a ele que já me decidi, e sairei dignamente da sala.

Meg levantou-se, enquanto falava, e ia justamente ensaiar a saída digna, quando passos no saguão fizeram com que corresse outra vez para sua cadeira e começasse a costurar com incrível rapidez, como se sua vida dependesse de conseguir terminar aquela costura, em particular, num dado tempo. Jo sufocou uma risada com a mudança repentina, e, quando alguém bateu discretamente, ela abriu a porta, com um ar soturno que nada tinha de acolhedor.

— Boa tarde. Vim pegar meu guarda-chuva... quero dizer, ver como está seu pai hoje — disse o Sr. Brooke, que ficou um pouco confuso ao olhar para aqueles dois rostos reveladores.

— Está muito bem, está no cabide, vou chamá-lo e dizer que o senhor está aqui.

E, depois de misturar na resposta seu pai e o guarda-chuva, Jo sumiu da sala, para dar a Meg uma oportunidade de fazer seu discurso e assumir seu ar de dignidade. Mas, naquele mesmo instante em que ela saiu, Meg começou a caminhar desajeitadamente em direção à porta, murmurando:

— Mamãe gostará de vê-lo. Por favor, sente-se. Vou chamá-la.

— Não vá. Está com medo de mim, Margaret?

E o Sr. Brooke parecia tão magoado que Meg achou que, com certeza, tinha feito alguma coisa muito rude. Corou até os cachinhos de sua testa, porque ele jamais a chamara de Margaret, e ficou surpresa ao descobrir como parecia natural e doce ouvi-lo falar assim. Ansiosa para parecer amistosa e à vontade, ela estendeu a mão, com um gesto confiante, e disse com a voz cheia de gratidão:

— Como posso ter medo quando foi tão generoso com papai? Nem sei como lhe agradecer por isso.

— Será que posso dizer-lhe como? — perguntou o Sr. Brooke, segurando com força a mãozinha dela entre as suas e fitando-a com tanto amor em seus olhos castanhos, que o coração de Meg começou a bater mais forte, deixando-a, ao mesmo tempo, com vontade de fugir correndo e de ficar e escutar.

— Ah, não, por favor, não... eu preferia que não — disse ela, tentando retirar a mão e com um ar assustado, apesar de ter negado seu medo.

— Não vou perturbar você, só quero saber se gosta um pouquinho de mim, Meg. Eu a amo tanto, querida — acrescentou ternamente o Sr. Brooke.

Aquele era o momento para o seu discurso calmo e adequado, mas Meg não o fez; esquecendo-se de tudo que pretendia dizer, inclinou a cabeça para

um lado e respondeu “Não sei” tão baixinho, que John teve de se curvar para entender aquela pequena resposta tola. Mas ele pareceu achar que o esforço valia a pena, porque sorriu para si mesmo, como se estivesse completamente satisfeito, apertou a mão gorducha, cheio de gratidão, e disse, com seu tom de voz mais persuasivo:

— Será que poderia tentar descobrir? Quero tanto saber, porque não vou conseguir trabalhar direito até descobrir se, no fim, terei ou não minha recompensa.

— Sou jovem demais — balbuciou Meg, imaginando por que estaria assim tão agitada, mas no fundo gostando de tudo aquilo

— Vou esperar, e, enquanto isso, você poderia aprender a gostar de mim. Será que seria uma lição muito difícil, querida?

— Não, se eu decidir aprender, mas...

— Por favor, decida aprender, Meg. Adoro ensinar, e isto é mais fácil do que o alemão — interrompeu John, apoderando-se da outra mão, de modo que ela não teve meios de esconder o rosto, quando ele se inclinou para olhá-lo.

O tom com que ele falava era convenientemente suplicante, mas, lançando um tímido olhar em sua direção, Meg viu que os olhos dele demonstravam não apenas ternura, mas também alegria, e ele exibia um sorriso satisfeito de quem não duvida do seu sucesso. Isto a irritou. As tolas lições de coqueteria de Annie

Moffat lhe vieram à cabeça, e o amor ao poder, que dorme no peito das melhores mulherzinhas, despertou de repente e tomou conta dela. Sentiu-se excitada e estranha e, sem saber que outra coisa poderia fazer, seguiu um impulso caprichoso e, retirando as mãos, disse, com petulância:

— Não decido. Por favor, vá embora e me deixe em paz!

O pobre Sr. Brooke ficou com um ar de quem vê seu lindo castelo no ar desabar-lhe em cima da cabeça, porque jamais vira Meg naquele estado de espírito, e isto o deixou meio perplexo.

— Está falando sério? — perguntou, cheio de ansiedade, seguindo-a, enquanto ela se afastava.

— Sim, estou. Não quero me preocupar com essas coisas. Papai diz que não preciso, que é cedo demais e é melhor que eu não me preocupe.

— Será que não posso esperar que mude de idéia dentro de algum tempo?

Esperarei e nada direi até você ter mais tempo. Não brinque comigo, Meg. Não pensei que fosse capaz de uma coisa dessas.

— Não pense em mim, de forma nenhuma. Prefiro que não — disse Meg, obtendo uma teimosa satisfação daquele teste da paciência do seu apaixonado e do seu próprio poder. Agora ele estava sério e pálido e, sem dúvida, parecia-se mais com os heróis de romances que ela admirava; mas nem deu tapas na testa nem caminhou a passos fortes de um lado para o outro da sala, como

faziam eles; apenas ficou olhando para ela, tão tristonhamente e com tanta ternura, que ela descobriu que, à sua própria revelia, seu coração se abrandava. Não sei dizer o que aconteceria em seguida, se tia March não entrasse mancando, exatamente naquele minuto interessante.

A velha senhora não conseguiu resistir ao desejo de ver seu sobrinho, porque se encontrara com Laurie, enquanto tomava ares e, sabendo da chegada do Sr. March, seguiu diretamente para visitá-lo. A família estava toda ocupada na parte dos fundos da casa, e ela entrou sem fazer o menor ruído, esperando fazer-lhes uma surpresa.

Realmente, surpreendeu muito dois deles, a ponto de Meg ter um sobressalto, como se visse um fantasma, e o Sr. Brooke sumir no gabinete.

— Deus do céu, mas o que é isso? — exclamou a velha senhora, batendo a bengala, depois de dar uma olhada no pálido jovem cavalheiro e na moça rubra.

— É o amigo de papai. Estou tão surpresa de ver a senhora! — gaguejou Meg, sentindo que, agora, ouviria um sermão.

— É evidente — replicou tia March, sentando-se. — Mas o que dizia o amigo do seu pai para deixá-la assim vermelha como uma peônia? Está acontecendo alguma coisa errada e insisto em saber o que é — acrescentou ela, batendo a bengala.

— Estávamos apenas conversando. O Sr. Brooke veio buscar seu guarda-chuva — começou Meg a dizer, desejando que o Sr. Brooke e o guarda-chuva estivessem a salvo, fora da casa.

— Brooke? É o professor particular daquele rapaz? Ah! Agora entendo. Sei tudo a respeito. Jo encontrou uma mensagem errada numa das cartas do seu pai e fiz com que ela me contasse. Você não o aceitou, não é, menina? — exclamou tia March, parecendo escandalizada.

— Psiu! Ele vai escutar. Quer que chame mamãe? — perguntou Meg, muito perturbada.

— Ainda não. Tenho uma coisa para lhe dizer, e ficarei mais aliviada se disser logo. Ouça, pretende casar-se com esse Cook? Se fizer isso, não deixarei para você um só tostão do meu dinheiro. Lembre-se disso e seja uma menina sensata — disse a velha, num tom de voz majestoso.

Ora, tia March era uma mestra na arte de despertar o espírito de oposição, mesmo nas pessoas mais doces, e gostava de fazer isso. Os melhores de nós têm uma pitada de perversidade, especialmente quando somos jovens e estamos apaixonados. Se tia March tivesse implorado a Meg para aceitar John Brooke, ela, provavelmente, declararia que não podia nem pensar nisso; mas, como recebeu ordens terminantes para não gostar dele, decidiu imediatamente que gostaria. A propensão, junto com a perversidade, facilitaram a decisão e,

estando já muito agitada, Meg contrapôs-se à velha senhora com uma audácia fora do comum.

— Caso com quem me agradar, tia March, e pode deixar seu dinheiro para quem quiser — disse ela, fazendo sinais afirmativos com a cabeça, com um ar resoluto.

— Mas que tonta! É assim que recebe meu conselho, senhorita? Dentro de pouco tempo, lamentará muito tudo isso, quando tentar viver o amor numa cabana e descobrir como é ruim.

— Não pode ser pior do que algumas pessoas descobrem que é, nas casas grandes — replicou Meg.

Tia March pôs os óculos e deu uma olhada na moça, porque jamais a vira nesse novo estado de espírito. Meg mal reconhecia a si mesma; sentia-se tão corajosa e independente, tão feliz de defender John e afirmar seu direito de amá-lo, se quisesse! Tia March viu que começara de uma forma errada e, depois de uma pequena pausa, experimentou um novo começo, dizendo, com a voz mais branda possível:

— Ouça, Meg, minha querida, seja razoável e aceite meu conselho. Minha intenção é boa e não quero que estrague toda sua vida cometendo um erro logo de início. Deveria casar-se bem e ajudar sua família; é seu dever fazer um casamento rico, e era preciso que tivessem incutido isso em você.

— Papai e mamãe não pensam assim, eles gostam de John, embora ele seja pobre.

— Seus pais, minha querida, não têm mais sabedoria mundana do que dois bebês.

— Fico satisfeita com isso — exclamou Meg intrepidamente.

Tia March não lhe deu a menor atenção e continuou com seu sermão.

— Esse Rook é pobre e não tem parentes ricos, não é?

— Não, mas tem muitos bons amigos.

— Não se pode viver por conta de amigos; experimente e verá como vão se afastando. Ele não tem nenhum negócio, não é?

— Ainda não. Mas o Sr. Laurence vai ajudá-lo.

— Isso não vai durar muito. James Laurence é um velho rabugento e não se pode depender dele. Então, pretende casar-se com um homem sem dinheiro, posição ou negócio e continuar trabalhando mais duramente do que agora, quando poderia passar o resto dos seus dias no conforto, se prestasse atenção ao que digo e conseguisse coisa melhor? Pensei que fosse mais sensata, Meg.

— Não poderia conseguir coisa melhor nem que esperasse metade de minha vida! John é bom e inteligente, imensamente talentoso, cheio de disposição para o trabalho e, com tanta energia e coragem, não pode deixar de

progredir. Todos gostam dele e o respeitam, e estou orgulhosa de pensar que ele gosta de mim, embora eu seja tão pobre, jovem e tola — disse Meg, mais bonita do que nunca assim tão séria.

— Ele sabe que você tem parentes ricos, criança; suspeito que seja este o motivo secreto para ele gostar de você.

— Tia March, como ousa dizer uma coisa dessas? John está acima de uma tal mesquinharia e, se continuar falando desse jeito, não vou ouvir nem mais um minuto — exclamou Meg, cheia de indignação, esquecendo-se de tudo menos da injustiça das suspeitas da velha. — Meu John não se casaria por dinheiro, como eu também não. Queremos trabalhar e pretendemos esperar. Não tenho medo de ser pobre porque até agora, tenho sido feliz e sei que serei com ele, porque ele me ama e eu...

Meg parou aqui, lembrando-se, de repente, de que ela não tomara uma decisão, dissera a “seu John” para ir embora, e ele poderia estar ouvindo suas contraditórias declarações.

Tia March estava muito zangada, porque sua expectativa era de que sua bonita sobrinha se casasse bem, e alguma coisa no rosto jovem e feliz da moça fez a velha solitária sentir-se, ao mesmo tempo, triste e amarga.

— Bom, lavo minhas mãos diante de toda essa história! Você é uma criança voluntariosa e perdeu mais do que imagina por causa desse ato de

loucura. Não, não vou parar. Estou desapontada com você e, agora, perdi a vontade de ver seu pai. Não espere nada de mim quando se casar; os amigos do seu Sr. Books devem tomar conta de você. Não quero mais vê-la, nunca mais.

E, batendo a porta na cara de Meg, tia March saiu furiosa. Meg ficou ali parada um instante, indecisa entre rir ou chorar. Antes de poder decidir, o Sr. Brooke tomou posse dela, dizendo, de um só fôlego:

— Não pude deixar de ouvir, Meg. Obrigado por me defender e também estou grato a tia March porque, assim, ficou provado que você gosta mesmo um pouquinho de mim.

— Eu não sabia quanto até ela o atacar — começou Meg a dizer.

— Então, não preciso ir embora, posso ficar e ser feliz, querida?

Ali estava outra bela oportunidade para fazer um discurso esmagador e sair majestosamente, mas Meg nem sequer pensou em fazer qualquer das duas coisas e desmoralizou-se para sempre aos olhos de Jo, ao sussurrar meigamente: “Sim, John” e esconder a face no colete do Sr. Brooke.

Quinze minutos depois da partida de tia March, Jo desceu silenciosamente a escada, parou um instante à porta da sala de visitas e, não ouvindo nenhum som lá dentro, fez um sinal afirmativo com a cabeça e sorriu, com uma expressão satisfeita, dizendo para si mesma “Ela o mandou embora, como

planejamos, e este caso está resolvido. Vou ouvir essa história divertida e dar uma boa risada.”

Mas a pobre Jo não chegou a rir, de forma nenhuma, porque ficou petrificada, no umbral, por um espetáculo que a fez ficar ali parada, boquiaberta e olhos arregalados. Ao entrar para se regozijar com a queda de um inimigo e elogiar uma irmã resoluta pela expulsão de um namorado condenável, não podia deixar de ser um choque ver o supracitado inimigo sentado serenamente no sofá, com a resoluta irmã entronizada em seu joelho, tendo no rosto uma expressão da mais abjeta submissão. Jo deu uma espécie de arquejo, como se tivesse recebido de repente uma ducha fria — porque uma reviravolta tão inesperada realmente a deixou sem fôlego. Diante do estranho som, os namorados viraram-se e a viram. Meg deu um pulo, com um ar ao mesmo tempo orgulhoso e tímido, mas “aquele homem”, como Jo o chamava, na verdade riu e disse calmamente, beijando a pasma recém-chegada:

— Irmã Jo, pode nos dar os parabéns!

Era levar as coisas longe demais — foi insuportável — e, fazendo alguns gestos descontrolados com as mãos, Jo sumiu, sem dizer palavra. Ao correr para cima, ela espantou os doentes, exclamando tragicamente, quando irrompeu na sala:

— Ah, alguém precisa descer depressa; John Brooke está agindo de forma

terrível e Meg está gostando!

O Sr. e a Sra. March saíram às pressas da sala; e, atirando-se em cima da cama, Jo chorou e reclamou tempestuosamente, enquanto dava a terrível notícia a Beth e Amy. As meninas, entretanto, consideraram o evento agradabilíssimo e interessante, e Jo obteve pouco consolo da parte delas; então, subiu para seu refúgio, no sótão, e confidenciou seus problemas aos ratos.

Ninguém jamais soube o que aconteceu na sala de visitas aquela tarde; mas houve muita conversa, e o quieto Sr. Brooke espantou seus amigos pela eloquência e espírito com que defendeu sua causa, contou seus planos e convenceu-os a arranjar tudo exatamente da maneira como ele queria.

A sineta do chá soou antes que ele terminasse de descrever o paraíso que pretendia ganhar para Meg, e ele orgulhosamente, levou-a para jantar, com um ar tão feliz que Jo não teve disposição para sentir ciúme nem tristeza. Amy ficou muito impressionada com a veneração de John e a dignidade de Meg.

Beth sorriu para eles, a distância, enquanto o Sr. e a Sra. March examinavam o jovem casal com uma satisfação tão terna que ficou perfeitamente evidente que tia March tinha razão ao considerá-los “tão pouco mundanos quanto um par de bebês”. Ninguém comeu muito, mas todos tinham um ar muito feliz, e a velha sala pareceu resplandecer de forma surpreendente, quando começou ali o

primeiro romance da família.

— Você não pode dizer, agora, que nada agradável acontece nunca, não é, Meg? — disse Amy, tentando decidir como colocaria os namorados no esboço que planejava fazer.

— Não, claro que não posso. Quanta coisa aconteceu desde que eu disse aquilo! Parece que foi um ano atrás — respondeu Meg, que estava num sonho de felicidade, suspensa muito acima de coisas comuns como pão e manteiga.

— As alegrias, desta vez, vieram logo depois das dores, e acho mesmo que as mudanças realmente começaram — disse a Sra. March. — Na maioria das famílias ocorre, de vez em quando, um ano cheio de acontecimentos, e este foi um deles, mas terminou bem, afinal.

— Espero que o próximo termine melhor — resmungou Jo, que achava muito duro ver Meg absorta num estranho, diante dela, porque Jo amava algumas pessoas muito profundamente e tinha um medo terrível de perder sua afeição, ou vê-la diminuir, de alguma maneira.

— Espero que o terceiro ano, a partir deste, termine ainda melhor. Quero dizer, assim será se eu conseguir realizar meus planos — disse o Sr. Brooke, sorrindo para Meg, como se tudo agora fosse possível para ele.

— Não parece tempo demais para esperar? — perguntou Amy, que estava com pressa de ver o casamento.

— Tenho muita coisa a aprender antes de estar preparada. O tempo me parece curto — respondeu Meg, com uma doce seriedade, que jamais fora vista em seu rosto.

— Você só precisa esperar; quem vai... disse John, começando seus trabalhos por pegar do chão o guardanapo de Meg, com uma expressão que fez Jo sacudir a cabeça e, depois, dizer para si mesma, com um ar de alívio, enquanto a porta da frente batia com força: “Aí vem Laurie. Agora teremos uma conversinha sensata.”

Mas Jo estava enganada, porque Laurie entrou às cabriolas, segurando um grande buquê que parecia de noiva e, evidentemente, agindo com a ilusão de que todo o caso fora provocado por suas excelentes intervenções.

— Sabia que Brooke faria tudo da sua própria maneira, como sempre; porque, quando ele decide fazer alguma coisa, será feita mesmo que o céu venha abaixo — disse Laurie, após entregar sua oferenda e apresentar seus parabéns.

— Muito obrigado por essa recomendação. Recebo-a como um bom augúrio para o futuro e convido-o imediatamente para meu casamento — respondeu o Sr. Brooke, que se sentia em paz com toda a humanidade, mesmo com seu travesso aluno.

— Irei, mesmo que esteja nos confins da terra, porque só ver o rosto de Jo,

na ocasião, já justificará uma longa viagem. Não parece satisfeita, Madame; que há? — perguntou Laurie, seguindo-a até um canto da sala de visitas, para onde todos se deslocaram, a fim de cumprimentar o Sr. Laurence.

— Não aprovo o casamento, mas decidi tolerá-lo e não direi uma só palavra contra ele — disse Jo solenemente. — Você não pode imaginar como é duro para mim abrir mão de Meg — prosseguiu ela, com um pequeno tremor na voz.

— Você não vai abrir mão dela. Só vai dividi-la com outra pessoa — disse Laurie, em tom consolador.

— Nunca mais será a mesma coisa. Perdi minha mais querida amiga — suspirou Jo.

— De qualquer jeito, você tem a mim. Não sirvo para muita coisa, eu sei, mas ficarei a seu lado, Jo, durante todos os dias da minha vida. Dou minha palavra de honra! — E Laurie falava sério.

— Sei que sim e estou gratíssima. Você é sempre um grande conforto para mim, Teddy — respondeu Jo apertando-lhe a mão, cheia de gratidão.

— Ora, então não fique triste, aquele é um bom sujeito. Está tudo bem, entende? Meg está feliz, Brooke vai sair correndo e se instalar imediatamente. Vovô o ajudará e será muito divertido ver Meg em sua própria casinha. Depois que ela for embora, teremos momentos ótimos, porque não vou demorar de terminar a universidade, e então faremos algumas boas viagens para o

exterior. Isso não consolaria você?

— Acho que sim, mas não se pode saber o que vai acontecer dentro de três anos — disse Jo pensativamente.

— Isso é verdade. Não gostaria de poder dar uma olhada para adiante e ver onde estaremos todos, então? Eu gostaria — respondeu Laurie.

— Acho que não, porque poderia ver alguma coisa triste, e agora todos parecem tão felizes que não acredito que possa ser melhor ainda.

E os olhos de Jo percorreram vagarosamente a sala, alegrando-se com o que viam, porque a perspectiva era agradável.

Seu pai e sua mãe estavam sentados juntos, revivendo em silêncio o primeiro capítulo do romance que, para eles, começara cerca de vinte anos antes. Amy desenhava os namorados, que estavam sentados à parte, num lindo universo só deles, cuja luz tocava seus rostos, dando-lhes uma graça que a pequena artista não podia copiar. Beth estava deitada no sofá, conversando alegremente com seu velho amigo, que lhe segurava a mãozinha como se achasse que ela possuía o poder de conduzi-lo pelo caminho pacífico por onde andava a menina. Jo descansava em sua cadeira baixa, a favorita, com a expressão grave e tranqüila que lhe ficava melhor, e Laurie, encostando-se na parte de trás da cadeira dela, com o queixo na altura da cabeça cacheada de Jo, sorriu, com seu ar mais amistoso, e fez um sinal afirmativo para ela no

comprido espelho que refletia os dois.

Assim agrupadas, a cortina cai sobre Meg, Jo, Beth e Amy. Se ela se abrirá de novo, vai depender da acolhida ao primeiro ato do drama doméstico intitulado “Mulherzinhas”.

Parte II

Capítulo 24

Mexericos

Para podermos começar novamente e ir ao casamento de Meg com a cabeça fresca, será bom que o início seja um pequeno mexerico em torno dos Marches. De saída, devo declarar que, se qualquer das pessoas mais velhas achar que há muito “namoro” na história, como temo que vá acontecer (com certeza, a turma jovem não fará essa objeção), só posso dizer, como a Sra. March: “Mas que esperam vocês, quando tenho quatro meninas alegres em casa e um audacioso jovem vizinho em frente?”

Os três anos que se passaram trouxeram apenas algumas poucas mudanças para a tranqüila família. A guerra acabou e o Sr. March está em casa, em segurança, ocupado com seus livros e com a pequena paróquia, que encontrou nele um pastor por índole e por dom — um homem quieto, estudioso, rico de uma sabedoria melhor do que a erudição, a caridade de quem chama toda a humanidade de “irmão”, a piedade que floresce dentro da

personalidade, tornando a pessoa digna de respeito e adoração.

Essas características, apesar da pobreza e da estrita integridade que lhe negavam sucessos mais mundanos, atraíam para ele muitas pessoas admiráveis, de forma tão natural quanto as ervas doces atraem as abelhas, e da mesma forma natural ele lhes dava o mel no qual cinquenta anos de duras experiências não haviam destilado nenhuma gota de amargura. Rapazes sérios encontravam no estudioso de cabelos grisalhos uma pessoa tão jovem de cabeça quanto eles; mulheres meditativas ou perturbadas instintivamente lhe falavam de suas dúvidas, seguras de encontrar a mais gentil simpatia, o conselho mais sábio; os pecadores contavam seus pecados ao velho de coração puro e, ao mesmo tempo, eram repreendidos e salvos; homens talentosos identificavam nele um companheiro; e os ambiciosos tinham lampejos de ambições mais nobres do que as suas; até mesmo pessoas mundanas confessavam que as crenças dele eram belas e verdadeiras, embora “não compensassem”.

Para as pessoas de fora, as cinco enérgicas mulheres pareciam dirigir a casa e, sob vários aspectos, era mesmo verdade; mas o tranquilo estudioso, sentado entre seus livros, era ainda o chefe da família, a consciência do lar, sua âncora e consolador, porque era para ele que as atarefadas e ansiosas mulheres sempre se voltavam, em tempos perturbados, encontrando nele um

marido e um pai no mais verdadeiro sentido destas sagradas palavras.

As meninas entregavam seus corações aos cuidados da mãe, e as almas ao pai; e a ambos os pais, que viviam e trabalhavam tão fielmente em seu benefício, davam um amor que crescia à medida que elas cresciam, e mantinha todos ternamente unidos pelo laço mais doce, que torna uma vida feliz e sobrevive à morte.

A Sra. March continua tão ativa e alegre quanto da última vez em que a vimos, embora um tanto mais grisalha e, neste momento, tão absorvida pelos assuntos de Meg que os hospitais e lares ainda cheios de “rapazes” feridos e de viúvas de soldados, sem dúvida sentiam falta das maternais visitas da missionária.

John Brooke cumpriu bravamente seu dever durante um ano; foi ferido, enviado para casa, e não teve permissão para voltar. Não recebeu estrelas nem condecorações, mas as mereceu, porque arriscou de bom grado tudo que tinha, e a vida e o amor são muito preciosos quando estão em pleno florescimento. Perfeitamente resignado com sua dispensa, dedicou-se a ficar bom, preparar-se para os negócios e ganhar o suficiente para comprar uma casa para Meg. Com o bom senso e a resoluta independência que o caracterizavam, recusou as ofertas mais generosas do Sr. Laurence e aceitou um lugar de guarda-livros, sentindo-se mais satisfeito em começar com um

salário honestamente ganho do que correndo quaisquer riscos com dinheiro emprestado.

Meg passara o tempo trabalhando, enquanto esperava, tornando-se mais feminina em sua natureza, sábia nas artes domésticas e mais bonita do que nunca, porque o amor é um grande embelezador. Tinha suas ambições e esperanças infantis e sentiu algum desapontamento com a forma humilde como deveria começar a nova vida. Ned Moffat acabara de casar-se com Sallie Gardiner, e Meg não pôde deixar de comparar a bela casa e coche do casal, os muitos presentes e os trajes esplêndidos com o que ela tinha, e de desejar secretamente poder ter as mesmas coisas. Mas, de alguma forma, a inveja e o descontentamento logo desapareceram, quando ela pensou em todo o paciente amor e trabalho que John colocara no pequeno lar que a esperava e, quando se sentavam juntos, ao crepúsculo, falando de seus pequenos planos, o futuro sempre se apresentava tão belo e luminoso que ela se esquecia do esplendor de Sallie e se sentia a moça mais rica e mais feliz deste mundo.

Jo jamais voltou para a casa de tia March, porque a velha senhora gostou tanto de Amy que a subornou com a oferta de lições de desenho com um dos melhores professores que havia; e, em troca desta vantagem, Amy teria servido uma patroa muito mais dura. Então, ocupou suas manhãs com o dever, suas tardes com o prazer e progrediu maravilhosamente. Jo, enquanto isso,

dedicou-se à literatura e a Beth, que permaneceu frágil por muito tempo depois de a febre ter passado. Não exatamente uma doente, mas nunca outra vez a criatura rosada e saudável que fora, embora sempre esperançosa, feliz e serena, dedicada aos tranquilos deveres que amava, amiga de todos e um anjo da casa, muito antes que aqueles que mais a amavam aprendessem a perceber isso.

Com “A Águia de Asas Estendidas” lhe pagando um dólar por coluna por seu “lixo”, como ela chamava o que escrevia, Jo se sentia uma mulher de recursos e compunha diligentemente seus pequenos romances. Mas grandes planos fermentavam em seu cérebro atarefado e em sua mente ambiciosa, e a velha lata de cozinha no sótão guardava uma pilha cada vez mais volumosa de manuscritos borrados, que deveriam, algum dia, colocar o nome March no rol da fama.

Laurie, tendo ido obedientemente para a universidade, a fim de agradar ao avô, agora a atravessava da maneira mais descontraída possível, para agradar a si mesmo. Um favorito de todos, graças ao seu dinheiro, às suas maneiras, ao seu grande talento e ao coração extremamente generoso, que sempre colocava seu dono em apuros ao tentar ajudar outras pessoas a sair deles, corria o grande perigo de ser estragado pelos mimos e, provavelmente, teria sido, como muitos outros rapazes promissores, se não possuísse um talismã

contra o mal, na lembrança do bondoso velho empenhado em seu sucesso, na amiga maternal que se preocupava com ele como se fosse seu próprio filho e, por último, mas em primeiro lugar, em importância, no conhecimento de que quatro meninas inocentes o amavam, admiravam e acreditavam profundamente nele.

Sendo apenas “um rapaz muito humano”, claro que se divertiu e flertou, que se tornou mais dândi, “aquático”, sentimental ou ginasta, segundo determinassem as modas universitárias, que passou e recebeu trotes, que falava gíria e, mais de uma vez, chegou perigosamente perto da suspensão ou da expulsão. Mas, como o bom humor e o amor à brincadeira eram as causas dessas travessuras, sempre conseguiu salvar-se através da confissão franca, da reparação honrosa ou do poder irresistível de persuasão, que possuía em alto grau. Na verdade, até se orgulhava de escapar sempre por um triz das

enrascadas e gostava de impressionar as meninas com relatos pitorescos de seus triunfos sobre tutores irados, imponentes professores e inimigos subjugados. Os “homens de minha classe” eram heróis aos olhos das meninas, que jamais se cansavam das proezas dos “nossos camaradas” e, freqüentemente, tinham a oportunidade de usufruir dos sorrisos dessas criaturas maravilhosas, quando Laurie os levava para casa.

Amy, especialmente, aproveitava essa alta honra e tornou-se uma verdadeira beldade para eles porque, bem precocemente, sua senhoria tomou consciência — e aprendeu a usá-lo — do dom de sedução que possuía. Meg estava absorta demais com seu privado e particular John para se preocupar com quaisquer outros senhores da criação, e Beth era demasiado tímida para ir além de lhe dar uma espiada e imaginar como Amy ousava dominá-los daquele jeito, mas Jo se sentia completamente em seu elemento e achava muito difícil conter-se para não imitar as atitudes, frases e feitos dos cavalheiros, que lhe pareciam mais naturais do que o decoro prescrito para as moças. Todos eles gostaram imensamente de Jo, mas nunca se apaixonaram por ela, mas poucos entre eles deixaram de prestar a homenagem de um ou dois suspiros sentimentais no santuário de Amy. E falar de sentimento nos leva, muito naturalmente, para o “Pombal”.

Era o nome da casinha marrom que o Sr. Brooke preparara para ser o

primeiro lar de Meg. Laurie o batizara assim, dizendo que era altamente apropriado para os doces namorados, que “seguiram juntos como um par de rolas, primeiro roçando os bicos, depois arrulhando”. Era uma casa minúscula, com um jardimzinho atrás e, na frente, um gramado quase do tamanho de um lenço estendido. Ali, Meg queria ter uma fonte, arbustos e uma profusão de lindas flores; embora, no presente, a fonte fosse representada por uma urna castigada pelo tempo, muito parecida com uma tigela de mingau estragada, os arbustos consistissem apenas em vários pequenos pés de lariço, indecisos entre viver ou morrer, e a profusão de flores estivesse sugerida só por fileiras de varetas indicando onde as sementes haviam sido plantadas. Mas, por dentro, a casa era inteiramente encantadora e a noiva feliz não lhe descobria nenhum defeito, do sótão ao porão. Sem dúvida, o vestíbulo era tão estreito que, felizmente, eles não tinham piano; se tivessem, ninguém conseguiria entrar ali inteiro. Já a sala de jantar era tão pequena que seis pessoas já cabiam apertadas e a escada da cozinha parecia construída com o expresso propósito de jogar tanto os criados quanto a louça, de cambulhada, dentro da carvoeira. Mas, depois que a pessoa se acostumava com esses pequenos problemas, nada poderia ser mais completo, porque o bom senso e o bom gosto haviam orientado a escolha da mobília e o resultado era altamente satisfatório. Não havia mesas com tampo de mármore, compridos espelhos ou

cortinas de renda na pequena sala de visitas, mas sim móveis simples, muitos livros, um ou dois belos quadros, um suporte para flores na janela da sacada e, espalhados por toda parte, os bonitos presentes que tinham vindo de mãos amigas e se tornavam ainda mais belos pelas afetuosas mensagens que transmitiam.

Não creio que a Psique Pária que Laurie deu perdesse qualquer parcela de sua beleza, pelo fato de ter sido John quem fez a base sobre a qual estava instalada, ou que qualquer estofador pudesse ter ajeitado as simples cortinas de musselina de forma mais graciosa do que a mão artística de Amy ou, ainda, que qualquer despensa fosse, algum dia, mais bem provida com bons votos, palavras alegres e felizes esperanças do que aquela onde Jo e sua mãe guardaram algumas poucas caixas, barris e pacotes de Meg; e estou moralmente certa de que a cozinha novinha não poderia nunca parecer tão aconchegante e limpa, se Hannah não tivesse arrumado cada panela ou caçarola uma dúzia de vezes seguidas e preparado o fogo para ser aceso no mesmo minuto em que “A Senhora Brooke chegasse em casa”. Também duvido que qualquer jovem matrona tivesse jamais começado a vida com um suprimento tão rico de espanadores, pega-dores de panelas e sacolas, porque Beth fez tudo isso em quantidade suficiente para durar até as bodas de prata de Meg e inventou três tipos diferentes de panos de prato expressamente para

lavar a louça do enxoval.

As pessoas que pagam a alguém para fazer todas essas coisas nunca saberão o que estão perdendo, porque as tarefas mais sem graça são embelezadas quando mãos amorosas as cumprem, e Meg encontrou muitas provas disso, porque tudo, em seu pequeno ninho, desde o rolo de cozinha ao vaso de prata em cima da mesa de sua sala de visitas, falava eloqüentemente do amor da família e de ternos cuidados.

Que momentos felizes tiveram, planejando juntos, que solenes excursões para compras, que erros engraçados cometeram e que ruidosas risadas eram provocadas pelos loucos presentes de Laurie. Com seu amor pelas brincadeiras, este jovem cavalheiro, embora estivesse quase acabando a universidade, continuava tão garoto como sempre. Seu mais recente capricho era trazer, a cada uma de suas visitas semanais, algum novo artigo útil e engenhoso para a jovem dona-de-casa. De uma vez, uma bolsa cheia de excelentes alfinetes; de outras, um maravilhoso ralador de nozes que se arrebetava na primeira tentativa; um limpador de facas que estragava todas as facas; ou um varredor que tirava toda a penugem do tapete e deixava a poeira; um sabão que poupava tempo e arrancava a pele das mãos da pessoa; colas infalíveis que só grudavam os dedos do iludido comprador; e todo tipo de utensílios de flandres, desde um cofre de brinquedo para guardar as moedas

que sobrassem até uma caldeira fantástica que era capaz de lavar peças de roupa com seu próprio vapor, mas ameaçando, no processo, explodir a qualquer instante.

Em vão Meg lhe implorou que parasse com aquilo. John riu dele e Jo o chamou de “Sr. Bebezinho”. Ele estava dominado por uma mania de patrocinar o engenho ianque e providenciar no sentido de que seus amigos ficassem bem supridos. Então, toda semana havia um novo disparate.

Tudo ficou pronto, afinal, mesmo chegando-se ao ponto de Amy conseguir sabonetes de cores diferentes, combinando com as cores de cada quarto e Beth deixar a mesa já posta para a primeira refeição.

— Está satisfeita? Parece um lar; você sente que será feliz aqui? — perguntou a Sra. March, enquanto ela e a filha atravessavam de braços dados o novo reinado porque, exatamente naquele momento, pareciam mais ternamente unidas do que nunca.

— Sim, mamãe, perfeitamente satisfeita, graças a vocês todos, e tão feliz que nem sei dizer quanto — respondeu Meg, com uma expressão que transmitia mais do que as palavras.

— Se, pelo menos, ela tivesse uma ou duas criadas, seria ótimo — disse Amy, saindo da sala de visitas, onde estivera tentando decidir se o Mercúrio de bronze ficaria melhor na estante ou no consolo da lareira.

— Mamãe e eu conversamos sobre isso e decidi, de início, tentar fazer da maneira como ela sugeriu. Haverá tão pouco trabalho que, com Lotty fazendo meus mandados e me ajudando aqui e acolá, só terei a fazer o suficiente para não ficar preguiçosa nem com saudade de casa — respondeu Meg tranqüilamente.

— Sallie Moffat tem quatro — começou Amy.

— Se Meg tivesse quatro, a casa não daria para todo mundo e o patrão e a patroa teriam de acampar no jardim, interrompeu Jo, que, enrolada num grande avental azul, dava o último polimento nas maçanetas das portas.

— Sallie não é mulher de um homem pobre, e muitas criadas estão ocupadas em cuidar de sua bela casa. Meg e John começam humildemente, mas tenho a impressão de que haverá tanta felicidade na casinha como na casa grande. É um grande erro para moças como Meg ficarem sem nada para fazer a não ser se vestirem, darem ordens e mexericarem. Logo que me casei, ficava ansiosa para minhas roupas novas se gastarem ou se rasgarem, pois assim teria o prazer de consertá-las, porque fiquei completamente enjoada de fazer trabalhos de agulha e enfeitar meu lencinho.

— Por que você não ia para a cozinha preparar pratos, como Sallie diz que faz, para se divertir, embora nunca saiam bons e as criadas riam dela? — perguntou Meg.

— Depois de algum tempo fiz isso, não para preparar pratos que não sabia fazer, mas para aprender com Hannah a fazer as coisas e não deixar minhas criadas rirem de mim. Naquele tempo era uma brincadeira, mas chegou uma ocasião, quando não podia mais pagar criadas, em que fiquei verdadeiramente agradecida por não ter apenas o desejo, mas também a capacidade de cozinhar comida saudável para minhas meninas e saber fazer as coisas por mim mesma. Você começa no sentido contrário, Meg querida, mas as lições que aprender agora serão úteis daqui a algum tempo, quando John for um homem mais rico, porque a dona de uma casa, por mais esplêndida que seja, precisa saber como o trabalho deve ser feito, se quiser ser bem servida de forma honesta.

— Sim, mamãe, não tenho dúvida quanto a isso — falou Meg, ouvindo respeitosamente o pequeno sermão, porque as melhores mulheres estão sempre dispostas a conversar sobre o envolvente tema dos cuidados com a casa. — Sabe que gosto deste quartinho mais do que todos os outros em minha pequena casa? — disse Meg, um instante depois, quando subiram e ela olhou para dentro de seu bem arrumado closet onde estava guardada a roupa branca.

Beth se encontrava lá, colocando as pilhas de alvos lençóis nas prateleiras e exultando com a boa ordem de tudo. Todas três riram, quando Meg falou,

porque aquele closet da roupa de cama era uma brincadeira. Tendo dito que, se Meg se casasse com “aquele Brooke” não herdaria um só tostão do seu dinheiro, tia March ficou algo perplexa quando o tempo apaziguou sua ira e a fez arrepender-se da jura. Não queria voltar atrás no que dissera e teve de pensar muito para encontrar uma maneira de contornar aquilo; finalmente, imaginou um plano que poderia satisfazê-la. A Sra. Carrol, a mãe de Florence, teve ordens para comprar, mandar confeccionar e marcar um generoso suprimento de roupa de cama e mesa, e tudo deveria ser enviado como um presente dela, determinação essa que foi fielmente cumprida; mas o segredo vazou e a família se divertiu muito com ele, porque tia March tentou parecer profundamente desligada de tudo e insistiu que não poderia dar nada além das pérolas antigas, há muito prometidas para a primeira noiva.

— É um gosto de dona-de-casa, que fico satisfeita em ver que você tem.

Uma jovem amiga começou sua vida doméstica com seis lençóis, mas ela tinha vasos-de-dedos em quantidade e isto a satisfazia — disse a Sr. March, dando palmadinhas nas toalhas de mesa de damasco com uma apreciação verdadeiramente feminina de sua boa qualidade.

— Não tenho um só vaso-de-dedos, mas, segundo Hannah, esses conjuntos vão durar até o fim de minha vida. — E Meg fez um ar bem satisfeito.

— O Bebezinho está chegando — exclamou Jo lá de baixo, e todas

desceram para receber Laurie, cuja visita semanal era um acontecimento importante em suas vidas sossegadas.

Um rapaz alto, de ombros largos, com cabelos cacheados, um chapéu de feltro que parecia uma bacia e um casaco folgado, veio caminhando a toda pela estrada, passou por cima da sebe baixa sem parar para abrir o portão e seguiu direto para a casa da Sra. March, onde entrou com as duas mãos estendidas e dizendo calorosamente:

— Aqui estou, mamãe! Sim, está tudo bem.

As últimas palavras foram em resposta ao olhar que a senhora mais velha lhe dirigiu, gentilmente inquisitivo, mas que os belos olhos encontraram com completa franqueza, e assim, como de costume, a pequena cerimônia se encerrou com um beijo maternal.

— Para a Sra. John Brooke, com os parabéns e cumprimentos do fabricante. Saúde, Beth! Como é reconfortante ver você, Jo. Amy, você tem beleza demais para uma moça só.

Enquanto Laurie falava, entregou a Meg um pacote embrulhado em papel marrom, puxou a fita do cabelo de Beth, olhou ironicamente para o grande avental azul de Jo e assumiu uma atitude de fingido êxtase diante de Amy; depois, foi apertando as mãos em torno, e todos começaram a conversar.

— Onde está John? — perguntou Meg cheia de ansiedade.

— Deu uma parada a fim de conseguir a licença para amanhã, senhora.

— Qual foi o time que ganhou a última partida, Teddy? — perguntou Jo, que insistia em se interessar pelos esportes masculinos, apesar dos seus dezenove anos.

— O nosso, claro. Gostaria que você estivesse lá para ver.

— Como vai a linda Srta. Randal? — perguntou Amy, com um sorriso significativo.

— Mais cruel do que nunca; não vê como estou definhando?

E Laurie deu um sonoro tapa em seu peito largo e soltou um melodramático suspiro.

— Qual é a nova brincadeira? Abra o pacote e veja, Meg — disse Beth, olhando com curiosidade para o embrulho cheio de calombos.

— É uma coisa útil para se ter em casa, no caso de um incêndio, ou de aparecerem ladrões — comentou Laurie, exibindo uma matraca de vigia em meio às gargalhadas das meninas. — A qualquer hora em que John estiver fora e a senhora ficar assustada, Sra. Meg, basta sacudir isso, da janela da frente, e a vizinhança toda acordará num segundo. Uma coisa ótima, não? E Laurie fez uma demonstração dos poderes do dispositivo levando todas elas a taparem os ouvidos.

— Deve ficar grata! E, por falar em gratidão, precisa agradecer a Hannah

por salvar da destruição seu bolo de casamento. Quando eu ia passando, vi o bolo entrar em sua casa e, se ela não o tivesse defendido corajosamente, eu daria uma boa provada, porque parecia gostosíssimo.

— Fico imaginando se, algum dia, você vai crescer, Laurie — disse Meg com um tom matronal.

— Estou fazendo o possível, senhora, mas tenho medo de não conseguir aumentar muito minha altura, porque um metro e oitenta e sete é mais ou menos o máximo até onde os homens conseguem chegar nestes tempos decadentes — respondeu o jovem cavalheiro, cuja cabeça ficava mais ou menos da altura do pequeno lustre.

“Acho que seria profanação comer alguma coisa, neste ninho novinho em folha; então proponho deixarmos o bate-papo para mais tarde” — acrescentou ele pouco depois.

— Mamãe e eu vamos esperar por John. Há algumas últimas coisas para decidir — disse Meg, saindo às pressas.

— Beth e eu vamos à casa de Kitty Briant pegar mais flores para amanhã

— acrescentou Amy amarrando um chapéu pitoresco em cima de seus graciosos cachos e divertindo-se com o efeito tanto quanto todo o resto das pessoas.

— Vamos, Jo, não abandone um camarada. No estado de exaustão em

que me encontro, não conseguirei chegar em casa sem ajuda. Mas, faça o que fizer, não tire o avental, fica tão bem em você — disse Laurie, enquanto Jo guardava o terrível presente em seu amplo bolso e lhe oferecia o braço para apoiar os vacilantes passos do rapaz.

— Bom, Teddy, quero conversar seriamente com você sobre o dia de amanhã — começou Jo a dizer, enquanto saíam lado a lado. — Precisa prometer comportar-se bem e não preparar nenhuma brincadeira que vá estragar nossos planos.

— Nem uma só brincadeira.

— E não dizer coisas engraçadas quando o momento for de seriedade.

— Nunca faça isso. É você quem faz.

— E lhe imploro que não olhe para mim durante a cerimônia. Com certeza vou rir, se você me olhar.

— Você não me verá porque estará com os olhos turvos de tanto chorar.

— Nunca choro, a não ser em situação de grande aflição.

— Por exemplo, quando os amigos vão para a universidade, não é? — interrompeu Laurie com uma risada sugestiva.

— Não seja tão vaidoso. Só chorei um pouquinho para fazer companhia às meninas.

— Exatamente. Ouça, Jo, como está vovô esta semana? Muito amável?

— Muito. Por quê? Meteu-se em alguma enrascada e quer saber como ele vai encarar a situação? — perguntou Jo um tanto rudemente.

— Escute, Jo, acha que eu olharia bem dentro dos olhos de sua mãe e diria “Tudo bem” se não estivesse bem? — e Laurie parou de caminhar e fez um ar de mágoa.

— Não, não acho.

— Então, não seja tão desconfiada. Só quero algum dinheiro — disse Laurie, começando outra vez a caminhar, satisfeito com o tom de voz caloroso de Jo.

— Você gasta muito, Teddy.

— Ah, meu Deus, não sou eu quem gasta, de alguma forma o dinheiro se gasta sozinho, e acaba antes mesmo que eu me dê conta disso.

— Você é tão generoso, tem um coração tão bom que empresta às pessoas, não sabe dizer “não” a ninguém. Soubemos do que aconteceu com Henshaw e o que você fez por ele. Gastar dinheiro dessa forma não merece nenhuma crítica — disse Jo calorosamente.

— Ah, ele exagerou muito as coisas. Você não gostaria que eu deixasse aquele bom sujeito se matar de tanto trabalho, só por falta de uma pequena ajuda, quando ele vale uma dúzia de nós, sujeitos preguiçosos, não é mesmo?

— Claro que eu não gostaria, mas também não vejo necessidade de você

ter dezessete coletes, um número infinito de gravatas e um novo chapéu cada vez que vem para casa. Pensei que você tivesse superado aquela fase de dândi, mas ela volta, de vez em quando, sob novos aspectos. Agora, a moda é ser horroroso: fazer a cabeça da pessoa parecer um escovão de esfrega, usar uma camisa-de-força, luvas cor de laranja e botas pesadas de biqueira quadrada. Se fosse feiúra barata, eu não diria nada, mas custa tanto quanto as outras coisas e não fico nada satisfeita com isso.

Laurie atirou a cabeça para trás e riu tanto com esse ataque, que a bacia de feltro caiu e Jo caminhou por cima dela, insulto que só serviu para dar a ele uma oportunidade para defender as vantagens do traje tosco, enquanto dobrava o maltratado chapéu e o enfiava no bolso.

— Não faça mais sermões, seja boazinha! Já suporto muita coisa, durante a semana, e gosto de me divertir quando venho para casa. Apesar das despesas, estarei bem-posto amanhã, deixando meus amigos orgulhosos de mim.

— Não aborreço mais você se, pelo menos, deixar o cabelo crescer. Não sou aristocrática, mas realmente não gosto de ser vista com uma pessoa que parece um jovem lutador — comentou Jo severamente.

— Este estilo despretensioso ajuda nos estudos, por isso o adotamos — respondeu Laurie que, certamente, não podia ser acusado de vaidade por

sacrificar de bom grado um belo cabelo cacheado para seguir a moda da cabeça quase raspada.

“A propósito, Jo, acho que aquele pequeno Parker está ficando realmente desesperado por causa de Amy. Fala dela constantemente, escreve poesias e anda no mundo da lua, de forma bastante suspeita. Seria melhor ele cortar essa paixãozinha logo no início, não é?” — acrescentou Laurie, num tom confidencial, de irmão mais velho, após um minuto de silêncio.

— Claro que sim. Não queremos mais casamentos nesta família por muitos anos, daqui em diante. Que Deus nos livre! O que esse pessoal está pensando?

E Jo fez um ar tão escandalizado como se Amy e o pequeno Parker ainda fossem crianças.

— É uma idade em que tudo acontece muito rápido e não sei o que virá em seguida, senhora. Você é apenas um bebê, mas será a próxima, Jo, e então nós, os outros, ficaremos lamentando — disse Laurie, sacudindo a cabeça, diante da decadência dos tempos.

— Não fique alarmado. Não sou do tipo agradável. Ninguém vai me querer, e graças a Deus, porque é preciso que haja sempre uma velha Solteirona na família.

— Você não quer dar uma chance a ninguém — disse Laurie, com um olhar

de esguelha e com seu rosto queimado um pouquinho mais corado. — Você não quer mostrar o lado suave de sua personalidade e se, por acaso, um sujeito dá uma olhada nele e não pode deixar de mostrar que gosta você o trata como a Sra. Gummidge fez com seu namorado — joga água fria em cima dele — e fica tão espinhosa que ninguém ousa tocar ou até mesmo olhar para você.

— Não gosto desse tipo de coisa. Estou ocupada demais para me preocupar com tolices e acho terrível separar famílias desse jeito. Agora não fale mais a respeito disso. O casamento de Meg virou a cabeça de todo mundo e não falamos de outra coisa que não namorados e absurdos desse tipo. Não quero ficar zangada; então, vamos mudar de assunto.

E Jo parecia inteiramente disposta a jogar água fria à mais leve provocação.

Fossem quais fossem seus sentimentos, Laurie deu vazão a eles num longo assobio, baixinho, e na terrível previsão que fez quando se separaram no portão:

— Tome nota do que estou dizendo, Jo, você será a próxima.

Capítulo 25

O Primeiro Casamento

As rosas de junho, por cima da varanda, acordaram resplandecentes

aquela manhã, bem cedinho, profundamente satisfeitas com o luminoso sol, como amáveis pequenas vizinhas que eram. Radiantes de excitação estavam seus rostos corados, enquanto elas oscilavam ao vento, contando umas às outras, aos sussurros, o que viam, porque algumas espiaram pelas janelas da sala de jantar, onde a festa se desenrolava; outras se ergueram, fizeram sinais afirmativos e sorriram para as irmãs, que vestiam a noiva, e ainda outras acenaram, em boas-vindas, para os que entravam e saíam, cumprindo vários mandados, fosse no jardim, na varanda ou no saguão, e todas elas, desde a flor mais rosada, em pleno desabrochar, até o mais pálido botãozinho, ofereceram sua homenagem de beleza e perfume à gentil senhora que, durante tanto tempo, as amara e delas cuidara.

A própria Meg estava muito parecida com uma rosa, porque tudo de melhor e mais doce no coração e na alma parecia florir em seu rosto aquele dia, tornando-o lindo e terno, dotado de um encanto mais belo do que a beleza. Ela não quis seda, renda nem flores de laranjeira.

— Não quero parecer estranha nem arrumada demais hoje — disse. —

Não desejo um casamento elegante, mas apenas, em redor de mim, as pessoas que amo e, diante delas, quero aparecer e me comportar da mesma forma de sempre.

Ela própria fez seu vestido de casamento, costurando nele ternas

esperanças e o inocente romantismo de um coração de menina. Suas irmãs fizeram tranças em seu bonito cabelo e os únicos enfeites que ela usou foram os lírios-do-vale, a flor de que “seu John” mais gostava entre todas.

— Você está mesmo do jeito que é, querida Meg, só que tão doce e linda que estou com vontade de lhe dar um abraço bem apertado, só não faço isso para não amassar seu vestido — exclamou Amy, examinando-a, cheia de encantamento, quando os preparativos terminaram.

— Então, estou satisfeita. Mas, por favor, me abracem e me beijem, todas vocês, e não se preocupem com o meu vestido. Quero que fique todo amassado, hoje, por esse motivo.

E Meg abriu os braços para suas irmãs, que se agarraram a ela, com os rostos iluminados naquele instante, sentindo que o novo amor não mudara o antigo.

— Agora vou dar o nó na gravata de John para ele e, depois, ficarei com papai alguns minutos, tranqüilamente, no gabinete. — E Meg desceu correndo para realizar essas pequenas cerimônias e depois acompanhou sua mãe, para onde quer que ela fosse, consciente de que, apesar dos sorrisos no rosto maternal, havia uma dor secreta escondida no materno coração, diante da fuga do primeiro pássaro do ninho.

Enquanto as moças mais novas estão juntas, dando os últimos retoques

em seus trajes simples, talvez seja uma boa ocasião para contar algumas mudanças que três anos provocaram em sua aparência, porque todas elas estão, agora, com seu melhor aspecto.

Os ângulos de Jo suavizaram-se muito, e ela aprendeu a se movimentar de forma desembaraçada, mesmo que não chegue a ser graciosa. O cabelo curto e cacheado cresceu e se tornou um espesso cacho, combinando melhor com a cabeça pequena por cima do corpo alto. Há uma nova cor em suas faces morenas, um brilho suave em seus olhos e, agora, apenas palavras gentis são pronunciadas por sua língua afiada.

Beth se tornou esguia, pálida e mais quieta do que nunca; os lindos e bondosos olhos estão maiores, e neles há uma expressão que entristece quem observa a jovem, embora, em si, ela não seja triste. É a sombra da dor que toca o rosto jovem com uma patética paciência, mas Beth raramente se queixa e sempre diz, esperançosamente, que “vai melhorar logo”.

Amy, com justiça, é considerada a “flor da família” porque, aos dezesseis anos, tem o ar e o comportamento de uma mulher adulta — não bonita, mas dona daquela indescritível sedução que se chama de graça. Percebia-se isso nos contornos de sua silhueta, no feitio e nos movimentos de suas mãos, na ondulação do seu vestido, na queda do seu cabelo — tudo isso inconsciente, mas cheio de harmonia e, para muitos, tão atraente quanto a beleza em si. O

nariz de Amy ainda a afligia, porque jamais seria grego, e também sua boca, tão grande e acompanhada por um queixo decidido. Esses traços agressivos davam personalidade a todo o seu rosto, mas ela não se dava absolutamente conta disso e se consolava com sua pele maravilhosamente alva, os olhos azuis e perspicazes e os cachos mais abundantes e dourados do que nunca. Todas três usavam trajes de tecido fino, cinza-prateado (seus melhores vestidos para o verão), com rosas vermelhas no cabelo e no peito; e as três pareciam exatamente o que eram — moças de rostos frescos e corações felizes, parando um instante, em suas vidas atarefadas, para lerem com olhos ansiosos o capítulo mais doce no romance da vida de uma mulher.

Não estavam previstas cerimônias complicadas; tudo deveria ser tão natural e doméstico quando possível. Então tia March ficou escandalizada ao chegar e ver a noiva vir correndo recebê-la e levá-la para dentro, o noivo amarrando uma grinalda de flores que caíra e o paternal pastor marchando pelas escadas acima com um rosto sério e uma garrafa de vinho embaixo de cada braço.

— Deus do céu, mas que maneira de se comportar! — exclamou a velha senhora, ocupando o lugar de honra preparado para ela e ajeitando as dobras de seu vestido de moiré cor de lavanda com um grande farfalhar. — Você só deveria ser vista no último minuto, criança.

— Não sou nenhum espetáculo, titia, e ninguém vem para me examinar, criticar meu vestido ou calcular as despesas com meu lanche. Estou feliz demais para me preocupar com o que digam ou pensem e vou fazer meu pequeno casamento do jeito que gosto. John, querido, aqui está seu martelo. E lá se foi Meg ajudar “aquele homem” de emprego altamente inconveniente.

O Sr. Brooke não disse sequer “Obrigado”, mas beijou, ao se curvar para pegar a pouco romântica ferramenta, beijou sua noivinha, por trás da porta de dobrar, com uma expressão que fez tia March pegar seu lençinho pois estava com seus velhos olhos penetrantes repentinamente molhados.

Uma pancada, um grito e uma risada de Laurie, acompanhados pela indecorosa exclamação “Mas que diabo! Jo está mexendo outra vez no bolo!”, provocaram uma momentânea agitação, que não acabou de todo nem com a chegada de um rebanho de primos; e foi quando, como dizia Beth quando era menina, “a festança começou”.

— Não deixe aquele jovem gigante chegar perto de mim; ele me aborrece mais do que mosquitos — sussurrou a velha para Amy, enquanto os cômodos se enchiam de gente e a cabeça negra de Laurie elevava-se acima das demais.

— Ele prometeu ser muito bom hoje, e ele sabe ser perfeitamente elegante

quando quer — respondeu Amy, afastando-se para advertir Hércules que tivesse cuidado com o dragão, um aviso que o fez dar em cima da velha senhora com uma dedicação que quase a entonteceu.

Não houve cortejo nupcial, mas fez-se na sala um súbito silêncio quando o Sr. March e o jovem casal ocuparam seus lugares sob o arco verde. A mãe e as irmãs reuniram-se bem próximas, como se detestassem entregar Meg; a voz paterna falhou mais de uma vez, o que só pareceu tornar o serviço mais bonito e solene; a mão do noivo tremia visivelmente, e ninguém ouviu suas respostas; mas Meg olhou diretamente nos olhos do seu marido e disse “Sim!”, com uma confiança tão terna em seu rosto e em sua voz que o coração de sua mãe se rejubilou e tia March fungou audivelmente.

Jo não chorou, embora uma vez tivesse chegado muito perto disso e fosse salva de dar um espetáculo apenas pela consciência de que Laurie a olhava atentamente, com uma mistura cômica de divertimento e emoção em seus maliciosos olhos negros. Beth manteve o rosto escondido no ombro de sua mãe, mas Amy ficou ali em pé como uma graciosa estátua, com um raio de sol a tocar da maneira mais linda sua testa e a flor em seu cabelo.

Temo que não fosse o mais apropriado a fazer, mas, no mesmo instante em que a cerimônia de casamento se completou, Meg exclamou:

— O primeiro beijo é o de mãezinha! — e, virando-se, beijou a Sra. March

com a mais profunda afeição.

Durante os quinze minutos seguintes, ela ficou mais parecida com uma rosa do que nunca, pois todos fizeram valer, o máximo possível, seus privilégios, desde o Sr. Laurence à velha Hannah, que, enfeitada com uma touca feita de forma ao mesmo tempo horrível e maravilhosa caiu em cima dela, no saguão, exclamando entre soluços e risadinhas:

— Que Deus a abençoe mil vezes, queridinha! O bolo está direitinho, não tiraram nada dele, e tudo está lindo.

Todos se acalmaram, depois disso, e disseram alguma coisa brilhante, ou tentaram dizer, e o efeito foi o mesmo, porque a risada vem com facilidade quando as pessoas estão de coração leve. Não houve nenhuma exibição de presentes, porque já estavam na casinha, nem um café da manhã complicado, mas um lanche abundante com bolo e frutas, tudo enfeitado com flores. O Sr. Laurence e tia March encolheram os ombros e sorriram um para o outro, quando descobriram que água, limonada e café eram os únicos tipos de néctar que as três Hebes levavam de um lado para outro. Ninguém disse nada, porém, até que Laurie, que insistia em servir a noiva, apareceu diante dela com uma bandeja cheia na mão e uma expressão perplexa no rosto.

— Jo quebrou todas as garrafas por acidente — sussurrou ele — ou estou simplesmente sob a ilusão de que vi algumas garrafas de vinho por aí, esta

manhã?

— Não, seu avô generosamente nos ofereceu o melhor que tinha, e tia March mandou algumas, mas papai separou um pouquinho para Beth e mandou o resto para o Lar dos Soldados. Você sabe que ele acha que o vinho só deve ser utilizado em casos de doença, e mamãe diz que nem ela nem suas filhas jamais o oferecerão a qualquer rapaz na casa deles.

Meg falou com seriedade e esperava ver Laurie franzir a testa ou rir, mas ele não fez nem uma coisa nem outra e, depois de lhe lançar um rápido olhar, disse, com seu jeito impetuoso:

— Gosto disso! Porque já vi bastantes danos causados e seria bom que outras mulheres pensassem como você.

— Essa sabedoria não vem da experiência própria, espero — e havia um toque de ansiedade na voz de Meg.

— Não, dou-lhe minha palavra que não. Também não creia que sou nenhum santo; apenas essa não é uma de minhas tentações. Tendo sido criado num lugar em que vinho é tão comum quanto água, e quase igualmente inofensivo, não sinto atração especial por ele, mas, quando uma moça bonita o oferece, a gente não gosta de recusar, percebe?

— Mas você recusará, por causa dos demais, se não for por sua própria causa. Vamos, Laurie, prometa e me dê mais um motivo para considerar este

dia o mais feliz de minha vida.

Um pedido tão repentino e tão sério fez o rapaz hesitar um momento, porque o ridículo é, muitas vezes, mais difícil de suportar do que a renúncia.

Meg sabia que, se ele fizesse a promessa, seria mantida custasse o que custasse e, sentindo seu poder, usou-o de uma forma bem feminina, em benefício de um amigo. Ela não falou, mas olhou-o com um rosto que a felicidade tornava muito eloqüente e com um sorriso que dizia: “Ninguém pode recusar nada a mim hoje.” Laurie, sem dúvida, não podia mesmo e, sorrindo também, em retribuição, deu-lhe sua mão e disse calorosamente:

— Prometo, Sra. Brooke!

— Eu lhe agradeço muito, muitíssimo.

— E eu faço um brinde à sua resolução, Teddy — exclamou Jo, batizando-o com um borrito de limonada, enquanto erguia o copo e sorria para ele aprovadamente.

Após o brinde, a limonada foi bebida, o compromisso assumido e fielmente cumprido, apesar de muitas tentações; porque, com sabedoria instintiva, as meninas haviam escolhido um momento feliz para prestar um serviço a seu amigo, e eles lhes foi grato pelo resto da vida.

Depois da refeição, as pessoas caminharam de um lado para outro, em grupos de dois e três, pela casa e pelo jardim, aproveitando a luz do sol fora e

dentro. Meg e John estavam justamente juntos no meio do pequeno gramado quando Laurie foi tomado por uma inspiração que deu o toque final àquele casamento pouco convencional.

— Todas as pessoas casadas dêem-se as mãos e dancem em torno do novo casal, como fazem os alemães, enquanto os solteiros e solteiras desfilam aos pares, do lado de fora! — exclamou Laurie, caminhando pela trilha com Amy, com um espírito e uma habilidade tão contagiantes que todos os demais seguiram seu exemplo sem dizer palavra. O Sr. e a Sra. March, tia e tio Carrol começaram, outros rapidamente fizeram o mesmo; até Sallie Moffat, que, depois de um instante de hesitação, atirou a cauda do seu vestido em cima de um braço e puxou Ned para a pista. Mas o mais engraçado foi o caso do Sr. Laurence e tia March porque, quando o majestoso velho cavalheiro se aproximou solenemente da velha senhora, ela enfiou sua bengala debaixo do braço e saiu saltitando, com uma perna só, para dar as mãos ao resto do grupo e dançar em torno do par de recém-casados, enquanto o pessoal jovem invadia o jardim, como borboletas num dia de pleno verão.

A falta de fôlego fez o baile improvisado se encerrar, e então as pessoas começaram a ir embora.

— Desejo-lhe tudo de bom, minha querida, do fundo do coração; mas acho que se arrependerá — disse tia March a Meg, acrescentando, para o noivo,

enquanto ele a levava para seu coche: — Você ganhou um tesouro, rapaz, faça por merecê-lo.

— Há muito tempo que não via um casamento tão bonito, Ned, e nem sei o motivo, porque não tinha a menor classe — comentou a Sra. Moffat com seu marido, ao se afastarem em seu coche.

— Laurie, meu rapaz, se algum dia quiser usufruir desse tipo de coisa, consiga uma daquelas meninas para ajudá-lo e ficarei perfeitamente satisfeito — disse o Sr. Laurence, instalando-se em sua poltrona para descansar depois da agitação daquela manhã.

— Farei o possível para satisfazê-lo, senhor — foi a resposta nem sempre obediente de Laurie, enquanto cuidadosamente desprendia o ramo de flores que Jo colocara em sua botoeira.

A casinha não ficava muito distante e a única viagem nupcial que Meg fez foi a tranqüila caminhada com John do antigo lar para o novo. Quando ela desceu, parecendo uma bonita quacre, com seu traje cinzento e gorro de palha amarrado com uma fita branca, todos se reuniram em torno dela para se despedirem, com tanta ternura como se ela estivesse de partida para uma grande viagem.

— Não sinta que estou separada de você, mãezinha querida, ou que a amo menos por amar tanto John — disse ela, agarrando-se a sua mãe, com os

olhos por um instante cheios de lágrimas. — Virei todos os dias, papai, e espero conservar no seu coração meu antigo lugar, embora esteja casada. Beth vai estar muito tempo comigo e as outras meninas farão uma visita, de vez em quando, para rir com minhas tentativas de ser uma dona-de-casa. Obrigada a todos pelo dia feliz do meu casamento. Até logo, até logo! Ficaram ali a olhá-la, com os rostos cheios de amor e de terno orgulho, enquanto ela se afastava, de braços dados com o marido, com as mãos cheias de flores e o sol de junho iluminando-lhe o rosto feliz — e assim começou a vida de casada de Meg.

Capítulo 26

Experiências Artísticas

As pessoas, principalmente rapazes e moças ambiciosos, levam muito tempo para aprender a diferença entre talento e gênio. Amy começou a distinguir as duas coisas através de muitas tribulações porque, confundindo entusiasmo com inspiração, fez experiências em todos os setores artísticos, com juvenil audácia. Durante um longo período, houve uma pausa na atividade com os “bolos de lama”, e ela se dedicou ao mais refinado desenho a bico de pena, no qual mostrou tanto gosto e habilidade que seu gracioso trabalho manual mostrou-se, ao mesmo tempo, agradável e lucrativo. Mas o cansaço visual fez com que logo a pena e a tinta fossem colocadas de lado e ela

partisse para uma ousada tentativa com o esboço a carvão.

Enquanto durou esse acesso, a família vivia com medo constante de um incêndio, porque o cheiro de madeira queimada invadia continuamente a casa, a fumaça que saía do sótão espalhava-se com alarmante freqüência, carvões em brasa jaziam por toda parte e Hannah jamais ia dormir sem levar consigo um balde d'água e deixar junto de sua porta a campanha que servia para avisar que as refeições estavam servidas, sempre temendo a possibilidade do fogo. O rosto de Rafael foi descoberto, em audaciosa execução, na parte de baixo da prancha de modelagem, e o de Baco na extremidade de um barril de cerveja; um anjo cantor enfeitava a tampa da lata de açúcar, e tentativas de retratar Romeu e Julieta serviram de lenha durante muito tempo.

Do fogo para o óleo foi uma transição natural para os dedos queimados, e Amy começou a pintar com um ardor inesgotável. Um artista amigo aparelhava-a com suas palhetas, pincéis e tintas descartados, e ela não parava de lambuzar, produzindo paisagens campestres e marinhas como jamais foram vistas em terra ou no mar. As monstruosidades que criava, quando pintava gado, teriam recebido prêmios numa feira agrícola e a perigosa inclinação de suas embarcações produziria enjôo no observador mais afeito ao mar, se o profundo desrespeito a todas as regras conhecidas da construção de navios e cordame não o fizesse estourar de rir à primeira olhada. Meninos morenos e

Madonas de olhos escuros, espiando a pessoa de um canto do estúdio, lembravam Murillo; sombras de rostos oleosos, castanhos, com uma lúgubre risca no lugar errado, conduziam a Rembrandt; rechonchudas damas e hidrópicos bebês, a Rubens; e Turner aparecia em tempestades com relâmpagos azuis, iluminação cor de laranja, chuva marrom e nuvens roxas, com um respingo cor de tomate no meio, que poderia ser o sol ou uma bóia, a camisa de um marinheiro ou o manto de um rei, como preferisse o espectador. Os retratos a carvão vinham a seguir, e a família inteira estava pendurada, em fila, com um ar tão louco e doente como se tivessem sido lembrados numa carvoeira. Suavizados em esboços a crayon, saíam-se melhor, porque a semelhança era boa e o cabelo de Amy, o nariz de Jo, a boca de Meg e os olhos de Laurie foram considerados “simplesmente maravilhosos”. Depois, veio uma nova fase de barro e gesso, e modelos fantasmagóricos de seus conhecidos assombravam os cantos da casa, ou caíam das prateleiras do armário em cima da cabeça das pessoas. Crianças eram seduzidas para posarem como modelos, até que relatos incoerentes de suas ações misteriosas fizeram a Srta. Amy ser considerada uma espécie de jovem bicho-papão de saias. Mas seus esforços nessa linha se encerraram por causa de um infeliz acidente, que extinguiu seu ardor. Por falta temporária de outros modelos, ela decidiu fazer um molde de seu próprio belo pé, e a família, certo dia, levou um

susto com estranhas pancadas e gritos e, correndo em seu socorro, encontrou a jovem entusiasta pulando loucamente com uma perna só, de um lado para outro do alpendre, com o pé completamente preso dentro de uma panela cheia de gesso que endurecera com inesperada rapidez. Com muita dificuldade e algum perigo, ela foi arrancada dali, porque Jo ria tanto, enquanto escavava, que sua faca foi longe demais, e cortou o pobre pé, deixando uma marca duradoura de pelo menos uma experiência artística.

Depois disso, Amy aquietou-se, até que uma mania de fazer esboços da natureza a levaram a freqüentar rios, campos e bosques, em busca de estudos pitorescos, e a suspirar por ruínas para copiar. Pegou intermináveis resfriados, por se sentar em grama úmida para registrar “um trechinho delicioso”, composto por uma pedra, um toco de árvore, um cogumelo e um caule quebrado de verbasco, ou “uma celestial massa de nuvens”, que parecia, quando posta no papel, uma exibição de penas seletas. Ela sacrificou sua pele, flutuando no rio ao sol de pleno verão, para estudar luz e sombra, e ficou com uma ruga em cima do nariz, procurando “pontos de vista”, ou seja lá como se chama o processo de semicerrar os olhos e focalizar alguma coisa.

Se o gênio é a “eterna paciência”, como afirma Miguelângelo, Amy tinha algum direito a reivindicar o divino atributo, porque perseverou, apesar de todos os obstáculos, fracassos e desencorajamentos, acreditando firmemente que,

no devido tempo, faria algo que merecesse ser chamado de “verdadeira obra de arte”.

Enquanto isso ia aprendendo, fazendo e usufruindo outras coisas, porque decidira ser uma mulher atraente e prendada, mesmo que jamais se tornasse uma grande artista. Quanto a isso, saiu-se melhor, porque era uma dessas criaturas bem constituídas, que agradam sem esforço, fazem amigos em toda parte e encaram a vida com tanta graça e facilidade que almas menos afortunadas são tentadas a acreditar que pessoas assim nasceram com uma boa estrela. Todos gostavam dela porque, entre seus dons, estava o tato.

Tinha um senso instintivo do que era agradável e correto, sempre dizia a coisa certa à pessoa certa, fazia exatamente o que convinha à ocasião e ao lugar e era tão senhora de si que suas irmãs costumavam dizer: “Se Amy comparecesse perante um tribunal sem ensaiar antecipadamente nada, ela saberia exatamente o que fazer.”

Uma de suas fraquezas era um desejo de ascender à “nossa melhor sociedade”, sem ter muita certeza do que era realmente esse melhor. Dinheiro, posição, exhibições de elegância e maneiras refinadas eram, a seus olhos, as coisas mais desejáveis, e gostava de se associar às pessoas que possuíssem isso, confundindo freqüentemente o falso com o verdadeiro e admirando o que não merecia ser admirado. Jamais se esquecendo de que, de berço, ela era

uma dama, cultivava seus gostos e sentimentos aristocráticos para poder, quando surgisse a oportunidade, estar preparada para assumir o lugar do qual, agora, a pobreza a excluía.

“Minha dama”, como seus amigos a chamavam, desejava sinceramente ser uma verdadeira dama, e era, de coração, mas tinha ainda de aprender que o dinheiro não pode comprar o requinte natural, que classe social nem sempre confere nobreza e que a verdadeira estirpe se faz sentir apesar dos revezes externos.

— Quero pedir um favor a você, mamãe — disse Amy, certo dia, entrando com um ar de importância.

— Ora, menininha, o que é? — perguntou sua mãe, aos olhos de quem a majestosa moça ainda permanecia “o bebê”.

— Nosso curso de desenho entra em férias na próxima semana, e, antes que as meninas se separem, para viajar durante o verão, quero convidar todas para virem passar um dia aqui. Estão loucas para ver o rio, desenhar a ponte quebrada e copiar algumas das coisas que admiram em meu livro. Têm sido muito boas comigo, de diversas formas, e estou grata, porque são todas ricas e sabem que sou pobre, mas não fazem nenhuma diferença.

— Por que deveriam fazer?

A Sra. March fez a pergunta com aquele seu ar que as meninas chamavam

de “ar de Maria Theresa”.

— Sabe tanto quanto eu que faz diferença para quase todo mundo, então não fique toda arrufada, como uma querida mamãe galinha quando seus pintinhos são bicados por aves mais espertas; o patinho feio virou cisne, sabe? E Amy sorriu, sem amargura, porque possuía um temperamento feliz e um espírito esperançoso.

A Sra. March sorriu e abrandou um pouco seu orgulho materno, ao perguntar:

— Ora, meu cisne, qual é seu plano?

— Gostaria de convidar as meninas para almoçarem, na próxima semana, levá-las para um passeio de carruagem aos lugares que querem ver, e talvez para andar de barco no rio, fazer uma pequena festa artística para elas.

— Parece viável. Que quer para o lanche? Bolo, sanduíches, frutas e café devem bastar, não?

— Ah, meu Deus, não! Precisamos ter língua fria e frango, chocolate francês e sorvete, além disso. As meninas estão acostumadas com essas coisas, e quero que meu almoço seja correto e elegante, embora eu precise trabalhar para me sustentar.

— Quantas são as moças? — perguntou-lhe a mãe, começando a assumir um ar mais sério.

— Doze ou catorze, no curso, mas acho que não virão todas.

— Meu Deus, minha filha, você terá de fretar um ônibus se quiser levar todo mundo para passear.

— Ora, mamãe, como é que pode pensar uma coisa dessas?

Provavelmente, não virão mais do que seis ou oito, então contratarei um carrinho para transporte na praia e pedirei emprestada a carruagem grande do Sr. Laurence.

— Tudo isso será muito caro, Amy.

— Não muito. Calculei a despesa e eu mesma pagarei.

— Não acha, querida, que, estando as meninas acostumadas com essas coisas, e o melhor que podemos oferecer não sendo nada de novo, algum plano mais simples seria mais agradável para elas, pelo menos por causa da diferença, e muito melhor para nós do que comprar ou tomar emprestadas coisas de que não precisamos, e tentar um estilo de vida que não está de acordo com nossas posses?

— Se não puder ser como quero, então prefiro que não aconteça. Sei que posso fazer tudo perfeitamente bem, se você e as meninas ajudarem um pouquinho, e não vejo por que não posso pensar nisso, se estou disposta a pagar — disse Amy, com uma decisão que qualquer opinião em contrário poderia transformar em obstinação.

A Sra. March sabia que a experiência era uma excelente professora e, quando era possível, deixava suas filhas aprenderem sozinhas a lição que, de bom grado, teria tornado mais fácil se elas não resistissem a aceitar conselhos tanto quanto resistiriam a tomar um purgante.

— Está bem, Amy, se é isso que você quer e se acha que pode ser feito sem um gasto excessivo de dinheiro, tempo e paciência. Não vou dizer mais nada. Converse sobre o assunto com as meninas, e, seja lá o que decidirem, farei o possível para ajudar você.

— Obrigada, mamãe, você é sempre tão boa.

E lá se foi Amy expor seu plano às irmãs.

Meg concordou imediatamente e prometeu sua ajuda, oferecendo de bom grado tudo que possuía, desde sua própria casinha até seus melhores talheres.

Mas Jo franziu a testa, diante de todo o projeto e, de início, não queria absolutamente envolver-se com ele.

— Por que, meu Deus do céu, você vai gastar seu dinheiro, perturbar sua família e virar a casa de cabeça para baixo por causa de um bando de meninas que não lhe dão a menor bola? Pensei que tivesse orgulho e sensatez suficientes para não ficar bajulando qualquer mulher, só porque usa botas francesas e passeia de carruagem — disse Jo que, tendo interrompido a escrita do seu romance exatamente quando se aproximava o clímax trágico,

não se encontrava no estado de espírito mais apropriado para empreendimentos sociais.

— Não bajulo e detesto ser patrocinada tanto quanto você! — respondeu Amy, cheia de indignação, porque as duas ainda brigavam quando surgiam questões desse tipo. — As meninas gostam de mim e eu delas, e há muita bondade, sensatez e talento entre elas, apesar do que você chama de tolices elegantes. Você não tem interesse em fazer as pessoas gostarem de você, em freqüentar a boa sociedade e cultivar suas maneiras e seus gostos. Eu, sim, e pretendo aproveitar o máximo todas as oportunidades que aparecerem. Você pode seguir pela vida a fora dando cotoveladas e de nariz para cima, e chamar isso de independência, se quiser. Mas meu jeito não é esse.

Quando Amy soltava o verbo e dizia o que pensava, em geral levava a melhor, porque raramente deixava de ter do seu lado o bom senso, enquanto Jo levava seu amor à liberdade e a raiva de tudo que fosse convencional a um ponto tão ilimitado que, naturalmente, acabava derrotada numa discussão. A descrição feita por Amy da idéia que Jo tinha de independência era um tal achado que ambas estouraram de rir e a discussão passou para um tom mais amável. Muito contra sua vontade, Jo, afinal, consentiu em sacrificar um dia da Sra. Grundy e ajudar sua irmã naquele negócio, que ela achava “uma grande bobagem”.

Os convites foram enviados, quase todos aceitos, e a segunda-feira seguinte foi reservada para o grandioso acontecimento. Hannah ficou mal-humorada, porque seu trabalho semanal foi perturbado, e profetizou que “se a roupa num fô lavada e passada do jeito de sempre, nada vai dá certo”. Esse retardamento na marcha habitual da maquinaria doméstica teve um mau efeito sobre todo o evento, mas o lema de Amy era “Nil desperandum” e, tendo decidido o que fazer, foi em frente, apesar de todos os obstáculos. Para começo de conversa, Hannah não cozinhou tão bem: o frango estava duro, a língua salgada demais e o chocolate não quis fazer uma boa espuma. Depois, o bolo e o sorvete custavam mais do que Amy esperava, e o carrinho também; e as várias outras despesas que, de início, pareciam insignificantes, chegaram depois a uma soma alarmantemente alta. Beth ficou resfriada e foi para a cama, Meg teve um número incomum de visitas, que a mantiveram presa em casa, e Jo ficou num estado de espírito tão dividido que a quantidade de coisas que quebrou, os acidentes sofridos e os erros cometidos foram em muito maior quantidade do que o habitual, e também mais graves e aborrecidos.

— Se não fosse mamãe, eu nunca chegaria ao fim — como declarou Amy, depois, e lembrava-se disso, cheia de gratidão, quando todos os demais já haviam esquecido completamente “a melhor piada da temporada”.

Se o tempo não estivesse bom na segunda-feira, as moças deveriam ir na

terça — um acerto que aborreceu Jo e Hannah ao extremo. Na segunda-feira de manhã, o tempo achava-se naquele estado indeciso que é mais irritante do que uma chuva forte. Chovia um pouquinho, fazia um rápido sol, ventava, mas de leve, e ele não se definiu até ser tarde demais para qualquer outra pessoa tomar uma decisão. Amy levantou-se ao amanhecer, tirou apressadamente todo mundo da cama e fez com que tomassem o café da manhã, para a casa poder ser arrumada. Achou que a sala de visitas estava surrada como nunca, mas, sem parar e ficar suspirando pelo que não tinha, fez habilmente o melhor com o que tinha, arrumando as cadeiras nos locais mais gastos do tapete, cobrindo as manchas nas paredes com quadros emoldurados com marfim e enchendo os cantos vazios com estátuas de fabricação doméstica, que davam um ar artístico ao ambiente, como também os lindos vasos de flores que Jo espalhou por toda parte.

O almoço estava com bom aspecto e, enquanto o examinava, ela esperou sinceramente que estivesse gostoso e que os copos, louça e prataria emprestados chegassem outra vez a seus donos em segurança. Os veículos foram prometidos, Meg e mamãe estavam preparadas para fazerem as honras, Beth podia ajudar Hannah nos bastidores, Jo comprometera-se a se mostrar tão animada e amável quanto permitissem a mente distraída, a cabeça doendo e uma desaprovação muito decidida de todos e de tudo, e, enquanto se vestia,

cheia de cansaço, Amy alegrou-se, antecipando o momento feliz em que, depois que o almoço terminasse, com tudo tendo dado certo, ela sairia com suas amigas para uma tarde de delícias artísticas; porque a carruagem grande e a ponte quebrada eram suas grandes atrações.

Então vieram duas horas de suspense, durante as quais ela se agitou da sala de visitas à varanda da frente, enquanto a opinião pública variava tanto quanto o cata-vento. Um forte aguaceiro às onze horas evidentemente tirara o entusiasmo das senhoritas que deveriam chegar às doze, porque ninguém apareceu; e, às duas, a esgotada família sentou-se, sob o sol forte, para consumir as porções perecíveis do banquete, a fim de que nada se perdesse.

— Não há dúvida quanto ao tempo, hoje; certamente elas virão, então devemos nos apressar e nos preparar para sua chegada — disse Amy, ao ser despertada pelo sol na manhã seguinte.

Falava animadamente, mas, nos recônditos de sua alma desejava não ter dito nada sobre terça-feira, porque seu interesse, como seu bolo, estava ficando um pouquinho rançoso.

— Não consegui nenhuma lagosta, então você terá de ficar sem salada, hoje — disse o Sr. March, chegando uma hora mais tarde, com uma expressão de plácido desespero.

— Então, vamos usar o frango; o fato de estar duro não tem importância,

numa salada — aconselhou a esposa.

— Hannah deixou-o sobre a mesa da cozinha por um minuto, e os gatinhos foram em cima. Sinto muito, Amy — disse Beth, que ainda era uma protetora dos gatos.

— Então, preciso conseguir uma lagosta, porque a língua apenas não vai dar — disse Amy em tom decidido.

— Quer que eu vá correndo à cidade pegar uma? — perguntou Jo, com a magnanimidade de uma mártir.

— Você traria a lagosta para casa debaixo do braço, sem papel nenhum, só para me aborrecer. Vou eu mesma — respondeu Amy, que começava a perder o bom humor.

Enrolada num grosso véu e armada com uma elegante cesta de viagem ela partiu, sentindo que uma saída no ar frio acalmaria seu espírito agitado e a deixaria preparada para os trabalhos do dia. Depois de alguma demora, o objeto do seu desejo foi providenciado, bem como um frasco de molho, para evitar mais perda de tempo em casa, e lá voltou ela novamente, bem satisfeita com a providência tomada.

Como havia no ônibus apenas uma outra passageira, uma velha sonolenta, Amy guardou o véu e se distraiu do tédio da viagem tentando descobrir em que seu dinheiro fora gasto. Tão ocupada estava, com seu cartão cheio de números

teimosos, que não percebeu a presença de um recém-chegado, que entrou sem fazer o veículo parar, até que uma voz masculina disse “Bom dia, Srta. March”, e, olhando em sua direção, ela viu um dos mais elegantes colegas de universidade de Laurie. Esperando, do fundo do coração, que ele saísse antes dela, Amy ignorou profundamente a cesta a seus pés e, congratulando-se por estar com seu traje de passeio novo, retribuiu os cumprimentos do rapaz com sua habitual doçura e espírito.

Deram-se otimamente, porque a principal preocupação de Amy logo foi acalmada, quando ela soube que o cavalheiro desceria primeiro, e conversava desembaraçadamente, num tom peculiarmente ativo, quando a velha desceu. Ao caminhar aos tropeços em direção à porta, virou a cesta e — ah que horror — a lagosta, com todo seu vulgar tamanho e colorido, foi revelada aos olhos bem-nascidos de um Tudor.

— Meu Deus, ela se esqueceu do seu jantar! — exclamou o inconsciente rapaz, enfiando outra vez o monstro em seu lugar, com a bengala, e preparando-se para sair atrás da velha e lhe entregar a cesta.

— Por favor, não... é... — é minha — murmurou Amy, com o rosto quase tão vermelho quanto sua lagosta.

— Ah, é mesmo? Desculpe. Que bela lagosta, não? Excepcional — disse o Tudor, com grande presença de espírito e um ar de interesse sério, que fazia

honra à sua linhagem.

Amy recuperou-se de um fôlego, colocou a cesta ousadamente em cima do assento e disse, rindo:

— Não gostaria de provar um pouco de salada de lagosta e de conhecer as encantadoras senhoritas que também a comerão?

Era uma grande demonstração de tato, porque duas das fraquezas dominantes da mente masculina foram atingidas: a lagosta foi imediatamente cercada por uma auréola de agradáveis lembranças e a curiosidade em torno das “encantadoras senhoritas” desviou a mente do rapaz do cômico equívoco. “Acho que ele rirá e fará brincadeiras com Laurie, a respeito disso, mas não estarei lá para ver, e isto me consola”, pensou Amy, quando o Tudor fez uma mesura e foi embora.

Ela não mencionou esse encontro em casa (embora descobrisse que, com o fato de a cesta ter virado, seu vestido novo estava bastante estragado, por causa do molho que escorrera, em verdadeiros riachos, pela saia), mas continuou com os preparativos que, agora, pareciam mais cansativos do que antes, e, às doze horas, tudo estava novamente pronto. Sentindo que os vizinhos estavam interessados em seus movimentos, ela desejou apagar a lembrança do fracasso da véspera com um grande sucesso aquele dia; então, mandou chamar a carruagem e seguiu, majestosamente, para receber e

acompanhar suas convidadas para o banquete.

— Estou ouvindo o barulho; elas vêm chegando! Vou para o alpendre recebê-las; será um gesto hospitaleiro, quero que minha pobre filha se divirta depois de tanto trabalho — disse a Sra. March, encaminhando-se imediatamente para lá.

Mas, depois de uma olhada, ela se retirou, com uma expressão indescritível; porque, parecendo muito perdidas, estavam sentadas na grande carruagem apenas Amy e outra moça.

— Depressa, Beth, ajude Hannah a tirar metade das coisas da mesa; será absurdo demais colocar um almoço para doze pessoas diante de uma única moça — exclamou Jo, correndo para os fundos da casa, tão excitada que não conseguia nem parar e soltar uma gargalhada.

E lá veio Amy, bastante calma e encantadoramente cordial com a única convidada que mantivera sua promessa; o resto da família, num estado de espírito dramático, desempenhou seus papéis igualmente bem, e a Srta. Elliot achou que eles eram todos alegríssimos, porque foi impossível controlar inteiramente o riso que tomou conta dos March. Depois que o almoço remodelado foi animadamente partilhado, visitados o estúdio e o jardim, e a arte tendo sido discutida com entusiasmo, Amy pediu uma charrete (adeus à elegante carruagem) e levou sua amiga, tranqüilamente, para visitar as

imediações até o crepúsculo, quando “a festa acabou”.

Ao entrar outra vez em casa, com um ar muito cansado, mas controlada como sempre, observou que todos os vestígios da desafortunada festa haviam desaparecido, menos um franzido suspeito no canto da boca de Jo.

— A tarde estava linda para seu passeio, querida — disse sua mãe, tão respeitosa como se todas doze tivessem comparecido.

— A Srta. Elliot é uma moça muito boazinha e pareceu se divertir, eu achei

— comentou Beth, com um entusiasmo incomum.

— Será que você poderia me dar um pouco do seu bolo? Realmente preciso dele, tanta gente me visita e não sei fazer um bolo tão bom quanto o seu — pediu Meg, muito séria.

— Pode levar todo, sou a única aqui que gosta de coisas doces, e ele vai mofar antes de eu conseguir acabar de comê-lo — respondeu Amy, pensando, com um suspiro, na quantidade de provisões de que fizera uso para tudo terminar daquele jeito.

— É uma pena que Laurie não esteja aqui para nos ajudar — começou Jo, quando se sentaram para tomar sorvete e comer salada, pelo segundo dia consecutivo.

Um olhar de advertência da mãe impediu novos comentários, e toda a família comeu em silêncio heróico, até que o Sr. March, brandamente,

observou:

— A salada era um dos pratos favoritos dos antigos e Evelyn... — aqui uma explosão geral de risadas interrompeu a história já conhecida, para grande surpresa do erudito cavalheiro.

— Juntem tudo numa cesta e mandem para os Hummels: os alemães gostam de comida. Estou enjoada só de olhar para isso, e não há motivo para morrerem empanturrados só porque fui uma idiota — exclamou Amy, enxugando os olhos.

— Achei que ia morrer quando vi vocês duas se sacolejando naquela carruagem enorme, como duas pequenas sementes dentro de uma imensa casca de noz, e mamãe esperando, toda arrumada, para receber a multidão — suspirou Jo, exausta de tanto rir.

— Sinto muito que você tenha ficado desapontada, querida, mas todos fizemos o melhor possível para satisfazê-la — disse a Sra. March, com um tom cheio de pesar materno.

— E estou satisfeita; fiz o que me propus e não é minha culpa que tenha falhado; isso me serve de consolo — disse Amy, com um leve tremor na voz.

— Agradeço muito a todos por me ajudarem, e agradecerei ainda mais se não falarem mais disso, pelo menos durante um mês.

Ninguém falou durante vários meses; mas a palavra “banquete” sempre

provocava um sorriso geral, e o presente de aniversário que Laurie deu a Amy foi uma minúscula lagosta de coral, sob a forma de um berloque para usar na corrente do seu relógio.

Capítulo 27

Lições Literárias

A fortuna sorriu repentinamente para Jo e deixou cair em seu caminho uma moedinha da sorte. Não exatamente uma moedinha de ouro, mas duvido que até meio milhão fosse capaz de lhe proporcionar mais felicidade verdadeira do que a pequena soma assim recebida.

A intervalos de algumas poucas semanas, ela se trancava em seu quarto, vestia sua roupa de trabalho e “entrava em transe”, como dizia, escrevendo sem parar seu romance, com toda a energia de que dispunha porque, até terminá-lo, não conseguiria sossegar. Seu “traje de escrever” consistia num avental negro de lã, no qual ela podia enxugar a pena à vontade, e num gorro do mesmo material, enfeitado com um alegre laço vermelho, no qual ela enfiava o cabelo quando tudo estava pronto para a ação. Esse gorro era uma espécie de sinalizador aos olhos questionadores de sua família, que, durante esses períodos, mantinha distância, limitando-se a enfiar as cabeças porta a dentro, vez por outra, para perguntarem, cheios de interesse:

— A genialidade arde, Jo?

Nem sempre se aventuravam sequer a fazer essa pergunta, mas apenas observavam rapidamente o gorro e tiravam daí suas conclusões. Se essa expressiva peça de vestuário estivesse puxada bem para cima da testa, era sinal de que trabalho duro estava sendo realizado; nos momentos de excitação, ele era puxado para um lado, a ponto de quase cair e, quando o desespero tomava conta da autora, era arrancado da cabeça e atirado no chão. Nessas ocasiões, o intruso se retirava, em silêncio, e ninguém ousava falar com Jô até o laço vermelho ser visto outra vez erguido, alegremente, sobre a testa talentosa.

Ela não pensava em si mesma como um gênio, de forma alguma; mas, quando vinha o acesso de vontade de escrever, entregava-se a ele com um ímpeto total e passava a levar uma vida feliz, sem consciência de qualquer necessidade, de preocupações ou do mau tempo, instalada com toda segurança e satisfação num mundo imaginário, cheio de amigos quase tão reais e queridos para ela como qualquer outro de carne e osso. Seus olhos não sentiam sono, as refeições não eram tocadas, e o dia e a noite eram curtos demais para gozar a felicidade que a abençoava apenas nessas ocasiões, tornando essas horas dignas de serem vividas, mesmo que não dessem nenhum outro fruto. A divina inspiração, em geral, durava apenas uma semana ou duas e, depois, ela saía do seu “redemoinho” faminta, sonolenta, zangada

ou melancólica.

Estava justamente recuperando-se de um desses ataques, quando foi convencida a acompanhar a Srta. Crocker numa palestra e, em troca, sua virtude foi recompensada com uma nova idéia. Era um Curso Popular, a aula sobre as pirâmides, e Jo imaginou se seria correta a escolha daquele tema para uma platéia daquele tipo, mas não tinha dúvidas de que um grande mal social seria remediado, ou uma grande carência preenchida, com a enumeração das glórias dos faraós para uma audiência com os pensamentos voltados para o preço do carvão e da farinha e cujas vidas eram gastas tentando solucionar enigmas mais difíceis do que o proposto pela Esfinge. Chegaram cedo e, enquanto a Srta. Crocker endireitava o calcanhar de sua meia, Jo divertiu-se examinando os rostos das pessoas sentadas no mesmo banco que elas. À sua esquerda estavam duas matronas, com testas imponentes e gorros que combinavam com elas, a discutirem os Direitos das Mulheres e fazendo renda de bilro. Mais adiante estava um casal de humildes namorados, desajeitadamente de mãos dadas, uma lúgubre Solteirona comendo balas de hortelã, que tirava de uma sacola de papel, e um velho cavalheiro mergulhado em seu cochilo preliminar, protegido por um grande lenço amarelo. À sua direita, o único vizinho era um rapaz com ar estudioso, absorto num jornal.

Era uma folha ilustrada, e Jo examinou a obra de arte a seu lado, imaginando, ociosamente, qual seria a incomum concatenação de circunstâncias capaz de exigir a melodramática ilustração que mostrava um indiano em traje militar completo caindo num precipício com um lobo abocanhando-lhe a garganta, enquanto dois enraivecidos jovens cavalheiros, com pés anormalmente pequenos e olhos descomunalmente grandes, se esfaqueavam nas proximidades e uma mulher descabelada fugia correndo, ao fundo, com a boca escancarada. Ao fazer uma pausa para virar uma página, o rapaz a viu espiando e, com uma simpatia infantil, ofereceu-lhe metade do jornal, enquanto dizia bruscamente:

— Quer ler? É uma ótima história.

Jo aceitou o jornal, com um sorriso, porque jamais superara seu agrado por rapazes, e logo se viu envolvida no habitual labirinto de amor, mistério e assassinato, porque a história pertencia àquele tipo de literatura leve, na qual as paixões entram em férias e, quando falha a inventiva do autor, uma grande catástrofe tira do palco metade dos personagens, deixando a outra metade exultando com a derrocada dos outros.

— Fantástica, não? — perguntou o rapaz, enquanto os olhos dela percorriam o último parágrafo da parte do jornal que ele lhe dera.

— Acho que você e eu poderíamos fazer uma tão boa quanto esta, se

tentássemos — disse Jo, divertida com a admiração dele por aquela droga.

— Eu me consideraria um sujeito de muita sorte se conseguisse isso. Ela ganha bastante dinheiro com essas histórias, segundo dizem.

E ele apontou o nome da Sra. S.L.A.N.G. Northbury escrito embaixo do título da narrativa.

— Você a conhece? — perguntou Jo, com um repentino interesse.

— Não, mas leio tudo que ela escreve e conheço um sujeito que trabalha na redação deste jornal.

— Você diz que ela ganha bem, com histórias como esta?

E Jo olhou com mais respeito para o grupo agitado para os pontos de exclamação, com seus grossos pingos enfeitando a página.

— Avalio que sim! Ela sabe exatamente do que as pessoas gostam e é bem paga para escrever isso.

A esta altura, começou a palestra, mas Jo ouviu muito pouco do que foi dito porque, enquanto o Professor Sands discorria interminavelmente sobre Belzoni, Quéops, escaravelhos e hieróglifos, ela anotava, disfarçadamente, o endereço do jornal e, cheia de audácia, decidia concorrer ao prêmio de cem dólares oferecido em suas colunas por uma história sensacional. Quando a palestra terminou e a platéia acordou, ela já acumulara uma esplêndida fortuna para si mesma (não a primeira com base em papel), e estava profundamente

mergulhada na elaboração de sua história, sem conseguir decidir se o duelo aconteceria antes da fuga ou depois do assassinato.

Ela não falou nada, em casa, sobre seu plano; mas, no dia seguinte, começou a trabalhar, o que deixou sua mãe muito inquieta, porque ela sempre ficava um pouco ansiosa quando “o gênio começava a arder”. Jo jamais tentara esse estilo, contentando-se com romances muito amenos para “A Águia de Asas Estendidas”. Sua experiência teatral e as variadas leituras agora lhe foram úteis, pois deram uma idéia do efeito dramático e forneceram trama, linguagem e trajes. Sua história era tão cheia de angústia e desespero quanto seu conhecimento limitado dessas emoções desconfortáveis a capacitou a descrevê-las, e, tendo localizado a ação em Lisboa, ela encerrou a narrativa com um terremoto, final chocante e apropriado. O original foi enviado em sigilo, acompanhado de um bilhete dizendo modestamente que, se a história não ganhasse o prêmio, que a escritora não ousava esperar, ela ficaria muito satisfeita em receber qualquer soma que fosse considerada merecida.

Seis semanas é um longo tempo para esperar e um tempo ainda mais longo para uma moça guardar um segredo, mas Jo fez as duas coisas e já começava justamente a desistir de todas as esperanças de tornar a ver seu manuscrito, quando chegou uma carta que quase lhe tirou o fôlego porque, quando a abriu, um cheque de cem dólares caiu em seu colo. Durante um

minuto, ela olhou fixamente, como se fosse uma cobra, depois leu a carta e começou a chorar. Se o amável cavalheiro que escreveu aquele generoso bilhete pudesse saber que intensa felicidade daria a outra criatura humana, acho que dedicaria suas horas vagas, se tivesse alguma, a esse divertimento; porque Jo valorizou a carta mais do que o dinheiro, por ser encorajadora; e, depois de anos de esforço, era tão agradável descobrir que ela aprendera a fazer alguma coisa, embora fosse apenas a escrever uma história sensacionalista.

Seria difícil encontrar uma moça mais orgulhosa do que ela quando, após acalmar-se, eletrizou a família, aparecendo diante deles com a carta em uma das mãos e o cheque na outra, anunciando que ganhara o prêmio. Claro que houve um grande regozijo e, quando a história foi publicada, todos a leram e elogiaram; embora, depois, o pai dela lhe dissesse que a linguagem era boa, a trama original e interessante e a tragédia muito emocionante, também sacudiu a cabeça e disse, com seu jeito pouco mundano:

— Você pode fazer melhor do que isso, Jo. Busque alcançar o máximo e não dê importância ao dinheiro.

— Pois eu acho que o dinheiro é a melhor parte de tudo. O que fará você com uma fortuna dessas? — perguntou Amy, olhando para o mágico pedacinho de papel com uma expressão reverente.

— Mandar Beth e mamãe para uma praia, durante um mês ou dois —
respondeu Jo imediatamente.

— Ah, mas que esplêndido! Não, não posso fazer isso, querida, seria tão egoísta — exclamou Beth, que batera suas mãos magras e respirara fundo, como se ansiasse pela fresca brisa do mar; depois parou e afastou o cheque que sua irmã agitava diante dela.

— Ah, mas você vai, sim. É meu grande desejo. Foi por causa disso que concorri e por isso ganhei. Nunca vou muito adiante quando só penso em mim mesma; então vai me ajudar trabalhar para você, entende? Além disso, mãezinha precisa mudar de ares e ela não vai se afastar de você; então é preciso que vá. Não será divertido ver você chegar em casa gordinha e corada de novo? Uma viva para a Dra. Jo, que sempre cura seus pacientes!

E lá se foram elas para a praia, depois de muita discussão e, embora Beth não voltasse para casa tão gordinha e corada quanto se poderia desejar, estava bem melhor, e a Sra. March declarou que se sentia dez anos mais jovem; então, Jo ficou satisfeita com o investimento do dinheiro do seu prêmio e voltou a trabalhar com um espírito animado, decidida a ganhar mais daqueles deliciosos cheques. Ganhou mesmo vários, aquele ano, e começou a se sentir poderosa dentro de casa; porque, através da magia de uma pena, seu “lixo” transformava-se em conforto para todas elas. A filha do duque pagou a conta

do açougue, A mão fantasma serviu para a compra de um tapete novo e A maldição dos Coventrys resultou numa verdadeira bênção para os Marches, sob a forma de compras de mercearia e roupas.

A riqueza, sem dúvida, é uma coisa muito desejável, mas a pobreza tem seus bons aspectos, e um dos bons serviços que pode prestar a adversidade é a autêntica satisfação que vem do trabalho entusiástico, brotando da cabeça e sendo realizado pela mão; à inspiração nascida da necessidade devemos metade das bênçãos de sabedoria, beleza e utilidade deste mundo. Jo provou um pouco dessa satisfação e deixou de invejar meninas mais ricas, consolando-se com o conhecimento de que podia suprir suas próprias necessidades e não precisar pedir um só tostão a ninguém. Suas histórias não chamaram muita atenção, mas encontraram um mercado e, encorajada por este fato, ela decidiu fazer uma ousada tentativa no caminho da fama e da fortuna. Tendo copiado seu romance pela quarta vez, leu-o para todos os seus amigos íntimos e submeteu-o, assustada e trêmula, a três editores e, afinal, encontrou quem o quisesse, com a condição de que uma terça parte do original seria cortada e omitidos todos os trechos que ela admirava especialmente.

— Agora, será que devo colocar o original outra vez dentro de minha lata de cozinha e deixar lá mofando, pagar eu própria pela publicação, ou cortar tudo, para agradar aos compradores, e conseguir por ele o máximo que puder?

A fama é uma coisa muito boa, mas o dinheiro é mais conveniente, então quero saber a opinião de todos sobre esta questão importante — disse Jo, após convocar um conselho em família.

— Não estrague seu livro, minha menina, porque ele é mais importante do que você pensa e a idéia é bem trabalhada. Vamos esperar e deixar que amadureça — foi o conselho de seu pai; e ele praticava o que pregava, pois esperara pacientemente, durante trinta anos, seu fruto amadurecer, e não tinha pressa de colhê-lo nem mesmo agora, quando já estava doce e sumarento.

— Acho que Jo lucrará mais fazendo a experiência do que esperando — disse a Sra. March. — A crítica é o melhor teste para um trabalho desse tipo, porque lhe mostrará tanto qualidades como defeitos de que não tinha consciência e a ajudará a conseguir melhor resultado da próxima vez. Somos todos muito parciais, mas os elogios e censuras de estranhos serão úteis, mesmo ela recebendo apenas muito pouco dinheiro.

— Sim — disse Jo, franzindo as sobrancelhas — é isso mesmo. Há tanto tempo ando mexendo nesse negócio que, realmente, não sei mais se é bom, ruim ou indiferente. Será uma grande ajuda se pessoas distanciadas, imparciais, derem uma olhada nele e me disserem o que pensam a respeito.

— Eu não tiraria dele uma só palavra. Se fizer isso, vai estragar seu livro, porque o interesse da história está mais na cabeça das pessoas do que em

suas ações, e tudo ficará confuso se você não der explicações enquanto for escrevendo — disse Meg, que acreditava firmemente ser aquele o melhor romance já escrito.

— Mas o Sr. Allen diz “Deixe de lado as explicações, torne o livro conciso e dramático e faça com que os próprios personagens contem a história” — interrompeu Jo, olhando para o bilhete do editor.

— Faça como ele lhe diz, ele sabe o que venderá e nós não sabemos.

Faça um bom livro popular e ganhe tanto dinheiro quanto puder. Um pouco mais adiante, quando já tiver um nome conhecido, então poderá dar-se ao luxo das divagações e fará com que pessoas entendidas em filosofia e metafísica leiam seus romances — disse Amy, que tinha sobre o assunto uma opinião estritamente prática.

— Ora — disse Jo, rindo —, se meu público é de pessoas “entendidas em filosofia e metafísica”, não é minha culpa, porque não sei nada sobre essas coisas, a não ser o que ouço papai dizer algumas vezes. Se algumas das idéias sábias dele estão misturadas dentro do meu romance, melhor para mim. E você, Beth, o que diz?

— Gostaria de ver o livro publicado logo — foi tudo que Beth disse, e sorriu ao falar; mas houve uma ênfase inconsciente na última palavra e uma expressão melancólica nos olhos que jamais perderam sua franqueza infantil, e

o coração de Jo gelou por um instante, com um pressentimento assustador; assim, decidiu partir “logo” para sua pequena aventura.

Então, com firmeza espartana, a jovem escritora colocou o primeiro filho em cima da sua mesa e cortou-o tão implacavelmente como se fosse uma bruxa.

Com a esperança de agradar a todos, aceitou os conselhos de todos e, como o velho e seu jumento, na fábula, não satisfez ninguém.

Seu pai gostava da veia metafísica que, inconscientemente, entrara no livro; então esta parte não foi cortada, embora ela tivesse suas dúvidas a respeito. Sua mãe achava que havia mesmo um pouquinho de descrições em excesso; então, saiu quase tudo e, com elas, também vários elos de ligação importantes da história. Em seguida, para completar a ruína, ela cortou uma terça parte do texto e, cheia de confiança, mandou o pobre romancinho, como um tordo depenado, para o grande e movimentado mundo, tentar sua sorte. Ora, foi publicado e ela recebeu por ele trezentos dólares; e também muitos elogios e críticas duras, ambas as coisas em quantidade muito maior do que esperava, e ficou num estado de confusão do qual levou algum tempo para se recuperar.

— Você disse, mamãe, que as críticas me ajudariam. Mas, como podem, quando são tão contraditórias que não sei se escrevi um livro promissor ou se pequei contra todos os dez mandamentos? — exclamou a pobre Jo, folheando

uma pilha de matérias, cuja leitura num minuto a enchia de orgulho e alegria e, no minuto seguinte, de raiva e terrível desânimo.

— Este homem diz: “Um livro excelente, cheio de verdade, beleza e seriedade; é doce, puro e saudável” — continuou a perplexa autora. — Já o próximo declara: “A teoria do livro é ruim, cheia de fantasias mórbidas, idéias espiritualistas e personagens pouco naturais.” Ora, como eu não tinha teoria de nenhum tipo, não acredito em espiritualismo e copiei meus personagens de figuras da vida real, não entendo como esse crítico pode dizer uma coisa dessas. Outro escreve: “Este é um dos melhores romances americanos publicados nos últimos anos.” (Não caio nessa.) E o próximo garante que, “embora seja original e escrito com grande força e sentimento, é um livro perigoso”. Ora essa! Alguns ridicularizam, outros elogiam exageradamente e quase todos insistem que eu tinha uma profunda teoria para expor, quando eu escrevi o livro apenas pelo prazer e pelo dinheiro. Seria melhor que eu o tivesse publicado todo ou guardado na gaveta; detesto ser tão pouco compreendida.

Sua família e seus amigos a consolaram e louvaram liberalmente; mas foi um período difícil para a sensível e corajosa Jo, que tivera tão boas intenções, aparentemente, saíra-se tão mal. Mas tudo isso acabou por lhe fazer bem, porque aqueles cuja opinião tinha verdadeiro valor fizeram-lhe as críticas que

são o melhor aprendizado para o autor; e, quando passou a dor inicial, ela pôde rir de seu pobre livrinho, mas ainda acreditando nele, e se sentir mais sábia e mais forte, por causa das pancadas que recebera.

— Não sendo um gênio, como Keats, isto não me matará — disse ela intrepidamente — e, para mim, é uma grande piada que logo as partes diretamente tiradas da vida real sejam consideradas absurdas e as cenas que inventei,

da minha

própria

cabeça tola,

estejam

descritas

como

“encantadoramente naturais, ternas e verdadeiras”. Então, vou me consolar com isso e, quando estiver preparada, tentarei de novo.

Capítulo 28

Experiências Domésticas

Como a maioria das outras jovens esposas, Meg começou sua vida de casada com a determinação de ser uma dona-de-casa modelo. John deveria achar seu lar um paraíso, ver sempre um rosto sorridente, comer

maravilhosamente todos os dias e jamais perceber a perda de um botão. Ela colocou em seu trabalho tanto amor, energia e alegria que só poderia ser bem-sucedida, apesar de alguns obstáculos. Seu paraíso não era tranquilo, porque a mulherzinha inquietava-se, estava ansiosa demais para agradar e corria de um lado para outro como uma verdadeira Martha, sobrecarregada com muitos cuidados. Algumas vezes, sentia-se cansada demais até para sorrir. John ficou dispéptico, comendo apenas pratos requintados e, sem a menor gratidão, pediu comida mais simples. Quanto aos botões, ela logo aprendeu a imaginar para onde teriam ido, a sacudir a cabeça diante do descuido dos homens e a ameaçar fazer com que ele próprio os pregasse e, depois, verificasse se seu trabalho resistia mais do que o dela a puxões impacientes e dedos desajeitados.

Foram muito felizes, mesmo após descobrirem que não podiam viver só de amor. John não achou Meg menos bonita, embora ela sorrisse para ele por trás da familiar cafeteira; e Meg também não sentiu falta de romantismo na separação cotidiana porque, quando a beijava, seu marido fazia sempre a terna pergunta: “Quer que mande para casa vitela ou carneiro para o almoço, querida?” A casinha deixou de ser um glorificado ninho, mas se tornou um lar, e o jovem casal logo sentiu que era uma mudança para melhor. De início, brincaram de tomar conta da casa e faziam travessuras por toda parte, como

se fossem crianças; depois, John empenhou-se firmemente no trabalho, sentindo as preocupações de um chefe de família caírem sobre seus ombros; e Meg tirou seus roupões de cambraia, vestiu um grande avental e se entregou ao trabalho, com mais energia do que discernimento como foi dito antes. Enquanto durou a mania de cozinhar, ela percorria as páginas do Livro de Receitas da Sra. Cornelius como se fosse um exercício matemático, solucionando os problemas com paciência e cuidado. Algumas vezes, sua família era convidada para ajudar a comer um banquete demasiado abundante de sucessos culinários, ou então Lotty era sigilosamente despachada com uma fornada de fracassos, que deveriam ser escondidos de todos os olhos nos convenientes estômagos dos pequenos Hummels. Uma noite com John examinando os livros de contabilidade produzia, em geral, uma temporária calma no entusiasmo com a cozinha e se seguia um acesso de frugalidade, durante o qual o pobre homem passava a comer pão feito em casa, picadinho e café requentado, o que lhe doía na alma, embora ele suportasse tudo com elogiável fortaleza de ânimo. Antes que o justo meio-termo fosse encontrado, porém, Meg acrescentou às suas posses domésticas algo que os jovens casais não dispensam durante muito tempo: um frasco de conservas feitas em casa. Inflamada por um desejo característico de dona-de-casa de ver sua despensa bem-provida de conservas, ela decidiu fazer sua própria geléia de

groselha. John foi solicitado a mandar trazer em casa mais ou menos uma dúzia de frasquinhos e uma quantidade extra de açúcar, porque as groselhas que eles próprios cultivavam estavam maduras e deveriam ser colhidas logo. Como John acreditava firmemente que “minha esposa” era capaz de fazer qualquer coisa, e tinha um natural orgulho de sua habilidade, achou de bom alvitre atendê-la e assim aproveitar, da maneira mais agradável, para uso no inverno, a única colheita de frutas que eles tinham. E lá chegaram quatro dúzias de lindos frasquinhos, meio barril de açúcar e um menino para colher as groselhas para ela. Com seu lindo cabelo enfiado num gorrinho, os braços nus até os cotovelos e um avental quadriculado que tinha um ar coquete, apesar do peitilho, a jovem dona-de-casa pôs-se a trabalhar, sem sentir a menor dúvida do seu sucesso; então não vira ela Hannah fazer aquilo centenas de vezes? A fileira de potinhos deixou-a um tanto espantada, de início, mas John gostava tanto de geléia, e os bonitos frascos ficariam tão bem na prateleira de cima que Meg decidiu encher todos e passou um dia inteiro colhendo, cozinhando esforçando-se e preocupando-se com sua geléia. Fez o melhor que pôde, pediu conselhos à Sra. Cornelius, deu tratos à bola para se lembrar o que fizera Hannah que ela deixara de fazer, tornou a cozinhar, colocou mais açúcar e diminuiu a quantidade, mas aquela coisa terrível não queria virar geléia. Ela teve muita vontade de correr até em casa, de avental e tudo, para pedir

a sua mãe que fosse dar uma mão, mas John e ela tinham combinado que jamais aborreceriam ninguém com suas preocupações, experiências ou brigas particulares. Riram da última palavra, como se a idéia que ela sugeria fosse a mais absurda; mas não voltaram atrás em sua decisão e sempre que podiam ir tocando sem ajuda eles o faziam, e ninguém interferia, porque fora a própria Sra. March quem assim aconselhara. Então, Meg lutou sozinha com o refratário doce durante todo aquele dia quente de verão e, às cinco horas, sentou-se em sua cozinha, que estava de pernas para o ar, juntou as mãos lambuzadas, gritou e chorou.

Ora, levada pelo entusiasmo inicial com sua nova vida, ela dissera várias vezes: “Meu marido deve sempre se sentir à vontade para trazer um amigo para casa sempre que quiser. Estarei constantemente preparada; não haverá lufa-lufa, repreensão, constrangimento, mas uma casa limpa, uma esposa alegre e um bom jantar. John, querido, não precisa nunca pedir licença, convide quem você quiser e tenha certeza de que será bem recebido por mim.” Sem dúvida, era encantador! John ficou cheio de orgulho ao ouvi-la dizer isso e sentiu como era maravilhoso ter uma esposa superior. Mas, embora tivessem visitas de vez em quando, nunca aconteceu que fosse inesperada, e Meg não tivera, até então, uma oportunidade de mostrar seus méritos. Ocorre sempre, neste vale de lágrimas, uma fatalidade com relação a essas coisas,

cujo motivo não podemos adivinhar e que só nos resta lamentar e suportar da melhor maneira possível.

Se John não esquecesse completamente a geléia, seria mesmo imperdoável, de sua parte, escolher justo aquele dia entre todos os outros do ano, para levar sem aviso um amigo para jantar. Congratulando-se com o fato de um belo repasto ter sido encomendado aquela manhã, tendo certeza de que estaria pronto na mesma hora e entregando-se a uma agradável expectativa quanto ao efeito encantador que produziria o aparecimento de sua bonita esposa, correndo para recebê-lo, acompanhou o amigo até sua mansão, com a incontida satisfação de um jovem anfitrião e marido.

Mas este mundo nos traz muitos desapontamentos, como descobriu John ao chegar ao Pombal. A porta da frente, em geral, ficava hospitaleiramente aberta; naquele momento, não apenas estava fechada, mas trancada, e a lama da véspera ainda enfeitava os degraus. As janelas da sala de visitas estavam fechadas e com as cortinas descidas; não houve nenhuma visão da bonita esposa costurando na varanda, de branco, com um lindo lacinho no cabelo, ou de uma anfitriã de olhos brilhantes, sorrindo timidamente ao cumprimentar seu convidado. Nada desse gênero, porque não foi vista viva alma, a não ser um menino com aspecto feroz, dormindo embaixo dos pés de groselha.

— Estou com medo que tenha acontecido alguma coisa. Venha para o

jardim, Scott, enquanto procuro a Sra. Brooke — disse John, alarmado com o silêncio e a solidão.

Contornou apressadamente a casa, guiado por um forte cheiro de açúcar queimado, e o Sr. Scott foi caminhando atrás dele, com uma expressão estranha no rosto. Parou discretamente, a uma certa distância, quando Brooke desapareceu, mas podia tanto ver como ouvir e, sendo um solteirão, gostou muito dessa perspectiva.

Na cozinha, reinava confusão e desespero; uma parte da geléia tinha sido pingada de frasco em fraco, outra estava no chão e uma terceira queimava, alegremente, no fogão. Lotty, com fleuma teutônica, comia pão e bebia vinho de groselha, porque a geléia ainda estava num estado desesperançosamente líquido, enquanto a Sra. Brooke, com o avental por cima da cabeça, soluçava terrivelmente.

— Minha querida menina, qual é o problema? — exclamou John, entrando às pressas, com terríveis visões de mãos escaldadas, repentinas notícias de algum desgosto e uma secreta aflição, ao pensar no convidado no jardim.

— Ah, John, estou tão cansada, com um calor terrível, zangada, preocupada! Venha me ajudar, senão eu morro!

E a exausta dona-de-casa atirou-se no peito dele, dando-lhe uma doce acolhida em todos os sentidos da palavra, porque seu avental fora batizado

com o doce de groselha ao mesmo tempo que o chão.

— Por que está preocupada, querida? Aconteceu alguma coisa ruim? —
perguntou o ansioso John, beijando ternamente a parte de cima do pequeno
gorro, que estava todo torto.

— Sim — soluçou Meg, desesperada.

— Então diga depressa o que foi. Não chore, eu sou capaz de agüentar
qualquer coisa. Fale logo, amor.

— A... a geléia não quer virar geléia e não sei o que fazer.

John Brooke soltou uma gargalhada como jamais, depois disso, ousaria
soltar, e o zombeteiro Scott sorriu involuntariamente, ao ouvir aquela explosão
de riso, que foi o golpe de morte para a infeliz Meg.

— É apenas isso? Jogue tudo pela janela e não se preocupe mais com o
assunto. Vou comprar latas cheias de geléia de groselha, se você quiser; mas,
pelo amor de Deus, não fique histérica, porque trouxe Jack Scott para jantar
aqui e...

John não continuou, porque Meg o empurrou e juntou as mãos com um
gesto trágico, enquanto se jogava numa cadeira, exclamando, num tom que era
um misto de indignação, repreensão e pasmo:

— Um homem para jantar, e tudo nessa confusão! John Brooke, como é
que você pôde fazer uma coisa dessas?

— Psiu, ele está no jardim! Eu me esqueci da maldita geléia, mas agora é tarde — disse John, avaliando a situação, cheio de ansiedade.

— Você devia ter mandado um aviso ou me dito alguma coisa esta manhã, e também devia lembrar como eu estava ocupada — continuou Meg, mal-humoradamente, porque até as rolas dão bicadas quando estão arrufadas.

— Esta manhã eu não sabia, e não houve tempo para mandar um aviso, porque eu o encontrei ao sair. Nem imaginei pedir licença para trazer meu amigo, porque você sempre me disse que fizesse o que eu quisesse. Nunca experimentei, e Deus me livre de tornar a experimentar! — acrescentou John, com um ar aborrecido.

— Espero que não! Leve seu amigo embora imediatamente; não posso vê-lo e não há jantar nenhum.

— Ora, mas que maravilha! Onde estão a carne e as verduras que mandei para casa, e o pudim que você prometeu? — exclamou John, correndo para a despensa.

— Não tive tempo para cozinhar nada; pretendia jantar em casa de mamãe. Desculpe, mas eu estava tão ocupada — e Meg voltou a chorar.

John era um homem calmo, mas também era humano; e, depois de um longo dia de trabalho, chegar cansado, faminto e esperançoso e encontrar uma casa toda desarrumada, uma mesa vazia e uma mulher zangada não eram

exatamente coisas que levassem à tranquilidade da mente e das maneiras.

Mas ele se conteve e a pequena tempestade poderia ter sido evitada se não tivesse dito uma palavra infeliz, a única.

— É uma enrascada, reconheço, mas, se você der uma ajuda, tudo entrará nos eixos e ainda nos divertiremos. Não chore, querida, faça apenas um pequeno esforço e prepare alguma coisa para nós comermos. Estamos morrendo de fome e comeremos o que vier. Dê-nos a carne fria, pão, queijo; não faremos questão de geléia.

A intenção era fazer uma brincadeira bem-humorada, mas esta única palavra selou sua sorte. Meg achou que era cruel demais fazer insinuações em torno do seu triste fracasso e seu último grão de paciência desapareceu, ao ouvi-lo falar.

— Você deve sair da enrascada como puder; estou cansada demais para fazer algum esforço em benefício de alguém. Só mesmo um homem pensaria numa coisa dessas, propor que eu ofereça a uma visita um osso e pão comum, com queijo. Uma coisa dessas não vai acontecer em minha casa. Leve esse Scott para a casa de mamãe e diga a ele que não estou, que adoeci, morri... qualquer coisa. Não quero vê-lo e vocês dois podem rir de mim e de minha geléia tanto quanto quiserem: não terão mais nada aqui.

E, tendo feito todo seu desafio de um só fôlego, Meg tirou o avental e,

precipitadamente, saiu do campo de batalha e foi chorar sozinha em seu próprio quarto.

O que aquelas duas criaturas fizeram, em sua ausência, ela nunca soube; mas o Sr. Scott não foi levado “para a casa de mamãe”, e, quando Meg desceu, depois que eles saíram caminhando juntos, descobriu vestígios de um jantar improvisado que a encheram de horror. Lotty informou que eles haviam comido “um bocado e riram muito, e o patrão pediu a ela para jogar fora todo o doce e esconder os frascos”.

Meg ficou ansiosa para ir contar tudo à mãe, mas a vergonha por suas próprias falhas e a lealdade para com John “que podia ser cruel, mas ninguém deveria saber”, fizeram com que se contivesse e, depois de uma limpeza sumária, ela se vestiu bem e se sentou para esperar que John chegasse, a fim de perdoá-lo.

Infelizmente, John não veio, porque não via a questão sob esse prisma.

Levou tudo com Scott como se fosse uma boa piada, desculpou sua mulher tão bem quanto pôde e entreteu o convidado de forma tão hospitaleira que seu amigo gostou do jantar improvisado e prometeu voltar. Mas John estava zangado, embora não demonstrasse; achou que Meg o metera numa enrascada e depois o abandonara, numa hora de necessidade. “Não era justo dizer a um homem que levasse pessoas para casa a qualquer momento, com

completa liberdade e, quando ele tomava essas palavras ao pé da letra, ficar furiosa e jogar a culpa em cima dele, deixando-o em apuros, para rirem ou terem pena dele. Não, pelo amor de Deus, não era justo! E Meg devia saber disso.” Durante a refeição, ele estava fumegando por dentro, mas, quando passou o ímpeto e ele voltou para casa, após se despedir de Scott, um estado de espírito mais ameno o dominou. “Coitadinha! Era duro para ela, quando fazia tanto esforço para me agradar. Está errada, claro, mas é tão jovem. Preciso ser paciente e ensinar a ela.” Esperava que não tivesse ido para casa — ele detestava mexericos e interferências. Durante um minuto, ficou novamente aborrecido só de pensar nisso; e, então, o medo de que Meg chorasse tanto a ponto de ficar doente abrandou-lhe o coração e fez com que andasse mais depressa, decidido a ser calmo e generoso, mas firme, muito firme, e mostrar a ela quais foram suas falhas para com seu esposo.

Meg, igualmente, resolveu ser “calma e gentil, mas firme” e mostrar a ele seu dever. Ansiava para correr e ir encontrar-se com ele, pedir perdão, ser beijada e confortada como tinha certeza de que seria; mas, claro, não fez nada disso e, quando viu John aproximando-se, começou a cantarolar, muito naturalmente, enquanto se balançava e cosia, como uma dama de luxo em sua melhor sala de visitas.

John ficou desapontado de não encontrar uma terna Niobe, mas, sentindo

que a dignidade dele exigia a primeira desculpa, não fez nada, só entrou calmamente e deitou-se no sofá, com um comentário singularmente importante:

— Vamos ter lua nova, querida.

— Não tenho nada contra — foi o comentário igualmente tranquilizador de Meg.

Alguns outros assuntos de interesse geral foram introduzidos pelo Sr.

Brooke e desencorajados pela Sra. Brooke, e a conversa esmoreceu. John foi até uma janela, desdobrou seu jornal e se embrulhou nele, metaforicamente falando. Meg foi até a outra janela e costurou como se novos laços para enfeitar seus chinelos estivessem entre as necessidades prementes da vida.

Nenhum dos dois falou, mas ambos pareciam bastante “calmos e firmes” e se sentiam desesperadamente constrangidos.

“Ah, meu Deus”, pensou Meg “a vida de casada é muito dura e exige realmente uma paciência e um amor infinitos, como diz mamãe.”

A palavra “mamãe” fez com que se lembrasse de outros conselhos maternos, dados há muito tempo e recebidos com inacreditáveis protestos.

“John é um bom homem, mas ele tem seus defeitos e você deve aprender a vê-los e tolerá-los, lembrando-se dos seus próprios. Ele é muito decidido, mas jamais será obstinado, se você argumentar gentilmente e não fizer uma oposição impaciente. É também muito metuculoso e exigente com relação à

verdade — um traço positivo, embora ele possa ser considerado ‘exagerado’. Nunca o engane com olhares ou palavras, Meg, e ele lhe dará a confiança que você merece, o apoio de que precisa. Ele tem um gênio forte; não é como o seu, que explode de repente e tudo passa logo; no caso de John é uma raiva sem maldade, quieta, que raramente se deixa provocar, mas, uma vez provocada, é difícil de se extinguir. Tenha cuidado, muito cuidado, para não despertar a raiva dele contra você, porque a paz e a felicidade dependem de manter o respeito dele. Tenha cuidado, seja a primeira a pedir perdão, se ambos errarem, e evite as pequenas mágoas, mal-entendidos e palavras apressadas que, muitas vezes, abrem o caminho para amargos pesares e arrependimentos.”

Essas palavras voltaram à mente de Meg, enquanto ela estava ali costurando ao entardecer, especialmente a última. Aquele era o primeiro desentendimento sério que eles tinham; suas próprias falas impensadas soaram tolas e grosseiras, quando pensou nelas, e sua raiva, agora, parecia infantil, enquanto pensar no pobre John chegando em casa e se deparando com uma cena daquelas fizeram seu coração se derreter. Deu-lhe uma olhada, com lágrimas nos olhos, mas ele não viu; ela guardou seu trabalho e se levantou, pensando: “Serei a primeira a dizer ‘Perdoe-me’“, mas ele não pareceu ouvi-la; ela atravessou a sala muito vagorosamente, porque era difícil

engolir o orgulho, e ficou em pé ao lado dele, mas John não virou a cabeça. Durante um minuto, ela teve a impressão de que não conseguiria fazer aquilo; e então veio o pensamento: “Isto é só o começo, cumprirei minha parte e não terei nada do que me censurar.” Então ela se inclinou e beijou o marido, docemente, na testa. Claro que a questão foi resolvida; o beijo arrependido foi melhor do que todas as palavras do mundo e John colocou-a em seu joelho por um instante, dizendo ternamente:

— Foi horrível eu rir dos pobres potinhos de geléia. Perdoe-me, querida, não farei isso nunca mais!

Mas ele riu sim, graças a Deus, centenas de vezes, e Meg também, ambos declarando que era a geléia mais doce já feita, porque a paz da família foi preservada naquele pequeno frasco de conserva doméstica.

Depois disso, Meg recebeu o Sr. Scott para jantar, como convidado de honra, e serviu-lhe um belo banquete, desta vez sem nenhum desespero; ela estava tão alegre e graciosa na ocasião, e tudo se passou de forma tão encantadora, que o Sr. Scott disse a John que ele era um sujeito feliz e, durante todo o caminho de volta para sua casa, sacudiu a cabeça, pensando nos inconvenientes da vida de solteiro.

No outono, novas atribulações e experiências viveu Meg. Sallie Moffat renovou sua amizade, estava sempre correndo até a casinha em busca de

algum prato ou conversa fiada, ou convidando “aquela pobre querida” para ir passar um dia na grande casa. Era agradável porque, com o mau tempo, Meg muitas vezes sentia-se solitária; todos estavam ocupados em sua casa, John ausente até a noite, e não havia nada para fazer a não ser costurar, ler ou zanzar de um lado para outro. Então, naturalmente, ocorreu que Meg se habituou a ficar batendo papo e mexericando com sua amiga. Ver as belas coisas de Sallie fazia com que ansiasse para ter o mesmo e sentisse pena de si mesma, porque não tinha. Sallie era muito bondosa e, muitas vezes, oferecia-lhe as cobiçadas ninharias; mas Meg as recusava, sabendo que John não gostaria disso; e então essa tola mulherzinha fez coisas que desagradaram infinitamente mais a John.

Ela sabia quanto ganhava o marido e adorava sentir que ele confiava nela, não apenas em termos da felicidade dele, mas também de uma coisa que alguns homens parecem valorizar ainda mais — seu dinheiro. Ela sabia onde estava o dinheiro, tinha liberdade de pegar o que quisesse e ele só pedia que ela mantivesse um registro de cada centavo, pagasse as contas todo mês e se lembrasse que ela era mulher de um homem pobre. Até então, ela se saía bem, fora prudente e exata, mantivera corretamente seus livrinhos de contabilidade e os mostrara a ele, sem medo, todos os meses. Mas, aquele outono, a serpente entrou no paraíso de Meg e a tentou, como a muitas evas

modernas, não com maçãs, mas com vestidos. Meg não gostava que sentissem pena dela e de que a fizessem sentir-se pobre; isto a irritava, mas sentia vergonha de confessar e, de vez em quando, tentava consolar-se comprando alguma coisa bonita, para Sally não pensar que ela precisava economizar tanto assim. Em seguida sempre se sentia culpada, porque as coisas bonitas raramente eram necessárias; mas, na verdade, custavam tão pouco, não valia a pena preocupar-se com aquilo; então os supérfluos foram aumentando, sem ela se dar conta, e, nas idas às compras, ela deixou de ser uma observadora passiva.

Mas as ninharias custavam mais do que se poderia imaginar, e, quando ela fez as contas, no fim do mês, a soma total a deixou um tanto assustada. John estava ocupado, aquele mês, e deixou as contas para ela pagar; no mês seguinte, ele estava ausente, mas, no terceiro, ele fez um grande acerto de contas que Meg jamais esqueceu. Alguns dias antes, ela fizera uma coisa terrível, e isto pesava em sua consciência. Sallie comprara sedas e Meg ansiava por um novo vestido de seda — bonito e leve, para festas, porque o seu, de seda preta, era tão comum, e tecidos leves para serem usados à noite só eram adequados para moças solteiras. Tia March, em geral, dava às irmãs um presente de vinte e cinco dólares para cada uma no Ano-Novo; havia apenas um mês para esperar, e ali estava uma linda seda cor-de-violeta, por

um preço muito barato, e ela tinha o dinheiro, caso ousasse utilizá-lo. John sempre dizia que tudo que era dele também era dela, mas será que ele acharia correto gastar não apenas os vinte e cinco em perspectiva, porém mais vinte e cinco do fundo doméstico? Esta era a questão. Sallie insistira com ela para fazer isso, oferecera-se para emprestar o dinheiro e, com as melhores intenções de sua vida, tentara Meg além de suas forças. Num momento ruim, o lojista ergueu as lindas e reluzentes dobras do tecido e disse:

— Uma pechincha, eu lhe garanto, madame.

Ela respondeu:

— Fico com a seda. — E o tecido foi cortado, ela pagou, Sallie exultou, ela riu, como se fosse uma coisa sem importância, e foi embora sentindo-se como se tivesse roubado alguma coisa e a polícia estivesse atrás dela.

Quando chegou em casa, tentou acalmar as pontadas de remorso estendendo a linda seda; mas, agora, ela parecia menos prateada, não ficava bem nela, afinal, e as palavras “cinquenta dólares” pareciam impressas, como uma estamparia, em cada centímetro do tecido. Ba o guardou, mas não parava de pensar nele, não com prazer, como no caso de um vestido novo, mas com terror, como o fantasma de uma loucura, do qual não era fácil livrar-se. Quando John pegou em seus livros aquela noite, Meg sentiu um aperto no coração e, pela primeira vez em sua vida de casada, teve medo do marido. Aqueles

bondosos olhos castanhos também poderiam ser severos, e, embora estivesse incomumente alegre, ela imaginou que ele a pilhara, mas não pretendia deixar que ela soubesse. As contas da casa estavam todas pagas, os livros todos em ordem, John a elogiara e preparava-se para abrir a velha carteira de notas que eles chamavam de “o banco”, quando Meg, sabendo que estava completamente vazia, deteve a mão dele, dizendo nervosamente:

— Você ainda não viu meu livro de despesas particulares.

John jamais pedira para vê-lo; mas ela sempre insistira para que ele o visse e costumava divertir-se com seu espanto masculino com as coisas estranhas de que as mulheres precisavam, fazia-o adivinhar o que significava “rolotê”, perguntava furiosamente o que queria dizer “ilhós” e observava sua surpresa com o fato de uma coisinha formada por três botões de rosa, um pedacinho de veludo e dois cordões ser um gorro, por mais que parecesse incrível, e custar cinco ou seis dólares. Aquela noite, ele parecia disposto a se divertir zombando das contas de Meg e fingindo estar horrorizado com sua extravagância, como fazia com frequência, no fundo muito orgulhoso de sua prudente esposa.

O livrinho foi trazido, vagarosamente, e colocado diante dele. Meg ficou por trás da cadeira de John, com o pretexto de alisar as rugas de sua testa cansada, e, ali, em pé, disse, com um pânico crescente a cada palavra que pronunciava:

— John, querido, estou envergonhada de mostrar a você meu livro, porque tenho sido, na verdade, terrivelmente extravagante nos últimos tempos. Saio tanto que preciso ter coisas, sabe, e Sallie me aconselhou a comprar isso, então comprei; meu dinheiro do Ano-Novo vai pagar em parte a compra, mas depois que tomei a decisão me arrependi, porque sabia que você acharia um erro.

John riu e puxou-a para seu lado, dizendo bem-humoradamente:

— Não se esconda. Não vou dar uma surra em você só porque comprou um par de botas; tenho um certo orgulho dos pés de minha mulher e não me importo quando ela paga oito ou nove dólares por suas botas, se são boas. Esta fora uma de suas mais recentes “comprinhas”, e os olhos de John deram o registro enquanto ele falava.

“Ah, o que dirá ele quando descobrir aqueles terríveis cinquenta dólares!”, pensou Meg com um calafrio.

— É algo mais sério do que botas; é um vestido de seda — disse ela, com a calma do desespero, porque queria que o pior passasse logo.

— Ora, querida, qual é o “maledito total”, como diz o Sr. Mantalini?

John não costumava falar assim, e ela sabia que ele a olhava com aquela expressão franca que ela sempre estivera pronta para retribuir, com outra igualmente franca, até aquele momento. Virou a página e a cabeça ao mesmo

tempo, apontando para a soma, que já seria suficientemente alta sem os cinquenta mas que, para ela, era terrível com este acréscimo. Durante um minuto, a sala ficou muito silenciosa, depois John disse, lentamente — mas ela pôde sentir que lhe custava um grande esforço não manifestar nenhum aborrecimento:

— Ora, não acho que cinquenta dólares seja muito para um vestido, com todos os folhos e aviamentos usados hoje em dia para o acabamento.

— Ainda não está feito nem enfeitado — suspirou Meg, levemente, porque a repentina lembrança das despesas ainda a serem feitas deixou-a completamente esmagada.

— Vinte e cinco metros de seda parecem muito pano para cobrir uma única mulher pequena, mas não tenho a menor dúvida de que minha mulher parecerá tão elegante quanto a de Ned Moffat quando usar esse vestido — disse John secamente.

— Sei que você está aborrecido, John, mas não posso fazer nada. Não pretendo desperdiçar seu dinheiro e não imaginei que o preço dessas coisinhas fosse resultar numa soma tão alta. Não consigo resistir, quando vejo Sallie comprando tudo que ela quer, e cheia de pena de mim porque não posso fazer o mesmo. Tento ficar satisfeita, mas é difícil, e estou cansada de ser pobre. As últimas palavras foram ditas tão baixinho que ela pensou que ele não as

ouvira, mas ouviu sim, e o magoaram profundamente, porque ele se privava de muitos prazeres por causa de Meg. Ela teve vontade de morder a língua, no instante em que acabou de falar, porque John afastou os livros e se levantou dizendo, com um pequeno tremor na voz:

— Sempre tive medo disso. Faço o melhor que posso, Meg.

Se ele a tivesse repreendido, ou mesmo a sacudido, não teria partido seu coração, como fizeram essas poucas palavras. Correu para ele e abraçou-o com força, exclamando, com lágrimas de arrependimento:

— Ah, John, meu querido e trabalhador rapaz, não era minha intenção! Foi uma coisa tão maldosa, tão pouco verdadeira, tão ingrata; como é que pude dizer isso! Ah, como pude dizer isso!

Ele foi muito bondoso, perdoou-a na mesma hora e não pronunciou uma só palavra de repreensão; mas Meg sabia que fizera e dissera uma coisa que não seria esquecida com facilidade, embora ele talvez não tornasse a falar disso. Prometera amá-lo nos bons e nos maus momentos; e então ela, sua esposa, o censurara por causa de sua pobreza, depois de gastar descuidadamente os ganhos dele. Era terrível, e o pior de tudo foi que John continuou tão silencioso como se nada tivesse acontecido, só que ficava na cidade até mais tarde e trabalhava à noite, enquanto ela chorava, sozinha, até dormir. Uma semana de remorsos quase deixou Meg doente, e a descoberta de que John cancelara o

pedido de um novo sobretudo reduziu-a a um estado de desespero que era patético de observar. Ele disse simplesmente, em resposta às suas surpresas perguntas com relação à desistência: “Não posso pagar por ele, querida.”

Meg não disse mais nada, porém, alguns minutos depois, ele a encontrou no saguão, com o rosto enterrado no velho sobretudo, chorando como se seu coração fosse partir-se.

Tiveram uma longa conversa aquela noite, e Meg aprendeu a amar mais o marido por causa de sua pobreza, porque esta parecia tê-lo transformado num homem de verdade, dando-lhe força e coragem para abrir seu caminho por conta própria e ensinando-lhe uma terna paciência para suportar e consolar os anseios e falhas naturais das pessoas que ele amava.

No dia seguinte, ela engoliu seu orgulho, foi à casa de Sallie. contou a verdade e lhe pediu para comprar a seda, como um favor. A bem-humorada Sra. Moffat atendeu-a, com toda boa vontade, e teve a delicadeza de não dá-la imediatamente de presente a Meg. Então, Meg encomendou o sobretudo e, quando John chegou, vestiu-o nele, perguntando-lhe se gostava do seu novo vestido de seda. Pode-se imaginar que resposta ele deu, como recebeu seu presente e que felicidade resultou daí. John tornou a chegar cedo em casa, Meg parou de passear tanto, e aquele sobretudo era trajado, de manhã, por um marido muito feliz, e tirado, à noite, por uma esposinha extremamente

dedicada. E assim o ano se passou e, em meados do verão, Meg teve uma nova experiência — a mais profunda e mais terna da vida de uma mulher.

Laurie entrou sorrateiramente na cozinha do Pombal, certo sábado, com um rosto excitado, e foi recebido com o estrondo de címbalos, porque Hanna batia palmas tendo numa das mãos a caçarola e na outra a tampa.

— Como vai a mamãezinha? Onde estão todos? Por que você não me contou antes de eu chegar em casa? — disse Laurie, num sussurro alto.

— Feliz como uma rainha, a queridinha! Todos eles estão lá em cima, em adoração; nem qui tivesse um furacão, a gente iscutava. Agora vá pra sala de visitas e vou mandá eles descerem pra encontrarem o sinhô. — E dando esta resposta algo atrapalhada, Hannah sumiu, soltando risadinhas de êxtase.

Pouco depois, apareceu Jo, orgulhosamente segurando uma trouxa de flanela colocada em cima de um grande travesseiro. O rosto de Jo estava muito sério, mas seus olhos cintilavam, e havia um som estranho em sua voz, algum tipo de emoção contida.

— Feche os olhos e estenda os braços — disse ela, em tom convidativo.

Laurie recuou precipitadamente para um canto e pôs as mãos atrás do corpo, fazendo um gesto de súplica:

— Não, obrigado. Prefiro não fazer isso. Vou deixar ele cair, ou machucá-lo, com certeza.

— Então você não verá seu sobrinho — disse Jo, com um tom decidido, enquanto se virava, como se fosse embora.

— Quero ver! Quero ver! Mas você é responsável pelos danos causados.

E, obedecendo às ordens, Laurie, heroicamente, fechou os olhos, enquanto alguma coisa era colocada em seus braços. Uma explosão de risadas de Jo, Amy, da Sra. March, de Hannah e John fez com que ele abrisse os olhos, no minuto seguinte, e se visse com dois bebês nos braços, em vez de um.

Não era de espantar que rissem, porque a expressão de seu rosto era engraçada o suficiente para abalar um Quacre, enquanto ele estava ali em pé, perplexo, olhando os pequenos inocentes e os espectadores que morriam de rir; tal era seu pasmo que Jo sentou-se no chão e berrou.

— Gêmeos, meu Deus do céu! — foi apenas o que ele disse, por um minuto e, depois, virando-se para as mulheres, com uma expressão suplicante, comicamente digna de dó, acrescentou: — Alguém pegue essas crianças, depressa! Vou rir e eles vão cair!

John resgatou seus bebês e marchou de um lado para outro, com um em cada braço, como se já estivesse iniciado nos mistérios da criação de recém-nascidos, enquanto Laurie ria até as lágrimas escorrerem por suas faces.

— É a melhor piada da temporada, não? Não quis que contassem a você, porque decidi lhe fazer uma surpresa e estou satisfeita de ter conseguido —

disse Jo quando recuperou o fôlego.

— Nunca fiquei tão espantado em toda a minha vida. Não é engraçado?

São meninos? Que nomes vão dar a eles? Vamos dar outra olhada. Me segure, Jo, porque, meu Deus, dois é demais para mim — disse Laurie, olhando para os bebês com o ar de um grande e benevolente Terra Nova olhando para um par de gatinhos recém-nascidos.

— Menino e menina. Não são lindos? — perguntou o orgulhoso papai, sorrindo para as criancinhas vermelhas, que se contorciam como se fossem verdadeiros anjos implumes.

— As crianças mais maravilhosas que já vi. Qual é o menino, e qual a menina? — e Laurie curvou-se, como uma cegonha, para examinar os prodígios.

— Amy pôs uma fita azul no menino e uma cor-de-rosa na menina. É assim que fazem os franceses, para distinguir os meninos das meninas. Além, disso, um deles tem olhos azuis e o outro, castanhos. Beije seus sobrinhos, tio Teddy — disse a travessa Jo.

— Estou com medo de que não gostem — começou Laurie, com uma timidez incomum nessas questões.

— Claro que vão gostar... agora já estão acostumados. Beije logo, senhor!

— ordenou Jo, com medo que ele pudesse propor algum substituto.

Laurie torceu o rosto e obedeceu, dando um rápido beijinho em cada bochechinha, que provocou outra gargalhada e fez os bebês soltarem gritos agudos.

— Olhe aí, sabia que eles não iam gostar! Este é o menino, veja como ele chuta e movimenta os punhos como quem sabe dar socos. Escute aqui, jovem Brooke, quer fazer o favor de ir bater em alguém do seu próprio tamanho? — exclamou Laurie, encantado com o murro que recebeu no rosto, dado por um minúsculo punho que se agitava de um lado para outro.

— Ele vai se chamar John Laurence, e a menina Margaret, como sua mãe e avó. Vamos chamá-la Daisy, para não ter duas Megs, e acho que o rapazinho será Jack, a não ser que se encontre um nome melhor — disse Amy, com um jeito de titia.

— Ponham o nome dele Demijohn e o apelido de “Demi” — disse Laurie.

— Daisy e Demi; está perfeito! Eu sabia que Teddy ia resolver tudo — exclamou Jo, batendo palmas.

Teddy sem dúvida resolveu, daquela vez, porque os bebês foram mesmo chamados de “Daisy” e “Demi”.

Capítulo 29

Visitas

— Vamos, Jo, está na hora.

— De quê?

— Não me diga que se esqueceu de ter prometido fazer meia dúzia de visitas comigo, hoje.

— Já fiz uma porção de coisas imprudentes e tolas em minha vida, mas acho que nunca fui suficientemente louca para dizer que faria seis visitas no mesmo dia, quando uma única me deixa perturbada durante uma semana.

— Sim, você foi, fizemos um acerto. Eu deveria terminar para você o esboço de Beth e você iria comigo, bem direitinha, e retribuiria as visitas dos nossos vizinhos.

— O tempo estava bom — isto fazia parte do acerto; e eu atendo aos seus termos ao pé da letra. Há uma porção de nuvens a leste, o tempo não está bom e eu não vou.

— Ora, você está fugindo à palavra dada. O dia está lindo, não há a menor perspectiva de chuva e você se orgulha de manter suas promessas; então, seja honesta e venha cumprir seu dever, depois ficará em paz durante mais seis meses.

Naquele minuto, Jo estava particularmente absorvida costurando roupa; ela era a chefe geral da costura de mantôs da família e tinha um crédito especial por ser capaz de usar uma agulha tão bem quanto uma pena. Era muito irritante ser interrompida exatamente no ato da primeira prova, com ordens

para fazer visitas, usando seu melhor traje, num dia quente de julho. Detestava visitas formais; jamais as fazia, até Amy a forçar, com algum trato, suborno ou promessa. No caso presente, não havia escapatória; e, tendo batido com sua tesoura, num gesto rebelde, e protestando que ia trovejar, ela cedeu, guardou o trabalho e, pegando seu chapéu e as luvas, com um ar de resignação, disse a Amy que a vítima estava pronta.

— Jo March, você é teimosa o suficiente para irritar um santo! Não pretende fazer visitas desse jeito, espero! — exclamou Amy, examinando-a cheia de espanto.

— Por que não? Estou limpa, fresca e confortável, bem adequada para uma caminhada no meio da poeira num dia quente. Se as pessoas se importam mais com as roupas do que comigo, não quero vê-las. Você pode vestir roupas bonitas o bastante para nós duas e ficar tão elegante quanto quiser: vale a pena para você se apresentar desse jeito; para mim não, e os babados só me aborrecem.

— Ah, meu Deus — suspirou Amy — , agora está com um verdadeiro acesso de teimosia e me deixará maluca, sem conseguir fazer com que se apronte de maneira conveniente. Claro que não é prazer nenhum para mim ir hoje, mas é uma dívida que devemos à sociedade, e não há ninguém para pagá-la a não ser você e eu. Farei qualquer coisa por você, Jo, basta se vestir

de uma maneira conveniente e me ajudar a ser cortês. Você sabe falar tão bem, fica tão aristocrática quando usa suas melhores roupas e, quando tenta, comporta-se tão maravilhosamente que sinto orgulho de você. Tenho medo de ir sozinha; venha também e tome conta de mim.

— Você é uma garotinha muito esperta, lisonjeando e engabelando desse jeito sua velha irmã rabugenta. Mas que idéia é essa, de eu ser aristocrática e bem-educada e de você ter medo de ir a alguma parte sozinha! Não sei o que é mais absurdo. Ora, irei, se é preciso, e farei o que puder. Você será a comandante da expedição e eu obedecerei cegamente; será que isso a deixará satisfeita? — perguntou Jo, com uma repentina mudança da teimosia para a submissão de um cordeirinho.

— Você é um verdadeiro anjinho! Agora, vista sua melhor roupa e eu lhe ensinarei como se comportar, em cada lugar, para você causar uma boa impressão. Quero que as pessoas gostem de você, e gostarão, basta tentar ser um pouquinho mais simpática. Faça um penteado bonito, ponha a rosa cor-de-rosa em seu gorro; assim fica bem, você tem um aspecto sério demais com seu vestido simples. Leve suas luvas mais finas e o lenço bordado. Vamos passar em casa de Meg e pegar emprestada sua sombrinha branca; depois você pode ficar com a minha cinzenta.

Enquanto Amy se vestia ia dando ordens, e Jo obedecia, mas não sem

protestos; suspirou ao se enfiar em seu vestido novo de organdi, todo farfalhante; e franziu a testa sombriamente, para si mesma, enquanto amarrava os cordões do gorro com um laço perfeito; lutou violentamente com os alfinetes, enquanto colocava o colarinho; franziu o rosto inteiro, sacudindo o lenço, cujo bordado era tão irritante para seu nariz quando a presente missão para os seus sentimentos; e, depois de comprimir as mãos dentro das luvas apertadas, com três botões e uma borla, como o último toque de elegância, virou-se para Amy, com uma expressão imbecil no rosto, e disse meigamente: — Estou completamente infeliz, mas se você me considera apresentável, então morro satisfeita.

— Você está altamente satisfatória; vire-se devagar e deixe-me dar uma olhada, com cuidado. — Jo fez a volta e Amy deu um retoque aqui e acolá, depois recuou, com a cabeça inclinada para um lado, e então comentou afavelmente: — Sim, você está ótima; sua cabeça está uma maravilha, porque esse gorro branco com a rosa é lindíssimo. Levante os ombros e movimente as mãos com leveza, por mais que as luvas incomodem. Se há uma coisa que você sabe fazer bem, Jo, é usar um xale — eu não sei; mas é muito bom ver você, e estou tão satisfeita por tia March ter lhe dado aquele, lindo; é simples, mas elegante, e aquelas pregas em cima do braço ficam realmente artísticas. Será que a ponta da minha capa está no meio e eu suspendi meu vestido por

igual? Gosto de mostrar minhas botas, porque meus pés são bonitos, embora meu nariz não seja.

— Você é um objeto belo e uma alegria para sempre — disse Jo, olhando através da mão, com um ar de conhecedora, para a pena azul contra o cabelo dourado. — Devo arrastar meu melhor vestido pela poeira ou também suspendê-lo? Quer fazer o favor de me dizer, madame?

— Levante-o quando caminhar, mas deixe-o cair dentro de casa; vestido comprido é o que fica melhor em você; então deve aprender a arrastar graciosamente suas saias. Você não acabou de abotoar um dos punhos de suas mangas, abotoe logo. Jamais parecerá bem arrumada, se não tiver cuidado com os pequenos detalhes, porque são eles que compõem um todo agradável.

Jo suspirou e começou a abrir com força os botões de sua luva, enquanto abotoava os do punho; mas, finalmente, as duas moças ficaram prontas e saíram deslizando, tão bonitas quanto “quad’os”, disse Hannah, enquanto abria a janela do andar de cima para observá-las.

— Ora, Jo, querida, os Chesters se consideram pessoas muito elegantes, então quero que você se comporte da melhor maneira possível. Não faça nenhum dos seus habituais comentários bruscos nem qualquer coisa estranha, está bem? Fique calma, tranqüila, silenciosa. É mais seguro e assim agem as

damas; você pode ficar assim, facilmente, durante quinze minutos — disse Amy, enquanto se aproximavam da primeira casa, depois de tomarem emprestada a sombrinha branca e serem examinadas por Meg, que carregava um bebê em cada braço.

— Deixe-me ver. “Calma, tranqüila e silenciosa” — sim, acho que posso prometer isso. Já fiz, no palco, o papel de uma jovem cerimoniosa e tentarei de novo. Meu talento é grande, então fique tranqüila, criança.

Amy pareceu aliviada, mas a teimosa Jo levou-a ao pé da letra porque, durante a primeira visita, ficou sentada com todos os membros do corpo em posição composta e graciosa, todas as dobras de seu vestido cuidadosamente arrumadas, calma como o mar no verão, fria como um monte de neve e tão silenciosa quanto uma esfinge. Em vão a Sra. Chester referiu-se ao seu “romance encantador” e as senhoritas Chester falaram de festas, piqueniques, da ópera e da moda; a resposta foi sempre um sorriso, uma curvatura e um recatado “Sim”, ou “Não”, com a mesma frieza. Em vão Amy telegrafou a palavra “fale”, tentou fazer com que se manifestasse e aplicou-lhe disfarçadas cutucadas com o pé. Jo ficou ali sentada como se estivesse suavemente inconsciente daquilo tudo, com um comportamento parecido com o do rosto de Maud, “gelidamente regular, esplendidamente nulo”.

— Que criatura arrogante e pouco interessante é essa Srta. March mais

velha! — foi o comentário infelizmente audível de uma das senhoras, quando a porta se fechou, à saída das visitas. Jo riu ruidosamente enquanto atravessava o saguão, mas Amy pareceu aborrecida com o fracasso de suas instruções e, muito naturalmente, pôs a culpa em Jo.

— Como pôde você entender tão mal o que eu disse? Só queria que se apresentasse digna e composta, de uma maneira correta, e você se transformou numa verdadeira pedra. Tente ser sociável em casa dos Lambs, converse sobre mexericos, como fazem as outras meninas, e mostre-se interessada em roupas, namoros ou qualquer outra tolice que aparecer na conversa. Eles freqüentam a melhor sociedade, são pessoas que vale a pena conhecermos e por nada deste mundo eu desejaria deixar de causar lá uma boa impressão.

— Vou ser simpática; conversarei sobre mexericos e soltarei risadinhas, manifestarei horror e êxtase diante de qualquer tolice que você quiser. Até me divirto com isso e agora imitarei o que as pessoas chamam de “uma menina encantadora”; posso fazer isso, porque tenho May Chester como modelo e minha imitação será melhorada. Veremos se os Lambs não dirão: “Que criatura animada e simpática é essa Jo March.”

Amy ficou cheia de ansiedade, porque Jo, quando se entregava aos seus caprichos, não se podia prever onde iria parar. O rosto de Amy manifestou

intensa atenção, quando viu a irmã deslizar para dentro da próxima sala de visitas, beijar todas as moças com efusão, sorrir amavelmente para os jovens cavalheiros e entrar na conversa com uma vivacidade que espantava o observador. A Sra. Lamb tomou conta de Amy, que era sua favorita, e ela foi obrigada a ouvir um longo relato do último ataque de Lucrécia, enquanto três encantadores jovens cavalheiros rondavam nas imediações, esperando por uma pausa, para então se aproximarem correndo. Com esta localização, ela estava sem condições de controlar Jo, que parecia possuída por um espírito travesso, e falava tão voluvelmente quanto a velha senhora. Havia uma aglomeração de cabeças em torno dela, e Amy aguçou os ouvidos para escutar o que se passava, porque frases pela metade enchiam-na de alarma, olhos arregalados e mãos erguidas a atormentavam de curiosidade e freqüentes explosões de riso deixavam-na louca para participar do divertimento. Pode-se imaginar seu sofrimento ao escutar pelo alto fragmentos deste tipo de conversa:

— Ela cavalga maravilhosamente. Quem ensinou?

— Ninguém. Ela costumava praticar montaria segurando as rédeas e se sentando muito tesa numa velha sela, numa árvore. Agora, cavalga tudo, porque não sabe o que é medo e o cavalariaço deixa que ela monte o que quiser, bem barato, porque ela os treina tão bem para conduzirem senhoras.

Ela tem tal paixão por isso que eu, muitas vezes, lhe digo que, se todo o resto falhar, ela pode ser uma domadora de cavalos e ganhar a vida desta maneira. Diante dessa terrível declaração, Amy se conteve com dificuldade, porque a impressão que estava sendo dada era de que ela era uma moça algo audaciosa, e nada a desagradava tanto quanto isso. Mas, o que poderia ela fazer? Porque a velha senhora estava no meio de sua história, e, muito antes que ela terminasse, lá continuava Jo, fazendo mais revelações engraçadas e cometendo erros ainda mais terríveis.

— Sim, Amy estava desesperada, aquele dia, porque todos os bons animais tinham saído e, dos três que ficaram, um era manco, outro cego e o terceiro tão empacador que era preciso pôr lama em sua boca para ver se ele saía do lugar. Que belo animal para um passeio, não?

— E qual foi o que ela escolheu? — perguntou um dos risonhos cavalheiros, que se divertia com o assunto.

— Nenhum deles. Ela ouviu falar de um cavalo novo, na fazenda do outro lado do rio; e, embora nunca tivesse sido montado por uma mulher, ela decidiu tentar, porque era bonito e cheio de vivacidade. Seus esforços foram realmente patéticos: não havia ninguém para selar o cavalo, então ela levou a sela até o cavalo. Pobre querida, na verdade ela atravessou o rio de barco, remando, com a sela, colocou-a na cabeça e foi até o celeiro, para profundo espanto do velho!

— Ela montou no cavalo?

— Claro que sim, e foi ótimo. Pensei que iam trazê-la de volta para casa aos pedaços, mas ela conteve perfeitamente o cavalo e animou o passeio.

— Ora, mas como ela é corajosa! — e o jovem Sr. Lamb lançou uma olhada aprovadora para Amy, imaginando o que poderia estar sua mãe dizendo para deixar a moça tão vermelha e constrangida.

Ainda ficou mais vermelha e constrangida um momento depois, quando uma virada repentina da conversa introduziu o assunto vestuário. Uma das moças perguntou a Jo onde ela conseguira o bonito tecido de lã que usava no piquenique, e a estúpida Jo, em vez de mencionar o lugar onde fora comprado, há dois anos, respondeu, com desnecessária franqueza:

— Ah, Amy o pintou. Não existem à venda aqueles tons suaves, então pintamos os nossos, do tom que queremos. É uma coisa ótima ter uma irmã artista.

— Não é uma idéia original? — exclamou a Srta. Lamb, que achava Jo muito engraçada.

— Isso não é nada em comparação com algumas de suas brilhantes realizações. Não há nada que essa menina não saiba fazer. Ora, ela queria um par de botas azuis para a festa de Sallie, então simplesmente pintou as brancas, sujas, que tinha, com o tom mais lindo de azul-celeste que já se viu, e

ninguém diria que não era de cetim — acrescentou Jo, com um ar de orgulho pelas proezas da irmã, o que irritou Amy a ponto de ela sentir que seria um alívio jogar em cima dela sua carteira.

— Lemos uma história sua, outro dia, e gostamos muito — comentou a mais velha das senhoritas Lamb, desejando parabenizar a dama literata, que, até aquele momento, era preciso admitir, não se encaixava muito nesta imagem.

Qualquer menção às suas “obras” sempre afetava Jo, que ficava toda rígida, com um ar ofendido, ou então mudava de assunto, com um comentário brusco, como fez naquele momento.

— Lamento que não tenha encontrado nada melhor para ler. Escrevo aquele lixo porque vende, e as pessoas comuns gostam. Vai para Nova York este inverno?

Como a Srta. Lamb “gostara” da história, esta declaração não era exatamente agradecida ou congratulatória. No instante em que foi feita, Jo percebeu seu erro, mas, temendo piorar as coisas, lembrou-se de repente que cabia a ela fazer o primeiro movimento de partida, e fez isso com uma brusquidão que deixou três pessoas no meio de frases que ficaram inacabadas.

— Amy, precisamos ir. Até logo, querida, apareça sem falta para nos visitar;

estamos loucas por uma visita. Não ousou convidá-lo, Sr. Lamb, mas, se quiser aparecer, acho que não teremos coragem de mandá-lo embora.

Jo disse isso com uma imitação tão engraçada do estilo efusivo de May Chester que Amy saiu da sala tão rapidamente quanto pôde, sentindo, ao mesmo tempo, uma vontade forte de rir e de chorar.

— Não me saí bem? — perguntou Jo, com um ar satisfeito, enquanto se afastavam.

— Não poderia ter sido pior — foi a esmagadora resposta de Amy. — Que foi que deu em você para contar aquelas histórias sobre minha sela, os chapéus e sapatos, e todo o resto daquela conversa?

— Ora, é engraçado, diverte as pessoas. Eles sabem que somos pobres, então não adianta fingir que temos criados, compramos três ou quatro chapéus por temporada e temos tantas coisas e tão bonitas quanto as que eles têm.

— Você não precisa ir contar a eles todos os nossos pequenos expedientes, e expor nossa pobreza daquela maneira perfeitamente desnecessária. Você não tem um mínimo do orgulho que deveria ter, e jamais aprenderá quando deve ficar calada ou falar — disse Amy desesperada.

A pobre Jo fez uma expressão desconcertada e, em silêncio, esfregou a ponta do nariz com o lenço duro, como se cumprisse uma penitência por sua má conduta.

— Como devo me comportar aí? — perguntou ela ao se aproximarem da terceira mansão.

— Como quiser. Lavo minhas mãos com relação a você — foi a resposta ríspida de Amy.

— Então vou me divertir. Os rapazes estão em casa e a conversa vai ser boa. Só Deus sabe como preciso de uma mudança, porque a elegância não faz bem à minha constituição — respondeu Jo, mal-humoradamente, perturbada com sua incapacidade de se adaptar às circunstâncias.

Uma recepção entusiástica dos três meninos crescidos e de várias crianças bonitas acalmou rapidamente seus sentimentos feridos, e, deixando Amy conversar com a anfitriã e com o Sr. Tudor, que também estava de visita, Jo dedicou-se ao pessoal jovem e achou a mudança reconfortante. Ouviu as histórias sobre a universidade com profundo interesse acariciou pointers e poodles sem uma queixa, concordou, entusiasticamente, que “Tom Brown é um grande cara”, apesar da forma imprópria de elogio; e, quando um garoto propôs uma visita ao seu tanque de tartarugas, ela foi, com um entusiasmo que fez a mãe sorrir dela, enquanto aquela maternal dama ajeitava o gorro, deixado em péssimas condições pelos abraços filiais, que pareciam de ursos, mas eram afetuosos e mais valiosos para ela do que o mais impecável penteado feito pelas mãos de uma francesa inspirada.

Deixando a irmã entregue aos seus próprios estratagemas, Amy divertiu-se a seu gosto. O tio do Sr. Tudor casara-se com uma senhora inglesa que era prima em terceiro grau de um lorde ainda vivo, e Amy encarava toda a família com grande respeito porque, apesar de seu nascimento e criação americanos, tinha aquela reverência pelos títulos que obceca os melhores entre nós — uma inconsciente lealdade à antiga fé nos reis que, alguns anos atrás, agitou a nação mais democrática existente sob o sol, ao aqui chegar um louro rapazinho da realeza, e que tem também algo a ver com o amor do país jovem pelo velho, como o de um filho crescido por uma imperiosa mãezinha que o segurou enquanto pôde e deixou-o partir, com uma repreensão de despedida, quando ele se rebelou. Mas, mesmo a satisfação de conversar com um parente distante da nobreza britânica não fez Amy esquecer-se das horas, e, transcorrido o número adequado de minutos, ela se afastou relutante dessa companhia aristocrática e olhou em torno, à procura de Jo, esperando ardentemente que sua incorrigível irmã não fosse encontrada em alguma situação capaz de fazer cair em desgraça o nome dos March.

Poderia ser pior, mas Amy considerou a situação ruim; porque Jo estava sentada na grama, com um bando de rapazes acampados em torno dela, e um cachorro de pés sujos repousando na saia de seu festivo vestido de gala, enquanto ela contava uma das travessuras de Laurie para a embevecida

platéia. Uma criança pequena cutucava as tartarugas com a querida sombrinha de Amy, uma segunda comia pão de mel em cima do melhor gorro de Jo e a terceira jogava bola com suas luvas. Mas todos se divertiam e, quando Jo recolheu, para ir embora, suas propriedades danificadas, sua escolta a seguiu, suplicando-lhe para voltar:

— Foi tão divertido ouvir contar as travessuras de Laurie!

— Meninos ótimos, não são? Me sinto novamente muito jovem e animada, depois disso — disse Jo, caminhando com as mãos atrás das costas, em parte por hábito e em parte para esconder a suja sombrinha.

— Por que você sempre evita o Sr. Tudor? — perguntou Amy, deixando, sabiamente, de fazer qualquer comentário sobre a aparência desarrumada de Jo.

— Não gosto dele, tem uns ares de importância, despreza as irmãs, preocupa o pai e não fala respeitosamente da mãe. Laurie diz que ele é um estróina, e eu não o considero um relacionamento desejável; então prefiro deixá-lo em paz.

— Você poderia tratá-lo cortesmente, pelo menos. Fez um frio aceno com a cabeça para ele e, agora mesmo, curvou-se e sorriu da maneira mais cortês possível para Tommy Chamberlain, cujo pai é dono de uma mercearia. Se esse aceno de cabeça e essa curvatura fossem ao contrário, então seria correto —

disse Amy reprovadoramente.

— Não, não seria — respondeu a teimosa Jo — porque não gosto de Tudor, não o respeito nem admiro, embora a sobrinha do sobrinho do tio do avô dele fosse prima terceira de um lorde. Tommy é pobre, acanhado, bom e muito inteligente. Tenho uma boa opinião dele e gosto de mostrar-lhe isso, porque ele é um cavalheiro, apesar dos pacotes embrulhados em papel marrom.

— Não adianta discutir com você — começou Amy.

— Não adianta mesmo, querida. — interrompeu Jo — Então, vamos ficar com um aspecto amistoso e deixar um cartão aqui, porque os Kings, evidentemente, saíram e estou satisfeitiíssima com isso.

O cartão da família tendo sido utilizado a contento, as meninas continuaram a caminhar, e Jo proferiu outras palavras de agradecimento quando, ao chegarem à quinta casa, foram informadas de que as moças tinham um compromisso.

— Agora vamos para casa e esqueça tia March hoje. Podemos correr para lá a qualquer hora, e é realmente uma pena nos arrastarmos na poeira, usando nossos melhores vestidos, quando estamos cansadas e zangadas.

— É o que você acha, mas não sou da mesma opinião. Titia gosta quando lhe prestamos a homenagem de ir à sua casa bem arrumadas, fazendo uma

visita formal; é apenas uma coisinha sem importância para nós, mas lhe dá prazer e não acredito que vá danificar suas roupas mais do que deixar cachorros sujos e bandos de meninos acabarem com elas. Curve-se e deixe que eu tire as migalhas de pão do seu gorro.

— Que menina boazinha você é, Amy! — disse Jo, dando uma olhada arrependida em seu próprio vestido estragado e outra no de sua irmã, que ainda estava em perfeitas condições, sem uma mancha.

— Gostaria que fosse tão fácil para mim quanto é para você fazer pequenos gestos para agradar as pessoas. Sinto vontade de ser assim, mas tudo isso me toma muito tempo; então, espero uma oportunidade de fazer um grande favor, e deixo escapar as outras ocasiões menos importantes; mas acho que elas acabam, no final, sendo mais valiosas.

Amy sorriu e, imediatamente, abrandou-se, dizendo com um ar maternal:

— As mulheres deviam aprender a serem agradáveis, principalmente as que são pobres, porque não têm nenhuma outra maneira de pagar as gentilezas que recebem. Se você se lembrar disso e praticar, gostarão mais de você do que de mim, porque você tem mais para oferecer.

— Sou uma velha rabugenta e sempre serei, mas estou pronta a admitir que você tem razão, só que é mais fácil para mim arriscar minha vida por uma pessoa do que ser agradável com ela, quando não estou com vontade. É uma

grande infelicidade ter gostos e aversões tão fortes, não?

— Maior ainda é não ser capaz de esconder isso. Não me importo de dizer que não aprovo Tudor mais do que você, mas não me sinto obrigada a dizer o que penso; você também não é, e de nada adianta mostrar-se desagradável pelo fato de ele ser.

— Mas acho que as moças deviam manifestar sua desaprovação pelos rapazes, quando é o caso, e como podem fazer isso, a não ser através do seu comportamento? Fazer sermões de nada adianta, bem sei, infelizmente, porque tive de lidar com Teddy, mas há muitas pequenas maneiras através das quais posso influenciá-lo sem dizer uma palavra, e acho que devemos fazer isso com os outros, se pudermos.

— Teddy é um rapaz notável e não pode ser comparado com os outros — disse Amy, num tom de solene convicção que teria abalado o “rapaz notável” se ele ouvisse. — Se nós fôssemos beldades, ou ricas, de posição social, poderíamos fazer alguma coisa, talvez; mas, para nós, franzir a testa para um grupo de jovens cavalheiros, porque nós não os aprovamos, e sorrir para outro grupo, porque os aprovamos, desta vez não vai ter o mínimo efeito, e só seríamos consideradas excêntricas e puritanas.

— Então devemos apoiar coisas e pessoas que detestamos, simplesmente porque não somos beldades nem milionárias? É isso que você acha? Mas que

idéia maravilhosa de moral.

— Não posso discutir isso; só sei que o mundo é assim e as pessoas que se colocam contra isso acabam ridicularizadas por seus esforços. Não gosto de reformadores e espero que você não tente nunca ser uma.

— Eu gosto deles e serei uma, se puder; porque, apesar das zombarias, o mundo não vai nunca acabar com eles. Não podemos concordar quanto a isso, porque você está do lado das pessoas antigas, e eu, das novas: você conseguirá o melhor, mas eu me divertirei mais. Acho que prefiro as pedradas e vaías.

— Ora, agora se controle e não preocupe titia com suas idéias novas.

— Vou tentar não preocupar, mas, diante dela, fico sempre a ponto de explodir e soltar alguma declaração bem agressiva, ou manifestar algum sentimento revolucionário; é a minha sina e não posso escapar dela.

Encontraram tia Carrol com a velha senhora, ambas absorvidas em algum assunto muito interessante, mas pararam de falar quando as meninas entraram, com uma expressão contrafeita que mostrava que estavam conversando sobre suas sobrinhas. Jo não estava de bom humor e o acesso de teimosia voltou, mas Amy, que cumprira virtuosamente seu dever, refreara seu gênio e agradara todo mundo: achava-se num estado de espírito profundamente angelical. Esse estado de espírito amável foi captado

imediatamente, as duas tias trataram-na da forma mais afetuosa, observando o que depois disseram, enfaticamente: “Essa menina melhora a cada dia.”

— Você vai ajudar na feira, querida? — perguntou tia Carrol, quando Amy se sentou a seu lado, com aquele ar confiante que as pessoas mais velhas apreciam tanto nos jovens.

— Sim, titia. A Sra. Chester me perguntou se eu queria e me ofereci para tomar conta de uma mesa, já que não tenho outra coisa para oferecer a não ser meu tempo.

— Eu, não — interrompeu Jo, cheia de decisão. — Detesto ser tratada com condescendência, e os Chesters acham que é um grande favor nos deixarem ajudar em sua feira de gente chique. Nem sei como é que você aceitou, Amy, só querem seu trabalho.

— Estou com vontade de trabalhar: é para os libertos da escravidão, do mesmo modo que é para os Chesters, e acho que é muita generosidade deles deixarem que eu partilhe do trabalho e do divertimento. A condescendência não me incomoda quando é bem-intencionada.

— Inteiramente correto e adequado. Gosto do seu espírito agradecido, minha querida; é um prazer ajudar quem aprecia nossos esforços: algumas pessoas não são assim, o que é muito irritante — comentou tia March, olhando por cima dos seus óculos para Jo, que estava sentada à parte, balançando-se,

com uma expressão algo soturna.

Se Jo simplesmente soubesse que grande felicidade estava acenando, na balança, para uma delas duas, se mostraria muito doce num instante; mas não temos maneiras de saber o que se passa na mente de nossos amigos; de modo geral, isto é melhor para nós, mas, de vez em quando, seria um conforto tão grande, nos pouparia tanta perda de tempo e aborrecimentos. Com a declaração seguinte, Jo privou-se de vários anos de prazer e recebeu uma oportuna lição da arte de calar a boca.

— Não gosto de favores, eles me oprimem e me fazem sentir como uma escrava. Prefiro fazer tudo por mim mesma e ser perfeitamente independente.

— Hmm, hmm! — pigarreou tia Carrol, baixinho, dando uma olhada em tia March.

— Eu lhe disse isso, falou tia March, com um decidido aceno de cabeça para tia Carrol.

Felizmente sem perceber o que havia feito, Jo ficou ali sentada, com o nariz para o ar e uma expressão revolucionária que era tudo menos sedutora.

— Você fala francês, querida? — perguntou a Sra. Carrol, colocando sua mão na de Amy.

— Falo bem, graças a tia March, que deixa Esther me ensinar todas as vezes que quero — respondeu Amy, com um olhar agradecido que fez a velha

senhora sorrir afavelmente.

— E você, como vai com o aprendizado de línguas? — perguntou a Sra.

Carrol a Jo.

— Não sei uma só palavra. Sou muito estúpida para estudar alguma coisa; não suporto francês, é uma língua tão escorregadia e tola — foi a ríspida resposta.

As senhoras trocaram outro olhar, e tia March disse a Amy:

— Você está bastante forte e passando bem, agora, querida, não é? Não está mais com nenhum problema nos olhos, não?

— De forma nenhuma, obrigada, senhora. Estou muito bem e pretendo fazer grandes coisas, no próximo inverno, para estar preparada a ir a Roma, quando chegar essa maravilhosa ocasião.

— Que boa menina! Você merece ir, e tenho certeza de que irá algum dia

— disse tia March, com uma palmadinha aprovadora na cabeça de Amy, enquanto a moça pegava para ela seu bolo de lã.

Sua ranzinza, puxe o trinco,

Sente-se junto do fogo e vá fiar,

gritou Polly, curvando-se do seu poleiro, nas costas de sua cadeira, para

espiar o rosto de Jo, com um ar tão cômico de indagação impertinente que foi impossível deixar de rir.

— Mas que pássaro tão observador — disse a velha senhora.

— Quer ir dar um passeio, querida? — gritou Polly, pulando com uma perna só em direção ao armário de louça, com um olhar que fazia pensar num torrão de açúcar.

— Obrigada, eu vou. Vamos, Amy. — E Jo encerrou a visita, sentindo mais fortemente do que nunca que a visitação não lhe fazia bem nenhum.

Apertou as mãos, com um jeito masculino, mas Amy beijou as duas tias e as meninas foram embora, deixando atrás de si uma impressão de sombra e sol, impressão que fez tia March dizer, quando desapareceram:

— É melhor fazer isso mesmo, Mary, eu darei o dinheiro.

E tia Carrol responder, em tom decidido:

— Não tenha dúvidas de que farei, se o pai e a mãe dela consentirem.

Capítulo 30

Conseqüências

A feira da Sra. Chester era tão elegante e selecionada que as moças das vizinhanças consideravam uma grande honra serem convidadas para se encarregarem de uma mesa, e todas ficaram muito interessadas no evento.

Amy foi convidada, mas Jo não, o que foi vantajoso para todas as partes, porque ela andava investindo decididamente contra tudo e contra todos, naquele período de sua vida, e foram necessários muitos golpes para lhe

ensinar uma atitude menos agressiva. Aquela “criatura arrogante e chata” foi deixada sozinha, severamente, mas o talento e o gosto de Amy receberam o devido reconhecimento com a oferta da mesa de arte, e ela se empenhou a fundo em preparar e garantir contribuições apropriadas e valiosas.

Tudo correu tranqüilamente, até a véspera da abertura da feira, quando ocorreu uma das pequenas brigas quase impossíveis de evitar quando cerca de vinte e cinco mulheres, velhas e jovens, com todos os seus melindres e preconceitos particulares, tentam trabalhar juntas.

May Chester tinha certa inveja de Amy, porque esta era muito mais apreciada do que ela, e, exatamente naquela ocasião, várias pequenas circunstâncias contribuíram para aumentar essa sensação. O requintado trabalho a bico de pena de Amy ofuscou inteiramente os vasos pintados de May — este foi um dos espinhos; depois, o Tudor, que a todos encantava, havia dançado quatro vezes com Amy, na última festa, e apenas uma com May — este foi o espinho número dois; mas a queixa principal, que lhe amargurava a alma e serviu-lhe como desculpa para sua conduta pouco amistosa, foi um boato contado a ela por alguma linguaruda serviçal, o de que as meninas March tinham feito troça à sua custa, na casa dos Lambs. Toda a culpa deveria recair em Jo, porque sua maliciosa imitação fora realista demais para não ser descoberta, e os brincalhões Lambs permitiram que se soubesse da

brincadeira. Mas nenhuma indicação nesse sentido chegara às culpadas, e pode-se imaginar o pasmo de Amy quando, justamente na noite anterior à feira, enquanto ela dava os últimos retoques em sua bonita mesa, a Sra. Chester que, claro, ressentia-se com a suposta zombaria a sua filha, disse, com um tom de voz amável, mas um olhar frio:

— Acho, querida, que as moças estão um tanto aborrecidas por eu dar esta mesa a outra pessoa que não a minhas filhas. Como esta é a mesa mais destacada e algumas pessoas dizem que é a mais atraente de todas, e elas são as principais promotoras da feira, foi considerado mais adequado que elas ocupem este lugar. Sinto muito, mas sei que você está interessada demais na causa para levar em conta um pequeno desapontamento pessoal, e ficará com outra mesa, se quiser.

A Sra. Chester imaginara, antes, que seria fácil fazer este pequeno discurso, mas, quando chegou a hora, achou bastante difícil dizer as palavras com naturalidade, tendo diante dela os olhos confiantes de Amy a observá-la bem de frente, cheios de surpresa e preocupação.

Amy sentiu que havia alguma coisa por trás disso, mas não podia adivinhar o quê, e disse, tranqüilamente, magoada e demonstrando sua mágoa:

— Será que não prefere que eu fique sem nenhuma mesa?

— Ora, querida, não fique aborrecida, eu lhe peço; é simplesmente uma

questão de propriedade, entende? Minhas filhas assumirão naturalmente a liderança, e essa mesa é considerada o melhor lugar para elas. Acho que a mesa é muito apropriada para você e estou muito grata por seus esforços para torná-la tão bonita; mas precisamos abrir mão dos nossos desejos particulares; e providenciarei para que você fique com um bom lugar em outra parte. Não gostaria da mesa de flores? As meninas pequenas ficaram com ela, mas estão desanimadas. Você poderia transformá-la num lugar encantador, e a mesa de flores é sempre atraente, sabe.

— Especialmente para os cavalheiros — acrescentou May, com um olhar que esclareceu Amy sobre um dos motivos de ter caído de repente no desfavor das Chester. Ela corou, cheia de raiva, mas não deu nenhum outro sinal de estar sendo atingida por aquele sarcasmo infantil, e respondeu com inesperada amabilidade:

— Fico onde lhe agradar, Sra. Chester. Desisto imediatamente do meu lugar aqui e cuidarei das flores, se assim prefere.

— Você pode colocar suas próprias coisas em sua mesa, se quiser — falou May, sentindo uma certa dor de consciência ao olhar para os belos suportes, conchas pintadas e graciosas iluminuras que Amy fizera com tanto cuidado e arrumara de forma tão graciosas. A intenção era boa, mas Amy entendeu mal suas intenções e disse, depressa:

— Ah, claro, se estão atrapalhando você — e, colocando suas contribuições no avental, de cambulhada, afastou-se, sentindo que ela e seus trabalhos artísticos haviam sido insultados de uma forma que não admitia perdão.

— Agora ela está furiosa. Ah, meu Deus, desejaria não ter pedido a você para falar nada, mamãe — disse May, com um ar desconsolado, diante dos espaços vazios em sua mesa.

— As brigas das moças acabam logo — respondeu a mãe, sentindo-se um pouco envergonhada pela parte que ela própria desempenhara naquela, como de fato devia estar.

As meninas saudaram Amy e seus tesouros com entusiasmo, e a recepção cordial, de alguma forma, acalmou seu espírito perturbado e ela se pôs a trabalhar, decidida a alcançar sucesso com as flores, já que não lhe era permitido com as obras de arte. Mas tudo parecia estar contra ela; era tarde, estava cansada; todos se achavam ocupados demais com suas próprias coisas para ajudá-la e as meninas só atrapalhavam, porque as queridinhas se agitavam e tagarelavam como um bando de pegas, criando muita confusão com seus esforços desajeitados para manterem a mais perfeita ordem. O arco de sempre-verdes não queria ficar firme, depois que ela o colocou de pé; balançava-se e ameaçava despencar em cima de sua cabeça, quando

encheram as cestas pendentes; seu melhor azulejo recebeu um respingo de água que deixou uma lágrima cor de sépia na bochecha de Cupido; ela machucou as mãos, dando marteladas, e se resfriou, trabalhando sob uma corrente de ar, problema que a deixou cheia de apreensão com relação ao dia seguinte. Qualquer moça que esteja lendo estas linhas e que tenha passado por aflições parecidas simpatizará com a pobre Amy e desejará que ela consiga sair-se bem nesta tarefa.

Houve uma grande indignação em casa, quando ela contou sua história aquela noite. Sua mãe falou que era uma pena, mas disse que ela agira corretamente; Beth declarou que ela não iria mais à feira, de forma alguma; e Jo perguntou por que ela não retirava todas as suas belas coisas e não deixava aquelas pessoas mesquinhas trabalharem sem sua ajuda.

— O fato de serem mesquinhas não quer dizer que eu também deva ser.

Detesto essas coisas e, embora ache que tenha o direito de estar magoada, não pretendo mostrar isso. Esta atitude vai dar mais resultados do que declarações zangadas ou atos mal-humorados, não é verdade, mãezinha?

— Esse é o espírito correto, querida; um beijo em troca de uma pancada é sempre melhor; embora, algumas vezes, não seja muito fácil dar esse beijo — disse a mãe, com um ar de quem aprendera a diferença entre pregar e praticar. Apesar de várias e muito naturais tentações de ficar ressentida e retaliar,

no dia seguinte Amy manteve-se firme em sua resolução, decidida a conquistar seus inimigos através da generosidade. Começou bem, graças a um silencioso lembrete que lhe chegou, de forma inesperada mas muito oportuna. Enquanto ela arrumava sua mesa, aquela manhã, e as meninas estavam numa ante-sala enchendo as cestas, ela pegou sua produção de estimação — um livrinho, cuja capa antiga seu pai encontrara entre seus tesouros e no qual, em folhas de pergaminho, ela fizera lindas ilustrações para diferentes textos. Virando as páginas, cheias de requintados desenhos, com orgulho muito perdoável, seus olhos deram com um verso que a fez parar e pensar. Emoldurado com uma esplêndida ornamentação em volutas, nos tons escarlate, azul e dourado, com pequenos espíritos do bem e do mal ajudando-se uns aos outros entre os espinhos e flores, estavam as palavras: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo.”

“Devia amar, mas não amo”, pensou Amy, enquanto seus olhos iam da página colorida para o rosto descontente de May, por trás dos grandes vasos, que não podiam esconder os espaços vagos que estavam antes preenchidos por bonitos trabalhos. Amy ficou ali em pé por um instante, virando as folhas do livro e lendo, em cada uma delas, alguma doce repreensão para todos os rancores e intolerâncias. Muitos sermões sábios e verdadeiros nos são dados todos os dias por sacerdotes que não têm consciência disso, seja na rua, na

escola, no trabalho ou em casa; até mesmo uma bela mesa pode tornar-se um púlpito, se puder oferecer boas e úteis palavras, que jamais são inoportunas. A consciência de Amy pregou-lhe um pequeno sermão a partir daquele texto, ali mesmo, naquela mesma hora, e então ela fez o que muitos de nós nem sempre fazemos — aceitou a verdade do sermão e logo a pôs em prática.

Um grupo de moças estava em pé junto da mesa de May, admirando as coisas bonitas e conversando sobre a mudança de vendedora. Baixaram a voz, mas Amy sabia que falavam dela, ouvindo uma versão da história e daí tirando seus julgamentos. Não foi agradável, mas propósitos mais elevados a dominaram e, pouco depois, ela teve uma oportunidade para provar isso. Ouviu May dizer pesarosamente:

— É pena, porque não há tempo para fazer outras coisas e não quero encher esses espaços com bugigangas. A mesa estava completa; agora está estragada.

— Acho que ela recolocaria as coisas em seus lugares, se você lhe pedisse

— sugeriu alguém.

— Como poderia fazer isso depois dessa confusão? — começou May, mas não terminou, porque a voz de Amy veio do outro lado da sala, dizendo, em tom amável:

— Pode ficar com tudo, e de boa vontade, sem precisar nem pedir, se

quiser. Estava justamente pensando que me ofereceria para colocar as coisas outra vez em seus lugares, porque pertencem à sua mesa mais do que à minha. Aqui estão; fique com elas e me perdoe se me apressei a levá-las, a noite passada.

Enquanto falava, Amy devolvia sua contribuição com um aceno afirmativo de cabeça e um sorriso; depois tornou a sair dali às pressas, sentindo que era mais fácil ter um gesto amistoso do que ficar para receber os agradecimentos.

— Ora, mas que atitude linda ela teve, não acham? — exclamou uma das moças.

A resposta de May foi inaudível, mas outra moça, cujo humor estava evidentemente um tanto azedo, pelo fato de ter feito limonada, acrescentou, com uma risada agressiva:

— Uma atitude lindíssima, porque ela sabia que não venderia nada em sua própria mesa.

Ora, aquilo era duro; quando fazemos pequenos sacrifícios gostamos que sejam, pelo menos, apreciados; e, durante um minuto, Amy lamentou ter feito aquilo, sentindo que a virtude nem sempre vale, por si mesma, como recompensa. Mas vale, sim — como ela descobriu pouco depois —, porque seu estado de espírito começou a melhorar e sua mesa a florescer, sob suas mãos habilidosas; as meninas foram muito gentis e aquele pequeno gesto,

apenas, pareceu desanuviar a atmosfera de forma surpreendente.

Foi um dia muito longo e muito difícil para Amy, ali sentada, atrás de sua mesa, muitas vezes completamente sozinha, porque as meninas logo foram embora: pouca gente queria comprar flores no verão, e os buquês começaram a perder o viço muito antes da noite.

A mesa de arte era mesmo a mais atraente da sala; uma multidão se aglomerou em torno dela durante o dia inteiro, e eram feitos constantes lances, as pessoas com rostos sérios, interessados, enquanto o dinheiro caía com estrépito dentro das caixas. Amy olhou muitas vezes, melancolicamente, naquela direção, desejando estar lá, onde se sentia à vontade e feliz, em vez de ficar num canto, sem nada para fazer. Poderia parecer uma coisa bem simples para alguns de nós; mas, para uma jovem bonita e alegre, além de tedioso era muito doloroso; e pensar que, à noite, seria encontrada ali por sua família e por Laurie tornava tudo aquilo um verdadeiro martírio.

Ela só voltou para casa à noite e estava tão pálida e calada que eles perceberam como o dia fora difícil, embora ela não se queixasse e nem mesmo contasse o que tinha feito. Sua mãe lhe deu uma xícara de chá, com um carinho especial; Beth ajudou-a a se vestir e fez uma pequena e linda guirlanda para seu cabelo, enquanto Jo espantava a família aprontando-se com um cuidado excepcional e insinuando, sombriamente, que ia virar a mesa.

Não faça nada grosseiro, por favor, Jo. Não vou deixar que aconteça nenhuma confusão; é melhor você deixar tudo isso pra lá e se comportar bem — implorou Amy, ao sair, bem cedo, com a esperança de encontrar um reforço de flores para renovar sua pobre mesinha.

— Só pretendo ser maravilhosamente agradável para todas as pessoas que conheço e conservar todo mundo no cantinho onde você está durante o maior tempo possível. Teddy e seus rapazes vão dar uma ajuda e ainda nos divertiremos — respondeu Jo, inclinando-se por cima do portão, à espera de Laurie. Pouco depois, o som familiar de passos fortes foi ouvido na penumbra, e ela correu para encontrá-lo.

— Será que é o meu rapaz?

— Tão certo quanto esta é a minha garota!

E Laurie enfiou a mão dela debaixo do seu braço, com um ar de um homem cujos desejos foram todos satisfeitos.

— Ah, Teddy, você nem sabe o que andaram aprontando!

E Jo contou os problemas de Amy com desvelo fraternal.

— Um bando de nossos camaradas aparecerá por lá daqui a pouco, e diabos me levem se eu não fizer com que comprem todas as flores que ela tem e depois acampem em frente à sua mesa — disse Laurie, abraçando ardorosamente sua causa.

— Nem todas as flores estão bonitas, diz Amy, e as mais frescas talvez não cheguem a tempo. Não quero ser injusta nem suspeitosa, mas não ficarei admirada se jamais chegarem. Quando as pessoas fazem uma coisa mesquinha, provavelmente farão outra — comentou Jo com uma voz de nojo.

— Hayes não deu a vocês o que tínhamos de melhor em nosso jardim?

Mandei-o fazer isso.

— Eu não sabia, acho que se esqueceu e, como seu avô não estava passando bem, não quis aborrecê-lo pedindo, embora eu quisesse mesmo algumas flores.

— Ora, Jo, como é que você pôde pensar que havia alguma necessidade de pedir! São tão suas quanto minhas. Não dividimos tudo sempre? — falou Laurie, com aquele tom de voz que sempre deixava Jo toda melindrada.

— Meu Deus, espero que não! Metade de algumas de suas coisas não me serviria de forma nenhuma. Mas não devemos ficar aqui vadiando. Temos de ajudar Amy; então vá até lá e seja maravilhoso com ela. E, se tiver a imensa gentileza de mandar Hayes levar ao salão da feira algumas flores bonitas, ficarei agradecida a você para sempre.

— Não poderia demonstrar isso agora? — perguntou Laurie, de forma tão sugestiva que Jo fechou o portão na cara dele, com uma pressa nada hospitaleira, e gritou através das grades: — Vá embora, Teddy, estou ocupada.

Graças aos conspiradores, a mesa foi mesmo virada aquela noite, porque Hayes mandou um sem-número de flores, com uma linda cesta, arrumada com toda arte que ele conhecia, para colocar no centro; depois, a família March apareceu em massa e os esforços de Jo deram resultado, porque as pessoas não apenas foram até lá, mas permaneceram, rindo com os absurdos que ela dizia, admirando o gosto de Amy e, aparentemente, divertindo-se muito. Laurie e seus amigos, galantemente, aproveitaram uma brecha, compraram os buquês, acamparam diante da mesa e tornaram aquele canto o local mais animado da sala. Amy agora estava em seu elemento e, por gratidão, senão por qualquer outro motivo, mostrava-se o mais animada e graciosa possível — tendo chegado à conclusão, àquela altura, que a virtude, afinal, valia a pena ser praticada, mesmo que de forma desinteressada.

Jo comportou-se com uma correção exemplar e, enquanto Amy estava toda feliz, cercada por sua guarda de honra, ela circulou pelo salão, ouvindo por alto uma porção de mexericos que a esclareceram quanto ao motivo da mudança feita pelos Chester. Repreendeu a si mesma por sua parcela de culpa no desentendimento, e decidiu inocentar Amy logo que possível; também descobriu o que a irmã fizera com suas coisas, aquela manhã, e a considerou um modelo de generosidade. Ao passar pela mesa de arte, deu uma olhada nela, em busca dos trabalhos de Amy, mas não viu qualquer sinal deles. “Com

certeza, ela os enfiou em algum lugar onde não pudessem ser vistos”, pensou

Jo, que podia perdoar ofensas feitas a ela própria, mas ressentia-se profundamente quando sua família era alvo de qualquer insulto.

— Boa noite, Srta. Jo. Como vai Amy? — perguntou May, com um ar conciliador, porque queria mostrar que ela também podia ser generosa.

— Vendeu tudo que era digno de ser vendido e agora está se divertindo. A mesa de flores é sempre atraente, sabe, “principalmente para cavalheiros”.

Jo não conseguiu resistir a dar essa pequena bofetada, mas May a recebeu tão meigamente, que ela, no mesmo instante, lamentou ter dito aquilo e começou a elogiar os grandes vasos que ainda não tinham sido vendidos.

— As ilustrações feitas por Amy estão em algum lugar? Estou com vontade de comprar o livro para papai — disse Jo, muito ansiosa para saber o destino do trabalho da irmã.

— Todas as coisas de Amy foram vendidas há muito tempo; tive o cuidado de fazer com que as pessoas certas as vissem, e, com esses trabalhos, conseguimos um bom dinheiro — respondeu May que, aquele dia, como Amy, vencera muitas tentações.

Muito satisfeita, Jo correu outra vez até a mesa de flores para dar a boa notícia, e Amy pareceu ao mesmo tempo tocada e surpresa quando soube das palavras e do jeito de May.

— Agora, cavalheiros, quero que vão cumprir seu dever nas outras mesas,

de forma tão generosa quanto na minha — principalmente na mesa de arte — disse ela, despachando a “Guarda de Teddy”, como as meninas chamavam os amigos que o rapaz tinha na universidade.

— “Atacar, Chester, atacar!” é o lema para aquela mesa, mas cumpram seus deveres como homens e empregarão com arte seu dinheiro, em todos os sentidos da expressão — disse a travessa Jo, enquanto a dedicada falange preparava-se para ocupar o campo de batalha.

— Ouvimos e obedecemos, mas March é mais bela do que May — disse o pequeno Parker, fazendo um esforço frenético para se mostrar ao mesmo tempo espirituoso e terno, e sendo imediatamente silenciado por Laurie, que disse:

— Falou muito bem, meu filho, para um garotinho! — e o afastou com uma paternal palmada na cabeça.

— Compre os vasos — sussurrou Amy a Laurie, como um golpe final em sua inimiga.

Para grande encanto de May, o Sr. Laurence não apenas comprou os vasos, mas percorreu o salão com um deles embaixo de cada braço, enquanto os outros cavalheiros especulavam com igual ousadia em torno de todo tipo de frágeis bagatelas, circulando depois, meio perdidos, com os braços cheios de flores de cera, leques pintados, pastas para papéis com filigranas e outras

compras úteis e apropriadas.

Tia Carrol estava lá, ouviu a história, pareceu satisfeita e disse algo à Sra.

March, a um canto, que fez esta sorrir de satisfação e olhar para Amy com um rosto cheio de uma mistura de orgulho e ansiedade, embora só tenha contado a causa do seu prazer vários dias depois.

A feira foi considerada um sucesso; e, ao se despedir de Amy, May não fez os trejeitos exagerados de costume; deu-lhe um beijo afetuoso e lhe lançou um olhar que dizia: “Perdoe e esqueça.” Isto deixou Amy satisfeita e, chegando em casa, ela encontrou os vasos enfileirados na comija da lareira da sala de visitas, com um grande buquê de flores em cada um.

— A recompensa pelo mérito de uma generosa March — anunciou Laurie, com uma mesura.

— Você tem muito mais princípios, generosidade e nobreza de caráter do que eu lhe acreditava capaz, Amy. Comportou-se com meiguice e sinto por você o maior respeito — disse Jo calorosamente, enquanto escovavam o cabelo juntas, mais tarde, aquela noite.

— Sim, todos a respeitamos e a amamos por ter perdoado tão prontamente. Deve ter sido terrivelmente duro, depois de trabalhar durante todo aquele tempo e desejar tanto vender suas próprias coisas, tão bonitas. Não acredito que eu pudesse ter agido tão generosamente quanto você —

acrescentou Beth lá do seu travesseiro.

— Ora, meninas, vocês não precisam me elogiar tanto. Fiz apenas o que se deveria fazer. Vocês riem de mim, quando digo que quero ser uma dama, mas me refiro a um requinte verdadeiro, mental e de comportamento, e tento agir sempre assim, na medida dos meus conhecimentos. Não sei explicar direito, mas quero estar acima das pequenas mesquinharias, tolices e falhas que estragam tantas mulheres. Ainda estou longe de chegar a esse ponto, mas faço o que posso nesse sentido e, no devido tempo, espero ser como mamãe.

Amy falou seriamente, e Jo disse, com um abraço caloroso:

— Entendo agora o que quer dizer e nunca mais rirei de você. Está progredindo mais rápido do que pensa, e tomarei lições com você da verdadeira cortesia, porque acho que você descobriu seu segredo. Continue tentando, querida, obterá sua recompensa algum dia; ninguém neste mundo ficará mais encantada do que eu.

Uma semana depois, Amy obteve realmente sua recompensa, e a pobre Jo achou difícil ficar encantada. Chegou uma carta de tia Carrol e o rosto da Sra. March iluminou-se tanto ao lê-la, que Jo e Beth, que estavam com ela, perguntaram quais eram as boas notícias.

— Tia Carrol! vai para o exterior, no próximo mês, e quer...

— Que eu vá com ela! — explodiu Jo, voando de sua cadeira num êxtase

incontrolável.

— Não, querida, não é você, é Amy.

— Ah, mamãe! Ela é nova demais, primeiro é minha vez. Há tanto tempo quero isso; me faria tão bem, seria tão maravilhoso. Preciso ir.

— Lamento, mas é impossível, Jo. Tia diz Amy, decididamente, e não somos nós quem vai dar ordens quando ela está oferecendo um favor desses.

— É sempre assim. Amy fica com todo o divertimento e eu pego todo o trabalho. Não é justo, ah, não é justo! — disse Jo, num tom apaixonado.

— Acho que, em parte, é por sua própria culpa, querida. Quando tia falou comigo, no outro dia, lamentou suas maneiras ríspidas e seu espírito excessivamente independente; e aqui ela escreve, como se estivesse citando alguma coisa que você disse: “Primeiro, planejei convidar Jo, mas, como ‘os favores são uma carga para ela’, e ela ‘detesta o francês’, acho que não me arriscaria a convidá-la. Amy é mais dócil e será uma boa companhia para Flo; além disso, recebe com gratidão qualquer ajuda que a viagem possa lhe dar.”

— Ah, minha língua, minha detestável língua! Por que não aprendo a ficar calada? — gemeu Jo, lembrando-se das palavras que haviam sido sua ruína.

Quando ouviu a explicação das frases citadas, a Sra. March disse pesarosamente:

— Gostaria que você pudesse ir, mas desta vez não há esperança; então,

tente suportar isso alegremente e não diminua o prazer de Amy com repreensões ou pesares.

— Tentarei — disse Jo, piscando com força, enquanto se ajoelhava para pegar a cesta que ela virara em sua alegria. — Vou fazer como diz uma folha do livro de Amy e procurar não apenas parecer feliz, mas sentir uma verdadeira felicidade, para não lhe tirar um só minuto de felicidade; mas não será fácil, porque é um terrível desapontamento.

E a pobre Jo orvalhou a pequena e gorda almofada dos alfinetes, que segurava, com várias lágrimas amargas.

— Jo, querida, sou muito egoísta, não poderia dispensar você; estou satisfeita de que não vá ainda — sussurrou Beth, abraçando-a com cesta e tudo, com tanta força e com tanto amor em seu rosto que Jo se sentiu confortada, apesar do intenso pesar que a fez ter vontade de dar tapas em seus próprios ouvidos e humildemente implorar a tia Carrol para sobrecarregá-la com esse favor e ver com que agradecimento ela o suportaria.

Quando Amy entrou, Jo pôde participar da alegria da família, não tão calorosamente quanto de costume, talvez, mas sem lamentações diante da boa sorte de Amy. A própria senhorita recebeu a notícia como se fosse a maior felicidade do mundo e andava de um lado para outro mergulhada numa espécie de êxtase solene; começou a separar suas tintas e acondicionar seus

lápiz naquela mesma noite, deixando bagatelas como roupa, dinheiro e passaportes para as pessoas menos absorvidas do que ela própria em visões artísticas.

— Para mim, não é uma simples viagem de férias, meninas — disse ela, com um tom imponente, enquanto limpava sua melhor paleta. — Decidirá minha carreira porque, se eu for dotada de algum gênio, descobrirei em Roma e farei alguma coisa para provar isso.

— E, supondo-se que não seja? — perguntou Jo, costurando sem parar as novas golas, que deveriam ser entregues a Amy.

— Se for assim, voltarei para cá e ensinarei desenho para ganhar a vida — respondeu a aspirante à fama, com uma serenidade filosófica; mas fez uma espécie de careta, diante da perspectiva, e raspou sua paleta como se tomasse medidas vigorosas antes de desistir de suas esperanças.

— Não, não ensinará. Você detesta trabalho duro e se casará com algum homem rico; voltará para cá a fim de passar o resto de sua vida nadando em luxo — disse Jo.

— Suas previsões às vezes se realizam, mas não acredito que seja o caso desta. Eu gostaria muito que sim porque, se não puder eu própria ser artista, gostaria de poder ajudar aqueles que são — disse Amy sorrindo, como se o papel de Dama Generosa lhe conviesse melhor que o de uma pobre professora

de desenho.

— Hmm! — disse Jo, com um suspiro. — Se você assim deseja, então acontecerá, porque seus desejos se realizam sempre; os meus, nunca.

— Você gostaria de ir? — perguntou Amy, pensativamente, dando pancadinhas no nariz com sua faca.

— Sem dúvida!

— Bom, então dentro de um ou dois anos mandarei buscar você, e ficaremos cavando, no Forum, em busca de relíquias e realizaremos todos os planos que tantas vezes fizemos.

— Obrigada, eu me lembrarei de sua promessa, quando chegar esse dia feliz, se é que chegará mesmo — respondeu Jo, aceitando a vaga porém magnífica promessa com toda a gratidão que era capaz de sentir.

Não havia muito tempo para os preparativos, e a casa ficou toda agitada até a partida de Amy. Jo suportou muito bem, até desaparecer o derradeiro balouçar de alguma fita azul, e então retirou-se para seu refúgio, o sótão, e chorou até não poder mais. Da mesma forma, Amy suportou tudo corajosamente até a partida do navio; e então, exatamente quando a prancha de desembarque ia ser retirada, ocorreu-lhe de repente que o oceano inteiro logo a estaria separando daqueles que mais a amavam e agarrou-se a Laurie, o último que ficou por ali, dizendo, com um soluço:

— Ah, cuide deles para mim e, se alguma coisa acontecer...

— Pode ficar tranqüila, querida, tomarei sim e, se alguma coisa acontecer, irei consolar você — sussurrou Laurie sem sonhar que seria chamado a cumprir sua promessa.

Então Amy partiu para descobrir o Velho Mundo, que é sempre novo e belo para os olhos jovens, enquanto seu pai e amigo a espiava de terra, esperando fervorosamente que nada, a não ser coisas agradáveis, acontecessem com a feliz moça, que lhes fez acenos com a mão até não poderem ver mais nada além do sol de verão ofuscante sobre o mar.

Capítulo 31

Nossa Correspondente Estrangeira

LONDRES

QUERDÍSSIMO PESSOAL:

Aqui estou eu, sentada junto a uma janela da frente do Hotel Bath, em Picadilly. Não é um hotel elegante, mas titio se hospedou aqui, anos atrás, e não queria ir para nenhum outro lugar; não pretendemos ficar por muito tempo, então não tem grande importância. Ah, nem sei como dizer quanto estou gostando de tudo! Jamais conseguiria; então apenas passarei para vocês alguns trechos de meu caderno de anotações porque, desde que saí daí, não faço outra coisa a não ser esboçar e rabiscar.

Mandei algumas linhas de Halifax, quando me sentia muito mal, mas depois daquilo tenho passado otimamente, quase nunca enjoada, no convés o dia inteiro, com uma porção de gente agradável para me divertir. Todo mundo foi muito gentil comigo, especialmente os oficiais. Não ria, Jo, os cavalheiros são realmente muito necessários a bordo de um navio, para dar apoio à pessoa ou atendê-la; e, como não têm nada para fazer, é um ato de caridade dar a eles uma serventia; senão, fumariam até morrer, eu acho.

Titia e Flo passaram mal a viagem inteira e gostavam de ser deixadas em paz; então, quando eu acabava de fazer por elas tudo que podia, ia me divertir. Que caminhadas no convés, que pores-de-sol, que ar e ondas esplêndidas! Era quase tão excitante quanto cavalgar um cavalo ligeiro, quando navegávamos de forma tão grandiosa. Gostaria que Beth tivesse vindo; faria tanto bem a ela! Quanto a Jo, ela teria subido e se sentado na bujarrona, ou seja lá como se chame aquela coisa alta; ficaria amiga do pessoal de bordo e apitaria a corneta acústica do capitão; entraria, com certeza, num completo estado de êxtase.

Foi tudo divino, mas fiquei satisfeita quando vi, afinal, a costa da Irlanda, e a achei muito linda, tão verde e ensolarada, com chalés marrons aqui e acolá, ruínas em alguns morros e mansões rurais da nobreza, nos vales, com cervos alimentando-se nos parques. Era de manhã cedo, mas não me arrependi de ter

acordado para ver tudo, porque a baía estava cheia de barquinhos, a costa era tão pitoresca e um tom róseo cobria o céu inteiro. Nunca esquecerei.

Em Queenstown, um dos meus novos conhecidos desembarcou — o Sr. Lennox — e, quando eu disse alguma coisa sobre os Lagos de Killarney, ele suspirou e cantou, olhando para mim:

Ah, já ouviu falar de Kate Kearney?

Ela mora nas margens de Killarney;

Dos olhares que ela lança,

Evite o perigo e fuja,

Porque é fatal o olhar de Kate Kearney.

Canção maluca, não?

Só paramos em Liverpool durante algumas horas. É uma cidade suja e barulhenta, e fiquei satisfeita de sair de lá. Titio desembarcou às pressas e comprou um par de luvas de couro de cão, uns sapatos feios e pesados e um guarda-chuva, e se barbeou deixando umas suíças. Depois, gabou-se de estar parecido com um verdadeiro inglês, mas, da primeira vez em que mandou limpar a lama de suas botas, o pequeno engraxate percebeu que eram usadas por um americano e disse, com um sorriso: “Acabei, senhor. Dei nelas o último brilho ianque.” Isto divertiu titio imensamente. Ah, preciso contar a vocês o que fez aquele incrível Lennox! Ele mandou seu amigo Ward, que se aproximou de

nós, encomendar um buquê para mim, e a primeira coisa que vi em meu quarto foi um, lindo, com um cartão no qual estava escrito: “Com os cumprimentos de Robert Lennox.” Não foi engraçado, garotas? Gosto de viajar.

Jamais chegarei a falar de Londres, se não me apressar. A viagem foi como cavalgar ao longo de uma comprida galeria de quadros, cheia de lindas paisagens. As casas de fazenda me encantavam, com seus telhados de palha, hera até os beirais, janelas com rótulas e mulheres fortes às portas, carregando crianças coradas. O próprio gado parecia mais tranqüilo do que o nosso, ali em pé, com trevos até os joelhos, e as galinhas tinham um alegre cacarejar, como se jamais ficassem nervosas, feito as frangas ianques. Nunca vi cores tão perfeitas — a grama muito verde, o céu muito azul, o trigo muito amarelo, bosques muito escuros — fiquei extasiada durante todo o trajeto. Flo também, e não parávamos de correr de um lado para outro, tentando ver tudo, enquanto seguíamos a uma velocidade de uns cento e vinte quilômetros por hora. Titia estava cansada e foi dormir, mas titio leu seu guia e fazia questão de não se mostrar surpreso com nada. Nossa conversa era mais ou menos assim: Amy, dando um pulo — “Ah, ali deve ser Kenilworth, aquele lugar cinzento, entre as árvores!” Flo, correndo para minha janela — “Que beleza! Precisamos ir lá, algum dia, não é, papai?” Titio, calmamente, olhando para suas botas — “Não, querida, a não ser que você queira cerveja; aquilo é uma cervejaria.”

Uma pausa, e depois Flo exclamou — “Meu Deus, estou vendo uma forca, e um homem está sendo enforcado!” “Onde, onde?” grita Amy, olhando atentamente para dois postes altos, lá fora, com uma viga transversal e algumas correntes penduradas. “Uma mina de carvão”, comenta titio com um brilho nos olhos. “Ali está um lindo rebanho de carneiros, todos deitados”, diz Amy. “Veja, papai, não são lindos?”, acrescenta Flo, com um tom sentimental. “Gansos, senhoritas”, responde titio, com um tom de voz que nos faz ficar caladas; afinal, Flo se senta para ler Os namoros do Capitão Cavendish e fico com a paisagem toda só para mim.

Claro que chovia quando chegamos a Londres, e não havia nada para ver, a não ser o fog e os guarda-chuvas. Descansamos, tiramos as roupas das malas e fizemos algumas compras nos intervalos dos aguaceiros. Tia Mary comprou algumas coisas novas para mim, porque saí com tanta Pressa que não cheguei nem perto de ter tudo que precisava. Um chapéu branco com uma pena azul, um vestido de musselina combinando e a capa mais linda do mundo. Fazer compras em Regent Street é uma maravilha; as coisas são tão baratas — fitas lindas, por apenas meio xelim o metro. Estou com um estoque completo, mas vou comprar minhas luvas em Paris. Não parece uma coisa muito elegante e rica?

Flo e eu, para nos divertirmos, pedimos um cabriolé, enquanto titia e titio

estavam ausentes, e fomos dar um passeio, embora nos dissessem, depois, que não era correto moças viajarem sozinhas naquele tipo de veículo. Foi tão engraçado! Porque, quando ficamos isoladas pelo anteparo de madeira, o homem começou a dirigir tão depressa que Flo ficou assustada e me disse para mandar que ele parasse. Mas ele estava do lado de fora, em cima, por trás de alguma coisa, e não pude chegar até lá. Ele também não me ouviu chamar, nem me viu agitar minha sombrinha, do lado de fora, e lá ficamos nós, completamente desamparadas, correndo aos solavancos e dobrando esquinas com uma velocidade de quebrar o pescoço. Afinal, em meio ao meu desespero, vi uma portinhola no telhado e, empurrando-a até que se abriu, vi afinal aparecer um olho vermelho, e uma voz enrolada, por causa da cerveja, falou: — Que é, mamãe?

Dei minha ordem da maneira mais séria que pude e, fechando a porta com estrépito, enquanto dizia “Sim, sim, mamãe”, o homem fez seu cavalo caminhar, como se seguisse para um funeral. Tornei a abrir a portinhola e disse:

— Um pouquinho mais rápido — e então lá se foi ele, na mesma correria de antes, e nós nos resignamos ao nosso destino.

Hoje o tempo estava bonito e fomos para Hyde Park, que fica próximo, porque somos mais aristocráticas do que parecemos. O Duque de Devonshire

mora aqui perto. Muitas vezes, vejo seus lacaios descansando junto ao portão dos fundos; e a casa do Duque de Wellington também não fica muito distante. Que visões eu tive, meu Deus! Até parecia o Punch, porque havia gordas senhoras nobres passando de um lado para outro, em suas carruagens vermelhas e amarelas, com lindos guardas com meias de seda e casacos de veludo, na parte de cima, atrás, e empoados cocheiros na frente. Criadas elegantes, com as crianças mais coradas que já vi, lindas meninas, parecendo meio adormecidas, dândis com estranhos chapéus ingleses e garotos cor de alfazema perambulando em torno; também altos soldados, com casacos vermelhos, curtos, e gorros redondos inclinados para um lado, com um jeito tão engraçado que tive muita vontade de desenhá-los.

Rotten Row quer dizer Route de Roi, ou o caminho do rei; agora, porém, é mais uma escola de equitação do que qualquer outra coisa. Os cavalos são esplêndidos e os homens, especialmente os cavalariaços, montam bem; mas as mulheres são rígidas e pulam, o que não está de acordo com nossas normas. Fiquei ansiosa para mostrar a elas um impetuoso galope americano, porque trotavam solenemente de um lado para outro, com seus trajes sumários e chapéus altos, parecendo as mulheres de alguma Arca de Noé de brinquedo. Todo mundo cavalga — velhos, damas robustas, crianças — e os jovens namoram muito, aqui; vi um par trocar botões de rosa, porque está na moda

usar um na boteeira, uma pequena idéia que achei muito simpática.

À tarde, visita a Westminster Abbey, mas não espere que eu a descreva, é impossível — só direi que é sublime! Esta noite vamos ver Fechter, um final bem adequado para o dia mais feliz de minha vida.

É muito tarde, mas não posso mandar minha carta amanhã de manhã, sem contar a vocês o que aconteceu na noite anterior. Quem imaginam que entrou quando estávamos tomando chá? Os amigos ingleses de Laurie, Fred e Frank Vaughn! Fiquei tão surpresa, porque não os reconheceria se não visse os cartões. Ambos são altos e usam suíças; Fred é bonito, ao estilo inglês, e Frank está muito melhor, porque só manqueja ligeiramente e não usa muletas. Souberam por Laurie onde estávamos e vieram nos convidar para irmos à casa deles, mas titio não quis ir; então não faremos a visita e os veremos como pudermos. Eles foram ao teatro conosco e nos divertimos tanto, porque Frank dedicou-se a Flo, e Fred e eu conversamos sobre divertimentos passados, presentes e futuros, como se nos conhecêssemos desde crianças. Conte a Beth que Frank perguntou por ela e lamentou, quando soube que ela não goza de boa saúde. Fred riu, quando falei de Jo, e enviou seus “respeitosos cumprimentos ao grande chapéu”. Nenhum dos dois se esquecera do Acampamento Laurence nem de como nos divertimos lá. Como já parece ter sido há tanto tempo, não?

Titia está batendo na parede pela terceira vez, então preciso parar. Sinto-me realmente uma desregrada dama elegante de Londres, escrevendo aqui até tão tarde, com meu quarto cheio de coisas bonitas e tendo na cabeça uma mistura de parques, teatros, vestidos novos e criaturas galantes que dizem “Ah!” e giram seus bigodes louros com a verdadeira soberba inglesa. Estou com muita saudade de todos vocês e, apesar de minhas tolices, continuo sendo a mesma e carinhosa

AMY

PARIS

QUERIDAS MENINAS,

Em minha última carta, contei a vocês nossa visita a Londres — como os Vaughns foram gentis e como a companhia deles foi agradável. Mais do que qualquer outra coisa, gostei das idas a Hampton Court e ao Museu Kensington — porque em Hampton vi os desenhos de Rafael e, no Museu, salas cheias de quadros de Turner, Lawrence, Reynolds, Hogarth e outras grandes figuras. O dia passado em Richmond Park foi ótimo, porque fizemos um verdadeiro piquenique inglês; e havia tantos esplêndidos carvalhos e grupos de cervos que não deu para copiar tudo; também ouvi um rouxinol cantar e cotovias levantarem vôo. “Fizemos” Londres, para felicidade nossa, graças a Fred e Frank, e tivemos muita pena de ir embora; porque embora os ingleses

demorem a nos aceitar, quando decidem fazer isso ninguém os supera em hospitalidade, eu acho. Os Vaughns esperam nos encontrar em Roma, no próximo inverno, e ficarei terrivelmente desapontada se isto não acontecer, porque Grace e eu somos grandes amigas, os rapazes são ótimos — especialmente Fred.

Ora, mal nos instalamos aqui e ele tornou a aparecer, dizendo que viera passar as férias e que ia para a Suíça. Titia, primeiro, fez um ar sério, mas ele ficou tão calmo que ela não conseguiu dizer uma palavra; e, agora, nos damos todos bem e estamos muito satisfeitos por ele ter vindo, porque Fred fala francês como o pessoal da terra e eu não sei o que faríamos sem ele. Titio não sabe nem dez palavras e insiste em falar inglês muito alto, como se isso fizesse com que as pessoas o entendessem. A pronúncia de titia é antiquada e Flo e eu, embora nos gabássemos de saber muita coisa, descobrimos que não é verdade e estamos muito satisfeitas de ter Fred “parlando” para nós, como diz titio.

Que dias maravilhosos! Passeios turísticos da manhã à noite, paradas para almoçar nos alegres cafés e todo tipo de aventuras engraçadas. Os dias chuvosos passo no Louvre, deliciando-me com os quadros. Jo torceria seu teimoso nariz para alguns dos melhores, porque não tem nenhum amor pela arte, mas eu tenho e estou cultivando o olho e o gosto, o mais depressa que

posso. Ela gostaria mais das relíquias de grandes personalidades, porque já vi seu chapéu inclinado e o casaco cinzento, como os de Napoleão; e aqui estão o berço dele, quando era bebê, e sua velha escova de dentes; também o sapatinho de Marie Antoinette, o anel de Saint Denis, a espada de Carlos Magno e muitas outras coisas interessantes. Falarei durante horas a respeito de tudo, quando chegar, mas agora não tenho tempo para escrever.

O Palais Royale é um lugar divino — tão cheio de bijouterie e de coisas lindas que fico quase louca, porque não posso comprá-las. Fred queria comprar algumas coisas para mim, mas claro que não deixei. E o Bois e o Champs Elysées são três magnifiques. Vi a família imperial várias vezes; o imperador é um homem feio, com um ar severo, e a imperatriz é pálida e bonita, mas vestida com mau gosto, eu achei — vestido roxo, chapéu verde e luvas amarelas. O pequeno Nap é um menino bonito, que fica sentado conversando com seu professor particular e joga beijos para as pessoas com as mãos, ao passar em sua caleça, puxada por quatro cavalos, com mensageiros usando paletós de cetim vermelho e uma guarda montada adiante e atrás.

Freqüentemente, caminhamos pelos Jardins das Tulherias, porque são lindos, embora os antigos Jardins de Luxembourg me agradem mais. Père la Chaise é muito interessante, porque os vários túmulos parecem pequenas sa-

las, e, olhando para dentro, a pessoa vê uma mesa, com imagens ou fotografias dos mortos, e cadeiras para os pranteadores se sentarem quando forem lamentar-se. Tudo isso é tão afrancesado.

Nossos quartos dão para a Rue de Rivoli e, quando nos sentamos à sacada, podemos olhar a comprida e animada rua, em ambas as direções. É tão agradável que passamos as noites conversando ali, quando estamos cansados demais para sair depois do nosso dia de atividades. Fred é muito divertido e, sem dúvida, o rapaz mais agradável que já vi — à exceção de Laurie, cujas maneiras são mais encantadoras. Gostaria que Fred fosse moreno, porque não gosto de homens claros, mas os Vaughns são muito ricos e vêm de uma excelente família, então não vou botar defeito nos cabelos louros que eles têm, até porque o meu é ainda mais louro.

Na próxima semana, vamos para a Alemanha e para a Suíça e, como viajaremos rápido, só poderei escrever para vocês cartas apressadas. Continuo fazendo meu diário e tento “lembrar-me corretamente e descrever com clareza tudo que vejo e admiro”, como papai me aconselhou. É uma boa prática para mim e, com meu caderno de esboços, darei a vocês uma idéia melhor de minha viagem do que com esses rabiscos.

Adieu, beijo todos vocês, carinhosamente

VOTRE AMIE

HEIDELBERG

MINHA QUERIDA MAMÃE,

Como tenho uma hora de tranqüilidade, antes de partirmos para Berna, tentarei contar a você o que aconteceu, porque uma parte é muito importante, como verá.

A viagem de navio pelo Reno foi perfeita, e fiquei simplesmente sentada, aproveitando-a o máximo que podia. Pegue os antigos guias de papai e leia a respeito; não tenho palavras suficientemente belas para descrever tudo. Em Coblenz, passamos momentos ótimos, porque alguns estudantes de Bonn, dos quais Fred se tornou amigo, no navio, fizeram uma serenata para nós. Era uma noite de luar, e, por volta de uma hora, Flo e eu fomos acordadas por uma música lindíssima debaixo de nossas janelas. Pulamos da cama e ficamos escondidas atrás das cortinas; mas, dando umas espiadas disfarçadas, vimos Fred e os estudantes cantando a plenos pulmões, embaixo. Foi a coisa mais romântica que já vi — o rio, a ponte, o grande forte em frente, luar por toda parte e música capaz de derreter até um coração de pedra.

Quando eles acabaram, nós jogamos algumas flores lá para baixo e vimos que eles as disputavam entre si e, depois, mandavam beijos com as mãos para as damas invisíveis e afinal se afastavam, entre risadas — para fumar e beber cerveja, eu acho. Na manhã seguinte, Fred me mostrou uma das flores

amassadas, que estava no bolso do seu colete, e parecia muito sentimental. Ri dele e disse que não fora eu quem jogara a flor e sim Flo, o que pareceu aborrecê-lo, porque ele atirou a flor pela janela e voltou a apresentar seu ar normal. Estou com medo de ter problemas com aquele rapaz; começa a parecer que sim.

Os banhos em Nassau foram muito animados e também em Baden-Baden, onde Fred perdeu algum dinheiro e eu o censurei. Ele precisa de alguém para cuidar dele quando Frank não está em sua companhia. Kate disse, uma vez, que esperava que ele se casasse logo, e eu concordo inteiramente com ela; seria bom para ele. Frankfurt é encantadora; vi a casa de Goethe, a estátua de Schiller e a famosa Ariadne de Danneker. É muito linda, mas eu teria gostado ainda mais dela se conhecesse melhor a história. Não tive coragem de perguntar, porque todos sabiam, ou fingiam saber. Gostaria que Jo me contasse toda; eu devia ter lido mais, porque descobro que não sei nada e isto me humilha.

Agora, chega a parte séria — porque aconteceu aqui e Fred acaba de ir embora. Foi tão gentil e alegre que todos acabamos gostando muito dele, nunca pensei em nada além de uma amizade de viagem, até a noite da serenata. Desde então, comecei a sentir que as caminhadas ao luar, as conversas na sacada e as aventuras diárias eram, para ele, alguma coisa mais

do que simples divertimento. Não flertei, mamãe, juro; lembrei o tempo inteiro do que você me disse e fiz o melhor possível para agir assim. Não é minha culpa se as pessoas gostam de mim; não tento fazer com que gostem e me preocupo por ser indiferente, embora Jo diga que não tenho nenhum coração. Agora sei que mamãe sacudirá a cabeça e as meninas dirão: “Aquela terrível mercenariazinha!”, mas já tomei uma decisão e, se Fred me pedir em casamento, eu o aceitarei, embora não esteja loucamente apaixonada. Gosto dele e nos damos bem. Ele é bonito, jovem, bastante inteligente e muito rico — tão mais rico que os Laurences. Não creio que a família dele se oponha e eu ficaria muito feliz, porque são pessoas gentis, bem educadas, generosas e gostam de mim. Fred, sendo o gêmeo mais velho ficará com a propriedade, eu acho, e como é esplêndida! Uma casa urbana, numa rua elegante, não tão vistosa quanto nossas casas grandes, mas duas vezes mais confortável e com um luxo sólido em todos os detalhes, do tipo que os ingleses preferem. Gosto desse tipo de luxo, porque é autêntico. Vi a prataria, as jóias de família, os velhos criados e os quadros da propriedade rural, com seu parque, a casa grande, os lindos campos e excelentes cavalos. Ah, eu não poderia desejar mais! E preferiria isso a qualquer título que tanto impressiona as moças, para depois não encontrarem nada atrás. Talvez eu seja mercenária, mas detesto pobreza e não pretendo suportá-la nem um só minuto mais, se puder. Uma de

nós deve fazer um bom casamento; Meg não fez, Jo não fará, Beth ainda não pode, então eu devo fazer, e tornarei tudo confortável em torno. Não me casaria com um homem que eu detestasse ou desprezasse, pode ter certeza disso. E, embora Fred não seja meu modelo de herói, comporta-se muito bem e, com o tempo, gostarei suficientemente dele, se ele gostar muito de mim e me deixar fazer o que quero. Então, pensei muito no assunto, a semana passada, porque foi impossível deixar de ver que Fred gosta de mim. Ele não disse nada, mas pequenas coisas demonstraram isso; nunca acompanha Flo, sempre fica ao meu lado, na carruagem, à mesa ou nos passeios; parece sentimental, quando estamos sozinhos, e franze a testa para qualquer outra pessoa que se aventure a falar comigo. Ontem, durante o jantar, quando um oficial austríaco olhou atentamente para nós e, depois, disse alguma coisa a seu amigo — um barão com aspecto devasso — sobre “eine wunderschönes Blöndchen”, Fred ficou parecendo um leão, de tão furioso, e começou a cortar sua carne tão selvagememente que ela quase voou do prato. Ele não é um desses ingleses frios e rígidos, em vez disso é até temperamental, porque tem sangue escocês, como se pode adivinhar pelos seus bonitos olhos azuis.

Bom, a noite passada fomos para o castelo, ao pôr-do-sol — pelo menos, todos nós, menos Fred, que deveria nos encontrar lá após ir à Posta Restante pegar as cartas. Passamos minutos agradáveis, percorrendo as ruínas, os

subterrâneos onde fica o tonel gigante e os belos jardins feitos pelo príncipe, há tantos anos, para sua esposa inglesa. Gostei principalmente do grande terraço, porque a vista é divina; então, enquanto o resto ia ver os cômodos internos, fiquei sentada lá, tentando esboçar a cabeça de leão em pedra cinzenta que havia na muralha, com videiras virgens escarlates pendentes em torno. Minha impressão era de que eu tinha entrado num romance, ali sentada, espiando o Neckar correr através do vale, ouvindo a música da banda austríaca, lá embaixo, e esperando por meu amado, como uma verdadeira moça de livro de histórias. Sentia que alguma coisa ia acontecer e estava preparada. Não estava corada nem trêmula, mas completamente calma e apenas um pouco excitada.

Pouco depois ouvi a voz de Fred, e então ele apareceu, atravessando às pressas o grande arco para me encontrar. Parecia tão perturbado que esqueci tudo sobre mim mesma e perguntei qual era o problema. Ele disse que acabara de receber uma carta suplicando-lhe que voltasse para casa, porque Frank estava muito doente; então, ia imediatamente, no trem noturno, e só tinha tempo para dizer até logo. Fiquei com muita pena dele, e desapontada por mim mesma, mas só por um minuto, porque ele disse, enquanto apertava minha mão — e disse de uma maneira que não admitia equívocos — “Voltarei logo; você não me esquecerá, Amy?”

Não prometi nada, mas olhei-o e ele pareceu satisfeito e não houve mais tempo para nada, a não ser recados e adeuses, porque ele deveria partir dentro de uma hora; e todos sentimos muita falta dele. Sei que queria falar, mas acho, por causa de uma coisa que insinuou certa vez, que prometeu a seu pai que não faria nada desse tipo por algum tempo ainda, porque é um rapaz precipitado e o velho cavalheiro tem pavor de uma nora estrangeira. Logo nos encontraremos em Roma, e então, se eu não mudar de idéia, direi “Sim, obrigada”, quando ele pedir: “Quer fazer o favor?”

Claro que tudo isso é muito particular, mas quis que você soubesse o que está acontecendo. Não fique ansiosa por minha causa, lembre-se de que eu sou sua “prudente Amy” e tenha certeza de que nada farei precipitadamente. Mande-me tantos conselhos quanto quiser; seguirei, se puder. Gostaria de poder ver você, para termos uma boa conversa, mãezinha. Quero seu amor e que você confie em mim.

Da filha de sempre,

AMY

Capítulo 32

Ternas Preocupações

— Jo, estou preocupada com Beth.

— Por quê, mamãe? Ela nunca pareceu tão bem, desde que Meg teve os

bebês.

— Não é a saúde dela que me preocupa agora, é seu espírito. Tenho certeza de que ela está com alguma coisa na cabeça, e quero que você descubra o que é.

— Que leva você a pensar assim, mamãe?

— Ela fica sentada sozinha durante muito tempo e não conversa tanto com o pai como costumava conversar. Encontrei-a chorando junto dos bebês outro dia. Quando ela canta, as canções são sempre tristes e, de vez em quando, vejo em seu rosto uma expressão que não entendo. Não parece coisa de Beth, e isto me aborrece.

— Perguntou a ela alguma coisa a respeito?

— Tentei uma ou duas vezes, mas ela fugiu às minhas perguntas, ou então fez um ar tão aflito que parei. Jamais forço minhas filhas a me fazerem confidências, mas raramente tenho de esperar por elas durante muito tempo.

A Sra. March deu uma olhada em Jo, enquanto falava, mas o rosto diante dela não dava nenhuma indicação de qualquer inquietação secreta, além da causada por Beth, e, depois de costurar durante um minuto, pensativa, Jo disse:

— Acho que ela está crescendo e então começa a ter sonhos, esperanças, medos e nervosismos, sem saber o motivo nem ser capaz de explicar nada.

Ora, mamãe, Beth está com dezoito anos, mas não tomamos consciência disso e a tratamos como uma criança, esquecendo que é uma mulher.

— É mesmo. Meu Deus, como vocês crescem depressa — respondeu a mãe, com um suspiro e um sorriso.

— É impossível evitar, mãezinha, então você deve resignar-se a todos os tipos de preocupação e deixar que seus pássaros saiam saltitando do ninho, um por um. Prometo nunca saltitar para muito longe, se isto lhe serve de consolo.

— É um grande consolo, Jo; sempre me sinto forte, quando você está em casa, agora que Meg saiu. Beth é fraca demais e Amy muito jovem, não posso depender delas; mas, quando chega o aperto, você está sempre preparada.

— Ora, você sabe que não me importo de fazer trabalho duro, e deve haver sempre um pé-de-boi na família. Amy é esplêndida nos trabalhos artísticos e eu não, mas me sinto em meu elemento quando é preciso limpar todos os tapetes, ou quando metade da família adoece de uma vez. Amy destacou-se no exterior, mas, se alguma coisa não dá certo em casa, você pode recorrer a mim, que resolvo tudo.

— Então, deixo Beth a seus cuidados, porque ela abrirá o coraçãozinho terno para sua Jo mais rápido do que para qualquer outra pessoa. Seja muito gentil e não a deixe perceber que alguém a vigia ou conversa sobre ela. Meu

único desejo é ver Beth outra vez forte e alegre.

— Que mulher feliz! Tenho montes de desejos!

— Querida, quais são?

— Vou resolver os problemas de Beth e depois lhe contarei os meus. Não são muito sérios, então podem esperar.

E Jo continuou a costurar, com um sábio aceno de cabeça que deixou o coração de sua mãe tranqüilo a respeito dela, pelo menos quanto ao presente. Embora aparentemente absorta em seus próprios assuntos, Jo observou Beth e, depois de muitas suposições conflitantes, afinal se decidiu por uma, que parecia explicar a transformação da irmã. Um ligeiro incidente deu a Jo a chave do mistério, acreditou ela, e sua capacidade imaginativa e um coração amoroso fizeram o resto. Fingia estar muito ocupada, escrevendo, quando ela e Beth ficavam sozinhas, juntas; porém, enquanto rabiscava, vigiava a irmã, que parecia quieta como nunca. Sentada à janela, Beth deixava freqüentemente seu trabalho cair no colo e apoiava a cabeça nas mãos, com uma atitude desalentada, enquanto seus olhos repousavam na paisagem melancólica de outono. De repente, alguém passou embaixo, assobiando como um passarinho que cantasse óperas, e uma voz gritou:

— Tudo tranqüilo! Apareço esta noite.

Beth teve um sobressalto, inclinou-se para a frente, sorriu e fez acenos

afirmativos com a cabeça; depois, ficou espiando o transeunte, até que suas rápidas e fortes passadas não foram mais ouvidas e então disse, baixinho, como se falasse consigo mesma:

— Como esse querido rapaz parece forte, saudável, feliz.

— Hmm! — disse Jo, ainda atenta ao rosto da irmã, porque a cor viva desbotou tão rapidamente quanto surgira e o sorriso sumiu, dando lugar, pouco depois, a uma lágrima, que ficou brilhando na saliência da janela. Beth limpou-a e deu uma olhada apreensiva em Jo; mas ela estava rabiscando em alta velocidade, aparentemente absorta no Juramento de Olympia. No instante em que Beth se virou, Jo começou outra vez sua observação, viu a mão de Beth ir silenciosamente até seus olhos mais de uma vez e, em seu rosto meio virado, percebeu uma terna dor que fez seus próprios olhos se encherem de lágrimas. Temendo trair-se, escapuliu, murmurando alguma coisa sobre o fato de que precisava de mais papel.

— Deus do céu, Beth ama Laurie! — disse ela, sentando-se em seu próprio quarto, pálida com o choque da descoberta que, segundo acreditava, acabara de fazer. — Nunca sonhei com uma coisa dessas. Que dirá mamãe? Fico imaginando se ele... — Aí Jo parou e ficou rubra, com um repentino pensamento. — Se ele não retribuísse esse amor, como seria terrível! Ele tem de retribuir! Vou obrigá-lo! — E ela sacudiu a cabeça, ameaçadoramente, em

direção ao quadro com o menino com ar travesso, que ria para ela da parede. — Ah, meu Deus, estamos crescendo com uma rapidez incrível. Aí está Meg casada e mãe, Amy fazendo sucesso em Paris e Beth apaixonada. Sou a única suficientemente sensata para não me meter em trapalhadas. — Jo ficou pensando, concentrada, durante um minuto, com os olhos fixos no quadro, depois descontraiu a testa franzida e disse, com um aceno decidido de cabeça para o rosto que estava diante dela. — Não, obrigada, senhor, você é muito sedutor, mas não tem mais estabilidade do que um catavento; então não deve escrever bilhetes tocantes, nem sorrir daquela maneira insinuante, porque nada de bom viria daí e não vou tolerar isso.

Depois, suspirou e entrou num devaneio do qual só acordou quando o início do entardecer fez com que descesse para fazer novas observações, que só confirmaram sua suspeita. Embora Laurie flertasse com Amy e brincasse com Jo, suas maneiras para com Beth eram sempre especialmente gentis e suaves, mas todo mundo agia dessa maneira; portanto, ninguém chegou a imaginar que ele gostasse mais dela do que das outras. Na verdade, uma impressão geral prevalecia na família, mais recentemente: a de que “nosso rapaz” estava gostando mais do que nunca de Jo, embora ela, realmente, não quisesse ouvir uma só palavra sobre o assunto e partisse para violentas censuras quando alguém ousava sugerir isso. Se eles soubessem dos vários

momentos de ternura no ano anterior, ou melhor, das tentativas de momentos de ternura, que haviam sido imediatamente cortadas, teriam a imensa satisfação de dizer: “Eu não falei?” Mas Jo detestava “namoricos” e não consentiria em nada do gênero, tendo sempre uma piada ou um sorriso prontos ao menor sinal de perigo iminente.

Logo que Laurie foi para a universidade, ele se apaixonava cerca de uma vez por mês; mas essas pequenas chamas eram, ao mesmo tempo, ardentes e fugazes, não causavam muitos danos e divertiam imensamente Jo, que se interessava muito pelas variações entre esperança, desespero e resignação, confidenciadas a ela nos encontros semanais dos dois. Mas chegou um tempo em que Laurie parou com sua adoração em vários santuários, insinuou sombriamente que havia uma única paixão absorvente e se entregava, de vez em quando, a byronianos acessos de melancolia. Então, evitava completamente o terno assunto, escrevia bilhetes filosóficos para Jo, tornava-se estudioso e revelava que ia “se virar”, pois pretendia formar-se no auge da glória. Isto agradava mais à jovem dama do que confidências ao crepúsculo, ternos apertos de mão e olhadelas eloqüentes porque, em Jo, o cérebro desenvolvera-se antes do coração e ela preferia os heróis imaginários aos verdadeiros; quando se cansava deles, os primeiros podiam ser trancados na lata de cozinha e ficavam à espera de serem chamados de volta; mas, com os

segundos, não era tão fácil lidar.

As coisas estavam nesta situação, quando foi feita a grande descoberta, e Jo observou Laurie, aquela noite, com uma atenção como nunca tivera. Se ela não estivesse com a nova idéia na cabeça, não veria nada fora do comum no fato de que Beth estava muito calada e Laurie se mostrava excepcionalmente gentil com ela. Mas, tendo dado livre rédea à sua vivida imaginação, esta a levou muito longe, e o bom senso, um tanto enfraquecido por um longo período dedicado a escrever seu romance, não lhe prestou ajuda. Como de hábito, Beth ficou deitada no sofá e Laurie sentou-se numa cadeira baixa, próxima, divertindo-a com todo tipo de mexericos, porque ela não dispensava seu bate-papo semanal e ele jamais a desapontava. Mas, aquela noite, Jo imaginou que os olhos de Beth repousavam com prazer especial no animado rosto moreno próximo dela, e que ouvia com interesse intenso o relato de uma excitante partida de críquete, embora as expressões “perna de pau”, “foi em cima”, ou “acertou na mosca” fossem tão incompreensíveis para ela quanto o sânscrito. Também imaginou, estando predisposta a ver isso, que havia um certo aumento de gentileza nas maneiras de Laurie, que ele baixava a voz, de vez em quando, ria menos do que de costume, estava um pouquinho distraído e ajeitava a colcha em cima dos pés de Beth com uma assiduidade que era realmente quase terna.

“Quem sabe? Coisas estranhas têm acontecido”, pensou Jo, andando de um lado para outro do quarto. “Ela fará dele um anjo e ele tornará a vida encantadoramente fácil e agradável para minha querida, se houver amor entre os dois. Não vejo como ele possa deixar de amá-la e acredito, realmente, que amará, se todo o resto de nós sair do caminho.”

Como todos estavam fora do caminho, menos ela, Jo começou a sentir que devia livrar-se de si mesma com a maior rapidez. Mas, para onde iria? E, ansiosa para se imolar no altar da devoção fraterna, sentou-se para resolver a questão.

Ora, o velho sofá era um verdadeiro patriarca dos sofás — comprido, largo, bem estofado e baixo; um pouquinho gasto, como não podia deixar de ser, porque as meninas dormiram e se espicharam nele quando eram bebês, pularam por cima do recosto, cavalgaram em seus braços, guardaram brinquedos embaixo dele e descansaram ali suas cabeças fatigadas; sonharam muito naquele sofá e, já moças, entregaram-se a ternas conversas nele sentadas. Todas o adoravam, porque era um refúgio da família, e uma de suas extremidades sempre o recanto favorito de Jo para descansar. Entre as muitas almofadas que enfeitavam o venerável sofá, havia uma, dura, redonda, coberta de crina espinhosa e dotada de um botão protuberante em cada extremidade; esta repulsiva almofada era sua propriedade especial, sendo usada como arma

de defesa, barricada, ou um severo preventivo contra o excesso de cochilos. Laurie conhecia bem a almofada e tinha motivos para olhá-la com profunda aversão, pois fora impiedosamente agredido com ela, nos velhos tempos, quando eram permitidas as traquinagens e, agora, freqüentemente, impedido por causa dela, de se sentar no lugar que ele mais cobiçava, junto de Jo, na extremidade do sofá. Se “a salsicha”, como a chamavam, estava a um canto, era um sinal de que ele podia aproximar-se e repousar; mas, se estivesse atravessada no sofá, pobre do homem, mulher ou criança que ousasse uma aproximação! Aquela noite, Jo esqueceu-se de defender seu canto com a barricada e não fazia nem cinco minutos que ocupava seu lugar quando apareceu uma forma maciça a seu lado, com ambos os braços estirados em cima do recosto do sofá e ambas as pernas compridas espichadas em frente do seu corpo, e então Laurie exclamou, com um suspiro de satisfação:

— Ora, isso aqui está bom pra caramba.

— Nada de gírias — replicou Jo, jogando a almofada; mas era tarde demais, não havia espaço e, deslizando para o chão, a dita cuja desapareceu da maneira mais misteriosa.

— Vamos, Jo, não seja agressiva. Depois de estudar até torrar os miolos, a semana inteira, o sujeito merece ser mimado e deve conseguir isso.

— Beth mimará você, estou ocupada.

— Não, não vou incomodar Beth. Mas você gosta desse tipo de coisa, a não ser que, de repente, tenha perdido esse gosto. Será que perdeu? Detesta seu rapaz e quer ficar jogando almofadas em cima dele?

Raramente se ouviu alguma coisa mais sedutora do que esse tocante apelo, mas Jo repeliu “seu rapaz”, virando-se para ele e fazendo a severa pergunta:

— Quantos buquês já mandou para a Srta. Randall esta semana?

— Nenhum, dou minha palavra de honra. Ela está noiva. E não há mais nada a fazer.

— Estou satisfeita com isso, essa é uma de suas tolas extravagâncias, mandar flores e presentes para moças pelas quais não sente nada — continuou Jo, reprovadoramente.

— Moças sensatas pelas quais eu sinto muitas coisas não me deixam mandar para elas “flores e presentes”, então, que posso fazer? Preciso dar vazão aos meus sentimentos.

— Mamãe não aprova o flerte, nem de brincadeira, e você flerta feito um louco, Teddy.

— Daria tudo para poder responder “Você também”. Como não posso, direi simplesmente que não vejo nenhum perigo nesse agradável joguinho, se todas as partes entenderem que é apenas uma brincadeira.

— Ora, parece agradável, mas não consigo aprender como se faz. Tentei, porque a gente se sente desajeitada quando está com os outros, se não age da mesma forma que todo mundo, mas não fui adiante — disse Jo, esquecendo-se de fazer o papel de mentora.

— Tome aulas com Amy, ela tem bastante talento para isso.

— Sim, ela faz isso muito bem, e parece que nunca vai longe demais. Acho que é natural que algumas pessoas agradem sem esforço e outras sempre digam e façam a coisa errada no lugar errado.

— Estou satisfeito por você não saber flertar; é realmente reconfortante ver uma moça sensata e direita, que pode ser animada e gentil sem fazer o papel de tola. Cá entre nós, Jo, algumas moças que conheço avançam realmente tão depressa que sinto vergonha delas. Não têm más intenções, estou certo disso; mas, se soubessem como nós, homens, falamos delas depois, acho que agiriam de outra forma.

— Elas fazem a mesma coisa e, como suas línguas são mais afiadas, vocês, homens, levam a pior; você é tão tolo quanto elas, nem um pouquinho menos. Se seu comportamento fosse correto, elas se corrigiriam; mas, sabendo que você gosta das tolices que fazem, continuam tolas e, depois, você joga a culpa em cima delas.

— Como você entende do assunto, senhora — disse Laurie, com um tom

de superioridade. — Não gostamos de traquinagens e flertes, embora, às vezes, a gente possa agir como se gostasse. As moças bonitas e recatadas jamais são assunto de conversa entre os cavalheiros, a não ser de forma respeitosa. Deus abençoe sua inocência! Se pudesse ficar em meu lugar durante um mês, veria coisas que a espantariam um pouco. Juro, quando vejo uma dessas moças levianas, sempre tenho vontade de dizer, como nosso amigo Cock Robin:

Só mesmo expulsando você, coberta de vergonha,
Sua vagabunda de rosto audacioso!

Era impossível deixar de rir diante do conflito engraçado entre a relutância cavalheiresca de Laurie de falar mal das mulheres e seu desagrado muito natural diante da loucura pouco feminina da qual ele encontrava muitos exemplos na sociedade elegante. Jo sabia que o “jovem Laurence” era considerado um excelente partido pelas mães mundanas, e as filhas delas lhe sorriam tanto, e damas de todas as idades o lisonjeavam de tal forma, que o transformavam num dândi; então, ela o observava com certo ciúme, temendo que os mimos o estragassem; e alegrou-se mais do que admitiu, ao descobrir que ele ainda acreditava em moças recatadas. Voltando de repente ao seu tom de censura, ela disse, baixando a voz:

— Se você tem de “seguir seu destino”, Teddy, então siga e se dedique a

uma das “moças bonitas e recatadas” que você respeita e não perca seu tempo com as tolas.

— Você me dá realmente esse conselho? — e Laurie a olhou, tendo no rosto uma expressão que era uma estranha mistura de ansiedade e divertimento.

— Sim, dou, mas é melhor você esperar até concluir a universidade, antes de mais nada, e também se preparar para ocupar esse posto enquanto isso. Você está longe de ter metade das qualidades para estar à altura — bem, da moça recatada, seja lá quem ela for.

E Jo fez uma expressão meio estranha, porque um nome quase lhe escapou.

— Não tenho mesmo! — concordou Laurie, com uma expressão de humildade inteiramente nova nele, enquanto baixava os olhos e, distraidamente, torcia em torno do dedo a borla do avental de Jo.

“Que Deus nos acuda, isto jamais funcionará”, pensou Jo, acrescentando em voz alta:

— Vá, cante para mim. Estou louca para ouvir um pouco de música e sempre gosto quando vem de você.

— Prefiro ficar aqui, obrigado.

— Ora, você não pode, não há espaço. Vá e se mostre útil, porque você é

grande demais para ser decorativo. Você não detesta ficar amarrado às fitas do avental de uma mulher? — replicou Jo, citando algumas palavras rebeldes que ele próprio havia dito.

— Ah, depende de quem está usando o avental! — e Laurie deu uma audaciosa puxada na borla.

— Você vai? — perguntou Jo, curvando-se até o chão, à procura da almofada.

Ele escapuliu num minuto e, quando estava a pleno vapor, cantando “Ah, os gorros da bela Dundee”, ela sumiu e não voltou mais, até o jovem cavalheiro ir para casa, cheio de ressentimento.

Jo ficou acordada durante muito tempo, aquela noite, e quando, afinal, começava a adormecer, o som de um soluço sufocado fez com que corresse para a cama de Beth e fizesse a ansiosa pergunta:

— Que é, querida?

— Pensei que você estivesse dormindo — soluçou Beth.

— É a antiga dor, minha preciosa?

— Não, é uma nova, mas posso suportá-la.

E Beth tentou conter as lágrimas.

— Conte-me tudo a respeito e me deixe curá-la, como já fiz tantas vezes com a outra.

— Você não pode, não há cura.

Neste ponto, a voz de Beth sumiu e, agarrando-se à irmã, ela chorou tão desesperadamente que Jo ficou assustada.

— Onde é? Quer que eu chame mamãe?

Beth não respondeu à primeira pergunta, mas, no escuro, uma mão foi involuntariamente até seu coração, como se a dor fosse ali, enquanto ela segurava Jo com força, com a outra, e sussurrava, cheia de ansiedade:

— Não, não chame mamãe, não diga nada a ela. Eu melhoro logo. Deite-se aqui e faça um agrado em minha cabeça. Vou ficar quieta e durmo num instante, acredite.

Jo obedeceu, mas, enquanto sua mão acariciava suavemente a testa quente de Beth e suas pálpebras molhadas, sentia um peso no coração e estava aflita para falar. Mas, embora jovem, Jo aprendera que os corações, como as flores, não podem ser tratados rudemente, devem abrir-se de forma natural; então, embora acreditasse saber a causa da nova dor de Beth, apenas disse, com seu tom de voz mais terno:

— Alguma coisa está perturbando você, queridinha?

— Sim, Jo — foi a resposta, depois de uma longa pausa.

— Não seria bom você me contar o que é?

— Agora não, ainda não.

— Então, não vou perguntar, mas lembre-se, Bethy, que mamãe e Jo estão sempre dispostas a ouvir e a fazer tudo que puderem para ajudar você.

— Eu sei. Dentro de pouco tempo vou contar a vocês.

— A dor melhorou agora?

— Ah, sim, melhorou muito; você é tão confortável, Jo!

— Vá dormir, querida, vou ficar aqui com você.

Então, com os rostos encostados, elas adormeceram e, na manhã seguinte, Beth parecia outra vez bem; porque, aos dezoito anos, as cabeças e os corações não doem por muito tempo e uma palavra afetuosa cura a maioria das doenças.

Mas Jo tomara uma decisão e, depois de refletir sobre um projeto durante alguns dias, confidenciou-o a sua mãe.

— Você me perguntou, outro dia, quais eram meus desejos. Vou contar um deles a você, mãezinha — começou a dizer, enquanto estavam sentadas lado a lado. — Quero ir embora para algum lugar, este inverno, a fim de mudar um pouco de ares.

— Por quê, Jo?

E sua mãe olhou-a, imediatamente, como se suas palavras sugerissem algum outro significado.

Com os olhos em seu trabalho, Jo respondeu, com seriedade:

— Quero alguma coisa nova. Sinto-me inquieta e ansiosa para ver, fazer e aprender mais do que agora. Preocupo-me demais com minhas próprias pequenas questões e preciso de uma sacudidela; então, se puderem passar sem mim este inverno, gostaria de sair por aí um pouquinho, experimentando minha capacidade de voar.

— Para onde você iria?

— Para Nova York. Tive uma idéia luminosa, ontem, e vou contar qual é. A Sra. Kirke lhe escreveu, dizendo que precisava de uma pessoa jovem e respeitável para ensinar seus filhos e fazer trabalhos de costura. É difícil encontrar exatamente o que ela procura, mas acho que eu serviria, se tentasse.

— Minha querida, ir embora para prestar serviços naquela grande pensão! E a Sra. March parecia surpresa, mas não descontente.

— Não é exatamente prestar serviços, porque a Sra. Kirke é sua amiga — a pessoa mais generosa do mundo — e tornaria as coisas agradáveis para mim, eu sei. A família dela fica separada do resto e ninguém me conhece lá. E não me importa que conheçam. É trabalho honesto e não tenho vergonha dele.

— Nem eu. Mas, e seus escritos?

— A mudança será vantajosa para eles. Vou ver e ouvir coisas novas, terei idéias diferentes e, mesmo que não me sobre muito tempo livre por lá, trarei de

volta um bocado de material para essas porcarias que escrevo.

— Não tenho dúvida, mas será que são esses os únicos motivos para essa repentina fantasia?

— Não, mamãe.

— Posso saber os outros?

Jo olhou-a e, em seguida, desviou os olhos. Depois disse, devagar, com as faces repentinamente coradas:

— Talvez seja vaidade da minha parte; pode ser que me engane, mas tenho a impressão de que Laurie está começando a gostar de mim além da conta.

— Então, você não gosta dele, da maneira como é evidente que ele começa a gostar de você?

E a Sra. March tinha um ar ansioso ao fazer a pergunta.

— Deus do céu, não. Adoro aquele querido rapaz, como sempre adorei, estou imensamente orgulhosa dele; mas, quanto a qualquer coisa mais, está fora de questão.

— Estou satisfeita com isso, Jo.

— Quer fazer o favor de dizer por quê?

— Porque, querida, não acho que vocês dois dêem certo. Como amigos, são muito felizes e suas freqüentes brigas são logo esquecidas, mas acho que

ambos se rebelariam caso se unissem pelo resto da vida. Vocês se parecem demais e apreciam por demais a liberdade, sem falar nos temperamentos esquentados que têm, e vontades fortes; assim, é difícil que sejam felizes juntos, numa relação que exige uma paciência e indulgência infinitas, além de amor.

— É exatamente a impressão que tenho, embora não soubesse explicar direito. Estou satisfeita por você pensar que ele está apenas começando a gostar de mim. Eu ficaria muito preocupada e triste se lhe causasse infelicidade; não poderia me apaixonar pelo querido e velho camarada simplesmente por gratidão, não é verdade?

— Tem certeza dos sentimentos dele por você?

O rubor se tornou mais forte nas faces de Jo, quando ela respondeu, com um ar que era uma mistura de prazer, orgulho e dor, e que as moças costumam ter, quando falam dos seus primeiros apaixonados:

— Temo que sim, mamãe; ele não disse nada, mas olha muito. Acho melhor ir embora antes que isso dê em alguma coisa.

— Concordo com você e, se for possível, você irá.

Jo pareceu aliviada e, depois de uma pausa, falou, sorrindo:

— Como a Sra. Moffat se espantaria com sua decisão, se soubesse, e como ficaria contente de saber que Annie ainda pode ter esperanças!

— Ah, Jo, as mães podem ser diferentes em suas decisões, mas a esperança de todas é a mesma — o desejo de que seus filhos sejam felizes. Meg é, e estou contente com seu sucesso. Você, eu deixo que goze sua liberdade até se cansar dela, porque só então descobrirá que existe alguma coisa mais doce. Minha principal preocupação agora é com Amy, mas seu bom senso a ajudará. Quanto a Beth, não me permito nenhuma esperança, a não ser a de que ela possa ficar boa. A propósito, ela parece mais animada estes últimos dias. Você falou com ela?

— Sim, ela admitiu que tem um problema e prometeu me contar qual é dentro de pouco tempo. Eu não disse mais nada, porque acho que sei do que se trata.

E Jo contou sua pequena história.

A Sra. March sacudiu a cabeça e não encarou o caso de forma tão romântica; fez um ar sério e repetiu sua opinião de que, por causa de Laurie, Jo deveria afastar-se por algum tempo.

— Não vamos dizer nada a ele, até o plano estar resolvido, depois irei embora antes que ele possa recuperar a presença de espírito e se mostrar trágico. Beth deve pensar que vou me divertir, como de fato vou, porque não posso falar com ela sobre Laurie; mas ela pode mimá-lo e confortá-lo, depois que eu for embora, e assim curá-lo dessa idéia romântica. Ele já passou por

tantas pequenas aflições desse tipo que está acostumado e logo se recuperará de sua paixonite.

Jo falou com um tom esperançoso, mas não conseguiu livrar-se do temeroso pressentimento de que essa “pequena aflição” fosse mais dura do que as outras e de que Laurie não se recuperasse de sua “paixonite” tão facilmente quanto vinha acontecendo até aquele momento.

O plano foi discutido num conselho em família e aprovado, porque a Sra. Kirke aceitou alegremente Jo e prometeu proporcionar-lhe um lar agradável. O ensino a tornaria independente e o lazer que tivesse ela poderia aproveitar para escrever; os novos cenários e diferentes amigos seriam ao mesmo tempo úteis e agradáveis. Jo gostou da perspectiva e ficou ansiosa para partir, porque o ninho doméstico estava ficando muito estreito para sua natureza inquieta e espírito aventureiro. Quando tudo estava combinado, cheia de medo, tremendo, ela contou a Laurie o que faria; mas, para surpresa sua, ele levou tudo muito tranquilamente. Andava mais sério do que de costume, nos últimos tempos, mas muito divertido, e, quando foi acusado, em tom brincalhão de ter virado uma nova página no livro de sua vida, ele respondeu com toda gravidade:

— É verdade, e pretendo deixá-la virada.

Jo ficou muito aliviada por ele estar justamente em meio a um acesso de

virtude e fez seus preparativos com o coração leve — Beth parecia mais alegre — e teve esperanças de estar agindo da melhor forma para todos.

— Uma coisa deixo aos seus especiais cuidados — disse na véspera da partida.

— Quer dizer, seus papéis? — perguntou Beth.

— Não, o meu rapaz. Seja muito boa com ele, está bem?

— Claro que serei, mas não posso ocupar seu lugar; ele sentirá uma imensa falta de você.

— Isto não vai fazê-lo sofrer; então, lembre-se, deixo-o aos seus cuidados, para atormentar, mimar e controlar.

— Farei o que puder, por sua causa — prometeu Beth, imaginando por que Jo a olhava de forma tão estranha.

Ao se despedir, Laurie sussurrou significativamente:

— Não vai adiantar nada, Jo. Estou atento a você, de modo que veja lá o que vai fazer. Senão, irei até lá trazê-la de volta para casa.

Capítulo 33

O Diário de Jo

NOVA YORK, Novembro

QUERIDAS MÃEZINHA E BETH,

Vou escrever um bocado para vocês, porque tenho muita coisa para contar,

embora eu não seja uma jovem dama elegante viajando pela Europa. Quando perdi de vista o velho e querido rosto de papai, senti-me um tanto triste e talvez tivesse derramado uma ou duas lágrimas salgadas, se uma senhora irlandesa, com quatro filhos pequenos, todos mais ou menos chorando, não me distraísse a cabeça; porque me diverti deixando cair pães de mel em cima do assento todas as vezes que eles abriam a boca para berrar.

Logo o sol apareceu e, acreditando que isso era um bom augúrio, também me animei e apreciei ao máximo minha viagem.

A Sra. Kirke me acolheu com tanta simpatia que me senti imediatamente em casa, mesmo naquela enorme casa cheia de estranhos. Ela me deu um quartinho engraçado no telhado — era só o que estava disponível, mas há nele um fogão e uma boa mesa, junto a uma janela ensolarada; então posso me sentar aqui e escrever sempre que quero. Uma bela vista e uma torre de igreja, em frente, compensam os muitos degraus que é preciso subir e gostei do meu refúgio na mesma hora. O quarto das crianças, onde devo ensinar e costurar, é um cômodo agradável, vizinho da sala de visitas particular da Sra. Kirke, e as duas meninas são crianças bonitas — um tanto mimadas demais, eu acho, mas ficaram gostando de mim, depois que contei a elas Os sete porquinhos malvados, e não tenho dúvidas de que serei uma governanta modelo.

Devo fazer minhas refeições com as crianças, se preferir, em vez de ocupar

um lugar na grande mesa; e, no momento, prefiro, porque sou tímida, embora ninguém acredite.

“Agora, querida, fique à vontade”, disse a Sra. K., com seu jeito maternal.

“Eu não paro, da manhã à noite, como você pode imaginar, com uma família dessas, mas estarei aliviada de uma grande preocupação sabendo que as crianças estão seguras com você. Meus cômodos estão sempre abertos para você, e os seus terão o maior conforto que eu puder proporcionar-lhe. Há algumas pessoas agradáveis na casa, se você tiver vontade de conversar, e suas noites serão sempre livres. Venha falar comigo, se houver algum problema, e espero que seja muito feliz. Aí está a campainha do chá, preciso correr e trocar minha touca.”

E lá se foi ela, às pressas, deixando que eu me instalasse por conta própria em meu novo ninho.

Quando desci a escada, pouco depois, vi uma coisa de que gostei. Os lances de escada são muito longos, nesta casa alta, e, enquanto eu estava à espera, no alto do terceiro, de que uma criadinha se arrastasse para cima, vi um cavalheiro aproximar-se, por trás dela, tomar de sua mão o pesado balde de carvão, carregá-lo até em cima, colocá-lo no chão diante de uma porta próxima e se afastar, dizendo com um aceno simpático de cabeça e um sotaque estrangeiro:

— Assim é melhor. Essas pequenas costas são muito jovens para tanto peso assim.

Não foi simpático da parte dele? Gosto dessas coisas porque, como diz papai, são os detalhes que revelam uma personalidade. Quando falei disso com a Sra. K., aquela noite, ela riu e disse:

— Deve ter sido o Professor Bhaer, ele está sempre fazendo coisas desse tipo.

A Sra. K. me contou que ele veio de Berlim, é muito culto e bom, mas paupérrimo, e dá aulas para se sustentar e também a dois sobrinhos órfãos, que ele está educando aqui, de acordo com os desejos de sua irmã, que se casou com um americano. A história não é muito romântica, mas me interessou, e fiquei satisfeita de ouvir que a Sra. K. empresta a ele sua sala de visitas para que receba alguns de seus alunos. Há uma porta de vidro entre ela e o quarto das crianças, e pretendo espiá-lo; depois contarei a vocês como ele é. Tem quase quarenta anos, de modo que não há perigo, mãezinha.

Depois do chá e de muita brincadeira, na hora em que as meninas foram para a cama ataquei a grande cesta de costura e passei uma noite tranqüila conversando com minha nova amiga. Vou fazer cartas em forma de diário, e mandá-las uma vez por semana; então, boa noite, amanhã tem mais.

Véspera da terça-feira

Tive momentos animados em meu ensino, esta manhã, porque as crianças agiam como Sancho, e houve um momento em que realmente pensei que as sacudiria de um lado para outro. Algum anjo bom me inspirou a tentar a ginástica e continuei fazendo até que elas ficaram satisfeitas de se sentar e permanecer quietas. Depois do almoço, a moça as levou para uma caminhada e fui fazer meu trabalho de agulha, como a pequena Mabel, “com uma mente bem disposta”. Estava agradecendo a minha sorte por ter aprendido a fazer boas botoeiras, quando a porta da sala de visitas se abriu e se fechou e alguém começou a cantarolar

“Kennst du das Land”,

como uma grande mangangava. Foi terrivelmente impróprio, eu sei, mas não pude resistir à tentação e, erguendo uma ponta da cortina diante da porta de vidro, dei uma espiada para o outro lado. O Professor Bhaer estava lá, e, enquanto ele arrumava seus livros, dei-lhe uma boa olhada. Um alemão típico — um tanto corpulento, com o cabelo castanho caindo-lhe pela cabeça, uma barba cheia, bom nariz, os olhos mais bondosos que já vi e uma esplêndida voz forte, que faz bem aos ouvidos da pessoa, depois da nossa relaxada tagarelice americana. Suas roupas eram desbotadas, as mãos grandes e ele não tinha realmente um só traço bonito no rosto, a não ser seus belos dentes; mas gostei dele, porque tem uma bonita cabeça, sua roupa branca é muito boa

e seu aspecto é de um cavalheiro, conquanto faltassem dois botões em seu casaco e houvesse um remendo num sapato. Ele parecia sério, embora estivesse cantarolando, até que foi à janela para virar os pés de jacinto em direção ao sol e acariciar o gato, que o recebeu como a um velho amigo. Então ele sorriu e, quando deram uma batida na porta, gritou, com um tom de voz alto e enérgico:

— Herein!

Eu já ia sair correndo quando avistei um pedaço de uma criança, carregando um grande livro, e então parei, para ver o que estava acontecendo.

— Quelo meu Bhaer — disse a minúscula criaturinha, deixando seu livro cair com estrépito e correndo para encontrá-lo.

— Terás teu Bhaer; então, venha dar nele um grrrande abrrraço, minha Tina — disse o professor, erguendo-a com uma risada e segurando-a tão alto, por cima de sua cabeça, que ela teve de abaixar o rostinho para beijá-lo.

— Agola tenho de istudá minha lição — prosseguiu a coisinha engraçada; então, ele a colocou em cima da mesa, abriu o grande dicionário que ela trouxera, deu-lhe uma folha de papel e lápis, e ela começou a rabiscar loucamente, virando uma folha, de vez em quando, e passando o dedinho gordo pela página, como se procurasse uma palavra, tão seriamente que quase me traí, soltando uma risada, enquanto o Sr. Bhaer ficava ali em pé,

acariciando o bonito cabelo da menina, com um ar paternal que me fez pensar que ela devia ser filha dele mesmo, embora parecesse mais francesa do que alemã.

Outra batida e o aparecimento de duas moças me fez voltar para meu trabalho e com ele virtuosamente permaneci, no curso de todo o barulho e tagarelice que prosseguiam na sala vizinha. Uma das moças não parava de rir, afetadamente, e de dizer “Ora, professor”, com um tom coquete, e a outra pronunciava seu alemão com um sotaque que devia tornar difícil para ele manter-se sério.

Ambas pareciam testar dolorosamente sua paciência porque, mais de um vez, ouvi-o dizer, enfaticamente:

— Não, não, não é assim, não prrrestam atenção ao que digo — e uma vez houve uma pancada forte, como se ele tivesse batido na mesa com o livro, seguida pela exclamação desesperada:

— Arrgh! Nada vai bem hoje.

Pobre homem, tive pena dele e, quando as moças foram embora, dei apenas mais uma olhada para ver se sobrevivera. Ele parecia ter-se atirado outra vez em sua cadeira, exausto, e ficou ali sentado, com os olhos fechados, até que o relógio bateu as duas horas, quando deu um pulo, enfiou os livros no bolso, como se estivesse pronto para outra aula e, tomando nos braços a

pequena Tina, que adormecera no sofá, carregou-a silenciosamente e foi embora. Fiquei imaginando como a vida dele é dura. A Sra. Kirke me perguntou se eu não queria descer para a refeição das cinco horas e, sentindo-me um tanto saudosa de casa, achei melhor ir, só para ver que tipo de pessoa vive sob o mesmo teto que eu. Então me arrumei, para ficar com um aspecto respeitável, e procurei esgueirar-me para dentro da sala por trás da Sra. Kirke; mas ela é baixa e eu sou alta, então meus esforços para me esconder fracassaram quase completamente. Ela me deu uma cadeira a seu lado e, depois que cessou o calor em meu rosto, juntei coragem e dei uma olhada em torno. A longa mesa estava cheia, e todos se achavam empenhados em pegar seu jantar — especialmente os cavalheiros, que pareciam estar comendo com hora marcada porque, literalmente, fugiram correndo e sumiram logo que acabaram de comer. Havia a habitual variedade de rapazes absortos em si mesmos, jovens casais, um absorto no outro, senhoras casadas, em seus bebês e velhos cavalheiros, na política. Não acredito que me interesse aproximar-me muito de nenhum deles, a não ser de uma Solteirona de rosto doce, que parece ter alguma coisa por dentro de si.

Abandonado na extremidade da mesa estava o Professor, gritando respostas para as perguntas de um velho cavalheiro surdo, muito inquisitivo, de um lado, e conversando sobre filosofia com um francês, do outro. Se Amy

estivesse ali, com certeza o desprezaria para sempre porque — é triste contar — ele tinha um grande apetite e comia seu jantar com tal sofreguidão que teria horrorizado “sua senhoria”. Eu não me importei, porque gosto de “ver as pessoas comerem com todo o prazer”, como diz Hannah, e o pobre homem devia estar precisando de um bocado de comida depois de ensinar idiotas o dia inteiro.

Quando eu estava subindo a escada, depois do jantar dois dos rapazes colocavam seus chapéus em frente ao espelho do saguão, e ouvi um deles dizer ao outro, em voz baixa:

— Quem é a nova moça?

— Governanta, ou alguma coisa do gênero.

— Que diabo está ela fazendo em nossa mesa?

— É amiga da velha.

— Tem uma cabeça bonita, mas falta classe.

— Falta completamente. Acenda aqui e vamos embora.

Primeiro, fiquei zangada; mas depois não me importei, porque uma governanta é tão boa quanto qualquer funcionário e tenho bom senso, se me falta elegância, enquanto muita gente não tem nem isso, a julgar pelos comentários das

criaturas

bem

arrumadas

que

saíram

pisando

estrepitosamente, a fumar feito chaminés. Detesto pessoas comuns!

Quinta-feira

Ontem foi um dia tranqüilo, que passei ensinando, costurando e

escrevendo em meu quartinho, que é muito aconchegante, com uma luz e uma

lareira. Captei algumas pequenas novidades e fui apresentada ao Professor.

Parece que Tina é filha da francesa que passa a roupa fina na lavanderia

daqui. A coisinha adora o Sr. Bhaer e o segue por toda parte, como um

cachorrinho, sempre que ele está em casa, o que o encanta, porque gosta

muito de crianças, embora seja “solteiron”. Kitty e Minnie Kirke também o

tratam afetosamente e contam todo tipo de histórias sobre as brincadeiras que

ele inventa, os presentes que traz e as maravilhosas histórias que conta. Os

rapazes zombam dele, segundo parece, chamando-o de Velho Fritz, Cerveja

Lager, Ursa Maior, e fazem todo tipo de piadas com o nome do professor. Mas

ele se diverte com isso, como se fosse um menino, diz a Sra. K., e leva tudo

com tanto bom humor que todos gostam dele, apesar de suas maneiras estrangeiras.

A Solteirona é a Srta. Norton — rica, culta e bondosa. Ela falou comigo durante o jantar, hoje (porque fui para a mesa novamente, é tão divertido observar as pessoas), e me convidou a ir visitá-la em seu quarto. Tem bons livros e belos quadros, conhece pessoas interessantes e parece amistosa, então vou me mostrar simpática, porque quero realmente freqüentar a boa sociedade, só que não é do mesmo tipo que Amy aprecia.

Eu estava em nossa sala de visitas, a noite passada, quando o Sr. Bhaer entrou com alguns jornais para a Sra. Kirke. Ela não estava ali, mas Minnie, que é uma pequena velhinha, apresentou-me de forma muito bonita:

— Esta é a amiga de mamãe, Srta. March.

— Sim, ela é alegre e gostamos muito dela — acrescentou Kitty, que é uma enfant terrible.

Ambos fizemos curvaturas e depois rimos, porque a cerimoniosa apresentação e o abrupto acréscimo contrastavam de forma um tanto cômica.

— Ah, sim, ouvi dizer que essas duas teimosas a incomodam, Senhorrita Marsch. Se isto acontecer novamente, me chame que eu apareço — disse ele, com a testa ameaçadoramente franzida, o que encantou as diabinhas.

Prometi que chamaria, e ele foi embora; mas parece que estou destinada a

vê-lo muito, porque hoje, enquanto eu passava por sua porta, ao sair, por acidente bati nela com minha sombrinha. A porta se escancarou e lá estava ele, com seu robe, tendo em uma das mãos uma grande meia azul e uma agulha de cerzir na outra; não pareceu absolutamente envergonhado disso porque, quando expliquei o que acontecera e me afastei às pressas, acenou com a mão, com meia e tudo, dizendo com sua voz alta e seu jeito alegre: — O dia está bom para caminharrr. Bon voyage, mademoiselle.

Ri o tempo inteiro, enquanto descia a escada, mas foi um pouco patético, também, pensar no pobre homem tendo de consertar suas próprias roupas. Os cavalheiros alemães bordam, eu sei, mas cerzir meias é outra coisa, não tão bonita.

Sábado

Nada aconteceu para escrever a respeito, a não ser uma visita à Srta.

Norton, que tem um quarto cheio de lindas coisas e que foi muito simpática, porque me mostrou todos os seus tesouros e me perguntou se eu, algumas vezes, não iria com ela a palestras e concertos, como sua acompanhante — se eu gostasse. Ela colocou as coisas como se fosse um favor feito a ela, mas tenho certeza de que a Sra. Kirke lhe falou sobre nós, e ela faz por bondade comigo. Sou orgulhosa como diabo, mas esses favores, da parte dessas pessoas, não me pesam; então aceitei, cheia de gratidão.

Quando voltei para o quarto das crianças, havia um barulho tão grande na sala de visitas que olhei para dentro e lá estava o Sr. Bhaer, de quatro, com Tina em suas costas, Kitty puxando-o com uma corda de pular e Minnie alimentando com bolos dois meninos, que berravam e esbravejavam dentro de jaulas construídas com cadeiras.

— Estamos brincando de zoológico — explicou Kitty.

— Este é meu efelante! — acrescentou Tina, segurando o cabelo do Professor.

— Mamãe sempre deixa a gente fazer o que gosta, na tarde de sábado, quando Franz e Emil vêm para cá, não é, Sr. Bhaer? — disse Minnie.

O “efelante” sentou-se, com um ar tão sério quanto qualquer das crianças, e me disse gravemente:

— Dou-lhe minha palavra que sim. Se fizermos barulho demais, deve nos dizer Psiu!, e então nos aquietarremos.

Prometi fazer isso, mas deixei a porta aberta e me diverti com a brincadeira tanto quanto eles — porque nunca vi tamanha folia. Brincaram de pegar, de soldados, dançaram e cantaram, e, quando começou a escurecer, todos se reuniram no sofá, em torno do Professor, enquanto ele contava lindas histórias de fadas, falando de cegonhas no alto das chaminés e dos pequenos “gnomos”, que cavalgam os flocos de neve que caem. Gostaria que os

americanos fossem tão simples e naturais quanto os alemães, vocês também não?

Gosto tanto de escrever que continuaria a rabiscar para sempre, se motivos de economia não me fizessem parar; porque, embora eu tenha usado papel fino e escrito com letra pequena, tremo só em pensar quantos selos vai precisar esta longa carta. Por favor, remetam as cartas de Amy logo que puderem ficar sem elas. Minhas pequenas notícias soarão muito pobres, depois dos esplendores que ela conta, mas vocês gostarão delas, eu sei. Será que Teddy está estudando tanto a ponto de não conseguir encontrar tempo para escrever para seus amigos? Tome conta dele muito bem para mim, Beth, conte-me tudo sobre os bebês e transmita meu amor imenso a todos.

Com o afeto de sempre de

Jo

RS. Ao ler outra vez minha carta, ela me parece falar demais de Bhaer, mas estou sempre interessada em pessoas diferentes e realmente não tinha nada mais sobre o que escrever.

DEZEMBRO

MINHA PRECIOSA BETSEY,

Como esta deverá ser uma carta rabiscada às pressas, endereço-a a você, porque talvez a divirta e lhe dê alguma idéia das coisas que ando fazendo;

embora tranqüilas, são bastante divertidas e vamos nos alegrar com isso.

Depois do que Amy chamaria de esforços hercúleos, no sentido de um cultivo moral e mental, minhas jovens idéias começam a brotar e meus pequenos ramos a se curvar, segundo meus desejos. Não são tão interessantes para mim quanto Tina e os meninos, mas cumpro meus deveres com elas, e elas gostam de mim. Franz e Emil são rapazinhos alegres, bem de acordo com meu gosto, porque a mistura dos espíritos alemão e americano, neles, produz um constante estado de efervescência. As tardes de sábado são períodos turbulentos, sejam passadas em casa ou fora; porque, nos dias bons, eles vão caminhar como num seminário, com o Professor e eu mantendo a ordem, e como é divertido!

Agora somos muito bons amigos e comecei a tomar auras. Realmente não pude deixar de fazer isso, e tudo aconteceu de uma maneira tão divertida que preciso lhe contar. A Sra. Kirke me chamou, um dia, quando eu passava pelo quarto do Sr. Bhaer, que ela estava inspecionando.

— Já viu um covil desses, querida? Venha cá e me ajude a colocar esses livros em seus lugares, porque virei tudo de cabeça para baixo, tentando descobrir o que ele fez com os seis lenços novos que lhe dei, não faz muito tempo.

Entrei e, enquanto trabalhávamos, olhei em torno, porque sem dúvida

aquilo era mesmo um “covil”. Livros e papéis por toda parte; um cachimbo de espuma do mar quebrado e uma velha flauta em cima do consolo da lareira, como se fosse muito apreciada; um pássaro em farrapos, sem cauda, pipilava no peitoril da janela, e uma caixa de ratinhos brancos enfeitava a outra; barcos inacabados e pedaços de barbante estavam entre os manuscritos; pequenas botas sujas achavam-se em pé, secando, diante da lareira, e vestígios dos amados rapazes, dos quais ele se transformara em escravo, eram vistos por toda parte no quarto. Depois de uma grande vistoria, três das peças desaparecidas foram encontradas — uma delas em cima da gaiola do passarinho, outra coberta de tinta e uma terceira queimada, tendo sido usada como pegador.

— Mas que homem! — riu a bem-humorada Sra. K., colocando as relíquias na bolsa de trapos. — Suponho que os outros estão completamente rasgados, tendo sido usados para fazer velas de barcos, servir de ataduras para dedos cortados ou em caudas de pipas. É terrível, mas não posso repreendê-lo; é tão distraído e bem-humorado, deixa aqueles meninos montarem nele usando ferraduras. Combinei que lavaria e consertaria sua roupa, mas ele se esquece de me dar suas coisas e eu também me esqueço de vir buscá-las; então, às vezes ele fica em situações difíceis.

— Deixe que conserto tudo — disse eu. — Não me importo com isso e ele

não precisa saber. Gostaria de fazer isso — ele é tão gentil comigo, trazendo minhas cartas, me emprestando livros.

Então coloquei as coisas dele em ordem e costurei calcanhares em dois pares das meias — porque estavam completamente deformadas com as estranhas cerziduras que ele tinha feito. Nada foi dito e esperei que ele não descobrisse; mas um dia, na semana passada, ele me surpreendeu fazendo isso. Ouvir as aulas que ele dá aos outros me interessou e diverti tanto que fiquei com vontade de aprender, porque Tina entra e sai às carreiras, deixando a porta aberta, e assim posso ouvir. Eu estava sentada perto dessa porta, terminando a última meia e tentando entender o que ele dizia a uma nova aluna, tão estúpida quanto eu. A moça fora embora e eu pensava que ele também, estava tudo tão silencioso e eu me achava muito ocupada papagueando um verbo e me balançando para a frente e para trás, da maneira mais absurda, quando um pequeno grito de prazer me fez erguer os olhos e lá estava o Sr. Bhaer olhando e rindo silenciosamente, enquanto fazia sinais para Tina, a fim de que não o traísse.

— Veja só! — disse ele, e eu parei e fiquei olhando como uma idiota. —

Você me espia, eu espio você; isto não é mau; mas ouça, não estou

brrrincando quando perrrgunto — querrr aprrrrender alemão?

— Sim, mas o senhor está ocupado demais. Sou muito tola para aprender

— gaguejei, vermelha como uma peônia.

— Orrra! Conseguimos tempo e tudo dá cerrrto. À noite eu dá pequena liçon, com muito satisfaçon; porrrque, veja, Senhorrrita Marsch, tenho este dívida parrra pagarr. — E ele apontou para meu trabalho. — “Sim”, elas dizem uma parrra a outrrra, essas senhorrras tão bondosas, “ele é um velho estúpido, não verrrá o que nós fazemos, jamais notarrá que os calcanhares dessa meia não têm mais burrracos, pensarrá que os botão crrescem de novo, depois que caem e acrrredita que os cadarrços nascem do nada”. Ah! Mas tenho olhos, vejo muita coisa. Tenho um coraçõ e me sinto agrrradecido por isso. Vamos, uma liçonzinha de vez em quando, senão não haverrá mais bons trabalhos parrra mim e minhas coisa.

Claro que eu não poderia dizer nada, depois disso; e, como era realmente uma esplêndida oportunidade, fechei o acordo e começamos. Tomei quatro aulas e, depois, me atolei na gramática. O Professor foi muito paciente comigo, mas deve ter sido um tormento para ele e, de vez em quando, olhava-me com uma tal expressão de brando desespero que eu ficava na dúvida se devia rir ou chorar. Tentei as duas coisas e, quando o resultado foi uma fungadela de profunda mortificação e pesar, ele jogou simplesmente a gramática no chão e marchou para fora da sala. Eu me senti desacreditada e abandonada para sempre, mas não o culpei nem um pouquinho e estava juntando meus papéis,

com a intenção de correr para cima e passar um bom carão em mim mesma, quando ele veio, tão animado e sorridente como se eu tivesse acertado tudo.

— Agorrrra, vamos tentar de outra maneira. Você e eu leremos juntos essas agrrradáveis pequenas Märchen e não mexeremos mais nesse livro desinterressante, que faz tudo para nos crriarr problemas.

Falou tão bondosamente e abriu à minha frente os contos de fadas de Hans Andersen de forma tão convidativa, que fiquei mais envergonhada do que nunca e me atirei à minha lição com um ardor desesperado, que pareceu diverti-lo imensamente. Esqueci minha timidez e dei duro (não há outras palavras para expressar o que aconteceu), usando toda minha energia, tropeçando nas palavras compridas, pronunciando de acordo com a inspiração do instante, enfim, fazendo o máximo que podia. Quando acabei de ler minha primeira página e parei para tomar fôlego, ele bateu palmas e exclamou, com seu jeito caloroso:

— Das ist gut! Agora, vamos bem! É minha vez. Leio em alemão, peço que me escute.

E lá se foi ele, lendo as palavras com sua voz grossa e retumbante, com um prazer que era bom de ver, além de ouvir. Felizmente, a história era Constante, Soldadinho de Chumbo, que é engraçada, vocês sabem, de modo que pude rir — e ri mesmo —, embora não entendesse metade do que ele leu,

mas não consegui evitar, ele estava tão sério, eu tão excitada, a coisa toda era muito cômica.

Depois disso, continuamos melhor; agora, leio minhas lições bastante bem, porque esta maneira de estudar me convém, e vejo que a gramática está contida nos contos e na poesia da mesma forma como alguém dá pílulas em gelatina. Gosto muito disso e ele ainda não parece cansado de me ensinar — o que é muito gentil de sua parte, não? Pretendo dar-lhe alguma coisa de presente de Natal, porque não ousa oferecer dinheiro. Diga-me alguma coisa simpática, mãezinha.

Estou contente de Laurie parecer tão feliz e ocupado, com o fato de ele ter parado de fumar e de estar deixando o cabelo crescer. Vejo que Beth lida melhor com ele do que eu lidava. Não estou com ciúmes, querida, faça o melhor que puder, só não o transforme num santo. Tenho medo de não ser capaz de gostar dele sem um toque de teimosia humana. Leia para ele trechos de minhas cartas. Não tenho tempo para escrever muito e isto funcionará perfeitamente. Graças a Deus Beth continua tão bem.

JANEIRO

Feliz Ano-Novo para vocês todos, minha querida família e isto, claro, inclui o Sr. L. e um rapaz chamado Teddy. Nem sei dizer quanto gostei do pacote de Natal que me mandaram, porque só o recebi à noite e já havia perdido a

esperança. A carta de vocês chegou de manhã, mas nada disseram sobre um pacote, pretendendo que fosse uma surpresa; então fiquei desapontada, porque tivera uma “intuição” de que não se esqueceriam de mim. Fiquei um pouquinho deprimida, sentada em meu quarto, depois do chá; e, quando o grande fardo enlameado e castigado me foi entregue, simplesmente abracei-o e saí às cabriolas. Era tão caseiro e reconfortante que me sentei no chão e fiquei lendo, olhando, comendo, rindo e chorando, do meu jeito absurdo habitual. As coisas eram exatamente o que eu queria e melhores ainda, porque foram feitas por vocês, em vez de compradas. O novo “babadoiro para tinta” que Beth mandou é sensacional e a caixa de pães de mel de Hannah será um tesouro. Sem dúvida, usarei as roupas de flanela que você enviou, mãezinha, e lerei com cuidado os livros que papai marcou. Obrigadíssima a vocês todos! Falar de livros me lembra que estou ficando rica, neste sentido; porque, no dia de Ano-Novo, o Sr. Bhaer me deu um belo Shakespeare. É um dos livros que ele valoriza muito e muitas vezes o admirei, colocando no lugar de honra de sua estante, ao lado de sua Bíblia alemã, de Platão, Homero e Milton; então, vocês imaginam como me senti, quando ele o trouxe para baixo, sem a cobertura, e me mostrou meu nome escrito nele, do meu “amigo Friedrich Bhaer”.

— Você diz, muitas vezes, que queria ter um biblioteca: aqui lhe dou um

porque, entre essas tampas (ele queria dizer capa e contracapa), há muitos livros num só. Leia-o bem e ele lhe ajudará muito, porque o estudo dos personagens neste livro, lhe permitirá entender as pessoas na vida real e a retratá-las com sua pena.

Agradei-lhe o melhor que pude e, agora, falo de “minha biblioteca”, como se eu tivesse uma centena de livros. Jamais percebera quanto há em Shakespeare, mas não tinha Bhaer para me explicar. Agora, não rio mais do seu nome horroroso; não é pronunciado nem Bear (Urso), nem Beer (Cerveja), como as pessoas dizem, mas alguma coisa entre um e outro, como só os alemães podem dizer. Estou satisfeita de vocês dois terem gostado do que lhes conto sobre ele e espero que algum dia venham a conhecê-lo. Mamãe admiraria seu coração caloroso, e papai, sua sábia cabeça. Eu admiro as duas coisas e me sinto rica com meu novo “amigo Friedrich Bhaer”.

Não tendo muito dinheiro, nem sabendo o que ele gostaria de ganhar, comprei uma porção de coisinhas e as espalhei pelo quarto, onde ele as encontrará inesperadamente. São úteis, bonitas e engraçadas — um novo tinteiro em sua mesa, um pequeno jarro para suas flores — ele sempre tem uma, ou um pouco de verde, num vidro, para mantê-lo fresco, como ele diz — e um pegador para seu fole, para ele não precisar queimar o que Amy chama de “mouchoirs”. Eu o fiz como esses que Beth inventou — uma grande borboleta,

com um corpo gordo e asas pretas e amarelas, antenas de lã e olhos de contas. Ele gostou imensamente deste objeto e o colocou no consolo da lareira como peça artística, de modo que, afinal, a borboleta até certo ponto fracassou. Pobre como é, ele não se esqueceu de um só criado ou de uma criança na casa, e ninguém aqui, desde a lavadeira francesa à Srta. Norton, se esqueceu dele.

Fizeram um baile de máscaras e passaram alegremente a noite de réveillon. Eu não pretendia descer, porque não tinha roupa; mas, no último minuto, a Sra. Kirke lembrou-se de alguns velhos brocados, e a Srta. Norton me emprestou rendas e plumas; então, fantasiei-me de Srta. Malaprop e circulei com uma máscara. Ninguém me reconheceu, porque disfarcei a voz, e ninguém sonhou que a silenciosa e arrogante Srta. March (porque eles acham que sou muito rígida e fria, a maioria deles — e sou mesmo, para os fedelhos), podia dançar, vestir-se festivamente e explodir numa “bela loucura de epitáfios, como uma alegoria nas margens do Nilo” Gostei muito da festa, e, quando tiramos as máscaras, foi engraçado ver como eles me olhavam. Ouvi um dos rapazes dizer a outro que sabia que eu fora atriz; de fato, ele pensou lembrar-se de me ter visto num dos teatros menores. Meg adorará essa piada. O Sr. Bhaer era Nick Bottom e Tina, Titania — uma perfeita fadinha em seus braços. Ver os dois dançarem era uma “bela paisagem”, para usar um teddysmo.

Tive, afinal, um Ano-Novo muito feliz; e, quando pensei em tudo que ocorrera em meu quarto, senti que estou avançando um pouquinho, apesar de meus muitos fracassos; porque agora estou alegre o tempo inteiro, trabalho com vontade e me interesso mais pelas outras pessoas do que antigamente, o que é satisfatório. Que Deus abençoe vocês todos! Da sua sempre carinhosa,
Jo

Capítulo 34

Um Amigo

Embora estivesse muito feliz com a atmosfera social em torno de si e muito ocupada no trabalho diário com que ganhava seu pão de cada dia e que o tornava mais doce, por causa do esforço despendido, Jo ainda encontrava tempo para tarefas literárias. O objetivo para o qual se voltava, agora, era natural para uma moça pobre e ambiciosa, mas os meios que usou para atingir seu objetivo não foram os melhores. Ela viu que o dinheiro conferia poder; dinheiro e poder, portanto, resolveu ter, não para serem usados só por ela, mas também pelos que amava mais que a si própria.

O sonho de encher a casa de confortos, dando a Beth tudo que ela desejasse, desde morangos no inverno até um órgão em seu quarto, ou de viajar ela própria para o exterior e sempre ter mais do que apenas o bastante para poder permitir-se o luxo da caridade, tudo isso compunha, há anos, o mais

acalentado castelo no ar de Jo.

A experiência da história premiada parecera abrir um caminho que poderia, depois de muita travessia e de muita labuta, conduzir a esse delicioso château en Espagne. Mas o desastre do romance extinguiu-lhe a coragem, durante algum tempo, porque a opinião pública é um gigante que já assustou Joãozinhos de corações mais resistentes do que o dela, em pés de feijão maiores. Como aquele herói imortal, ela repousou durante algum tempo, depois da primeira tentativa, que resultou numa queda e no menos belo entre os tesouros do gigante, se não me falha a memória. Mas o espírito de “sacudir a poeira e dar a volta por cima” era tão forte em Jo quanto em Joãozinho; então ela subiu aos tropeções, desta vez do lado da sombra, e conseguiu mais dinheiro, mas quase deixou para trás tudo aquilo que era mais precioso do que uma bolsa repleta.

Começou a escrever histórias sensacionalistas porque, naquela idade das trevas, mesmo a perfeita América lia lixo. Não contou a ninguém, mas elaborou um “conto de suspense” e, ousadamente, levou-o em pessoa ao Sr. Dashwood, editor do Semanário Vulcão. Nunca lera o Sartor Resartus, mas tinha um instinto feminino que lhe dizia que as roupas exercem sobre muitas pessoas uma influência mais poderosa do que o valor do caráter ou a magia das maneiras. Então, vestiu-se com o que tinha de melhor e, tentando convencer a

si mesma de que não estava excitada nem nervosa, corajosamente subiu dois lances de escada escura e suja e foi parar numa sala desarrumada, em meio a uma nuvem de fumaça de cigarro e na presença de três cavalheiros sentados com os saltos dos sapatos um tanto mais altos do que seus chapéus, peças do vestuário que nenhum deles deu-se ao trabalho de retirar quando ela apareceu.

Algo desanimada por essa acolhida, Jo hesitou à entrada, enquanto murmurava extremamente constrangida:

— Desculpem-me, estava procurando a redação do Semanário Vulcão.

Queria falar com o Sr. Dashwood.

O mais alto par de saltos baixou, ergueu-se o cavalheiro que soltava mais fumaça e, acariciando cuidadosamente seu charuto entre os dedos, ele avançou com um aceno de cabeça e um rosto que não expressava nada além de sono. Sentindo que deveria de alguma forma resolver o assunto, Jo apresentou seu manuscrito e, a cada frase mais ruborizada, foi fazendo às tontas o pequeno discurso que preparara cuidadosamente para aquela ocasião.

— Uma amiga minha quis que eu oferecesse — uma história — apenas como uma tentativa — gostaria de saber sua opinião — ficaria satisfeita de escrever mais, se esta interessar.

Enquanto ela corava e gaguejava, o Sr. Dashwood pegava o manuscrito e

virava as folhas com um par de dedos um tanto sujos, lançando olhares críticos de cima a baixo das páginas bem arrumadas.

— Não é uma primeira tentativa, suponho eu? — observando que as páginas eram numeradas, escritas apenas de um lado e não estavam amarradas com uma fita — sinal seguro de que se tratava de obra de uma novata.

— Não, senhor; ela tem alguma experiência e ganhou um prêmio por um conto no Estandarte de Blarneystone.

— Ah, é mesmo? — E o Sr. Dashwood lançou em Jo uma rápida olhada, que parecia registrar tudo que ela tinha em cima de si, desde a fita em seu gorro até os botões de suas botas. — Bom, pode deixar o texto aqui, se quiser. Temos tantas coisas desse tipo aqui, que não sabemos o que fazer com elas no momento, mas vou dar uma olhada e lhe darei uma resposta na próxima semana.

Ora, Jo não estava gostando de deixar seu original, porque o Sr. Dashwood não lhe agradou, de forma nenhuma; mas, nas circunstâncias, não havia nada que pudesse fazer, a não ser uma curvatura, e se afastar, de porte erecto, destacando sua altura, e com um ar majestoso, como costumava fazer quando irritada ou envergonhada. Naquele momento, ela estava as duas coisas, porque ficou perfeitamente evidente, pelos olhares cúmplices trocados pelos

cavalheiros, que sua pequena ficção sobre “minha amiga” fora considerada uma boa piada; e uma risada, provocada por algum comentário inaudível do editor, enquanto ele fechava a porta, completou seu embaraço. Meio decidida a não voltar nunca mais àquele lugar, ela foi para casa e trabalhou até esgotar sua irritação, costurando vigorosamente aventais de criança e, dentro de uma ou duas horas, estava suficientemente calma para rir com a cena e ansiar para que a semana seguinte não demorasse a chegar.

Quanto voltou lá, o Sr. Dashwood estava sozinho, o que a deixou muito satisfeita; o Sr. Dashwood estava bem mais acordado do que antes, o que era agradável; e o Sr. Dashwood estava absorto demais num charuto para se lembrar de suas maneiras: então, a segunda conversa foi muito mais satisfatória do que a primeira.

— Publicaremos esta (os editores jamais dizem eu), se você não se opuser a algumas pequenas alterações. E comprida demais; mas, cortando os trechos que assinalei, ficara exatamente do tamanho certo — disse ele, com um tom de voz de quem trata de negócios.

Jo mal reconheceu seu próprio texto, tão amassado estava e com as páginas cheias de trechos sublinhados; mas, sentindo-se como uma terna mãe poderia sentir-se, sendo solicitada a cortar as pernas de seu bebê para ele caber num novo berço, ela examinou os trechos assinalados e ficou surpresa

de descobrir que todas as reflexões morais — que cuidadosamente inserira, para contrabalançarem tanto romantismo — haviam sido eliminadas.

— Mas, senhor, achei que toda história deveria ter algum tipo de moral, então tomei o cuidado de fazer com que alguns dos meus pecadores se arrependessem.

A seriedade editorial do Sr. Dashwood relaxou-se num sorriso, porque Jo se esquecera de “sua amiga” e falara como só uma autora falaria.

— As pessoas querem se divertir, não ouvir sermões, sabe. A moral não vende nada hoje em dia — declaração que, aliás, não era inteiramente verdadeira.

— Acha, então, que ficaria bom com essas alterações?

— Sim, é um novo tipo de enredo, e muito bem elaborado; a linguagem é boa e assim por diante — foi a amável resposta do Sr. Dashwood.

— O que vocês... quero dizer, qual a compensação... — começou Jo, sem saber exatamente como se expressar.

— Ah, sim, bom, nós damos de vinte e cinco a trinta para coisas desse tipo.

Pagamos quando é publicado — respondeu o Sr. Dashwood, como se tivesse esquecido este aspecto. — Coisas assim insignificantes muitas vezes fogem à mente dos editores, segundo se comenta.

— Está bem, pode ficar com ele — disse Jo, devolvendo a história com um

ar satisfeito; porque, depois de trabalhar recebendo um dólar por coluna, até mesmo vinte e cinco pareciam um bom pagamento.

“Posso dizer a minha amiga que o senhor ficará com outra, se tiver alguma melhor do que esta?” — perguntou Jo, inconsciente do pequeno deslize cometido antes, e encorajada por seu sucesso.

— Bom, veremos; não posso prometer aceitar. Diga a ela que faça uma história curta e apimentada e que não ligue para a moral. Com que nome sua amiga gostaria de assinar? — perguntou ele com um tom despreocupado.

— Com nenhum, por favor. Ela não quer que seu nome apareça e não tem pseudônimo literário — disse Jo, corando, à sua própria revelia.

— Como ela quiser, naturalmente. O conto será publicado na próxima semana. A senhorita virá buscar o dinheiro ou quer que eu o remeta? — perguntou o Sr. Dashwood, que sentia o desejo natural de saber quem poderia ser sua nova colaboradora.

— Virei buscá-lo. Bom dia, senhor.

Quando ela foi embora, o Sr. Dashwood pôs outra vez os pés em cima da mesa e fez um comentário jocoso:

— Pobre e orgulhosa, como de costume, mas ela vai servir.

Seguindo as indicações do Sr. Dashwood e fazendo da Srta. Northbury seu modelo, Jo, temerariamente, mergulhou no mar encapelado da literatura

sensacionalista, mas, graças ao salva-vidas que lhe foi atirado por um amigo, conseguiu sair dele sem sofrer grandes danos com a imersão.

Como a maioria dos jovens escrevinhadores, ela ia buscar no exterior seus personagens e cenários; e banditi, condes, ciganas, freiras e duquesas surgiam em seu palco e desempenhavam seus papéis com tanta exatidão e espírito quanto deles se poderia esperar. Seus leitores não eram exigentes em questões insignificantes como gramática, pontuação e verossimilhança, e o Sr. Dashwood, afavelmente, permitiu-lhe que enchesse suas colunas pelos preços mais baixos, não achando necessário contar a ela que o verdadeiro motivo de sua hospitalidade era o fato de que um dos seus escritores assalariados, tendo recebido uma oferta de pagamentos mais elevados, mesquinamente o abandonara, deixando-o em apuros.

Ela logo se interessou por seu trabalho, porque sua bolsa magra rapidamente se tornou robusta e a pequena reserva de dinheiro que ela estava fazendo, a fim de levar Beth para as montanhas no próximo verão, foi crescendo de forma lenta mas segura, à medida que as semanas se passavam. Uma coisa perturbava sua satisfação, e por isso ela não contou nada ao pessoal de casa. Tinha a impressão de que papai e mamãe não aprovariam; então preferiu fazer primeiro o que tinha vontade e depois pedir perdão. Era fácil manter seu segredo, porque nenhuma assinatura aparecia em

suas histórias. O Sr. Dashwood, claro, logo descobriu tudo, mas prometeu ficar de boca fechada e, surpreendentemente, manteve sua palavra.

Ela achou que aquilo não lhe causaria nenhum dano, porque, sinceramente, pretendia não escrever nada de que se envergonhasse e acalmou todas as pontadas em sua consciência, antecipando o instante feliz em que mostraria seus ganhos e riria do seu segredo bem guardado.

Mas o Sr. Dashwood rejeitava todas as histórias, a não ser as emocionantes, e as emoções não podiam ser produzidas a não ser sacudindo a alma dos leitores; e, com esse objetivo, obras históricas ou de aventuras, terra e mar, ciência e arte, fichários policiais e asilos de loucos, tudo teve de ser esquadrihado. Jo logo descobriu que sua inocente experiência dera-lhe apenas algumas rápidas visões do mundo trágico que se oculta sob as aparências sociais; então, encarando a questão de um ponto de vista profissional, ela se empenhou em suprir suas deficiências com característica energia. Ansiosa para encontrar material para suas histórias, e decidida a lhes dar enredos originais, já que a execução não era magistral, leu minuciosamente os jornais, em busca de acidentes, incidentes e crimes; despertou suspeitas de funcionários das bibliotecas públicas, pedindo obras sobre venenos; estudou os rostos nas ruas e os tipos humanos em torno dela, fossem bons, maus ou indiferentes; penetrou na poeira dos velhos tempos, em

busca de fatos ou ficções antigos a ponto de serem tão bons quanto os novos e entrou em contato com a loucura, o pecado e a miséria humana, tanto quanto lhe permitiam suas limitadas oportunidades. Pensou que progredia maravilhosamente, mas, de forma inconsciente, começava a profanar alguns dos atributos do caráter feminino. Vivia em má companhia e, por mais imaginária que ela fosse, sua influência a afetava, pois alimentava o coração e a fantasia com iguarias perigosas e pouco substanciais, e rapidamente varria o inocente florescimento de sua natureza, com um conhecimento prematuro do lado mais sombrio da vida, que no devido momento não demora a se apresentar a todos nós.

Mais do que ver tudo isso, ela começava a deixar que seus sentimentos fossem tocados; porque, de tanto descrever as paixões e emoções das outras pessoas, partiu para estudar e especular em torno das suas próprias — um divertimento mórbido ao qual não se entregam, voluntariamente, jovens mentes saudáveis. Os erros sempre acarretam sua própria punição e, quando Jo precisava da sua, recebeu-a.

Não sei se o estudo de Shakespeare a ajudou a ler os caracteres, ou se foi o instinto natural de uma mulher para identificar o que é honesto, corajoso e forte; mas, enquanto dotava seus heróis imaginários de todas as perfeições que existem neste mundo, Jo descobria um herói vivo, que a interessava,

apesar de suas muitas imperfeições humanas. O Sr. Bhaer, numa das conversas dos dois, aconselhara-a a estudar personagens simples, verdadeiros e adoráveis, onde quer que os encontrasse, um treinamento que ele considerava bom para uma escritora. Jo levou seu conselho ao pé da letra porque, friamente, dedicou-se a estudá-lo — um procedimento que muito o surpreenderia, se soubesse o que ocorria, porque o meritório Professor era muito humilde, na maneira como encarava a si mesmo.

O motivo de todos gostarem dele foi o que deixou Jo perplexa, inicialmente. Não era rico nem importante, não era jovem nem bonito; sob nenhum aspecto tinha qualquer traço do que é chamado de sedução, imponência ou brilho; e, no entanto, era tão atraente quanto o fogo ardendo, e as pessoas pareciam reunir-se em torno dele com tanta naturalidade quanto em torno de uma lareira acesa. Era pobre, mas sempre parecia dar alguma coisa; um estrangeiro, mas todo mundo era seu amigo; não era mais jovem, mas tinha o coração tão alegre quanto o de um menino; simples e singular, mas seu rosto parecia belo para muitas pessoas e suas excentricidades eram amplamente perdoadas, por ele ser quem era. Jo observava-o freqüentemente, tentando descobrir o segredo do seu encanto e, afinal, concluiu que era sua benevolência que operava o milagre. Se ele tinha algum pesar, “este se sentava com a cabeça debaixo de sua asa” e ele mostrava ao mundo apenas seu lado alegre. Havia rugas em

sua testa, mas o Tempo parecia tê-lo tocado apenas levemente, lembrando-se de como ele era bondoso para com as outras pessoas. As curvas simpáticas em torno de sua boca eram memoriais de muitas palavras amáveis e alegres risadas; seus olhos jamais se apresentavam frios ou duros, e sua mão grande agarrava de uma forma calorosa e forte, mais expressiva do que qualquer palavra.

Suas próprias roupas pareciam partilhar da natureza hospitaleira de quem as usava. Tinham um aspecto descontraído, como se gostassem de dar conforto a ele; seu amplo colete sugeria a presença, sob ele, de um grande coração; seu casaco cor de ferrugem tinha um ar sociável e os bolsos largos claramente provavam que pequenas mãos muitas vezes entravam neles vazias e saíam cheias; suas próprias botas eram simpáticas e seus colarinhos jamais se mostravam rígidos e incômodos, como os das outras pessoas.

— É isso! — disse Jo para si mesma quando, afinal, descobriu que a autêntica boa vontade para com nossos irmãos humanos podia embelezar e dignificar até mesmo um robusto professor alemão, que comia sofregamente seu jantar, cerzia as próprias meias e carregava como um fardo o nome Bhaer. Jo valorizava muitíssimo a bondade, mas também sentia um respeito muito feminino pelo intelecto, e uma pequena descoberta que fez sobre o Professor aumentou bastante o respeito que sentia por ele. Como nunca falava de si

mesmo, ninguém sabia que, em sua cidade natal, ele era um homem muito honrado e estimado pelo saber e pela integridade, até que um conterrâneo veio visitá-lo e, conversando com a Srta. Norton, divulgou o agradável fato. Foi através dela que Jo soube disso e gostou ainda mais do que soube, porque o Sr. Bhaer jamais falara a respeito. Sentiu-se orgulhosa de saber que ele era um reverenciado mestre, em Berlim, embora na América fosse apenas um pobre professor de línguas; e sua vida caseira e trabalhadora foi muito embelezada pelo toque romântico que esta descoberta lhe conferiu.

Outra dádiva, melhor que o intelecto, foi-lhe apresentada da maneira mais inesperada. A Srta. Norton tinha acesso aos meios literários, que Jo não teria a menor possibilidade de conhecer se não fosse através dela. A mulher solitária interessou-se pela menina ambiciosa e, bondosa mente, fez-lhe muitos favores desse tipo, tanto a Jo quanto ao Professor. Levou-os com ela, certa noite, para um seletto simpósio, realizado em honra de várias celebridades.

Jo foi preparada para se curvar e adorar os grandes, que ela, tempos atrás, venerara com um entusiasmo juvenil. Mas suas reverências pelo gênio receberam um sério golpe, aquela noite, e ela levou algum tempo para se recuperar da descoberta de que as importantes criaturas eram apenas homens e mulheres, afinal. Imaginem seu pasmo, ao lançar uma furtiva olhada, de tímida admiração, para o poeta cujos versos sugeriam um ser etéreo,

alimentado por “espírito, fogo e orvalho” e vê-lo devorando seu jantar com um ardor que deixava corado seu intelectual semblante. Virando-lhe as costas, como se abandonasse um ídolo caído, ela fez outras descobertas que, rapidamente, acabaram com suas ilusões românticas. O grande romancista balouçava entre duas garrafas de vinho com a regularidade de um pêndulo; o famoso teólogo flertava abertamente com uma das Madames de Staël da época, enquanto esta fuzilava com os olhos outra Corinne que, por sua vez, satirizava-a amavelmente, depois de superá-la em suas manobras para absorver o profundo filósofo, que sorvia seu chá johnsonianamente e parecia cochilar, porque a loquacidade da dama tornava a fala impossível. As celebridades científicas, esquecendo-se de seus moluscos e períodos glaciais, mexericavam sobre arte, enquanto se dedicavam às ostras e sorvetes com energia característica; o jovem músico, que seduzia a cidade como um segundo Orfeu, falava sobre cavalos, e o espécimen da nobreza britânica ali presente era, na verdade, o homem mais corriqueiro da festa.

Antes de a noitada chegar sequer à metade, Jo sentiu-se tão completamente desiludida que se sentou a um canto para se recuperar. O Sr. Bhaer logo se uniu a ela, parecendo um tanto fora do seu elemento; e, pouco depois, vários filósofos, cada qual montado em seu hobby, aproximaram-se a galope para realizar um campeonato intelectual nos interiores. A conversa

estava muitos quilômetros além da compreensão de Jo, mas ela a apreciou, embora Kant e Hegel fossem deuses desconhecidos, o Subjetivo e o Objetivo, termos ininteligíveis, e a única coisa que “se desdobrou de sua consciência interior”, uma terrível dor de cabeça, depois que tudo terminou. Aos poucos, ela começou a perceber que o mundo era feito em pedaços e, depois, recomposto; e, segundo os oradores, apoiando-se em princípios infinitamente melhores que os anteriores, que a religião estava a caminho de ser destruída pelo raciocínio, e o intelecto se tornaria o único Deus. Jo nada sabia sobre filosofia nem metafísica de qualquer tipo, mas uma curiosa excitação, meio agradável, meio dolorosa tomou conta dela, enquanto ouvia as conversas, com a sensação de estar flutuando à deriva, no tempo e no espaço, como um pequeno balão num dia de feriado.

Olhou em torno, para ver o que o Professor achava daquilo, e descobriu que ele a olhava, com a expressão mais sombria que Jo já vira em seu rosto. Ele sacudiu a cabeça e lhe fez sinal para se afastar dali e ir para sua companhia, mas ela estava fascinada, naquele instante mesmo, pela liberdade da Filosofia Especulativa, e continuou sentada, tentando descobrir em que o sábio cavalheiro pretendia apoiar-se, depois de aniquilar todas as antigas crenças.

Ora, o Sr. Bhaer era um homem tímido e demorava a dar suas próprias

opiniões, não porque se sentisse inseguro quanto a elas, mas porque eram sinceras e sérias demais para que as manifestasse de forma superficial.

Enquanto olhava para Jo e para vários outros jovens, atraídos pelo brilho ou pela pirotécnica filosófica, ele franzia as sobrancelhas e ansiava para falar, temendo que alguma jovem alma inflamável fosse desviada pelos fogos de artifício, e descobrisse, terminada a exibição, que ficara apenas com uma vareta vazia ou com uma queimadura na mão.

Ele suportou aquilo por tanto tempo quanto pôde, mas, quando foi solicitado a dar uma opinião, ardeu com uma indignação honesta e defendeu a religião com toda a eloquência da verdade — uma eloquência que deu musicalidade ao seu inglês errado e embelezou-lhe o rosto simples. Ele enfrentou uma luta difícil, porque os eruditos argumentavam bem, mas ele não reconheceu nenhuma derrota e defendeu virilmente seus pontos de vista. De alguma forma, enquanto ele falava, o mundo, para Jo, entrou novamente nos eixos; as antigas crenças, que haviam durado tanto, pareciam melhores do que as novas; Deus não era uma força cega nem a imortalidade apenas uma bonita fábula, mas um fato abençoado. Ela se sentiu como se pisasse novamente em terreno sólido; e, quando o Sr. Bhaer fez uma pausa, forçado a calar-se pela argumentação dos adversários, mas sem se deixar absolutamente convencer por eles, Jo teve vontade de bater palmas e de lhe agradecer.

Não fez uma coisa nem outra; mas lembrou-se dessa cena com o mais caloroso respeito pelo Professor, porque sabia que lhe custara um esforço falar naquele momento, naquele lugar, mas não pudera calar-se porque sua consciência não lhe permitira. Ela começou a ver que o caráter é uma posse melhor do que dinheiro, posição, intelecto ou beleza e a sentir que, se a grandeza era, na definição de um sábio, “verdade, reverência e boa vontade”, então seu amigo Friedrich Bhaer não era apenas bom, mas grande.

Essa crença se fortalecia a cada dia. Ela valorizava a estima dele, ambicionava seu respeito, queria ser digna de sua amizade; e, justamente quando o desejo era mais sincero, ela quase perdeu tudo. Foi por causa de um chapéu de bicos — uma noite o Professor foi dar a aula de Jo tendo na cabeça um boné militar de papel, que Tina colocara ali e ele se esquecera de tirar.

“É evidente que ele não se olha no espelho antes de descer”, pensou Jo, com um sorriso, quando ele disse “Bom-noite” e se sentou, todo sério, completamente inconsciente do ridículo contraste entre o assunto de que falava e o chapéu que tinha na cabeça, porque ia ler para ela a Morte de Wallenstein.

Inicialmente ela não disse nada, porque gostava de ouvi-lo rir, aquela sua grande e calorosa risada, quando qualquer coisa engraçada acontecia; então deixou que ele descobrisse o chapéu sozinho e, pouco depois, esqueceu-se inteiramente dele, porque ouvir um alemão ler Schiller é uma ocupação

bastante absorvente. Depois da leitura, veio a lição, que foi muito animada, porque Jo estava num estado de espírito alegre, aquela noite, e o chapéu de bicos fazia seus olhos dançarem de divertimento. O Professor não sabia o que fazer com ela e parou, afinal, para perguntar, com um ar de leve surpresa, que era irresistível:

— Senhorrita Marrsch, por que ri na cara do seu professor? Não tem respeito por mim, por isso se comporta tão mal?

— Como posso ter respeito, senhor, quando se esquece de tirar seu chapéu? — disse Jo.

Erguendo a mão até a cabeça, o distraído professor apalpou com seriedade o pequeno chapéu de bicos, tirou-o, olhou-o por um minuto e, depois, jogou a cabeça para trás e riu, uma risada que soava como um contrabaixo.

— Ah, agora estou vendo! É aquela danada da Tina que me faz de idiota com meu boné. Ora, não é nada; mas, escute só, se esta lição não for boa, você também vai ter de usá-lo.

Mas a lição não continuou, absolutamente, durante alguns minutos, porque o Sr. Bhaer viu um desenho no chapéu e, desdobrando-o, disse, com um ar de grande aborrecimento:

— Gostaria que esses jornais não chegassem aqui em casa; não é bom que as crianças os vejam, nem que pessoas jovens os leiam. Não é coisa boa

e não tenho nenhuma paciência com as pessoas que causam esse dano.

Jo deu uma olhada na página e viu uma agradável ilustração, composta por um lunático, um cadáver, um vilão e uma víbora. Ela não gostou, mas o impulso que a fez virar aquilo de cabeça para baixo não foi o desagrado, mas o medo; porque, durante um minuto, ela imaginou que o jornal era o Vulcão. Não era, porém, e seu pânico acabou quando lembrou que, mesmo que fosse, e com um dos seus contos, não haveria nenhum nome para traí-la. Mas ela se traíra com uma expressão e um rubor; porque, embora fosse um homem distraído, o Professor via muito mais do que as pescas imaginavam. Sabia que Jo escrevia e a encontrara mais de uma vez nas proximidades das redações do jornal; mas ela nunca falara disso e ele não fizera nenhuma pergunta, apesar de um forte desejo de ver seu trabalho. Naquele momento, ocorreu-lhe que ela estava fazendo alguma coisa que tinha vergonha de assumir e isto o perturbou. Não disse a si mesmo: “Não é de minha conta, não tenho o direito de dizer nada”, como muitas pessoas teriam feito; só se lembrou de que ela era jovem e pobre, uma moça distante do amor da mãe e dos cuidados do pai; e se sentiu compelido a ajudá-la, num impulso tão rápido e natural quanto aquele que o levaria a estender a mão para salvar um bebê de um charco. Tudo isso relampejou pela sua mente num rápido instante, mas nenhum vestígio desses pensamentos aflorou em seu rosto; e, quando o jornal foi devolvido e Jo

colocou a linha em sua agulha, ele já estava preparado para dizer, de forma muito natural, mas com bastante seriedade:

— Sim, tem razão de afastar isso. Não gosto de pensar que boas moças podem ver isso. São feitos de uma forma que agrada a algumas pessoas, mas eu preferia dar pólvora para meus meninos brincarem do que esse lixo para eles lerem.

— Talvez nem tudo seja mau, apenas tolice, sabe, e há uma demanda disso, não vejo nenhum mal em que seja satisfeita. Muitas pessoas respeitáveis ganham sua vida honestamente com essas histórias, que são chamadas “sensacionalistas” — disse Jo, riscando as pregas com tanta energia que uma fileira de pequenos rasgões acompanhava seu alfinete.

— Há uma demanda de uísque, mas não acho que eu e você fôssemos querer vendê-lo. Se as pessoas respeitáveis soubessem que danos causam, não achariam honesta essa maneira de ganhar a vida. Não têm o direito de colocar veneno no bombom e deixar que os pequenos o comam. Não; deviam pensar um pouco e ir varrer a lama da rua, seria melhor do que fazer uma coisa dessas.

O Sr. Bhaer falava calorosamente e caminhou até a lareira, amassando o jornal nas mãos. Jo ficou sentada, quieta, parecia que o fogo chegara até ela, porque suas faces ardiam muito antes que o chapéu de bicos se transformasse

em fumaça e subisse, inofensivamente, pela chaminé.

— Gostaria muito de dar o mesmo destino a todos os outros do mesmo gênero — resmungou o Professor, voltando com uma expressão de alívio. Jo pensou que grande fogueira poderia ser feita com sua pilha de papéis, no andar de cima, e seu dinheiro, ganho duramente, pesou demais em sua consciência naquele instante. Depois, ela pensou, consoladoramente, sem dizer palavra: “As minhas não são como essas, são apenas tolas, jamais perniciosas; então, não me preocuparei” e, pegando seu livro, disse, com um ar estudioso:

— Vamos continuar, senhor? Agora serei muito boa aluna e agirei com a maior correção.

— Espero que sim — foi só o que ele disse, mas queria dizer mais do que ela imaginava, e o ar sério e bondoso que lhe lançou fez Jo sentir as palavras “Semanário Vulcão” impressas em tipos garrafais em sua testa.

Logo que ela foi para seu quarto, pegou seus papéis e, cuidadosamente, releu todas as suas histórias. Sendo um tanto míope, o Sr. Bhaer às vezes usava óculos e Jo os experimentara, certa vez, sorrindo, para ver como ampliavam as letras miúdas do seu livro; agora parecia estar também com os óculos mentais e morais do Professor, porque os defeitos daquelas pobres histórias saltaram terrivelmente aos seus olhos e a encheram de pasmo.

“São lixo, e logo serão pior do que lixo, se eu continuar, porque cada uma é mais sensacionalista do que a anterior. Prossegui cegamente, fazendo mal a mim mesma e às outras pessoas por causa de dinheiro. Sei que é assim, porque não posso ler essas coisas com seriedade sem sentir uma imensa vergonha do que fiz, e o que faria eu, se fossem vistas lá em casa, ou se o Sr. Bhaer as lesse?”

A simples idéia deixou Jo muito perturbada, e ela enfiou toda a papelada dentro do fogão, quase fazendo a chaminé arder com a força das chamas.

“Sim, é o melhor lugar para essas bobagens inflamáveis. Seria melhor eu queimar a casa inteira, eu acho, do que deixar outras pessoas explodirem com a minha pólvora” — pensou, enquanto espiava o Demônio do Jura desaparecer, transformando-se num montinho de cinza negra.

Mas, quando nada restou de seu trabalho de três meses, a não ser um montão de cinzas e o dinheiro em seu colo, Jo ficou séria, sentada no chão, imaginando o que deveria fazer com os seus pagamentos.

— Acho que ainda não causei muitos danos e posso ficar com isso, como uma recompensa pelo tempo que gastei — disse ela, depois de uma longa meditação, acrescentando, cheia de impaciência — Quase desejaria não ter nenhuma consciência; é tão inconveniente. Se eu não me preocupasse se estava agindo certo ou errado, prosperaria maravilhosamente. Não posso

deixar de desejar, algumas vezes que papai e mamãe não tivessem insistido tanto nessas coisas

Ah, mas Jo, em vez de desejar realmente isso, agradeceu a Deus pelo fato de “papai e mamãe terem insistido” e sentiu pena, do fundo do coração, por aqueles que não têm esses guardiães para protegê-los, com princípios que podem parecer muralhas de prisão para a juventude impaciente mas que se mostrarão alicerces sólidos para se construir em cima deles um caráter na maturidade.

Jo não escreveu mais histórias sensacionalistas, decidindo que o dinheiro não compensava sua participação no sensacionalismo; em vez disso, partindo para o outro extremo, como acontece com pessoas com suas características, tomou um curso sobre a Sra. Sherwood, da Srta. Edgeworth e de Hannah More e depois produziu um conto que poderia ser mais adequadamente chamado de ensaio ou sermão, de tão intensamente moral que era. Não teve dúvidas sobre ele desde o início, porque, com sua vivida fantasia e romantismo •juvenil, sentia-se tão pouco à vontade no novo estilo como aconteceria se ela se mascarasse com os trajes rígidos e pesadões do século passado. Mandou essa jóia didática para vários mercados, mas não encontrou comprador, e Jo se sentiu inclinada a concordar com o Sr. Dashwood, quando ele dissera que a moral não vende.

Então tentou uma história infantil, que poderia facilmente ser colocada, se ela não fosse suficientemente mercenária para exigir por ela um lucro sujo. A única pessoa que ofereceu o bastante para fazer com que valesse a pena ela tentar a literatura juvenil foi um digno cavalheiro que sentia ser sua missão converter o mundo inteiro a sua crença particular. Mas, por mais que gostasse de escrever para crianças, Jo não podia consentir em retratar todos os seus teimosos meninos sendo devorados por ursos ou chifrados por touros selvagens, só porque não iam a uma escola particular de Sabbath, nem mostrar que todas as boas crianças que iam eram recompensadas com todas as felicidades, como ganhar pão de mel dourado ou serem acompanhadas por escoltas de anjos, quando partiam desta vida tendo na ponta de suas línguas balbuciantes salmos e sermões. Então, nada resultou dessas experiências, e Jo arrolhou seu tinteiro e disse, num acesso de humildade total:

— Não sei nada; esperarei até saber, antes de tentar de novo, e, enquanto isso, vou “varrer a lama da rua”, se não posso fazer nada melhor; pelo menos isto é honesto.

Uma decisão que mostrava como que sua segunda queda do alto do pé de feijão sem dúvida lhe fizera bem.

Enquanto se processavam essas revoluções internas, sua vida externa permanecera, como de hábito, atarefada e sem nenhum episódio marcante, e

se ela às vezes parecia séria ou um tanto triste, ninguém notava a não ser o Professor Bhaer. Observava-a tão silenciosamente que Jo jamais soube; queria saber se ela aceitaria sua repreensão e lucraria com ela. Ela se saiu bem do teste; ele ficou satisfeito porque, embora não trocassem qualquer palavra a respeito, ele percebeu que ela desistira de escrever. Não apenas ele adivinhou, pelo fato de que o segundo dedo de sua mão direita não estava mais sujo de tinta, mas também viu que, agora, ela passava suas noites no andar de baixo, não era mais vista nas proximidades das redações de jornais e estudava com uma teimosa paciência que lhe assegurou que se empenhava em ocupar a mente com alguma coisa útil, embora não agradável.

Ele a ajudou de muitas maneiras, mostrando-se um verdadeiro amigo, e Jo ficou feliz porque, embora sua pena estivesse parada, ela aprendia outras lições, além do alemão, e colocava os alicerces para a história sensacional de sua própria vida.

Foi um inverno agradável e longo, porque ela só deixou a Sra. Kirke em junho. Todos pareceram tristes quando chegou a ocasião; as crianças estavam inconsoláveis, e o cabelo do Sr. Bhaer ficou completamente revolto em sua cabeça, porque ele sempre o emaranhava loucamente quando estava com a mente perturbada.

— Ir parrra casa? Ah, você é feliz de terrr um casa para ir — disse ele,

quando ela lhe contou, e ficou sentado em silêncio, puxando a barba, a um canto, enquanto ela dava uma festinha naquela última noite.

Ela ia embora cedo, então despediu-se deles de véspera; e, quando chegou a vez dele, disse calorosamente:

— Bem, senhor, não vai esquecer-se de ir nos visitar se algum dia viajar para aquelas bandas, não é? Jamais lhe perdoarei se fizer isso, pois quero que todos da minha família conheçam meu amigo.

— É mesmo? Quer que eu vá? — perguntou ele, olhando-a com uma expressão ansiosa, que ela não viu.

— Sim, vá no próximo mês. Laurie se forma nessa ocasião, e o senhor vai gostar da formatura.

— É seu melhor amigo, de quem você fala? — perguntou ele, com um tom de voz alterado.

Jo olhou-o, então, completamente inconsciente de qualquer outra coisa a não ser do seu próprio prazer com a perspectiva de apresentar um ao outro.

Alguma coisa no rosto do Sr. Bhaer lembrou-lhe, repentinamente, que ela podia achar Laurie mais do que um “melhor amigo” e, simplesmente pelo fato de não desejar dar a impressão de que havia algo do gênero, ela começou a corar contra a vontade; e, quanto mais tentava evitar, mais vermelha ficava. Se não fosse Tina, que estava em seu joelho, não sabia o que seria dela. Felizmente, a

criança teve um impulso de abraçá-la, então ela conseguiu esconder o rosto, por um instante, esperando que o Professor não o visse. Mas ele viu, e o seu próprio mudou novamente, passando daquela momentânea ansiedade para sua expressão costumeira, enquanto ele dizia cordialmente:

— Vai ser difícil arranjar tempo, mas desejo ao seu amigo muito sucesso, e a você toda a felicidade. Que Deus a abençoarr! — e, com essas palavras, apertou-lhe calorosamente a mão, colocou Tina em cima dos ombros e foi embora.

Mas, depois que os meninos estavam na cama, ele ficou sentado por muito tempo diante da lareira, com uma expressão cansada no rosto e o “heimweh”, ou saudade de casa, pesando em seu coração. Uma vez, quando lembrou Jo, sentada com a criança no colo e com aquela nova suavidade em seu rosto, ele apoiou a cabeça nas mãos, por um minuto, e depois começou a andar pelo quarto, como se procurasse alguma coisa que não conseguia encontrar.

— Não é para mim, não devo esperar isso agora — disse ele para si mesmo, com um suspiro que era quase um gemido: depois, como se censurasse a si mesmo pelo anseio que não pôde reprimir, foi beijar as duas cabeças desgrenhadas em cima do travesseiro, pegou seu cachimbo de coral, que usava raramente, e abriu seu Platão.

Esforçou-se ao máximo, virilmente, para superar aquele momento triste,

mas não creio que achasse que uma dupla de meninos traquinas, um cachimbo ou até mesmo o divino Platão pudessem funcionar como substitutos satisfatórios para uma mulher, filhos, um lar.

Na manhã seguinte, embora muito cedo, ele foi até a estação despedir-se de Jo; e, graças ao Sr. Bhaer, ela começou sua viagem solitária com a agradável lembrança de um rosto familiar que lhe sorria, ao dar adeus, com um buquê de violetas, para lhe fazer companhia e, melhor do que qualquer outra coisa, com o feliz pensamento: “Ora, o inverno acabou e não escrevi nenhum livro, não ganhei nenhuma fortuna, mas fiz um amigo que vale a pena ter e tentarei conservá-lo durante toda a minha vida.”

Capítulo 35

Angústia

Qualquer que fosse o motivo, Laurie estudou e obteve bons resultados aquele ano, e assim se formou com honra-rias e fez seu discurso em latim com a graça de um Phillips e a eloquência de um Demóstenes, segundo contaram seus amigos. Estavam todos lá, seu avô — ah, tão orgulhoso! — o Sr. e a Sra. March, John e Meg, Jo e Beth, e todos exultaram em torno dele, com a sincera admiração à qual os rapazes não dão muita importância na ocasião, mas que deixam de receber, por parte do mundo, na ocasião de outros triunfos.

— Tenho de ficar para essa maldita ceia, mas estarei em casa amanhã

cedo. Vocês irão encontrar-se comigo, como de costume, meninas? — perguntou Laurie, enquanto colocava as irmãs na carruagem, terminadas as alegrias do dia.

Ele disse “meninas”, mas se referia a Jo, porque ela era a única que mantinha o antigo costume; e ela, sem coragem de recusar o que quer que fosse ao seu esplêndido e triunfante rapaz, respondeu calorosamente:

— Irei, Teddy, chova ou faça sol, e marcharei diante de você tocando Saudações, aí vem o herói conquistador, com um berimbau.

Laurie agradeceu-lhe com um olhar que a fez pensar, com um repentino pânico: “Ah, meu Deus do céu! Sei que ele vai dizer alguma coisa, e então, que farei eu?”

A meditação noturna e o trabalho matinal apaziguaram, de alguma forma, seus medos; e, tendo decidido que não seria vaidosa o suficiente para ficar pensando que alguém iria pedi-la em casamento, quando já dera todos os sinais para saber qual seria sua resposta, ela partiu na hora combinada, esperando que Teddy não fosse fazer nada que a levasse a ferir seus pobres sentimentozinhos. Uma visita a Meg e uma reconfortante cheirada e sorvo em Daisy e Demijohn fortaleceram-na ainda mais para o tête-à-tête; mas, quando ela viu uma figura robusta aparecendo à distância, sentiu um forte desejo de dar meia-volta e sair correndo.

— Onde está o berimbau, Jo? — exclamou Laurie logo que chegou a uma distância de onde poderia ser ouvido.

— Esqueci-me dele.

E Jo recuperou a coragem, porque a saudação não poderia ser considerada apaixonada.

Costumava dar sempre o braço a ele, nessas ocasiões; agora, não fez isso, e ele não se queixou, absolutamente, o que era um mau sinal, e continuou a falar rapidamente sobre todos os tipos de assuntos remotos, até que saíram da estrada e entraram na pequena vereda que conduzia à casa, através do pomar. Então, ele começou a caminhar mais vagarosamente, perdeu de repente a fluência da linguagem e, de vez em quando, começaram a acontecer terríveis pausas. Para impedir que a conversa morresse, caindo num dos repetidos poços de silêncio, Jo disse, depressa:

— Agora você vai ter umas belas e longas férias!

— É o que pretendo.

Alguma coisa em seu tom de voz resolutivo fez Jo olhá-lo rapidamente e descobriu que ele a observava com uma expressão que a deixou certa de que o temido momento chegara; isto a fez estender a mão e dizer, em tom de súplica:

— Não, Teddy, por favor, não!

— Sim, vou falar, e você precisa me ouvir. Não adianta, Jo, temos de discutir isso, e quanto mais cedo melhor para nós dois — respondeu ele, imediatamente corado e excitado.

— Diga o que quiser, então. Ouvirei — disse Jo, com uma espécie de desesperada paciência.

Laurie era um jovem apaixonado, mas muito sério, e pretendia “desembuchar tudo”, nem que morresse na tentativa; então, mergulhou no assunto com característica impetuosidade, dizendo, numa voz que de vez em quando ficava meio sufocada, apesar dos seus esforços viris para mantê-la firme:

— Amo você desde que a conheço, Jo; não consegui deixar de amar, você tem sido tão boa para mim. Tentei demonstrar, mas você não deixou; agora vou fazer você escutar e me dar uma resposta, porque não posso continuar assim.

— Queria poupar você disso, pensei que tivesse entendido — começou Jo, achando que negar era muito mais duro do que imaginara.

— Sei que você queria, mas as moças são tão estranhas que a gente nunca sabe o que querem dizer. Dizem não quando querem dizer sim, e deixam um homem maluco só para se divertirem — respondeu Laurie, entrincheirando-se por trás de um fato inegável.

— Eu não faço isso. Jamais quis que você gostasse de mim desse jeito, e me afastei para impedir, se pudesse, que isso acontecesse.

— Achei mesmo que a intenção era essa; foi uma coisa muito sua, mas não adiantou. Só amei você mais ainda, e trabalhei duro para agradá-la; desisti de jogar bilhar e de todas as coisas de que você não gosta e fiquei esperando, sem me queixar nunca, com a esperança de que você me amasse, embora eu não seja nem metade suficientemente bom — aqui houve uma sufocação, que não pôde ser controlada, e ele decapitou ranúnculos, enquanto limpava a “maldita garganta”.

— Você, você é sim, você é bom demais para mim, excessivamente bom, e estou tão grata, e tão orgulhosa, e gosto tanto de você, que não entendo por que não posso amá-lo quando você assim deseja. Tentei, mas não consigo mudar meus sentimentos, e seria uma mentira dizer que sim quando não é verdade.

— Então, é isso mesmo que sente, querida?

Ele parou de falar e tomou as duas mãos dela, ao fazer a pergunta, tendo uma expressão no rosto que Jo demorou muito tempo para esquecer.

— Sim, é isso mesmo que sinto, querido.

Estavam no pomar, agora, perto da entrada da casa; e, quando as últimas palavras saíram, com relutância, dos lábios de Jo, Laurie deixou as mãos

caírem e se virou como se fosse embora, mas, pela primeira vez em sua vida, aquela cerca lhe pareceu alta demais para ele; então, apenas encostou a cabeça no poste coberto de musgo, e ficou ali em pé, tão quieto que Jo ficou assustada.

— Ah, Teddy, sinto muito, sinto desesperadamente, eu me mataria se isto ajudasse em alguma coisa! Queria que você não ficasse assim tão triste. Não posso fazer nada. Você sabe que é impossível a gente se forçar a amar outra pessoa, quando não ama — exclamou Jo de forma pouco elegante, mas cheia de remorsos, dando palmadinhas no ombro dele suavemente, enquanto lembrava a ocasião em que ele a consolara, tanto tempo atrás.

— Algumas vezes, sim — disse uma voz abafada, vinda do poste.

— Não creio que seja o tipo certo de amor, e preferia não tentar — foi a resposta decidida.

Houve uma longa pausa, enquanto um melro cantava alegremente no salgueiro junto ao rio e o capim alto farfalhava ao vento. Pouco depois, Jo disse, muito séria, sentando-se no degrau da entrada:

— Laurie, quero lhe dizer uma coisa.

Ele teve um sobressalto, como se tivesse levado um tiro, atirou a cabeça para o alto e exclamou, com um tom feroz:

— Não me diga isso, Jo, agora não consigo suportar!

— Dizer o quê?

— Que você ama aquele velho.

— Que velho? — perguntou Jo, pensando que ele se referia a seu avô.

— Aquele maldito Professor sobre quem você estava sempre escrevendo.

Se disser que o ama, sei que farei alguma coisa desesperada.

E seu aspecto era de quem cumpriria com a palavra, enquanto apertava as mãos com uma centelha colérica nos olhos.

Jo teve vontade de rir, mas se conteve, e disse calorosamente, porque também começava a ficar nervosa com tudo aquilo:

— Não fale assim, Teddy! Ele não é velho, nem nada de ruim; é bondoso e gentil, e o melhor amigo que já tive em minha vida depois de você. Por favor, não se deixe levar pela paixão. Quero ser boa, mas sei que vou ficar zangada se você ofender meu Professor. Amá-lo, ou a qualquer outra pessoa, nem me passou pela cabeça.

— Mas acabará amando, dentro de algum tempo, e então, o que será de mim?

— Você também amará outra pessoa, como um rapaz sensato, e se esquecerá de todo esse aborrecimento.

— Não posso amar mais ninguém e jamais me esquecerei de você, Jo, jamais! Jamais! — e ele bateu com o pé, para enfatizar suas palavras

apaixonadas.

— Que farei com ele? — suspirou Jo, achando que era mais difícil do que esperava lidar com as emoções. — Você não ouviu o que quero lhe dizer. Sente-se e ouça, porque quero muito agir corretamente e fazer você feliz — disse ela, esperando acalmá-lo com alguns argumentos, o que provava que ela nada sabia sobre o amor.

Vendo um raio de esperança nessas últimas palavras, Laurie atirou-se na grama aos pés dela, apoiou o braço no degrau mais baixo da entrada e olhou-a, com um rosto expectante. Mas aquela situação não induzia a palavras calmas nem a claros pensamentos da parte de Jo; porque, como poderia ela dizer coisas duras ao seu rapaz, enquanto ele a observava com olhos cheios de amor e de ânsia, com os cílios ainda molhados por uma ou duas lágrimas que seu coração duro o fizera derramar? Ela desviou suavemente a cabeça, dizendo, enquanto acariciava o cabelo ondulado que ele deixara crescer por causa dela — como aquilo era tocante, sem dúvida!:

— Concorde com mamãe que eu e você não combinamos um com o outro, porque nossos temperamentos esquentados e vontades fortes provavelmente nos tornariam muito infelizes, se fôssemos tão loucos a ponto de... — Jo fez uma pequena pausa antes de dizer a última palavra, mas Laurie a pronunciou com uma expressão de êxtase.

— Nos casarmos — não, não seríamos! Se você me amasse, Jo, eu seria um perfeito santo, você poderia fazer comigo tudo que quisesse.

— Não, não posso. Tentei e falhei, e não arriscaria nossa felicidade numa experiência tão séria. Não concordamos e jamais concordaremos, então vamos ser bons amigos nossas vidas inteiras, mas não faremos nada precipitado.

— Sim, faremos, se tivermos a oportunidade — resmungou Laurie, com um tom rebelde.

— Ora, seja razoável e encare o caso de forma sensata — implorou Jo, quase fora de si.

— Não serei razoável e não quero “encarar o caso de uma forma sensata”, como diz você; isto não me ajudaria em nada e só faz tornar você mais dura. Não acredito que você tenha o menor coração.

— Gostaria de não ter.

Havia um pequeno tremor na voz de Jo e, achando que isto era um bom augúrio, Laurie virou-se, recorrendo a todos os seus poderes de persuasão ao dizer, com aquela voz sedutora, que jamais fora tão perigosamente sedutora:

— Não nos desaponte, querida! Todos esperam por isso. Vovô está querendo muito, seu pessoal gosta e não posso passar sem você. Diga sim e seremos felizes. Diga, diga!

Apenas meses depois Jo entendeu como tivera a força de espírito para se

manter firme na resolução tomada, ao decidir que não amava seu rapaz, e nunca poderia amá-lo. Foi muito difícil, mas ela conseguiu, sabendo que a demora seria tanto inútil quanto cruel.

— Não posso dizer “sim” com sinceridade, então não direi, de forma nenhuma. Dentro de pouco tempo você verá que estou certa e me agradecerá por isso — começou ela a falar solenemente.

— Que diabo, isso nunca!

E Laurie deu um pulo da grama, ardendo de indignação com a simples idéia.

— Sim, agradecerá! — insistiu Jo. — Dentro de pouco tempo superará tudo isso, e encontrará alguma moça linda e prendada que o adorará e será uma bela dona de sua maravilhosa casa. Eu não poderia. Sou doméstica, desajeitada, estranha e velha, e você teria vergonha de mim, e nós brigaríamos; não podemos deixar de brigar, mesmo agora, está vendo. E eu não gostaria da sociedade elegante, e você sim; e você detestaria meus escritos, e eu não poderia viver sem eles. Seríamos infelizes e desejaríamos nunca ter feito isso; tudo seria terrível!

— Alguma coisa mais? — perguntou Laurie, achando difícil ouvir pacientemente essa explosão profética.

— Nada mais, a não ser que não creio que, algum dia eu vá me casar. Sou

feliz como sou, e amo demais minha liberdade para ter pressa de desistir dela por algum homem.

— Não acredito! — interrompeu Laurie. — Você pensa assim agora, mas chegará um tempo em que vai gostar de alguém, você o amará imensamente, viverá e morrerá por ele. Sei que sim, é sua maneira de ser, e eu terei de ficar por perto, observando.

E o apaixonado, em desespero, atirou seu chapéu no chão, com um gesto que pareceria cômico, se seu rosto não estivesse com uma expressão tão trágica.

— Sim, viverei e morrerei por ele, se ele chegar e me fizer amá-lo, contra minha própria vontade, e você deve fazer o melhor que puder! — exclamou Jo, perdendo a paciência com o pobre Teddy. — Fiz o melhor que pude, mas você não quer ser razoável, e é egoísmo de sua parte ficar insistindo comigo para dar alguma coisa que não posso. Sempre gostarei de você, gostarei muito, na verdade, mas como amigo; nunca me casarei com você e, quanto mais depressa você acreditar nisso, melhor será para nós dois. Então acredite agora!

Essas palavras foram como fogo ateadado em pólvora. Laurie olhou-a durante um minuto, como se não soubesse exatamente o que fazer consigo mesmo; depois, virou-se bruscamente e foi embora, dizendo, num tom de voz que

expressava uma espécie de desespero:

— Você se arrependerá algum dia, Jo.

— Ah, para onde você vai? — exclamou ela, porque o rosto dele a assustara.

— Para o diabo! — foi a consoladora resposta.

Durante um minuto, o coração de Jo ficou parado, enquanto ele descia correndo o barranco em direção ao rio; mas é preciso muita loucura, pecado ou infelicidade para levar um rapaz a uma morte violenta, e Laurie não era do tipo fraco, que é vencido por um único fracasso. Ele não chegou nem a pensar num mergulho melodramático, mas algum instinto cego fez com que jogasse o chapéu e o casaco em seu barco e se afastasse, remando com toda a força e seguindo pelo rio numa velocidade maior do que já alcançara em muitas competições. Jo respirou fundo e desprende as mãos, a observar o pobre sujeito tentando livrar-se da perturbação que tinha no coração.

— Isso lhe fará bem, e ele voltará para casa num estado de espírito tão terno e arrependido que não ousarei vê-lo — disse ela, acrescentando, enquanto caminhava vagarosamente para casa, com a sensação de ter assassinado alguma coisa inocente e a enterrado embaixo das folhas: “Agora preciso ir e preparar o Sr. Laurence para ser muito bondoso com meu pobre rapaz. Queria que ele amasse Beth, talvez a ame, daqui a algum tempo, mas

começo a pensar que eu estava enganada sobre ela. Ah, meu Deus! Como é que as moças gostam de ter apaixonados e de rejeitá-los! Acho uma coisa terrível!”

Certa de que ninguém poderia fazer isso tão bem quanto ela, Jo foi diretamente até o Sr. Laurence e contou, corajosamente, a dura história; depois, abateu-se e chorou com tanta pena, por causa de sua própria insensibilidade, que o bondoso velho cavalheiro, embora dolorosamente desapontado, não proferiu uma só censura. Achou difícil entender como qualquer moça podia deixar de amar Laurie, e esperou que ela mudasse de idéia, mas ele sabia melhor ainda do que Jo que o amor não pode ser forçado e sacudiu a cabeça tristemente, decidindo tirar seu rapaz do caminho do perigo, porque as palavras de despedida que o Jovem Impetuoso dissera a Jo o perturbaram mais do que ele queria admitir.

Quando Laurie voltou para casa, mortalmente cansado, mas já inteiramente controlado, seu avô o recebeu como se não soubesse de nada e manteve a ilusão de forma perfeita, durante uma ou duas horas. Mas, quando se sentaram juntos, ao entardecer, uma hora que costumavam apreciar muito, foi difícil para o velho continuar tagarelando como de hábito e mais difícil ainda para o jovem ouvir os elogios ao sucesso do ano anterior que, agora, para ele, parecia o trabalho perdido motivado pelo amor. Ele suportou isso por tanto tempo quanto

pôde e, então, foi para seu piano e começou a tocar. As janelas estavam abertas, e Jo, caminhando pelo jardim com Beth, daquela única vez entendeu de música melhor do que a irmã, porque ele tocava a “Sonata Pathétique” como jamais o fizera.

— É muito bonito, eu acho, mas é tão triste que dá vontade de chorar.

Toque alguma coisa mais alegre, rapaz — disse o Sr. Laurence, cujo bondoso velho coração estava cheio de simpatia e ansiava para demonstrá-la, mas não sabia como.

Laurie atirou-se a uma melodia mais animada, tocou de forma tempestuosa durante vários minutos e teria chegado corajosamente ao fim se, numa pausa momentânea, a voz da Sra. March não fosse ouvida, chamando:

— Jo, querida, entre, preciso de você.

Era exatamente o que Laurie queria dizer, com um significado diferente!

Ouvindo isso, ele se perdeu e a música terminou com um acorde interrompido, deixando o músico ali sentado, em silêncio, na escuridão.

— Não consigo agüentar isso — resmungou o velho cavalheiro.

Levantou-se, foi às cegas até o piano, lançou um olhar bondoso para cada um dos ombros largos e disse, tão gentilmente quanto diria uma mulher:

— Eu sei, meu rapaz, eu sei.

Nenhuma resposta, durante um instante; depois Laurie perguntou,

bruscamente:

— Quem lhe contou?

— A própria Jo.

— Então está encerrado o assunto!

E ele sacudiu as mãos do avô, com um movimento impaciente, porque, embora grato pela simpatia, seu orgulho viril não lhe permitia suportar a piedade de outro homem.

— Não, não está inteiramente encerrado. Quero dizer uma coisa e depois estará — respondeu o Sr. Laurence, com uma brandura incomum. — Creio que você acharia bom sair um pouco daqui agora, não?

— Não pretendo fugir de uma moça. Jo não pode impedir que eu a veja e ficarei e farei isso por quanto tempo quiser — interrompeu Laurie, com um tom de desafio.

— Você não fará uma coisa dessas, se for o cavalheiro que acredito que seja. Estou desapontado, mas a moça não pode se sentir de forma diferente, e a única coisa que lhe esta é ir embora durante algum tempo. Para onde irá?

— Para qualquer parte. Não me importa o que acontecerá comigo.

E Laurie levantou-se, soltando uma risada inconseqüente que doeu nos ouvidos do avô.

— Enfrente a situação como um homem e não faça nada imprudente, pelo

amor de Deus. Por que não vai para o exterior, como havia planejado, e se esquece disso?

— Não posso.

— Mas você estava louco para ir, e eu lhe prometi que iria quando terminasse a universidade.

— Ah, mas eu não pretendia ir sozinho!

E Laurie caminhou pela sala, com uma expressão no rosto que era melhor seu avô não ver.

— Não lhe peço para ir sozinho. Há alguém pronto para ir com você, muito feliz, para qualquer parte do mundo.

— Quem, senhor? — parando para ouvir.

— Eu próprio.

Laurie voltou tão rapidamente quanto se afastara, e estendeu uma mão, dizendo, com voz rouca:

— Sou um bruto egoísta, mas... você sabe... Vovô...

— Que o Senhor tenha piedade de mim, eu sei, sim, porque já passei por isso uma vez em minha própria juventude e, depois, com seu pai. Agora, meu querido rapaz, simplesmente sente-se, fique quieto e ouça meu plano. Está tudo resolvido e pode ser realizado imediatamente — disse o Sr. Laurence, segurando o rapaz, como se temesse que ele também fugisse, como havia feito seu pai.

— Bem, vovô, o que é?

E Laurie ficou sentado, sem nenhum sinal de interesse no rosto ou na voz.

— Há negócios em Londres que precisam ser cuidados. Queria que você se encarregasse disso, mas posso fazer melhor eu mesmo, e as coisas aqui irão muito bem com Brooke para tratar delas. Meus sócios fazem quase tudo, estou apenas levando as coisas adiante, até você ocupar meu lugar, e Posso sair a qualquer momento.

— Mas o senhor detesta viajar. Não posso lhe pedir que faça isso com sua idade — começou Laurie, que estava grato pelo sacrifício, mas preferia ir sozinho, se chegasse a ir.

O velho cavalheiro sabia muito bem e desejava especialmente impedir isso, porque o estado de espírito em que encontrava seu neto deixava-o convencido de que não seria conveniente entregá-lo aos seus próprios projetos. Então, sufocando um pesar natural, com o pensamento dos confortos domésticos que abandonaria, ele disse vigorosamente:

— Ora essa, ainda não estou aposentado. Gosto muito da idéia; me fará bem e meus velhos ossos não sofrerão, porque viajar, hoje em dia, é quase tão fácil quanto ficar sentado numa cadeira.

Um movimento inquieto, da parte de Laurie, sugeriu que a cadeira dele não era tão confortável assim, ou que ele não gostava do plano, e então o velho acrescentou, depressa:

— Não pretendo ser um desmancha-prazeres, ou uma carga. Vou porque

acho que você se sentirá mais feliz assim do que se me deixasse aqui. Não pretendo andar de um lado para outro atrás de você, mas sim deixá-lo livre, para ir para onde quiser, enquanto me divirto à minha própria maneira. Tenho amigos em Londres e Paris, e gostaria de visitá-los. Enquanto isso, você pode ir para a Itália, a Alemanha, a Suíça, para onde quiser, e lá você apreciará quadros, música, paisagens, e viverá aventuras a seu gosto.

Ora, Laurie sentia, até aquele momento, que seu coração estava inteiramente partido e que o mundo era um ermo uivante; mas, ao som de certas palavras que o velho cavalheiro, engenhosamente, introduziu em sua frase final, o coração partido deu um salto inesperado e um ou dois oásis verdes apareceram repentinamente nesse ermo uivante. Ele suspirou e depois disse, num tom de voz desanimado:

— Como quiser, senhor. A mim não importa para onde eu vá ou o que eu faça.

— Importa para mim, lembre-se disso, meu rapaz. Eu lhe dou inteira liberdade, mas confio que você fará dela um uso honesto. Prometa-me isso, Laurie.

— Qualquer coisa que quiser, senhor.

— Ótimo — pensou o velho cavalheiro. — Agora você não se importa, mas chegará um tempo em que essa promessa o impedirá de se meter em

situações difíceis, se não estou muito enganado.

Sendo um indivíduo enérgico, o Sr. Laurence malhou enquanto o ferro estava quente e, antes que aquele ser arrasado recuperasse o ânimo suficiente para se rebelar, eles partiram. Durante o tempo necessário para os preparativos, Laurie se comportou como fazem, geralmente, os jovens cavalheiros em casos parecidos. Mostrou-se caprichoso, irritável e pensativo alternadamente; perdeu o apetite, negligenciou a maneira de se vestir e dedicou muito tempo a tocar tempestuosamente seu piano; evitou Jo, mas se consolou observando-a da janela, com um rosto trágico que assombrava os sonhos dela, à noite, e a oprimia, com uma pesada sensação de culpa, durante o dia.

Ao contrário de alguns sofrendores, ele jamais falava de sua paixão não correspondida, e não permitia a ninguém, nem mesmo à Sra. March, tentar consolá-lo ou oferecer simpatia.

Sob certos aspectos, isto foi um alívio para seus amigos, mas as semanas antes de sua partida foram muito penosas, e todos se alegraram com o fato de que o “pobre, querido sujeito ia embora, esquecer-se de sua tristeza para depois voltar, feliz”. Claro que ele sorriu sombriamente para a ilusão deles, mas passou por tudo aquilo com a triste superioridade de alguém que sabia que sua fidelidade, como seu amor, era inalterável.

Quando chegou a hora da despedida, ele fingiu estar muito animado, para esconder algumas emoções inconvenientes que teimavam em prevalecer. A alegria não convenceu ninguém, mas eles tentaram demonstrar que sim, em seu benefício, e ele se saiu muito bem, até a Sra. March o beijar, com um sussurro cheio de solicitude maternal; então, sentindo que ia perder o controle, ele beijou apressadamente a todos em torno, sem se esquecer da aflita Hannah, e desceu a escada correndo como se quisesse salvar a própria pele. Jo o seguiu, um minuto depois, para acenar-lhe com a mão, se ele olhasse para trás. Ele olhou sim, e voltou, pôs os braços em torno dela, que estava em pé, no degrau acima dele, e observou-a, com um rosto que tornou seu curto apelo ao mesmo tempo eloqüente e patético.

— Ah, Jo, será que você não pode?

— Teddy, querido, gostaria de poder!

Isto foi tudo, além de uma curta pausa; depois, Laurie endireitou-se e disse:

— Está bem, não se preocupe. — E foi embora sem falar mais uma só palavra.

Ah, mas nada estava bem porque, no minuto em que a cabeça cacheada ficou apoiada em seu braço, depois de sua dura resposta, ela se sentiu como se tivesse apunhalado seu melhor amigo. E, quando ele partiu, sem mais uma olhada sequer para trás, Jo percebeu que seu rapaz Laurie não voltaria nunca

mais.

Capítulo 36

O Segredo de Beth

Ao chegar em casa, naquela primavera, Jo ficou chocada com a mudança que observou em Beth. Ninguém falou disso nem pareceu perceber, porque tudo ocorreu de forma gradual demais para espantar aqueles que a viam diariamente; mas tornava-se muito claro para olhos aguçados pela ausência e Jo sentiu um peso muito grande no coração ao ver o rosto da irmã. Não estava mais pálido, e apenas um pouquinho mais magro do que no outono, mas havia nele alguma coisa estranha e transparente, como se o que havia de mortal fosse lentamente retirado, através de um refinamento, deixando o imortal brilhar, através da carne frágil, com uma beleza indescritivelmente patética. Jo viu e sentiu isso, mas não disse nada, na ocasião, e logo a primeira impressão perdeu muito do seu poder, porque Beth parecia feliz, ninguém parecia duvidar de que ela estava melhor e logo, cuidando de outras coisas, Jo por algum tempo esqueceu seus temores.

Mas, quando Laurie foi embora e a paz tornou a prevalecer, a vaga ansiedade voltou e a deixou muito perturbada. Ela confessara seus pecados e fora perdoada; porém, ao mostrar suas economias e propor a viagem para a montanha, Beth agradeceu-lhe calorosamente, mas implorou para não ir até

tão longe de casa. Outra pequena visita à praia seria mais conveniente para ela, e, como ninguém conseguiria convencer a Vovó a deixar os bebês, Jo levou Beth para o lugar tranquilo, onde ela podia viver boa parte do tempo ao ar livre e deixar as frescas brisas do mar soprarem um pouco de cor em suas faces pálidas.

Não era um lugar elegante, mas, mesmo entre as pessoas agradáveis que estavam lá, as meninas fizeram poucos amigos, preferindo viver uma para a outra. Beth era tímida demais para apreciar outras companhias, e Jo estava excessivamente envolvida com seus cuidados para prestar atenção em mais alguém; então, dedicaram-se o tempo inteiro uma à outra e circulavam por toda parte completamente inconscientes do interesse que despertavam nas pessoas em torno, enquanto todos olhavam com simpatia a irmã forte e a fraca, sempre juntas, como se sentissem, de forma instintiva, que uma longa separação não estava distante.

Realmente sentiam isso, embora nenhuma das duas falasse a respeito; porque, com frequência, entre nós e aqueles que nos estão mais próximos e são mais queridos existe uma reserva difícil de vencer. Jo tinha a impressão de que um véu caíra entre seu coração e o de Beth, mas, quando estendeu a mão para erguê-lo, parecia haver alguma coisa sagrada no silêncio, e ela esperou que Beth falasse. Ficou imaginando — e isto a deixou satisfeita — o motivo de

seus pais não verem o que ela via e, durante as semanas tranqüilas, quando as sombras cresceram tão claramente diante dos seus olhos, ela nada disse a respeito aos seus, acreditando que tudo se tornaria bem visível quando Beth voltasse sem nenhuma melhora. Ficou imaginando, ainda mais, se sua irmã adivinhava a dura verdade e que pensamentos passavam por sua mente, durante as longas horas em que ela ficava deitada nas pedras quentes, com a cabeça no colo de Jo, enquanto os ventos sopravam saudavelmente em cima dela e o mar fazia música a seus pés.

Um dia Beth lhe contou. Jo achou que ela estava dormindo, porque permanecia deitada, tão quieta, e então, guardando seu livro, ficou sentada a olhá-la, com uma expressão ansiosa, tentando ver sinais de esperança na fraca cor das faces de Beth. Mas não conseguiu encontrar o suficiente para satisfazê-la, porque as faces estavam muito magras e as mãos pareciam fracas demais até para segurarem as conchinhas cor-de-rosa que haviam juntado. Entendeu, então, mais amargamente do que nunca, que Beth era arrastada lentamente para longe dela, e seus braços, instintivamente, apertaram-se em torno do tesouro mais caro que possuía. Por um minuto, seus olhos ficaram turvos demais para ver e, quando clarearam, Beth a olhava tão ternamente que quase não houve necessidade de ela dizer:

— Jo, querida, estou satisfeita por você saber. Tentei lhe contar, mas não

consegui.

Não houve resposta, a não ser a face de sua irmã contra a dela, nem mesmo lágrimas porque, quando estava mais profundamente comovida, Jo não chorava. Ela era a mais fraca, naquele momento, e Beth tentou consolá-la e sustentá-la, abraçando-a e sussurrando-lhe no ouvido palavras ternas.

— Já sei há algum tempo, querida, e agora estou acostumada com isso, não é duro pensar a respeito, nem suportar. Tente ver isso assim e não fique preocupada comigo, porque é melhor; realmente é.

— Foi isso que deixou você tão infeliz durante o outono, Beth? Você já não estava sentindo isso naquele momento e guardando tudo só com você, durante tanto tempo, não é? — perguntou Jo, recusando-se a ver ou a dizer que tinha sido melhor, mas satisfeita de saber que Laurie não tinha nenhum papel na aflição de Beth.

— Sim, foi então que perdi toda a esperança, mas não queria admitir. Tentei pensar que era uma fantasia doente e não quis que ninguém se preocupasse. Mas, quando vi vocês todas tão bem, tão fortes, foi difícil perceber que não poderia nunca ser como vocês, e então me senti infeliz, Jo.

— Ah, Beth, e você não me contou, não deixou que eu a consolasse e a ajudasse! Como pôde me excluir e suportar tudo sozinha?

A voz de Jo estava cheia de uma terna repreensão, e seu coração doía ao

pensar na luta solitária que deveria ter ocorrido enquanto Beth aprendia a dizer adeus à saúde, ao amor e à vida, e a carregar sua cruz tão alegremente.

— Talvez fosse um erro, mas tentei agir da maneira certa. Não tinha certeza, ninguém disse nada e esperei estar enganada. Teria sido egoísta assustar vocês todos, quando mãezinha estava tão ansiosa por causa de Meg, e Amy longe e você tão feliz com Laurie — pelo menos, foi o que pensei na ocasião.

— E eu achei que você o amava, Beth e fui embora porque eu não podia — exclamou Jo, satisfeita de dizer toda a verdade.

Beth fez um ar tão espantado com a idéia que Jo sorriu apesar de sua dor, e acrescentou meigamente:

— Então não amou, queridinha? Tive medo de que sim e imaginei seu pobre coraçãozinho cheio de amor não correspondido esse tempo todo.

— Ora, Jo, como poderia eu, quando ele gostava tanto de você? — perguntou Beth, tão inocentemente quanto uma criança. — Realmente, gosto muito dele; é tão bom para mim, como posso deixar de gostar? Mas ele não poderia ser nada mais para mim além de um irmão. Espero que verdadeiramente seja, algum dia.

— Não por meu intermédio — disse Jo, cheia de decisão. — Resta Amy para ele, e eles combinariam às mil maravilhas, mas eu não tenho o menor

interesse por essas coisas agora. Não me importa o que aconteça com mais ninguém além de você, Beth. Você precisa ficar boa.

— Eu quero, sim, quero tanto! Tento, mas, a cada dia, perco um pouquinho e tenho mais certeza de que nunca vou me recuperar. É como a maré, Jo, quando muda; vai vagarosamente, mas não se pode impedir.

— Precisa ser impedida; sua maré não deve mudar tão cedo; com dezenove anos você é jovem demais para isso, Beth; não posso deixá-la ir. Vou trabalhar, rezar e lutar contra isso. Conservarei você, apesar de tudo; deve haver meios, não pode ser tarde demais. Deus não será tão cruel de tirar você de mim — exclamou a pobre Jo, cheia de rebeldia, porque seu espírito era muito menos devoto e submisso do que o de Beth.

As pessoas simples e sinceras raramente falam muito de sua devoção; ela aparece mais através de atos do que de palavras e tem mais influência do que pregações ou declarações solenes. Beth não conseguia raciocinar em torno da fé que lhe dava coragem e paciência para desistir da vida, ou explicá-la, e esperava alegremente pela morte. Como uma criança confiante, não fazia nenhuma pergunta, mas deixava tudo a cargo de Deus e da natureza, pais e mães de todos nós, com a certeza de que eles, e apenas eles, poderiam ensinar-lhe, e fortalecer seu coração e espírito para esta vida, e também para a próxima. Ela não repreendeu Jo com discursos santificados; apenas a amou

mais, por seu afeto apaixonado, e se agarrou com mais força ao caro amor humano, do qual nosso Pai jamais pretende que sejamos afastados, e através do qual Ele nos puxa para mais perto de Si Mesmo. Ela não podia dizer: “Estou satisfeita de ir”, porque a vida lhe era muito doce; só conseguiu soluçar: “Tento querer”, abraçando-se fortemente a Jo, enquanto a primeira onda amarga desta grande dor se quebrava sobre as duas juntas.

Pouco depois, Beth disse, recobrando a serenidade:

— Você contará a eles quando voltarmos para casa?

— Acho que verão isso, sem palavras — suspirou Jo, porque agora lhe parecia que Beth mudava a cada dia.

— Talvez não; ouvi dizer que as pessoas que mais amam são muitas vezes as mais cegas para essas coisas. Se não enxergarem, você dirá a eles para mim. Não quero nenhum segredo e é mais generoso prepará-los. Meg tem John e os bebês para consolá-la, e você deve ficar ao lado de papai e mamãe, não é, Jo?

— Se eu puder. Mas Beth, não desista ainda. Vou acreditar que é uma fantasia doente e não deixarei que você pense que é verdadeira — disse Jo, tentando falar alegremente.

Beth ficou deitada por um minuto, pensando, e depois disse, com seu jeito tranqüilo:

— Não sei como me expressar e não tentaria com outra pessoa que não você, porque não sei falar tudo que penso a não ser com minha Jo. Só quero dizer que tenho a sensação de que nunca estive planejado que eu vivesse por muito tempo. Não sou como o resto de vocês; nunca fiz nenhum plano sobre o que faria quando me tornasse adulta; nunca pensei em me casar, como vocês todas pensaram. Parecia que eu não conseguia me imaginar de outra forma a não ser como a tola Bethinha, correndo de um lado para outro da casa, não servindo para nada em outro lugar a não ser ali. Jamais quis ir embora, e o que é difícil, agora, é deixar todos vocês. Não estou com medo, mas tenho a sensação de que ficarei com saudade de casa até no céu.

Jo não conseguiu falar e, durante vários minutos, não houve som algum, a não ser o suspiro do vento e o barulho das ondas. Uma gaivota de asas brancas passou voando por perto, com o relâmpago do sol em seu peito prateado; Beth observou-a até ela desaparecer, e seus olhos estavam cheios de tristeza. Um pequeno pássaro marinho, de asas acinzentadas, veio saltitando pela praia, a pipilar baixinho, para si mesmo, como se estivesse aproveitando o sol e o mar; chegou bem perto de Beth, olhou-a com uma expressão amistosa e pousou sobre uma pedra quente, ajeitando as penas molhadas, completamente à vontade. Beth sorriu e ficou com um ar mais consolado, porque aquela coisinha parecia oferecer sua pequena amizade,

lembrando-lhe que ainda havia um mundo agradável a ser gozado.

— Mas que gracinha! Veja, Jo, como ele é manso. Gosto mais desses pequenos pássaros marinhos do que das gaivotas: não são tão selvagens e bonitos, mas são umas coisinhas felizes e confiantes. No verão passado, eu disse que eles são meus passarinhos prediletos, e mamãe respondeu que eles a faziam lembrar-se de mim — criaturas atarefadas, com seu colorido azulado, próximos da praia e sempre cantando aquela melodiazinha alegre deles. Você é a gaivota, Jo, forte e selvagem, gostando das tempestades e dos ventos, voando para o mar alto e se sentindo sozinha. Meg é a rolinha, e Amy é como a cotovia sobre a qual ela escreve, tentando subir até as nuvens, mas sempre descendo outra vez ao seu ninho. Aquela garota querida! Ela é tão ambiciosa, mas seu coração é bom e terno, e, por mais alto que voe, jamais se esquecerá de casa. Espero vê-la de novo, mas ela parece tão distante!

— Ela vai voltar na primavera, e espero que você esteja inteiramente preparada para vê-la e apreciar sua companhia. Vou fazer com que esteja bem e corada nessa ocasião — começou Jo a dizer, sentindo que, de todas as mudanças em Beth, a da fala era a maior, porque agora parecia não lhe custar nenhum esforço falar, e ela pensava em voz alta, de uma forma bem diferente da habitual na tímida Beth.

— Jo, querida, não espere mais nada. De nada adiantaria, tenho certeza.

Não ficaremos infelizes, mas gostaremos de ficar juntas enquanto esperamos.

Teremos momentos felizes, porque não sofro muito, e acho que a maré vazante virá com facilidade, se você me ajudar.

Jo inclinou-se para beijar aquele rosto tranqüilo e, com esse beijo silencioso, dedicou-se de corpo e alma a Beth.

Tinha razão: não houve necessidade de nenhuma palavra, quando chegaram em casa, porque seu pai e sua mãe viram claramente, agora, aquilo que haviam rezado para serem poupados de ver. Cansada com sua curta viagem, Beth foi imediatamente para a cama, dizendo como estava satisfeita de chegar em casa, e, quando Jo desceu, descobriu que não precisaria cumprir a difícil tarefa de contar o segredo de Beth. Seu pai estava com a cabeça apoiada no consolo da lareira e não a virou quando ela entrou; mas sua mãe estendeu os braços, como se pedisse ajuda, e Jo foi confortá-la, sem nada dizer.

Capítulo 37

Novas Impressões

As três horas da tarde, toda a população elegante de Nice pode ser vista na Promenade des Anglais — um lugar encantador, porque a calçada larga, margeada por palmeiras, flores e arbustos tropicais, tem de um lado o mar e do outro a majestosa avenida com hotéis e villas e, mais além, laranjais e colinas.

Muitas nações estão representadas, muitas línguas são faladas, muitos trajes usados e, num dia de sol, o espetáculo é tão alegre e colorido quanto o de um carnaval. Insolentes ingleses, animados franceses, sóbrios alemães, belos espanhóis, feios russos, meigos judeus, descontraídos americanos, todos dirigem automóveis, sentam-se ou passeiam por ali, conversando sobre as novidades e criticando a última celebridade que chegou — Ristori ou Dickens, Victor Emmanuel ou a Rainha das Ilhas Sandwich. As carruagens são tão variadas quanto as pessoas que nelas viajam e atraem atenção quase igual, especialmente as caleças com cabines baixas, que as senhoras dirigem sozinhas, conduzidas por um par de arrojados pôneis, com coloridas redes que impedem que seus volumosos babados transbordem dos diminutos veículos e, encarapitados na parte de trás, pequenos cavaleiros.

Por essa calçada, no Dia de Natal, um rapaz alto caminhava vagarosamente, com as mãos nas costas e uma expressão algo distraída no rosto. Parecia um italiano, estava vestido como um inglês e tinha o ar independente de um americano — uma mistura que fez vários pares de olhos femininos observarem-no aprovadamente, enquanto ele passava, e vários dândis com ternos de veludo negro e gravatas cor-de-rosa, luvas de couro de boi amareladas e flores de laranjeira nas botoeiras encolherem os ombros e, depois, ficarem invejando sua altura. Havia uma porção de rostos bonitos para

admirar, mas o rapaz parecia prestar-lhes pouca atenção, a não ser por alguma olhada, de vez em quando, numa moça loura qualquer, ou dama vestida de azul. Pouco depois, afastou-se do passeio e ficou em pé no cruzamento, por um instante, como se estivesse indeciso se iria ouvir a banda no Jardin Publique ou se perambularia ao longo da praia, em direção a Castle Hill. O trote ligeiro de pôneis fez com que ele olhasse naquela direção, enquanto uma das pequenas carruagens, trazendo uma única dama, aproximava-se rapidamente pela rua. A dama era jovem, loura e estava vestida de azul. Ele a olhou atentamente, por um minuto; depois seu rosto inteiro despertou e, acenando com o chapéu, como um menino, ele foi correndo encontrá-la.

— Ah, Laurie, é mesmo você? Pensei que nunca viria! — exclamou Amy, deixando cair as rédeas e estendendo as duas mãos, para grande escândalo de uma mamãe francesa, que fez a filha apressar os passos a fim de não perder a moral contemplando as maneiras livres desses “loucos ingleses”.

— Fiquei detido no caminho, mas prometi passar o Natal com você, e aqui estou.

— Como vai seu avô? Quando você chegou? Onde está hospedado?

— Muito bem... a noite passada... no Chauvain. Telefonei para seu hotel, mas vocês todos tinham saído.

— Tenho tanta coisa para contar que nem sei por onde começar! Entre e

assim poderemos conversar à vontade, eu ia dar uma volta e queria muito companhia. Flo está descansando para hoje à noite.

— E o que vai acontecer? Um baile?

— Uma festa de Natal em nosso hotel. Há muitos americanos lá e estão dando a festa em honra do dia. Você vai conosco, naturalmente. Titia ficará encantada.

— Obrigado. E agora, para onde vamos? — perguntou Laurie, recostando-se e cruzando os braços, procedimento que agradou Amy, pois ela preferia dirigir, já que seu chicote e rédeas azuis, em cima das costas brancas dos pôneis, lhe davam uma infinita satisfação.

— Vou aos bancos, primeiro, ver se há cartas e, depois para Castle Hill; a vista é tão linda, e gosto de dar comida aos pavões. Já estive lá?

— Muitas vezes, anos atrás, mas não me importo de dar uma olhada lá.

— Agora me conte sobre você. A última coisa que soube a seu respeito foi quando seu avô escreveu que estava esperando sua volta de Berlim.

— Sim, passei um mês lá e, depois, fui encontrá-lo em Paris, onde ele se instalou para passar o inverno. Ele tem amigos lá e encontra muitas coisas para se divertir, então vou e volto; estamos passando um período ótimo.

— É um acerto bem agradável — disse Amy, sentindo falta de alguma coisa nas maneiras de Laurie, mas sem saber exatamente o quê.

— Bom, você sabe, ele detesta viajar e eu detesto ficar parado, então fazemos cada qual o que nos agrada e não há problema. Estou muitas vezes com ele, e ele aprecia minhas aventuras, enquanto eu gosto de sentir que alguém está satisfeito de me ver quando volto das minhas andanças. Que velho buraco sujo, não? — acrescentou ele, com um olhar de repulsa, enquanto seguiam pelo boulevard até a Place Napoleon, na cidade antiga.

— A sujeira é pitoresca, então não me importo. O rio e os montes são lindos, e gosto desses cenários de ruas estreitas, entrecruzadas. Agora vamos ter de esperar que passe essa procissão. Vai para a Igreja de São João.

Enquanto Laurie, apaticamente, observava a procissão, com os padres debaixo dos seus pálios, freiras com véus brancos segurando velas acesas e uma irmandade vestida de azul, cantando enquanto caminhava, Amy o observou e sentiu uma timidez que nunca sentira, porque ele estava mudado e ela não conseguia encontrar, no homem de ar soturno, a seu lado, o menino de rosto alegre que deixara. Ele estava mais bonito do que nunca e melhorara muito, ela pensou, mas agora que o ímpeto de prazer por encontrá-lo passara, ele parecia cansado e desanimado — não doente, não exatamente infeliz, porém mais velho e mais sério do que seria de esperar, após um ou dois anos de vida abastada. Ela não conseguiu entender o que se passava com ele e não se arriscou a fazer perguntas, então sacudiu a cabeça e chicoteou seus pôneis,

enquanto a procissão se afastava, passando pelos arcos da ponte Paglioni e desaparecendo na igreja.

— Que pensez vous? — perguntou ela, praticando seu francês, que melhorara de quantidade, senão de qualidade, desde que vivia no exterior.

— Que mademoiselle aproveitou bem seu tempo e o resultado é encantador — respondeu Laurie, curvando-se, com a mão no coração e um ar de admiração.

Ela corou de prazer, mas alguma coisa, no cumprimento, não a satisfazia da mesma forma como os elogios toscos que ele costumava fazer-lhe em casa, caminhando em torno dela, nas ocasiões festivas, e dizendo-lhe que estava “linda demais”, com um sorriso caloroso e uma palmadinha aprovadora em sua cabeça. Ela não gostou do novo tom porque, embora não fosse propriamente blasé, soava indiferente, apesar do olhar.

“Se é desse jeito que ele vai se tornar adulto, gostaria que continuasse um menino”, pensou ela, com uma curiosa sensação de desapontamento e embaraço, tentando, enquanto isso, parecer completamente à vontade e alegre.

No Avigdor ela encontrou as preciosas cartas de casa e, dando as rédeas a Laurie, leu-as com delícia, enquanto seguiam pela estrada umbrosa, entre verdes sebes, onde rosas-chá floresciam, tão viçosas quanto em junho.

— Beth não está nada bem, diz mamãe. Penso muitas vezes que devia ir para casa, mas todos eles dizem “fique”. Então fico, porque jamais terei outra oportunidade como esta — disse Amy, olhando para uma página, muito séria.

— Acho que você está certa; não poderia fazer nada em casa e é um grande conforto para eles saber que você está bem, feliz, gostando tanto de tudo, querida.

Ao dizer isso, ele se aproximou um pouco mais dela e ficou mais parecido com seu antigo eu; e o medo que, algumas vezes, pesava no coração de Amy diminuiu, porque o olhar dele, seu ato, o fraternal “minha querida” pareceram garantir-lhe que, se algum problema ocorresse, ela não estaria sozinha numa terra estranha. Pouco depois, ela riu e mostrou a ele um pequeno desenho de Jo, com seu traje de escritora, o laço extravagantemente erguido em cima do gorro e, saindo de sua boca, as palavras “O gênio arde!”.

Laurie sorriu, pegou o desenho, colocou-o no bolso do seu colete, “para impedir que saísse voando”, e ouviu com interesse a viva carta que Amy leu para ele.

— Este será um Natal bem alegre para mim, com presentes de manhã, você e as cartas à tarde e uma festa à noite — disse Amy, enquanto apeavam entre as ruínas do velho forte e um bando de maravilhosos pavões desfilava em torno deles, muito mansos, esperando serem alimentados. Enquanto Amy

ficava em pé, rindo, no barranco acima dele, espalhando migalhas de pão para as coloridas aves, Laurie a olhava como ela o olhara, com uma curiosidade natural, para ver que mudanças haviam provocado nela o tempo e a ausência. Nada descobriu que pudesse deixá-lo perplexo ou desapontado, mas sim muita coisa que lhe despertou admiração e aprovação porque, deixando de lado algumas pequenas afetações na fala e nas maneiras, ela estava tão jovial e graciosa como sempre, com o acréscimo daquele algo indescritível, nas roupas e no comportamento, a que chamamos de elegância. Sempre madura para sua idade, ela ganhara um certo aplomb, tanto na postura quanto na conversa, que a fazia parecer uma mulher mais experimentada do que na realidade era; mas sua antiga petulância aparecia de vez em quando, sua vontade forte ainda se afirmava e sua franqueza natural não fora estragada pelo verniz estrangeiro. Laurie não percebeu tudo isso enquanto a observava alimentar os pavões, mas viu o suficiente para satisfazê-lo e interessá-lo e guardou consigo um quadrinho muito bonito, de uma moça de rosto animado em pé, ao sol, que destacava o tom suave de seu vestido, a cor viçosa de suas faces, o brilho dourado dos cabelos, e a tornava uma figura destacada no cenário agradável. Ao chegarem ao planalto de pedra que coroa o monte, Amy acenou com a mão, como lhe desse as boas-vindas a seu refúgio favorito e disse, apontando para várias direções:

— Lembra-se da Catedral e do Corso, dos pescadores puxando suas redes na baía, da linda estrada até Villa Franca, da Torre de Schubert, logo abaixo e, melhor de tudo, daquele pontinho lá no meio do mar, que dizem que é a Córsega?

— Lembro, sim, não mudou muito — respondeu ele sem entusiasmo.

— O que Jo daria para lançar uma olhada naquele pontinho famoso! — disse Amy, sentindo-se bem-humorada e ansiosa para vê-lo da mesma forma.

— Sim — foi tudo que ele disse, mas virou-se e apurou os olhos para ver a ilha, que uma usurpadora maior ainda do que Napoleão agora tornava interessante a seus olhos.

— Dê uma boa olhada na ilha, por causa dela e, depois, venha até aqui me contar o que tem feito durante todo esse tempo — disse Amy, sentando-se, pronta para uma boa conversa.

Mas a conversa não aconteceu; embora ele ficasse a seu lado e respondesse livremente a todas as suas perguntas, ela só conseguiu saber que ele viajara por todo o Continente e estivera na Grécia. Então, depois de ficarem por ali durante uma hora, voltaram outra vez para casa e, tendo cumprimentado a Sra. Carrol, Laurie as deixou, prometendo voltar à noite.

É preciso registrar, quanto a Amy, que ela, deliberadamente, vestiu-se aquela noite com o maior apuro. O tempo e a ausência haviam feito seu

trabalho nos dois jovens; ela vira seu velho amigo sob uma nova luz, não como “nosso rapaz”, mas como um homem bonito e agradável, e estava consciente de um desejo muito natural de que ele a visse sob uma luz favorável. Amy conhecia seus pontos fortes e aproveitou-os ao máximo, com o gosto e a habilidade que são a fortuna de uma mulher pobre e bonita.

Tarlatana e tude eram baratos em Nice, e então ela se envolvia com eles, nessas ocasiões, e, seguindo a sensata moda inglesa dos trajes simples para as mocinhas, criava encantadoras toaletes usando flores frescas, algumas bugigangas e todo tipo de requintados truques, ao mesmo tempo baratos e eficazes. É preciso admitir que a artista algumas vezes tomava conta da mulher e ela se comprazia em penteados antigos, atitudes estatuescas e drapejamentos clássicos. Mas, meu Deus, todos nós temos nossas pequenas fraquezas e achamos fácil perdoá-las nos jovens, que satisfazem nossos olhos com sua beleza e mantêm nossos corações alegres, com suas inocentes vaidades.

— Quero realmente que ele me ache bonita e conte isso ao pessoal lá em casa — disse Amy a si mesma, enquanto trajava o velho vestido de baile de seda branca de Flo e o cobria com uma nuvem de nova ilusão, da qual seus ombros brancos e cabeça dourada emergiam com um efeito altamente artístico. Seu cabelo, Amy tinha a sabedoria de deixar como era, depois de

erguer as espessas ondas e cachos num nó, como o de Hebe, na parte de trás da cabeça.

— Não está na última moda, mas está bem, e não posso me dar ao luxo de ficar horrorosa — ela costumava dizer quando aconselhavam a frisar o cabelo, afofá-lo ou usá-lo em tranças, como impunha o estilo mais recente.

Não tendo adornos suficientemente finos para a ocasião importante, Amy prendeu nas saias leves ramalhetes rosados de azaléias e emoldurou os ombros brancos com delicadas trepadeiras verdes. Lembrando-se das botas pintadas, ela examinou suas sandálias de cetim com satisfação infantil e deslizou pela sala, admirando sozinha seu feito aristocrático.

— Meu leque novo combina perfeitamente com minhas flores, minhas luvas estão maravilhosamente ajustadas e a renda verdadeira do mouchoir de titia dá um toque fino a todo o meu vestido. Se eu tivesse um nariz e uma boca clássicos, estaria perfeitamente feliz — disse ela, examinando-se com um olho crítico e uma vela em cada mão.

Apesar dessa aflição, ela parecia incomumente alegre e graciosa, quando se afastou, a passos suaves; ela raramente corria — achava que não combinava com seu estilo porque, sendo alta, fazia mais um gênero majestoso, com algo de Juno, do que o esportivo ou picante. Caminhou de um lado para outro do grande salão, esperando Laurie, e uma vez arrumou-se sob o

candelabro, que tinha um bom efeito em seu cabelo, depois pensou melhor e afastou-se para a outra extremidade da sala, como se estivesse envergonhada do desejo infantil e fazer com que a primeira visão fosse propícia. Então, aconteceu que não poderia ter feito coisa melhor, porque Laurie entrou tão silenciosamente que ela não o ouviu e, enquanto estava em pé junto à janela distante, com a cabeça meio virada e uma das mãos segurando o vestido, a silhueta esguia contra as cortinas vermelhas fez um efeito tão bonito quanto o de uma estátua bem colocada.

— Boa noite, Diana! — disse Laurie, com a expressão de satisfação que ela gostava de ver em seus olhos, quando a fitavam.

— Boa noite, Apoio! — respondeu ela, devolvendo-lhe o sorriso, porque ele também estava incomumente elegante e, ao pensar que entraria no salão de baile de braços dados com um homem tão bem-apeado, Amy teve pena, do fundo do coração, das quatro Misses Davis, tão sem graça.

— Aqui estão suas flores. Eu as arrumei pessoalmente, lembrando-me de que você não gostava do que Hannah chama de “buquê tolo” — disse Laurie, entregando-lhe um delicado ramallete, num suporte que ela cobiçava há muito tempo, ao passar, diariamente, pela vitrina da Cardiglia.

— Como você é gentil! — exclamou ela cheia de gratidão. — Se soubesse que você vinha, teria alguma coisa pronta para lhe oferecer hoje, embora não

tão bonita quanto essa.

— Obrigado. Não é o que deveria ser, mas você o melhorou — acrescentou ele, enquanto fechava a pulseira de prata em torno do pulso dela.

— Por favor, não faça isso.

— Pensei que você gostasse desse tipo de coisa.

— Não da sua parte, não soa natural, gosto mais de sua antiga franqueza.

— Fico satisfeito com isso — respondeu ele, com uma expressão de alívio; depois abotoou as luvas de Amy para ela e perguntou se sua gravata estava direita, exatamente como costumava fazer, quando iam a festas juntos em seu país.

O grupo de pessoas reunido na comprida salle à manger, aquela noite, era de um tipo que não se vê em nenhuma outra parte, a não ser no Continente Europeu. Os hospitaleiros americanos haviam convidado todos os conhecidos que tinham em Nice e, não tendo nenhum preconceito contra títulos, asseguraram o comparecimento de alguns nobres para acrescentar brilho ao seu baile de Natal.

Um príncipe russo condescendeu em sentar-se a um canto durante uma hora, e conversar com uma maciça senhora, trajada como a mãe de Hamlet, em veludo negro, com uma brida de pérolas embaixo do queixo. Um conde polonês, com a idade de dezoito anos, dedicou-se às damas, que o

consideraram “um fascinante queridinho”, e uma Sereníssima Alguma Coisa alemã, tendo vindo apenas para a ceia, perambulou vagamente de um lado para outro, procurando alguma coisa que pudesse devorar. O secretário particular do barão Rothschild, um judeu de nariz grande usando botas justas, sorria afavelmente para o mundo, como se o nome de seu mestre o coroasse com uma auréola dourada; um robusto francês, que conhecia o Imperador, veio satisfazer sua mania de dançar, e Lady de Jones, uma matrona inglesa, enfeitava o ambiente com sua pequena família de oito pessoas. Claro, havia muitas moças americanas de pés ligeiros e vozes estridentes e outras inglesas, bonitas e sem vida, além de algumas demoiselles francesas, despretensiosas mas picantes; igualmente, o conjunto habitual de jovens cavalheiros viajantes, que se divertiam à grande, enquanto mães de todas as nações enfileiravam-se junto às paredes e lhes sorriam, condescendentes, quando dançavam com suas filhas.

Qualquer mocinha pode imaginar o estado de espírito de Amy, quando ela “entrou no palco”, aquela noite, de braços dados com Laurie. Ela sabia que estava bonita, adorava dançar, sentia que pisava em seu território, quando entrava num salão de baile, e adorava a deliciosa sensação de poder que têm as moças, quando descobrem o novo e lindo reino onde estão destinadas a imperar, através da beleza, juventude e de sua condição feminina. Ela teve

pena das meninas Davis, que eram desajeitadas, sem graça e não tinham acompanhante, a não ser um triste papai e três tias solteironas, ainda mais tristes, e fez uma curvatura para elas, com seu jeito mais amável, ao passar, o que foi inteligente de sua parte, porque permitiu que elas vissem seu vestido e ardessem de curiosidade para saber quem poderia ser seu amigo, de aspecto tão distinto. Com a primeira explosão de som vindo da orquestra, Amy ficou mais corada, seus olhos começaram a brilhar e seus pés a baterem no chão, impacientemente, porque ela dançava bem e queria que Laurie soubesse disso: portanto, o choque que ela recebeu pode ser mais bem imaginado do que descrito, quando ele disse, com um tom de voz perfeitamente tranqüilo:

— Você está mesmo com vontade de dançar?

— Em geral, a gente tem vontade, num baile.

Sua expressão de espanto e a rápida resposta fizeram com que Laurie reparasse seu erro o mais depressa possível.

— Quero dizer, será que tem vontade na primeira dança? Poderia dar-me a honra?

— Posso conceder-lhe esta primeira dança, se deixar o Conde para depois.

Ele dança divinamente, mas me desculpará, porque você é um velho amigo — disse Amy, esperando que o nome tivesse um bom efeito e mostrasse a Laurie que não se podia fazer pouco dela.

— Rapazinho simpático, mas não tem estatura para se emparelhar com

“Uma filha dos deuses,

Divinamente alta e ainda mais divinamente bela” —

foi toda a satisfação que ela recebeu, porém.

O grupo em que se encontraram era composto por ingleses e Amy foi compelida a acompanhar, decorosamente, um cotilhão, sentindo o tempo inteiro que seria capaz de dançar, encantada, uma tarantela. Laurie entregou-a ao “rapazinho simpático” e foi cumprir seu dever com Flo, sem garantir Amy para alegrias futuras, uma censurável falta de previsão que foi adequadamente castigada, porque ela imediatamente comprometeu-se até a hora da ceia, com a intenção de ceder, se ele desse, então, algum sinal de arrependimento. Ela mostrou-lhe seu livrinho de baile com contida satisfação, quando ele foi caminhando, em vez de correr, até onde ela estava, a fim de convidá-la para a próxima dança, uma gloriosa polca; mas as cortesias lamentações dele não a convenceram e, quando ela saiu galopando com o Conde, viu Laurie sentar-se ao lado de sua tia com uma expressão de verdadeiro alívio.

Aquilo era imperdoável, e Amy não lhe deu mais atenção durante um longo período, a não ser por uma palavrinha, de vez em quando, quando ela ia, entre uma dança e outra, até o lugar onde estava sua acompanhante, à procura de algum grampo de que precisava ou de um minuto de descanso. Sua raiva teve

um bom efeito, porém, porque ela a escondeu sob um rosto sorridente e parecia feliz como nunca e animada. Os olhos de Laurie a acompanharam com prazer, porque ela não saía às carreiras nem era demasiado lenta, mas dançava sempre com espírito e graça, dando ao delicioso passatempo sua verdadeira dimensão. Muito naturalmente, ele se pôs a estudá-la sob esse novo ponto de vista e, antes que a noite chegasse à metade, decidira que “a pequena Amy vai ser uma mulher muito encantadora”.

O cenário estava animado, porque logo o espírito da temporada social tomou conta de cada um dos presentes e a alegria do Natal fez todos os rostos brilharem, os corações se encherem de felicidade e os pés se tornarem ligeiros. Os músicos tocavam seus violinos e suas trombetas e batucavam com estrépito, como se estivessem gostando muito de fazer aquilo; todos os que podiam dançavam, e os que não podiam admiravam seus vizinhos com um interesse fora do comum. A atmosfera estava carregada de Davises, e muitos Joneses piruetavam como um rebanho de jovens girafas. O dourado secretário disparava através da sala como um meteoro, com uma vistosa francesa que cobria o chão com a cauda de seu vestido de cetim cor-de-rosa. O Sereníssimo Teutão encontrou a mesa da ceia e estava feliz, comendo sem parar tudo que havia no cardápio, deixando os garçons pasmados com os estragos que causava. Mas o amigo do Imperador cobriu-se de glória, porque dançava tudo,

soubesse ou não, e introduzia cabriolas improvisadas quando os passos o deixavam confuso. O abandono infantil daquele homem robusto era encantador de ver porque, embora ele fosse “um tanto pesado”, dançava parecendo uma bola de borracha. Corria, voava, saracoteava, seu rosto brilhava, a cabeça careca luzia, as abas de sua casaca sacudiam-se loucamente, os escarpins faiscavam em pleno ar e, quando a música parava, ele enxugava as gotas de suor da testa e sorria para toda a humanidade em torno como um Pickwick francês sem óculos.

Amy e seu Polonês destacavam-se por igual entusiasmo, mas também por uma agilidade mais graciosa, e Laurie descobriu-se, involuntariamente, marcando o compasso, ao observar a subida e descida das sandálias brancas, enquanto elas passavam voando, tão infatigavelmente como se tivessem asas. Quando o pequeno Vladimir finalmente a soltou, garantindo que estava “desolado por ir embora tão cedo”, ela estava preparada para descansar e ver como seu cavalheiro traidor suportara seu castigo.

Fora eficaz porque, às três e vinte, os afetos frustrados encontram um bálsamo na companhia amiga, e os nervos jovens vibrarão, o sangue jovem dançará e os jovens espíritos saudáveis se animarão, se forem submetidos ao encantamento da beleza, da luz, da música e do movimento. Laurie tinha um ar desperto, quando se levantou para oferecer a ela seu assento; e, ao sair

correndo para lhe trazer um pouco da ceia, ela disse a si mesma, com um sorriso satisfeito:

— Ah, bem que eu achei que isso lhe faria bem!

— Você parece a Femme peinte par elle-même, de Balzac — disse ele, enquanto a abanava com uma das mãos e, com a outra entregava-lhe sua xícara de café.

— Meu rouge não sai — e Amy esfregou sua face corada e mostrou-lhe a luva branca, com uma séria simplicidade que o fez rir abertamente.

— Como você chama esse pano? — perguntou ele, tocando uma dobra do vestido dela que fora parar em cima do seu joelho.

— Ilusão.

— Um bom nome. É muito bonito — é uma novidade, não?

— É velhíssimo; deve ter visto dezenas de moças usando isso e nunca descobriu que era bonito, a não ser agora — stupide!

— Jamais vi você usando, daí a confusão, percebe?

— Nada disso, é proibido. Prefiro tomar café a receber cumprimentos neste momento. Não, não fique andando de um lado para outro; me deixa nervosa.

Laurie sentou-se, muito teso e, meigamente, pegou o prato vazio de Amy, sentindo um estranho tipo de prazer por ter a “pequena Amy” dando-lhe ordens a toda hora, porque ela agora perdera sua timidez e sentia um desejo

irresistível de pisá-lo, como as moças fazem, de forma deliciosa, quando os senhores da criação dão algum sinal de sujeição.

— Onde você aprendeu todo esse tipo de coisa? — Perguntou ele, com um ar irônico.

— Como “esse tipo de coisa” é uma expressão um tanto vaga, quer ter a bondade de explicar o que quer dizer? — respondeu Amy, sabendo muito bem a que se referia ele mas deixando, maldosamente, que tentasse descrever o indescrevível.

— Ora, o aspecto geral, o estilo, a presença de espírito, a...a... ilusão, sabe — riu Laurie, interrompendo-se e saindo de sua perplexidade com a ajuda da nova palavra.

Amy ficou satisfeita, mas claro que não mostrou isso e respondeu, recatadamente:

— A vida no exterior nos dá um verniz, à nossa própria revelia; eu estudo, enquanto também me divirto e, quanto a isso — com um gesto em direção ao seu vestido —, ora, tule é barato, esses ramos de flores são uma ninharia e estou acostumada a aproveitar ao máximo minhas pobres coisinhas.

Amy arrependeu-se um pouco, depois que disse essa última frase, temendo que não fosse de bom gosto, mas Laurie gostou ainda mais dela por causa disso e acabou tanto admirando quanto respeitando a corajosa paciência

que a fazia tirar todo o possível de cada oportunidade e também o espírito alegre que cobria de flores a pobreza. Amy não soube o motivo que o levou a olhá-la tão bondosamente, nem por que ele encheu seu livro com o próprio nome e se dedicou a ela pelo resto da noite, da maneira mais encantadora, mas o impulso que provocou essa agradável mudança resultou de uma das novas impressões que ambos estavam, inconscientemente, dando e recebendo.

Capítulo 38

Na Prateleira

Na França, as mocinhas levam uma vida monótona até se casarem, quando *Vive la liberté* passa a ser seu lema. Na América, como todos sabem, as moças assinam cedo sua declaração de independência e gozam sua liberdade com um entusiasmo republicano; mas as jovens matronas, em geral, com a chegada do primeiro herdeiro ao trono, abdicam e passam a viver numa reclusão quase tão total quanto a que existe num convento francês, embora não sejam, absolutamente, assim tão quietas. Gostem ou não, são praticamente postas na prateleira, logo que passa a excitação do casamento, e a maioria delas poderia exclamar, como fez outro dia uma mulher muito bonita: — Continuo tão bonita quanto antes, mas ninguém presta a menor atenção em mim porque sou casada.

Não sendo uma beldade, e nem mesmo uma dama elegante, Meg não experimentou essa aflição até seus bebês completarem um ano; isto porque, em seu pequeno mundo, os costumes primitivos ainda prevaleciam, e ela percebeu que era mais admirada e amada do que nunca.

Como era uma mulherzinha muito feminina, tinha um instinto maternal muito forte e ficou inteiramente absorta em seus filhos, excluindo por completo todas as outras atividades e pessoas. Dia e noite se debruçava sobre eles, com incansável devoção e ansiedade, deixando John aos ternos cuidados das auxiliares, porque agora uma senhora irlandesa tornava conta do setor da cozinha. Sendo um homem doméstico, John, decididamente, sentia falta das atenções da esposa, que se acostumara a receber; mas, como adorava seus bebês, de boa vontade abriu mão, por algum tempo, do seu conforto, supondo, com masculina ignorância, que a paz logo seria restabelecida. Mas três meses se passaram e não houve nenhum sinal de que o repouso retornaria; Meg parecia cansada e nervosa, os bebês absorviam cada minuto do seu tempo, a casa foi negligenciada e Kitty, a cozinheira que encarava a vida com “discontração”, dava-lhe um passadio bastante medíocre. Quando ele saía, de manhã, ficava confuso com as pequenas incumbências que recebia da mamãe prisioneira e, ao chegar alegremente à noite, ansioso para beijar sua família, era impedido por um “Psiu! Eles acabaram de dormir, depois de dar trabalho o

dia inteiro”. Quando propunha um pouco de divertimento em casa, a resposta era: “Não, vai perturbar os bebês.” Se sugerisse a ida a uma conferência, ou a um concerto, a resposta era um olhar de censura e uma frase cheia de determinação: “Deixar meus filhos, por prazer, nunca!” Seu sono era interrompido por choros infantis e visões de uma figura fantasmagórica, caminhando silenciosamente de um lado para outro, em vigílias noturnas; suas refeições eram marcadas por freqüentes fugas da divindade tutelar, que o desertava imediatamente, sem acabar de servi-lo, caso algum trinado abafado soasse no ninho, lá em cima; e, ao ler seu jornal da tarde, a cólica de Demi entrava na lista de embarques e a queda de Daisy afetava o preço das ações, porque a Sra. Brooke só se interessava pelas notícias domésticas.

O pobre homem estava muito pouco à vontade, porque as crianças o haviam privado de sua esposa, o lar se transformara apenas num quarto infantil e os perpétuos “psius” faziam com que se sentisse um brutal intruso, sempre que entrava nos sagrados recintos da Babylândia. Ele suportou tudo muito pacientemente durante seis meses e, quando não surgiram quaisquer indícios de uma alteração, fez o mesmo que fazem os outros pais banidos — tentou obter um pouco de conforto em outro lugar. Scott casara-se e se instalara não muito distante dali, e John adquiriu o hábito de ir até a casa do amigo, durante uma ou duas horas, à noite, quando sua sala de visitas estava vazia e sua

esposa cantava canções de ninar que pareciam intermináveis. A Sra. Scott era uma moça animada e bonita, sem nada para fazer a não ser mostrar-se agradável — e ela cumpria sua missão da forma mais bem-sucedida possível.

A sala de visitas estava sempre resplandecente e atraente, o tabuleiro de xadrez preparado, o piano afinado; havia muitos mexericos divertidos para contar uma ótima ceiazinha era servida de maneira tentadora.

John preferiria ficar ao pé de sua própria lareira, se não andasse tão solitário; mas, nas circunstâncias, aceitou muito grato a melhor alternativa que havia, e apreciava a companhia de seu vizinho.

Meg, de início, até aprovou o novo ajuste e ficou aliviada em saber que John se divertia, em vez de cochilar na sala de visitas ou caminhar a passos ruidosos de um lado para outro da casa e acordar as crianças. Mas, pouco depois, quando havia passado a preocupação com a dentição e os ídolos passaram a dormir na hora certa, deixando à mamãe tempo para descansar, ela começou a sentir falta de John e achar que sua cesta de costura era uma companhia monótona, quando ele não estava sentado em frente, com seu velho roupão, confortavelmente chamuscando seus chinelos na lareira. Não quis pedir a ele para ficar em casa, mas se sentiu magoada, porque ele não percebeu, sem que lhe fosse dito, que ela o queria, esquecendo-se inteiramente das muitas noites em que John a esperara em vão. Estava

nervosa e esgotada, com tantas vigílias e preocupações, e naquele estado de espírito pouco razoável que as melhores mães ocasionalmente experimentam quando os cuidados domésticos as oprimem. A falta de exercício lhes tira a alegria, e também o excesso de devoção àquele ídolo das mulheres americanas, a chaleira, faz com que se sintam como se tivessem apenas nervos e nenhum músculo.

— Sim — dizia ela, olhando para o espelho —, estou ficando velha e feia. John não me acha mais interessante, então deixa sua murcha esposa e vai ver sua bonita vizinha, que não tem nenhum dependente. Bom, os bebês me amam, eles não se importam se estou magra e pálida e não tenho tempo para ondular meu cabelo; são meu consolo, e, algum dia, John perceberá que alegremente me sacrifiquei Pelo bem deles, não é, minha preciosa?

E, a esse patético apelo, Daisy respondia com um arrulho, ou Demi com um grito de prazer, e Meg deixava de lado suas lamentações em troca de uma folia maternal, que aliviava, por algum tempo, sua solidão. Mas a dor aumentava, à medida que a política absorvia John, pois ele estava sempre correndo para discutir questões interessantes com Scott, completamente inconsciente de que Meg sentia falta dele. Nem uma só palavra disse ela, porém, até que um dia sua mãe a encontrou debulhada em lágrimas e insistiu em saber qual era o problema, porque a depressão em que caíra Meg não escapara à sua

observação.

— Eu não contaria isso a ninguém, a não ser a você, mamãe, mas preciso mesmo de conselhos porque, se John continuar assim por muito tempo mais, minha situação será igual a de uma viúva — respondeu a Sra. Brooke, enxugando as lágrimas no babadouro de Daisy, com um ar tristíssimo.

— Continuar como, minha querida? — perguntou sua mãe, cheia de ansiedade.

— Ele fica fora o dia inteiro e, à noite, quando quero vê-lo, está sempre na casa dos Scotts. Não é justo que eu tenha o trabalho mais duro e jamais nenhum divertimento. Os homens são muito egoístas, mesmo os melhores deles.

— As mulheres também. Não culpe John até ver onde você própria errou.

— Mas não pode estar certo ele me deixar de lado.

— Você não o deixa de lado?

— Ora, mamãe, achei que você tomaria meu partido!

— E tomo mesmo, em termos de simpatia, mas acho que a culpa é sua, Meg.

— Não vejo como.

— Vou lhe mostrar. John a deixou de lado, alguma vez, enquanto você fazia questão de estar sempre na companhia dele, à noite, o único tempo de

folga que ele tem?

— Não, mas agora não posso fazer isso, com dois bebês para tomar conta.

— Acho que poderia, querida, e acho que deveria. Posso falar com completa franqueza, para você se lembrar que, enquanto mamãe põe a culpa, ao mesmo tempo ela simpatiza?

— Pode, sim! Fale comigo como se eu fosse outra vez a pequena Meg.

Muitas vezes me sinto como se precisasse mais do que nunca de ensinamentos, desde que esses bebês dependem de mim para tudo.

Meg puxou sua cadeira para junto da mãe e, com uma pequena interrupção no colo de cada uma, as duas mulheres balançaram-se e conversaram afetuosamente, sentindo que o laço da maternidade as aproximava mais do que nunca.

— Você apenas cometeu o erro que comete a maioria das jovens esposas

— esqueceu-se do seu dever para com seu marido, por causa do seu amor pelos filhos. Um erro muito natural e perdoável, mas que é melhor que seja remediado antes que você enverede por diferentes caminhos, Meg; porque as crianças deveriam unir vocês mais do que nunca, e não separar, como se eles fossem apenas seus e John não tivesse mais nada a fazer, a não ser sustentá-los. Observei isso durante algumas semanas, mas não disse nada, com a certeza de que tudo se endireitaria no devido tempo.

— Estou com medo de que não endireite. Se eu lhe pedir para ficar em casa, ele pensará que estou com ciúmes e eu não o criticaria por ter essa idéia. Ele não percebe que eu o quero e não sei como lhe dizer isso sem palavras.

— Torne tudo tão agradável que ele não queira sair. Minha querida, ele está saudoso de seu pequeno lar; mas não é lar sem você, e você está sempre no quarto das crianças.

— Será que não devo estar lá?

— O tempo todo, não; confinamento demais a deixa nervosa e, assim, você não consegue mais fazer nada. Além disso, você deve alguma coisa a John tanto quanto aos bebês; não abandone o marido pelos filhos, não o exclua do quarto das crianças, mas ensine a ele como lhe ajudar lá. O lugar de John é lá, tanto quanto o seu, e as crianças precisam dele; faça com que sinta que tem seu papel a cumprir, e ele fará tudo com alegria, fielmente; assim será melhor para todos.

— Acha realmente isso, mamãe?

— Sei disso, Meg, porque já experimentei a mesma situação, e raramente dou conselhos sem testar sua viabilidade. Quando você e Jo eram pequenas, fiz a mesma coisa que você, com a impressão de que não cumpriria meu dever se não me dedicasse inteiramente. O pobre pai de vocês voltou-se para os livros, depois que recusei todas as ofertas de ajuda e me entreguei sozinha à

minha experiência. Fui lutando o melhor que pude, mas Jo era demais para mim. Quase a estraguei com minhas concessões. Você não passava muito bem, e me preocupei tanto com isso que quase adoeci eu mesma. Então o pai de vocês veio em meu socorro tranqüilamente ajeitou tudo e foi de tanta utilidade que vi meu erro e, desde então, nunca mais pude fazer nada sem ele. Este é o segredo da nossa felicidade doméstica: ele não deixa que seu trabalho o afaste dos pequenos cuidados e deveres que nos afetam a todos, e eu tento não deixar as preocupações domésticas destruírem meu interesse nas atividades dele. Cada um de nós faz sua parte sozinho, em muitas coisas; mas, em casa, sempre trabalhamos juntos.

— É isso mesmo, mamãe; e meu grande desejo é ser para meu marido e meus filhos o que você tem sido para os seus. Mostre-me como e farei tudo que você disser.

— Você sempre foi minha filha dócil. Bom, querida, se eu fosse você, deixaria John se envolver mais com os cuidados com Demi, porque o menino precisa ser ensinado e nunca é cedo demais para começar. Depois, eu faria o que já propus várias vezes, deixaria Hannah vir ajudar você; ela é uma babá maravilhosa e você pode deixar com ela os preciosos bebês, enquanto faz mais trabalho em casa. Você precisa do exercício, Hannah gostaria muito de fazer o resto e John encontraria novamente sua esposa. Saia mais, mantenha-

se alegre, como se mantém ocupada, pois você é o sol da família e, se ficar triste, não haverá bom tempo. Além disso, eu tentaria me interessar por tudo de que John gosta — converse com ele, deixe que leia para você, troque idéias, ajude os dois, agindo assim. Não se tranque num quarto pelo fato de ser uma mulher, mas entenda o que está acontecendo no mundo e se eduque para assumir seu papel no trabalho externo, porque tudo isso afeta a você e aos seus.

— John é tão atento a tudo; tenho medo que ele me ache uma idiota, se eu fizer perguntas sobre política e coisas assim.

— Não acredito nisso. O amor cobre uma infinidade de pecados, e a quem poderia você perguntar com mais liberdade do que a ele? Tente e veja se ele não acha sua companhia muito mais agradável do que os jantares da Sra. Scott.

— Farei isso. Pobre John! Estou com medo de tê-lo abandonado muito, mas pensei que estava certa e ele nunca disse nada.

— Ele tentou não ser egoísta, mas acho que se sentiu mesmo um tanto abandonado. Esta é exatamente a ocasião, Meg, em que os jovens casados tendem a se separar, quando deveria ser exatamente um período para estarem mais próximos; porque as primeiras ternuras logo se desgastam, a não ser que se tome muito cuidado para preservá-las; e nenhum período é mais belo e

precioso para os pais do que os primeiros anos das vidinhas que lhes são confiadas para eles educarem. Não deixe que John seja um estranho para os bebês, porque eles farão mais, no sentido de mantê-lo seguro e feliz, neste mundo de provas e tentações, do que qualquer outra coisa; e, através deles, vocês aprenderão a conhecer e amar um ao outro como deveriam. Agora, querida, até logo; pense no sermão de mamãe e aja como eu disse, se lhe parecer bom. E que Deus abençoe todos vocês!

Meg não pensou duas vezes, achou bom e agiu de acordo, embora a primeira tentativa não fosse feita exatamente como ela planejava que fosse. Claro que as crianças a tiranizavam e passaram a dirigir a casa logo que descobriram que dar chutes e chorar lhes proporcionava tudo que queriam. Mamãe era uma escrava abjeta dos seus caprichos, mas papai não era tão facilmente subjugado e, ocasionalmente, afligia sua terna esposa com uma tentativa de disciplina paterna, com seu turbulento filho. Porque Demi herdara um pouquinho da firmeza de caráter de seu pai — não vamos chamá-la de obstinação — e, quando metia na cabecinha que ia ter ou fazer alguma coisa, não havia nada neste mundo que pudesse mudar aquela cabecinha pertinaz. Mamãe achava que o querido era pequeno demais para lhe ensinarem a vencer seus preconceitos, mas papai acreditava que jamais era excessivamente cedo para alguém aprender a obedecer; então, Mestre Demi

cedo descobriu que, quando tentava “lutá” com “papi”, sempre levava a pior; no entanto, como o inglês, Bebê respeitava o homem que o conquistou e amava o pai cujos graves “não, não” eram mais impressionantes do que as palmadinhas amorosas da mamãe.

Poucos dias depois da conversa com sua mãe, Meg re-solveu tentar uma noite social com John; então ordenou que fosse feito um bom jantar, arrumou a sala de visitas, vestiu-se muito bem e pôs cedo as crianças para dormir, a fim de que nada atrapalhasse sua experiência. Mas, infelizmente, o mais invencível preconceito de Demi era contra ir para a cama e, aquela noite, ele decidiu mostrar-se violento e agressivo; então, a pobre Meg cantou e embalou, contou histórias e tentou todos os artifícios para fazê-lo adormecer; tudo em vão, porém, porque os grandes olhos dele não queriam fechar-se; e, muito depois de Daisy (aquela coisinha fofa e tranqüila) já estar dormindo, o teimoso Demi ainda estava deitado, olhando fixamente para a luz, tendo no rosto a mais desencorajadora expressão de completa falta de sono.

— Será que Demi fica aí deitado, como um menino bonzinho, enquanto mamãe corre lá para baixo e dá ao pobre papai o seu chá? — perguntou Meg, enquanto a porta do saguão era suavemente fechada e os passos bem conhecidos, na ponta dos pés, foram ouvidos entrando na sala de jantar.

— Eu qué chá! — disse Demi, preparando-se para entrar na brincadeira.

— Não, mas vou guardar para você alguns bolinhos, para comer no café da manhã, se você dormir bonitinho, como Daisy. Quer fazer isso, meu bem?

— Isss! — e Demi fechou os olhos com força, como se quisesse pegar no sono e apressar a chegada do desejado dia.

Aproveitando-se do momento propício, Meg escapuliu e correu para baixo, a fim de saudar seu marido com um rosto sorridente e a fitinha amarela no cabelo, de que ele gostava tanto. Ele a viu imediatamente e disse, surpreso e satisfeito:

— Ora, mãezinha, como está alegre esta noite. Esperando a companhia de alguém?

— Só a sua, querido.

— É algum aniversário, data especial ou coisa parecida?

— Não, estou cansada de ficar toda desmazelada, então me vesti bem, para variar. Você sempre se arruma tanto para vir à mesa, por mais cansado que esteja; então por que não faria eu a mesma coisa, quando tenho tempo?

— Faço isso por respeito a você, minha querida — disse o antiquado John.

— Mas que beleza, Sr. Brooke — riu Meg, parecendo outra vez jovem e bonita, enquanto fazia sinais afirmativos para ele, com a cabeça, por cima da chaleira.

— Ora, mas que coisa deliciosa; é como nos velhos tempos. Isto aqui está

ótimo. Bebo à sua saúde, querida.

E John foi tomando seu chá aos golinhos, com um ar de tranqüilo êxtase, mas de duração muito curta porque, quando pôs sua xícara em cima do pires, a maçaneta da porta fez um misterioso ruído e foi ouvida uma vozinha, dizendo, com impaciência:

— Mami! Tô com muita fome!

— Mas que menino teimoso! Eu disse a ele para dormir sozinho e aqui está, desceu e se arrisca a pegar um resfriado terrível, pisando nesse chão frio!

— disse Meg, respondendo ao chamado.

— Agola é di manhã — anunciou Demi, com um tom alegre ao entrar, com sua longa camisola graciosamente passada por cima do braço e todos os cachos de sua cabeça sacudindo-se alegremente, enquanto ele saltitava em torno da mesa, lançando amorosas olhadelas nos “bulinhos”.

— Não, ainda não é de manhã. Você deve ir para a cama e não perturbar a pobre mamãe. Se for, pode ficar com o bolinho que tem açúcar em cima.

— Gosto tanto de papi — disse o astucioso garoto, preparando-se para subir no joelho paterno e se deliciar com brincadeiras proibidas.

Mas John sacudiu a cabeça e disse a Meg:

— Se você disse a ele para ficar lá em cima e dormir sozinho, faça com que obedeça; senão, nunca vai aprender a lhe atender.

— Sim, claro. Vamos, Demi — e Meg levou o filho, sentindo um forte desejo de surrar o pequeno desmancha-prazeres que cabriolava a seu lado, trabalhando com a ilusão de que uma recompensa seria oferecida, logo que chegassem ao quarto das crianças.

E ele não ficou desapontado, porque aquela mulher pouco providente deu-lhe realmente um torrão de açúcar, enfiou-o na cama e proibiu novos passeios até a manhã seguinte.

— Isss! — disse Demi, o perjuro, chupando alegremente seu açúcar e encarando sua primeira tentativa como perfeitamente bem-sucedida.

Meg voltou para seu lugar e o jantar prosseguia agradavelmente, quando o pequeno fantasma tornou a aparecer e pôs a nu as delinqüências maternas, pedindo ousadamente:

— Mais çúcar, mami.

— Ora, isso não vai funcionar — disse John, endurecendo seu coração contra o cativante pequeno pecador. — Não teremos nunca nenhuma paz, até essa criança aprender a ir para a cama na hora certa. Você fez de si própria uma escrava, durante um período de tempo excessivo. Dê a Demi uma boa lição e então tudo isso acabará. Coloque-o na cama e deixe-o lá, Meg.

— Ele não fica lá, nunca fica, a não ser que eu me sente junto dele.

— Vou dar um jeito nele. Demi, vá para cima e se deite, como mamãe

mandou.

— Nun vô! — disse o jovem rebelde, servindo-se do cobiçado bolinho e começando a comê-lo com calma audácia.

— Você não deve nunca dizer isso ao papai. Se não for por conta própria, vou carregar você.

— Vá imbola! Num gosto di papi! — E Demi escondeu-se na saia de sua mãe, procurando proteção.

Mas mesmo esse refúgio revelou-se inútil, porque ele foi entregue ao inimigo, com a recomendação “Seja bonzinho com ele, John”, que encheu o culpado de pasmo; porque, quando mamãe o desertava, então havia chegado o dia do Juízo Final. Privado de seu bolo, impedido de fazer suas travessuras e levado embora por uma mão forte para aquela detestada cama, o pobre Demi não conseguiu conter sua ira e, abertamente, desafiou o papai, dando chutes e berrando durante todo o trajeto até o andar de cima. No instante em que ele foi colocado na cama, virado para um lado, rolou e saiu pelo outro, correndo logo em direção à porta, mas apenas para ser ignominiosamente apanhado pela cauda de sua pequena toga e recolocado na cama, animada movimentação que foi repetida até as forças do jovem se esgotarem quando ele passou a gritar a plenos pulmões. Este exercício vocal geralmente conquistava Meg, mas John ficou sentado tão imóvel quanto um poste, que popularmente se acredita

seja surdo. Nada de adulações, açúcar, canção de ninar, história, até mesmo a luz foi apagada e apenas o brilho vermelho do fogo dava vida à “grande escuridão” que Demi observou mais com curiosidade do que com medo. Esta nova ordem de coisas desagradou-o, e ele uivou pavorosamente, chamando “Mami”, enquanto se extinguíam suas iradas paixões e lembranças de sua terna prisioneira voltavam à mente do tirano cativo. O gemido queixoso que substituiu o apaixonado rugido foi direto ao coração de Meg e ela correu para cima e disse, em tom de súplica:

— Deixe eu ficar com ele, Demi ficará sossegado, por favor, John.

— Não, querida, eu disse a ele que deve ir dormir, como você mandou; e fará isso mesmo, nem que eu tenha de ficar aqui a noite inteira.

— Mas ele vai chorar até ficar doente — implorou Meg, censurando a si mesma por desertar seu menino.

— Não, não vai, está tão cansado que logo pegará no sono e então a questão estará resolvida, pois ele entenderá que precisa obedecer. Não interfira, cuidarei dele.

— É meu filho e não vou deixar que seja dominado com dureza.

— É meu filho, e não vou deixar que seja estragado pelos mimos. Desça, querida, e deixe o menino comigo.

Quando John falava com esse tom imperativo, Meg sempre obedecia e

jamais lamentou sua docilidade.

— Você deixa que eu o beije uma vez, John?

— Sem dúvida. Demi, diga boa-noite a mamãe e deixe que ela vá descansar, porque está muito cansada de tomar conta de você o dia inteiro.

Meg sempre insistia que tinha sido o beijo que garantira a vitória porque, depois de ter sido dado, Demi soluçou com menos ímpeto e ficou deitado muito quieto, na parte inferior da cama, para onde se deslocara, contorcendo-se, levado por sua angústia.

“Pobre homenzinho, está esgotado de sono e de tanto chorar. Vou cobri-lo e, depois, irei acalmar Meg”, pensou John, indo de mansinho até a cabeceira da cama, com a esperança de encontrar adormecido seu rebelde herdeiro.

Mas ele não estava e, no instante em que seu pai o espiou, os olhos de Demi se abriram, seu queixinho começou a tremer e ele estendeu os braços, dizendo, com um soluço arrependido:

— Agola tô bonzinho!

Sentada na escada, do lado de fora, Meg ficou imaginando quais seriam os motivos do longo silêncio que se seguiu à barulheira; e, depois de especular em torno de todos os tipos de acidentes impossíveis, ela se esgueirou para dentro do quarto, a fim de acalmar seus temores. Demi estava deitado, dormindo profundamente, não em sua posição habitual, com os braços

estendidos, mas encolhido, subjugado, todo aninhado no círculo do braço de seu pai e segurando o dedo de John, como se tivesse sentido que a justiça era temperada pela clemência e adormecesse já um bebê um pouco mais triste e mais sábio. Preso desse jeito, John esperara com paciência feminina até a pequena mão relaxar seu aperto e, enquanto esperava, tinha dormido, mais cansado por aquela luta com o filho do que com todo seu dia de trabalho. Ali em pé, observando os dois rostos em cima do travesseiro, Meg sorriu para si mesma e, depois, tornou a sair, sorrateiramente como entrara, dizendo, com um tom de voz satisfeito:

— Não preciso nunca ter medo de que John seja duro demais com meus bebês: ele realmente sabe como lidar com eles e será uma grande ajuda, porque Demi, realmente, está ficando demais para mim.

Quando John desceu, afinal, esperando encontrar uma esposa triste ou cheia de censuras, ficou agradavelmente surpreso ao ver Meg enfeitando uma touca e ao ser recebido com um pedido para que lesse alguma coisa sobre a eleição, se não estivesse cansado demais. John viu, na mesma hora, que ocorria uma revolução, mas, sabiamente, não fez nenhuma pergunta, sabendo que Meg era uma criaturinha tão transparente que não conseguiria guardar um segredo nem para salvar a própria vida e, assim, o mistério logo seria desfeito. Ele leu um longo debate, com uma prontidão extremamente amável, e depois

explicou-o, com seu jeito muito lúcido, enquanto Meg tentava parecer profundamente interessada, fazer perguntas inteligentes e impedir que seus pensamentos divagassem, afastando-se do estado da nação para o estado de seu chapéu. No fundo de sua alma, porém ela decidiu que a política era tão complicada quanto a matemática e que a missão dos políticos parecia ser a de se xingarem uns aos outros; mas guardou para si essas idéias femininas e, quando John fez uma pausa, sacudiu a cabeça e disse o que pensava com diplomática ambigüidade:

— Bom, realmente não sei onde iremos parar.

John riu e a observou por um instante, enquanto ela equilibrava na mão um bonito arranjozinho de renda e flores e o espiava, com o interesse genuíno que seu bombástico discurso deixara de despertar.

. “Ela está tentando gostar de política por minha causa, então também tentarei gostar de chapelaria por causa dela”, pensou John, acrescentando em voz alta:

— Isso é muito bonito. É o que você chama de touca para usar no café da manhã?

— Meu querido homem, isto é um chapéu! Meu melhor chapeuzinho para ir aos concertos e teatros.

— Peço desculpas, é tão pequeno que eu, naturalmente, o confundi com

uma dessas coisas leves que você usa de vez em quando. Como é que fica preso à cabeça?

— Esses pedacinhos de renda são presos embaixo do queixo com um botão de rosa, é assim.

E Meg ilustrou o que dizia colocando o chapeuzinho na cabeça e encarando-o com um ar de calma satisfação que era irresistível.

— É um chapéu lindo, mas prefiro o rosto que está por baixo, porque está outra vez jovem e feliz.

E John beijou o rosto sorridente, em grande detrimento do botão de rosa embaixo do queixo.

— Estou satisfeita de que tenha gostado, porque quero que me leve para um dos novos concertos uma noite dessas. Realmente, preciso um pouco de música para me deixar afinada. Você me fará esse favor?

— Claro que farei, com a maior boa vontade, e também para qualquer outro lugar que você quiser. Você andou trancada durante tanto tempo que isso lhe fará um bem imenso, vou gostar mais disso do que de qualquer outra coisa. O que pôs isso em sua cabeça, mãezinha?

— Bem, tive uma conversa com mamãe, outro dia, e contei a ela como estava nervosa, aborrecida e fora de mim, e ela disse que eu precisava de uma mudança, de me preocupar menos; então, Hannah vem me ajudar com as

crianças e vou cuidar mais das coisas da casa e, de vez em quando, me divertir um pouco, só para não me tornar, antes do tempo, uma velha inquieta e abatida. É apenas uma experiência, John, e quero tentar não apenas por minha causa, mas também por você porque, ultimamente, tenho me descuidado do meu marido de forma vergonhosa. Vou tornar nossa casa outra vez, se puder, como ela era. Você não tem nada contra, não é?

Não importa o que John disse, nem o fato de que o pequeno chapéu escapou por pouco de ser inteiramente destruído; nos interessa apenas que ele não parecia ter nada contra, a julgar pelas mudanças que, aos poucos, ocorreram na casa e em seus moradores. Não era absolutamente o paraíso, mas todos se deram melhor, com a divisão do sistema de trabalho: as crianças floresceram sob o domínio paterno, porque o preciso e firme John levou ordem e obediência a Babylândia, enquanto Meg recobrava seu espírito e compunha seus nervos, através de muito exercício saudável, um pouco de prazer e muita conversa confidencial com seu sensato marido. O lar ficou outra vez com cara de lar e John não teve mais nenhum desejo de sair dele, a não ser levando Meg a seu lado. Os Scotts iam para a casa dos Brookes, agora, e todos achavam a casinha um lugar alegre, cheio de felicidade, contentamento e amor familiar. Até mesmo a alegre Sally Moffatt gostava de ir lá. “É sempre tão tranqüilo e agradável aqui, me faz bem, Meg”, costumava dizer, olhando em

torno com uma mirada desejosa, como se tentasse descobrir o segredo daquele encanto, para usá-lo em sua casa grande, cheia de uma esplêndida solidão; porque não havia lá bebês rebeldes, de rostos radiantes, e Ned vivia num mundo todo seu, onde não havia lugar para ela.

Essa felicidade doméstica não veio imediatamente, mas John e Meg haviam descoberto a chave para ela, e cada ano de vida de casados os ensinava como usá-la, abrindo a porta para os tesouros do verdadeiro amor doméstico e da ajuda mútua, que mesmo os mais pobres podem possuir e que os ricos não conseguem comprar. Este é o tipo de prateleira segura em cima da qual jovens esposas e mães podem consentir em ser colocadas, a salvo do inquieto frenesi e da febre do mundo, encontrando o amor leal dos pequenos filhos e filhas, que se agarram a elas, impávidos diante da dor, da pobreza ou da velhice; e caminhando lado a lado, através do bom tempo ou das tempestades, com um amigo fiel, seu marido, e aprendendo, como Meg aprendeu, que o reino mais feliz da mulher é o lar, sua honra mais elevada a arte de dirigi-lo, não como rainha, mas como sábia esposa e mãe.

Capítulo 39

Preguiçoso Laurence

Laurie foi para Nice pretendendo ficar uma semana e acabou permanecendo lá um mês. Estava cansado de vaguear sozinho, e a presença

familiar de Amy parecia dar um encanto doméstico aos cenários estrangeiros dos quais ela fazia parte. Ele sentia uma certa falta dos “mimos” que costumava receber e tornou sentir seu gosto; porque nenhuma atenção, por mais lisonjeira que fosse, vinda de estranhos, chegava a dar sequer metade do prazer causado pela adoração fraternal das meninas, em seu país. Amy jamais o mimava como as outras, mas agora estava muito feliz de vê-lo e se agarrou completamente a ele, sentindo que era o representante da querida família, da qual sentia mais saudade do que desejaria admitir. Eles se sentiram naturalmente confortados, em companhia um do outro, e passavam muito tempo juntos, cavalgando, caminhando, dançando ou vadiando, porque em Nice ninguém pode ficar muito ocupado durante a alta temporada. Mas, embora aparentemente divertindo-se da maneira mais despreocupada, também faziam descobertas, de forma apenas semiconsciente, e formavam opiniões mútuas. Amy elevava-se a cada dia na estima do seu amigo, mas ele caía na dela, e cada qual sentia a verdade antes mesmo que uma só palavra fosse pronunciada. Amy tentou agradar e conseguiu, porque estava grata pelos muitos prazeres que ele lhe proporcionava e recompensou-o com os pequenos serviços que as mulheres verdadeiramente femininas sabem prestar com um encanto indescritível. Laurie não fez nenhum esforço de qualquer tipo, apenas deixou-se levar, da maneira mais confortável possível, tentando esquecer, e

sentindo que todas as mulheres lhe deviam uma palavra gentil, porque uma delas fora fria com ele. Não lhe custava nenhum esforço ser generoso e teria dado a Amy todas as bugigangas de Nice se ela as aceitasse; mas, ao mesmo tempo, sentiu que não poderia mudar a opinião que ela formava a seu respeito e sentia um certo medo dos penetrantes olhos azuis que pareciam observá-lo com uma surpresa que era ao mesmo tempo dolorosa e zombeteira.

— Todo o resto foi para Mônaco passar o dia; preferi ficar em casa e escrever cartas. Já terminei e vou para Valrosa desenhar; quer vir também? — perguntou Amy ao se unir a Laurie num dia lindo, quando ele entrou despreocupada-mente, como de costume, por volta do meio-dia.

— Bom, quero sim, mas não está meio quente para uma caminhada tão comprida? — respondeu ele vagarosamente, porque o salon, com sua penumbra, parecia convidativo depois do clarão lá fora.

— Vou ficar com a pequena carruagem e Baptiste guiará; então você não terá de fazer nada, a não ser segurar seu guarda-chuva e manter as luvas limpas — respondeu Amy, com uma olhada sarcástica para as luvas de pelica imaculadas que eram um ponto fraco de Laurie.

— Então irei com prazer.

E ele estendeu a mão para pegar o caderno de esboços dela. Mas Amy o enfiou debaixo do braço e disse, rispidamente:

— Não se incomode. Para mim não é nenhum esforço, mas, para você, acho que sim.

Laurie ergueu as sobrancelhas e seguiu a passos tranquilos, enquanto ela descia correndo a escada; mas, quando entraram na carruagem, ele próprio pegou as rédeas e não deixou nada para o pequeno Baptiste fazer, a não ser cruzar os braços e dormir no seu poleiro.

Os dois nunca brigavam — Amy era educada demais e, naquele momento, Laurie estava com preguiça em excesso; então, um instante depois, ele espiou por baixo da aba do chapéu dela, com um ar inquisitivo; ela respondeu com um sorriso e os dois seguiram, juntos, da maneira mais amistosa.

Era um passeio lindo, ao longo de estradas serpeantes, cheias dos cenários pitorescos que encantam os olhos amantes da beleza. Aqui, um mosteiro antigo, de onde lhes chegava o canto solene dos monges. Ali, um pastor de pernas nuas, com seus tamancos e chapéu pontudo, jaqueta rústica em cima de um ombro, estava sentado tocando sua flauta, enquanto suas cabras saltavam entre as pedras ou jaziam a seus pés. Mansos jumentos, cor de camundongo, levando às costas cestos de capim recém-cortado, iam passando, com uma bonita moça em traje típico sentada entre as pilhas verdes, ou uma velha fiando numa roca, enquanto seguia. Crianças morenas, de olhos doces, saíam correndo das exóticas choupanas de pedra para

oferecerem ramalhetes ou molhos de laranjas ainda nos ramos. Retorcidas oliveiras cobriam os morros, com sua folhagem escura; frutos dourados pendiam das árvores, nos pomares; e grandes anêmonas escarlates marginavam a estrada, enquanto, para além das verdes encostas e picos escarpados, erguiam-se, abruptos e brancos, os Alpes Marítimos, contra o azul do céu italiano.

Valrosa merecia bem seu nome porque, naquele clima de verão perpétuo, as rosas floresciam por toda parte. Projetavam-se da arcada, enfiavam-se por entre as grades do grande portão, dando doces boas-vindas aos passantes, e contornavam a avenida, insinuando-se por entre os limoeiros e as palmeiras com folhas que pareciam penas, e se espalhavam até a villa, no alto da colina. Cada recanto umbroso, onde bancos convidavam a uma parada e ao descanso, era um maciço de flores, cada fresca gruta tinha sua ninfa de mármore sorrindo sob um véu florido e cada fonte refletia rosas rubras, brancas ou claras, inclinando-se para sorrir de sua própria beleza. Rosas cobriam as paredes da casa, envolviam as cornijas, subiam pelas colunas e se multiplicavam selvagememente por cima da balaustrada do amplo terraço, de onde se descortinava o ensolarado Mediterrâneo e a cidade de brancas muralhas às suas margens.

— Um verdadeiro paraíso para uma lua-de-mel, não? Já viu rosas como

essas? — perguntou Amy, parando um pouco, no terraço, para apreciar a vista e sentir um voluptuoso sopro de perfume que a tudo bafejava.

— Não, nunca, nem fui jamais picado por espinhos assim — respondeu Laurie, com o polegar na boca, depois de uma vã tentativa de pegar uma solitária flor vermelha pouco acima do seu alcance.

— Tente mais embaixo e pegue as que não têm espinhos — disse Amy, juntando três das pequenas, num tom creme, que se destacavam na parede atrás dela. Colocou-as na botoeira dele, como uma oferta de paz, e Laurie ficou ali em pé, por um minuto, olhando-as com uma expressão curiosa, porque do lado italiano de sua natureza havia um toque de superstição e ele se achava, naquele instante, exatamente naquele estado de melancolia agri-doce, quando os rapazes imaginativos encontram significações em pequenos detalhes e, em toda parte, alimento para seu romantismo. Ele pensara em Jo, ao estender a mão para pegar a rosa vermelha com seus espinhos, porque flores de cores vivas ficavam bem nela e, muitas vezes, ela usara algumas exatamente como aquela, tiradas da estufa da casa dele. As pálidas rosas que Amy lhe dera eram do tipo que os italianos colocam nas mãos dos mortos, jamais em guirlandas nupciais e, por um momento, ele imaginou se aquele augúrio era para Jo ou para ele próprio; mas, no instante seguinte, seu bom senso americano venceu o sentimentalismo e ele riu, uma risada mais calorosa do

que qualquer outra que Amy ouvira dele desde sua chegada.

— É um bom conselho; é melhor você aceitá-lo e salvar seus dedos — disse ela, pensando que haviam sido suas palavras a causa do riso de Laurie.

— Obrigado, vou aceitar — respondeu ele, em tom de troça, e, alguns meses depois, aceitou mesmo.

— Laurie, quando vai para junto de seu avô? — perguntou ela, pouco depois, enquanto se instalava num banco rústico.

— Muito breve.

— Você já disse isso uma dúzia de vezes nas últimas semanas.

— Acho que respostas curtas evitam problemas.

— Ele está à sua espera e acho que realmente devia ir.

— Mas que criatura hospitaleira! Sei disso.

— Então por que não vai?

— Depravação inata, eu acho.

— Indolência inata, você quer dizer. É realmente terrível!

E Amy fez um ar severo.

— Não é tão ruim quanto parece, porque eu só o atormentaria se fosse; então posso muito bem ficar e atormentá-la um pouquinho mais, você pode agüentar melhor; na verdade, acho que combina maravilhosamente com você.

E Laurie instalou-se para um descanso em cima da larga saliência da

balaustrada.

Amy sacudiu a cabeça e abriu seu caderno de desenho, com um ar de resignação, mas decidira dar um sermão “naquele rapaz” e, dentro de um minuto, recomeçou.

— O que está fazendo neste instante?

— Espiando os lagartos.

— Não, não. Quero dizer, o que pretende e deseja fazer?

— Fumar um cigarro, se você me der licença.

— Como você é irritante! Não aprovo charutos e só lhe permitirei fumar com a condição de que me deixe colocá-lo em meu esboço. Preciso de uma figura humana.

— Com o maior prazer possível. Como você me colocará — em todo o comprimento, três quartos, em pé ou deitado? Com todo o respeito, eu sugeriria uma posição reclinada, ponha você também no esboço e lhe dê o título “Dolce far niente”.

— Fique onde está e durma, se quiser. Eu pretendo trabalhar de verdade

— disse Amy, com seu tom de voz mais enérgico.

— Que entusiasmo encantador!

E ele se encostou numa alta urna, com um ar de completa satisfação.

— Que diria Jo se o visse agora? — perguntou Amy, cheia de impaciência,

esperando mexer com ele mencionando o nome de sua irmã ainda mais enérgica.

— Como de costume, “Vá embora, Teddy, estou ocupada!”

Ele riu, enquanto falava, mas a risada não era natural e uma sombra passou-lhe pelo rosto, porque ouvir o nome familiar tocava na ferida que ainda não estava curada. Tanto o tom de sua voz quanto aquela sombra chamaram a atenção de Amy, porque ela já ouvira e vira aquilo; e, naquele minuto, olhou a tempo de surpreender uma nova expressão no rosto de Laurie — uma expressão mais dura e mais amarga, cheia de dor, insatisfação e arrependimento. Desapareceu antes que ela pudesse analisá-la, e voltou a expressão sem vida. Observou-o por um instante, com prazer artístico, pensando em como ele parecia um italiano, assim encostado, aquecendo-se ao sol, com a cabeça descoberta e os olhos sonhadores de um meridional, porque parecia tê-la esquecido e estar entregue a um devaneio.

— Você está a própria imagem de um jovem cavalheiro adormecido em seu túmulo — disse ela, traçando cuidadosamente o perfil bem delineado contra a pedra escura.

— Queria ser!

— É um desejo tolo, a não ser que você tivesse arruinado sua vida. Você está tão mudado que, algumas vezes, penso... — Aqui parou Amy, com um

olhar meio tímido, meio melancólico, mais significativo do que sua fala inacabada.

Laurie viu e entendeu a afetuosa ansiedade que ela hesitava em expressar; e, olhando-a bem nos olhos, disse, exatamente como costumava dizer à mãe dela:

— Está tudo bem, senhora.

Isso a satisfez e acalmou as dúvidas que haviam começado a preocupá-la ultimamente. Também a comoveu, e ela o demonstrou pelo tom cordial com que disse:

— Fico satisfeita! Não pensei que você tivesse agido realmente mal, mas imaginei que pudesse ter gasto dinheiro naquela perversa Baden-Baden, entregue seu coração a alguma francesa sedutora já casada, ou se metido em alguma dessas enrascadas que os rapazes parecem considerar uma parte imprescindível de uma viagem ao exterior. Não fique aí no sol, venha deitar-se aqui na grama, e “vamos ser amistosos”, como Jo costumava dizer quando íamos para o canto do sofá contar segredos.

Laurie, obedientemente, atirou-se no gramado e começou a enfiar margaridas nas fitas do chapéu de Amy, que estava bem ali.

— Estou preparado para os segredos.

E ele lançou-lhe uma mirada, com uma decidida expressão de interesse em

seus olhos.

— Não tenho nenhum para contar; você pode começar.

— Ah, nada tenho para contar. Achei que talvez você tivesse alguma novidade lá de casa.

— Você já soube de tudo que aconteceu ultimamente. Não tem notícias freqüentes? Imaginei que Jo lhe mandasse pilhas de cartas.

— Ela está muito ocupada. E tenho viajado tanto, de um lado para outro, que é impossível uma correspondência regular, você sabe. Quando começa realmente sua grande obra de arte, Rafaela? — perguntou ele, mudando bruscamente de assunto, depois de outra pausa, durante a qual ficou imaginando se Amy saberia do seu segredo e queria falar a respeito.

— Nunca — respondeu ela, com um ar melancólico, mas decidido. — Roma me tirou toda a vaidade porque, depois de ver as maravilhas que lá existem, me senti insignificante demais para viver e desisti, desesperada, de minhas loucas esperanças.

— E por quê, se tem tanta energia e talento?

— Justamente por causa disso — porque talento não é gênio e, por mais energia que se tenha, não dá para superar a diferença. Quero ser grande, ou não ser nada. Não serei uma troca-tintas comum; por isso não pretendo tentar mais.

— E o que vai fazer consigo mesma, agora, se me permite perguntar?

— Cultivar meus outros talentos e ser um enfeite da sociedade, se tiver a oportunidade.

Era uma declaração característica e soava audaciosa; mas a audácia fica bem nos jovens e a ambição de Amy tinha uma boa base. Laurie sorriu, mas gostou do ânimo com que ela assumia um novo objetivo, sem lamentações, quando morria um outro, acalentado durante tanto tempo.

— Ótimo! E é aqui que entra Fred Vaughn, imagino.

Amy manteve um silêncio discreto, mas havia uma expressão inibida em seu rosto triste que fez Laurie sentar-se e dizer gravemente:

— Agora assumirei o papel de irmão e farei perguntas. Posso?

— Não prometo responder.

— Seu rosto responderá, se a língua não o fizer. Você ainda não é suficientemente traquejada para esconder seus sentimentos, minha querida.

Ouvi boatos sobre Fred e você, ano passado, e é minha opinião particular que, se ele não tivesse sido chamado tão repentinamente para casa e detido lá por tanto tempo alguma coisa teria saído daí — hein?

— Não me cabe dizer nada — foi a formal resposta de Amy, mas seus lábios estavam a ponto de esboçar um sorriso e havia uma traiçoeira centelha em seus olhos, revelando que ela conhecia seu poder e apreciava esse

conhecimento.

— Você não está comprometida, espero?

E Laurie parecia repentinamente muito irmão mais velho, muito sério.

— Não.

— Mas ficará, se ele voltar e se ajoelhar a seus pés, como deve fazer, não?

— Muito provavelmente.

— Então gosta do velho Fred?

— Poderia gostar, se tentasse.

— Mas não pretende tentar até que chegue o momento certo, não? Meu Deus do céu, mas que prudência absurda! Ele é um bom sujeito, Amy, mas não é o homem que imaginei que lhe agradaria.

— Ele é rico, um cavalheiro, tem maneiras encantadoras — começou Amy, tentando parecer muito calma e digna, mas sentindo-se um pouco envergonhada de si mesma, apesar da sinceridade de suas intenções.

— Entendo. Rainhas da sociedade não podem existir sem dinheiro, então você pretende fazer um bom casamento e começar assim? Muito correto e adequado, sendo o mundo o que é, mas soa estranho vindo dos lábios de uma das filhas de sua mãe.

— É verdade, apesar disso.

Uma curta declaração, mas a decisão tranqüila, assim expressa,

contrastava curiosamente com a jovem de quem partiu. Laurie sentiu isso, instintivamente, e tornou a se deitar, com uma sensação de desapontamento que ele não sabia explicar. Sua expressão e seu silêncio, bem como uma certa desaprovação interior, mexeram com Amy e fizeram com que ela decidisse passar seu sermão sem demora.

— Gostaria que você me fizesse o favor de despertar um pouco — disse ela rispidamente.

— Faça isso para mim, querida menina.

— Poderia, se tentasse.

E ela teve uma expressão de quem gostaria de fazer isso da maneira mais sumária.

— Tente, então. Eu lhe dou licença — respondeu Laurie, que gostava de ter alguém para arrelhar depois de se abster por tanto tempo do seu passatempo favorito.

— Você ficaria zangado em cinco minutos.

— Nunca fico zangado com você. É preciso duas pederneiras para fazer um fogo: você é fria e suave como a neve.

— Você não sabe o que eu posso fazer: a neve produz um calor e uma ardência, quando aplicada corretamente. Sua indiferença é meio fingida, e uma boa mexida provaria isso.

— Então mexa; não me magoará e talvez a divirta, como disse o homem grande quando sua pequena esposa bateu nele. Considere que sou um marido ou um tapete e bata até ficar cansada, se esse tipo de exercício lhe agrada. Estando ela própria bastante irritada, e ansiosa para vê-lo sair daquela apatia que o modificava tanto, Amy afiou tanto a língua quanto o lápis e começou:

— Flo e eu pusemos em você um novo nome; é “Laurence, o Preguiçoso”. Gosta?

Ela pensou que isso o aborreceria, mas ele só fez cruzar os braços debaixo da cabeça, dizendo imperturbavelmente:

— Não é feio. Obrigado, senhoras.

— Quer saber o que eu, honestamente, penso de você?

— Estou louco para que me diga.

— Ora, eu o desprezo.

Se ela tivesse até dito “Eu o detesto”, com um tom de voz petulante ou coquete, ele teria rido e até gostado, mas o tom sério e quase triste de sua voz fez com que abrisse os olhos e perguntasse, depressa:

— Por que, quer fazer o favor de me dizer?

— Porque, com todas as oportunidades para ser bom, útil e feliz, você é falho, preguiçoso e infeliz.

— Linguagem forte, mademoiselle.

— Se você gosta, eu continuo.

— Por favor, é muito interessante.

— Achei mesmo que você gostaria; as pessoas egoístas sempre gostam de falar sobre si mesmas.

— Eu sou egoísta?

A pergunta escapuliu involuntariamente e num tom de surpresa, porque a única virtude de que ele se orgulhava era sua generosidade.

— Sim, muito egoísta — continuou Amy, com uma voz calma e fria, duas vezes mais eficaz, naquele momento, do que um tom de raiva. — Vou lhe mostrar como, porque o analisei, enquanto nos divertíamos juntos por aí, e não estou inteiramente satisfeita com você. Já está no exterior há quase seis meses e não fez outra coisa a não ser desperdiçar tempo e dinheiro e desapontar seus amigos.

— Será que um sujeito não pode ter nenhum prazer depois de queimar as pestanas durante quatro anos?

— Você não parece ter tido lá muito prazer; de qualquer jeito, não melhorou nada com isso, pelo que posso ver. Logo que nos encontramos, eu disse que você havia melhorado. Agora, retiro tudo, porque não acho que esteja nem metade tão bem quanto estava, quando o deixei lá em nossa terra. Você se

tornou detestavelmente preguiçoso, gosta de mexericos e desperdiça tempo com coisas frívolas, fica contente de ser mimado e admirado por pessoas tolas, em vez de ser amado e respeitado pelas pessoas sábias. Com dinheiro, talento, posição, saúde e beleza — ah, você gosta disso, seu vaidoso! Mas é a verdade, então não posso deixar de dizer —, com todas essas coisas esplêndidas para usar e gozar, você não consegue encontrar nada para fazer, a não ser vadiar e, em vez de ser o homem que poderia e deveria ser, você é apenas... — E aí ela parou, com um olhar que expressava, ao mesmo tempo, dor e piedade.

— São Laurence na fogueira — acrescentou Laurie, concluindo brandamente a frase.

Mas o sermão começou a fazer efeito, porque havia uma centelha bem desperta em seus olhos, agora, e uma expressão que era uma mistura de raiva e mágoa substituiu a indiferença anterior.

— Achei mesmo que você receberia assim minhas palavras. Vocês, homens, nos dizem que somos anjos e afirmam que podemos fazer com vocês o que quisermos, mas, no instante em que, honestamente, tentamos fazer-lhes bem, vocês riem de nós e não querem ouvir, o que mostra o quanto vale a lisonja masculina.

Amy falou amargamente e virou as costas para o irritante mártir a seus pés.

Dentro de um minuto, uma mão foi colocada em cima da página, de modo que ela não pôde mais desenhar, e uma voz disse, numa imitação engraçada de uma criança arrependida:

— Serei bonzinho, ah, serei bonzinho!

Mas Amy não riu, porque falava sério e, batendo na mão aberta com seu lápis, disse ponderadamente:

— Não tem vergonha de uma mão como essa? É tão macia e branca quanto a de uma mulher e parece que nunca fez nada além de usar as melhores luvas de Jouvin e colher flores para as damas. Você não é um dândi, graças a Deus, então fico satisfeita de não haver nela diamantes nem grandes anéis de sinete, apenas o velho anelzinho que Jo lhe deu, há tanto tempo.

Minha querida irmã, gostaria que estivesse aqui para me ajudar!

— Eu também!

A mão desapareceu tão repentinamente quanto surgira e houve energia suficiente no eco ao seu desejo para satisfazer até mesmo Amy. Ela o olhou com um novo pensamento em mente, mas ele estava deitado com o chapéu cobrindo— lhe metade do rosto, como se fosse para fazer sombra, e o dele escondia sua boca. Ela só viu seu peito se erguer e baixar, com uma respiração funda que poderia ser um suspiro, e a mão que usava o anel enfiou-se no gramado, como se quisesse esconder alguma coisa preciosa ou terna

demaís para ser assunto de conversa. No mesmo instante, várias sugestões e detalhes tomaram forma na cabeça de Amy e a levaram a perceber que sua irmã jamais lhe fizera confidências. Lembrou-se de que Laurie nunca falava voluntariamente de Jo, lembrou-se da sombra em seu rosto, naquele momento mesmo, da mudança em seu caráter, e reparou que usava o anelzinho velho, que não servia de ornato para mão tão bonita. As moças se dão conta rapidamente desses sinais e sentem sua eloquência. Amy imaginara que talvez uma decepção amorosa estivesse por trás da modificação e, agora, tinha certeza disso. Seus olhos se encheram de lágrimas e, quando ela falou novamente, foi com uma voz que podia ser maravilhosamente suave e gentil, quando ela queria.

— Sei que não tenho nenhum direito de falar dessa forma com você, Laurie, e, se não fosse o sujeito de temperamento mais doce do mundo, estaria muito zangado comigo. Mas todos gostamos tanto de você, nos orgulhamos tanto por sua causa, que eu não suportaria pensar que o pessoal lá de casa vai acabar decepcionado com você, como eu fiquei, embora, talvez, eles entendessem melhor a mudança do que eu.

— Acho que entenderiam — a voz saiu de baixo do chapéu, num tom de raiva, tão tocante quanto o tom de abatimento.

— Deveriam ter me dito, e não me deixado andar censurando e dizendo

asneiras, quando deveria ter sido mais gentil e paciente do que nunca. Jamais gostei daquela Miss Randal e agora a detesto! — disse a astuciosa Amy, querendo, desta vez, ter certeza dos fatos.

— Miss Randal que vá para o diabo! — E Laurie arrancou o chapéu do rosto, com uma expressão que não deixava nenhuma dúvida quanto aos seus sentimentos por aquela jovem

— Desculpe, pensei... — E aí ela fez uma pausa diplomaticamente.

— Não, não pensou, você sabia perfeitamente bem que jamais me interessei verdadeiramente por ninguém, a não ser por Jo.

Laurie disse isso com seu antigo tom impetuoso, e desviou o rosto enquanto falava.

— Pensei, realmente, mas como eles nunca disseram nada a respeito e você veio embora, achei que estava enganada. E Jo não quis ser boa com você? Ora, eu tinha certeza de que ela o amava profundamente.

— Ela foi boa, mas não da maneira certa, e foi sorte dela não me amar, se sou esse sujeito imprestável que você me considera. Mas é culpa dela, e deve dizer-lhe isso.

A expressão dura e amarga voltou, quando ele disse isso, e perturbou Amy, porque ela não sabia que remédio dar.

— Eu estava errada, não sabia de nada. Lamento muito ter ficado tão

zangada, mas não posso deixar de desejar que você suportasse isso melhor, querido Teddy.

— Não fale assim, do jeito que ela me chama! — E Laurie ergueu a mão, num gesto rápido, para impedir que as palavras fossem ditas no tom de Jo, meio gentil, meio de repreensão. — Espere até você própria passar por isso — acrescentou ele, em voz baixa, arrancando a grama aos punhados.

— Eu receberia isso de forma viril e seria respeitada, se não pudesse ser amada — disse Amy, com a decisão de alguém que nada sabia a respeito do assunto.

Ora, Laurie gabava-se, perante si mesmo, do fato de ter suportado tudo aquilo notavelmente bem, sem fazer nenhuma queixa, não pedindo qualquer simpatia e viajando com seu problema para vivê-lo sozinho até o fim. O sermão de Amy colocou a questão sob nova luz e, pela primeira vez, parecia mesmo uma fraqueza e um egoísmo perder o ânimo ao primeiro fracasso e se trancar em sua indiferença sorumbática. Ele se sentiu como se repentinamente arrancado de um sonho melancólico e agora achasse impossível ir dormir de novo. Pouco depois, sentou-se e perguntou, vagorosamente:

— Você acha que Jo me desprezaria como você desprezou?

— Sim, se ela o visse agora. Ela detesta pessoas preguiçosas. Porque não faz alguma coisa esplêndida, capaz de levá-la a amar você?

— Fiz o melhor que pude, mas não adiantou.

— Formar-se com boas notas, é o que quer dizer? Isto era simplesmente seu dever, por causa do seu avô. Seria uma vergonha falhar, depois de um gasto tão grande de tempo e de dinheiro e quando todos sabiam que você era capaz de se sair bem.

— Falhei realmente, diga você o que disser, porque Jo não quis me amar

— começou Laurie a dizer, apoiando a cabeça na mão com uma atitude desesperançada.

— Não, não falhou, e é o que dirá, no final, porque isso lhe fez bem e provou que você poderia fazer alguma coisa, se tentasse. Se, pelo menos, se empenhasse em outra tarefa de algum tipo, logo estaria animado e feliz como sempre se esqueceria de seus problemas.

— Isto é impossível.

— Experimente e veja. Você não deve encolher os ombros e pensar:

“Grande coisa sabe ela sobre esses assuntos.” Não pretendo ser sábia, mas estou realmente observando e vejo muito mais coisas do que você imagina. Estou interessada nas experiências e inconsistências das outras pessoas e embora não possa explicá-las, lembro-me delas e as utilizo para meu próprio benefício. Ame Jo até o fim de sua vida, se quiser, mas não deixe que isto o prejudique, porque é um grande erro jogar fora tantas boas dádivas só por não

poder ter uma única coisa. Pois é, não vou continuar a lhe passar sermões, porque sei que você vai despertar e ser um homem, apesar daquela menina insensível.

Nenhum dos dois falou durante vários minutos. Laurie ficou sentado, girando o anelzinho no dedo, e Amy deu os últimos retoques no rápido esboço em que estivera trabalhando durante todo o tempo em que falava. Pouco depois, ela o colocou em cima do joelho e disse apenas:

— Que tal você acha?

Ele olhou e depois sorriu, sem poder evitar, de tão bem-feito que estava — a comprida e preguiçosa figura estirada no gramado, com seu rosto desanimado, os olhos semicerrados e uma das mãos segurando um charuto, do qual saía o pequeno anel de fumaça que cercava a cabeça do sonhador.

— Como você desenha bem — disse ele, com autêntica surpresa e prazer diante da habilidade dela, acrescentando, com uma meia-risada: — Sim, sou eu.

— Como você está agora; este outro mostra como você era.

E Amy colocou outro esboço ao lado daquele que ele segurava.

Não estava de forma nenhuma tão bem feito, mas havia ali uma vida e um espírito que compensavam muitos defeitos, e ele lembrava tão vividamente o passado que uma repentina mudança ocorreu no rosto do jovem enquanto ele

olhava. Apenas um tosco esboço, de Laurie amansando um cavalo; estava sem chapéu nem casaco, e cada linha da figura ativa, com seu rosto resoluto e atitude imperiosa, achava-se cheia de energia e significado. O belo animal, que acabava de ser dominado, arqueava o pescoço sob a rédea puxada com uma pata impacientemente riscando o chão e as orelhas levantadas, como se estivessem à escuta da voz que o dominara. Na crina encrespada, no cabelo despenteado do cavaleiro e em sua atitude erecta havia uma sugestão de movimento repentinamente interrompido, de força, coragem e exuberância juvenil, que contrastavam nitidamente com a graça indolente do esboço intitulado *Dolce far niente*. Laurie não disse nada, mas, enquanto seus olhos iam de um para outro, Amy viu que ele corava e cerrava os lábios, como se aceitasse a pequena lição que ela lhe dera. Isto a deixou satisfeita e, sem esperar que ele falasse, ela disse, com seu jeito jovial:

— Não se lembra do dia em que você amansou Puck e todas ficamos espiando? Meg e Beth ficaram assustadas, mas Jo bateu palmas e ficou saltitando, enquanto eu me sentei na cerca e desenhei você. Achei esse esboço em minha pasta, outro dia; dei-lhe uns retoques e guardei para lhe mostrar.

— Muito obrigado. Você melhorou imensamente, desde então, e lhe dou meus parabéns. Posso me arriscar a lembrar, neste “paraíso para uma lua-de-

mel”, que cinco horas é a hora de jantar em seu hotel?

Laurie levantou-se, enquanto falava, devolveu os desenhos com um sorriso e uma curvatura e olhou para seu relógio, como se quisesse adverti-la de que chega um momento em que até as pregações morais devem encerrar-se. Ele tentou reassumir seu ar descontraído e indiferente, mas agora era afetado, porque aquele despertar fora mais eficaz do que admitiria. Amy sentiu o toque de frieza em suas maneiras e disse a si mesma:

— Agora, eu o ofendi. Ora, se faz bem a ele, fico satisfeita; se faz com que me deteste, sinto muito, mas é verdade e não posso retirar uma só palavra do que disse.

Eles riram e conversaram durante todo o trajeto de volta para casa, e o pequeno Baptiste, empoleirado lá nos fundos, Pensou que monsieur e mademoiselle estivessem animadíssimos.

Mas

ambos

se

sentiam

constrangidos: a amistosa franqueza fora perturbada, o sol tinha uma sombra

em cima e, apesar da aparente alegria dos dois, havia uma secreta insatisfação no coração de cada um.

— Nós o veremos esta noite, mon frère? — perguntou Amy, quando se separaram, à porta da tia dela.

— Infelizmente, tenho um compromisso. Au revoir, mademoiselle.

E Laurie curvou-se, como se fosse beijar a mão dela, à moda estrangeira, que combinava melhor com ele do que com muitos homens. Alguma coisa em seu rosto fez Amy dizer, rápida e calorosamente:

— Não, seja você mesmo comigo, Laurie, e se despeça da boa, antiga maneira. Prefiro um aperto de mão inglês, caloroso, a todos os cumprimentos sentimentais da França.

— Até mais, querida.

E, com essas palavras, proferidas no tom de que ela gostava, Laurie a deixou, depois de um aperto de mão que quase doeu, de tão caloroso.

Na manhã seguinte, em vez da visita habitual, Amy recebeu um bilhete que a fez sorrir no início e suspirar no fim:

MINHA QUERIDA MENTORA:

Por favor, diga adieux por mim a sua tia e alegre-se intimamente, porque o “Preguiçoso Laurence” foi para a companhia do seu avô, como o melhor dos rapazes. Um agradável inverno para você e que os deuses lhe concedam uma

feliz lua-de-mel em Valrosa! Acho que Fred se beneficiaria com um despertar.

Diga-lhe isso e lhe dê os meus parabéns.

Com os agradecimentos do seu

TELÊACO.

— Bom menino! Estou satisfeita por ele ter ido — disse Amy, com um sorriso aprovador; no instante seguinte, seu rosto assumiu uma expressão triste, enquanto ela olhava em torno da sala vazia, e acrescentava, com um suspiro involuntário: — Sim estou mesmo satisfeita, mas como sentirei falta dele!

Capítulo 40

O Vale das Sombras

Quando a amargura inicial passou, a família aceitou o inevitável e tentou suportá-lo alegremente, ajudando-se uns aos outros com o afeto crescente que une os parentes de uma forma ainda mais terna, nos períodos de infortúnio. Eles esqueceram seu pesar, e cada qual deu sua contribuição para tornar feliz aquele último ano.

O quarto mais agradável da casa foi separado para Beth e ali foi reunido tudo aquilo de que ela mais gostava — flores, quadros, seu piano, a pequena mesa de trabalho e os amados gatinhos. Os melhores livros de seu pai foram para lá, a poltrona de sua mãe, a escrivaninha de Jo, os mais perfeitos esboços

de Amy e, todos os dias, Meg levava seus bebês até lá, numa amorosa peregrinação, a fim de alegrar a titia Beth. John, sem nada dizer, separou uma pequena soma para poder ter o prazer de manter a inválida sempre abastecida com as frutas de que ela gostava e tinha vontade de comer; a velha Hannah jamais se cansava de inventar saborosos pratos para tentar um apetite caprichoso, derramando lágrimas enquanto trabalhava; e, lá do outro lado do oceano, chegavam pequenos presentes e cartas animadas, que pareciam trazer sopros de calor e perfume de terras sem inverno.

Ali, acarinhada como uma santa doméstica em seu sacrário, sentava-se Beth, tranqüila e ocupada como sempre, porque nada podia mudar sua doce e desprendida natureza e, mesmo enquanto se preparava para deixar esta vida, ela tentava torná-la mais feliz para aqueles que deveriam ficar. Seus fracos dedos nunca estavam parados, e um dos seus prazeres era fazer pequenas coisas para os colegas que passavam por ali, diariamente — deixava cair um par de luvas de sua janela, para um par de mãos roxas, um pequeno livro de receitas de tricô para alguma mãezinha de muitas bonecas, limpa-canetas para um jovem escriba lutando com sua floresta de garranchos, livros de recortes para os que gostavam de ver fotos e todo tipo de invenções agradáveis, fazendo com que os relutantes aprendizes do saber encontrassem seu caminho cheio de flores, por assim dizer, e acabassem por considerar a gentil

presenteadora uma espécie de fada madrinha, sentada ali em cima a atirar dádivas miraculosamente adequadas aos seus gostos e necessidades. Se Beth desejasse qualquer recompensa, ela a encontraria nos animados rostinhos sempre voltados para cima, na direção de sua janela, com acenos e sorrisos, e nas cartinhas engraçadas que lhe chegavam, cheias de borrrões e de agradecimentos.

Os primeiros meses foram muito felizes, e Beth, muitas vezes, olhava em torno e dizia: “Como isso é bonito!”, quando todos estavam sentados, juntos, em seu quarto ensolarado, os bebês dando chutes e gatinhos no chão, sua mãe e irmãs trabalhando por perto e o pai lendo, com sua voz agradável, trechos dos velhos e sábios livros, ricos em boas e confortadoras palavras, tão válidas, naquele momento, quanto no tempo em que haviam sido escritas, séculos antes; uma pequena capela, onde um sacerdote paternal ensinava a seu rebanho as duras lições que todos devem aprender, tentando mostrar-lhes que a esperança pode confortar o amor e a fé possibilita a resignação.

Sermões simples, que iam diretamente às almas daqueles que ouviam, porque o coração paterno fazia parte da religião do pastor e as freqüentes vacilações da voz davam uma dupla eloqüência às palavras que ele falava ou lia.

Foi bom para todos que aquele período tranquilo lhes fosse oferecido, como preparação para as horas tristes que se seguiriam; porque, pouco

depois, Beth disse que a agulha era “tão pesada” e a guardou para sempre; falar a cansava, rostos a perturbavam, a dor a chamava para seu domínio e seu espírito calmo ficou dolorosamente perturbado pelos males que afligiam sua carne fraca. Ah, meu Deus! Dias tão pesados, noites tão longas, corações que doíam tanto, e orações suplicantes, quando aqueles que mais a amavam foram forçados a ver as mãos magras estendidas para eles, implorativas, e a ouvir o grito amargo: “Me ajudem, me ajudem!”, sentindo, porém, que não havia ajuda possível. Um triste eclipse da alma serena, uma luta lancinante da vida jovem contra a morte, mas ambas as coisas foram misericordiosamente breves, e então, terminada a rebelião natural, a antiga paz voltou, mais bela do que nunca. Com o naufrágio do seu corpo frágil, a alma de Beth ficou mais forte e, embora ela pouco falasse, aqueles que se achavam em torno dela sentiram que estava pronta, viram que o primeiro chamado do peregrino era também o mais adequado e esperaram com ela, na margem, tentando ver as Criaturas da Luz que iriam recebê-la quando ela cruzasse o rio.

Jo jamais a deixou, nem mesmo por uma hora, já que Beth dissera: “Me sinto mais forte quando você está aqui.” Ela dormia num sofá, no quarto, acordando freqüentemente para reacender o fogo, para alimentar, erguer ou servir a paciente criatura que raramente pedia alguma coisa e “tentava não ser um problema”. O dia inteiro ela ficava no quarto, com ciúme de qualquer outra

enfermeira e mais orgulhosa de ser escolhida do que de qualquer outra distinção já recebida em sua vida. Preciosas e úteis horas para Jo, porque seu coração, agora, recebia os ensinamentos de que precisava: lições de paciência lhe eram tão docemente ministradas que ela não poderia deixar de aprendê-las; caridade para todos, o belo espírito que pode perdoar e verdadeiramente esquecer a dureza, a lealdade ao dever, que torna fáceis as coisas mais difíceis, e a fé sincera que nada teme, mas confia sem duvidar.

Freqüentemente, ao acordar, Jo encontrava Beth lendo seu gasto livrinho, ouvia-a cantar baixinho, para passar o tempo da noite sem dormir, ou a via apoiar o rosto nas mãos, enquanto lentas lágrimas caíam por entre os dedos transparentes; e Jo ficava deitada a observá-la, mergulhada em pensamentos tão profundos que não levavam ao choro, por sentir que Beth, com seu jeito simples e desprendido, tentava apartar-se da querida velha vida e se ajustar à vida vindoura, através de sagradas palavras de conforto, silenciosas orações e da música que ela tanto amava.

Ver isso fazia mais por Jo do que os sermões mais sábios, os hinos mais santos ou as preces mais ardorosas que qualquer voz poderia proferir; porque, com os olhos que muitas lágrimas haviam clareado, e um coração abrandado pela dor mais terna, ela reconhecia a beleza da vida de sua irmã — com poucos acontecimentos, sem ambições, porém cheia das autênticas virtudes

que “cheiram bem e florescem na poeira”, do altruísmo que faz os mais humildes da terra serem lembrados mais rapidamente no céu, sendo este o verdadeiro sucesso, ao alcance de todos.

Uma noite, quando Beth remexia nos livros que estavam em cima de sua mesa, procurando encontrar alguma coisa que a fizesse esquecer o mortal cansaço, quase tão duro de suportar quanto a dor, descobriu, virando as folhas do seu velho favorito, Pilgrim’s Progress, um papelzinho rabiscado com a caligrafia de Jo. O título chamou-lhe a atenção e o aspecto borrado dos versos deu-lhe a certeza de que lágrimas haviam caído sobre ele.

“Pobre Jo! Ela está dormindo profundamente, então não vou acordá-la para lhe pedir licença; ela me mostra tudo que escreve e não creio que vá se importar se eu ler isso”, pensou Beth, dando uma olhada na irmã, com as tenazes a seu lado, pronta para acordar no instante em que o toro caísse.

MINHA BETH

Sentada paciente na sombra

Até que venha a luz abençoada,

Uma serena e santificada presença

Santifica nosso lar perturbado.

Terrenas alegrias, esperanças e dores

Quebram-se como ondas na margem

Do fundo e solene rio
Onde seus pés preparados agora se apóiam.
Ah, minha irmã, ao se afastar de mim,
para além dos cuidados e da luta humana,
Deixe-me, como um legado, essas virtudes
Que embelezaram sua vida.
Querida, deixe para mim essa grande paciência
Que tem o poder de sustentar
Um espírito alegre e sem queixas
Em sua casa-prisão de dor.
Dê para mim, que tanto preciso dela,
Essa coragem sábia e doce,
Que suavizou o caminho do dever
Para seus pés preparados.
Dê para mim essa natureza altruísta
Que, com divina caridade,
Pode perdoar os erros em nome do amor —
Meigo coração, perdoe-me o meu!
Assim, nossa separação diariamente perde
Algo de sua intensa dor

E, embora aprendendo esta dura lição,
Minha grande perda se torna meu ganho.
Porque o toque do desgosto tornará
Minha natureza selvagem mais serena,
Dará a minha vida novas aspirações,
Uma nova confiança no além.
Daqui por diante, salvo, do outro lado do rio,
Verei para sempre
Um amado espírito doméstico,
Esperando por mim, na margem.
Esperança e fé, nascidas da minha dor,
Anjos da guarda se tornarão
E a irmã que se vai antes de mim
Com suas mãos me conduzirá para a casa eterna.

Embora borrados e manchados, falhos e indistintos, os versos levaram uma expressão de indizível conforto ao rosto de Beth, porque sua única queixa era a de que fizera tão pouco, e aquilo parecia garantir-lhe que sua vida não fora inútil, de que sua morte não provocaria o desespero que ela temia. Enquanto estava ali sentada, com o pedaço de papel dobrado entre as mãos, o toro carbonizado caiu, Jo acordou com um sobressalto, reacendeu as chamas e foi

a passos leves até a cabeceira da cama, esperando encontrar Beth adormecida.

— Não estou dormindo, mas estou tão feliz, querida. Veja, encontrei isso e li. Sabia que você não se importaria. Fui tudo isso para você, Jo? — perguntou ela, com uma seriedade ansiosa, humilde.

— Ah, Beth, muito mais, muito mais! — E a cabeça de Jo foi repousar no travesseiro, ao lado da cabeça de sua irmã.

— Então, não fico com a impressão de ter desperdiçado minha vida. Não sou tão boa quanto você me imagina, mas tentei agir corretamente; e, agora, quando é tarde demais até mesmo para começar a agir melhor, é um conforto tão grande saber que alguém me ama tanto e acha que prestei alguma ajuda.

— Mais do que qualquer outra pessoa neste mundo, Beth. Eu pensava que não poderia deixá-la partir, Beth, mas estou aprendendo a sentir que não a perco, que você representará, para mim, ainda mais do que até agora representou, e que a morte não pode nos separar, embora assim pareça.

— Sei que não pode e não tenho mais medo dela, porque estou certa de que ainda serei sua Beth, para amá-la e ajudá-la mais do que nunca. Você deve tomar meu lugar, Jo, e ser tudo para papai e mamãe quando eu for embora. Eles se voltarão para você, não lhes falte; e, se for difícil trabalhar sozinha, lembre-se de que não me esqueço de você e de que você será mais

feliz fazendo isso do que escrevendo livros esplêndidos ou viajando pelo mundo inteiro; porque o amor é a única coisa que podemos levar conosco quando partimos — e torna o fim tão fácil.

— Tentarei, Beth.

E, naquele momento, Jo renunciou à sua antiga ambição e se comprometeu com outra nova, melhor, reconhecendo a pobreza dos outros desejos e sentindo um bendito alívio na crença na imortalidade do amor. Assim chegaram e foram passando os dias da primavera, o céu ficou mais claro, a terra mais verde, belas flores logo apareceram, e os pássaros voltaram a tempo de se despedir de Beth que, como uma criança cansada mas confiante, agarrava-se às mãos que a haviam guiado durante toda a sua vida, enquanto seu pai e sua mãe a levavam, ternamente, através do Vale das Sombras, para entregá-la a Deus.

Raramente, a não ser nos livros, os agonizantes dizem palavras memoráveis, têm visões, ou partem com rostos beatíficos, e aqueles que acompanharam muitas almas de partida sabem que, para a maioria, o fim vem de uma forma tão natural e simples quanto o sono. Como Beth esperara, a “maré vazou facilmente” e, na hora ainda escura que vem antes do amanhecer, em cujo seio ela respirara pela primeira vez tranquilamente ela exalou seu último sopro, sem nenhuma despedida, a não ser um olhar amoroso e um

pequeno suspiro.

Com lágrimas, orações e mãos ternas, a mãe e as irmãs a prepararam para o longo sono que a dor não tornaria a perturbar, vendo, com um olhar de gratidão, a bela serenidade substituir imediatamente a patética paciência que, por tanto tempo, confrangera seus corações, e, sentindo, com reverente alegria, que a morte para a querida deles era um anjo benigno, não um fantasma que inspira terror.

Quando a manhã chegou, pela primeira vez em muitos meses o fogo estava apagado, o lugar de Jo vazio e o quarto muito silencioso. Mas um pássaro cantava alegremente, num ramo crescendo ali perto, as anêmonas floresciam muito viçosas na janela e o sol da primavera jorrava como uma bênção sobre o rosto plácido que repousava no travesseiro — um rosto tão cheio de uma paz sem dor que sorriram, em meio às lágrimas, os que mais a amavam, e agradecerem a Deus — porque Beth estava bem, afinal.

Capítulo 41

Aprendendo a Esquecer

O sermão de Amy fez mesmo bem a Laurie, embora ele só fosse admitir isso — claro — muito tempo depois; os homens raramente admitem essas coisas porque, quando as mulheres são as conselheiras, os senhores da criação não aceitam os conselhos até se convencerem de que, simplesmente,

era o que pretendiam mesmo fazer; então, agem de acordo e, quando são bem-sucedidos, dão à embarcação mais frágil metade do crédito por isso; quando falham, dão a ela, generosamente, o crédito total. Laurie voltou para a companhia do avô e dedicou-se a ele com tanto zelo, durante várias semanas, que o velho cavalheiro declarou que o clima de Nice lhe trouxera maravilhosas melhoras, e seria bom tentar uma nova ida até lá. Não havia nada que o jovem cavalheiro tivesse mais vontade de fazer, mas nem elefantes seriam capazes de arrastá-lo de volta depois do carão que recebera; o orgulho proibia e, sempre que a vontade ficava muito forte, ele fortalecia sua resolução repetindo as palavras que lhe haviam causado a maior impressão: “Eu o desprezo”. “Vá e faça alguma coisa esplêndida que a obrigue a amar você.”

Laurie remoeu tanto a questão que acabou obrigado a confessar que fora mesmo egoísta e preguiçoso, mas, quando um homem tem um grande pesar, deve satisfazer todos os tipos de caprichos, até esgotar o sentimento.

Percebeu que seu afeto frustrado agora estava completamente morto e, embora não fosse parar nunca de ser um fiel pranteador, não era o momento de usar seu luto de forma ostensiva. Jo não o amaria, mas poderia fazer com que ela o respeitasse e admirasse, empenhando-se em alguma coisa capaz de provar que o “não” de uma moça não estragara sua vida. Sempre pretendia fazer alguma coisa e o conselho de Amy era completamente desnecessário.

Esperava apenas o supracitado afeto estar decentemente enterrado; isto feito, sentiu que estava preparado para “esconder seu coração ferido e continuar com a luta”.

Como Goethe, quando tinha uma alegria ou uma dor, colocava-a em canção; então, resolveu embalsamar sua dor amorosa em música e compôs um Réquiem que deveria atormentar a alma de Jo e derreter o coração de qualquer pessoa que o ouvisse. Assim, da próxima vez em que o velho cavalheiro o encontrou meio inquieto e soturno, e mandou que viajasse, Laurie foi para Viena, onde tinha amigos no meio musical, e pôs-se a trabalhar, com a firme determinação de se destacar. Mas, fosse a dor grande demais para que pudesse corporificá-la em música, ou a música demasiado etérea para enaltecer um infortúnio humano, ele logo descobriu que o Réquiem estava além de suas possibilidades naquele momento. Era evidente que sua mente não se achava ainda em condições de trabalhar e suas idéias precisavam se postar em ordem; porque, muitas vezes, no meio de um acorde queixoso, descobria-se cantarolando uma melodia dançante que o fazia lembrar vividamente o baile de Natal em Nice, especialmente o robusto francês, e isto punha, por algum tempo, um eficaz ponto final na composição trágica. Então, tentou uma ópera, porque nada parecia impossível, no começo; mas aqui, novamente, dificuldades imprevistas o bloquearam. Queria que Jo fosse

sua heroína e apelou para sua memória, a fim de que lhe fornecesse ternas lembranças e visões românticas de sua amada. Mas a memória se tornou uma traidora; e, como se estivesse possuída pelo espírito perverso da moça, só lembrava as excentricidades, defeitos e caprichos de Jo, e só a mostrava sob seus aspectos menos sentimentais — batendo tapetes, com a cabeça amarrada num lenço, barricando-se com a almofada do sofá ou jogando água fria em sua paixão à la Gummidge e um riso irresistível estragava o quadro melancólico que ele se esforçava para pintar. Jo não queria ser posta numa ópera, de maneira alguma, e ele teve de desistir dela, dizendo: “Que Deus abençoe aquela moça, mas que tormento ela é!” e puxando os próprios cabelos, como convinha a um compositor enfurecido.

Quando olhou em torno, à procura de outra donzela menos intratável para imortalizar em melodia, a memória lhe apresentou uma, com a mais prestativa prontidão. Este fantasma usava muitos rostos, mas sempre tinha cabelo louro, estava envolvido numa nuvem diáfana e flutuava etereamente, diante do olho de sua mente, num agradável caos de rosas, pavões, pôneis brancos e fitas azuis. Ele não deu à complacente aparição nenhum nome, mas a tomou como sua heroína e foi gostando cada vez mais dela, como só poderia acontecer, porque a dotou com todos os talentos e graças que existem neste mundo e a acompanhou, ilesa, através de provações que teriam aniquilado qualquer

mulher mortal.

Graças a essa inspiração, ele prosseguiu sem dificuldades por algum tempo, mas, aos poucos, o trabalho perdeu seu encanto e ele se esqueceu de compor, enquanto ficava sentado meditando, com a caneta na mão, ou perambulava pela alegre cidade, para obter novas idéias e refrescar a mente, que parecia estar em condições um tanto perturbadas aquele inverno. Não fez muita coisa, mas pensou muito e estava consciente de que se passava uma mudança de algum tipo, à sua própria revelia. “Talvez seja o gênio fervendo. Vou deixar que ferva e verei o que sai daí”, disse ele, com uma secreta suspeita, o tempo inteiro, de que não era gênio, mas alguma coisa muito mais comum. Fosse lá o que fosse, fervia com algum resultado, porque ele ficou cada vez mais insatisfeito com sua vida incoerente, começou a ansiar por algum trabalho verdadeiro e sério no qual pudesse empenhar-se de corpo e alma e, finalmente, chegou à sábia conclusão de que nem todos os que amavam a música eram compositores. Ao voltar de uma das grandes óperas de Mozart, encenada esplendidamente no Teatro Real, olhou para a sua própria, tocou algumas das melhores partes e ficou sentado, espiando atentamente os bustos de Mendelssohn, Beethoven e Bach, que lhe devolveram o olhar; depois, de repente, rasgou suas partituras, uma por uma e, enquanto a última saía voando de sua mão, disse, ponderadamente, de si para

consigo:

— Ela tem razão! Talento não é gênio e não se pode fazer com que seja.

Essa música tirou de mim a vaidade, como Roma tirou a dela, e não vou mais ser um farsante. Agora, o que devo fazer?

Esta parecia uma pergunta difícil de responder e Laurie começou a desejar que fosse preciso trabalhar para ganhar seu pão de cada dia. Naquele momento, mais do que nunca, acontecia uma oportunidade viável de “fazer o diabo”, como ele, uma vez, vividamente expressou, porque tinha bastante dinheiro e nada para fazer, e Satã, proverbialmente, gosta de dar emprego a mãos cheias e ociosas. O pobre sujeito tinha tentações à vontade, tanto de fora quanto interiores, mas resistiu a elas bastante bem; porque, por mais que valorizasse a liberdade, valorizava mais ainda a boa fé e a confiança; então sua promessa a seu avô e seu desejo de poder aparecer como um homem honesto aos olhos das mulheres que o amavam, e de dizer “Está tudo bem”, mantiveram-no salvo e firme.

Muito provavelmente, alguma Sra. Grundy comentará:

— Não acredito, os rapazes serão sempre rapazes, os jovens precisam fazer suas estripulias e as mulheres não devem esperar milagres.

Arrisco dizer que a senhora não deve, Sra. Grundy; mas, apesar disso, é verdade. As mulheres fazem muitos milagres e estou convencida de que

podem realizar até mesmo o de elevar o padrão masculino, recusando-se a repetir frases como essas. Vamos deixar que os rapazes sejam rapazes e que os jovens dêem suas cabeçadas, se é preciso; mas mães, irmãs e amigas podem ajudar a fazer com que nada disso seja significativo, acreditando e mostrando que acreditam na possibilidade de lealdade às virtudes que tornam os homens mais viris aos olhos das mulheres. Se isto é uma ilusão feminina, vamos aproveitá-la enquanto pudermos, porque sem ela se perde a metade da beleza e do romantismo da vida e dolorosas predições amargurariam todas as nossas esperanças de que existam mesmo rapazinhos corajosos, de corações ternos, que ainda amem suas mães mais do que a si mesmos e não se envergonhem de admitir isso.

Laurie achava que a tarefa de esquecer seu amor por Jo absorveria toda a sua energia durante anos, mas, para grande surpresa sua, descobriu que se tornava mais fácil a cada dia. Recusou-se a acreditar nisso de início, ficou zangado consigo mesmo e não conseguia entender o que se passava mas esses nossos corações são coisas curiosas e contraditórias e o tempo e a natureza fazem seu trabalho à nossa revelia. O coração de Laurie não queria doer; a ferida insistia em se curar com uma rapidez que o espantava e, em vez de tentar esquecer, ele se descobriu tentando lembrar. Não previra essa reviravolta dos acontecimentos e não estava preparado para ela. Ficou

desgostoso consigo mesmo, surpreso com sua própria volubilidade e cheio de uma estranha mistura de desapontamento e alívio, com o fato de poder recuperar-se tão depressa de um golpe tão sério. Cuidadosamente, agitou as brasas de seu amor perdido, mas elas se recusaram a explodir em chamas: o resultado foi apenas um pequeno fogo confortável, que o aqueceu e lhe fez bem, sem lhe dar nenhuma febre, e ele foi relutantemente obrigado a confessar que a paixão infantil estava lentamente extinguindo-se e se transformando num sentimento mais tranqüilo, muito terno, um pouquinho triste e ressentido ainda; mas que, com certeza, desapareceria no devido tempo, deixando em seu lugar uma afeição fraterna que permaneceria inalterável até o fim.

Quando a palavra “fraterna” passou por sua cabeça, num desses devaneios, ele sorriu e deu uma olhada no retrato de Mozart que tinha diante de si:

— Ora, ele foi um grande homem e, quando não pôde ficar com uma irmã, ficou com a outra e foi feliz.

Laurie não pronunciou as palavras, mas as pensou e, no instante seguinte, beijou o velho anelzinho, e disse apenas para si mesmo:

— Não, não farei isso! Não me esqueci, não me esquecerei nunca. Tentarei de novo e, se tornar a falhar, então...

Deixando sua frase inacabada, ele pegou caneta e papel e escreveu para

Jo, dizendo-lhe que não podia se decidir a fazer nada enquanto houvesse uma última esperança de que ela mudasse de idéia. Será que ela não poderia, não desejaria, deixar que ele voltasse para casa e fosse feliz? Enquanto esperava por uma resposta, ele não fez nada, mas a espera era cheia de energia, porque ele estava numa febre de impaciência. A resposta chegou, afinal, e ele, pelo menos quanto a uma questão, decidiu-se, porque Jo, definitivamente, não poderia e não desejaria. Estava inteiramente envolvida com Beth e não queria tornar a ouvir a palavra “amor”. Ela lhe implorava que fosse feliz com outra pessoa, mas sempre guardasse um cantinho de seu coração para a irmã amorosa, Jo. Num pós-escrito, ela desejava que ele não contasse a Amy que Beth estava pior, ela voltaria para casa na primavera e não havia necessidade de entristecer o restante de sua estada. Haveria tempo suficiente, se Deus quisesse, mas Laurie deveria escrever-lhe com freqüência, e não deixar que se sentisse solitária, com saudade de casa ou ansiosa.

— Então farei isso imediatamente. Pobre menina, estou com medo de que sua volta para casa vá ser bem triste.

E Laurie abriu sua escrivaninha, como se escrever para Amy fosse a conclusão adequada para a frase que deixara inacabada algumas semanas antes.

Mas ele não escreveu a carta naquele dia porque, enquanto tirava de sua

escrivaninha o melhor papel, encontrou uma coisa que o fez mudar de idéia. Jogadas numa parte da escrivaninha, entre contas, passaportes e documentos comerciais de vários tipos, havia várias cartas de Jo e, em outro compartimento, estavam três bilhetes de Amy, cuidadosamente amarrados com uma de suas fitas azuis e docemente sugestivos das três rosas mortas guardadas dentro. Com uma expressão meio arrependida, meio divertida, Laurie juntou todas as cartas de Jo, alisou-as, dobrou-as e colocou-as bem arrumadas numa pequena gaveta da escrivaninha, levou um minuto girando o anel, pensativamente, em seu dedo e, depois, devagar, tirou-o, colocou-o junto com as cartas, trancou a gaveta e saiu para ouvir a missa na igreja de Santo Estêvão, com a impressão de que houvera um enterro e, embora não estivesse esmagado de aflição, aquela parecia uma maneira mais adequada de passar o resto do dia do que escrever cartas para jovens sedutoras.

A carta, porém, foi muito breve enviada e logo respondida, porque Amy estava com saudade de casa e confessou isso da maneira mais deliciosamente confidencial. A correspondência floresceu admiravelmente, com cartas voando para lá e para cá, com infalível regularidade, durante todo o início da primavera. Laurie vendeu seus bustos, usou sua ópera para acender o fogo e voltou para Paris, esperando que alguém chegasse sem grande demora. Queria desesperadamente ir para Nice, mas não sem ser convidado, e Amy

não queria convidá-lo porque, exatamente naquele momento, vivia pequenas experiências particulares, que a fizeram mais ou menos querer evitar os olhos inquisitivos do “nosso rapaz”.

Fred Vaughn voltara e fizera a pergunta à qual ela antes decidira responder “Sim, obrigada”; mas, agora, disse “Não, obrigada”, de maneira gentil mas firme porque, quando chegou a hora, faltou-lhe a coragem e ela descobriu que algo mais além de dinheiro e posição era necessário para satisfazer o novo anseio que enchera de tal forma seu coração com ternas esperanças e temores. As palavras “Fred é um bom sujeito mas não é, absolutamente, o homem de quem eu imaginei que você algum dia gostaria” e o rosto de Laurie, quando as pronunciou, não parava de voltar à sua cabeça, insistentemente, como o seu próprio, quando ela disse com o olhar, embora não com palavras, “Vou me casar por dinheiro”. Perturbava-a lembrar que agora ela desejava poder retirar aquilo, soava tão pouco feminino. Não queria que Laurie pensasse que ela era uma criatura mundana e sem coração; agora não se preocupava tanto em ser uma rainha da sociedade, mas sim, muito mais, em ser uma mulher digna de amor; estava tão feliz por ele não a odiar pelas terríveis coisas que dissera, mas levá-las de modo tão maravilhoso e ser mais gentil do que nunca. As cartas dele a confortavam muitíssimo, porque as de casa eram muito irregulares e, de jeito nenhum, tão satisfatórias quanto as dele, quando chegavam. Não era

apenas um prazer, mas um dever respondê-las, porque o pobre sujeito estava abandonado e precisava de mimos, já que Jo persistia em se mostrar insensível. Ela devia ter feito um esforço e tentado amá-lo; não podia ser muito difícil, muitas pessoas ficariam orgulhosas e felizes de ter um rapaz tão maravilhoso gostando delas: mas Jo jamais agiria como as outras moças, então não havia nada a fazer senão mostrar-se muito gentil e tratá-lo como irmão.

Se todos os irmãos fossem tratados tão bem quanto Laurie, naquele período, seriam uma raça de seres muito mais felizes do que são. Amy agora nunca dava sermões: pedia a opinião dele sobre todos os assuntos, estava interessada em todas as atividades dele, fazia para ele pequenos presentes encantadores e mandava duas cartas por semana, cheias de animados mexericos, confidências fraternas e cativantes esboços das belas cenas que via em torno de si. Como poucos irmãos recebem o cumprimento de ter suas cartas carregadas de um lado para outro nos bolsos de suas irmãs, lidas e relidas diligentemente, motivo de choro, quando são curtas, beijadas, quando longas, e guardadas como verdadeiros tesouros, não insinuaremos que Amy fez nenhuma dessas coisas amorosas e tolas. Mas ela, sem dúvida, ficou um tanto pálida e meditativa aquela primavera, perdeu grande parte de seu gosto pela sociedade e saiu muito para desenhar sozinha. Jamais tinha grande coisa

para mostrar, quando chegava em casa, mas estava estudando a natureza, arrisco dizer, enquanto ficava sentada durante horas, com as mãos entrelaçadas, no terraço de Valrosa, ou distraidamente esboçava qualquer fantasia que lhe vinha à mente — um vigoroso cavaleiro entalhado num túmulo, um rapaz adormecido no gramado, com o chapéu em cima dos olhos, ou uma moça de cabelos cacheados com um vestido lindo, desfilando por uma sala de baile, de braços dados com um cavalheiro alto, ambas as faces deixadas imprecisas, de acordo com as últimas tendências da arte, o que era mais seguro mas não inteiramente satisfatório.

Sua tia pensou que ela lamentava a resposta que havia dado a Fred, e, achando as negativas inúteis e as explicações impossíveis, Amy deixou-a pensar o que quisesse, tomando o cuidado de fazer Laurie saber que Fred fora para o Egito. Foi apenas isso, mas ele entendeu e pareceu aliviado, ao dizer para si mesmo, com um ar venerável:

— Eu tinha certeza de que ela pensaria melhor. Pobre velho camarada, já passei por tudo isso e posso compreender.

Depois disso, ele deu um grande suspiro e então, como se estivesse livre de seu dever para com o passado, pôs os pés em cima do sofá e se deliciou com a carta de Amy.

Enquanto essas mudanças se passavam no exterior, as aflições haviam

chegado em casa; mas a carta dizendo que Beth estava debilitada jamais foi recebida por Amy e, quando a próxima a alcançou, sua irmã já estava sob o verde gramado. A triste notícia foi lida em Vevey, porque o calor os fizera deixar Nice em maio, e viajaram vagarosamente para a Suíça, passando por Gênova e pelos lagos italianos. Ela suportou o fato muito bem e, tranqüilamente, submeteu-se ao decreto da família, de que não deveria encurtar sua visita porque, como já era tarde demais para se despedir de Beth, era melhor ficar e deixar que a ausência amenizasse sua dor. Mas seu coração ficou muito pesado e ela ansiava para estar em casa e todos os dias olhava melancolicamente para o lago, esperando que Laurie fosse até lá confortá-la. Ele foi mesmo, muito breve; porque a mesma remessa postal levou cartas para os dois, mas ele estava na Alemanha e levou algum tempo para receber a sua. Quando a leu, arrumou sua mochila, deu adeus aos seus companheiros andarilhos e partiu para cumprir sua promessa, com um coração cheio de alegria e dor, esperança e suspense.

Conhecia bem Vevey e, logo que o barco tocou no pequeno cais, saiu correndo pela praia até La Tour, onde os Carrols estavam morando em pension. O garçon ficou em desespero com o fato de que a família inteira fora fazer um passeio no lago; mas não, a loura mademoiselle poderia estar no jardim do chateau. Se monsieur se desse ao trabalho de se sentar, em poucos instantes

ela poderia aparecer. Mas monsieur não podia esperar nem mesmo “poucos instantes” e, no meio da conversa, partiu à procura de mademoiselle.

Um agradável jardim antigo, à beira do lindo lago, sob o farfalhar dos castanheiros, com a hera subindo por toda parte e a sombra negra da torre projetando-se até grande distância por sobre a água ensolarada. Num canto da larga muralha baixa havia um assento e Amy, freqüentemente, ia até lá para ler ou trabalhar, ou se consolar com a beleza de tudo em torno dela. Estava sentada ali, aquele dia, com a cabeça apoiada na mão, o coração cheio de saudade de casa e os olhos cheios de tristeza, pensando em Beth e imaginando porque Laurie não chegara. Não o ouviu cruzar o pátio, por trás, nem o viu fazer uma pausa na arcada que conduzia do caminho subterrâneo para o jardim. Ele ficou ali em pé, um instante, observando-a com novos olhos, vendo o que ninguém vira antes — o lado terno do caráter de Amy. Tudo em torno dela sugeria mudamente amor e dor — as cartas manchadas em seu colo, a fita negra que lhe prendia os cabelos, o sofrimento e a paciência feminina que seu rosto expressava: até mesmo a pequena cruz de ébano em seu pescoço pareceu patética a Laurie, porque fora ele quem lhe dera e ela a usava como seu único enfeite. Se ele tivesse qualquer dúvida quanto à recepção que ela lhe daria, seria desfeita no instante em que ela o olhou e o viu porque, deixando tudo cair, ela correu em sua direção, exclamando, num

tom inconfundível de amor e ânsia:

— Ah, Laurie, Laurie, eu sabia que você viria me ver!

Acho que tudo foi dito e acertado então; porque, enquanto ficaram juntos, ali em pé, completamente silenciosos por um momento, com a cabeça escura curvada protetoramente sobre a clara, Amy sentiu que ninguém poderia confortá-la e apoiá-la tão bem quanto Laurie, e este decidiu que Amy era a única mulher no mundo que poderia ocupar o lugar de Jo e torná-lo feliz. Ele não disse isso a ela; mas ela não ficou desapontada, porque ambos perceberam a verdade, sentiram-se satisfeitos e, alegremente, deixaram o resto ao silêncio.

Num instante, Amy voltou para seu lugar e, enquanto enxugava as lágrimas, Laurie reuniu os papéis espalhados, encontrando, na visão das várias cartas amarfanhadas e nos sugestivos esboços, bons augúrios para o futuro. Quando ele se sentou a seu lado, Amy tornou a se sentir acanhada, e ficou muito vermelha, lembrando-se de sua impulsiva saudação.

— Não pude deixar de fazer isso, estava tão solitária e triste e fiquei tão alegre de ver você. Foi uma surpresa erguer os olhos e me deparar com você, exatamente quando começava a ter medo de que não viesse — disse ela, tentando falar com naturalidade, mas sem conseguir.

— Vim no instante em que soube. Gostaria de poder dizer alguma coisa

para consolar você pela perda da querida Bethinha, mas só posso sentir e... — Não conseguiu continuar porque, de repente, ele também ficou constrangido, sem saber direito o que dizer. Ansiava por colocar a cabeça de Amy em seu ombro, e dizer-lhe que chorasse à vontade, mas não ousou e então, em vez disso, pegou sua mão e lhe deu um aperto solidário, mais expressivo que as palavras.

— Você não precisa dizer nada, isto me consola — falou ela baixinho. — Beth está bem e feliz e não devo desejar que volte, mas estou com muito medo de chegar em casa, por mais que deseje ver todo mundo. Não vamos falar disso agora, porque me faz chorar e quero aproveitar sua companhia enquanto ficar aqui. Você não precisa voltar logo, não é?

— Não, se você me quer aqui, querida.

— Quero, e muito. Titia e Flo são muito gentis, mas você parece uma pessoa da família e seria tão bom tê-lo aqui por algum tempo.

A maneira como Amy falava, e seu jeito, lembravam tanto uma criança com saudade de casa, com o coração transbordando, que Laurie esqueceu-se logo de sua timidez e lhe deu exatamente o que ela queria — aquele mimo a que estava acostumada e a conversa animada de que precisava.

— Pobrezinha, parece que, de tanta dor, ficou quase doente! Vou tomar conta de você, não chore mais, venha passear a pé comigo, o vento está frio

demais para que fique ai sentada, parada — disse ele, com a maneira meio carinhosa meio dominadora de que Amy gostava, enquanto ela colocava o chapéu, passava o braço pelo dele e começava a caminhar de um lado para outro da calçada ensolarada, debaixo dos castanheiros, com sua folhagem renovada. Ele se sentiu mais à vontade em pé e Amy achou muito agradável ter um braço forte para se apoiar, um rosto familiar a lhe sorrir e uma voz gentil que falava, deliciosamente, só para ela.

O exótico jardim antigo abrigara muitos casais de namorados e parecia feito expressamente para eles, tão ensolarado e isolado, sem nada a não ser a torre a vigiá-los, e o grande lago, que ondulava pouco abaixo, levando para longe o eco de suas palavras. Durante uma hora, o novo casal caminhou e conversou, ou descansou na muralha, gozando as doces influências que dão tanto encanto ao tempo e ao lugar; e, quando uma pouco romântica companhia, chamando para o jantar, advertiu-os para irem embora, Amy sentiu que se livrara de sua carga de solidão e dor no jardim do château.

No instante em que a Sra. Carrol viu o rosto modificado da moça, teve uma nova idéia e exclamou para si mesma:

— Agora entendo tudo — a menina estava louca para o jovem Laurence chegar. Ah, meu Deus, jamais pensei nisso!

Com louvável discrição, a boa senhora nada disse e não deu nenhum sinal

de sua descoberta, mas insistiu calorosamente, para que Laurie ficasse e implorou a Amy para aproveitar a companhia dele, porque isso lhe faria bem, em vez de ficar tão sozinha. Amy mostrou-se um modelo de docilidade e, como sua tia estava muito ocupada com Flo, coube a ela acompanhar seu amigo e fez isso com sucesso ainda maior que o habitual.

Em Nice, Laurie vadiava e Amy repreendia; em Vevey, Laurie nunca estava ocioso, mas sempre caminhando, cavalgando, andando de barco ou estudando, da maneira mais enérgica, e Amy admirava tudo que ele fazia e seguia seu exemplo até onde e tão rapidamente quanto podia. Ele disse que a mudança se devia ao clima e ela não o contradisse, satisfeita de ter a mesma desculpa para sua própria saúde e ânimo recuperados.

O ar revigorante fez bem aos dois e muito exercício operou mudanças saudáveis em suas mentes, como em seus corpos. Pareciam ter visões mais claras da vida e do dever, lá no alto das montanhas eternas; os ventos frescos sopravam para longe as melancólicas dúvidas, fantasias ilusórias e névoas de tristeza; o sol quente da primavera trazia todos os tipos de idéias animadoras, ternas esperanças e pensamentos felizes; o lago parecia lavar todos os velhos problemas e era como se as majestosas montanhas antigas os olhassem, benévolas, lá do alto, e dissessem: “Crianças, amai-vos.”

Apesar da dor recente, foi um período muito feliz, tão feliz que Laurie não

suportaria perturbá-lo com uma palavra. Levou algum tempo para ele se recuperar de sua surpresa com a rápida cura do seu primeiro e, como firmemente acreditara, seu último e único amor. Consolou-se da aparente infidelidade com o pensamento de que a irmã de Jo era quase a mesma coisa que a própria Jo, e com a convicção de que teria sido impossível amar tão depressa e tanto qualquer outra mulher que não fosse Amy. Sua primeira corte fora do tipo tempestuoso, e ele a via retrospectivamente como se fosse através de uma longa perspectiva de anos, com uma sensação de comiseração misturada com pesar. Não estava envergonhado daquilo, mas pôs tudo de lado, como uma das experiências agrídoces de sua vida, pela qual se sentiria grato, quando a dor passasse. Sua segunda corte, decidiu ele, seria tão calma e simples quanto possível: não havia necessidade de fazer nenhuma cena, nem mesmo qualquer necessidade de dizer a Amy que ele a amava, ela sabia disso sem palavras e lhe dera sua resposta há muito tempo. Tudo aconteceu tão naturalmente que ninguém poderia queixar-se, e ele sabia que todos ficariam satisfeitos, até mesmo Jo. Mas, quando nossa primeira paixãozinha foi rejeitada, tendemos a ficar desconfiados e demoramos a tentar de novo; então

Laurie deixou os dias se passarem, gozando cada hora e deixando ao acaso a primeira palavra que encerraria a parte inicial e a mais doce do seu novo romance.

Imaginara mais ou menos que o desenrolar ocorreria no jardim do château, à luz da lua, e da maneira mais graciosa e decorosa, mas aconteceu exatamente o contrário, porque a questão foi decidida no lago, ao meio-dia, com algumas poucas palavras rudes. Tinham passeado de barco durante quase a manhã inteira, indo da sombria St. Gingolf à ensolarada Montreux, com os Alpes da Savóia de um lado, o Monte St. Bernard e o Dent du Midi do outro, a bela Vevey no vale e Lausenne na encosta do morro, mais além, enquanto acima estava um céu azul, sem nuvens e, abaixo, o lago ainda mais azul, pontilhado de pitorescos barcos que pareciam gaivotas de asas brancas. Haviam conversado sobre Bonnivard, ao passarem por Chillon, e de Rousseau, enquanto olhavam, lá no alto, para Clarens, onde ele escreveu sua Héloïse. Nenhum dos dois lera o livro, mas sabiam que era uma história de amor e cada qual, particularmente, imaginou se chegava a ter a metade do interesse da história deles. Amy estivera dando palmadinhas na água durante a pequena pausa que ocorreu na conversa dos dois e, quando ergueu os olhos, Laurie estava curvado sobre os remos, tendo nos olhos uma expressão que a fez dizer, apenas para romper o silêncio:

— Você deve estar cansado; descanse um pouco e me deixe remar; vai me fazer bem; porque, desde que você chegou, mergulhei inteiramente na preguiça e no luxo.

— Não estou cansado, mas você pode pegar um remo, se quiser. Há espaço suficiente, embora eu tenha de me sentar quase no meio, senão o barco perde o equilíbrio — respondeu Laurie, parecendo gostar desse arranjo. Sentindo que não consertara muito as coisas, Amy ocupou o terço do banco que lhe fora oferecido, sacudiu o cabelo para cima do rosto e aceitou um remo. Remava tão bem quanto fazia muitas outras coisas; e, embora usasse as duas mãos e Laurie apenas uma, os remos mantiveram o compasso e o barco seguiu suavemente pela água.

— Como remamos bem juntos, não? — disse Amy, que não queria que houvesse uma pausa na conversa justamente naquela hora.

— Tão bem que gostaria que pudéssemos sempre remar no mesmo barco. Você não quer, Amy? — dito com muita ternura.

— Sim, Laurie — dito muito baixinho.

Então, os dois pararam de remar e, inconscientemente, acrescentaram um bonito quadrinho de amor e felicidade humanos às paisagens imprecisas refletidas no lago.

Capítulo 42

Inteiramente Sozinha

Era fácil prometer abnegação, quando havia um envolvimento total com outra pessoa e o coração e a alma estavam purificados por um doce exemplo; mas, quando a voz prestimosa se calou, quando se encerrou a lição diária e se foi a amada presença, nada restando a não ser a solidão e a dor, então Jo achou muito difícil manter sua promessa. Como poderia ela “confortar papai e mamãe”, quando seu próprio coração doía com uma saudade incessante da irmã; como poderia ela “alegrar a casa”, quando toda sua luz, calor e beleza pareciam ter desaparecido, com a mudança de Beth da velha para a nova morada, e onde, neste mundo, poderia ela “encontrar algum trabalho útil e feliz para fazer”, capaz de ocupar o lugar do amoroso serviço que fora sua própria recompensa? Ela tentou, de uma maneira cega, desesperançada, cumprir seu dever, rebelando-se contra ele, secretamente, e o tempo inteiro, porque parecia injusto que suas poucas alegrias fossem diminuídas, suas cargas se tornassem mais pesadas e a vida cada vez mais dura, enquanto ela continuava com sua labuta. Algumas pessoas pareciam ficar com toda a luz do sol, e outras com toda a sombra; não era justo, porque ela tentava mais do que Amy ser boa, mas jamais obtivera nenhuma recompensa, apenas decepções, problemas e trabalho duro.

Pobre Jo, aqueles foram dias sombrios para ela, porque algo semelhante

ao desespero a dominava, quando pensava em passar toda sua vida naquela casa silenciosa, dedicada a trabalhos rotineiros, com alguns pequenos prazeres e o dever, que jamais parecia tornar-se mais fácil. “Não posso fazer isso. Não fui feita para uma vida como essa e sei que fugirei e farei alguma coisa desesperada, se alguém não vier me ajudar”, disse ela a si mesma, quando seus primeiros esforços falharam e ela caiu no soturno e desconsolado estado de espírito que muitas vezes sobrevém quando vontades fortes têm de ceder ao inevitável.

Mas alguém veio mesmo e a ajudou, embora Jo não reconhecesse imediatamente seus anjos da guarda, porque tinham formas familiares e usavam as fórmulas mágicas simples, mais adequadas para a pobre humanidade. Muitas vezes, ela acordava sobressaltada, à noite, pensando que Beth a chamara; e, quando a visão da pequena cama vazia a fazia chorar, com o choro amargo de uma dor rebelde — “Ah, Beth, volte! Volte!” — ela não estendia seus braços saudosos em vão porque, tão rápida em ouvir seus soluços quanto fora para ouvir o mais fraco suspiro da irmã, sua mãe ia confortá-la, não apenas com palavras, mas com a ternura paciente que acalma através do toque, com lágrimas que eram mudos lembretes de uma dor maior do que a de Jo e sussurros interrompidos, mais eloqüentes do que preces, porque a esperançosa resignação seguia de mãos dadas com a dor natural.

Momentos sagrados, quando os corações das duas se falavam, no silêncio da noite, transformando a aflição numa bênção, que abrandava a dor e fortalecia o amor. Sentindo isso, a carga de Jo tornava-se mais fácil de suportar, o dever se tornava mais doce e a vida parecia mais tolerável, vista do abrigo seguro que eram os braços de sua mãe.

Quando o coração dolorido estava um pouco consolado, a mente perturbada também encontrou ajuda porque, um dia, ela foi até o gabinete e, inclinando-se por sobre a bondosa cabeça grisalha que se ergueu para lhe dar as boas-vindas, com um sorriso tranqüilo, ela disse, muito humildemente:

— Papai, fale comigo como você fazia com Beth. Preciso disso mais do que ela, porque estou muito perturbada.

— Minha querida, nada pode me confortar mais do que isso — respondeu ele, com um tremor na voz, e os dois braços em torno dela, como se ele também precisasse de ajuda e não temesse pedi-la.

Então, sentando-se na cadeira de Beth, bem perto dele, ela lhe contou seus problemas — a dor ressentida pela perda que sofrera, seus esforços inúteis que a desencorajavam, a falta de fé, que fazia a vida parecer tão sombria e toda a triste perplexidade que chamamos de desespero. Ela confiou inteiramente nele, ele lhe deu a ajuda de que precisava e ambos encontraram consolo imediato; porque chegara o tempo em que eles podiam conversar um

com o outro não apenas como pai e filha, mas como homem e mulher, capazes de, com alegria, ajudarem um ao outro com mútua simpatia, além de mútuo amor. Momentos felizes e meditativos, ali no velho gabinete, que Jo chamava de “a igreja com um membro só”, e do qual ela saía com a coragem renovada, a alegria recuperada e um espírito mais resignado; porque os pais que haviam ensinado uma filha a enfrentar a morte sem medo, agora tentavam ensinar a outra a aceitar a vida sem desânimo nem desconfiança, e a usar suas belas oportunidades com gratidão e energia.

Outros auxílios tinha Jo — deveres humildes e saudáveis e delícias às quais não se poderia negar seu papel nesta ajuda, e às quais ela, vagarosamente, aprendia a ver e a valorizar. As vassouras e panos de prato não poderiam nunca mais ser tão desagradáveis quanto antigamente haviam sido, porque Beth trabalhara com as duas coisas; e algo do seu espírito de dona-de-casa parecia persistir em torno do pequeno esfregão e da velha vassoura, que nunca foi jogada fora. Enquanto os usava, Jo descobriu-se cantarolando as canções que Beth costumava cantarolar, imitando as maneiras disciplinadas de Beth e dando os pequenos toques, aqui e acolá, que mantinham tudo arrumado e aconchegante, o primeiro passo para manter a casa feliz, embora ela não soubesse disso até Hannah dizer, dando-lhe um aperto na mão, com um jeito aprovador:

— Cê pensa em tudo, quer que a gente não sinta falta daquela quiridinha, tá fazendo tudo pra isso. A gente num diz muita coisa, mas tamos vendo, e Deus vai lhe pagá por isso.

Enquanto costuravam juntas, Jo descobriu como sua irmã Meg estava melhorada, como podia falar bem, quanto sabia sobre os impulsos, pensamentos e sentimentos de bondade e feminilidade, como estava feliz com seu marido e filhos e quanto eles todos faziam uns pelos outros.

— O casamento é uma coisa excelente, afinal. Imagino se eu floresceria metade do que você floresceu, se tentasse — disse Jo, fazendo uma pipa para Demi no quarto infantil virado de cabeça para baixo.

— É exatamente do que você precisa para fazer vir à tona o lado terno e feminino de sua natureza, Jo. Você é como o ouriço da castanha, espinhoso por fora, mas macio feito seda por dentro e com uma semente doce, embora difícil de alcançar. O amor fará você mostrar seu coração, algum dia, e então o ouriço duro vai cair.

— A geada abre os ouriços das castanhas, madame, e é preciso uma boa sacudidela para fazer com que caiam. Os rapazes vão colher nozes e eu não gostaria de ser colhida por eles — respondeu Jo, passando cola na pipa, que vento nenhum empinaria, porque Daisy se amarrara nela como um pêndulo. Meg riu, porque ficou satisfeita de vislumbrar o antigo espírito de Jo, mas

sentiu que era seu dever impor sua opinião, com todos os argumentos a seu alcance, e as conversas entre as irmãs não foram desperdiçadas, especialmente quando dois dos mais convincentes argumentos de Meg eram os bebês, que Jo amava ternamente. A dor é o melhor abridor para certos corações, e o de Jo estava quase pronto para ser colhido: um pouco mais de sol para amadurecer a noz, então, e não foi a sacudidela impaciente de um rapaz, mas a mão de um homem que se estendeu para colhê-la gentilmente do ouriço e descobrir a semente sólida e doce. Se ela suspeitasse disso, teria se fechado com força e se mostraria mais espinhosa do que nunca; mas, felizmente, não pensava em si mesma e, então, quando chegou a hora, caiu. Ora, se ela fosse a heroína de um livro de histórias moralizante, deveria, neste período de sua vida, tornar-se completamente santa, renunciar ao mundo e sair por aí usando um gorro de penitente e com panfletos religiosos no bolso. Mas, sabem, Jo não era uma heroína, mas apenas uma moça bem humana, lutando, como centenas de outras, e simplesmente agia de acordo com sua natureza, ficando triste, zangada, apática ou cheia de energia, de acordo com o estado de espírito. É altamente virtuoso dizer que seremos bons, mas não podemos fazer isso imediatamente; é preciso um demorado esforço, um grande esforço, um esforço completo, antes de alguns de nós chegarmos até a colocar o pé no caminho certo. Jo, até aquela altura, já colocara o seu, estava

aprendendo a cumprir seu dever e a se sentir infeliz quando não cumpria; mas, a cumpri-lo alegremente — ah, isto era uma coisa bem diferente!

Freqüentemente, dissera que queria fazer alguma coisa esplêndida, por mais difícil que fosse; e agora tinha a possibilidade de satisfazer seu desejo, já que nada poderia ser mais bonito do que dedicar sua vida a seu pai e sua mãe, tentando tornar o lar tão feliz para eles quanto o haviam tornado para ela. E, se dificuldades eram necessárias para aumentar o esplendor do esforço, o que seria mais duro para uma moça inquieta e ambiciosa do que desistir de suas próprias esperanças, planos e desejos e, alegremente, viver para outros?

A Providência a tomara ao pé da letra; ali estava a tarefa, não a que ela esperara, mas melhor, porque o ego não tinha nela nenhuma participação: mas, será que ela podia executá-la? Decidiu que tentaria e, em sua primeira tentativa, encontrou os auxílios que mencionei. Ainda outro lhe foi oferecido e ela o aceitou, não como uma recompensa, mas como um conforto, como Christian aceitou os alimentos fornecidos pelo arvoredor onde ele descansou, enquanto subia o monte chamado Dificuldade.

— Por que não escreve? Isto sempre a deixou feliz — disse-lhe a mãe, uma vez, quando o acesso de desânimo dominava Jo.

— Estou sem nenhuma vontade de escrever e, mesmo que estivesse com vontade, ninguém quer saber das minhas coisas.

— Nós queremos. Escreva alguma coisa para nós e não se importe com o resto do mundo. Tente, querida. Tenho certeza de que lhe fará bem, e nos agradará muito.

— Não creio que possa.

Mas Jo foi para sua escrivaninha e começou a examinar seus manuscritos inacabados.

Uma hora depois, sua mãe deu uma espiada e lá estava ela, rabiscando sem parar, usando seu avental preto e com uma expressão absorta, que fez a Sra. March sorrir e se afastar despercebida, muito satisfeita com o sucesso de sua sugestão. Jo jamais soube como aconteceu, mas entrou alguma coisa nessa história que foi diretamente aos corações dos que a leram; pois, quando sua família acabou de rir e chorar por causa dela, seu pai a enviou, muito contra a vontade da autora, para uma das revistas populares e, para profunda surpresa sua, outras foram solicitadas. Cartas de várias pessoas, cujos elogios eram uma honra, chegaram depois da publicação da pequena história; jornais a copiaram e estranhos, além dos amigos, a admiraram. Para uma coisa pequena, era um grande sucesso e Jo ficou ainda mais espantada do que ficara quando seu romance foi, ao mesmo tempo, louvado e condenado.

— Não entendo. O que pode haver numa historinha simples como essa, para fazer as pessoas a elogiarem tanto? — disse ela completamente perplexa.

— Há verdade nela, Jo, este é o segredo: humor e emoção lhe dão vida e você, afinal, descobriu seu estilo. Você a escreveu sem pensar em fama nem dinheiro e colocou nela seu coração, minha filha: você já teve as amarguras, agora vêm as doçuras. Faça o melhor que puder e fique tão feliz quanto nós estamos com seu sucesso.

— Se existe mesmo alguma coisa boa ou verdadeira no que escrevo, não é minha; devo tudo a você, a mamãe e Beth — disse Jo, mais tocada pelas palavras de seu pai do que ficaria com qualquer quantidade de elogios externos.

Então, ensinada pelo amor e pela dor, Jo escreveu suas historinhas e as mandou para fazerem amigos para si próprias e para ela, achando o mundo muito caridoso para com tão humildes viajantes; porque elas eram generosamente recebidas e enviavam para casa simpáticas mensagens para sua mãe, como zelosas crianças surpreendidas pela boa sorte.

Quando Amy e Laurie escreveram contando seu noivado, a Sra. March temeu que Jo achasse difícil alegrar-se com ele, mas seus temores logo foram apaziguados; porque, embora Jo fizesse de início um ar sério, aceitou tudo muito tranqüilamente e ficou cheia de esperanças e planos para “as crianças”, mesmo antes de ler duas vezes a carta. Era uma espécie de dueto escrito, no qual cada um glorificava o outro, à moda dos apaixonados, muito agradável de

ler e satisfatório para se pensar a respeito, porque ninguém tinha objeções a fazer.

— Você gostou, mamãe? — perguntou Jo, quando pararam de ler as folhas inteiramente preenchidas e se entreolharam.

— Sim, esperava mesmo que isto acontecesse, desde que Amy escreveu dizendo que recusara a proposta de Fred. Tive certeza, então, de que estava dominada por alguma coisa melhor do que aquilo que você chama de “espírito mercenário”, e uma sugestão ou outra, em suas cartas, me fizeram suspeitar de que o amor e Laurie haviam saído vitoriosos.

— Como você é atenta, mamãe, e como é calada! Nunca me disse uma só palavra a respeito.

— As mães precisam de olhos atentos e línguas silenciosas, quando estão lidando com moças. Fiquei com um pouco de medo de pôr a idéia em sua cabeça e você escrever, dando a eles os parabéns, antes de tudo estar resolvido.

— Não sou mais a doidivanas que era; pode confiar em mim. Sou suficientemente ponderada e sensata para qualquer pessoa me escolher como confidente.

— É verdade, querida, e eu deveria ter escolhido, só que imaginei que talvez você sofresse ao saber que seu Teddy amava outra pessoa.

— Ora, mamãe, você realmente pensou que eu podia ser tão tola e egoísta, depois que recusei o amor dele, quando era mais cheio de ímpeto, talvez melhor?

— Eu sabia que você fora sincera na ocasião, Jo, mas ultimamente tenho pensado que, se ele voltasse e pedisse de novo, você poderia, talvez, ter vontade de dar uma resposta diferente. Perdoe-me, querida, não posso deixar de ver que você está muito solitária e, algumas vezes, há uma expressão faminta em seus olhos, que me dói no coração; então, imaginei que seu rapaz poderia preencher o lugar vazio, se tentasse agora.

— Não, mamãe, é melhor da forma como está, e fico satisfeita de Amy ter aprendido a amá-lo. Mas você tem razão numa coisa: estou mesmo solitária e, talvez, se Teddy tentasse de novo, eu poderia ter dito “sim”, não porque o ame mais do que antes, mas pelo fato de que seria mais importante para mim ser amada agora do que quando ele foi embora.

— Fico satisfeita com isso, Jo, porque mostra que você está seguindo em frente. Há muita gente para amar você, então tente satisfazer-se com papai e mamãe, irmãs e irmãos, amigos e bebês, até o melhor apaixonado do mundo vir lhe dar sua recompensa.

— As mães são as melhores apaixonadas do mundo, mas não me importo de segredar a mãezinha que gostaria de tentar todos os tipos. É muito curioso,

mas, quanto mais tento satisfazer-me com todas as variedades de afeto natural, mais pareço querer. Não tinha a menor idéia de que os corações podiam receber tanta coisa; o meu é tão elástico, agora nunca parece cheio e eu costumava ficar completamente satisfeita com minha família. Não entendo.

— Eu, sim.

E a Sra. March sorriu, com seu sorriso sábio, enquanto Jo virava novamente as páginas, para ler o que Amy dissera de Laurie.

“É tão lindo ser amada como Laurie me ama; ele não é sentimental, não diz muita coisa a respeito, mas vejo e sinto o que se passa dentro dele, em tudo que diz e faz, e isto me deixa tão feliz e humilde que nem pareço ser a mesma moça de antes. Nunca soube quanto ele era bom, generoso e terno, até este momento, porque ele me deixa ler seu coração e eu o encontro cheio de impulsos, esperanças e propósitos nobres e fico tão orgulhosa de saber que é meu. Ele diz que se sente como se ‘pudesse fazer uma viagem, agora, comigo a bordo, como imediata, e uma porção de amor como lastro’. Rezo para que sim, e tento ser tudo que ele acredita que sou, porque amo meu galante capitão, com todo o meu coração, minha alma, minha força, e nunca o desertarei, enquanto Deus nos deixar ficar juntos. Ah, mamãe, nunca soube como este mundo poderia parecer-se com o céu, quando duas pessoas se amam e vivem uma para a outra!”

— E essa é nossa fria, reservada e mundana Amy! Realmente, o amor faz milagres. Como eles devem estar felizes, felicíssimos!

E Jo juntou as folhas farfalhantes com mão cuidadosa, como alguém fecharia um lindo romance, que mantém o leitor atento até chegar o fim e então ele se descobre novamente sozinho, neste mundo rotineiro.

Pouco depois, Jo foi perambulando até o andar de cima, porque o dia estava chuvoso e ela não podia dar uma caminhada. Uma inquietação a dominou e o velho sentimento voltou, não amargo como era, mas um questionamento pacientemente doloroso, em torno do motivo de uma irmã ter tudo que pedia e a outra nada. Não era verdade, ela sabia, e tentava esquecer isso, mas o anseio natural por afeto era forte e a felicidade de Amy despertou o desejo faminto de alguém para “amar com coração e alma, e a quem se agarrar enquanto Deus os deixasse ficar juntos”.

Lá em cima, no sótão, onde terminaram as inquietas perambulações de Jo, havia quatro pequenas arcas de madeira, enfileiradas, cada qual marcada com o nome de sua dona e repleta de relíquias da infância e adolescência, terminadas agora para todas. Jo deu uma olhada dentro delas e, quando chegou à sua, apoiou o queixo na beirada e ficou olhando distraidamente para a caótica coleção de objetos, até que uma pilha de velhos cadernos de exercício chamou-lhe a atenção. Ela os tirou de dentro, revirou-os e reviveu

aquele inverno agradável em casa da bondosa Sra. Kirke. Primeiro sorriu, depois fez um ar pensativo, em seguida triste e, quando chegou a um pequeno recado escrito com a mão do Professor, seus lábios começaram a tremer, os livros deslizaram do seu colo e ela ficou sentada, olhando para as palavras amistosas, como se elas assumissem um novo significado e tocassem num ponto terno do seu coração.

“Espere por mim, minha amiga. Posso me atrasar um pouco, mas com certeza irei.”

— Ah, se pelo menos ele viesse! Tão gentil, tão bondoso, tão paciente comigo, sempre. Querido velho Fritz, não o valorizei nem a metade do que merecia, quando estava em sua companhia; mas agora, como adoraria vê-lo, porque todos parecem afastar-se de mim e estou completamente sozinha.

E, segurando com força o papelzinho, como se houvesse uma promessa ainda a ser cumprida, Jo repousou a cabeça numa confortável bolsa de trapos e chorou, como se protestasse contra a chuva que batia no telhado.

Era autocompaixão, solidão ou angústia? Ou seria o despertar de um sentimento que esperara tão pacientemente para se manifestar quando quem o inspirava? Quem poderá dizer?

Capítulo 43

Surpresas

Jo estava sozinha, ao entardecer, deitada no velho sofá, olhando para o fogo e pensando. Era sua maneira favorita de passar a hora do crepúsculo; ninguém a perturbava e ela costumava ficar deitada ali, com a cabeça apoiada na pequena almofada vermelha de Beth, planejando histórias, entregue aos sonhos ou a ternos pensamentos sobre a irmã, que nunca parecia distante. Seu rosto tinha um ar cansado, sério e um tanto triste, porque o dia seguinte era seu aniversário e ela estava pensando em como os anos passam depressa e como estava ficando velha e parecia ter realizado pouca coisa. Quase vinte e cinco anos e nada para mostrar. Mas Jo estava enganada a respeito, havia muita coisa para mostrar e, pouco depois, ela percebeu isso e ficou grata.

— Uma velha Solteirona, é o que vou ser. Uma Solteirona literata, casada com a caneta, com uma família de histórias, em vez de filhos, e, daqui a vinte anos, um pouquinho de fama, talvez; quando, como o pobre Johnson, já estarei velha e não poderei aproveitar; solitária, e não poderei partilhá-la; independente, e não precisarei dela. Ora, não quero ser uma santa amarga nem uma pecadora egoísta e, arrisco dizer, as velhas solteironas se sentem bem confortáveis quando se acostumam com sua situação... — e aí Jo suspirou, Porque a perspectiva não era convidativa.

Raramente é, de início, e os trinta anos parecem o fim de tudo, para quem tem vinte e cinco; mas não é tão mau quanto parece e a pessoa pode ir em

frente bem satisfeita, quando tem alguma coisa dentro de si a que recorrer. Aos vinte e cinco, as moças começam a dizer que ficarão solteironas, mas decidem, secretamente, que nunca serão; aos trinta, não dizem nada a respeito, mas, tranqüilamente, aceitam o fato e, quando são sensatas, consolam-se lembrando de que têm mais vinte anos úteis e felizes, nos quais podem estar aprendendo a envelhecer com graça. Não riam das solteironas, queridas meninas; porque, freqüentemente, romances muito ternos e trágicos estão escondidos nos corações que batem tão silenciosamente sob os trajes sóbrios, e muitos sacrifícios silenciosos de juventude, saúde, ambição' do próprio amor, tornam belos, aos olhos de Deus, os rostos desbotados. Mesmo as tristes e amargas irmãs devem ser tratadas generosamente, entre outros motivos, pelo fato de terem perdido a parte mais doce da vida; e, olhando para elas com compaixão, não com desprezo, as moças no vigor de sua juventude deveriam lembrar que elas também podem perder seu período de viço; que faces rosadas não duram para sempre, fios prateados surgirão no lindo cabelo castanho e, dentro em pouco, a bondade e o respeito serão tão doces quanto, agora, amor e admiração.

Cavalheiros (e isto significa rapazes), mostrem-se corteses para com as velhas solteironas, por mais que sejam pobres, feias e rígidas, porque o único cavalheirismo que vale a pena é o que se dispõe à deferência diante dos

velhos, à proteção aos fracos e a servir às mulheres, independentemente de posição social, idade ou cor. Lembrem-se das boas tias que não apenas deram sermões e se preocuparam, mas também tomaram conta e mimaram, tantas vezes sem receber sequer agradecimentos; das enrascadas de que ajudaram as pessoas a se livrarem, das sugestões que já ofereceram, tiradas de seu pequeno repertório, dos pontos que deram os velhos dedos pacientes, dos passos que caminharam os prestativos velhos pés e, agradecidos, concedam às queridas velhas senhoras as pequenas atenções que as mulheres adoram receber durante toda a sua vida. As moças de olhos brilhantes vêm depressa essas características e gostarão mais de vocês por causa delas; e, se a morte, talvez a única força capaz de separar mãe e filho, tirá-lo dos seus, pode ter certeza de receber uma terna acolhida e carinhos maternos de alguma tia Priscilla, que guardou o cantinho mais caloroso de seu velho coração solitário para “o melhor sobrinhozinho deste mundo”.

Jo deve ter adormecido (como arrisco dizer que também aconteceu com meu leitor, durante esta pequena pregação), porque o fantasma de Laurie parecia, de repente, estar em pé à sua frente — um fantasma substancial, bem real —, inclinando-se por cima dela com o mesmo olhar que ele tinha quando estava sentindo muita coisa e não gostava de demonstrar. Mas, como a Jenny da balada:

Ela não conseguia pensar que era ele,
e ficou deitada, olhando-o fixamente, num silêncio espantado, até que ele se
curvou e a beijou. Então, ela o conheceu e levantou-se com um pulo,
exclamando alegremente:

— Ah, meu Teddy! Ah, meu Teddy!

— Querida Jo, então está contente de me ver?

— Contento! Bendito rapaz, as palavras não são capazes de expressar
minha alegria. Onde está Amy?

— Sua mãe a levou até a casa de Meg. Passamos por lá e não houve jeito
de arrancar minha mulher dos abraços deles.

— Sua o quê? — exclamou Jo, porque Laurie pronunciou essas duas
palavras com um orgulho e uma satisfação inconscientes, que o traíram.

— Ah, que diabo! Agora, já está feito.

E Laurie fez um ar tão culpado que Jo caiu em cima dele, como um
relâmpago.

— Você foi se casar!

— Sim, me dê licença, mas nunca mais farei isso.

E ele caiu de joelhos, com as mãos juntas, num gesto de penitência, e um
rosto cheio de malícia, júbilo e triunfo.

— Casou-se de verdade?

— Perfeitamente, obrigado.

— Que Deus nos acuda! Qual é a coisa terrível que você vai fazer, em seguida?

E Jo caiu em seu assento, com um arquejo.

— Uma felicitação característica, mas não exatamente lisonjeira — respondeu Laurie, ainda numa atitude abjeta, mas sorrindo de satisfação.

— O que pode você esperar, quando tira o fôlego da pessoa, entrando às escondidas, como um assaltante, e dando com a língua nos dentes, desse jeito? Levante-se, seu garoto ridículo, e me conte tudo que houver para contar.

— Não digo uma só palavra, até você me deixar ficar em meu antigo lugar e prometer não colocar uma barricada.

Jo riu, com isso, como não ria há muito tempo, e deu palmadinhas convidativas no sofá, enquanto dizia, com um tom de voz cordial:

— A velha almofada está lá no sótão e não precisamos dela agora; então venha e se confesse, Teddy.

— Como é bom ouvi-la dizer “Teddy”! Ninguém me chama assim, a não ser você.

E Laurie sentou-se, com um ar de grande satisfação.

— Como é que Amy o chama?

— De meu senhor.

— É mesmo coisa dela. Bom, você tem jeito disso.

E os olhos de Jo revelaram claramente que ela achava seu rapaz mais belo do que nunca.

A almofada não estava mais ali, mas, apesar disso, havia mesmo uma barricada entre eles — natural, erguida pelo tempo, pela ausência e pelas mudanças afetivas. Ambos a sentiram e, por um minuto, olharam um para o outro como se essa barreira invisível lançasse uma pequena sombra sobre eles. Mas esta desapareceu de imediato, porque Laurie disse, numa inútil tentativa de dignidade:

— Não pareço um homem casado e chefe de uma família?

— Nem um pouquinho e nunca parecerá. Ficou maior e mais ossudo, mas é o mesmo estouvado de sempre.

— Ora, realmente, Jo, você devia me tratar com mais respeito — disse Laurie, que se divertia imensamente com tudo aquilo.

— Como posso eu, quando a simples idéia de você casado e estabelecido é tão irresistivelmente engraçada que não posso ficar séria! — respondeu Jo, com um sorriso que lhe iluminava o rosto inteiro, tão contagioso que eles deram outra risada e, depois, prepararam-se para uma boa conversa, à agradável maneira antiga.

— Não adianta você sair, nesse frio, para ir buscar Amy, porque daqui a

pouco todos virão para cá. Eu não podia esperar, queria ser a primeira pessoa a lhe contar a grande surpresa, ficando com a melhor parte, com a nata, como dizíamos, quando brigávamos pelo creme.

— Foi o que você fez e estragou sua história, começando pelo final. Agora, comece outra vez, direitinho, e me conte como foi que aconteceu. Estou louca para saber.

— Bom, fiz isso para satisfazer Amy — começou Laurie, com uma piscadela de olhos que fez Jo exclamar:

— Mentira número um. Foi Amy quem fez isso, para satisfazer você.

Continue e diga a verdade, se puder, senhor.

— Agora ela está começando a torcer tudo; não é mesmo uma graça o que diz? — falou Laurie, em direção ao fogo, e o fogo brilhou e cintilou, como se concordasse inteiramente. — É tudo a mesma coisa, sabe, sendo ela e eu uma única pessoa. Planejamos voltar para casa com os Carrols, há um mês ou mais, mas eles, de repente, mudaram de idéia e decidiram passar outro inverno em Paris. Mas vovô queria voltar; ele foi até lá para me agradar e eu não poderia deixá-lo ir sozinho, e também não poderia separar-me de Amy; já a Sra. Carrol tinha idéias inglesas sobre acompanhantes e tolices desse tipo, e não queria deixar Amy vir conosco. Então, simplesmente, resolvi a dificuldade dizendo: “Vamos nos casar e, então, poderemos fazer o que quisermos.”

— Claro que você só poderia mesmo fazer o que quer; sempre consegue tudo ao seu jeito.

— Nem sempre.

E alguma coisa, na voz de Laurie, fez Jo dizer, apressadamente:

— Como você conseguiu que tia concordasse?

— Foi duro, mas, cá entre nós, passamos uma boa conversa nela, porque tínhamos montões de bons motivos a nosso favor. Não havia tempo para escrever e pedir licença, mas todos vocês gostaram e logo consentiram; era apenas uma questão de “ganhar tempo”, como diz minha esposa.

— Mas não estamos mesmo orgulhosos dessas duas palavras e não gostamos de dizê-las? — interrompeu Jo, dirigindo-se ao fogo, por sua vez, e observando, encantada, a luz feliz que ele parecia acender naqueles olhos que, quando ela os vira da última vez, estavam tão tragicamente sombrios.

— Um mero detalhe, talvez, mas Amy é uma mulherzinha tão sedutora que não posso deixar de me orgulhar dela. Bom, o tio e a tia estavam lá para manter o decoro; e nós, tão absortos um no outro a ponto de nem repararmos o quê se passava em torno, de modo que aquele simpático acerto tornaria as coisas mais fáceis, então providenciamos tudo.

— Quando, onde, como? — perguntou Jo, numa febre de interesse e curiosidade feminina, porque não conseguia imaginar, de forma nenhuma,

como fora tudo aquilo.

— Foi há seis semanas, no consulado americano, em Paris; um casamento muito discreto, claro; porque, mesmo felizes, não nos esquecemos da querida Bethinha.

Quando ele disse isso, Jo colocou a mão na sua e Laurie, gentilmente, alisou a almofadinha vermelha, da qual se lembrava muito bem.

— Por que não nos informou logo depois? — perguntou Jo, num tom mais tranqüilo, depois que ficaram sentados, quietos, por um minuto.

— Queríamos fazer surpresa a vocês; pensamos, de início, que voltaríamos diretamente para casa; mas o querido velho cavalheiro, logo que nos casamos, achou que não conseguiria ficar pronto em menos de um mês e nos mandou passar nossa lua-de-mel em qualquer lugar que quiséssemos. Amy, certa vez, disse que Valrosa era um lugar ideal para uma lua-de-mel, então fomos para lá e nos sentimos tão felizes como a gente só se sente uma vez numa vida inteira. Meu Deus! O amor entre rosas!

Laurie, por um instante, pareceu ignorar a presença de Jo, e ela ficou encantada com isso, pois o fato de ele lhe contar essas coisas de forma tão livre e natural garantia-lhe que esquecera e perdoara completamente. Ela tentou retirar sua mão, mas Laurie, como se adivinhasse o pensamento que causara aquele impulso semi-involuntário, segurou-a com força e disse, com

uma seriedade masculina que ela jamais vira nele:

— Jo, querida, quero dizer uma coisa e, depois, deixaremos tudo isso de lado para sempre. Como lhe disse, na carta em que lhe contei como Amy foi bondosa comigo, jamais pararei de amar você; mas o amor está modificado e aprendi a ver que é melhor assim. Amy e você trocaram de lugar em meu coração. Acho que estava destinado a ser mesmo assim e ocorreria naturalmente, se eu tivesse esperado, como você tentou me levar a fazer; mas não consigo nunca ser paciente, e então fiquei desesperado. Eu era um garoto, naquele tempo, teimoso e arrebatado; e foi preciso uma dura lição para me mostrar meu erro. Porque era mesmo um erro, Jo, como você disse, e descobri isso depois de fazer papel de tolo. Dou minha palavra, fiquei tão confuso, em certa ocasião, que não sabia qual das duas eu mais amava, se você ou Amy, e tentei amar a ambas, da mesma forma; mas não pude e, então, quando a vi na Suíça, tudo pareceu esclarecer-se imediatamente. Vocês duas entraram nos seus lugares certos e tive certeza de que o antigo amor havia terminado antes de começar o novo; de que eu podia, honestamente, partilhar meu coração entre a irmã Jo e a esposa Amy e amar profundamente as duas. Será que você pode acreditar nisso e voltar aos velhos tempos felizes, de logo quando nos conhecemos?

— Acredito que sim, com todo o meu coração; mas, Teddy, não poderemos

nunca ser, outra vez, menino e menina; os velhos tempos felizes não podem voltar e não devemos esperar isso. Somos homem e mulher, agora, com trabalho sério para fazer, porque o período das brincadeiras acabou e precisamos desistir das travessuras. Tenho certeza de que você sente isso. Vejo a mudança em você, e você também a verá em mim. Vou sentir falta do meu menino, mas amarei o homem da mesma forma e o admirarei mais, porque ele pretende ser o que esperei que fosse. Não podemos mais ser os pequenos companheiros de brincadeiras, mas seremos irmão e irmã, para amar e ajudar um ao outro, durante nossas vidas inteiras, não é, Laurie? Ele não disse uma palavra, mas pegou a mão que ela lhe oferecia e pôs nela o rosto, por um minuto, sentindo que, do túmulo de uma paixão infantil, nascera uma bela e forte amizade, como uma bênção para os dois. Pouco depois, Jo disse, alegremente, porque não queria que a chegada em casa fosse triste:

— Não posso acreditar que vocês, crianças, estejam realmente casados e vão montar casa. Até parece que foi ontem que eu abotoava o babadoiro de Amy e puxava foi cabelo, quando você me arreliaava. Deus do céu, como o tempo voa!

— Como uma das crianças é mais velha do que você, não precisa falar assim, feito uma avó. Gabo-me de ser um “cavalheiro adulto”, como Peggotty

disse de David e, quando você encontrar Amy, vai descobrir que ela é uma criança um tanto precoce — disse Laurie, com um ar divertido, por causa do jeito maternal dela.

— Você pode ser um pouco mais velho em anos, mas sou muito mais em sentimentos, Teddy. As mulheres sempre o são, e este último ano foi tão duro que me sinto com quarenta.

— Pobre Jo! Nós a deixamos suportando tudo sozinha enquanto nos divertíamos. Você está mesmo mais velha; aqui está uma ruga e ali outra; e, quando não sorri, seus olhos parecem tristes. Ao tocar na almofada, há pouco, descobri nela uma lágrima. Você teve de suportar muita coisa, e tudo sozinha. Mas que animal egoísta eu fui! — E Laurie puxou o próprio cabelo, com uma expressão cheia de remorso.

Mas Jo limitou-se a virar a traiçoeira almofada e respondeu, com um tom de voz que tentou tornar completamente alegre:

— Não, eu tinha papai e mamãe para me ajudar, os queridos bebês para me confortar e o pensamento de que você e Amy estavam seguros e felizes, tudo isso tornava os problemas mais fáceis de suportar. Algumas vezes me sinto mesmo sozinha, mas acho que é até bom para mim e...

— Você nunca mais ficará sozinha — interrompeu Laurie, colocando um braço em torno dela, como se quisesse protegê-la contra todos os males

humanos.

— Amy e eu não podemos viver sem você, então você tem de vir ensinar “as crianças” a cuidarem da casa, e partilhar tudo, exatamente como fazíamos. Aceite nossos mimos e todos seremos, juntos, alegremente felizes e afetuosos.

— Se eu não atrapalhar, seria muito agradável. Começo a me sentir muito jovem porque, de alguma forma, todos os meus problemas pareceram sair voando quando você chegou. Você sempre me confortou, Teddy.

E Jo apoiou a cabeça no ombro dele, exatamente como fez anos atrás, quando Beth ficou doente e Laurie disse que se segurasse nele.

Ele a olhou, imaginando se ela se lembrava da ocasião, mas Jo sorria para si mesma como se, na verdade, todos os seus problemas, com a chegada dele, tivessem mesmo desaparecido.

— Você ainda continua a mesma Jo, num minuto derramando lágrimas, no minuto seguinte rindo. Você está com um ar meio malicioso agora. O que é, vovó?

— Estava imaginando como você e Amy se dão, juntos.

— Como dois anjinhos!

— Sim, claro, de início, mas quem manda?

— Não me importo de lhe dizer que é ela, agora, pelo menos, deixo que pense assim — isto a agrada, sabe. Dentro de pouco tempo nos revezaremos,

porque o casamento, segundo dizem, consiste em dividir os direitos e duplicar os deveres.

— A gente continua do jeito como começa, e Amy mandará em você todos os dias de sua vida.

— Ora, ela faz isso de forma tão imperceptível que não creio que vá me incomodar muito. Ela é do tipo de mulher que sabe como mandar bem; na verdade, eu até gosto, porque ela vai levando a gente de forma tão suave que se tem a impressão, o tempo inteiro, de que nos faz um favor.

— E eu, que acabei vendo você se transformar num marido que gosta de ser dominado pela mulher! — exclamou Jo, com as duas mãos erguidas bem alto.

Foi bom ver Laurie endireitar os ombros e sorrir dessa insinuação, com desprezo masculino, ao responder, com seu ar “todo poderoso”:

— Amy é bem-educada demais para isso, e não sou o tipo de homem que se submete a uma coisa dessas. Minha esposa e eu nos respeitamos tanto que não tiranizamos um ao outro nem brigamos nunca.

Jo gostou disso e achou a nova dignidade muito adequada, mas o fato de que o menino parecia transformar-se muito depressa num homem misturou um toque de pesar ao seu prazer.

— Tenho certeza disso. Amy e você nunca brigaram mesmo, como nós

costumávamos brigar. Ela é o sol e eu o vento, como na fábula, e o sol lidava melhor com o homem, lembra?

— Pode acabar com ele, como também iluminá-lo com seus raios — riu

Laurie. — Que carão recebi, em Nice! Dou-lhe minha palavra, foi muito pior do que qualquer uma de suas repreensões; uma verdadeira sacudidela. Contarei tudo a você uma hora dessas; ela nunca contará porque, depois de me dizer que me desprezava e estava envergonhada de mim, acabou dando seu coração ao sujeito desprezível e se casou com um tipo que não presta pra nada.

— Mas que mesquinharia! Ora, se ela abusar de você, então me procure, que o defenderei.

— Estou com um ar de quem precisa, não é? — disse Laurie, levantando-se e assumindo uma atitude que, de repente, mudou de imponente para extasiada, quando se ouviu a voz de Amy, perguntando:

— Onde está ela? Onde está minha querida velha Jo?

A família inteira entrou, em cortejo, e houve novos abraços e beijos gerais; depois de várias tentativas, os três viajantes foram levados a se sentar, para serem examinados e se tornarem objeto de júbilo. O Sr. Laurence, mais robusto e cordial do que nunca, estava tão melhorado quanto os outros, por sua viagem ao exterior, porque o mau humor parecia ter desaparecido quase

completamente e a cortesia antiquada recebera um verniz que lhe conferia um brilho sem precedentes. Era bom vê-lo sorrindo para “meus filhos”, como chamava o jovem par; melhor ainda ver Amy cumprir seus deveres filiais para com ele e demonstrar-lhe o afeto que conquistara inteiramente o velho coração; e, melhor que tudo, ver Laurie movimentar-se em torno dos dois, como se nunca se cansasse de observar o bonito quadro que compunham. No instante em que pôs os olhos em Amy, Meg teve consciência de que seu próprio vestido não tinha um ar parisiense e de que a jovem Sra. Moffat seria inteiramente eclipsada pela jovem Sra. Laurence, porque “sua senhoria”, agora, era uma mulher elegantíssima e extremamente graciosa. Jo pensou, ao observar o par: “Como eles estão com um belo aspecto, juntos! Eu tinha razão, Laurie encontrou a moça bonita e prendada que combinará melhor com sua casa do que a desajeitada velha Jo, e será motivo de orgulho e não de aborrecimento para ele.” A Sra. March e seu marido sorriram e fizeram acenos afirmativos um para o outro, com a felicidade estampada em seus rostos, porque viram que sua filha caçula se saíra bem não apenas em coisas mundanas, mas por conquistar a riqueza superior que são o amor, a confiança e a felicidade.

O rosto de Amy estava cheio da luz suave que transmite um coração pacificado, sua voz ganhara uma nova ternura e as maneiras frias e afetadas

havam mudado para uma dignidade gentil, que era ao mesmo tempo muito feminina e cativante. Nenhuma pequena afetação a alterava, e a doçura cordial de suas maneiras era mais encantadora do que a nova beleza que ganhara, ou do que sua antiga graça, porque a distinguia inconfundivelmente, logo à primeira vista, como a verdadeira dama em que ela sempre esperara transformar-se.

— O amor fez muito por nossa menina — disse sua mãe, baixinho.

— Ela teve um bom exemplo diante de si, a vida inteira, minha querida — sussurrou o Sr. March, com um olhar amoroso para o rosto envelhecido e a cabeça grisalha a seu lado.

Daisy achou impossível desviar os olhos de sua “titia bunitinha”, e se grudou como um cãozinho de estimação à bela chatelaine, tão dotada de sedutores encantos. Demi fez uma pausa para considerar o novo relacionamento, antes de se comprometer com a aceitação precipitada de um suborno, sob a forma de uma família de ursos de madeira de Berna. Um ataque de flanco, porém, provocou uma rendição incondicional, porque Laurie sabia conquistá-lo.

— Meu rapaz, quando tive a honra de lhe ser apresentado, você me bateu no rosto; agora, peço a satisfação de um cavalheiro. E, com isto, o alto tio começou a sacudir e a descabelar o pequeno sobrinho, de uma maneira que

danificou sua dignidade filosófica e, em igual medida, deliciou sua uma infantil.

— Deus do céu, ela tá vistida de seda dos pés à cabeça? Num é uma bela visão, ela aí sentada, elegante feito uma rainha, num vai ser bom ouvir o pessoal chamá a pequena Amy de Senhora Laurence? — resmungou a velha Hannah que não podia resistir a freqüentes olhadas de esguelha, enquanto punha a mesa da maneira mais decididamente promíscua.

Misericórdia, como conversaram! Primeiro um, depois outro, em seguida todos falaram juntos, tentando contar a história de três anos, em meia hora. Felizmente, o chá estava à mão, para provocar uma pausa e proporcionar um reconforto, porque todos ficariam roucos e desmaiariam, se continuassem por muito tempo falando daquele jeito. Que cortejo feliz foi enchendo a pequena sala de jantar! O Sr. March, orgulhosamente, escoltava a “Sra. Laurence”. A Sra. March, com igual orgulho, apoiava-se no braço de “meu filho”. O velho cavalheiro pegou Jo, sussurrando: “Agora, você precisa ser minha menina” e dando uma olhada no canto vazio, junto à lareira, o que fez Jo cochichar, com os lábios trêmulos:

— Tentarei ocupar o lugar dela, senhor.

Os gêmeos cabriolavam atrás, sentindo que chegara uma época de ouro, porque todos estavam tão ocupados com os recém-chegados que eles podiam fazer as travessuras que bem quisessem, e não duvidem que aproveitaram ao

máximo a oportunidade. E não é que tomaram, disfarçadamente, golinhos de chá, enfiaram à vontade pão de mel na boca, pegaram um biscoito quente, cada um e, como infração maior, meteram dentro dos seus minúsculos bolsos uma tortinha, que se grudou ao tecido e se despedaçou traiçoeiramente, ensinando aos dois que tanto a natureza humana quanto a massa das tortas são frágeis? Com a consciência pesada por causa das tortas seqüestradas, e temendo que os olhos penetrantes de Dodo atravessassem o fino disfarce de cambraia e merinó que escondia o produto da pilhagem, os pequenos pecadores agarraram-se com o “Vuvô”, que estava sem óculos. Amy, que passava de mão em mão, como o lanche, voltou para a sala de visitas de braços dados com o Papai Laurence; os demais formaram pares, como antes, e este arranjo deixou Jo desacompanhada. Ela não se importou, naquele instante, porque se demorou por ali, a fim de responder ao ansioso interrogatório de Hannah.

— Será que a Srta. Amy vai passear em seu quipê (cupê) e usar todas aquelas lindas travessas de prata, guardadas há tanto tempo?

— Não me admirarei se ela passear em carruagem puxada por seis cavalos brancos, comer em prato de ouro e usar diamantes e rendas feitas com agulha todos os dias. Teddy acha que nada é bom demais para ela — respondeu Jo, com infinita satisfação.

— Mas que beleza! Você quer picadinho ou bolinhos de peixe para a primeira refeição? — perguntou Hannah que, sabiamente, misturava poesia e prosa.

— Tanto faz.

E Jo fechou a porta, sentindo que comida era um assunto destoante naquele momento. Ficou ali em pé um instante, olhando para o grupo que desaparecia acima e, enquanto as pernas curtas de Demi, com suas calças axadrezadas, esforçavam-se para subir o último degrau, foi tomada por uma repentina sensação de solidão, tão intensa que olhou em torno com a vista turva, como se procurasse alguma coisa em que se apoiar, porque mesmo Teddy a desertara. Se ela soubesse que presente de aniversário estava cada vez mais próximo a cada minuto, não diria a si mesma: “Vou chorar um pouquinho, antes de dormir, agora não ficaria bem me mostrar triste.” Então, passou a mão nos olhos — como se fosse um lenço — e tinha acabado de conseguir convocar um sorriso quando alguém bateu à porta da varanda da frente.

Ela a abriu, com uma pressa hospitaleira, e levou um susto, como se outro fantasma tivesse vindo surpreendê-la, porque ali estava um alto e barbudo cavalheiro, sorrindo para ela, da escuridão, como um sol da meia-noite.

— Ah, Sr. Bhaer, estou tão satisfeita de vê-lo! — exclamou Jo, agarrando-o,

como se temesse que a noite o engolissem antes de poder fazê-lo entrar.

— E eu também, de ver a Srta. Marsch — mas, não, a senhorrita tem uma festa...

E o Professor fez uma pausa, enquanto o som de vozes e o bater de pés que dançavam chegava até eles.

— Não, não temos, é apenas a família. Minha irmã e amigos acabaram de chegar em casa e estamos todos muito felizes. Entre e participe.

Embora fosse um homem muito sociável, acho que o Sr. Bhaer teria ido decorosamente embora e voltaria outro dia; mas, como poderia ele, quando Jo fechou a porta e tomou-lhe o chapéu? Talvez o rosto dela tivesse alguma coisa a ver com isso, porque ela se esqueceu de esconder a felicidade que sentiu ao vê-lo, demonstrando-a com uma franqueza irresistível para o homem solitário, cuja acolhida ultrapassou suas mais ousadas esperanças.

— Se não for o Senhor Penetrerra, ficarei feliz de conhecer a todos. Esteve doente, minha amiga?

Fez a pergunta abruptamente porque, enquanto Jo pendurava seu casaco, a luz bateu no rosto dela e ele pôde verificar como estava mudado.

— Não doente, mas cansada e triste. Tivemos problemas desde que eu o vi pela última vez.

— Ah, sim, eu sei. Senti o coração pesado por sua causa, quando soube o

que aconteceu.

E ele tornou a lhe apertar a mão, com um rosto tão simpático que Jo sentiu que nenhum conforto igualaria uma mirada de seus olhos bondosos e um aperto da mão grande e calorosa.

— Papai, mamãe, este é meu amigo, Professor Bhaer — disse ela, com um rosto e um tom de voz que demonstravam um orgulho e um prazer tão incontidos que ela poderia ter soprado uma trombeta e aberto a porta com um floreio.

Se o estranho tivesse quaisquer dúvidas sobre sua acolhida, terminaram num minuto, com as cordiais boas-vindas que recebeu. Todos o cumprimentaram generosamente, em primeiro lugar por causa de Jo, mas logo gostaram dele por si próprio. Era impossível evitar, porque ele carregava o talismã que abre todos os corações, e aquelas pessoas simples interessaram-se por ele de imediato, sentindo ainda mais amizade pelo fato de ele ser pobre; porque a pobreza enriquece aqueles que vivem acima dela e é um passaporte seguro para os espíritos verdadeiramente hospitaleiros. O Sr. Bhaer sentou-se, olhando em torno, com o ar de um viajante que bate em porta estranha e, quando ela se abre, descobre que está em casa. As crianças foram até ele como abelhas atraídas por um pote de mel e, instalando-se em cada joelho, começaram a cativá-lo, esvaziando-lhe os bolsos, puxando-lhe a barba e

examinando seu relógio, com audácia juvenil. As mulheres telegrafaram sua aprovação umas para as outras e o Sr. March, sentindo que conseguira um espírito irmão, usou o melhor do seu repertório em benefício do convidado, enquanto o silencioso John ouvia e aproveitava a conversa, mas não dizia uma palavra, e o Sr. Laurence achava impossível ir dormir.

Se Jo não estivesse ocupada com outras coisas, o comportamento de Laurie a divertiria; porque um leve toque, não de ciúme, mas de algo parecido com desconfiança, fez com que o cavalheiro, inicialmente, ficasse meio distante e observasse o recém-chegado com reserva fraterna. Mas isto não durou muito. Ele acabou, à sua própria revelia, por se interessar pela conversa e, antes mesmo de se dar conta, foi atraído para o círculo; porque o Sr. Bhaer falava bem, naquela atmosfera afável, e fez justiça a si mesmo. Raramente se dirigia a Laurie, mas o olhava com frequência, e uma sombra passava por seu rosto, como se lamentasse sua própria juventude perdida, enquanto observava o rapaz na plenitude do seu vigor. Depois, seu olhar se voltava para Jo, tão ansiosamente, que ela com certeza teria respondido à muda pergunta, se o visse; mas Jo precisava controlar seus próprios olhos e, sentindo que não podia confiar neles, prudentemente os mantinha fixos na pequena meia que tricotava, como uma tia solteira modelo.

Uma olhada furtiva, de vez em quando, a reanimava, como pequenos goles

de água fresca depois de uma caminhada no meio da poeira, porque as espiadas lhe mostravam vários bons augúrios. O rosto do Sr. Bhaer perdera sua expressão distraída e parecia, no presente momento, muito vivo, cheio de interesse, na verdade jovem e bonito, ela pensou, esquecendo-se de compará-lo com Laurie, como geralmente fazia com homens estranhos, em grande detrimento deles. Depois, ele parecia completamente inspirado, embora os hábitos funerários dos antigos, para os Quais a conversa se voltara, talvez não fosse considerado um assunto divertido. Jo resplandeceu de triunfo, quando Teddy foi derrotado numa discussão e pensou consigo mesma, observando o rosto absorto de seu pai: “Como ele gostaria de ter um homem como meu Professor para conversar todos os dias!” Finalmente, o Sr. Bhaer estava com um novo terno preto, que o fazia parecer mais do que nunca um cavalheiro. Seu cabelo eriçado fora cortado e bem escovado mas não ficou muito tempo penteado porque, nos momentos de excitação, ele o desgrenhava, da maneira engraçada como estava acostumado a fazer; e Jo gostava do seu cabelo assim loucamente eriçado, muito mais do que alisado, achando que assim a bela testa do professor ficava parecida com a de Júpiter. Pobre Jo, como ela glorificou aquele homem simples, ali sentada, tricotando sem parar, tão silenciosa, mas não deixando que nada lhe escapasse, nem mesmo o fato de que o Sr. Bhaer tinha abotoaduras de ouro nos punhos imaculados de sua

camisa.

— Querido velho sujeito! Tão arrumado que parece pronto para fazer a corte a alguém! — disse Jo de si para consigo e, então, um repentino pensamento, nascido das palavras, fizeram-na corar tão terrivelmente que teve de deixar cair o bolo de lã e mergulhar atrás dele, para esconder o rosto.

Mas a manobra não foi tão bem-sucedida quanto ela esperava; porque, metaforicamente falando, exatamente no ato de atear fogo a uma pira funerária, o professor deixou cair sua tocha, e também mergulhou atrás do pequeno bolo de lã azul. Claro que bateram as cabeças com força uma na outra, viram estrelas e se levantaram, ambos corados e rindo, sem o bolo, voltando em seguida para seus assentos, com o desejo de jamais terem saído deles.

Ninguém sabia até quando iria a noitada, porque Hannah, habilidosamente, levou as crianças muito cedo, os dois cabeceando como duas papoulas rosadas, e o Sr. Laurence foi para casa descansar. Os outros sentaram-se em torno da lareira, conversando sem parar, sem prestar a menor atenção à passagem do tempo, até que Meg, cuja mente materna estava imbuída da firme convicção de que Daisy caíra da cama e Demi, enquanto analisara a estrutura dos fósforos, pusera fogo em sua roupa de dormir, fez um movimento para ir embora.

— Devemos cantar, da boa maneira antiga, porque estamos todos juntos novamente — disse Jo, sentindo que um bom grito seria uma forma segura e agradável de dar vazão às jubilosas emoções de sua alma.

Não estavam todos ali. Mas ninguém achou que as palavras eram impensadas ou falsas; porque Beth parecia estar ainda entre eles, uma presença pacífica, invisível, porém mais querida do que nunca, porque a morte não podia romper o laço doméstico que o amor tornava indissolúvel. A cadeirinha estava em seu antigo lugar; a cesta bem arrumada, com o pouquinho de trabalho que ela deixara inacabado, quando a agulha ficou “tão pesada”, permanecia ainda em sua prateleira habitual; o amado instrumento, no qual agora raramente alguém punha as mãos, não fora movido de seu lugar; e, lá em cima, o rosto de Beth, sereno e sorridente, como nos primeiros tempos, olhava para eles, lá embaixo, parecendo dizer: “Sejam felizes. Eu estou aqui.”

— Toque alguma coisa, Amy, deixe que eles ouçam e sintam como você melhorou — disse Laurie, com perdoável orgulho de sua promissora aluna. Mas Amy sussurrou, com os olhos cheios de lágrimas, enquanto girava o banquinho desbotado:

— Esta noite, não, querido. Não posso me exhibir esta noite.

Mas ela mostrou alguma coisa melhor do que o brilho ou a habilidade,

porque cantou as canções de Beth, com uma música terna em sua voz, que o melhor mestre não poderia ensinar, e tocou os corações de seus ouvintes com um poder mais doce do que qualquer outra inspiração lhe poderia dar. A sala estava muito silenciosa, quando a voz clara falhou de repente, no último verso do hino favorito de Beth. Era difícil dizer:

A terra não tem nenhuma dor que o céu não possa curar; e Amy apoiou-se em seu marido, que estava em pé atrás dela, sentindo que sua recepção em casa não era inteiramente Perfeita sem o beijo de Beth.

— Agora, devemos encerrar com a canção de Mignon, porque o Sr. Bhaer sabe cantá-la — disse Jo, antes que a pausa se tornasse dolorosa. E o Sr. Bhaer pigarreou, com um gratificado “Hem!”, enquanto caminhava para o canto onde estava Jo e dizia:

— Cantará comigo? Cantamos muito bem juntos.

Uma ficção agradável, porque Jo entendia de música tanto quanto um gafanhoto. Mas ela consentiria até em cantar uma ópera inteira, se ele propusesse, e soltou loucos trinados, com uma alegria que não a deixava pensar nem na hora nem na afinação. Mas não teve muita importância, porque o Sr. Bhaer cantava como um verdadeiro alemão, calorosamente, muito bem, e Jo logo baixou de tom, passando para um murmúrio contido, a fim de ouvir a voz madura que parecia cantar só para ela.

Conhece você a terra onde floresce a cidra,
era o verso favorito do Professor, porque “das Land” (a terra) para ele era a
Alemanha; mas agora ele parecia demorar, com calor e melodia peculiares,
nas palavras:

Para lá, ah, para lá, possa eu contigo,

Ó minha amada, partir

E uma ouvinte ficou tão emocionada com o terno convite que teve vontade
de dizer que conhecia a terra e partiria alegremente para lá, em qualquer
ocasião que ele quisesse.

A canção foi considerada um grande sucesso, e o cantor retirou-se coberto
de louros. Mas, alguns minutos depois, ele se esqueceu inteiramente de suas
maneiras e olhou fixamente para Amy, que punha seu chapéu; porque ela fora
apresentada, simplesmente, como “minha irmã” e ninguém a chamara por seu
novo nome, desde que ele entrou. Ele se abstraiu ainda mais quando Laurie
disse, com seu jeito mais cortês, ao partir:

— Minha esposa e eu estamos muito satisfeitos de conhecê-lo, senhor. Por
favor, lembre-se de que será sempre bem recebido, quando passar por aqui.

Então o Professor agradeceu-lhe de forma tão cordial, e pareceu tão
repentinamente iluminado de satisfação, que Laurie achou-o o velho sujeito
mais encantadoramente expansivo que já conhecera.

— Também vou embora, mas ficarei muito satisfeito de voltar, se me der licença, querida madame, porque um pequeno negócio na cidade me manterá aqui alguns dias.

Dirigiu-se à Sra. March, mas olhou para Jo; e a voz materna deu um consentimento tão caloroso quanto os olhos da filha, porque a Sra. March não era tão cega para os interesses de suas meninas quanto supunha a Sra. Moffat.

— Acho que esse é um homem sábio — comentou o Sr. March, com plácida satisfação, lá de perto da lareira, depois que a última visita foi embora.

— Sei que ele é bom — acrescentou a Sra. March, com decidida aprovação, enquanto dava corda no relógio.

— Achei que gostariam dele — foi tudo que disse Jo, enquanto saía furtivamente, indo para sua cama.

Ficou imaginando que negócio seria aquele que trouxera o Sr. Bhaer à cidade e, afinal, decidiu que fora indicado para receber uma grande honraria, em alguma parte, mas era modesto demais para mencionar o fato. Se ela visse o rosto dele quando, protegido em seu próprio quarto, olhou para a foto de uma severa e empertigada moça, com um cabelo cheio, que parecia fitar sombriamente o futuro, talvez isto tivesse esclarecido um pouco o assunto, sobretudo quando ele desligou o gás e beijou a foto na escuridão.

Capítulo 44

Meu Senhor e Minha Senhora

— Por favor, Madame Mamãe, poderia emprestar-me minha mulher por meia hora? A bagagem chegou e estou fazendo a maior confusão com os enfeites franceses de Amy, tentando encontrar algumas coisas que quero — disse Laurie, entrando na manhã seguinte e encontrando a Sra. Laurence sentada no colo de sua mãe, como se fosse de novo “o bebezinho”.

— Sem dúvida. Vá, querida, esqueci-me de que você tem outra casa além desta.

E a Sra. March apertou a mão branca que usava a aliança, como se pedisse perdão por sua avidez maternal.

— Eu não deveria vir até cá, se pudesse evitar; mas não posso viver sem minha mulherzinha, da mesma forma como...

— Um cata-vento não passa sem o vento — sugeriu Jo, quando ele fez uma pausa, à procura de uma comparação.

Jo voltara a ser a brincalhona de sempre, desde que Teddy voltara para casa.

— Exatamente, porque Amy me mantém, a maior parte do tempo, apontando diretamente para oeste, com apenas uma ocasional virada para o sul, e não tive ainda nenhum intervalo em direção a leste, desde que me casei;

nada sei sobre o norte, mas estou completamente saudável e cheiroso, não é mesmo, minha senhora?

— Tempo lindo, até agora; não sei quanto tempo durará, mas não tenho medo das tempestades, porque estou aprendendo a fazer meu navio navegar. Vamos para casa, querido, e encontrarei sua calçadeira; acho que é atrás dela que você está remexendo em minhas coisas. Os homens são tão desamparados, mamãe — disse Amy, com um tom matronal que encantou seu marido.

— O que vão fazer depois que se instalarem? — perguntou Jo, abotoando o casaco de Amy, como costumava, antigamente, abotoar seus babadouros.

— Temos nossos planos; não pretendemos dizer ainda muita coisa sobre eles, porque somos tão novatos no casamento, mas nossa intenção não é a de ficarmos ociosos. Vou entrar nos negócios com uma dedicação que encantarà vovô e provarei a ele que não sou mimado. Preciso de alguma coisa desse tipo para me manter firme. Estou cansado de vadiar e pretendo trabalhar como um homem.

— E Amy, o que vai ela fazer? — perguntou a Sra. March, bem satisfeita com a decisão de Laurie, e também com a energia com que ele falou.

— Depois de cumprir nossos deveres de cortesia e de desfilar por aí nossas melhores roupas, vamos espantar vocês com as elegantes recepções

que daremos em nossa mansão, com a brilhante companhia que atrairemos para perto de nós e com a influência benéfica que exerceremos sobre o mundo, de forma geral. É mais ou menos isso, não, Madame Récamier? — perguntou Laurie, lançando para Amy um olhar perplexo.

— O tempo mostrará. Vamos embora, Impertinente, e não choque minha família me chamando por apelidos na cara deles — respondeu Amy, decidindo que haveria um lar, com uma boa esposa dentro dele, antes que ela mantivesse um salon, como uma rainha da sociedade.

— Como essas crianças parecem felizes juntas! — observou o Sr. March, achando difícil absorver-se em seu Aristóteles depois que o jovem casal foi embora.

— Sim, e acho que durará — acrescentou a Sra. March, com a expressão tranqüila de um piloto que levou um navio com segurança até o porto.

— Sei que sim. Feliz Amy!

E Jo suspirou, depois sorriu animadamente, quando o Professor Bhaer abriu o portão com um empurrão impaciente.

Mais tarde, aquela noite, quando já estava mais tranqüilo com relação à calçadeira, Laurie disse de repente a sua esposa, que estava esvoaçando de um lado para outro rumando seus novos tesouros artísticos:

— Sra. Laurence.

— Meu senhor!

— Aquele homem pretende casar-se com nossa Jo!

— Espero que sim, você não, querido?

— Bom, meu amor, eu o considero ótimo sujeito, no sentido mais pleno dessa expressão, mas gostaria que fosse um pouquinho mais jovem e muito mais rico.

— Ora, Laurie, não seja exigente demais e tão voltado para as coisas mundanas. Se eles se amam, não tem a menor importância se são pobres ou não. As mulheres jamais deveriam casar-se por dinheiro... — Amy interrompeu-se de repente, quando as palavras lhe escaparam, e olhou para seu marido, que respondeu com maliciosa seriedade:

— Claro que não, embora a gente às vezes ouça moças encantadoras dizendo que pretendem fazer isso. Se não me falha a memória, certa vez você achou que era seu dever fazer um casamento rico; isto explica, talvez, o fato de você se casar com um imprestável como eu.

— Ah, meu queridíssimo rapaz, não, não diga isso! Eu me esqueci de que você era rico quando disse “Sim”. Teria casado com você mesmo que não tivesse um só tostão e, algumas vezes, sinto vontade de que você fosse pobre para eu poder mostrar quanto o amo.

E Amy, que tinha uma atitude muito digna em público e, em particular,

muito amorosa, deu provas convincentes da verdade de suas palavras.

— Você, realmente, não pensa que sou uma criatura tão mercenária quanto tentei ser, certa vez, não é? Partiria meu coração se você não acreditasse que eu, alegremente, remaria no mesmo barco que você, mesmo que tivesse de ganhar sua vida remando no lago.

— Será que sou um idiota, um insensível? Como poderia pensar uma coisa dessas, quando você rejeitou um homem mais rico por minha causa e, agora, não quer me deixar lhe dar nem metade do que desejo, quando tenho esse direito. As moças fazem isso todos os dias, coitadinhas, e são ensinadas a pensar que essa é a única salvação para elas; mas você recebeu lições melhores e, embora eu tremesse por sua causa, daquela vez não fiquei desapontado, porque a filha foi fiel aos ensinamentos da mãe. Eu disse isso ontem a Mamãe, e ela fez um ar tão satisfeito e agradecido como se eu lhe tivesse dado um cheque de um milhão para ser gasto com caridade. Mas você não está ouvindo meus comentários morais, Sra. Laurence.

E Laurie fez uma pausa, porque os olhos de Amy estavam com uma expressão distraída, embora fixos no rosto dele.

— Sim, estou, e admiro, ao mesmo tempo, a covinha em seu queixo. Não quero deixar você vaidoso, mas devo confessar que estou mais orgulhosa do meu belo marido do que de todo seu dinheiro. Não ria, mas seu nariz me

conforta tanto.

E Amy, suavemente, acariciou as feições bem talhadas, com satisfação artística.

Laurie recebera muitos cumprimentos em sua vida, mas nenhum que lhe agradasse tanto, como claramente demonstrou, embora se pusesse a rir do gosto singular de sua mulher, enquanto ela dizia vagarosamente:

— Posso lhe fazer uma pergunta, querido?

— Claro que pode.

— Você se importará se Jo se casar com o Sr. Bhaer?

— Ah, então é esse o problema, não? Pensei que houvesse alguma coisa na covinha que não lhe agradasse. Não sendo um pobre coitado, mas o sujeito mais feliz do mundo, garanto-lhe que posso dançar no casamento de Jo com um coração tão leve quanto meus calcanhares. Duvida disso, querida?

Amy olhou-o e ficou satisfeita; seu último pequeno temor ciumento desapareceu para sempre, e ela lhe agradeceu, com o rosto cheio de amor e confiança.

— Gostaria que pudéssemos fazer alguma coisa para aquele excelente velho Professor. Será que não poderíamos inventar um parente rico, que morreria de bom grado lá na Alemanha, deixando para ele uma apreciável fortunazinha? — disse Laurie, quando começaram a caminhar de um lado Para

outro da longa sala de visitas, de braços dados, como gostavam de fazer, em memória do jardim do château.

— Jo descobriria o que fizemos e isso estragaria tudo; ela tem muito orgulho dele, exatamente como ele é, e disse ontem que acha a pobreza uma coisa bela.

— Valha-me Deus! Ela não vai pensar assim, quanto tiver um marido literato e uma dúzia de pequenos professores e professorinhas para sustentar. Não vamos interferir agora, mas esperaremos nossa oportunidade e faremos um benefício a eles, à sua própria revelia. Devo a Jo uma parte de minha educação, e ela acredita que as pessoas devem pagar honestamente suas dívidas; então, com base nisso, vou encontrar um jeito de engabelá-la.

— Como é maravilhoso poder ajudar os outros, não é? Este foi sempre um dos meus sonhos, ter o poder de dar livremente; e, graças a você, o sonho se tornou realidade.

— Ah, faremos muita coisa boa, não? Há uma espécie de pobreza que tenho um prazer especial em ajudar. Os mendigos, desprovidos de tudo, recebem cuidados, mas as pessoas pobres e bem nascidas passam mal, porque não querem pedir e ninguém ousa oferecer caridade; há, porém, mil maneiras de ajudá-las, quando se sabe fazer isso tão delicadamente que não ofende. Devo dizer que gosto mais de servir a um cavalheiro empobrecido do

que a um mendigo bajulador; acho que é errado, mas faço isso, mesmo sendo difícil.

— É porque só um cavalheiro poderia fazer isso — acrescentou o outro membro da sociedade doméstica de admiradores.

— Obrigada, temo não merecer esse belo elogio. Mas ia dizer que, enquanto vadiava lá no exterior, vi uma porção de jovens talentosos fazendo todo tipo de sacrifícios e suportando verdadeiras dificuldades, para poderem realizar seus sonhos. Esplêndidos sujeitos, alguns deles trabalhando como heróis, pobres e sem amigos, mas tão cheios de coragem, paciência e ambição que fiquei envergonhado de mim mesmo e tive muita vontade de lhes dar uma boa e justa ajuda. Essas são pessoas às quais é uma satisfação ajudar; porque, se forem dotados de gênio, é uma honra ter a permissão de servi-los e não deixar que isso se perca por falta de combustível para manter o caldeirão fervendo; se não forem dotados, é um prazer confortar essas pobres almas e impedir que se desesperem, quando descobrirem.

— Sim, é verdade, e existe outra classe que não pode pedir e sofre em silêncio. Sei alguma coisa a respeito porque pertencia a ela, antes que você me transformasse numa princesa, como o rei faz com a jovem mendiga na velha história. As moças ambiciosas passam momentos difíceis, Laurie, e são obrigadas, muitas vezes, a deixar passar a juventude, a saúde e preciosas

oportunidades, exatamente por falta de uma pequena ajuda no momento certo. As pessoas têm sido muito bondosas comigo; e, sempre que vejo moças lutando sozinhas, como costumávamos fazer, sinto o desejo de estender a mão e ajudá-las, como fui ajudada.

— E deve mesmo, porque você é um anjo! — exclamou Laurie, resolvendo, no ardor do seu zelo filantrópico, fundar e financiar uma instituição destinada expressamente a beneficiar moças com tendências artísticas.

— As pessoas ricas não têm nenhum direito de ficar passivamente divertindo-se, ou deixar que seu dinheiro se acumule para outros aproveitarem. É bem menos sensato deixar heranças, quando se morre, do que usar o dinheiro sabiamente, enquanto se está vivo, e ter o prazer de tornar felizes, com ele, as demais criaturas humanas. Nós mesmos nos divertiremos e acrescentaremos um deleite maior ao nosso próprio prazer, oferecendo aos outros uma provada generosa. Quer ser uma pequena Dorcas, andando de um lado para outro e esvaziando uma grande cesta de confortos, enquanto a enche, ao mesmo tempo, com as boas ações?

— Com o maior prazer, se você for um bravo São Martinho, parando, enquanto cavalga intrepidamente pelo mundo, para partilhar seu casaco com o mendigo.

— Está feito o trato, e o aproveitaremos ao máximo!

Então, o jovem casal apertou as mãos, selando o acordo, e depois continuaram, muito felizes, a caminhar de um lado para outro, sentindo que sua casa agradável tinha mais jeito de lar porque esperavam alegrar outros lares, acreditando que seus próprios pés caminhariam com mais firmeza pelo caminho florido diante deles, se desobstruíssem os caminhos difíceis que outros pés deveriam trilhar, e sentindo que seus corações estavam mais intimamente ligados por aquele amor capaz de lembrar ternamente os menos favorecidos.

Capítulo 45

Daisy e Demi

Não posso sentir que cumpri meu dever, como humilde historiadora da família March, se não dedicar pelo menos um capítulo a seus dois membros mais preciosos e importantes. Daisy e Demi haviam então chegado à idade do discernimento; porque, nestes tempos velozes, as criancinhas de três ou quatro anos afirmam seus direitos e conseguem mesmo que sejam respeitados, o que nem sempre ocorre com muitas pessoas mais velhas. Nunca houve um par de gêmeos que corresse mais risco de ser profundamente estragado pela adoração do que aqueles Brookes tagarelas. Claro que eram as crianças mais notáveis que já existiram, como ficará demonstrado quando eu mencionar que caminharam com oito meses, falaram fluentemente com doze e, aos dois anos,

ocuparam seus lugares à mesa e se comportaram com uma correção que encantou a todos que os observavam. Aos três, Daisy pediu uma “agulha” e realmente fez uma bolsa, com quatro pontos; também gostava de brincar de dona-de-casa no aparador e lidava com um microscópico fogão com uma habilidade que fazia os olhos de Hannah se encherem de lágrimas de orgulho, enquanto Demi aprendia a ler com o avô, que inventou um novo método de ensinar o alfabeto, formando as letras com os braços e as pernas, e assim também fazendo ginástica para a cabeça e os calcanhares. O menino cedo desenvolveu uma genialidade para a mecânica que encantava seu pai e distraía sua mãe, porque ele tentava imitar todas as máquinas que via e mantinha seu quarto em estado caótico, com sua “enroladeira” — uma misteriosa estrutura com barbantes, cadeiras, pegadores de roupa e carretéis, para que “as rodas fossem enrolando”; também havia uma cesta pendurada nas costas de uma cadeira, para dentro da qual ele inutilmente tentou içar sua excessivamente confiante irmã que, com devoção feminina, permitiu que sua cabecinha batesse no chão, até ela ser socorrida, quando o jovem inventor comentou, indignado:

— Ora, mamãezinha, é minha caluagem e tô tentando levá ela pra cima.

Embora com personalidades muito diferentes, os gêmeos se davam notavelmente bem e raramente discutiam mais do que três vezes por dia.

Claro, Demi tiranizava Daisy e bravamente a defendia contra qualquer outro agressor, enquanto Daisy fazia de si mesma uma escrava e adorava o irmão como a única criatura perfeita do mundo. Uma criaturinha rosada, gorducha e radiante, que abria caminho para o coração de todos e lá se aninhava. Uma dessas crianças cativantes, que parecem feitas para serem beijadas e acarinhadas, enfeitadas e adoradas como pequenas deusas e, em todas as ocasiões festivas, arrumadas para aprovação geral. As virtudezinhas dela eram tão doces que seria um verdadeiro anjinho, se algumas pequenas teimosias não a mantivessem encantadoramente humana. Em seu mundo, o tempo estava sempre bom e, todas as manhãs, ela subia na janela, com sua camisolinha de dormir e, olhando para fora, dizia: “Ah, que dia bunito, ah, que dia bunito!” Todo mundo para ela era amigo e oferecia beijos a um estranho com tanta confiança que o solteirão mais inveterado vacilava e quem gostava de criança se tornava um adorador ainda mais fiel.

— Eu gostá de todos! — disse, certa vez, abrindo os braços, com sua colher numa das mãos e seu caneco na outra, como se estivesse ansiosa para abraçar e alimentar o mundo inteiro.

Enquanto ela crescia, sua mãe começou a sentir que o Pombal seria abençoado pela presença de uma moradora tão serena e amorosa como aquela que ajudara a tornar a velha casa um lar, e a rezou para ser poupada

de uma perda como aquela que, ultimamente, lhes ensinava por quanto tempo, sem perceber, haviam acolhido um anjo. Seu avô muitas vezes a chamava de “Beth”, e a avó a observava o tempo inteiro, com incansável devoção, como se quisesse compensar algum erro passado, que nenhum olho a não ser o seu enxergaria.

Demi, como verdadeiro ianque, tinha uma natureza inquisitiva, querendo saber de tudo e, freqüentemente, ficando muito perturbado por não poder obter respostas satisfatórias para seu perpétuo:

— Para que é?

Também tinha tendências filosóficas, para grande deleite de seu avô, que costumava manter conversas socráticas com ele, nas quais o precoce aluno, de vez em quando, confundia seu professor para indisfarçável satisfação das mulheres.

— O que faz minhas pernas caminharem, vuvô? — perguntou o jovem filósofo, examinando com ar meditativo aquelas ativas partes de sua constituição, enquanto descansava, depois de uma folia na hora de ir dormir, certa noite.

— É a sua mentezinha, Demi — respondeu o sábio, acariciando respeitosamente a loura cabeça.

— O que é pequena mintizinha?

— É uma coisa que faz seu corpo se mover, como a mola fazia as rodas do meu relógio rodarem, quando mostrei a você.

— Me abra. Quero ver como dá corda.

— Não posso fazer isso, do mesmo jeito como você também não podia abrir o relógio. É Deus quem dá corda em você, e você vai funcionando até que Ele o faz parar.

— Funciono? — E os olhos castanhos de Demi ficaram maiores e mais brilhantes, enquanto ele absorvia o novo pensamento. — Então me deram corda, como o relógio?

— Sim, mas não posso mostrar a você como, porque é feito sem a gente ver.

Demi passou a mão nas costas, como se esperasse encontrar alguma coisa parecida com o que havia no relógio; depois comentou, muito sério:

— Acho que Deus faz isso quando tô dormindo.

Seguiu-se uma cuidadosa explicação, que ele escutou tão atentamente a ponto de sua ansiosa avó dizer:

— Querido, acha aconselhável falar dessas coisas com um menino tão pequeno? Ele está ficando com os olhos inchados e aprendendo a fazer as perguntas mais irrespondíveis.

— Se ele tem idade suficiente para fazer as perguntas, então também tem

idade suficiente para receber respostas verdadeiras. Não estou colocando os pensamentos em sua cabeça, mas ajudando-o a desdobrar os que já estão lá. Essas crianças são mais sábias do que nós e não tenho dúvidas de que o menino entende todas as palavras que eu lhe falo. Ora, Demi, me diga onde é que fica sua mente?

Se o menino tivesse respondido, como Alcibíades: “Pelo amor dos deuses, Sócrates, não sei dizer”, seu avô não se surpreenderia; mas, depois de ficar em pé um momento em cima de uma perna só, como uma jovem cegonha meditativa, quando ele respondeu, com um tom de calma convicção: “Em minha barriguinha”, o velho cavalheiro não conseguiu rir junto com a vovó e interrompeu a aula de metafísica.

Poderia haver motivo para preocupação materna, se Demi não desse provas convincentes de que era um verdadeiro menino, embora sendo, ao mesmo tempo, um filósofo iniciante; porque, muitas vezes, depois de uma discussão que fazia Hannah profetizar, com agourentos acenos de cabeça, “Esta criança não é deste mundo”, ele dava meia-volta e acalmava os temores dela com algumas travessuras com as quais os queridos, sujos e teimosos malandrinhos se distraem e deliciam as almas dos seus pais.

Meg estabeleceu muitas regras morais e tentava mantê-las, mas que mãe consegue resistir aos vitoriosos artifícios, às engenhosas evasões ou à

tranqüila audácia dos homens e mulheres em miniatura que tão cedo se mostram consumados Trapaceiros-Peritos?

— Chega de passas, Demi, vão deixar você enjoado — diz a mamãe à jovem pessoa que oferece seus serviços na cozinha, com infalível regularidade, nos dias em que está sendo feito um pudim de ameixas.

— Eu gostá de ficá injuado.

— Mas eu não vou deixar que fique; então saia daqui, correndo, e vá ajudar Daisy a fazer empadinhas.

Demi parte, relutante, mas seus erros pesam em seu espírito e pouco depois surge uma oportunidade para repará-los; e ele leva a melhor com a mamãe, através de um acordo astuto.

— Agora que foram crianças boazinhas, vou brincar de qualquer coisa que quiserem — diz Meg, enquanto leva seus ajudantes de cozinha para o andar de cima, com o pudim balançando-se a salvo na panela.

— É mesmo, mãezinha? — pergunta Demi, com uma brilhante idéia em sua cabeça bem dotada.

— Sim, é verdade; o que quiserem — responde a mãe pouco avisada, preparando-se para cantar Os três gatinhos meia dúzia de vezes seguidas, ou levar a família para “comprar um pãozinho de um tostão”, apesar do vento e das pernas cansadas. Mas Demi a encurralou, com a fria resposta:

— Então, vamos comer todas as passas.

Tia Dodo era a principal companheira de brincadeiras e confidente das crianças, e o trio virava a casinha de pernas pro ar. Tia Amy ainda era apenas um nome para eles, tia Beth logo se desfez numa lembrança agradavelmente vaga, mas tia Dodo era uma realidade viva, e eles aproveitavam ao máximo sua companhia, um cumprimento pelo qual ela se sentia profundamente grata.

Mas, quando chegou o Sr. Bhaer, Jo deixou de lado seus companheiros de brincadeiras, e o susto e a desolação tomaram conta de suas almazinhas.

Daisy, que gostava de andar de um lado para outro mascateando beijos, perdeu sua melhor cliente e entrou em bancarrota; Demi, com infantil penetração, logo descobriu que Dodo gostava de brincar com “o homem-urso” mais do que com ele; mas, embora magoado, escondeu seu pesar, porque não tinha coragem de insultar um rival com uma mina de pastilhas de chocolate no bolso do colete e um relógio que podia ser tirado de seu invólucro e sacudido livremente por ardentes admiradores.

Algumas pessoas poderiam considerar essas agradáveis liberdades como subornos, mas Demi não via as coisas sob essa luz e continuou a tratar o “homem-urso” com pensativa afabilidade, enquanto Daisy lhe concedia seus pequenos gestos afetuosos à terceira chamada e considerava o ombro do Professor Bhaer seu trono, o braço seu refúgio, os presentes, tesouros de valor

inigualável.

Os cavalheiros, algumas vezes, são tomados por repentinos acessos de admiração pelos jovens parentes das damas que honram com sua consideração; mas essa simulação de paternal amor pela descendência causa constrangimento e não engana absolutamente ninguém. A devoção do Sr. Bhaer era sincera e também eficaz — porque a honestidade é a melhor política no amor como na lei; ele era um desses homens que ficam à vontade com as crianças e tinha um aspecto especialmente bom quando rostinhos faziam um agradável contraste com o seu rosto viril. Seu negócio, fosse qual fosse, o detinha dias sucessivos, mas raramente, à noite, ele deixava de aparecer para ver — bom, ele sempre perguntava pelo Sr. March, então suponho que fosse ele o atrativo. O excelente papai agia sob a ilusão de que era ele e se deliciava em longas discussões com o espírito irmão, até que uma observação casual de seu neto, que era mais observador, de repente o esclareceu.

O Sr. Bhaer entrou, certa noite, e fez uma pausa na entrada do gabinete, espantado pelo espetáculo com que seus olhos se depararam. De bruços no chão estava o Sr. March, com suas respeitáveis pernas no ar e, ao lado dele, igualmente de bruços, estava Demi, tentando imitar a atitude com suas perninhas curtas, cobertas por umas meias vermelhas, ambos prostrados tão seriamente absortos que não se deram conta de que havia espectadores, até

que o Sr. Bhaer soltou sua sonora risada e Jo exclamou, com um rosto escandalizado:

— Papai, papai, aqui está o Professor!

As pernas vestidas de preto foram baixadas e elevou-se a cabeça grisalha, enquanto o preceptor dizia, com imperturbável dignidade:

— Boa noite, Sr. Bhaer. Peço que me dê licença por um momento, por favor; estamos terminando nossa lição. Agora, Demi, faça a letra e diga o nome dela.

— Conheço essa letra!

E, depois de esforços convulsivos, as pernas vermelhas tornaram a forma de um par de compassos e o inteligente aluno gritou, triunfalmente:

— É um W, Vuvô, é um W!

— Ele é um Weller nato — riu Jo, enquanto seu pai se recompunha e seu sobrinho tentava ficar de pernas para o ar apoiado na cabeça, a única maneira de expressar sua satisfação pelo fato de a escola ter-se encerrado.

— Por onde andou hoje, bübchen? — perguntou o Sr. Bhaer, levantando o ginasta.

— Eu foi ver a pequena Mary.

— E o que fez você lá?

— Eu beijei ela — começou Demi, com uma franqueza simples.

— Orrra! Então, está começando cedo. E o que disse a pequena Mary diante disso? — perguntou o Sr. Bhaer, continuando a confessar o jovem pecador, que estava em cima do seu joelho, explorando o bolso do colete.

— Ah, ela gostou e ela me beijou e eu gostei. Meninos gostam de meninas, não? — acrescentou Demi, com a boca cheia de um ar de meiga satisfação.

— Que criança incrível! Como meteu isso na cabeça? — disse Jo, gostando tanto quanto o Professor da inocente revelação.

— Num tá em minha cabeça, tá em minha boca — respondeu o literal Demi, estendendo a língua, com uma pastilha de chocolate em cima, porque pensou que ela se referia ao doce, não às idéias.

— Você prrrecisa guardar algumas para sua amiguinha: doces para a doçura, homenzinho.

E o Sr. Bhaer ofereceu algumas a Jo, com um olhar que a fez imaginar se não seria o chocolate o néctar que os deuses bebiam. Demi também viu o sorriso, ficou impressionado com ele e perguntou, com simplicidade:

— Os meninos crescidos também gostam de meninas crescidas, não é, Fessô?

Como o jovem Washington, o Sr. Bhaer “não conseguia dizer uma mentira”, então deu uma resposta algo vaga, disse que achava que algumas vezes gostavam mesmo, isto com um tom de voz que fez o Sr. March guardar sua

escova de roupas, olhar para o rosto de Jo, que se retirava, e, depois, afundar em sua cadeira, com um ar de que a “criança precoce” pusera em sua cabeça uma idéia ao mesmo tempo doce e amarga.

Por que Dodo, quando ela o pegou no armário de guardar louça, meia hora depois, quase tirou o fôlego do seu corpinho, com um abraço terno, em vez de lhe dar uma sacudida, por estar ali, e por que ela fez seguir-se à nova maneira de agir a oferta de um inesperado presente, uma grande fatia de pão com geléia, este permaneceu como um dos problemas que fizeram Demi dar tratos à sua cabecinha e ser forçado a deixar para sempre insolúveis.

Capítulo 46

Debaixo do Guarda-Chuva

Enquanto Laurie e Amy davam caminhadas conjugais em cima de tapetes de veludo, pondo em ordem a casa e planejando um futuro feliz, o Sr. Bhaer e Jo desfrutavam passeios de tipo diferente, por estradas lamacentas e campos encharcados.

— Sempre dou uma caminhada de tardinha, e não sei por que deveria desistir dela, só pelo fato de encontrar muitas vezes o Professor, ao sair para esse lado — disse Jo, de si para consigo, depois de dois ou três encontros; porque, embora houvesse dois caminhos para a casa de Meg, em qualquer um que ela escolhesse era sempre certo encontrá-lo, indo ou voltando. Ele sempre

caminhava rapidamente e jamais parecia vê-la, a não ser quando chegava muito perto, e então fazia um ar de que seus olhos míopes não haviam reconhecido, até aquele exato momento, a dama que se aproximava. Então, se ela fosse para a casa de Meg, ele sempre tinha alguma coisa para as crianças; se o rosto dela estivesse virado em direção a sua casa, ele simplesmente caminhara até ali para ver o rio, e quase voltando, a não ser que estivessem cansados de suas freqüentes visitas.

Nas circunstâncias, o que poderia Jo fazer a não ser cumprimentá-lo cortesmente e convidá-lo a entrar? Se ela estava mesmo cansada de suas visitas, escondeu esse cansaço com perfeita habilidade e providenciou para que houvesse sempre café ao jantar, “já que Friedrich — quero dizer, o Sr. Bhaer — não gosta de chá”.

Por volta da segunda semana, todos sabiam perfeitamente o que acontecia, mas todos tentaram fazer um ar de que estavam completamente cegos para as mudanças no rosto de Jo. Jamais perguntaram por que ela cantava enquanto trabalhava, ajeitava os cabelos três vezes por dia e ficava tão radiante com seu exercício da tardinha; e ninguém parecia ter a mais leve suspeita de que o Professor Bhaer, enquanto conversava sobre filosofia com seu pai, dava à filha lições de amor.

Jo não podia sequer entregar seu coração de uma forma discreta, mas

tentou severamente controlar seus sentimentos; e, não conseguindo, levava uma vida algo agitada. Estava mortalmente temerosa de ser alvo de riso por se render, depois de suas muitas e veementes declarações de independência. Laurie era quem ela mais temia; mas, graças à nova administradora, ele se comportava com elogiável decoro, jamais chamava o Sr. Bhaer em público de “velho sujeito ótimo”, nunca se referia, nem da maneira mais remota, à melhora na aparência de Jo, nem manifestava a mais leve surpresa por ver, quase todas as noites, o chapéu do Professor na mesa do saguão dos Marches. Mas exultava, em particular, e ansiava para chegar o dia em que daria a Jo uma peça de prata, tendo impressos nela um urso e um cajado rústico, como apropriado brasão.

Durante uma quinzena, o Professor foi e voltou com a regularidade de um namorado; então, ele não apareceu por três dias sucessivos e não deu nenhum sinal de vida, procedimento que fez todo mundo ficar sério e Jo meditativa, inicialmente, e depois — ai do romance! — muito zangada.

— Entediou-se, eu acho, e voltou para casa tão rapidamente quanto veio.

Não tem nada a ver comigo, claro; mas acho, realmente, que ele devia ter vindo despedir-se de nós, como um cavalheiro — disse ela a si mesma, com um ar de desespero, no portão, enquanto vestia seu casaco e colocava o chapéu, para a costumeira caminhada, numa tarde sombria.

— É melhor levar a pequena sombrinha, querida; parece que vai chover — disse sua mãe, observando que ela colocara seu chapéu novo, mas sem aludir ao fato.

— Sim, mãezinha, quer alguma coisa da cidade? Tenho de ir correndo comprar um pouco de papel — respondeu Jo, puxando o laço para debaixo do queixo, diante do espelho, como uma desculpa para não olhar sua mãe.

— Sim, quero um pouco de sarja, um papel com agulhas número nove e dois metros de fita estreita, cor de lavanda. Você está usando suas botas grossas e alguma coisa quente, embaixo do casaco?

— Acho que sim — respondeu Jo, distraída.

— Se, por acaso, encontrar o Sr. Bhaer, traga-o cá para casa, a fim de tomar chá. Estou ansiosa para ver aquele caro homem — acrescentou a Sra. March.

Isto Jo ouviu, mas não respondeu nada, só fez dar um beijo em sua mãe e se afastar rapidamente, pensando, com profunda gratidão, apesar de sua tristeza: “Como ela é boa para mim! O que fazem as moças que não têm mães capazes de ajudá-las, quando estão com problemas?”

As lojas de tecidos não ficavam entre os escritórios de contabilidade, bancos e armazéns de venda em grosso, onde se reúnem sobretudo os cavalheiros; mas Jo acabou nesta parte da cidade antes de cumprir um único

mandado, perambulando como se esperasse alguém, enquanto examinava instrumentos de engenharia, numa vitrina, e amostras de ló, na outra, com um interesse muito pouco feminino; tropeçando em barricas, quase esmagada por fardos que desciam e empurrada sem cerimônia por homens ocupados, que pareciam imaginar “como diabo ela veio parar aqui?” Um pingo de chuva em sua face desviou seus pensamentos das esperanças frustradas para as fitas estragadas; porque os pingos continuaram a cair e, sendo uma mulher, além de uma apaixonada, sentiu que, embora fosse tarde demais para salvar seu coração, talvez ainda desse tempo para salvar seu chapéu. Naquele momento, lembrou-se da pequena sombrinha, que se esquecera de pegar na pressa de sair, mas o arrependimento pouco adiantava e nada poderia ser feito, a não ser pedir uma emprestada ou se submeter a ficar ensopada. Deu uma olhada no céu carregado, na arcada rubra já manchada de negro, depois para a rua lamacenta diante dela, em seguida lançou um comprido e lento olhar para trás, para um certo armazém encardido, que tinha em cima da porta o letreiro “Hoffmann, Swartz, & Co.”, e disse para si mesma, com um ar de severa repreensão:

— É bem feito para mim! Por que tinha eu de usar minhas melhores coisas e vir vaguear por aqui, esperando ver o Professor? Jo, estou envergonhada de você! Não, você não deve ir lá pegar uma sombrinha emprestada, nem

descobrir, através dos seus amigos, onde ele está. Deve continuar a se arrastar e cumprir seus mandados mesmo embaixo de chuva; se morrer por causa disso e acabar com seu chapéu é simplesmente merecido. Vamos lá! Em seguida, atravessou correndo a rua, com tanto ímpeto que escapou por pouco de morrer atropelada por um caminhão que passava e se precipitou nos braços de um majestoso velho cavalheiro, que disse:

— Peço perdão, madame — e fez um ar mortalmente ofendido.

Desanimada, Jo recompôs-se, espalhou seu lenço em cima das consagradas fitas e, fugindo às tentações, saiu correndo, com uma umidade cada vez maior nos tornozelos e muito choques de guarda-chuvas por cima da cabeça. O fato de que um deles, azul, algo estragado, permanecia parado acima do seu desprotegido chapéu chamou sua atenção e, erguendo os olhos, ela viu o Sr. Bhaer a olhá-la.

— Querrria saber quem era a dama resoluta que segue tão corajosa, debaixo dos narizes de muitos cavalos, e tão depressa, em meio a tanta lama. Que faz aqui, minha amiga?

— Estou fazendo compras.

O Sr. Bhaer sorriu, olhando para a fábrica de pickles, de um lado da rua, e para a loja de peles e couros, venda em grosso, do outro, mas se limitou a dizer, cortesmente:

— Você non tem sombrinha. Posso ir também e levar os pacotes para você?

— Sim, obrigada.

As faces de Jo estavam tão coradas quanto sua fita e ela ficou imaginando o que pensaria ele a seu respeito, mas não se importou porque, dentro de um minuto, caminhava de braços dados com seu Professor, sentindo que o sol, de repente, irrompera com um brilho incomum, que o mundo estava outra vez ótimo e que, aquele dia, uma mulher completamente feliz chapinhava na água da chuva.

— Pensamos que tinha ido embora — disse Jo, apressadamente, porque sabia que ele a olhava. Seu chapéu não era suficientemente grande para esconder seu rosto e ela temeu que ele pudesse achar imprópria a alegria que ele revelava.

— Achou que eu poderia ir embora sem me despedir das pessoas que forrram tão maravilhosamente generrosas comigo? — perguntou ele, com um tom tão reprovador que ela teve a impressão de que o insultara com essa sugestão e respondeu, de forma muito calorosa:

— Não, não achei; sabia que estava ocupado, cuidando de seus negócios, mas sentimos um pouco sua falta — papai e mamãe, especialmente.

— E você?

— Fico sempre feliz de vê-lo, senhor.

Em sua ansiedade para manter sua voz completamente calma, Jo lhe deu um tom um tanto frio, e a gélida palavra, no final pareceu provocar um calafrio no Professor, porque seu sorriso desapareceu, enquanto dizia, gravemente:

— Eu lhe agradeço e irei lá mais uma vez, antes de parrrtir.

— Então, vai mesmo embora?

— Não tenho mais negócios aqui, está tudo encerrrado.

— Com bom resultado, espero? — disse Jo, porque a amargura do desapontamento estava na curta resposta que ele deu.

— Acho que sim, porque se abrrriu metade do caminho para eu poder ganhar meu pão e ajudarr muito meus sobrrrinhos.

— Conte-me, por favor! Gosto de saber tudo sobre os... rapazes — disse Jo, ansiosamente.

— É tanta generrrrosidade sua, vou contar com toda satisfação. Meus amigos encontrarrram para mim um lugar numa universidade, para eu ensinarr, como lá na minha terra, e ganhar o bastante para facilitar a vida de Franz e Emil. Devo estar grrrato por isso, não?

— Deve, realmente. Como será maravilhoso ter você fazendo aquilo de que gosta e poder vê-lo com freqüência, e também aos rapazes! — disse Jo, agarrando-se aos rapazes para manifestar a satisfação que ela não podia

deixar de re-velar.

— Ah! Mas não vamos nos encontrar com frequência, infelizmente, essa colocação é no Oeste.

— Tão longe!

E Jo abandonou suas saias à própria sorte, como se agora não importasse o destino de suas roupas, ou o seu próprio.

O Sr. Bhaer sabia ler em vários idiomas, mas ainda não aprendera a ler as mulheres. Gabava-se de conhecer Jo muito bem, e ficou, portanto, muito espantado com as contradições de sua voz, do seu rosto e de suas maneiras, que ela lhe mostrou, em rápida sucessão, aquele dia, porque estava em meia dúzia de estados de espírito diferentes no curso de meia hora. Quando ela o encontrou, pareceu surpresa, embora fosse impossível deixar de suspeitar que ela fora até ali com esse expresso propósito. Quando ele lhe ofereceu seu braço, ela o pegou com um ar que o encheu de encanto; mas, quando ele perguntou se ela sentira sua falta, Jo deu-lhe uma resposta tão gélida e formal que ele se sentiu dominado pelo desespero. Ao saber da boa sorte dele, ela quase bateu palmas: era a alegria pelos rapazes? Depois, ao saber para onde ele ia, disse: “Para tão longe!”, com um tom de desespero que o ergueu até um pináculo de esperança; mas, no minuto seguinte, ela o derrubou outra vez, comentando, como uma pessoa inteiramente absorvida pelo assunto:

— Aqui está o local das minhas compras. Quer entrar? Não vai demorar.

Jo tinha um certo orgulho de suas capacidades como compradora e desejava particularmente impressionar seu acompanhante, com a simplicidade e rapidez com que realizaria o negócio. Mas, devido ao estado de agitação em que se encontrava, nada deu certo; desarrumou a bandeja das agulhas, só se lembrou do tipo de sarja que sua mãe pedira depois que já estava cortada, deu o troco errado e se encheu de vergonha ao pedir a fita cor de lavanda no balcão da chita. O Sr. Bhaer ficou em pé a seu lado, observando-a corar e se atrapalhar e, enquanto ele observava, sua própria confusão pareceu passar; ele começava a ver que, em certas ocasiões, as mulheres, como os sonhos, vão ao contrário.

Quando saíram, ele colocou o pacote embaixo do braço, com um aspecto mais alegre, e foi fazendo a água das poças respingar, como se até gostasse de tudo aquilo.

— Serrrá que não devíamos fazer um pouco do que você chama de compras para as crrrianças, e terrr uma festa de despedida, esta noite, se eu for parra minha última visita a seu lar tão agrrrradável? — perguntou ele, parando diante de uma vitrina cheia de frutas e flores.

— Que compraremos? — perguntou Jo, ignorando a última parte da fala dele e farejando os odores misturados com uma simulação de deleite,

enquanto entravam.

— Serrrá que eles gostariam de laranjas e figos? — perguntou o Sr. Bhaer, com um ar paternal.

— Todas as vezes que podem, eles comem.

— Você gosta de nozes?

— Como um esquilo.

— Vinho de Hamburgo; sim, sem dúvida devemos beber à Terra Natal com ele, não?

Jo franziu a testa, diante dessa extravagância, e perguntou por que ele não comprava uma cesta de tâmaras, uma barrica de passas e um saco de amêndoas e só isso? À vista do que o Sr. Bhaer confiscou a bolsa dela, puxou a sua própria e terminou a negociação com a compra de vários quilos de uvas, um vaso de margaridas rosadas e uma bonita jarra de mel, a ser encarada como garrafão. Então, deformando seus bolsos com os pacotes cheios de protuberâncias e dando a ela as flores para carregar, ele abriu o velho guarda-chuva e voltaram a caminhar.

— Srta. Marsch, tenho um grrrande favor para lhe pedir — disse o Professor, depois de uma úmida caminhada de meio quarteirão.

— Sim, senhor — e o coração de Jo começou a bater tão forte que ela ficou com medo que ele escutasse.

— Ouso pedirrr isso apesar da chuva, porque tão pouco tempo me resta.

— Sim, senhor.

E Jo quase arrebentou o pequeno vaso de flores, com o repentino aperto que lhe deu.

— Querrria comprar um vestidinho para minha Tina e sou estúpido demais para ir sozinho. Será que teria a bondade de me dar uma orientação, com seu gosto, e uma ajuda?

— Sim, senhor.

E Jo se sentiu tão calma e fria, de repente, como se tivesse entrado numa geladeira.

— Talvez também um xale para a mãe de Tina, ela é tão pobre e está tão doente e o marido lhe dá tanto trabalho. Sim, sim, um xale grosso e quente seria uma coisa bem amável para presentear a mãezinha.

— Farei isso com prazer, Sr. Bhaer. Estou indo muito rápido e ele está ficando mais querido a cada minuto — acrescentou Jo para si mesma e depois, com um sacudidela mental, entrou na loja com uma energia que era agradável de observar.

O Sr. Bhaer deixou tudo a seu cargo, então ela escolheu um bonito vestido para Tina e, depois, pediu para ver os xales. O balconista, sendo um homem casado, condescendeu em se interessar pelo casal, que parecia fazer compras

para a família de ambos.

— Sua senhora talvez prefira este; é um artigo de qualidade superior, com uma cor muito bonita, bastante sóbrio e elegante — disse ele, sacudindo e abrindo um confortável xale cinzento e atirando-o em cima dos ombros de Jo.

— Este lhe agrada, Sr. Bhaer? — perguntou ela, virando-se de costas para ele e sentindo-se profundamente grata pela oportunidade de esconder seu rosto.

— Perfeitamente, ficarrremos com este — respondeu o Professor, sorrindo para si mesmo, pagando o xale, enquanto Jo continuava a esquadrihar os balcões, como uma rematada caçadora de pechinchas.

— Agorrra, vamos para casa? — perguntou ele, como se as palavras lhe fossem muito agradáveis.

— Sim, é tarde e estou tão cansada. — A voz de Jo estava mais patética do que ela percebia; porque, agora, o sol parecia ter sumido, da mesma forma como aparecera, o mundo tornava-se outra vez lamacento e miserável e, pela primeira vez, ela descobriu que seus pés estavam frios, sua cabeça doía e seu coração estava mais gelado do que antes, mais cheio de dor. O Sr. Bhaer ia embora, ele só se importava com ela como amiga, era tudo um equívoco e quanto antes terminasse, melhor. Com essa idéia na cabeça, ela fez sinal para um ônibus que se aproximava com um gesto tão apressado que as margaridas

voaram do vaso e ficaram muito estragadas.

— Este não é seu ônibus — disse o professor, acenando para o veículo lotado ir embora, e parando para pegar no chão as pobres florezinhas.

— Desculpe, não vi direito o letreiro. Não se importe, posso caminhar. Estou acostumada a caminhar na lama — respondeu Jo, piscando com força, porque preferiria morrer a enxugar abertamente os olhos.

O Sr. Bhaer viu as lágrimas em suas faces, embora ela desviasse o rosto; a visão pareceu tocá-lo profundamente porque, curvando-se de repente, ele perguntou, num tom que significava muito:

— Queridíssima do meu coração, por que está chorando?

Ora, se Jo não fosse novata nesse tipo de coisa, teria dito que não estava chorando, que se resfriara, ou soltaria qualquer outra mentirinha feminina, adequada à ocasião; em vez disso, aquela indigna criatura respondeu, com um soluço irreprimível:

— Porque você vai embora.

— Ach, mein Gott, mas que maravilha! — exclamou o Sr. Bhaer, conseguindo juntar as mãos, apesar do guarda-chuva e dos pacotes. — Jo, não tenho nada, a não ser muito amor, para lhe darrr; vim ver se você podia querrrer isso, e esperei para ter certeza de que eu era alguma coisa mais do que um amigo. Sou? Será que pode abrir um lugarzinho em seu coração para o

velho Fritz? — acrescentou ele, tudo de um só fôlego.

— Ah, sim! — disse Jo; e ele ficou inteiramente satisfeito, porque ela passou as duas mãos pelo seu braço e olhou-o com uma expressão que mostrava claramente como ela ficaria feliz de caminhar pela vida a fora ao lado dele, embora sem ter melhor abrigo do que um velho guarda-chuva, bastando que fosse ele a segurá-lo.

Sem dúvida, a proposta era feita em condições difíceis porque, mesmo que assim o desejasse, o Sr. Bhaer não poderia ajoelhar-se, por causa da lama; tampouco poderia ele oferecer sua mão a Jo, a não ser metaforicamente, pois ambas estavam ocupadas; muito menos poderia entregar-se a ternas manifestações, em plena rua, embora estivesse a ponto de fazê-lo; então, a única maneira que teve para expressar seu êxtase foi olhá-la, com uma expressão que embelezou de tal forma seu rosto a ponto de parecer que havia pequenos arco-íris nas gotas que cintilavam em sua barba. Se ele não amasse muito Jo, não creio que pudesse ter feito aquilo num momento tal, porque ela não estava nada bonita, com as saias em estado deplorável, as botas de borracha encharcadas até o tornozelo e um chapéu destruído. Felizmente, o Sr. Bhaer a considerava a mulher mais linda do mundo e ela o achou mais “parecido com Júpiter” do que nunca, embora a aba do seu chapéu estivesse completamente torta, com pequenos riachos correndo por ela e caindo em seus

ombros (porque ele segurava o guarda-chuva inteiramente em cima de Jo), e todos os dedos de suas luvas precisassem de conserto.

Os passantes com certeza acharam que eles eram uma dupla de lunáticos inofensivos, porque se esqueceram inteiramente de fazer sinal chamando um ônibus e passeavam tranqüilamente, sem reparar na escuridão e no nevoeiro que aumentavam.

E pouco ligavam eles para o que qualquer pessoa pensasse, porque estavam gozando a hora feliz que raramente acontece mais de uma vez na vida de quem quer que seja, o momento mágico que confere juventude aos velhos, beleza aos sem graça, riqueza aos pobres, e dá aos corações humanos uma visão antecipada do céu. O Professor tinha o ar de quem conquistara um reino e o mundo não poderia oferecer-lhe nada melhor, em termos de felicidade; quanto a Jo, caminhava dificultosamente a seu lado com a sensação de que seu lugar fora sempre ali e imaginando como poderia ela ter escolhido qualquer outro destino. Claro que foi a primeira a falar — inteligivelmente, quero dizer, porque os comentários emocionais que se seguiram ao seu impetuoso “Ah, sim!” não foram de natureza coerente nem relatáveis.

— Friedrich, porque você não...

— Ah, céus, ela me dá o nome pelo qual ninguém me chamava desde que Minna morreu! — exclamou o Professor, parando um pouco, dentro de uma

poça, e olhando-a com um encantamento cheio de gratidão.

— Sempre chamo você assim, interiormente — me esqueci; mas não chamarei mais, a não ser que goste.

— Goste? É tão doce para mim que nem sei dizer. Também diga “tu” e declararei que seu idioma é tão bonito como o meu.

— Será que “tu” não é um pouco sentimental? — perguntou Jo, enquanto, interiormente, achava lindo o monossílabo.

— Sentimental? Sim. Graças a Deus, nós alemães acreditamos no sentimento e nos mantemos jovens por causa dele. O “você” de vocês, que falam inglês, é tão frio, diga “tu”, queridíssima do meu coração, significa tanto para mim — implorou o Sr. Bhaer, parecendo mais um estudante romântico do que um sério professor.

— Bom, por que tu não me disseste tudo isso antes? — perguntou Jo, timidamente.

— Agora terrei de te mostrarr todo meu coração e assim farrei, porque deves tomar conta dele, de agora em diante. Veja, então, minha Jo — ah, esse querido nomezinho engrrraçado! — senti um desejo de dizer alguma coisa, no dia em que me despedi, em Nova York, mas pensei que o belo amigo era teu noivo, e então nada disse. Terias dito “Sim”, naquele momento, se eu tivesse falado?

— Não sei. Temo que não, porque naquele momento eu não tinha nenhum coração.

— Orrra! Isto eu não acrrredito. Estava adormecido, até o príncipe encantado atravessar a floresta e despertá-lo. Ah, bom, “Die erste Liebe ist die beste”, mas isto eu não deveria esperar.

— Sim, o primeiro amor é mesmo o melhor, então fique satisfeito, porque nunca tive outro. Teddy era apenas um menino e logo superou sua pequena fantasia — disse Jo, ansiosa para corrigir o erro do Professor.

— Ótimo! Então descansarei feliz e terei certeza de que me deste tudo. Esperrei tanto tempo, fiquei egoísta, como tu descobrirás, Professorin.

— Gosto disso — exclamou Jo, encantada com seu novo nome. — Agora me diga o que o trouxe, finalmente, quando eu mais o desejava?

— Isto.

E o Sr. Bhaer tirou do bolso do seu colete um pequeno papel gasto.

Jo o desdobrou e fez um ar muito envergonhado, porque era uma de suas contribuições para um jornal que pagava por poesia, o que explicava o fato de ter mandado aquilo como uma tentativa ocasional.

— Como poderia isso fazer com que viesse? — perguntou ela, imaginando o que queria ele dizer.

— Descobri isso por acaso; identifiquei-o pelos nomes e pelas iniciais e

nele havia um versinho que parecia me chamar. Leia e descubra qual é; não deixarei que se engane.

Jo obedeceu e leu apressadamente os versos que ela assim intitulara:

NO SÓTÃO

Quatro pequenas arcas, enfileiradas,

Escuras de tanta poeira e gastas pelo tempo,

Todas arrumadas e cheias, há muitos anos,

Por crianças que agora já são adultas.

Quatro pequenas chaves penduradas, lado a lado,

Com fitas desbotadas, mas que eram elegantes e vivas,

Quando ali foram amarradas, com orgulho infantil,

Tantos anos atrás, num dia chuvoso.

Quatro pequenos nomes, um em cada tampa,

E, embaixo, histórias escondidas da turma feliz,

Que outrora aqui brincava e freqüentemente parava,

Para ouvir o doce refrão, que se repete no telhado,

O ruído do aguaceiro de verão.

“Meg”, na primeira tampa, doce e belo.

Espio lá dentro, com olhos cheios de amor,

Porque aqui arrumadas, com característico cuidado,

Belas peças estão reunidas,
Registro de uma vida pacífica:
Presentes para uma gentil criança e mocinha,
Um vestido de noiva, bilhetes para uma esposa,
Um sapatinho, um cacho de bebê.
Nenhum brinquedo ficou nesta primeira arca,
Porque todos foram levados,
Embora velhos, para participar novamente
Das brincadeiras de outra pequena Meg.
Ah, feliz mamãe! Bem sei
Que você escuta, como um doce refrão,
Canções de ninar tão suaves, baixinho,
O ruído da chuva de verão.
“Jo” na próxima tampa, arranhada e gasta,
E, dentro, um variado estoque
De bonecas sem cabeça, rasgados livros escolares,
Pássaros e animais que não têm mais voz;
Despojos trazidos do território das fadas
Que só podem trilhar pés muito jovens,
Sonhos de um futuro jamais encontrado,

Lembranças de um passado ainda doce;
Poemas pela metade, loucas histórias,
Cartas de abril, quentes e frias,
Diários de uma criança teimosa,
Sugestões de uma mulher precocemente velha;
Uma mulher num lar solitário,
Ouvindo, como um triste refrão:
“Seja digna do amor, e o amor virá”,
No ruído da chuva de verão.
Minha Beth! A poeira é sempre varrida
Da tampa que tem seu nome,
Como se fosse trabalho de olhos amorosos, em prantos,
De mãos cuidadosas, que muitas vezes a abriram.
A morte canonizou para nós uma santa,
Cada vez menos humana, mais divina,
E ainda colocamos, como terna lamentação,
Relíquias neste santuário doméstico:
A campainha de prata, tão raramente tocada,
O último chapeuzinho que ela usou.
A bela e morta Catherine que pendia,

Das mãos de anjos, por cima de sua porta;
As canções que ela cantava, sem queixas,
Em sua casa-prisão da dor,
Para sempre estão misturadas, docemente,
No ruído da chuva de verão.

Na superfície polida da última tampa,
Uma lenda, agora, bela e também verdadeira,
Um bravo cavaleiro exhibe em seu escudo,
O nome “Amy”, em letras douradas e azuis.

Dentro estão fitas que prenderam seus cabelos,
Sandálias que deixaram de dançar,
Flores desbotadas mas guardadas com cuidado,
Leques cuja aérea labuta findou;

Alegres cartões de namorados, cheios de chamadas ardentes,
Ninharias que desempenharam seu papel
Nas esperanças, temores e acanhamentos infantis,
O registro de um coração de donzela,
Agora aprendendo encantamentos mais
belos, mais verdadeiros,
Ouvindo como um refrão feliz,

O prateado som de sinos nupciais,
No ruído da chuva de verão.
Quatro pequenas arcas, todas enfileiradas,
Escuras com a poeira e gastas pelo tempo,
Quatro mulheres, que a boa e a má sorte ensinaram
A amar e trabalhar quando cresceram.
Quatro irmãs, separadas por curto tempo,
Nenhuma perdida, apenas uma que se foi primeiro,
Mas que o poder imortal do amor torna
Mais próxima e mais querida, para sempre.
Ah, quando esses escondidos tesouros nossos
Forem abertos diante do olhar do Pai,
Que se apresentem ricos em horas douradas,
Proezas que mostrarão mais belas sob a luz,
Vidas cuja corajosa música soará longamente,
Em acordes que agitarão os espíritos,
Almas que alegremente se elevarão e cantarão
No demorado sol, após a chuva.

— É poesia muito ruim, mas eu senti profundamente tudo isso, quando
escrevi esses versos, num dia em que estava muito solitária e chorei bastante

em cima de um saco de trapos. Nunca pensei que fosse parar em algum lugar onde pudesse significar alguma coisa — disse Jo, rasgando os versos que o Professor guardara com tanto cuidado, durante tanto tempo.

— Deixe que vá, já cumpriu seu dever e terrei uma nova versão, quando ler todo o livro marrom no qual ela guarda seus segredinhos — disse o Sr. Bhaer, com um sorriso, olhando os pedaços de papel voarem no vento. — Sim — acrescentou ele, muito sério, li isso e pensei comigo mesmo, ela está sofrendo, está solitária, encontrará conforto no verdadeiro amor. Tenho o coração repleto, repleto para ela; será que não devo ir e dizer: “Se este presente não é humilde demais, pelo que espero receber em troca, então aceite-o, em nome de Deus”?

— Então você veio e descobriu que não era humilde demais, mas sim a coisa preciosa de que eu precisava — sussurrou Jo.

— No início, não tive coragem de pensar isso, embora sua acolhida a mim fosse de uma generosidade celestial. Mas logo comecei a ter esperanças e então disse: “Ela terá minha, nem que eu tenha de morrer por isso”, e morrerei mesmo! — exclamou o Sr. Bhaer, com um aceno de cabeça desafiador, como se as muralhas de neblina em torno fossem barreiras que ele tivesse de ultrapassar ou, valentemente, derrubar.

Jo achou isso esplêndido e resolveu ser digna do seu cavaleiro, embora ele

não viesse pavoneando-se num cavalo de batalha, com lindas roupagens.

— O que fez você ficar distante por tanto tempo? — perguntou ela, pouco depois, achando tão agradável fazer perguntas confidenciais, e receber respostas encantadoras, que não conseguia ficar calada.

— Não foi fácil, mas não consegui encontrar coragem para tirar você de um lar tão feliz, até ter a perspectiva de outro, para lhe oferecer, mesmo depois de muito tempo, talvez, e de muito trabalho duro. Como poderia eu pedir-lhe para abandonar tanta coisa por um pobre velho sujeito que não tem fortuna alguma, a não ser um pouco de conhecimento?

— Estou satisfeita por você ser pobre; não suportaria um marido rico — disse Jo, em tom decidido, acrescentando num tom mais suave — Não tenho medo da pobreza. Eu a conheço há tempo suficiente para perder meu pavor e ser feliz trabalhando para aqueles que amo; e não chame a si mesmo de velho — quarenta anos é o período de maior vigor da vida. Eu não conseguiria deixar de amá-lo nem que tivesse setenta!

O Professor achou isso tão comovente que gostaria de dispor de seu lenço, se pudesse pegá-lo; como não podia, Jo enxugou seus olhos para ele e disse, rindo:

— Talvez eu seja teimosa, mas ninguém pode dizer que estou fora do meu território, agora, porque a missão especial das mulheres, segundo se acredita,

é a de enxugar as lágrimas e suportar cargas. Devo aceitar meu quinhão, Friedrich, e ajudar você a conseguir esse lar. Decida-se, quanto a isso, do contrário não irei nunca — acrescentou ela resolutamente, como se tentasse tomar o fardo dele.

— Verrremos. Você tem paciência para esperar por um longo tempo, Jo? Preciso ir embora e fazer meu trabalho sozinho. Primeiro, tenho de ajudar meus meninos, porque nem mesmo por você posso esquecer meu compromisso com Minna. Pode perdoar isso e ser feliz, enquanto temos esperanças e aguardamos?

— Sim, sei que posso, porque nós nos amamos e isto torna o resto fácil de suportar. Também tenho meu dever a cumprir e meu trabalho a fazer. Não poderia ter prazer com nada, se deixasse isso de lado, mesmo por você; então não há necessidade de pressa nem de impaciência. Você pode fazer sua parte lá no Oeste, posso fazer a minha aqui, e ambos ficaremos felizes, esperando o melhor e deixando o futuro nas mãos de Deus.

— Ah! Tu me deste tanta esperrrança e corrragem, e não tenho nada para lhe dar em retribuição, a não ser um coração cheio de amor e essas mãos vazias — exclamou o Professor, tomado de profunda emoção.

Jo não aprenderia nunca a agir com propriedade; quando ele disse isso, estavam subindo os degraus e ela, simplesmente, colocou as duas mãos nas

dele, sussurrando ternamente:

— Não estão vazias agora — e, curvando-se, beijou seu Friedrich sob o guarda-chuva.

Foi terrível, mas ela faria isso ainda que o bando de pardais de cauda enlameada, em cima da sebe, fosse um bando de seres humanos, porque perdeu realmente a cabeça e não prestava atenção a nada, a não ser à sua própria felicidade.

Embora acontecesse de forma aparentemente tão simples, o momento culminante da vida de ambos foi aquele em que, dando as costas à noite, à tempestade e à solidão, e voltando-se para a luz, o calor e a paz doméstica que os esperava, Jo, com um feliz “Bem-vindo em casa!”, levou seu namorado para dentro e fechou a porta.

Capítulo 47

Tempo de Colheita

Durante um ano, Jo e seu Professor trabalharam e aguardaram, tiveram esperanças e amaram, encontraram-se de vez em quando e escreveram cartas tão volumosas que, segundo Laurie, o aumento no preço do papel chegou a causar preocupação. O segundo ano começou com certa sobriedade, porque as perspectivas deles não melhoraram e tia March morreu de repente. Mas, quando passou o primeiro momento de dor — porque eles amavam a velha,

apesar de sua língua afiada — , descobriram que tinham motivos para se alegrar, porque ela deixara Plumfield para Jo, o que possibilitava todos os tipos de coisas agradáveis.

— É uma bela casa antiga e trará uma bela soma, porque claro que você pretende vendê-la — disse Laurie, ao conversarem sobre o assunto algumas semanas depois.

— Não, não pretendo — foi a decidida resposta de Jo, acariciando o gordo poodle, que adotara, por respeito à sua antiga dona.

— Você não pretende morar lá, não é?

— Sim, pretendo.

— Mas, minha querida menina, é uma casa imensa e exigirá muito dinheiro para ser mantida em ordem. Só o jardim e o pomar precisam de dois ou três homens, e a agricultura não é uma especialidade de Bhaer, verdade?

— Ele fará uma tentativa, lá, se eu propuser isso.

— E espera viver do produto do lugar? Ora, isto soa paradisíaco, mas logo descobrirá que o trabalho é terrivelmente duro.

— O que vamos cultivar lá é rendoso.

E Jo riu.

— Em que consistirá essa bela colheita, madame?

— Meninos. Quero abrir uma escola para rapazinhos — uma boa, feliz e

doméstica escola, e tomarei conta deles enquanto Fritz lhes der aulas.

— É um projeto verdadeiramente digno de Jo! Não é mesmo coisa dela? — exclamou Laurie, apelando para a família, que parecia tão surpresa quanto ele.

— Gosto do projeto — disse a Sra. March em tom decidido.

— Eu também — acrescentou seu marido, que recebeu bem o pensamento de uma oportunidade de experimentar com a juventude moderna o método socrático de educação.

— Será muito trabalho para Jo — disse Meg, acariciando a cabeça de seu único filho, que lhe absorvia todo o tempo.

— Jo pode fazer isso e ser feliz assim. É uma idéia esplêndida. Conte-nos tudo a respeito — exclamou o Sr. Laurence, que andava querendo ajudar o casal, mas sabia que eles a recusariam.

— Sabia que ficaria a meu lado, senhor. Amy está — vejo isso em seus olhos, embora ela espere, prudentemente, que a idéia amadureça em sua cabeça antes de falar. Agora, meu querido pessoal — continuou Jo, com seriedade —, entendam que não se trata de uma nova idéia minha, mas de um plano acariciado há muito tempo. Antes do meu Fritz vir, eu costumava pensar que, depois de ganhar meu dinheiro, e quando ninguém precisasse mais de mim aqui, eu alugaria uma grande casa e levaria para lá alguns rapazinhos pobres e abandonados, que não tivessem mães, e tomaria conta deles, e

alegraria suas vidas, antes que fosse tarde demais. Vejo tantos que se encaminham para a perdição, por falta de ajuda no momento certo, adoro tanto fazer alguma coisa para eles; parece que sinto o que desejam, e simpatizo com seus problemas. Ah, gostaria tanto de ser uma mãe para eles!

A Sra. March estendeu a mão para Jo, que a pegou, sorrindo, com lágrimas nos olhos, e prosseguiu da antiga maneira entusiástica, como há muito tempo não a viam falar.

— Falei certa vez do meu plano a Fritz, e ele disse que era exatamente o que ele gostaria de fazer, e concordou em tentar quando ficássemos ricos. Que Deus o abençoe, ele vem fazendo isso a vida inteira... ajudando rapazes pobres, quero dizer, não ficando rico; isto ele nunca será, o dinheiro não demora em seu bolso tempo suficiente para se acumular. Mas agora, graças a minha boa velha tia, que me amou mais do que cheguei a merecer, estou rica ou, pelo menos me sinto assim, então podemos viver em Plumfield perfeitamente bem, se tivermos uma escola que dê certo. É exatamente um lugar para rapazes, a casa é grande e os móveis resistentes e simples. Há espaço bastante para dúzias, lá dentro, e terrenos esplêndidos do lado de fora. Eles poderiam ajudar no jardim e no pomar: esse trabalho é saudável, não é, senhor? E Fritz pode treiná-los e educá-los à sua própria maneira, e papai o auxiliará. Posso alimentar os meninos, tomar conta deles, mimá-los ou lhes

passar carões, e mamãe será minha pessoa de confiança. Sempre quis lidar com uma porção de meninos e nunca tive um número suficiente, agora posso encher a casa e me deliciar à vontade com meus queridinhos. Pensem que luxo: Plumfield toda minha e um bando de meninos para aproveitá-la comigo! E Jo acenou com as mãos e deu um suspiro de êxtase, enquanto a família tinha um acesso de riso; o Sr. Laurence gargalhou tanto que eles pensaram que teria um ataque apoplético.

— Não vejo nada de engraçado nisso — disse ela, muito séria, quando conseguiu ser ouvida. — Nada poderia ser mais natural ou adequado para meu Professor do que abrir uma escola e, para mim, do que morar em minha propriedade.

— Ela já está toda convencida — disse Laurie, que considerava a idéia uma grande piada. — Mas, posso perguntar como pretende você sustentar o estabelecimento? Se todos os alunos forem meninos abandonados, moleques, temo que sua colheita não vá ser lucrativa, num sentido mundano, Sra. Bhaer.

— Ora, não seja um desmancha-prazeres, Teddy. Claro que eu terei alunos ricos também; talvez comece apenas com esses e, depois, quando as coisas estiverem encaminhadas, quem sabe poderei pegar um ou dois meninos pobres, só por prazer. Os filhos dos ricos, freqüentemente, precisam de cuidados e consolo, como acontece com os pobres. Já vi pequenas criaturas

infelizes, abandonadas com os criados, ou atrasados que são empurrados para a frente, quando realmente é uma crueldade. Alguns são teimosos por causa de uma educação incorreta ou por negligência, e outros perdem suas mães. Além disso, os melhores entre eles precisam atravessar a idade difícil, quando mais precisam de paciência e bondade. As pessoas riem deles, são empurrados de um lado para outro, tentam fazer com que não apareçam; todos esperam que se transformem, num abrir e fechar de olhos, de crianças bonitas em belos jovens. Eles não se queixam muito — corajosas criaturinhas —, mas sentem tudo isso. Passei por coisa parecida e entendo perfeitamente do assunto. Tenho um interesse especial por esses bichinhos-do-mato e gosto de mostrar a eles que vejo os honestos e bem-intencionados corações dos meninos, para além dos braços e pernas desajeitados e das cabeças em desordem. Já tive experiência também; não é verdade que criei um menino para ser o orgulho e honra desta família?

— Vou testemunhar que você tentou fazer isso — disse Laurie com um olhar agradecido.

— E obtive um sucesso que foi além das minhas esperanças; porque aqui está você, um firme e sensato homem de negócios, fazendo um bem incalculável com seu dinheiro e dedicando-se a fazer o bem aos pobres, em vez de acumular dólares. Mas você não é apenas um homem de negócios:

você ama as coisas boas e belas, que aproveita e deixa os outros aproveitarem também, como sempre fez nos velhos tempos. Estou orgulhosa de você, Teddy, porque melhora a cada ano e todos sentem isso, embora você não deixe que ninguém diga. Sim, e, quando tiver meu rebanho, vou simplesmente apontar para você e dizer: “Aqui está o modelo de vocês, meus rapazes.”

O pobre Laurie não sabia onde se enfiar; porque, embora já fosse um homem, alguma coisa da antiga timidez infantil o dominou, quando essa explosão de elogios fez todos os rostos se voltarem para ele, com expressões aprovadoras.

— Ora essa, Jo, assim é demais — começou ele, com seu antigo jeito de criança. — Você fez tanto por mim que jamais poderei agradecer o suficiente, posso apenas tentar fazer o melhor possível para não desapontá-la.

Ultimamente, você mais ou menos me rejeitou, Jo, mas tive a melhor ajuda possível, apesar disso; então, se cheguei mesmo a ser um homem bem-sucedido, pode agradecer a esses dois por isso.

E ele pôs gentilmente uma mão na branca cabeça do seu avô e outra na dourada de Amy, porque os três nunca se separavam.

— Acho, realmente, que as famílias são as coisas mais lindas do mundo! — explodiu Jo, que estava, naquele momento, num estado de espírito excepcionalmente bom. — Quando tiver a minha, espero que seja tão feliz

quanto as três que conheço melhor e que mais amo. Se John e meu Fritz estivessem aqui, isto seria um pequeno paraíso terrestre — acrescentou ela mais tranquilamente.

E, aquela noite, quando ela foi para seu quarto, depois de uma noite feliz em meio aos conselhos da família, esperanças e planos, seu coração estava tão cheio de felicidade que ela só pôde acalmar-se ajoelhando-se junto da cama vazia sempre próxima à sua e entregando-se a ternos pensamentos sobre Beth.

Foi um ano inteiramente surpreendente, porque as coisas pareciam acontecer de maneira excepcionalmente rápida e maravilhosa. Num abrir e fechar de olhos, Jo se descobriu casada e instalada em Plumfield. Depois, uma família de sete meninos cresceu como cogumelos e floresceu de forma surpreendente, meninos pobres e também ricos; porque o Sr. Laurence estava sempre encontrando algum caso tocante de carência e implorando aos Bhaers para se apiedarem da criança, que ele poderia, alegremente, pagar uma coisinha pelo seu sustento. Desta maneira, o esperto velho cavalheiro conseguiu lograr a orgulhosa Jo e lhe forneceu o tipo de menino de que ela mais gostava.

Claro que foi um trabalho terrível, de início, e Jo cometeu estranhos erros; mas o sábio Professor a orientou corretamente para águas mais tranquilas, e

até o mais feroz menino abandonado acabou sendo conquistado. Como Jo adorou seu “montão de meninos”, e como a pobre e querida tia March teria lamentado, se estivesse ali para ver os sagrados recintos da meticulosamente correta e bem arrumada Plumfield invadidos por Toms, Dicks e Harrys! Havia uma espécie de justiça perfeita em tudo aquilo, afinal, porque a velha fora o terror dos meninos, numa extensão de muitos quilômetros em torno; e, agora, os exilados banqueteavam-se livremente com as ameixas proibidas, chutavam o cascalho com sacrílegas botas, sem qualquer reprovação, e jogavam críquete no grande campo onde a irritável “vaca com um chifre torto” costumava convidar os jovens precipitados para entrarem e serem chifrados. Aquilo se tornou uma espécie de paraíso para os meninos, e Laurie sugeriu que deveria chamar-se “Bhaer-garten”, como um cumprimento para seu dono e também um nome apropriado para seus moradores.

Nunca foi uma escola elegante, e o Professor não juntou nenhuma fortuna; mas se tornou exatamente o que Jo pretendia que fosse: “um lugar feliz, parecendo um lar, para os meninos que precisassem de ensinamentos, cuidados e bondade”. Todos os quartos da grande casa logo estavam cheios; cada pequeno trecho de terreno do jardim passou a ter seu proprietário; uma coleção razoável de bichos apareceu no celeiro e no galpão, porque era permitido ter um animalzinho de estimação; e, três vezes por dia, Jo sorria para

seu Fritz da cabeceira de uma mesa comprida, marginada, de cada lado, por fileiras de jovens rostos felizes, que se voltavam todos para ela, com olhos afetuosos, palavras confiantes e corações agradecidos, cheios de amor por “Mamãe Bhaer”. Agora, ela tinha meninos em quantidade suficiente e não se cansava deles, embora não fossem absolutamente anjos e alguns causassem muitos problemas e preocupações tanto para o Professor quanto para a Professorin. Mas a fé que ela depositava no lugarzinho bom que existe mesmo no coração do menino mais teimoso, insolente e atormentador, conferiu-lhe paciência, habilidade e, no devido tempo, o sucesso, porque nenhum menino mortal poderia resistir muito tempo ao Papai Bhaer lançando-lhe seus raios de bondade, como um sol, ou a Mamãe Bhaer, perdoando-o mil vezes. Era muito preciosa para Jo a amizade dos rapazes; suas arrependidas fungadelas e sussurros, depois de fazerem alguma coisa errada; suas engraçadas ou tocantes confidenciazinhas; seus divertidos entusiasmos, esperanças e planos; até mesmo suas infelicidades, porque tudo isso só os tornava mais queridos para ela. Havia meninos lentos e meninos tímidos; meninos fracos e meninos turbulentos; meninos que ceceavam e meninos que gaguejavam; um ou dois mancos; e um alegre mestiçozinho, que não conseguiu ser acolhido em nenhuma outra parte, mas foi bem recebido no “Bhaer-garten”, embora algumas pessoas previssem que sua admissão arruinaria a escola.

Sim, Jo foi uma mulher muito feliz ali, apesar do trabalho duro, de muita ansiedade e de uma perpétua algazarra. Ela apreciava aquilo, de todo coração, e achava os aplausos dos seus meninos mais satisfatório do que qualquer outro elogio do mundo, porque agora ela não contava mais histórias a não ser para seu rebanho de entusiastas adeptos e admiradores. À medida que passavam os anos, dois rapazinhos dela própria vieram aumentar sua felicidade — Rob, que recebeu o nome do vovô, e Teddy, um bebê otimista que parecia ter herdado o temperamento alegre do pai, bem como o espírito vivo de sua mãe. Como conseguiram sobreviver àquele redemoinho de meninos foi um mistério para sua avó e tias, mas eles floresceram como dentes-de-leão na primavera e seus rudes guardiães os amavam e serviam muito bem.

Havia muitos feriados em Plumfield, e um dos mais deliciosos era o dia anual de colher maçãs; nessa ocasião, os Marches, Laurences, Brookes e Bhaers compareciam com todo o seu vigor e faziam da data uma grande festa. Cinco anos depois do casamento de Jo, um desses festivais frutíferos ocorreu num suave dia de outono, quando o ar estava cheio de um estimulante frescor que alegrava o espírito e fazia o sangue dançar saudavelmente nas veias. O velho pomar estava com seu traje de feriado: varas-de-ouro e ásteres orlavam as paredes cobertas de musgo; gafanhotos saltavam rapidamente no capim seco e os grilos cricrilavam como mágicos tocadores de flauta num banquete;

os esquilos estavam ocupados com sua pequena colheita; pássaros gorjeavam seus adeuses nos amieiros da aléia; e todas as árvores estavam prontas para despejar seu chuveiro de maçãs vermelhas ou amarelas à primeira sacudida. Todos estavam lá; todos riam e cantavam, subiam nas árvores, caíam; todos declaravam que nunca houvera um dia tão lindo e um cenário tão belo para gozá-lo; e todos se entregavam aos prazeres simples daquele momento, tão livremente como se não existissem no mundo coisas como preocupação ou dor.

O Sr. March caminhava placidamente de um lado para outro, citando Tusser, Cowley e Columella para o Sr. Laurence, enquanto apreciava:

O suave suco da maçã, como um vinho.

O Professor atacava, para cima e para baixo, as verdes veredas, como um robusto cavaleiro teutônico, tendo uma vara como lança, e liderando os meninos, que formaram sua própria organização, com um gancho e uma escada e realizaram maravilhas, em termos de derrubada, do chão ou do alto.

Laurie dedicou-se às crianças, levou sua filhinha a passear numa cesta, carregou Daisy para cima de uma árvore, por entre ninhos de passarinhos, e impediu o aventureiro Rob de quebrar o pescoço. A Sra. March e Meg sentaram-se entre as pilhas de maçãs, como Pomonas, separando as contribuições, que não paravam de jorrar, enquanto Amy, com uma bela

expressão maternal no rosto, desenhava os vários grupos e observava um pálido menino sentado, adorando-a, com sua pequena muleta ao lado.

Jo estava em seu elemento, aquele dia, e corria de um lado para outro, com a roupa levantada e presa por alfinetes, o chapéu em qualquer lugar, menos na cabeça, e seu bebê enfiado embaixo do braço, pronta para qualquer aventura animada que pudesse aparecer. O pequeno Teddy levava uma vida encantada, porque nada jamais lhe acontecia e Jo nunca sentia nenhuma ansiedade quando ele era carregado rapidamente, por um dos meninos, para cima de uma árvore, galopava nas costas de outro ou recebia maçãs de seu indulgente papai, que agia sob a ilusão germânica de que os bebês podiam digerir tudo, desde repolho em conserva até botões, unhas e seus próprios sapatinhos. Ela sabia que o pequeno Ted apareceria a salvo outra vez, no devido tempo, rosado, sujo e sereno como sempre, e ela o recebia de volta com as mesmas calorosas boas-vindas, porque Jo amava ternamente seus bebês.

Às quatro horas, houve uma pausa e as cestas permaneceram vazias, enquanto os colhedores de maçãs descansavam e comparavam os rasgões e machucaduras. Então, Jo e Meg, com um destacamento composto pelos meninos maiores, serviram uma refeição na grama, porque um chá ao ar livre era sempre a suprema alegria do dia. Nessas ocasiões, da terra fluíam,

literalmente, leite e mel, porque não se pedia que os meninos se sentassem à mesa; tinham permissão para partilhar da refeição como quisessem — sendo a liberdade o molho mais amado pela alma infantil. Eles se beneficiavam ao máximo do raro privilégio, e alguns tentavam até a interessante experiência de beber leite “plantando bananeira”, outros acrescentavam um novo encanto ao jogo de pular carniça, comendo torta nos intervalos, biscoitos eram espalhados livremente pelo campo e pastéis de maçã empoleiravam-se nas árvores, como uma nova espécie de pássaro. As meninas tinham seu chá particular e Ted perambulava à sua livre vontade entre os comestíveis.

Quando ninguém agüentava comer mais, o Professor propôs o primeiro brinde comedido, que era sempre feito nessas ocasiões: “A tia March, que Deus a abençoe!” Um brinde calorosamente dedicado pelo bom homem, que jamais se esquecia de quanto devia a ela, e que os meninos recebiam em silêncio, porque nunca foram ensinados a manter fresca a lembrança da tia. — Agora, para a vovó, em seu sexagésimo aniversário! Muitos anos de vida para ela!

Este brinde foi feito com todo o entusiasmo, como se pode imaginar; e, quando começaram os vivas, foi difícil fazer com que parassem. Foram propostos brindes à saúde de todos, desde o Sr. Laurence, considerado um patrono especial, até a do espantado porquinho-da-índia, que se afastara do

seu território em busca do jovem dono. Demi, como o neto mais velho, deu então vários presentes à rainha do dia, tão numerosos que foram transportados para o cenário festivo num carrinho de mão. Presentes engraçados, alguns deles, mas o que poderia parecer defeitos diante de olhos estranhos, para os da vovó eram adornos — porque os presentes das crianças haviam sido feitos, todos, por elas mesmas. Cada ponto dado pelos dedinhos pacientes de Daisy no lenço que ela embainhara eram melhores do que um bordado, para a Sra. March; a caixa de sapatos de Demi era um milagre de habilidade mecânica, embora a tampa não fechasse; o banquinho para descanso dos pés feito por Rob tinha um balanço causado por suas pernas desiguais, que ela declarou ser calmante; e nenhuma página do livro caro que a filha de Amy lhe deu ela achou tão bonita quanto aquela em que apareciam, em trêmulas letras maiúsculas, as palavras “Para a querida vovó, de sua Bethinha”.

Durante essa cerimônia, os meninos desapareceram misteriosamente; e, quando a Sra. March tentou agradecer às crianças e começou a chorar, enquanto Teddy enxugava os olhos dela em seu babadouro, o Professor começou de repente a cantar. Então, acima dele, uma voz após a outra foi entoando as palavras e, de árvore em árvore, ecoou a música de um coral invisível, enquanto os meninos cantavam, com toda emoção, a pequena canção com letra escrita por Jo, posta em música por Laurie e ensaiada pelo

Professor com seus rapazes, para que fosse alcançado o melhor efeito possível. Aquilo era uma coisa inteiramente nova e se revelou um grande sucesso, porque a Sra. March não continha a surpresa e insistiu em apertar a mão de cada um dos pássaros sem penas, desde os altos Franz e Emil até o pequeno mestiço, que tinha a voz mais suave de todas.

Em seguida, os meninos se dispersaram para uma brincadeira final, deixando a Sra. March e suas filhas debaixo da árvore do festival.

— Não creio que jamais torne a me considerar a “Jo sem sorte”, já que meu maior desejo realizou-se de forma tão maravilhosa — disse a Sra. Bhaer, tirando o pequeno punho de Teddy da jarra de leite, que ele mexia com o maior entusiasmo.

— E, no entanto, sua vida é muito diferente daquela que você imaginou tanto tempo atrás. Lembra-se dos seus castelos no ar? — perguntou Amy, sorrindo, enquanto observava Laurie e John jogando críquete com os meninos.

— Queridos camaradas! Faz bem ao meu coração vê-los esquecer os negócios e se divertirem por um dia — respondeu Jo, que agora falava de toda a humanidade com um tom maternal.

— Sim, eu me lembro, mas a vida que eu queria, naquele tempo, me parece agora egoísta, solitária e fria. Não desisti ainda da esperança de poder escrever um bom livro, mas posso esperar e tenho certeza de que será melhor,

com experiências e ilustrações como essas.

E Jo apontou para os animados meninos, à distância, depois para seu pai, que se apoiava no braço do Professor, enquanto caminhavam de um lado para outro, ao sol, mergulhados numa das conversas de que ambos gostavam tanto, e depois para sua mãe, sentada como num trono entre suas filhas, com os filhos delas em seu colo e a seus pés, como se todos encontrassem ajuda e felicidade naquele rosto que jamais poderia envelhecer aos olhos deles.

— Meu castelo no ar foi o que mais proximamente se tornou realidade, entre todos. Eu pedia coisas esplêndidas, claro, mas sabia, no fundo do meu coração, que ficaria satisfeita se tivesse um pequeno lar, John e alguns filhos queridos como esses. Graças a Deus tenho tudo isso e sou a mulher mais feliz do mundo.

E Meg pôs a mão na cabeça de seu filho alto, com um rosto cheio de ternura e profunda satisfação.

— Meu castelo é muito diferente do que planejei, mas eu não o modificaria; embora, como Jo, eu não tenha desistido de todas as minhas esperanças artísticas, nem me limitado a ajudar os outros a realizarem seus sonhos de beleza. Comecei a modelar a figura de um bebê e Laurie diz que é a melhor coisa que já fiz. Também penso assim, e pretendo fazê-la em mármore para que, aconteça o que acontecer, eu possa pelo menos manter a imagem do

meu anjinho.

Enquanto Amy falava, uma grande lágrima caiu em cima dos cabelos dourados da criança que dormia em seus braços, porque a única e tão amada filha era uma criaturinha frágil e o terror de perdê-la era a sombra sobre o sol de Amy. Esta provação, porém, fazia muito tanto pelo pai quanto pela mãe, porque o amor e a dor os uniam mais intimamente. A natureza de Amy se tornava mais doce, mais profunda e mais terna; Laurie, por sua vez, ficava mais sério, forte e firme; e ambos aprendiam que a beleza, a juventude, a boa sorte e até mesmo o amor não podem evitar a preocupação e a dor, a perda e o sofrimento, mesmo entre os mais abençoados, porque:

Em cada vida deve cair alguma chuva,

Alguns dias devem ser sombrios, tristes e monótonos.

— Ela está melhorando, tenho certeza, querida. Não desanime, tenha esperanças, continue feliz — disse a Sra. March, enquanto a terna Daisy curvava-se do seu joelho para colocar sua face rosada contra a face pálida da priminha.

— Nunca deverei desanimar, enquanto tiver você para me alegrar, mãezinha, e Laurie para assumir mais de metade de todas as cargas — respondeu Amy calorosamente. — Ele nunca me deixa ver sua ansiedade, é tão doce e paciente comigo, tão dedicado a Beth, e sempre um apoio e um

conforto para mim, que nunca o amarei o bastante. Então, apesar dessa minha única provação, posso dizer, como Meg: “Graças a Deus, sou uma mulher feliz.”

— Não preciso nem dizer isso, porque todos podem ver que sou muito mais feliz do que mereço — acrescentou Jo, olhando seu bom marido e seus filhos gorduchos levando tombos na grama, a seu lado. — Fritz está ficando grisalho e robusto; e eu estou ficando magra como uma sombra e tenho trinta anos; nunca seremos ricos e Plumfield pode se incendiar a qualquer noite, pois esse incorrigível Tommy Bangs não pára de fumar charutos de folhas debaixo dos lençóis, embora já tenha tocado fogo em si mesmo três vezes. Mas, apesar desses fatos pouco românticos, nada tenho do que me queixar e nunca curti tanto em minha vida. Desculpem a palavra, mas, vivendo entre meninos, não posso deixar de usar de vez em quando as mesmas expressões que eles.

— Sim, Jo, acho que sua colheita será boa — começou a Sra. March, enquanto espantava um grande grilo negro que deixava Teddy desconcertado de tanto que o olhava.

— Nem de longe tão boa quanto a sua, mamãe. Aqui está ela, e nunca poderemos agradecer-lhe o bastante pela paciente semeadura e ceifa que você fez — exclamou Jo, com um amoroso arrebatamento que ela nunca chegou a superar, apesar de já ter amadurecido tanto.

— Espero que haja mais trigo e menos joio a cada ano — disse Amy docemente.

— Um grande feixe, mas eu sei que há espaço em seu coração para ele, mãezinha querida — acrescentou a voz terna de Meg.

Profundamente emocionada, a Sra. March só pôde estender seus braços, como se quisesse reunir filhos e netos junto dela, e dizer, com um rosto e uma voz cheios de amor, gratidão e humildade maternas:

— Ah, minhas meninas, por mais que vivam, nunca poderia desejar a vocês uma felicidade maior do que esta!

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure:

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo

em nosso grupo.

<http://groups.google.com/group/Viciados—em—Livros>

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

1 The Pilgrim's Progress (1678) é uma alegoria de John Bunyan, escritor e sacerdote inglês que foi soldado durante a guerra civil na Inglaterra. Trata-se do relato da jornada perigosa e cheia de aventuras dos cristãos, da condenada Cidade da Destruição até a Cidade Celestial. (N.T.)